

Organizadores

Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra

José Marcos Rosendo de Souza

Wellington Vieira Mendes



CIÊNCIA E DESENVOLVIMENTO EM 15 ANOS DE PPGL/UERN

VOLUME 1



Organizadores

Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra

José Marcos Rosendo de Souza

Wellington Vieira Mendes

**CIÊNCIA E
DESENVOLVIMENTO
EM 15 ANOS DE
PPGL/UERN**

VOLUME 1



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Reitora

Cicília Raquel Maia Leite

Vice-Reitor

Francisco Dantas de Medeiros Neto

Diretor da Editora Universitária da Uern – Eduern

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Chefe do Setor Executivo da Editora Universitária - Eduern

Jacimária Fonseca de Medeiros



Conselho Editorial das Edições UERN

Edmar Peixoto de Lima

Filipe da Silva Peixoto

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Jacimária Fonseca de Medeiros

José Elesbão de Almeida

Maria José Costa Fernandes

Maura Vanessa Silva Sobreira

Kalidia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Rosa Maria Rodrigues Lopes

Saulo Gomes Batista

Diagramação e capa:

Bianca Mires Gomes

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Ciência e Desenvolvimento em 15 anos de PPGL/UERN-Vol 1 [recurso eletrônico].
/ Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra, José Marcos Rosendo de Souza, Wellington
Vieira Mendes (orgs.). – Mossoró, RN: Edições UERN, 2024.

608 p.

ISBN: 978-85-7621-536-3 (E-book).

1. Linguística. 2. Pós-graduação em Letras. 3. Pesquisa acadêmica. I. Universidade
do Estado do Rio Grande do Norte. II. Título.

UERN/BC

CDD 410

Bibliotecário: Aline Karoline da Silva Araújo CRB 15 / 783

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....8

DISCURSO, MEMÓRIA E IDENTIDADE.....9

“EU ME SENTIA UM EXTRATERRESTRE”: ANÁLISE DE RELATOS DE ALUNOS COTISTAS NEGROS, À LUZ DA TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO.....10

Clérison de Oliveira

Josélia Cruz da Silva

“O MILAGRE DE ANNA O’DONNELL”: UMA ANÁLISE DOS EMBATES DE SENTIDOS ENTRE O DISCURSO RELIGIOSO E O CIENTÍFICO.....36

Cícera Fernanda Bezerra de Alencar

Francisca Daiany Furtunato

Teliane Tomaz da Silva Souza

A CARNAVALIZAÇÃO NOS GÊNEROS POÉTICOS NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS.....61

Maria Elenimar Bezerra

Ciro Leandro C. da Fonsêca

APENAS UM CURRÍCULO? UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO COMPONENTE CURRICULAR DE LÍNGUA PORTUGUESA DO CURRÍCULO DO PIAUÍ.....81

Assidia Maria Soares Alves Parnaíba

Rosa Leite da Costa

ENUNCIADOS DIGITAIS EM REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE TECNOLINGUAGÉICA.....99

Claudio Márcio Ferreira Cavalcanti (UERN)

Maria Elenimar Bezerra (UERN)

PLURILINGUÍSMO NO BRASIL: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LÍNGUA ESTRANGEIRA.....123

Joyce Eduarda de Araújo Feitosa

Lucas Maurílio da Silva Ferreira

Manoela Fernandes Marques

TEXTO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS.....133

A MULTIFUNCIONALIDADE DO SUFIXO -INHO NA FALA DE NATALENSES DO ENSINO SUPERIOR.....134

Jacicleide Alves Falcão

Márcia Pereira da Silva Franca

A RECATEGORIZAÇÃO COMO RECURSO DE HUMOR E CARNAVALIZAÇÃO EM VERBETE DO SITE DESCICLOPÉDIA.....156

Cláudio Márcio Ferreira Cavalcanti

Francisco Felipe de Oliveira Rocha

ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES DO DUOLINGO PARA APRENDER COMPREENSÃO AUDITIVA EM ESPANHOL.....	173

Maria de Fátima Nunes de França (UERN)

Tatiana Lourenço de Carvalho

CAUSAS DENOMINATIVAS: UM ESTUDO SEMÂNTICO-TOPO- NÍMICO DE CIDADES POTIGUARES.....	192

Eliene Carvalho da Silva

Edmar Peixoto de Lima

DA PROSA AOS QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DO PROCES- SO DE RETEXTUALIZAÇÃO NA ADAPTAÇÃO DA OBRA BIO- GRÁFICA O DIÁRIO DE ANNE FRANK.....	210

Aiéu Holanda Oliveira Almeida

Crígina Cibelle Pereira

criginacibelle@uern.br

Maria José Morais Honório

DIALOGISMO E CARNAVALIZAÇÃO DE MIKHAIL BAKH- TIN NA POSSE DO PRESIDENTE LUIZ INÁCIO LULA DA SIL- VA.....	229

Maria das Graças de Oliveira Pereira

Maria José Morais Honório

Aiéu Holanda Oliveira Almeida

Maria Jarina Barbosa

ESCREVENDO COM O TATO: A CONQUISTA DA AUTONOMIA DE ALUNOS CEGOS NA APRENDIZAGEM DA ESCRITA CURSI- VA.....	246

Eliane Maria Dias

Aldeci Fernandes da Cunha

Wellington Vieira Mendes

ESTUDOS SURDOS EM TEXTOS CIENTÍFICOS: TRADUÇÃO DE TERMOS SIMPLES EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA TER- MOS COMPOSTOS EM LIBRAS.....	261

Victor Rafael do Nascimento Mendes

FEMINIÇÍDIO NA MÍDIA: UMA ANÁLISE SOCIORRETÓRICA DE NOTÍCIAS VEICULADAS PELO PORTAL G1.....	278

Leopoldina Ramos de Freitas

Luiz Henrique Rodrigues e Silva

Wellington Vieira Mendes

O INSTAGRAM COMO SUPORTE PARA O ENSINO DO LÉXICO EM LÍNGUA ESPANHOLA: ANÁLISE DE POSTS DO PERFIL @ESPANHOLPARATODOSONLINE.....	305

Silvestre Carlos Azevedo Silva

Tatiana Lourenço de Carvalho

OS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS EM TEMPOS DE REDE: RES-SIGNIFICAÇÃO DO ESTUDO DO TEXTO.....	321
Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas	

PROCESSOS REFERENCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA MODALI-DADE POLÊMICA EM DISCURSOS SOBRE A VACINAÇÃO DA COVID-19: UM ESTUDO DE TUITES PUBLICADOS PELO DE-PUTADO OSMAR TERRA.....	336
Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida	
Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra	

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM FALAS DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS DE PORTA-LEGRE/RN.....	359
Josinaldo Pereira de Paula	
Míria Katarina de Sousa Fialho Pereira	

SILENCIANDO BARREIRAS: REPRESENTAÇÕES DISCURSI-VAS DO TEMA SURDO EM DOCUMENTOS OFICIAIS.....	380
Luiza Valdevino Lima	
Maria Eliete de Queiroz	

UMA ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL DO GÊNERO RESU-MO ACADÊMICO EM DISSERTAÇÕES DE MESTRADO.....	394
Maria Eduarda Diógenes de Araújo	

TEXTO LITERÁRIO, CRÍTICA E CULTURA.....414

UMA VOZ ENTRE AS SOMBRAS DO AUTORITARISMO MILI-TAR: ANÁLISE DA PERSONAGEM LORENA EM AS MENINAS, DE LYGIA FAGUNDES TELLES.....	415
Micharlane de Oliveira Dutra	
Manoel Freire Rodrigues	

UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A PERSONALIDADE DE ALEX DE LARANJA MECÂNICA.....	426
Francisca Naiane Costa da Silva	
Charles Albuquerque Ponte	

ENTRE O HISTÓRICO E A FICÇÃO: METAFICÇÃO HISTORIO-GRÁFICA PÓS-MODERNISTA NA PEÇA AS AVÊS DA NOITE DE HILDA HILST.....	445
Natan Severo de Sousa	
Beatriz Pazini Ferreira	

ENTRE CRIANÇAS, RADIANTES E ANDRÓIDES MELANCÓLI-COS: O SUJEITO PÓS-MODERNO EM BREAKFAST OF CHAM-PIONS, DE KURT VONNEGUT.....	466
Andreza da Silva Ferreira	
Charles Albuquerque Ponte	

ENTRE A SUTILEZA DO ERÓTICO E A PERFORMANCE DOS
COSTUMES: A AMBIGUIDADE PRESENTE NA FIGURA DE
CONCEIÇÃO EM “MISSA DO GALO” DE MACHADO DE AS-
SIS.....487

Clara Morghana Pereira da Silva

Francisco Alisson Fernandes

Thales Moises Alves de Souza

DESLOCAMENTOS IDENTITÁRIOS NO ROMANCE O ANO DA
MORTE DE RICARDO REIS, DE JOSÉ SARAMAGO.....499

Luzia Regina Alves Regis

DESDE QUE O SAMBA É SAMBA: ENTRE CONTINUIDA-
DES E RUPTURAS NA PROSA BRASILEIRA CONTEMPORÂ-
NEA.....510

Vanessa Bastos Lima

Maria Aparecida da Costa

CORAGEM EM TEMPOS DE DITADURA: UM ESTUDO DA PER-
SONAGEM LIA EM AS MENINAS, DE LYGIA FAGUNDES TEL-
LES.....525

Micharlane de Oliveira Dutra (PPGL/UERN)

Manoel Freire Rodrigues (PPGL/UERN)

AMOR E SOLIDÃO DOS ESTRANGEIROS EM DENTRO DE TI
VER O MAR.....537

Alyne Isabelle Duarte da Silva

Maria Aparecida da Costa

A FIGURA FEMININA FRENTE ÀS SUAS RELAÇÕES AMOROSAS:
UMA ANÁLISE SOBRE A PERSONAGEM HELENA EM A COSTA
DOS MURMÚRIOS, DE LÍDIA JORGE.....549

Talia Cristiane Elias Brito

A DULCINEIA NELIDIANA: RELEITURA E EMPODERAMENTO
FEMININO.....563

Maria Lara Alves Rocha

Maria Aparecida da Costa

A DESCONSTRUÇÃO DO AMOR NA OBRA O RETRATO DE DO-
RIAN GRAY.....576

Leandro Rodrigues Torres

Maria Karoliny Lima de Oliveira

Charles Albuquerque Ponte

A CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE: O LIRISMO NA CRÔNICA
MAIO, DE LIMÁ BARRETO.....587

Tiago Nascimento Silva

Manoel Freire Rodrigues

APRESENTAÇÃO

A obra “Ciência e desenvolvimento em 15 anos de PPGL/UERN”, organizada em dois volumes, celebra os 15 anos do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN, *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Por ocasião do “Seminário Anual de Autoavaliação e Pesquisa com Egressos” (SAAPE), realizado no período de 28 a 30 de novembro de 2023, reunimos aqui alguns trabalhos que se propuseram a discutir temas que abrangem as três linhas de pesquisa do Programa: Discurso, Memória e Identidade; Texto e Construção de Sentidos; Texto Literário, Crítica e Cultura.

A leitura dos capítulos desta obra possibilita aos estudantes e professores de graduação e de pós-graduação em Letras e Linguística o acesso a pesquisas realizadas no âmbito do Programa, bem como às experiências exitosas vivenciadas pelos egressos ao longo dos 15 anos de existência do PPGL, este que é marco no horizonte da pesquisa em nível de pós-graduação no interior do Sertão Potiguar e uma referência na formação de docentes para a Educação Básica e Superior em todas as regiões do Brasil.

Desde o dia 10 de junho de 2008, o PPGL já atendeu mais de 500 alunos, cumprindo seu objetivo de “formar profissionais capazes de compreender as práticas discursivas em diferentes esferas da comunicação humana, construindo conhecimentos, numa perspectiva interdisciplinar, acerca da construção dos sentidos e da relação discurso e sociedade, discurso e texto”. Na grandeza da sua contribuição para a educação pública, o PPGL atesta sua relevância para a região do semiárido potiguar, bem como para diferentes estados do Brasil.

DISCURSO, MEMÓRIA E IDENTIDADE

“EU ME SENTIA UM EXTRATERRESTRE”: ANÁLISE DE RELATOS DE ALUNOS COTISTAS NEGROS, À LUZ DA TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO

Clériston de Oliveira – PPGL/UERN

(ctony1982@hotmail.com)

Josélia Cruz da Silva – PPGL/UERN

(atilajl@yahoo.com.br)

1. PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Nos últimos anos, da última década do século passado aos dias atuais, especialmente no campo dos estudos linguísticos, grande atenção tem sido dada às teorias dos gêneros. Pelo menos em parte, isso se deve ao surgimento de novos referenciais curriculares direcionados ao ensino de línguas, particularmente os Parâmetros Curriculares Nacionais e, mais recente, a Base Nacional Comum Curricular. Esses referenciais trazem uma indicação explícita dos gêneros como objeto de ensino e destacam a sua importância para o ensino de língua materna, principalmente, na leitura e na produção de textos.

Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 20-21), ao ratificarem a importância do trabalho com os gêneros discursivos para o ensino de língua materna, expõem que “interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução”.

Vale salientar que o primeiro estudioso a utilizar o termo *gênero*, usado em linguística, foi o russo Mikhail Bakhtin, mais conhecido como pensador da teoria da literatura, apesar de destinar parte de seu trabalho ao estudo da interação verbal, em especial à “orientação dialógica do discurso”. Em ensaio de 1979, ele atribui que “os gêneros são tipo relativamente estáveis de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana. Pelo fato de constituírem fenômenos sócio-históricos e culturalmente sensíveis, não há como listá-los completamente” (Bakhtin, 2003, p. 279).

Face ao exposto, podemos afirmar que o trabalho com gêneros discursivos é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia, pois nada do que fazemos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero. Assim, tudo o que fizermos linguisticamente pode ser tratado em outro gênero.

É exatamente neste contexto de autenticidade dos usos linguísticos, que a perspectiva dialógica do discurso, empreendida por Bakhtin e alguns intelectuais no início do século XX, constitui-se como um importante aporte teórico/metodológico para a leitura/compreensão e produção de textos. Assim, neste viés, a perspectiva interativa da linguagem ganha destaque, mais precisamente, na configuração do fenômeno dialógico, também chamado de *dialogismo*.

Para Brait (1997, p. 94, 95), “[...] o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade.” Essa pesquisadora ainda afirma que é através do dialogismo que a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem é instaurada.

Faz-se mister salientar que, para estudar o dialogismo, Bakhtin e o Círculo formularam a Análise/Teoria Dialógica do Discurso. Segundo Brait (2012, p. 84), nesta teoria, “[...] a concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos está necessariamente apoiada nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados [...]”.

Exatamente por constituir um conjunto analítico diferenciado que engloba todos esses elementos discursivos, optamos por adotar neste trabalho a Teoria/Análise Dialógica do Discurso, mais especificamente, alguns aspectos que marcam e singularizam este aporte teórico, segundo Brait (2012, p. 85). Aqui, utilizaremos tais aspectos como categorias de análise, sendo os mesmos: a) Quais os discursos que constituem o texto analisado? b) Quais os papéis das linguagens e dos sujeitos na construção dos sentidos? e c) Quais discursos são mobilizados para a constituição dos sujeitos presentes no texto?

É importante salientarmos que os estudos bakhtinianos, de um modo geral, não estabelecem categorias prévias e fixas de análise, sendo estas acima apenas caminhos analíticos/metodológicos, para procedermos a uma análise discursivo-textual não acabada, mas sim aberta a novos olhares discursivos.

Para realizarmos a análise proposta, optamos por trabalhar com o gênero reportagem. Inicialmente, podemos constatar que este gênero representa uma atividade textual de extrema relevância na esfera jornalística, tendo em vista que ela objetiva a divulgação de um fato, porém de maneira mais aprofundada, apresentando elementos de comprovação, descrição detalhada e, em muitos textos, destaca-se até mesmo o uso de recursos argumentativos.

Já no tocante à circulação, podemos afirmar que essa se dá, geralmente, em diversos veículos/suportes, fato que, de certa forma, influencia em sua constituição, tanto formal, quanto linguística. A título de exemplo, reportagens veiculadas em suportes digitais, se comparadas com outras veiculadas em revistas e jornais impressos, possuem formatos diferenciados, determinados por diversos fatores, que vão desde as particularidades do suporte até a influência do público-alvo ao qual se destinam. Para Baltar, (2004, p. 132), “a reportagem é o gênero mais complexo do jornalismo. Envolve coleta minuciosa de dados, entrevistas, consultas a outras mídias como rádio, TV e internet”.

Neste sentido, optamos por uma reportagem veiculada no *site* G1, no dia 04/02/2023. A mesma tem como título “Filhos de garis, pedreiros e faxineiras: 1ª turma com cotistas negros se forma na Faculdade de Direito da USP.” A partir deste, podemos perceber a relevância do assunto tratado neste gênero.

Em 2022, a Lei nº 12.711/2012, também conhecida pela Lei de Cotas, completou 10 anos de criação. Ela determina que 50% das vagas em universidades e institutos federais sejam destinadas a pessoas que estudaram em escola pública. Além disso, a lei prevê a reserva de vagas para grupos específicos, como pessoas autodeclaradas pretas, pardas e indígenas (PPI) e candidatos de baixa renda (até 1,5 salário-mínimo de renda mensal familiar por pessoa). Em 2016, houve a inclusão de pessoas com deficiência (PcD), com a criação da Lei nº 13.409.

Assim, pela pertinência do tema, como também do gênero reportagem, escolhemos o texto mencionado acima para compor o *corpus* deste trabalho. A seguir, teceremos algumas reflexões teóricas acerca da Teoria/Análise Dialógica do Discurso, dos gêneros discursivos e, também, do gênero reportagem e, posteriormente, apresentaremos os achados da análise, seguidos por algumas (in) conclusões.

2. ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS

Nesta seção, apresentaremos o percurso teórico acerca da Análise/Teoria Dialógica Discursiva, proposta pelo Círculo de Bakhtin, algumas considerações sobre os gêneros discursivos, com destaque para o gênero reportagem, nosso objeto de análise.

2.1 ANÁLISE/TEORIA DIALÓGICA DISCURSIVA: UMA NOVA MANEIRA DE PENSAR A LÍNGUA(GEM)

A não passividade discursiva entre os sujeitos nas práticas de interações comunicativas, dentro dos respectivos contextos de uso, possibilita uma permanente busca pelas teorias que investigam os sentidos e efeitos dos discursos no campo linguístico. No quadro teórico que compõe o viés de nossa discussão, concentraremos nosso enfoque na concepção da linguagem de forma inicial. Visto pelo campo das relações socioculturais, a linguagem se constitui das apropriações dos sentidos vivenciadas pelo sujeito em meio a sua construção histórica.

Portanto, o papel das percepções dos sentidos na comunicação humana dividiu diversas perspectivas de análise sobre o campo dos discursos. Assim, faremos um breve percurso relacionando teoria e autor(es) mais representativo(s), que fincaram o marco histórico na expansão dos estudos diante das Análises dos Discursos. Nessa perspectiva, refletiremos sobre os ciclos de discussões das Análises dos Discursos, sendo que o uso do plural se refere à possibilidade de realinhamento de novas abordagens sobre o estudo do discurso.

No primeiro momento, salientamos o pioneirismo da Teoria da Análise do Discurso, teoria de base francesa difundida por Michel Pechêux, Michel Foucault, Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau, que traz como ponto principal o estudo da língua como um processo histórico, detectando as diferentes etapas de reprodução social do poder hegemônico, através da linguagem e, a partir disto, compreender as construções ideológicas existente nos mesmos.

A segunda linha teórica que precede o estudo da Análise Dialógica do Discurso, doravante ADD, é a teoria da Análise Crítica do Discurso, doravante (ACD), cujo precursor está representado na figura de Norman Fairclough. Esse estudioso coloca como proposta de estudo da ACD a formulação de ações de contrapoder e contraideologia diante das situações nas quais o sujeito se torna objeto de opressão social.

Diante desse breve apontamento que situa, respectivamente, teoria e autor(es), focalizaremos nossas discussões sobre os fenômenos dialógicos e as repercussões de seus efeitos na construção dos discursos dos falantes. O termo diálogo representa o elemento principal da teoria criada e

desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin.

Na década de 1920, alguns estudiosos desenvolviam pesquisas com o objetivo de investigar como os elementos externos, que circundam a linguagem, influenciam as tessituras dos discursos e criam pontes, contínuas e ininterruptas, entre sujeitos falantes. Assim, surge no cenário linguístico uma nova terminologia, o dialogismo e, posteriormente, a Teoria/ Análise Dialógica do Discurso.

Nesse sentido, ressaltamos as palavras de Bakhtin (2003, p. 248):

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. Nesse diálogo, o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.

Nesse contexto de reflexão de Bakhtin, o homem é socialmente envolvido pela naturalidade da comunicação, usando os elementos que propiciam essa cadeia sócio-histórica entre os diálogos. De acordo com Tezza (2006, p. 240), a noção de dialogismo evidencia que o “nosso olhar sobre o mundo só é nosso porque há um outro olhar com relação ao qual o nosso ganha sentido”. Percebe-se que essa orquestração de vozes que se cruzam comprova que o indivíduo, sujeito social, vive necessariamente de criações e recriações dos discursos, compondo seu processo de aceitação ou (não) aceitação de suas opiniões no espaço social de interação. Desse modo, o estudo dialógico aborda a importância da enunciação para a linguagem, pois a interação verbal e os cenários dos conflitos interativos são compostos por cargas ideológicas e históricas que tecem novas instâncias para os discursos.

Assim, entende-se que a enunciação se constitui como base no diálogo, representada pela orquestração de vozes, sendo esta textualmente analisada através do aspecto dialógico materializado nos discursos, ação regida pelo contato incessante com demais sujeitos comunicantes. Corroborando com o pensamento de Bakhtin, Bessa (2011, p. 139) considera que:

Aquele que enuncia não é, assim, a origem do dizer. Na verdade, ele deixa que o outro ocupe um lugar, que atravesse e se manifeste em seu dizer. Esse outro é, portanto, uma dimensão constitutiva da linguagem, de modo que se pode afirmar que todo enunciado que se produz se caracteriza como sendo constitutivamente dialógico.

Esse fenômeno, o dialogismo, é considerado um dos aspectos responsáveis pela identificação dos sujeitos locutores e enunciadoreis no plano textual do discurso. Nesse sentido, também é importante apontarmos a afirmação de Cunha (2005, p.168) sobre o viés temático acerca da origem do dizer:

A concepção bakhtiniana de linguagem como interação introduz um novo aspecto, fundamental na compreensão do que passa quando utilizamos a linguagem: o dialogismo. Todo enunciado é uma resposta a um já-dito, seja numa situação imediata, seja num contexto mais amplo. Não se trata aqui do diálogo entre os falantes numa situação de conversação, mas da relação do enunciado com o que já foi dito sobre o mesmo assunto.

Tal afirmativa nos leva compreender que o jogo dos enunciados não vai além da superficialidade exteriorizada das vozes que dialogam. Nota-se, portanto, que o sujeito é dotado de marcas contextualizadas pelas passagens vividas, tecendo suas impressões sobre o já-dito e compondo o seu posterior dito.

Assim, ainda compondo as discussões acerca da ADD, especialmente aquelas empreendidas por Brait (2012, p. 85), iremos dispor de alguns aspectos que firmam e evidenciam essa análise/teoria como suporte, para contextualizar considerações sobre as enunciações presentes nos textos em nosso dia a dia, sendo:

- a) o reconhecimento da multiplicidade de discursos que constituem um texto ou conjunto de textos e que mudam suas relações de acordo com sua esfera circulação;
- b) as relações dialógicas como objeto de uma disciplina interdisciplinar, denominada por Bakhtin de metalinguística, e que tomamos como embrião da análise/teoria dialógica do discurso;
- c) o pressuposto que teórico-metodológico de que

as relações dialógicas se estabelecem a partir de um ponto de vista; d) as consequências teórico-metodológicas de que as relações dialógicas não são dadas e nem acabadas num determinado objeto de pesquisa, mas sempre renovada a partir de novo ponto de vista; e) papel das linguagens e dos sujeitos na construção dos sentidos; f) a concepção de texto como assinatura de um sujeito, individual ou coletivo, que mobiliza discursos histórico, social, culturais para constituí-los.

Ao olharmos para esses aspectos, podemos perceber que a Análise Dialógica do Discurso constitui um conjunto analítico diferenciado. Logo, optamos por adotar 03 (três) destes aspectos, citados acima, como categorias de análise, sendo: “a”, “e” e “f”. Vale salientar que tal escolha é justificada a partir dos limites estruturais do presente gênero, ou seja, o artigo científico que, assim como os demais gêneros, possui um limite de espaço/páginas. Além disso, é mister destacarmos, mais uma vez, que os estudos bakhtinianos, de um modo geral, não estabelecem categorias prévias e fixas de análise, sendo estas acima apenas caminhos analíticos/metodológicos, para procedermos a uma análise discursivo-textual não acabada, mas sim aberta a novos olhares discursivos. No próximo tópico, teceremos breves considerações acerca dos gêneros discursivos.

2.2 GÊNEROS DISCURSIVOS: BREVES CONSIDERAÇÕES

Em meados da década de 1980, os estudos sobre os gêneros discursivos se desenvolvem de forma efetiva no campo de produções científicas no cenário brasileiro. Todos os enfoques de investigação, que circulam dentro do contexto das interseções entre as vozes, contribuem para o processo de interação comunicativa. Nesta perspectiva, temos como referência de pesquisa a figura de Mikael Bakhtin, que corroborou com as temáticas do dialogismo e da interação verbal.

Outro viés teórico empreendido pelo pensador russo diz respeito às reflexões sobre os gêneros discursivos, especificamente nas questões relacionadas ao desenvolvimento dos diversos ciclos de interações comunicativas, onde o indivíduo necessita interagir.

Conforme a concepção de Bakhtin, os gêneros discursivos se classificam em primários e secundários. Os primeiros estão relacionados ao diálogo cotidiano, onde ocorre a comunicação de forma espontânea. Já os segundos se referem a uma funcionalidade

mais complexa em termos de reconhecer o gênero dentro do contexto social que o insere. Para Bakhtin (2003, p.330) cada gênero tem sua individualidade, além do contexto de uso que estabelece suas características específicas, denominando de *gênero do discurso*.

Fortalecendo as afirmações da teoria bakhtiniana sobre o dialogismo, Bessa (2011, p. 130) ressalta que:

[...] o princípio dialógico da linguagem constrói compreensões sobre o funcionamento de textos e discursos que permeiam as interações comunicativas em esferas da ação humana as mais diversas, explorando, assim, a complexa relação entre textos e seus usos nessas esferas.

A partir da reflexão do referido autor, observa-se que o sujeito cria sua cadeia de interação comunicativa, impulsionado pelas necessidades do seu contexto de uso no momento da fala e da escrita. Portanto, compreende-se que os gêneros discursivos podem ser entendidos como as diferentes formas de linguagem empregadas nos textos, configurando manifestações socialmente reconhecidas que procuram alcançar intenções comunicativas, exercendo papéis sociais específicos. Dentre esses gêneros, destacamos a reportagem, que constituirá o *corpus* a ser analisado no presente artigo. A seguir, teceremos algumas considerações sobre esse gênero discursivo.

2.3 O GÊNERO JORNALÍSTICO REPORTAGEM

Os gêneros discursivos integram nossas vivências e se consolidam socialmente através de sua prática de uso. No aspecto em que se considera a materialidade textual, toda composição de um texto permite perceber elementos específicos que os caracterizam como um determinado gênero discursivo. Junto às contribuições de Bakhtin sobre os gêneros discursivos, Charaudeau (2009, p. 221) soma importantes considerações a este campo de discussão, em específico, ao gênero reportagem.

Para o autor, a “reportagem jornalística trata de um fenômeno social e político” (CHARAUDEAU, 2009, p. 221). Nesse sentido, este pesquisador ressalta o teor ideológico que circula nas publicações inerentes a uma reportagem, marcando, assim, posicionamentos que estimulam concordâncias ou discordâncias entre as vozes que dinamizam a composição deste texto.

Partindo da concepção de Charaudeau (2009), dentro do campo jornalístico, Melo (1985, p.85) afirma que os gêneros jornalísticos podem ser divididos em duas grandes categorias: os que compõem o jornalismo opinativo e os que constituem o jornalismo informativo. Aqui será levado como ponto de análise discursiva o fator opinativo da reportagem. Este critério será considerado por existir, dentro da composição textual do referido objeto de análise, a presença constante do fenômeno dialógico que constitui a teoria Bakhtiniana. Na próxima seção, apresentaremos as reflexões sobre a análise acerca de alguns trechos da reportagem selecionada.

3. OS ACHADOS DA ANÁLISE: COMO A TEIA DISCURSIVA FOI/É CONSTITUÍDA NA REPORTAGEM

Nesta seção, analisaremos o funcionamento dialógico de 01 (uma) reportagem, veiculada no site G1, no dia 04/02/2023. O texto ora destinado à análise aborda a temática das cotas nas universidades, mais particularmente, no curso de Direito da Universidade de São Paulo (USP). Pelas particularidades do suporte no qual foi veiculado, o presente texto apresenta algumas características como o título, um *lead* central, localizado bem no início do texto, a presença de imagens, uma divisão entre as partes do texto, sempre introduzida por um novo *lead*, sendo 06 (seis), além daquele citado anteriormente.

Para procedermos com esse propósito analítico, faz-se relevante salientarmos que, a seguir, vamos analisar: quais os discursos que constituem a reportagem mencionada, quais os papéis das linguagens e dos sujeitos no processo de construção de sentidos, como também, quais os discursos que foram/são mobilizados para a constituição dos sujeitos presentes no texto.

O título da reportagem “Filhos de garis, pedreiros e faxineiras: 1ª turma com cotistas negros se forma na Faculdade de Direito da USP” já cumpre bem o papel informativo, a que se propõe o gênero. Através dele, o leitor toma conhecimento do que o texto tratará, além de conter detalhes como o local onde se encontram os sujeitos presentes no texto, ou seja, o contexto institucional/acadêmico, a USP.

Em seguida, o leitor se depara com o *lead* central do texto, sendo este: “Ao g1, estudantes falam sobre como se sentiram ‘extraterrestres’ em um espaço que, até então, era formado quase que exclusivamente por professores e alunos brancos. Ao longo dos 5 anos de curso, cotistas transformaram a universidade com novos debates e luta por políticas de permanência mais efetivas.”

Aqui, a jornalista Luiza Tenente resume o conteúdo a ser apresentado ao leitor, no decorrer do texto. Para este propósito, a autora inicia fazendo menção a um termo utilizado por uma aluna. Este termo “extraterrestre” é responsável por apresentar como os estudantes se constituíam como sujeitos naquele ambiente educacional, principalmente no início do curso. Em seguida, a jornalista traz uma justificativa para essa constituição da discente concludente, a partir da caracterização do ambiente, ou seja, são apresentadas características que representam um ambiente de exclusão “... formado quase que exclusivamente por professores e alunos brancos”. Por último, ela mostra como aqueles sujeitos que, inicialmente, se sentiram excluídos no espaço social que frequentavam, conseguiram mudar a percepção de pertencimento, resultando, assim, em novos sujeitos constituídos.

Agora, partiremos para a análise de alguns depoimentos dos alunos cotistas, utilizados pela jornalista, no decorrer do texto. O primeiro deles é o da estudante Letícia Lé, de 24 anos.

“A gente não podia se dar ao luxo de só estudar. A primeira turma de cotista negros tinha de ser ativa politicamente.”

A partir do depoimento de Letícia, percebemos que seu discurso traz uma forte carga de sentido socioeconômico, ponto de vulnerabilidade que atinge a classe dos alunos cotistas. Quando Letícia afirma que, “a gente”, aluno cotista, não podia se dar ao luxo de só estudar, torna-se evidente que o poder de autoridade que permeia os valores instituídos pela universidade, por ser uma instituição pública, gratuita e elitista, torna-se, para muitos alunos pobres e negros, um obstáculo para sua permanência no curso.

É também, através dessa fala da aluna, que percebemos novas possibilidades a serem pensadas sobre a parcela cotista que conquista seu espaço na universidade. Além de estudar, os estudantes cotistas também precisavam trabalhar, tendo em vista que a grande maioria dos alunos que buscam as cotas são, literalmente, pessoas que vivem com familiares que possuem baixa renda e necessitam complementar a renda familiar. Logo, é notória a indignação da cotista na sua afirmativa. Ser negro e ser cotista e almejar uma melhoria social e salarial, através do ensino superior, demonstra que futuras lutas podem ser travadas por sujeitos historicamente situados, assim como, de fato, aconteceram, a exemplo do reajuste nas bolsas de permanência dos estudantes, reformas nas residências universitárias e inclusão de autores negros na bibliografia usada nas disciplinas do curso.

Logo abaixo, apresentamos o segundo depoimento, sendo este da concludente Letícia Chagas.

“Faz muita diferença não ter o mesmo capital cultural que os outros alunos, porque a maioria dos escritórios exige que a gente saiba mais de uma língua nos processos seletivos para estágio.”

No tocante a este último depoimento, observamos que a percepção de Chagas se estabelece pelo elo discursivo da estrutura sociocultural, efeito este sentido pelas relações dialógicas se que constituem de um ponto de vista. Essa reflexão se instaura entre as falas dos sujeitos e o contexto social que se inserem. Brait (2012, 83) assegura que o ponto de vista do enunciador diante da fala diz muito sobre o próprio enunciador.

Dessa forma, o discurso da aluna cotista deixa explícito que a carga do capital cultural se estabelece como uma ponte de privilégio dos alunos não cotistas. Esse fato mostra que o nível de desigualdade entre os alunos cotistas e não cotistas é evidenciado pelas vantagens vivenciadas pelas viagens ao exterior e pelos cursos de línguas, em instituições particulares, financiados pelos pais. Mesmo com o acesso e a permanência garantidos pela Lei das Cotas, a discrepância entre as oportunidades culturais e educacionais deixam os alunos, beneficiados com as cotas, em desvantagem. Por isso, percebemos na fala de Letícia Chagas a presença do discurso de um sujeito que, mesmo estando inserida no ambiente universitário, é permeado por um sentimento de exclusão, diante das dificuldades a serem enfrentadas, nos momentos de se apropriarem de um capital cultural mais amplo.

Passemos ao próximo depoimento, sendo este do aluno cotista Erick Araújo:

“Nas férias, víamos no Instagram nossos colegas na Europa. Vivemos graduações diferentes, não tem jeito.”

Aqui, podemos perceber que o peso dos aspectos sociais, financeiros e culturais tem nítida representatividade no discurso do aluno. A reflexão de sua voz não se restringe somente ao seu ato de se expressar individualmente, mas sim pela coletividade de um grupo cotista. Brait (2005, p. 93) quando diz que “[...] a linguagem não é centrada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado”. Desse modo, no momento em que Erick enfatiza “vivemos graduações diferentes, não tem jeito”, existe aqui uma das referências que sustentam o processo dialógico, o dito autoral, composto pelos olhares e pelas conversas, provavelmente, informais, porém que deixam a continuidade dialógica

entre o Eu, Erick, e os outros cotistas citados no trecho analisado.

Essa evidência de valores, sempre questionável na cadeia dialógica dos cotistas, surge como um aparato de resistência às novas instâncias que adentrarão no espaço acadêmico. O embate de pertencer a uma graduação diferente, nas palavras do aluno, sugere novas correntes de discursos e disponibiliza novos conflitos de cenários, para amenizar as tensões vivenciadas pelos futuros cotistas.

A seguir, vejamos uma fala da aluna Letícia Chagas:

“Nós sentíamos uma responsabilidade muito grande. Se errássemos e fôssemos mal, isso ia virar argumento contra cotas. Precisávamos ter notas boas. Era um peso.”

A fala de Letícia recorre à pressão ideológica, que envolve os sujeitos situados no contexto histórico da “culpabilidade”. O sentido exposto, no presente enunciado, deixa explícito que o medo é um dos fatores que também atinge o processo de acesso e permanência do aluno cotista, no ambiente universitário. Aqui, sentimos o peso das marcas temporais que tingem a história dos sujeitos negros, os quais buscaram/buscam uma ascensão social/profissional no espaço nos quais estão inseridos. Além disso, percebemos que a punição e uma provável exclusão, decorrentes de um baixo rendimento acadêmico, na visão dos primeiros cotistas, prejudicariam os futuros alunos das camadas mais vulneráveis que, mesmo sabendo que são assegurados pela Lei das Cotas, ainda trazem os legados dos seus ancestrais negros, os quais, muitas vezes, nem precisavam cometer um “erro”, já eram punidos com castigos físicos. Atualmente, no tocante aos alunos cotistas, essa penalidade poderia ser interpretada, pela via da retirada das suas conquistas.

Desse modo, o elo da cadeia discursiva que reproduz o sentido de exclusão, pelo mau desempenho acadêmico, torna-se mais visível e discriminatório, diante da ansiedade sofrida pela universitária cotista negra, pois a ameaça de sua permanência no espaço acadêmico, conforme se multiplica nas vozes entre os colegas cotistas, pode constituir um impedimento para a apropriação do saber dos futuros alunos, que tentarão o acesso através das cotas.

Observemos, abaixo, o depoimento do aluno Erick Araújo:

“Como que um aluno que veio de outro estado vai se manter? Esses discursos vão violentando quem não tem suporte. Criamos quilombos para nos apoiar.”

No tocante a este depoimento, especificamente no trecho “... criamos os quilombos para nos apoiar.”, sentimos que as vozes repercutidas fazem uma alusão à condição étnico-racial do sujeito, quando expõe a ideia de quilombo, espaço de refúgio de negros que buscavam fugir das torturas e sofrimentos. Aqui, percebemos que a cadeia discursiva, nos diálogos entre as múltiplas vozes, tece-se dentro dos contextos social, cultural, político, geográfico e histórico, que abraçam os percursos construídos pelo sujeito negro.

Assim, o reflexo da percepção de Erick firma-se na contribuição de Cereja (2008, p. 204), quando este autor ressalta que “[...] a palavra também é histórica, é ideologia, é luta social, já que ela é a síntese das práticas discursivas historicamente construídas.” No momento em que Erick constrói suas reflexões sobre sua própria existência, sua necessidade em permanecer convicto no espaço no qual atua e age, o mesmo reconstrói novas conquistas e novas posturas sociais de pertencimento, que se expandem, como apoio, àqueles que enfrentarão as mesmas dificuldades sofridas pelos primeiros alunos cotistas, dentro do mesmo espaço educacional.

A seguir, vejamos outro depoimento. Desta vez, pertencente à aluna Letícia Chagas.

“Mudaram as provocações. Não que os alunos brancos não se preocupassem com racismo; muitos eram nossos aliados. Mas a gente trouxe [esse debate] com mais ênfase.”

Ao observarmos o relato acima, podemos aludir ao pensamento de Miotello (2008, p. 246), quando este afirma que “a ideologia, portanto, é a representação do mundo construído a partir das interações e das trocas simbólicas, constantemente atualizadas por diferentes grupos sociais previamente organizados”. Neste sentido, os elos enunciativos que agregam esse discurso, de quase aceitação de um sujeito socialmente não reconhecido, representam uma reconstrução das concepções e perspectivas sobre alunos cotistas, os quais adentraram num ambiente antes dominado por discentes não cotistas, onde estes se mostravam dominantes pelo aspecto da cor.

Desse modo, ao relacionarmos a reflexão de Miotello (2008) com as palavras de Letícia Chagas, observamos que as constantes lutas sociais, diante das resistências, proporcionam mudanças dos conceitos tecidos, por uma sociedade indiferente às dificuldades de um grupo socialmente excluído por séculos. Nesta retomada de discussões, percebemos como alguns discursos resistem a novos argumentos, mesmo que a relação de sentidos construídos seja modificada pela prática social vivenciada pelos sujeitos discursivos. Essa retomada de posicionamento é sentida quando Letícia narra que “as provocações mudaram”. Isso significa que os atravessamentos de enunciados e discussões propiciam aceitações da nova realidade social, situada pelos sujeitos cotistas.

Abaixo, observemos o depoimento da aluna Letícia Chagas:

“Meus colegas tinham pais e avós que fizeram a São Francisco [como é conhecida a faculdade] — e o direito tem muito de tradição e *networking*.”

Um discurso presente nesta fala de Letícia Chagas se refere, exatamente, a um argumento de autoridade, ou seja, ao mencionar que havia colegas na mesma turma dela, cujos pais e avós foram graduados na renomada Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, demonstra que ela (a aluna) também se constitui, neste momento da fala, como um sujeito em construção, pois ela também estava naquele ambiente de formação renomado.

A título de informação, a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, atual Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), e a Faculdade de Direito do Recife são as duas mais antigas faculdades de Direito do Brasil, tendo sido fundadas em 11 de agosto de 1827, atualmente com 195 (cento e noventa e cinco) anos de existência. Em seguida, o vocábulo “tradição” alude ao argumento de autoridade citado anteriormente, isto é, todo este tempo representa a tradição do referido curso no cenário acadêmico nacional e, até mesmo, internacional.

Outro elemento linguístico que colabora para a construção dos sentidos, presentes nesse depoimento de Letícia Chagas, trata-se do vocábulo originário do inglês “*networking*”. Ao realizarmos uma consulta sobre o significado da tradução desta palavra, encontraremos, inicialmente, a palavra “rede”. Se continuarmos essa consulta, ainda temos: “Ação de trabalhar, trocando informações relevantes com base na colaboração e ajuda mútua, através da manutenção de relacionamentos interpessoais produtivos.” Sob essa ótica de o profissional, para

ser bem-sucedido no mercado de trabalho, sempre precisar manter bons contatos, a estudante afirma que o curso de Direito “tem muito” dessa característica. Assim, o leitor pode construir o sentido, a partir do trecho da fala da aluna, de que para ser um bom profissional da área jurídica, é fundamental que se mantenha uma rede de contatos.

A fala a seguir, da aluna Letícia Lê, mostra-nos outro conjunto discursivo. Vejamos:

“Eu andava pela faculdade e ouvia: ‘mas você estuda aqui?’. Havia um estranhamento em ver alunos como nós. Acho que agora, 5 gerações depois, os novos cotistas que entram ficam mais confortáveis de sentir que é um espaço deles também.”

Nesse último trecho, podemos perceber, a partir da construção verbal “Eu andava...” e do localizador temporal expresso por “Acho que agora, 5 gerações depois...”, que a aluna traz 02 (dois) discursos: o primeiro referente a um passado de uma pseudo-inclusão, isto é, ela estava matriculada na universidade, estudando, mas, devido a questionamentos preconceituosos, ela se sentia excluída. Já o segundo discurso faz menção a um tempo presente, demarcado pelo trecho “... novos cotistas que entram ficam... é um espaço...”, de inclusão, de pertencimento (“... é um espaço deles também”). Com toda a luta política, empreendida principalmente pela turma da qual ela faz parte, o cenário é outro, diferente daquele encontrado há 05 (cinco) anos.

Esse jogo discursivo, presente nessa última fala, representa o processo de constituição do sujeito Letícia Lê, e porque não afirmarmos dos demais sujeitos, alunos cotistas que também ingressaram no curso de Direito da USP, nos últimos anos. Antes, havia, por parte dos não cotistas, uma certa sensação de estranhamento pela presença dos cotistas no mesmo espaço acadêmico. Hoje, alunos beneficiados pelas cotas, que conseguem ingressar no curso, sentem-se mais confortáveis em estar naquele ambiente de formação.

Logo abaixo, vejamos a fala do aluno Erick Araújo:

“Saí de uma escola muito precária e hoje tenho a oportunidade de participar intelectualmente da vida política do país.”

Nesse trecho, o processo de mudança na vida do aluno cotista, possibilitado pela oportunidade de cursar Direito na mais antiga/

tradicional faculdade do país, é o fator preponderante para o leitor construir o(s) sentido(s) presente(s) na afirmação ora mencionada. Ele afirma que, hoje, tem “a oportunidade de participar intelectualmente da vida política do país”. Vejam o quanto o acesso à formação, ao conhecimento de qualidade, pode promover a emancipação social dos sujeitos. Nesse caso, o sujeito Erick Araújo mobilizou esse discurso de mudança na própria vida, para justificar a constituição dele como sujeito pertencente a uma sociedade civil, não apenas como um sujeito passivo, mas como alguém que participa ativamente da vida política brasileira.

Por último, vejamos, a seguir, o depoimento da aluna cotista Gislaine Silva. Sobre ele, último também na reportagem, podemos afirmar que se trata de uma das falas mais representativas, nesse processo analítico. Não à toa, selecionamos um trecho da mesma, para compor o título deste artigo científico. Observemos:

“Saí da minha cidade [São Carlos, em SP] e cheguei a São Paulo com a minha mochilinha. Não consegui me identificar com as pessoas, me sentia um extraterrestre. **Agora, [depois de 5 anos de cotas], vai ter gente pobre como eu, que veio da periferia, mostrando que a universidade é um lugar perfeito para nós.**” – Gislaine Silva

No início da fala da aluna, percebemos o uso de escolhas linguísticas fundamentais para a construção dos discursos e dos sentidos. Ela começa fazendo menção à origem e à forma como chegou à maior metrópole do país, em busca de conhecimento/formação, “... com uma mochilinha...”. Em seguida, ela traz um discurso de um sujeito que não pertencia àquele lugar, pois não conseguia se identificar com as pessoas.

É exatamente neste trecho da fala que ela usa o vocábulo “extraterrestre”. Vejamos o quanto a carga semântica desta palavra, neste contexto de uso, é responsável pela construção do(s) sentido(s) por parte dela, tanto como sujeito enunciator, quanto também dos leitores. Trata-se de um substantivo que traduz, da maneira mais próxima e real, o sentimento de estranhamento, por parte da cotista, e de exclusão, por parte dos alunos não cotistas que conviviam com ela, naquele período inicial do curso.

Na continuação da fala de Gislaine Silva, podemos encontrar um novo sujeito constituído, a partir das escolhas linguísticas utilizadas pela aluna. Bem no início, temos o advérbio “agora”, que representa uma menção a um tempo presente e não mais àquele passado de

estranhamento/exclusão. Posteriormente, ela traz um discurso de pertencimento/inclusão, fruto das escolhas linguísticas utilizadas no trecho, ao afirmar que pessoas pobres como ela, que também são da periferia, podem estar naquele lugar privilegiado de obtenção de conhecimento/formação.

Por fim, ela encerra essa última afirmação, mostrando que “... a universidade é um lugar perfeito...” tanto para ela, quanto para todas as pessoas que passam por dificuldades socioeconômicas, isto é, trata-se de um ambiente verdadeiramente inclusivo, que pode sim ser frequentado por todas as pessoas.

Neste momento, compreendemos que os depoimentos/as falas observados(as), no total 10 (dez), constituem um conjunto analítico que atende aos objetivos propostos no início deste trabalho. Por isso, a seguir, teceremos algumas considerações finais sobre o percurso de pesquisa empreendido até aqui.

4. ALGUMAS (IN)CONCLUSÕES

Neste artigo científico, analisamos e interpretamos as manifestações dialógicas presentes no gênero discursivo reportagem, selecionado no site G1. Assim, observamos que o gênero em questão possibilita observar como as relações dialógicas situam e motivam as produções dos sentidos, representados nos entrelaçamentos de vozes que se constroem.

Nesse sentido, o conjunto analítico empreendido neste trabalho pôde evidenciar que os enunciados não se centram no vazio, mas nas correlações dos diálogos gerenciados entre os sujeitos, através dos quais expressam suas ideias e estas servem como base para as produções que apoiam nosso dizer.

Nossa investigação reforça que as posições sociais, mantidas pelos sujeitos, surgem dos valores vivenciados, sendo nitidamente representados na sua materialidade textual, pois as interações verbais se constituem, a partir de questões de caráter social e ideológico, percebidas no contexto enunciativo.

Desse modo, podemos afirmar que as categorias formuladas, para compor o processo analítico deste trabalho, surgiram a partir de compreensões dos autores deste texto, acerca de 03 (três) aspectos que compõem o quadro característico da Análise Dialógica do Discurso. Assim, observamos, ao longo da

análise realizada, os mais variados discursos que compuseram/compõem os depoimentos dos estudantes na reportagem já mencionada. Também percebemos o papel de algumas escolhas linguísticas na construção dos sujeitos, bem como, dos sentidos presentes/atribuídos nos trechos analisados. Além disso, elencamos, no decorrer da análise, os diversos discursos que foram mobilizados no processo de constituição/construção dos sujeitos depoentes na reportagem selecionada.

Ao término deste trabalho, é importante fazermos duas observações. Embora na Análise Dialógica do Discurso não haja um manual de procedimentos de análise, tentamos construir, através deste texto, um conjunto analítico que possa representar procedimentos metodológicos, sempre com a convicção de que estes podem ser reformulados, assim como, as considerações tecidas, sobre os depoimentos dos alunos, podem receber novos olhares discursivos. Por fim, podemos comprovar que a reportagem selecionada constituiu um lugar de circulação de discursos variados, demarcados linguisticamente em alguns trechos e, em outros, não, além de percebermos que os sujeitos não são, automaticamente, a fonte do(s) sentido(s), mas este é construído, de forma incessante, com o já-dito.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BALTAR, M. **Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2004.
- BESSA, J. C. R. **Dialogismo e construção da voz autoral na escrita do texto científico de jovens pesquisadores**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista, 2016.
- BRAIT, B. **Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem**. In: BRAIT, B. (Org.) Bakhtin, dialogismo e construção de sentido. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997, p. 87-98.
- BRAIT, B. (Org). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, B. **Construção coletiva da perspectiva dialógica:** história e alcance teórico-metodológico. In: FIGARO, R. (Org.) *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 79-98.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1998.

CEREJA, W. *Significação e tema*. In: BRAIT, B. (org) **Bakhtin:** conceitos-chave. 4 ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2008, p. 201-220.

CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008

CUNHA, D. de A. C. da. **O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião**. In. Dionísio, A. P.; Machado, A. R.; Bezerra, M. A. (org). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro; lucerna, 2005, p.168-179.

MELO, J. de M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Vozes, 1985.

MIOTELLO, V. *Ideologia*. In: BRAIT, B. (org) **Bakhtin:** conceitos-chave. 4. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2008, p. 167-176.

TENENTE, L. **Filhos de garis, pedreiros e faxineiras:** 1ª turma com cotistas negros se forma se forma na Faculdade de Direito da USP. **G1**, 04 fev. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/02/04/filhos-de-garis-pedreiros-e-faxineiras-1a-turma-com-cotistas-negros-se-forma-na-faculdade-de-direito-da-usp.ghtml>> Acesso em 04 fev. 2023.

TEZZA, C. **Sobre o autor e o herói:** um roteiro de leitura. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora UFPR, 2006, p. 240-248.

ANEXO

Filhos de garis, pedreiros e faxineiras: 1ª turma com cotistas negros se forma na Faculdade de Direito da USP

Ao g1, estudantes falam sobre como se sentiram ‘extraterrestres’ em um espaço que, até então, era formado quase que exclusivamente por professores e alunos brancos. Ao longo dos 5 anos de curso, cotistas transformaram a universidade com novos debates e luta por políticas de permanência mais efetivas.

Por Luiza Tenente, g1

04/02/2023



Primeira turma com cotas étnico-raciais da Faculdade de Direito da USP acaba de se formar

Foto: Arquivo pessoal/ Uoon

• *“Olhava ao meu redor e pensava: ‘será que deveria mesmo estar aqui?’.”*

• *“Eu me sentia uma extraterrestre.”*

• *“Contei nos dedos quantos negros vi ali. Fiquei assustada.”*

As frases acima foram ditas por alunos cotistas que ingressaram na Faculdade de Direito da Universidade de **São Paulo (USP)** em 2018, na **1ª turma — em quase 200 anos de história da instituição — a ter vagas reservadas para pretos, pardos e indígenas.**

Após concluírem o curso em dezembro de 2022, os estudantes reuniram-se no fim de janeiro para tirar as fotos da formatura (veja abaixo). Filhos de faxineiras, garis, pedreiros, donas de casa e professores, esses 35 jovens venceram a sensação inicial de não pertencimento à faculdade e promoveram uma série de transformações na instituição ao longo dos últimos 5 anos, como:

- implementação de **políticas de permanência mais efetivas**, com reajuste de bolsas para jovens de baixa renda e reformas na residência estudantil;

- inclusão de **novos debates em sala de aula** e de **autores negros nas bibliografias** das disciplinas.

“A gente não podia se dar ao luxo de só estudar. A primeira turma de cotistas negros tinha de ser ativa politicamente”, conta Letícia Lé, de 24 anos.

Ela relembra que havia certo espanto com a sua presença ali. “Eu andava pela faculdade e ouvia: ‘mas você estuda aqui?’. Havia um estranhamento em ver alunos como nós. Acho que agora, 5 gerações depois, os novos cotistas que entram ficam mais confortáveis de sentir que é um espaço deles também.”

Em dezembro de 2022, na turma de Letícia, formaram-se 312 estudantes, sendo:

- 237 via **Fuvest** (vestibular);
- 75 via Sistema de Seleção Unificada (Sisu, que usa as notas do Exame Nacional do Ensino Médio). Destes, 35 são cotistas pretos, pardos e indígenas.

No cargo que já foi de Haddad, uma filha de caminhoneiro e empregada doméstica



Letícia Chagas é uma das formandas em direito da USP

Foto: Arquivo pessoal

Um dos grandes marcos dessa luta política dos alunos mais pobres aconteceu em 2019, quando, pela primeira vez em 116 anos, **uma mulher negra ganhou as eleições internas para ser presidente do mais antigo centro acadêmico do Brasil: o XI de Agosto.**

O cargo, que já havia sido ocupado pelo ex-senador Aloysio Nunes Filho (PSDB) e pelo ministro Fernando Haddad (PT), por exemplo, passou a ser da cotista Letícia Chagas, de 22 anos, filha de um caminhoneiro e de uma empregada doméstica aposentados.

“Meus colegas tinham pais e avós que fizeram a São Francisco [como é conhecida a faculdade] — e o direito tem muito de tradição e networking”, diz.

Chagas conta que, no começo, sentia dificuldade nas disciplinas que exigiam domínio de outros idiomas. “Faz muita diferença não ter o mesmo capital cultural que os outros alunos, porque a maioria dos escritórios exige que a gente saiba mais de uma língua [nos processos seletivos para estágio].”

Esse tipo de obstáculo pressionava o grupo.

“Nós sentíamos uma responsabilidade muito grande. Se errássemos e fôssemos mal, isso ia virar argumento contra cotas. Precisávamos ter notas boas. Era um peso.”

Com o passar dos anos e a ampliação das políticas de cotas, universidades brasileiras, inclusive a USP, passaram a oferecer programas gratuitos de aulas de inglês. Ao **g1**, a Faculdade de Direito afirma que atualmente tem uma parceria com escritórios para facilitar a contratação de cotistas.

Lutas políticas



Letícia Lé ingressou na USP na primeira turma de cotistas étnico-raciais da Faculdade de Direito

Foto: Arquivo pessoal/Uoon

A chapa de Letícia Chagas no centro acadêmico e o movimento político Travessia levantaram debates para vencer as principais dificuldades dos alunos das cotas étnico-raciais. Veja abaixo:



Como se bancar com R\$ 400?

Os alunos de baixa renda da Faculdade de Direito da USP recebiam da instituição, em 2018, R\$ 400 por mês como auxílio financeiro (atualmente, são R\$ 600). Aos poucos, outros programas de assistência foram criados pela iniciativa privada, como o “Adote um

aluno”, sustentado por contribuições financeiras de quem já estudou lá, e o “Projeto de Promoção à Dedicação Acadêmica”, que oferece auxílio a quem se dedica a atividades acadêmicas.

Ainda assim, para os cotistas que precisavam ajudar a família, era difícil se bancar em São Paulo.

“Nas férias, víamos no Instagram nossos colegas na Europa. Vivemos graduações diferentes, não tem jeito”, conta Erick Araújo, de 23 anos, filho de uma diarista e um dos formandos da 1ª turma com cotas étnico-raciais.

Ao **g1**, a Faculdade de Direito da USP diz que, “depois de muita movimentação dos estudantes sobre a insuficiência deste valor para a permanência, a universidade promete aumentar o valor [de assistência estudantil] neste ano”.



Erick Araújo mora na Casa do Estudante, moradia estudantil da Faculdade de Direito da USP

Foto: Arquivo pessoal / Uoon

Não pode trabalhar no começo do curso

Com o aumento do número de alunos de baixa renda, uma orientação comum dos professores deixou de fazer sentido: **não dava mais para pedir que a turma se dedicasse exclusivamente ao curso de direito e só trabalhasse depois do terceiro ano da graduação.**

“Como que um aluno que veio de outro estado vai se manter? Esses discursos vão violentando quem não tem suporte. Criamos quilombos para nos apoiar”, conta Erick.



«Sem a moradia estudantil, eu demoraria mais de 2 horas no trajeto»

Reuniões entre esses alunos da 1ª turma de cotas étnico-raciais aconteciam frequentemente na Casa do Estudante, moradia estudantil gratuita no centro de São Paulo, onde vivem atualmente 55 jovens matriculados na Faculdade de Direito da USP.

“O prédio estava muito degradado na pandemia. Mas, depois de uma reforma, estamos com condições melhores agora.”

No caso de Erick, foi essencial contar com a residência da universidade. Antes de passar no vestibular, ele morava em um conjunto habitacional na periferia de São Paulo. “Do Itaim Paulista até a USP, eu demoraria de 2 a 2,5 horas em cada trajeto. Teria perdido a possibilidade de participar de projetos extracurriculares, de fazer parte do centro acadêmico e de estagiar desde cedo”, conta.



«Mudaram as provocações»



Letícia Chagas e Letícia Lé participam de manifestação pró-cotas

Foto: Arquivo pessoal

Letícia Chagas diz que, na semana de calouros, o coletivo Travessia batalhou para que houvesse novos debates sobre as reformas da Casa do Estudante e as políticas de permanência.

Por meio também desse movimento político, o grupo de alunos conseguiu que professores incluíssem na bibliografia do curso novos temas e teóricos negros importantes para o direito.

“Mudaram as provocações. Não que os alunos brancos não se preocupassem com racismo; muitos eram nossos aliados. Mas a gente trouxe [esse debate] com mais ênfase”, conta Chagas.

Mudanças de vida: aluna a caminho do segundo intercâmbio

Erick chora ao falar das mudanças que a entrada na universidade promoveu em sua vida. “Saí de uma escola muito precária e hoje tenho a oportunidade de participar intelectualmente da vida política do país.”

Outra aluna dessa turma, Gislaine Silva, de 24 anos, **é filha de pedreiro e de dona de casa, e está se preparando para o seu segundo intercâmbio pela USP** — já estudou na França, e, agora, vai para a Espanha.

“Saí da minha cidade [São Carlos, em SP] e cheguei a São Paulo com a minha mochilinha. Não consegui me identificar com as pessoas, me sentia um extraterrestre. **Agora, [depois de 5 anos de cotas], vai ter gente pobre como eu, que veio da periferia, mostrando que a universidade é um lugar perfeito para nós.**”



Gislaine já estudou na França e, agora, se prepara para o segundo intercâmbio, na Espanha

Foto: Arquivo pessoal / Uoon

“O MILAGRE DE ANNA O’DONNELL”: UMA ANÁLISE DOS EMBATES DE SENTIDOS ENTRE O DISCURSO RELIGIOSO E O CIENTÍFICO¹

Cícera Fernanda Bezerra de Alencar (UERN)

fernandaalencar@alu.uern.br

Francisca Daiany Furtunato (UERN)

daianyfurtunato@alu.uern.br

Teliane Tomaz da Silva Souza (UERN)

telianetomaz@alu.uern.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar os embates de sentidos entre o discurso religioso e o científico em alguns recortes das falas dos personagens do filme «O milagre de Anna O’Donnell», do diretor Sebastián Lelio. Em específico, busca-se identificar o posicionamento valorativo assumido pelas personagens em seus confrontos ideológicos a respeito do caso da garota, de apenas 11 anos, que não come há meses. E, também, verificar as formações discursivas sobre esse caso, evidenciando os embates das personagens sobre o fato ser ou não um milagre. Fazemos, pois, o seguinte questionamento: qual posicionamento ideológico se sobressai? Religioso ou científico?

Para a dissertação do tema é de suma importância abordar o conceito de ideologia, que será desenvolvido de acordo com a linha pecheutiana da Análise do Discurso (AD), que explica ideologia como uma forma específica de compreender o mundo. Conforme destaca Fernandes (2007), ideologia é uma concepção de mundo do sujeito inscrito em determinado grupo social em uma dada conjuntura histórica das posições ocupadas pelos mesmos. Sendo assim, ideologia é todo tipo de discurso que abrange uma visão específica sobre determinado contexto sociocomunicativo.

Nessa ótica, também será explorada a definição de formação discursiva e formação ideológica, segundo a mesma

¹ Artigo desenvolvido como trabalho final da disciplina Análise do discurso, concedida no 6º período do curso de Letras/Português, do semestre 2022.2, ministrada pela Prof. Rosângela Alves dos Santos Bernardino.

linha teórica de pensamento pêcheutiana que pressupõe a formação ideológica (FI) como um conjunto de várias visões de, mundo com as quais entramos em contato ao longo da vida. Visto que, para Fernandes (2007, p. 46), «o sujeito não é homogêneo, e, ao conceituá-lo, referimo-nos às noções de formação discursiva e formação ideológica, e à inter-relação linguagem e história, perpassada pela memória [...]». Por último, será explicada a noção de interdiscurso, conceito esse que está entrelaçado com a ideia de formação discursiva e se caracteriza pela presença de vários discursos que se relacionam entre si. Segundo Fernandes (2007, p. 65-66), «Interdiscurso é a presença de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais, entrelaçados no interior de uma formação discursiva».

Logo, nosso trajeto para escolha do objeto de pesquisa se deu pela necessidade de se discutir um assunto tão instigante como esse, já que, historicamente, existe uma relevância social muito grande. Mesmo sendo uma produção cinematográfica, torna-se relevante porque se dá numa plataforma de streaming, de alcance social muito elevado. Discutir, pois, essa temática é colocar em evidência os embates de sentidos recorrentes na sociedade no que diz respeito à dominação ideológica.

Partindo desses pressupostos iniciais, o presente artigo visa aprofundar-se nos escritos de Michel Pêcheux (1997), o qual procura discutir os conceitos da língua relacionando com a história e o discurso, além de outros conceitos teóricos de estudiosos como: Orlandi (2005a), que relaciona as diferentes maneiras de manifestar a linguagem a sua exterioridade; Brandão (2004), ao abordar os aspectos introdutórios da Análise do discurso; Fernandes (2007), que explica alguns conceitos basilares das categorias de análise da AD francesa, entre outros.

Nesse sentido, na primeira parte do texto cabe tecer algumas considerações sobre conceitos chaves da AD francesa e seu surgimento, como também destacar as categorias de análises, com enfoque nos estudos de Pêcheux. Na segunda parte do trabalho, trataremos sobre as condições de produção no discurso dos personagens no filme e a análise propriamente dita, materializada em seus discursos. E por último, seguiremos com as considerações finais deste trabalho.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO TRABALHO

Este trabalho tem caráter interpretativo e qualitativo, por se filiar teoricamente à Análise do discurso. Como afirma Silva e Araújo (2017):

[...] os estudos nessa linha de pesquisa possuem sempre um caráter qualitativo-interpretativista, que estuda o objeto de investigação em seu contexto natural na tentativa de dar sentido aos fenômenos levando em conta os significados que as pessoas lhe atribuem. Não há análise quantitativa de dados. (Silva; Araújo, 2017, p. 20)

No que concerne à citação, nesse tipo de pesquisa, procura-se apresentar e entender determinada circunstância, estabelecendo, assim, a perspectiva interpretativa. Assim, trata-se da pesquisa qualitativa, na qual pretende-se analisar o objeto de estudo e a sua construção social de sentidos, tendo em conta que a partir da natureza interpretativa, acontecem, também, inúmeras compreensões do objeto em contenda, dado que se encontra em diferentes contextos. Fica claro, pois, o caráter essencialmente qualitativo e interpretativo da análise.

Conforme Soares (2007, p. 183), “os sentidos vão se estabelecendo através de já ditos ou já construídos, ora retomando discursos em forma de paráfrase e reproduzindo sentidos, ora em uma disputa acirrada de efeitos discursivos”. Isso acontece pelo fato de o discurso ser oriundo da ideologia, dos fatores históricos e do espaço coletivo em que o sujeito é inserido, e a partir dessa produção de sentidos do discurso a língua passa a ser compreendida em sua decorrência. Desse modo, o intuito da pesquisa interpretativa é assimilar como as atitudes dos sujeitos resultam na população em geral, seja de forma negativa, seja de forma positiva.

Na AD, teoria e metodologia andam lado a lado, são indissociáveis (Silva; Araújo, 2017). Dessa forma, é a partir da utilização dos elementos constitutivos da estrutura teórica que será guiada toda a análise a ser realizada, ao mesmo tempo, que aproxima o pesquisador de um movimento retórico de análise, os dispositivos metodológicos (Silva; Araújo, 2017). A metodologia não engloba uma leitura horizontal, como afirma a citação:

Em AD, a metodologia de análise não incide em uma leitura horizontal, ou seja, em extensão, tentando observar o que o texto diz do início ao fim, mas, realiza-se uma apreciação em profundidade, que é possibilitada pela descrição-interpretação em que se examina, por exemplo, posições-sujeito assumidas, imagens e lugares estabelecidos a partir de regularidades discursivas demonstradas nas materialidades. (Silva; Araújo, 2017, p. 20)

Melhor dizendo, não amplia o texto do começo ao fim, buscando entender o que está referido, na ideia centrada, no dito, e sim, busca compreender as entrelinhas por completo. Esse caminho se dá através da interpretação que vai sendo revelada diante das posições do sujeito em sua materialidade discursiva. Direcionada, pois, a realizar uma “exaustividade vertical” como dispositivo analítico. Assim, significa dizer que o objeto passa a ser estudado na sua profundidade e totalidade (Silva; Araújo, 2017) e na procura em se entender quais são os sentidos construídos no que diz respeito ao processo analítico da pesquisa.

Dessa forma, este artigo será discorrido através dos elementos linguísticos (código escrito) e não linguísticos (visual). Buscamos assimilar os efeitos de sentidos em relação à linguagem verbal e não verbal. Temos, pois, como finalidade abranger a materialidade do discurso recorrente nos *corpora* discursivos extraídos para o trabalho.

A escolha das categorias de análise se deu conforme o que se pretende apurar durante a investigação, sendo elas: o conceito de ideologia, formação discursiva, formação ideológica e interdiscurso. Conceito esses primordiais para se colocar em questão, dado que falar dos embates religiosos e científicos cabe ter por base todas essas categorias de análise. Por sua vez, entra em debate o ambiente histórico e social dos sujeitos em contendas. Esse método contribui em grandes parcelas, haja vista que o trabalho é composto por cinco (05) recortes das cenas selecionadas para a análise pretendida, os quais se constituem dos diálogos entre as personagens do filme em embates ideológicos, coletados no dia 12 de julho de 2023, presentes no filme *O Milagre*, dirigido por Sebastián Lelio, inspirado no livro de Emma Donoghue. Para fins de ilustração, essas falas serão acompanhadas pelas imagens.

O corpus analisado neste estudo foi retirado do filme que se encontra presente no serviço online da Netflix, que oferece uma variedade de filmes, séries e documentários para as pessoas conectadas

no ambiente tecnológico. Durante esse percurso metodológico, a atenção voltou-se para identificar as formações discursivas nas quais se inscrevem as falas das personagens sobre o caso de Anna O'Donnell e evidenciar os embates ideológicos em relação ao caso da garota de 11 anos ser ou não um milagre. Logo, busca-se entender os conflitos de sentidos existentes entre o discurso religioso e científico.

De acordo com Orlandi (2005b, p. 11), “as formações discursivas, por sua vez, são aquilo que o sujeito pode e deve dizer em situação dada em uma conjuntura dada. O dizer está, pois, ligado às suas condições de produção. Há um vínculo constitutivo ligando o dizer com a sua exterioridade”. Assim, pode-se frisar que as condições de produção acontecem a partir do momento em que não se torna mais possível atribuir ao sujeito a fonte do seu discurso. Em consonância a isso, é importante esclarecer que os discursos a serem analisados recorrem das cenas mais pertinentes para evidenciar as várias possibilidades de discursos em embates na narrativa.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção serão explicados alguns conceitos fundamentais para a AD, bem como o seu surgimento, principais teóricos e postulados. Logo após, apresentaremos algumas categorias de análises e seus pressupostos. A priori, trataremos sobre a definição de ideologia de acordo com o pensamento marxista, em seguida, o de Louis Althusser, teórico de grande importância para a construção do pensamento da AD pecheutiana. Por último, abordaremos o conceito de ideologia conforme Michel Pêcheux e também com base nos autores Konder (2002) e Lima e Xavier (2017). Sequencialmente, será elucidado a respeito do conceito de formação discursiva segundo os autores Fernandes (2007), Orlandi (2005). Por último, iremos elencar a noção de formação ideológica e interdiscurso com as contribuições dos autores Fiorin (2011), Maingueneau (2013) e Gadet e Hak (1997), entre outros.

3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

Michel Pêcheux foi o fundador da Análise do Discurso francesa, também conhecida como AD. Segundo Orlandi (2005b), o filósofo francês teoriza como a linguagem é materializada na

ideologia e como a mesma se manifesta na linguagem. Assim, entende que ideologia se exterioriza na linguagem e o discurso ocorre como efeitos de sentido entre os interlocutores em volta de uma relação entre linguagem e ideologia.

Logo, o objetivo da AD de linha francesa é evidenciar os processos de significação e apresentar como ocorre a determinação sócio-histórica ideológica na composição presente do sentido e dos sujeitos, como afirma Orlandi (2005b, p. 10), “ele objetiva explicitar os mecanismos de determinação histórica dos processos de significação”. Isto é, a partir da busca em entender como essas relações de sentidos entre os sujeitos se dão no discurso. Em Orlandi (2005a, p. 47), “o sentido é assim uma relação determinada do sujeito - afetado pela língua - com a história”. Isso acontece porque a língua não possui significado “cerrado” e sim como algo que perpassa na história e na ideologia, sendo isso a permissão da construção dos sujeitos e sentidos.

Conforme Orlandi (2005a, p. 15), “a Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso». Melhor dizendo, a língua enquanto sistema de regras, aspectos lexicais e linguísticos não possuem significado fechado, pois os sentidos vão muito além do que é exposto nos registros manuscritos. Dado que é composto por inúmeras ideias, visões de mundo e pensamentos permeados por um sujeito ou por um grupo de pessoas que é “influenciado” pelas condutas sociais, concebendo, pois, o texto enquanto realidade de suas práticas discursivas.

Assim, o objeto de estudo da AD é o próprio discurso. Consoante Fernandes (2007), o discurso nem é texto, nem é fala, nem é língua, mas precisa dos elementos linguísticos para sua existência se materializar, sendo esses materiais os responsáveis pelo discurso. Por isso, “a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (Orlandi, 2005a, p. 26).

Desse modo, convém lembrar que a AD surgiu na França, por volta da década de 1960, no século XX, como afirma Maingueneau (2014, p. 18), “a França foi um dos principais lugares de desenvolvimento da análise do discurso [...]”. Para Fernandes (2007), é uma disciplina transdisciplinar e sua constituição na linguística acontece a partir do entrecruzamento de vários saberes, que passa por três fases, sendo elas: AD1, AD2 e AD3.

A AD1 explora a noção de maquinaria discursiva, isto é, utiliza-se dessa metáfora para dizer que a produção discursiva é fechada sobre si mesma, nos quais os sujeitos discursivos são caracterizados pela

ilusão de serem a fonte do dizer, como afirma Pêcheux (1983). Além disso, afirma que “os sujeitos acreditam que «utilizam» seus discursos quando na verdade são seus «servos» assujeitados, seus «suportes” (1983, p. 311). Isso reforça o que foi dito sobre os indivíduos não serem o senhor do próprio dizer.

A AD2 é marcada pela publicação do livro de Michel Pêcheux, *Semântica e Discurso* (1975). Época de amadurecimento teórico a respeito dos conceitos articulados para desvendar essa linha. Segundo Pêcheux (1983, p. 314), “uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente «invadida» por elementos que vêm de outro lugar [...]”. Isso diz sobre a formação discursiva ser heterogênea e, por esse motivo, não ser mais fechada, por isso, a noção de maquinaria da outra fase já não reflete mais aqui, e sim os conceitos de sujeito discursivo, memória discursiva e a interdiscursividade presentes em Filosofia da Linguagem de Bakhtin. Essa fase passa, pois, a refletir sobre a própria AD enquanto procedimento de análise.

A AD3 desconstrói os conceitos da AD1 e os procedimentos de análise da AD2. Sendo assim, inova metodologicamente no tratamento do sujeito como cindido (consciente e inconsciente), polifônico, clivado e heterogêneo. Logo, o ponto que liga as três fases é justamente o sujeito não ser a fonte do seu dizer, definir-se sempre a partir da relação que possui com o outro.

De acordo com Brandão (2004), estudiosos do discurso como Benveniste e Harris foram primordiais para se constituir o que se tem contemporaneamente sobre a AD. Portanto, foi através de Michel Pêcheux que a AD teve progressão, a partir de bases teórico-metodológicas que o mesmo se preocupou em desenvolver em suas investigações.

3.2 ANÁLISE DO DISCURSO E CATEGORIAS DE ANÁLISE

3.2.1 Conceito de ideologia

Falar sobre ideologia é falar sobre um dos conceitos fundantes na AD de matriz francesa pecheutiana. No que concerne ao significado do termo ideologia, pode-se afirmar que tem sido amplamente discutido nas ciências sociais e tomado diversas nuances ao longo da história. No entanto, não se pode esquecer de que quem traz à tona a discussão desse conceito é o filósofo Karl Marx em seus estudos, abrindo espaço para uma ampla discussão a respeito do que vem a ser ideologia.

Portanto, é a partir de Marx que se tem vários autores trabalhando a concepção de ideologia sob perspectivas diversas, como assinala Konder (2002):

O que Marx fez com o seu conceito de ideologia foi justamente chamar a atenção dos seus contemporâneos (e das várias gerações que se seguiram, até os nossos dias) para uma questão de enorme importância e que talvez não comporte uma solução cabal e conclusiva, nem a curto, nem a médio prazo (Konder, 2002, p. 50).

No entanto, o conceito de ideologia para AD não é o mesmo fundamentado por Karl Marx. É, na verdade, um conceito construído a partir de Louis Althusser, que faz uma releitura do conceito de ideologia marxista. De acordo com Lima e Xavier (2017, p. 2), «fundamentalmente, apreende-se que a ideologia seria, grosso modo, um ‘falseamento’ da realidade concreta; uma ‘ilusão’ criada do produto do cérebro. Há um distanciamento, uma ‘distorção’ da realidade segundo aspecto defendido por Marx».

Enquanto, para Althusser, a ideologia não existe fora da realidade. Este, por sua vez, discorre sobre o conceito de uma ideologia geral, que se materializa na história, portanto, concreta. Como assinala Lima e Xavier (2017, p. 8), «para Althusser, os elementos da trama ideológica não são apenas interpretações sistêmicas de uma ‘teia de ideias’. Ela não fica no plano do ideal, do ‘espiritual’, do abstrato, mas sim, na ‘superfície’, no material, no concreto.»

É a partir de Michel Pêcheux e suas contribuições para AD (herança althusseriana) que o conceito de ideologia aparece na linguagem. De maneira que, para Pêcheux, a ideologia acompanha o sujeito antes mesmo de seu nascimento e está intimamente ligada ao discurso, pois, como aponta Orlandi, (2005a, p. 47), «[...] não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem Ideologia». Dessa forma, fica claro que, para entender o sentido de ideologia em Pêcheux, faz-se necessário compreender a noção de discurso que se insere no social, ou seja, na história. Como afirma Fernandes (2007, p. 24), «[...] ideologia é imprescindível para a noção de discurso, não apenas imprescindível, é inerente ao discurso».

A noção de discurso, para AD, está para além do sentido posto pelo dicionário. É o efeito de sentido que se dá entre seus interlocutores. Nesse aspecto, implica dizer que analisar o discurso envolve estudar

os sujeitos numa situação de fala. Maingueneau (2013) explica que o discurso só faz sentido e só pode ser interpretado se estiver dentro de um universo de vários outros discursos.

Uma outra característica atribuída à definição de discurso, de acordo com Fernandes (2007, p. 21), é que, «quando nos referimos a produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanes, conforme, geralmente, atestam os dicionários». Significa dizer que os discursos não possuem um sentido pronto e acabado, eles são produzidos pelos sujeitos em enunciação e estão relacionados com as condições socioideológicas destes.

Assim, conforme Orlandi (2005a, p. 15-16), «a primeira coisa a se observar é que a AD não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte da suas vidas [...]». Ou seja, o objeto de estudo da AD não é a linguagem em si, e sim, como o próprio nome indica, é o discurso, e este em relação com a história e com o social.

3.2.2 Formação discursiva

Um outro conceito de igual importância para a AD é a formação discursiva. De acordo com Fernandes (2007):

Refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicitar que cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica. (Fernandes, 2007, p. 64)

Isto significa que, a cada época e espaço social definidos, os seus enunciados devem ser interpretados de acordo com as suas condições de produção. Contudo, para assimilar a noção de formação discursiva, torna-se relevante retomar o conceito de ideologia, visto que são conceitos que estão interligados, pois a formação ideológica regula a formação discursiva.

Logo, os sentidos não existem em si, eles são determinados pela posição ideológica dos sujeitos, como pontua Orlandi (2005a, p. 43): “as formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja”. Assim sendo, é a ideologia quem produz determinado efeito de sentido, visto que as palavras não possuem sentido em si mesmas para a AD. O sentido está além do que está sendo dito, além do seu sentido literal, por assim dizer.

No entanto, Fernandes (2007, p. 54) afirma que «uma formação discursiva nunca é homogênea, é sempre constituída por diferentes discursos. Um mesmo tema, ao ser colocado em evidência, é objeto de conflitos, de tensão face às diferentes posições ocupadas por sujeitos que se opõem, se contestam». Isto é, todo discurso é marcado por diferentes discursos, por outras vozes que se entrecruzam, e por vezes, provocam embates de sentidos, se chocam.

Nesse aspecto, Pêcheux (1995, p. 160), em sua obra “semântica e discurso”, explica o sentido de formação discursiva como sendo “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)”. Isto posto, significa dizer que um determinado discurso não possui sentido em si mesmo, ele é determinado de acordo com a posição ou lugar de fala do sujeito.

Portanto, o conceito de formação discursiva procura mostrar como cada expressão possui seu lugar e suas regras de aparição em um dado momento e época específica na história e que se estabelece por meio das condições de produção de cada discurso. Mas, de acordo com Fernandes (2007, p. 58-59), “uma formação discursiva não se limita a uma época apenas; em seu interior encontramos elementos que tiveram existência em diferentes espaços sociais, em outros momentos históricos, mas que se fazem presentes sob novas condições de produção”.

3.2.3 Formação ideológica

Inicialmente, é preciso salientar que o conceito de formação ideológica está intimamente ligado à ideia de formação discursiva, que, por sua vez, também se relaciona com o sentido de ideologia, já

discutido aqui. Fiorin (2011, p. 22) diz que «uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que uma dada classe tem do mundo». Ou seja, compreende a forma de pensar que um determinado grupo de pessoas tem sobre o mundo, e que se materializa por meio da linguagem.

De acordo com Gadet e Hak (1997, p. 166), em sua introdução à obra de Michel Pêcheux, «cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem <individuais> nem <universais> mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras». Somos levados, assim, a nos colocar a questão da relação entre ideologia e discurso.» Isto posto, pode-se dizer que por causa dessa relação inseparável entre ideologia e discurso, as ideias e as representações não se dão fora do linguístico nem do social.

É com base em alguns escritos de Althusser que Michel Pêcheux discorre sobre a noção de luta ideológica de classes, como afirma Brandão (2004, p.46): «Essa concepção da instância ideológica, que vai permitir a Pêcheux chegar a representação do ‘exterior da língua’, é caudatária do trabalho de Althusser sobre as ideologias”. Assim, Pêcheux articula a ideia de um sujeito interpelado pela ideologia, sem que este tenha consciência disso, mas, pelo contrário, torna-se senhor do seu dizer.

Deste modo, Pêcheux (1995) diz o seguinte:

Colocar que o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante) mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (Pêcheux, 1995, p. 160)

Dito isto, podemos resumir essa tese da seguinte forma: o sentido de uma palavra não existe por si só, ele é determinado de acordo com a posição ideológica na qual o sujeito se inscreve historicamente.

Interdiscurso

Para uma definição inicial do conceito de interdiscurso, Fernandes (2007, p. 65-66) explica como sendo «a presença de

diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história, e de diferentes lugares sociais, entrelaçados no interior de uma formação discursiva”. Em outros termos, interdiscurso pode ser entendido como entrecruzamento de vários discursos que aparecem e desaparecem na história de acordo com as mudanças sociais que acontecem, formando assim, novos discursos.

Desse modo, o interdiscurso pode ser entendido como o movimento do discurso, já que o discurso, para Orlandi (2005a), é a língua em curso, em movimento. É aquele discurso que remete a outro. Na constituição de sentido de um discurso perpassa outros discursos.

De igual modo, Brandão (2004), ao interpretar a noção de interdiscurso desenvolvida por Maingueneau, afirma:

Neste sentido, um discurso nunca seria autônomo: como ele se remete sempre a outros discursos, suas condições de possibilidades semânticas se concretizam num espaço de trocas, mas jamais enquanto identidade fechada. A noção de FD implica, portanto, sua relação com o interdiscurso (...) (Brandão, 2004, p. 91)

Fica claro, portanto, que o conceito de discurso é indissociável à noção de interdiscurso, e, além disso, um discurso não possui uma homogeneidade, ao contrário, ele é heterogêneo, pois é afetado por outros dizeres. Logo, o discurso só recebe sentido quando é considerado no interior de um interdiscurso, que por sua vez, só pode ser interpretado quando se relaciona com vários outros discursos, afirma (Maingueneau, 2013).

Consideremos a seguinte ideia levantada por Pêcheux (1995, p. 162): “Toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas (...)”. Assim, pode-se afirmar que o interdiscurso é o “todo complexo com dominante” das formações discursivas, pois toda formação discursiva é definida a partir de seu interdiscurso.

Dessa forma, para Orlandi (2005a), o dizer não é algo propriamente particular, as palavras vão tomando significado pela história e pela língua. Por isso, que, para a AD, os discursos não são fixos, mas acompanham as transformações que acontecem no social. Conforme destaca Fiorin (2011):

Se um discurso cita outro discurso, ele não é um sistema fechado em si mesmo, mas é um lugar de trocas enunciativas, em que a história pode inscrever-se, uma vez que é um espaço conflitual e heterogêneo ou um espaço de reprodução. Um discurso pode aceitar, implícita ou explicitamente, outro discurso, pode rejeitá-lo, pode repeti-lo num tom irônico ou reverente. Por isso é que o discurso é o espaço da reprodução, do conflito ou da heterogeneidade. As relações interdiscursivas podem, assim, ser contratuais ou polêmicas. (Fiorin, 2011, p. 45)

Portanto, reiteramos que pensar a noção de interdiscurso é pensar como o discurso funciona, e este em relação com o sujeito que se posiciona ideologicamente, gerando posições divergentes.

4. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DAS PERSONAGENS NO FILME

O filme “O milagre” conta o caso de Anna O’ Donnell, uma jovem de 11 anos que mora em um pequeno vilarejo na Irlanda. Anna é conhecida por estar há quatro meses sem comer e é considerada santa, tanto por sua família quanto pelas pessoas que moram no vilarejo. Por causa disso, a história da garota acabou chamando atenção de um grupo de homens, entre eles, religiosos e cientistas que convocaram uma enfermeira e uma freira para observar a menina por alguns dias e descobrir se ela realmente não estava se alimentando ou estava sendo alimentada escondida por algum integrante da família.

A enfermeira Lib Wright acaba descobrindo que a mãe da menina a alimentava através de um beijo noturno ou diurno. Assim, semelhante aos pássaros, a mãe da menina passava a comida para a filha pela boca na hora do beijo. Depois que a enfermeira descobre essa “farsa” resolve deixar a menina sem ter contato com a família por alguns dias. O que acaba deixando-a debilitada, pois a garota se recusa a comer, fazendo um jejum, que é uma forma de penitência que demonstra arrependimento pelos erros cometidos. No fim, a enfermeira que se apegou maternalmente à garota, forja a morte da adolescente e assim “morre” Anna e “nasce” Nan.

O filme “O Milagre” não surgiu sem nenhum pretexto, mas sim, em um período conturbado, em que as pessoas se

encontravam em um ambiente rodeado de fome, miséria e pragas. A narrativa se passa na Irlanda alguns anos após a crise das batatas, em um momento de crise chamada de a grande fome, que foi justamente quando a colheita de batatas (principal alimento dos irlandeses) fracassou, o que gerou grande fome em uma considerável parte da população. Consequentemente, matando milhares de pessoas e fazendo com que a região sofresse com a colonização. Sem contar que, havia ainda preços absurdos impostos pelo governo da época, onde muitos grupos se obrigavam a deixar a sua localidade em busca de alimentos e de uma vida melhor. Sendo assim, o movimento no século XIX significou deslocamento, ruptura e trauma na Irlanda. Associado, pois, à fome, ao latifundiário britânico e ao desemprego. A emigração foi, de fato, o trauma nacional, Fagan (2003).

Durante o século XIX também ocorreu o fenômeno das garotas que ficavam em jejum, ou seja, que não se alimentavam, meninas ficavam doentes. Após melhorarem, não queriam se alimentar, e a família se aproveitava disso as tornando celebridades divinas, pois o único “alimento” que as sustentavam era a fé em Deus. O que acontecia era que mesmo com os jejuns prolongados as meninas continuavam saudáveis, causando assim desconfiança em algumas pessoas, pois um jejum prolongado pode acarretar inúmeros malefícios para o corpo.

Os riscos mais graves do jejum intermitente ocorre caso a prática esteja sendo realizada em uma frequência muito elevada, ou se for feita por muitos dias consecutivos, podendo levar à desnutrição, susceptibilidade a doenças infecciosas e distúrbios alimentares (Horne; Muhlestein; Anderson, 2015).

Foi devido a esse acontecimento que começaram as investigações tanto com enfermeiras na parte científica, quanto com as freiras, pela parte religiosa, para tentarem descobrir do que realmente se tratava esse fenômeno, considerado sobrenatural.

Em 1862 a religião que predominava na Irlanda era o catolicismo, na qual quem pecasse contra Jesus Cristo deveria rezar todos os dias, ou até mesmo pagar penitências, rezar de joelhos, abdicar de algo e fazer jejuns religiosos rigorosos, tudo isso para redimir-se de seus pecados contra a castidade.

Toda história do mundo, pelo contrário, dimana da lei imposta ao nosso primeiro Pai. Ao seu alcance pôs Deus a ciência que não podia recusar-lha, dando ao homem inteligência e liberdade; prediz-lhe, porém, que se quiser saber demais, o conhecimento das coisas será morto para ele e sua descendência. (Chateaubriand, s.d., p.72)

A citação acima pode ser entendida pelo fato das pessoas nasceram para viver e morrer puras, e se por acaso isso não acontecesse, elas não teriam a salvação e não viveriam a vida eterna ao lado de Deus, o criador. Assim como Adão e Eva que além de serem expulsos do jardim, tiveram que pagar suas penitências. Eva, com a dor do parto. Adão, teria que plantar e colher sua própria comida. Ambos sentiriam a dor da morte.

4.1 ANÁLISE

Nesta seção faremos a análise do *corpus*, que se constitui de discursos em conteúdos de sentidos, materializados nos diálogos entre personagens no filme “O Milagre”. Nesse caso, os recortes das cenas selecionadas nortearão toda a análise do artigo posta em discussão. Nessa perspectiva, busca-se transcrever as falas das personagens para melhor entendimento no momento da exploração do recorte e, também, das categorias de análise, postas em evidência durante todo o percurso introdutório da pesquisa. Sendo assim, seguem abaixo os fragmentos contextualizados no que se relaciona à caracterização e à delimitação do *corpus* em abordagem.

Excerto 1: Diálogo entre Lib e o comitê a respeito da menina de apenas 11 anos, que está sem comer há quatro meses.





Fonte: Print de tela do filme “O Milagre” (2022), exibido pela Netflix.

LIB (enfermeira): Senhores, posso perguntar? O que exatamente tem de errado com a menina?

MÉDICO: Não há nada

LIB (enfermeira): Muito bem, então retornarei a meu posto na Inglaterra.

MÉDICO: Anna O'Donnell não come.

LIB (enfermeira): Se um paciente se recusa a comer no hospital, nós usamos a força.

MÉDICO: A menina não deve ser forçada.

Membro do comitê: Nem interrogada ou atormentada.

Membro do comitê: Mas, ela também não deve ter a comida negada, caso ela peça.

Membro do comitê: A menina vive milagrosamente sem comida desde que completou 11 anos.

Membro do comitê: Ela não conseguiu isso milagrosamente. (tom irônico)

MÉDICO: O objetivo da vigilância é determinar exatamente como Anna O'Donnell sobreviveu sem comida.

LIB (enfermeira): Então, quer que a observemos?

MÉDICO: Sim.

MÉDICO: Estamos propondo turnos de oito horas, alternando às cinco da manhã, uma da tarde e nove da noite.

MÉDICO: Você concorda com esses horários?

MÉDICO: E vocês duas não devem se comunicar.

No 14º dia, ambas apresentarão o depoimento separadamente.

LIB (enfermeira): Faz quanto tempo desde a última vez que a menina comeu?

Quatro meses.

LIB (enfermeira): Isso é impossível.

Nesse excerto, pode-se observar a presença do discurso científico e religioso, uma vez que a enfermeira (Lib) se encontra diante do comitê local junto com a freira, os médicos e religiosos para saber se o caso “misterioso” da menina Anna é um milagre ou uma comprovação científica. Além disso, tanto Lib quanto a freira terão a mesma missão, analisar separadamente o caso da garota. Nesse viés, a disputa de discursos entre essas duas personagens não acontecerá, tendo em vista que durante a investigação as duas não podem trocar ideias, sendo isso uma das regras existentes na trama. A maneira como acontece esse discurso é muito relevante, dado que já demonstra os posicionamentos representados pelas formações discursivas em conflito de ser ou não um prodígio.

A partir do diálogo representado percebe-se que a enfermeira demonstra ser cética no que diz respeito à situação de Anna que não se alimenta há vários meses. Por esta razão, ela vê isso como algo fora da realidade, sem lógica, pois nenhum ser humano é capaz de sobreviver sem comer durante tanto tempo.

Excerto 2: Diálogo entre Lib e Kitty a respeito da última alimentação de Anna.



Fonte: Print de tela do filme “O Milagre” (2022), exibido pela Netflix.

LIB (enfermeira): Kitty, qual foi a última coisa que Anna comeu? Você lembra?

KITTY: A carne do nosso salvador...ah... no aniversário e a Primeira Comunhão foram no mesmo dia.

KITTY: Um dia abençoado!

LIB (enfermeira): Então, foi só água e trigo.

KITTY: Não senhora, não foi só água e trigo. Foi o corpo e o sangue de Cristo.

LIB (enfermeira): Isso é uma história Kitty. Estou buscando os fatos.

KITTY: Me desculpe... Eu não...

Diante desse excerto, é possível destacar através das falas das personagens (Lib e Kitty) a predominância da formação discursiva, ambas com concepções distintas. Por um ângulo há o discurso a favor da religião, já por outro há o discurso movido pela razão. Levando em consideração o diálogo em contenda, é visível o dogmatismo discursivizado por Kitty (irmã de Anna) ao responder Lib e dizer que O'Donnell se alimentou pela última vez com carne de Jesus Cristo, logo, percebe-se aqui, a formação ideológica religiosa enraizada na fala da personagem.

Observa-se, nos diálogos que se seguem entre as personagens, que Lib desconstrói toda essa formação discursiva de Kitty ao adicionar à sua fala o que realmente a garota ingeriu, “água e trigo”. Assim, fica evidente a exteriorização do confronto de sentidos entre as personagens, quando Kitty contrapõe a fala da enfermeira sobre não ter sido apenas uma história, e sim, o corpo e sangue de Cristo que move e dá vida a menina.

Logo, a partir do dito, é notório a crença religiosa por parte de Kitty, e por Lib, a credibilidade na ciência, ao afirmar que procura fatos reais e não histórias. Além disso, o tempo que elas passam dialogando, Lib se encontra com um caderno de anotações e escreve tudo o que achar relevante para o relatório a respeito do caso em investigação. Analisar elementos como esse só é possível graças ao recurso visual. Portanto, vale ressaltar o termo “história” como sendo de grande relevância para a AD, pois os discursos, para Fernandes (2007), acontecem no social, no qual os sujeitos entram em divergências.

Excerto 3: Diálogo entre Lib e Anna O'Donnell a respeito do jejum intensificado.



Fonte: Print de tela do filme “O Milagre” (2022), exibido pela Netflix.

LIB (enfermeira): Conhece os riscos do jejum prolongado, Anna?

ANNA: Eu não preciso comer

ANNA: Eu vivi de maná... do céu.

LIB (enfermeira): E como se sente?

ANNA: Satisfeita.

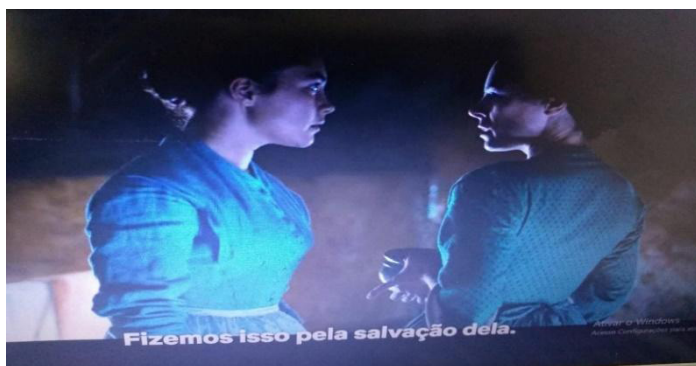
Nesse excerto constata-se o discurso religioso em que Anna O'Donnell é induzida, ou interpelada, ao afirmar a protagonista que não precisa comer porque já se alimenta do maná do céu (crença bíblica segundo a qual a comida vinha do céu, trazida por passarinhos ou gafanhotos para as pessoas que passavam fome em Israel). Ou seja, é impelida pela ideologia da sua mãe Rosaleen e do seu pai Malachy, que, por sua vez, afeta a sua vida completamente.

Primeiro, por culpar a filha mais nova pela morte do irmão, e por isso ter que pagar o seu pecado por meio de um jejum “eterno”, para, assim, não queimar no fogo do inferno. Logo, é possível observar a formação ideológica relacionada ao discurso religioso, no que gera todo um duelo em relação à Anna, dominada, pois, pela formação discursiva por não conseguir se desvincular do que lhe foi imposto. Esse maná do céu era, na verdade, o beijo que a mãe dava rotineiramente quando acordava e antes de dormir (todas as noites), possivelmente passava a comida pelo beijo maternal, de boca a boca.

Em análise, pode-se constatar, também, o fato de Anna não comer e mesmo assim ter um ótimo semblante e demonstrar satisfação. Esse era o motivo da atitude de Lib não permitir que a mãe se despedisse da filha antes de dormir, tendo em vista que a alimentava a partir de atos como esse. Além disso, a protagonista se incomodava com as muitas visitas que a criança recebia, pois atrapalhava sua vigilância e pensava que havia alguma farsa por trás de tudo isso. Foi só ela proibir essas visitas que a menina começou a regredir na saúde.

Fica claro, portanto, que havia uma farsa diante de todo o caso, uma vez que a garota era alimentada e, só por essa razão, aparentava ser uma pessoa saudável.

Excerto 4: Diálogo entre a mãe de Anna O'Donnell e a enfermeira sobre o definhamento da garota.



Fonte: Print de tela do filme “O Milagre” (2022), exibido pela Netflix.

LIB: Ela está morrendo.

ROSALEEN: Ela foi escolhida.

LIB: Ela não foi escolhida. Ela é uma criança.

ROSALEEN: Você não nos conhece.

LIB: Espere.

Certamente isso é verdade em muitos aspectos.

E certamente há muito que não entendo sobre sua vida.

Mas eu conheço o luto e a dor da perda. E conheço bem a dor de perder um filho.

ROSALEEN: Eu não...

LIB: Você abandonou a Anna Lara a morte quando podia ter evitado, e isso é horrível.

ROSALEEN: Fizemos isso pela salvação dela.

LIB: Podia voltar a dar beijos de boa noite nela. Ou de bom dia.

- Ou de adeus

ROSALEEN: Esta vida é muito curta, Sra. Wright.
A próxima é eterna.

Meus filhos irão para o Céu.

Nessa cena, podemos destacar os embates de sentidos que há nas falas das personagens Lib (enfermeira) e Rosalleen (mãe de Anna O'Donnell). Quando a enfermeira pede que a mãe de Anna O'Donnell volte a alimentar a garota para que ela não morra. A mãe, interpela dizendo que a filha foi escolhida e que a vida eterna a espera, pois esta é passageira.

Nesse sentido, umas das categorias de análise que aparece é a formação discursiva, pois em consonância com Fiorin (2011, p. 22) “essa formação discursiva é ensinada a cada um dos membros de uma sociedade ao longo do processo de aprendizagem linguística. É com essa formação discursiva assimilada que o homem constrói seus discursos, que ele reage linguisticamente aos acontecimentos.”

Assim sendo, quando Rosalleen é interpelada por Lib, para que esta volte a alimentar sua filha, Rosalleen não atende ao que a enfermeira pede, porque de acordo com aquilo que lhe foi imposto, o adequado é que sua filha fique sem comer. Nesse caso, destaca-se também a formação ideológica presente no posicionamento da mãe de Anna. «Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo», assevera Fiorin (2011, p.22).

Além disso, podemos destacar também no discurso da enfermeira Lib a presença de mais de uma formação discursiva, pois uma FD não se constitui em um espaço totalmente fechado, ela pode abrigar em seu interior uma ou mais FDs (Pêcheux *apud* Fernandes, 2007). Logo, a enfermeira em seu discurso toma o posicionamento científico e também maternal, ao ser sensível aos sentimentos de Rosalleen.

Excerto 5: Diálogo entre William Byrne e Anna O'Donnell a respeito do assujeitamento ideológico que ela vive.



Fonte: Print de tela do filme “O Milagre” (2022), exibido pela Netflix.

WILLIAM BYRNE: Tome

ANNA: O que é isso?

WILLIAM BYRNE: Se chama taumatrópio. Tem que puxar a cordinha entre o polegar e o indicador.

ANNA: Está preso ou está livre?

WILLIAM BYRNE: Isso é você quem decide.

ANNA: Lado de dentro, lado de fora...

Essa passagem, denota, pois, o assujeitamento ideológico de Anna O'Donnell ao receber do jornalista Byrne (contrerrâneo de Lib) um taumatrópio. Esse objeto pode simbolizar a criança assujeitada que é Anna, como também sua própria irmã Kitty, pois ambas são influenciadas “febrilmente” pela dominação histórica e ideológica de sua família, em especial, da mãe. Logo, essa cena subscreve a formação ideológica em que vive a personagem, Ana O'Donnell, pois esta se encontra naquilo que Pêcheux descreve como o sujeito que é interpelado pela ideologia, um sujeito inconsciente, mas que pensa ser o senhor da sua vontade, do seu dizer.

Nesse viés, entra em destaque o acontecimento da suposta “morte” da garota, em que todos pensaram que ela havia falecido após ter “pegado” fogo a casa do vilarejo, causa essa de grande milagre, já que não restou nem os ossos da garota. Porém, isso foi apenas uma estratégia que a enfermeira teve para iludir Anna, para que esta “morresse” e “ressuscitasse” como um novo ser, livre de todas as “prisões” que lhe cercaram como o vilarejo, passado, família e dela mesma, de todos os sentidos comuns que a sugaram. Portanto, é perceptível que o discurso do jornalista foi essencial para ajudar Lib a desvendar e a criar sua própria narrativa. Aqui, entra, pois, a ideia do interdiscurso ao referir-se às duas possibilidades de Anna se desvincular dos assujeitamentos induzidos por sua mãe especificamente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos através da análise e recortes das cenas do filme «O Milagre», bem como a contribuição dos estudiosos supracitados neste trabalho, evidencia-se que o presente texto leva o leitor a refletir sobre a relevância da Análise do discurso para o contexto atual, em que, frequentemente, percebe-se os embates de sentidos, provocados pelas posições ideológicas dos sujeitos na sociedade.

Por isso, nossa tarefa se restringiu a elencar, durante todo o percurso, aspectos basilares da AD Francesa, mais precisamente de linha pecheutiana e alguns conceitos e postulados mais relevantes, para a análise dos discursos do filme «O Milagre» presente na plataforma de streaming, Netflix. E com isso, evidenciar o posicionamento ideológico assumido pelos personagens e como estes entram em contraste entre si.

Assim sendo, buscamos averiguar as contendas de sentidos que se dão entre os personagens e sobre qual narrativa se sobressai. Para isso, utilizamos as categorias de análise: ideologia, formação discursiva, formação ideológica e interdiscurso, que permeiam os discursos exteriorizados pelas personagens.

Vale mencionar, portanto, que a narrativa gira em torno do milagre e acaba dando evidência a um suposto milagre para o pessoal do vilarejo, dado que, para todas as pessoas, menos Lib e o jornalista, a menina Anna morreu e isso configurou-se como um milagre pelo fato de não ter ficado nenhum resíduo de seu corpo. Logo, o sentido que o filme transmite é a contradição dos valores e princípios cristãos de uma família que carrega consigo um grande excesso de fanatismo religioso.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, H. **Introdução à Análise do discurso**. – 2º ed. rev. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

CHATEAUBRIAND, R. **O gênio do cristianismo**. São Paulo: W. M. Jackson Editores, s.d.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2011.

FAGAN, G. Honor. Globalised Ireland, or, contemporary transformations of national identity? In: COULTER, Colin; COLEMAN, Steve (Orgs.). *The end of Irish history? critical reflections on the Celtic Tiger*. New York: Manchester University Press, p. 110-121, 2003.

HORNE, B.D, MUHLESTEIN, J.B.; ANDERSON, J. **Health effects of intermittent fasting: hormesis or harm? A systematic review**. The American Journal of Clinical Nutrition, v.102, n.2, p. 464-70, 2015

KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LIMA, J; XAVIER, G. **A questão da ideologia em Karl Marx e Louis Althusser**. Revista ESPACIOS. Derechos Reservados. Vol. 38 (Nº 23), 2017.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. – 6. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti, - 1 ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 5ª. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005a.

ORLANDI, E. P. **Estudos da Lingua(gem). Michel Pêcheux e a Análise de Discurso** - Vitória da Conquista, n. 1, p. 9-13, junho de 2005b.

PÊCHEUX, M. A Análise de Discurso: Três épocas (1983). In: GADET; HAK. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. — Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. Ed. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1995.

SILVA, J. C; ARAÚJO, A. D. A metodologia de pesquisa em análise do discurso. **Grau Zero - Revista de Crítica Cultural**, 2017.

SOARES, A. S. F. **O discurso jornalístico e seus rituais**. Revista ECO-PÓS, v. 10, n. 2, jul/dez, 2007.

A CARNAVALIZAÇÃO NOS GÊNEROS POÉTICOS NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS

Maria Elenimar Bezerra (UERN)

mariaelenimar@outlook.com

Ciro Leandro C. da Fonsêca (UERN)

Ciro.leandorn@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Originária do termo carnaval, pois compactua com a ideia desse espetáculo em virtude da inexistência de regras, subversão de ordens e hierarquias dominantes, isto é, a liberdade de desviar do que é comum, mesmo que momentânea, a carnavalização pode acontecer em diversos contextos, desde que haja inclusão de todos os sujeitos como participantes e, conseqüentemente, estejam no mesmo nível de igualdade. Sobre isso, Theodoro (2012, p. 32) afirma: “Ao colocar todas as pessoas e coisas em um estado de igualdade, o carnaval possibilita que o pobre se iguale ao rico, o pagão seja igual ao beato, que o plebeu esteja no mesmo patamar que o rei.”

Logo, essa liberdade dos homens de qualquer imposição do maior, daquele que está no patamar mais elevado, permite uma reflexão sobre as condições desiguais em que o povo vive. E falar do ato de refletir, remete a ideia que, para alguns indivíduos, irão precisar da ação do outro como forma de despertar para o que ainda não conseguiram enxergar, mesmo presenciando constantemente atitudes humilhantes e grosseiras no meio no qual estão inseridos. Assim, o contexto escolar torna-se propício nesse sentido, pois, se, por um lado, os alunos são convidados a participar das discussões dos textos em sala de aula, correlacionando com exemplos cotidianos, por outro lado, algumas leituras, por sua vez, não parecem estar relacionando, nos textos discutidos, temáticas do interesse deles que, de fato, sirvam para despertar a criticidade diante dos problemas sociais.

O livro didático constitui o principal recurso utilizado em sala de aula, desse modo, não pode ser descartado das aulas, pelo contrário, ele deve fazer parte delas, visto que qualquer outro recurso deverá

ser utilizado se estiver condizente com a proposta pedagógica adotada no livro escolhido pelo professor. Dantas (2017, p. 76) afirma que “ muitas vezes é o único instrumento de acesso à leitura que o aluno tem; por ser um elo, e porque não o maior, entre o professor e o aluno, entre a escola e o aluno, entre o aluno e o conhecimento e entre o aluno e o mundo da vida. ”

Dessa forma, por ser um suporte para os diversos gêneros, dentre eles os poéticos, o docente ao escolhê-lo deverá realizar uma análise minuciosa a respeito do que aborda. A entronização de textos da cultura da praça pública, do mundo da vida, é uma forma de introduzir a carnavalização, mostrando que há muito além do que se ensina no oposto desse: o mundo da teoria, das regras, da cultura erudita. Assim, decidimos **analisar o processo de carnavalização nos gêneros poéticos no livro didático de Português “Se liga na língua”, 9º ano, do fundamental II**. Para isso, analisamos dois gêneros poéticos: o primeiro, Minha Rapunzel tem *dread* e, o segundo, O boi zebu e as formigas, ambos retirados do material didático do referido ano. Para esta análise, tomamos como principais bases teóricas relacionadas à carnavalização afro-brasileira e gêneros poéticos e carnavalização, como veremos a partir do subitem 2.

2. A CARNAVALIZAÇÃO AFRO-BRASILEIRA

Resgatar o legado de luta e resistência do povo negro através do ato de se expressar, sempre, incomodou a quem pretendia silenciar e apagar os heróis da nação negra da história oficial. Por meio dos rastros dessa história silenciada, percebe-se, mediante os sujeitos comprometidos “de dizer o que nunca foi possível ser dito” (GONÇALVES, 2021, p. 49), que foram muitas perversidades contra a população negra: racismo, exclusão, punições, surras, mortes, corpos violados e tocados, no caso das mulheres, dentre outras práticas de crueldade. Assim, essas marcas indeléveis de degradação e humilhação são dores históricas e, que, segundo Evaristo (2013, p. 108), há necessidade de “pôr tudo para fora, porém como, como?”

Nesse contexto, por intermédio de Mikhail Bakhtin, atendendo a uma das terminologias do círculo: a carnavalização, foi possível, de certa forma, falar o indizível, daquilo que não se podia mencionar, falar em virtude de causar incômodo a alguém. Através dos textos *Problemas da poética Dostoiévski* (1997) e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1993), esse autor defende o carnaval como uma festa popular, em

que há uma subversão as ordens e hierarquias dominantes, ou seja, o que era proibido, o que não se podia falar ou fazer, naquele momento passava a ser permitido, “ainda que temporariamente” (SILVEIRA e AXT, 2015, p. 182).

O carnaval é um evento festivo em que todos se igualam, todos comemoram; enfim, há o descumprimento de todo tipo de hierarquia, conseguindo reunir soberano e plebeu, rico e pobre, sagrado e profano, belo e grotesco, sábio e tolo. Para Bakhtin (1993, p. 14), “um tipo especial de comunicação ao mesmo tempo ideal e real entre as pessoas, impossível de se estabelecer na vida ordinária”. Dessa forma, só é permitida a comunicação em virtude dessa abertura, uma vez que na vida habitual, ditada por regras, etiquetas e hierarquias, não seria exequível.

Na concepção de Theodoro (2012, p. 32), o carnaval possibilita “o desnudamento e a quebra das ideologias dominantes”, isto é, tudo que estava coberto, impossibilitado de ser revelado e discutido em uma sociedade que adota o ideal com base em determinadas doutrinas, agora, haverá uma recusa de dogmatismos. Essa autora ainda vai mais além quando diz:

[...] através das práticas revisionistas e dessa carnavalização nada absolutista, tanto os contos literários como os filmicos transgridem as fronteiras pré-estabelecidas de gêneros, além de provocarem questionamentos acerca da forma como é retratada a condição das mulheres, os padrões de beleza e, inclusive, étnico-raciais. (THEODORO, 2012, p. 32).

Dessa forma, a carnavalização, termo carregado de significação, proveniente do vocábulo carnaval, veio para quebrar padrões ou regras, sejam sociais, morais, ideológicas) em favor de uma inserção de tudo que era excluído, rejeitado, injusto, sério do ponto de vista da hegemonia. Então, a partir da citação, é importante destacar a palavra “inclusive”, em virtude de dar ênfase às questões étnico-raciais que, por sua vez, é tão necessário abordar situações dessa natureza, principalmente, quando interligadas ao contexto feminino.

Durante séculos, a população negra teve sua voz silenciada devido aos mandos e desmandos da classe dominante. No entanto, com o surgimento da carnavalização, houve aprofundamento e continuação de ideias transformadoras em relação àquelas impostas no imaginário do social do Brasil, mesmo que momentaneamente, em que foi possível retirar o negro da “lata de lixo da sociedade brasileira,

pois assim determina a lógica da dominação” (GONZALEZ, 2018, p. 193). Sobre isso, Gonçalves (2021) aborda que quem é comprometido em transformar o silêncio em linguagem e em ação está comprometido em transformar a língua do colonizador em uma língua capaz de dizer o indizível, ou seja, o que nunca fora dito, caracterizando a língua como um espaço de luta.

Vale destacar o papel do sujeito feminino nessa luta, pois através da palavra é possível amenizar o sofrimento desse sujeito, é como se fosse um espaço de cura, já que foram muitas dores escondidas, silenciadas. A forma como as mulheres negras são tratadas, ainda, na sociedade brasileira é advinda de estereótipos enraizados no contexto histórico brasileiro: mulher negra sendo escravizada, mulher negra sendo representada como objeto, mulher negra serviçal fiel e submissa, mulher negra desprovida de arquétipos positivos, mulher negra com papéis inferiores quando comparados aos de hegemonia branca, dentre outros. Porém, a literatura contribuiu e ainda contribui para a elevação negra no meio social através de um olhar, de uma descrição de algo, principalmente se for um olhar negro feminino, em que “busca escrever e inscrever a memória do povo negro pelo olhar de dentro; um olhar que recusa as omissões que a sociedade brasileira impõe e ainda impõem a população afro-brasileira” (FIGUEIREDO, 2012, p. 105).

Nesse contexto, há uma melhor descrição a partir do sujeito que viveceu ou que está inserido em um determinado grupo e, dessa maneira, tem consciência de determinada situação. A respeito disso, Karen afirma:

Cristiane Sobral subverte os discursos hegemônicos, por meio de uma linguagem ácida e provocativa, conduzindo o leitor à revisitação do passado e instigando-o à percepção de contextos socioculturais que transgridem os versos por ela delineados. Ao fazê-lo, a poeta privilegia o ponto de vista feminino negro, conferindo visibilidade à sua palavra, corpo e prazer, que outrora foram negligenciados. (KAREN, 2021, p. 110).

Assim, percebe-se, por parte de Cristiane Sobral, um domínio da palavra diante do que se dedica a atuar, envolvendo-se com temas sociais, especificamente, interligada à cultura afro-brasileira da qual está inserida. Para isso, faz uso da carnavalização, pois permite entronizar os dominados e destronar os dominantes. Karen (2021, p. 110) acrescenta: “a poesia tem subvertido o silenciamento ao

constituir-se como uma forma de transgressão e resistência, contra a predominância canônica, contra invisibilidade, o preconceito, o estereótipo e as concepções racistas cristalizadas.” Dessa forma, a carnavalização por ser intrínseca a cultura popular desde a Idade Média, oportuniza a aplicabilidade dos gêneros poéticos em sala de aula.

3. GÊNEROS POÉTICOS E CARNAVALIZAÇÃO

A arte de fazer versos é uma das formas mais expressivas de os sujeitos colocarem para fora o que, realmente, estão sentindo. Esse dizer envolve ideias, pensamentos, emoções e, inerente a eles, vem a reflexão. Tudo isso a partir de fatos históricos e da vida em sociedade situados em um dado período da história. Assim, de acordo com Octavio Paz (2012, p. 191) “o poema, ser de palavras, vai além das palavras, e a história não esgota o sentido do poema; porém o poema não teria sentido – nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta”. Dessa forma, percebe-se uma relação recíproca entre esse gênero e a história, ou seja, baseia-se em fatos sociais na construção dos dizeres e, concomitantemente, devolve-os, através da materialidade linguística, para aquele espaço com o intuito de propor uma reflexão crítica entre os integrantes daquele meio. Nesse sentido, Bakhtin percebe

o texto como reflexo subjetivo de um mundo objetivo. O texto é a expressão de uma consciência que reflete algo. Quando o texto se torna objeto de cognição, podemos falar do reflexo de um reflexo. A compreensão de um texto é precisamente o reflexo exato do reflexo. Através do reflexo do outro, chega-se ao objeto refletido. (BAKHTIN, 1997, p. 340-341).

Diante da citação acima, nota-se que o ato de se expressar acontece a partir de fatos constituintes daquele meio que foram observados e, sendo assim, a arte se espelha nesses acontecimentos para refletir diante do que já foi refletido, agora, chamado reflexo exato do reflexo. À vista disso, a carnavalização constitui nessa liberdade de expor um pensamento, momentâneo, mesmo que seja avesso às hierarquias sociais. Cristiane Sobral comenta que

a literatura precisa tocar o leitor, então eu persigo esse objetivo. [...] A palavra para mim tem o sentido de instigar, gerar, é diabólica, já que o sentido de “diabólico” é o que transforma a ordem sem fazer

desordem. Creio na palavra como aquela que traz o caos e, ao mesmo tempo, reinventas nossas vidas. (SOBRAL, 2017, p. 118).

Isto posto, percebe-se que há ideias que remetem ao termo carnavalização, como por exemplo: “[...] transforma a ordem sem fazer desordem. Creio na palavra como aquela que traz o caos [...]”, subentendendo-se que na literatura é possível a subversividade daquilo que antes era visto como insubversivo, no entanto, por ser temporariamente, não causará desordem, mesmo que abale a hegemonia. Para Bakhtin, o romance é o fenômeno literário mais notável quando se refere a carnavalização na literatura. Não obstante, Sacramento acrescenta “[...] elas [*as ideias*] elucidam na análise de produtos culturais que toam o rebaixamento, a inversão, o inacabamento, a ambivalência, a paródia, o corpo grotesco e sua regeneração como forma de crítica à sociedade moderna.” (SACRAMENTO, 2014, p. 159). Assim, especifica aspectos que podem se enquadrar em análises, principalmente, se houver crítica. Nesse sentido, a criticidade constitui um fator importante quando aliada a esses aspectos. Sobre a relação entre textos, Theodoro afirma que

[...] a intertextualidade se relaciona com literatura, pois os textos que lemos acessam e remetem de algum modo a outros textos. Porém, a relação provocada pela intertextualidade nunca é uma menção apenas, ela é antes constituída da possibilidade de um olhar crítico ou ainda “com uma nova voz”, que procura proporcionar ao novo texto outras ideias e sentidos. (2012, p. 86).

A partir da afirmação da teórica acima citada, a relação entre textos contribui para a compreensão da carnavalização na arte de fazer versos, uma vez que ao referir-se a esse modo de abordar as questões hierarquizantes de forma engraçada, traz o viés crítico e, assim, possibilita o reconhecimento da inversão carnavalesca.

Vale destacar o conceito de paródia, uma forma de intertexto, em que é possível brincar com as ideologias dominantes. Isso acontece quando há uma repetição ao que foi dito de uma maneira diferente, dialogando com a obra parodiada, no entanto, irá abordar um ponto de vista diferente daquele discutido na obra original, pois os contextos, agora, são distintos. A respeito dessa conexão: obra parodiada versus nova obra, Theodoro (2012, p. 87) complementa que “a paródia está vinculada às teorias pós-modernas, pois ela faz um movimento duplo de aproximar e afastar a obra parodiada”. Aproxima, quando se reporta a ideias contidas no texto original e

afasta, quando possibilita uma nova visão, um novo significado para o que se pretende discutir, isto é, rompe com o que era de costume, habitual, comum e acata, abertamente, o inusitado, o incomum. Então, as misturas, as ambiguidades irão caracterizar o processo denominado carnavalização, segundo Paulino (2005).

Outro aspecto que também pode ser abordado, no contexto carnavalesco, e, conseqüentemente, analisado é o protótipo infância, em que é possível perceber “uma imagem de criança idealizada e universal” (SCOTTON, 2004, p. 1). Assim, essa representação da criança, obedecendo ao padrão imposto pela sociedade, costuma ser evidenciado através de ações cotidianas que a mesma se depara, inclusive, no contexto escolar: seja em uma leitura de um conto de fada, em que a princesa é igual em todas as histórias, adotando o protótipo que já foi estabelecido: branca, loira, magra, alta, cabelo comprido liso ou pouco cacheado, usa vestido longo; seja em uma apresentação teatral, em que os alunos reproduzem as cenas das histórias clássicas. Dessa forma, os alunos irão incorporar o/a personagem de acordo com as características de cada um. Caso necessitem de alunos para representar o papel de um príncipe e de uma princesa, irão direcionar para aquele e aquela criança dita “bonita”, ou seja, que atende às exigências impostas pelo padrão de beleza na sociedade.

Disso decorre o pensamento que a criança é ingênua, mas que, de fato, não é; ela pode adquirir traumas ao vivenciar determinadas situações. Para Davis (2017, p. 95), “ as crianças sofrem tanto e, às vezes, muito mais do que aquelas pessoas entre nós que sentem ser suas vítimas mais profundamente atingidas. ” Logo, se a escola constitui um espaço de socialização entre todos, assim, deverá ressignificar os conteúdos, caso necessitem, como também, realizar as escolhas de livros didáticos numa perspectiva inclusiva e crítica. Isto posto, vale a pena analisar os textos contidos no material didático de Português.

4. A CARNAVALIZAÇÃO NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS: ANÁLISE DE GÊNEROS POÉTICOS

Nesta seção, buscamos analisar o aspecto carnavalesco nos gêneros textuais poéticos no livro didático de Português, observando a presença da carnavalização, a elevação da voz dos pequenos e o apagamento da voz dos grandes. Para isso, foram selecionados dois textos poéticos do material didático produzido pela editora Moderna: “Se liga na língua”. O primeiro, “Minha Rapunzel tem *dread*”, e, o segundo, “O boi zebu e as formigas”, ambos retirados do material didático do 9º ano. Iniciaremos com o gênero poético Minha Rapunzel tem *dread*.

4.1 MINHA RAPUNZEL TEM DREAD

O primeiro gênero, a composição do rap em poema, composto de sete estrofes, baseou-se na história do conto de fadas “Rapunzel” para repassar uma nova mensagem, dessa forma, diferente do conto tradicional, em que foi possível subverter significados cristalizados pela sociedade. Vejamos o texto:

A seguir, você lerá o rap “Minha Rapunzel tem dread”, da jovem rapper paulista MC Soffia.

Leitura 2

Minha Rapunzel tem dread

Num conto de fadas, a Rapunzel joga suas tranças
Na minha história, ela tem *dread* e é africana
Agora vou contar o meu conto pra vocês
Como todas as histórias começa com era uma vez

5 Era uma vez uma princesa Rastafári que nasceu no reino de Sabá
Na minha história quem disse que a bruxa é má?
Meninas unidas podem tudo mudar

62

Aqui, inimiga não vai rolar
Ah, é, não vai rolar
10 Aqui, inimiga não vai rolar
Hum, hum, não vai rolar
Aqui, inimiga não vai rolar
Hum, hum, não vai rolar
Aqui, inimiga, não vai rolar
15 Ahn, ahn, não vai rolar

Na minha história a Rapunzel tem *dread*
Ela é negra e é Rastafári
Não precisa de um príncipe pra se salvar
Ela é empoderada e pode tudo conquistar

20 No seu cabelo *dread* tinha força e poder
Sua beleza africana não tinha o que dizer
Essa história eu inventei porque não vi princesa assim
Só me mostraram uma, ah isso não dá pra mim

25 Princesa Etiópia, esse nome eu batizei
País que destrua tudo que eu pesquisei
Estou muito feliz de ver a história acontecer
Crie uma princesa que pareça com você

Cri-Cri-Crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você
30 Cri-Cri-Crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você
Cri-Cri-Crie uma princesa que pareça com você
35 Crie uma princesa que pareça com você

MC Soffia. Minha Rapunzel tem dread. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b1Uf6_SVS_8>. Acesso em: 26 jun. 2018.

Fala aí!

Quando produziu esse rap, MC Soffia tinha 12 anos. Você acha que, por ser uma adolescente, seu rap é ingênuo, infantil? Justifique sua resposta.

De quem é o texto?

Foto de 2016.

A adolescente paulista Soffia Gomes da Rocha Gregório Correia, mais conhecida como MC Soffia, lançou seu primeiro disco em 2016, com 11 anos de idade. A luta contra o preconceito racial e pelo empoderamento da mulher é o principal tema dos raps que ela compõe e canta.

Sabia?

Dread ou *dreadlock* é um estilo de cabelo caracterizado por tranças finas e compridas, que podem ser feitas no cabelo natural ou com apliques de lã ou material sintético. Seu uso pode ocorrer por motivo estético, mas, muitas vezes, está associado a razões religiosas ou políticas, pois costuma identificar culturas de origem africana. Muitos seguidores do movimento rastafári, que surgiu na jamaica nos anos 1920 e defende o orgulho da cultura negra, usam o *dread*.



Figura 1: Primeiro gênero poético do livro de Português
Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 63)

Percebe-se através do título “Minha Rapunzel tem *dread*” que há quebra do protótipo estabelecido pela sociedade, de que a princesa é igual em todas as histórias: branca, loira, magra, alta, com cintura fina, cabelo comprido, liso ou pouco cacheado, ou seja, que atende às exigências impostas pelo padrão de beleza na sociedade. Então, trazer uma nova princesa com um estilo de cabelo diferente, de origem africana, provoca inversões do perfil tradicional. Isso é possível através da carnavalização, em que “transgridem convenções das histórias infantis que reescrevem, oferecendo-nos versões inusitadas que desestabilizam, destronam significados e estereótipos de papéis cristalizados na tradição”. (MARTINS, 2005, p. 51). É o que afirma nos seguintes versos:

Num conto de fadas, a Rapunzel joga suas tranças

Na minha história, ela tem dread e é africana

Agora vou contar o meu conto pra vocês

Como todas as histórias começa com era uma vez

A partir do exposto, nota-se a presença de uma princesa com um novo protótipo, reafirmando a ideia do título do conto. É perceptível a adoção da expressão “era uma vez” como forma de enfatizar que irá contar uma história, no entanto, apenas essa ideia será permanecida, pois as demais serão modificadas. “Na minha história quem disse que a bruxa é má?”, 6º verso, destaca o quão as ideias estão avessas, ou seja, a bruxa que é de costume ser representada como uma pessoa má, agora, nesse poema, não compactua com esse raciocínio. Dessa maneira, “[...] utiliza da estrutura de um conto de fadas para dentro dele romper de modo direto, por meio da ironia, da paródia e da carnavalização, com modelos de comportamento e com as ideologias sexistas advindas dos contos tradicionais”. (THEODORO, 2012, p. 88).

Podemos perceber também a demarcação em reafirmar o protótipo de uma princesa negra nos 2º, 6º, 16º, 17º, 20º, 21º e 24º versos do rap:

Na minha história, ela tem *dread* e é africana (2º verso)

Era uma vez uma princesa Rastafári que nasceu no reino de Sabá (6º verso)

Na minha história a Rapunzel tem *dread* (16º verso)

Ela é negra e é Rastafári (17º verso)

No seu cabelo *dread* tinha força e poder (20º verso)

Sua beleza africana não tinha o que dizer (21º verso)

Princesa Etiópia, esse nome eu batizei (24º verso)

Perante os versos acima citados, é importante destacar que há uma remissão a Rainha de Sabá², rainha negra citada na bíblia, já que é originária da África e, dessa forma, condiz com o protótipo de princesa adotado no texto. A princesa Etiópia torna-se referência por sua beleza africana e também por representar poder, força; mostrando que é um modelo igual a qualquer outra princesa, daí realizar essa remissão ao reino de Sabá.

Logo, é provável que isso aconteça em virtude de não ser comum uma princesa assim, pois imagens cristalizadas no imaginário da sociedade, em relação à aparência, faz com que haja uma certa rejeição. Sobre isso, Gonçalves comenta:

[...] mulheres negras são bombardeadas por imagens negativas do que é ser uma mulher negra. Essas imagens mobilizam as dores históricas que atravessam esses sujeitos. Elas aparecem nas literaturas, nas

2 É uma referência ao importante reino árabe de Sabá, localizado nos atuais territórios da Etiópia e do Iêmen no continente africano.

novelas ou em filmes, sobretudo, em um contexto colonial, como um corpo violentado e exposto à nudez. Essas imagens atravessam e passam a afetar a psique da mulher negra. Imagens negativas afastam esse indivíduo de si mesmo, dificultam a possibilidade de amar a negritude e a mulheridade. Essas representações são um convite para o telespectador ou leitor consumir incessantemente imagens desses corpos surrados, logo, naturalizando esse estado de degradação e humilhação. (GONÇALVES, 2021, p. 63-64)

Diante disso, as mulheres negras são, de certa forma, inferiorizadas, desumanizadas através do que determinaram, rotularam esses sujeitos no decorrer da história. Isso visto pelo viés carnavalesco, ganha outra dimensão: a inversão de papéis, a subversão de tudo que rotula, inferioriza; possibilita a inserção, a ascensão do mais inferiorizado a patamares nunca assumidos antes, “rompendo com estereótipos [...] e descortinando perspectivas outras que perpassam os discursos canônicos”. (KAREN, 2021, p. 110).

É importante destacar os versos: “Essa história eu inventei porque não vi princesa assim”, verso 22º, e “Só me mostraram uma, ah isso não dá pra mim”, verso 23º, no que diz respeito a mensagem enfatizada nesses inscritos. Dessa forma, é notável que, de fato, a compositora MC Sofia, apesar de contar com 12 anos quando produziu o rap, mostra-se um ser perspicaz e não ingênuo, mais adulto que criança ao lutar contra o preconceito racial e pelo empoderamento da mulher. Nos versos acima, o carnaval acaba, e a realidade retorna. Então, muitas pessoas acreditam que criança é ingênua, não adquire traumas. No entanto, a depender da situação, pode contrair, sim. Para Scotton (2004, p. 4), a criança “é um ser inquieto, inventivo e transgressor”, menos ingênuo. Devis (2017) comenta que a criança sofre mais do que aquelas pessoas que demonstram estar bastante atingidas.

Logo, a escola deverá trabalhar questões dessa natureza numa perspectiva inclusiva e crítica, aprofundando os assuntos abordados no livro didático, desmistificando alguns conceitos e ressignificando outros. A partir da análise dos versos em questão, pode-se interpretar que a criança, compositora do rap, sente-se angustiada, provavelmente, carrega traumas, diante de situações que, provavelmente, tenha vivenciado, por isso que sentiu a necessidade de inventar outra princesa com o protótipo diferente.

É imprescindível ressaltar a mensagem que a MC repassa nos seguintes versos, 26º e 27º, respectivamente: “Estou muito feliz

em ver a história acontecer” e “Crie uma princesa que pareça com você. ” Portanto, o encorajamento para a criação de um modelo de princesa que adeque a sua personalidade, sem precisar imitar outro, é transmitido no verso 27º. Já no verso 26º, sente-se feliz em ver que foi possível a história acontecer, mesmo que momentânea, ideia remetida pela carnavalização, pois, infelizmente, vivemos em uma sociedade em que prevalece, ainda, discursos hegemônicos enraizados. Passemos, a seguir, para a análise do outro gênero textual poético, “O boi zebu e as formigas”.

4.2 O BOI ZEBU E AS FORMIGAS

O segundo gênero, o poema de cordel, composto de seis estrofes, trata-se de um poema, em que é retratada a dominação dos grandes sobre os pequenos. O texto se constitui de um intergênero, entre o poema em cordel e a fábula, já que a fábula assume a forma de poema de cordel, tendo em vista o propósito de comunicação revelado a partir de um dizer simples, caracterizando assim, uma riqueza da cultura popular escondida numa aparente simplicidade, uma forma de dizer típica do poema de cordel. Dessa forma, de maneira cômica, utiliza-se os versos como forma de agir, com personagens animais que agem como seres humanos, diante das injustiças, dos mandos e desmandos dos que estão no poder. Vejamos o texto:

O boi zebu e as formigas

Um boi zebu certa vez
moiadinho de suô,
quer sabê o que ele fez?
Temendo o calor do só,
entendeu de demorá
e uns minutos cochilá
na sombra de um juazeiro
que havia dentro da mata.
E firmou as quatro pata
em riba de um formigueiro.

Já se sabe que a formiga
cumpre a sua obrigação,
Uma com outra não briga
vive em perfeita união,
paciente, trabaiano,
suas fôia carregando,
um grande exemplo revela
naquele seu vai e vem.
E não mexe com ninguém
se ninguém mexê com elas.

Por isto com a chegada
daquele grande animá,
todas ficaram zangadas,
começaram a se assanhá.
E foram se reunindo,
nas pernas do boi subindo,
constantemente a subir.
Mas tão devagá andava,
que no começo não dava
pra ele nada sentir.

Mas porém como a formiga
em todo canto se soca,
dos casco até na barriga
começou a **frivioca**.
E no corpo se espaiando,
o zebu foi se zangando,
e os casco no chão batia.
Mas porém não melhorava,
quanto mais coice ele dava
mais formiga aparecia.

[...]

Com o lombo todo ardendo
daquele grande aperreio,
o zebu saiu correndo
fungando e berrando feio.
E as formiguinha inocente
mostraram pra toda gente
esta lição de morá:
contra a falta de respeito
cada um tem seu direito
até nas lei naturá.

As formiga a defendê
sua casa, o formigueiro,
botando o boi pra corrê
da sombra do juazeiro,
mostraram nessa lição
quanto pode a união.
Neste meu poema novo
o boi zebu qué dizê
que é os mandão do pudê,
e estas formiga é o povo.

IN: CLAUDIO HENRIQUE SALLES ANDRADE; NILSON JOAQUIM DA SILVA
(Sel. e Org.). *Feira de versos: poesia de cordel*. São Paulo:
Atica, 2005. p. 108-111. (Para Gostar de Ler, 36).



Frivioca: fervilhamento,
agitação.

Figura 2: Segundo gênero poético do livro de *Português*

Fonte: *Ormundo e Siniscalchi* (2018, p. 75)

Nas duas primeiras estrofes há a introdução da situação a ser abordada no poema, apresentando os personagens com algumas de suas respectivas características e, por conseguinte, descrevendo algumas atitudes de cada um, seja implicitamente ou explicitamente. Tudo de forma metaforizada e cômica.

Na primeira estrofe, é importante atentar para os versos 9º e 10º inseridos no texto a seguir:

Um boi zebu certa vez
moiadinho de suó,
quer sabê o que ele fez?
temendo o calor do só,
entendeu de demorá
e uns minutos cochilá,
na sombra de um juazeiro
que havia dentro da mata.
E firmou as quatro pata
em riba de um formigueiro.

A partir do exposto acima citado, percebe-se a imposição do animal, no caso, o boi zebu, em relação a outros, as formigas. Essa imposição vai ocasionar uma insatisfação, um incômodo que condiz com a “lógica carnavalesca que é a do mundo às avessas” (SCOTTON, 2004, p. 8). Assim, a partir da análise das outras estrofes, percebe-se que há inversão de poder, da lógica da ordem hierárquica: a formiga, ser ignóbil, passa a elevar-se e o boi gordo, símbolo de fartura, de posses, passa a rebaixar-se. Outro elemento perceptível é a simbologia do juazeiro, árvore entronizada no sertão, o que remete “[...] a valores que, se não têm maior relevância no “mundo real”, prestam-se ao exercício de viabilizar novos horizontes, visões de mundo e possibilidades de vida” (SILVEIRA e AXT, 2015, p. 178). Na segunda estrofe, nos versos 19º e 20º, demarca que esses insetos, caso sejam atacados, começam também a revidar, como podemos confirmar na leitura abaixo:

Já se sabe que a formiga
cumprê a sua obrigação,
Uma com outra não briga
vive em perfeita união,
paciente, trabaiano,
suas fôia carregando,

um grande exemplo revela,
naquele seu vai e vem.

**E não mexe com ninguém
se ninguém mexê com elas**

Nesse sentido, é possível associar o boi zebu aos poderosos e as formigas ao povo. Logo, nota-se a partir da leitura, uma luta de quem está no poder contra quem está sob o poder, classe dominante e classe dominada. Casos assim, remetem ao que Bakhtin propôs, como inversão de tais situações, mesmo que momentânea, ao conceito de carnavalização. Nessa lógica, a carnavalização começa a se apresentar, de forma mais explícita, a partir da terceira estrofe. Vejamos a seguir:

Por isto com a chegada
daquele grande animá,
todas ficaram zangadas,
começaram a se assanhá.
E foram se reunindo,
nas pernas do boi subindo,
constantemente a subir.
Mas tão devagá andava,
Que no começo não dava
pra ele nada sentir.

Então, a partir do exposto, as formigas, aqui representadas pelo povo, começaram a se rebelar com a atitude do boi, ou seja, com atitude de uma pessoa poderosa. O formigueiro era o lugar delas, mas precisaram fazer do boi a sua praça de manifestação, mais uma alegoria carnavalesca, o couro do boi se torna a praça pública da frivioca. É justamente nessa estrofe que o povo tem a possibilidade de começar a ascender, mesmo que timidamente. No entanto, a partir da quarta estrofe, especificamente no verso 34º, a carnavalização começa a aparecer de forma mais contundente através da palavra “frivioca”. Antes, vale a pena fazer a leitura desse termo inserido no contexto:

Mas porém como a formiga

em todo canto se soca,

dos casco até na barriga

começou a frivioca.

E no corpo se espaiano,

o zebu foi se zangando,

e os casco no chão batia.

Mas porém não melhorava,

quanto mais coice ele dava

mais formiga aparecia.

[...]

A vista disso, é importante destacar a utilização do termo “frivioca”, presente no verso 34º, em que é realizada uma comparação em relação ao carnaval, de forma cômica. Isso ocorre porque o boi zebu ao sentir-se incomodado começa a agitação e, diante da situação, “quanto mais coice ele dava/mais formiga aparecia”, versos 39º e 40º, respectivamente. O carnaval sempre incomodou os que querem a manutenção da ordem hierárquica, com a sua crítica e deboche, pois consegue subverter ordens e hierarquias dominantes, mesmo que momentânea. Então, a predominância da crítica, através da decadência do poder começa a ficar mais visível, o pequeno derrotando o grande, e, consequentemente, a carnavalesação surge de maneira nítida, pois “[...] dar nascimento a um novo sentido, mais alegre e festivo. Trata-se da transformação do sério em cômico e popular.” (SILVEIRA e AXT, 2015, p. 184). É o que confirmamos nos seguintes versos, 41º ao 50º:

Com o lombo todo ardendo

daquele grande aperreio

zebu saiu correndo

fungando e berrando feio.

E as formiguinha inocente
mostraram pra toda gente
esta lição de morá:
contra a falta de respeito
cada um tem direito
até nas lei naturá.

A partir da estrofe acima, percebe-se a declinação do maior, representado no texto pelo boi zebu e a elevação do menor, no caso, da formiga. De acordo com Silveira e Axt (2015, p. 184), “O carnaval é essencialmente dialógico, existe em resposta à cultura oficial, e no movimento dessa resposta produz novas formas de existência coletiva.” Assim, o processo carnavalesco permite dar respostas ao que sempre foi imposto, determinado pelos grupos no poder que, de certa forma, representa aquela classe excluída e, não apenas, um indivíduo. De acordo com Sacramento, a carnavalização é:

Um sistema estético da cultura cômico-popular, centrado nos princípios de *rebaixamento* (a transferência ao plano da terra e do corpo tudo aquilo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato) e da *inversão* (da liberação, ainda que provisória, das hierarquias, regras e tabus sociais estabelecidos). (SACRAMENTO, 2014, p. 158, grifo do autor).

Dessa forma, esse conceito se adequa ao texto em análise, visto que a inversão se faz presente quando o ser dominante, o boi zebu, desce do posto “mandão do pudê”, verso 59º e, as formigas “é o povo”, verso 60º, seres dominados, passam a ascender. Logo, os seres menores puderam ser entronizados e os maiores, destronizados; daí o que o autor caracteriza como “meu poema novo”, verso 57º, alegoria da realidade desejada. Confiram os versos em sua conjuntura:

[...]
Neste meu poema novo
o boi zebu qué dizê
que é os mandão do pudê,
e estas formiga é o povo.

Assim, o “normal” para a sociedade é que isso não aconteça, essa inversão, tendo em vista que o grande deve sempre estar no poder e os pequenos submissos a ele. Tal ideia cristalizada na sociedade, será “quebrada” através da carnavalização como forma de libertação, de inclusão, daquilo que é costumeiro da classe dominante.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do artigo, buscamos analisar o processo de carnavalização nos gêneros poéticos no livro didático de Português “Se liga na língua”, 9º ano, do fundamental II.

Tendo em vista as análises dos dois gêneros, constatou-se que há na obra analisada leituras que trazem consigo o viés carnavalesco. O primeiro gênero analisado, a composição do rap em poema, baseou-se na história do conto de fadas “Rapunzel” e, por conseguinte, utilizou-se do intertexto-paródia para repassar uma nova mensagem. Nele, foi possível subverter significados cristalizados pela sociedade em relação ao conto tradicional: protótipo de princesa, comportamento, ideologia, representação da infância. Já o segundo, o poema em cordel abordou de maneira cômica, através da figura de linguagem metáfora, os pequenos derrotando os grandes, ou seja, entronizar os menores e destronizar os maiores, os que estão sob o poder e os que estão no poder.

Por isso tudo, diante da análise dos gêneros, levando em conta o conceito de carnavalização, ficou constatado que o livro didático aborda textos que podem ser estudados no contexto carnavalesco, possibilitando a inclusão daqueles que ficam a margem da sociedade.

Dessa maneira, torna-se necessário que o ensino de Língua Portuguesa, através das leituras discutidas, deva contemplar textos dessa natureza, principalmente quando inseridos no material didático, pois, na maioria das vezes, essa é a principal fonte de leitura dos alunos. Por conseguinte, adotar a carnavalização como processo de aprofundamento das ideias, para, dessa forma, tornar o aluno um leitor proficiente, apto a desvendar e a correlacionar os sentidos expressos nas entrelinhas, inserindo-o no meio social como ser atuante e participativo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas na poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 2ª ed.

DANTAS, Franceliza Monteiro da Silva. **O mundo da vida na matemática**: análise do livro didático de matemática sob uma perspectiva bakhtiniana. 2017. 235f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

FIGUEIREDO, F. **Cristiane Sobral**: A mulher negra nos cadernos negros: autoria e representações. 2009. 128f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP7TTGA8/1/disserta_ao_mestrado_backup_revisado_2.pdf.

GONÇALVES, Maria Julieta Dias. **Tornar-se negro em Olhos de azeviche**. Orientador: Sebastião Marques Cardoso. 2021. 157f. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Letras), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora africana: editora filhos da África, 2018.

KAREN, K. O. L. **Cristiane Sobral**: uma voz de resistência na poesia contemporânea. 2021. 117f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais, 2021. Disponível em: <https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/12/2022/05/CRISTIANE-SOBRAL-UMA-VOZ-DE-RESISTENCIA-NA-POESIA-CONTEMPORANEA-Karen.pdf>

MARTINS, Maria Cristina. **“E foram (?) felizes para sempre ...”: (sub) versões do feminino em Margareth Atwood, A. S. Byatt e Angela Carter.** Belo Horizonte: UFMG, 2005. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Literatura Inglesa, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2005.

ORMUNDO, W; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua:** leitura, produção de texto e linguagem. 1ª. ed. São Paulo: Moderna, 2018, v. 4.

PAULINO, Graça. Walty, Ivete. CURY, Maria Zilda. **Intertextualidades.** São Paulo: Editora Formato, 2005

PAZ, Octávio. **O arco e a lira.** Trad. por Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

SACRAMENTO, I. A carnavalização na teledramaturgia de Dias Gomes, **Intercom** – RBCC – São Paulo, v. 37, n. 1, p. 155-174, 2014.

SCOTTON, M. T. **A representação da infância na poesia de Manoel de Barros.** Reunião: 27ª Reunião Anual da Anped. PUC-RJ. GT: Educação de crianças de 0a 6 anos/ n. 07. p. 1-13, 2004. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/representacao-da-infancia-na-poesia-de-manoel-de-barros>

SILVEIRA, P. D. AXT, M. **Mikhail Bakhtin e Manoel de Barros:** entre o cronotopo e a infância. *Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso* 10 (1), 2015, p. 179-192. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-457320845>.

SOBRAL, Cristiane. Entrevista. [Entrevista concedida a Gláucia do Carmo Xavier]. **Revista do Instituto de Ciências Humanas,** PUC-Minas, v. 13, n. 17, p. 112-121, 2017.

THEODORO, Ana Cláudia Nascimento. **Era uma vez... As metamorfoses nos contos de fadas contemporâneos.** 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2012.325>.

APENAS UM CURRÍCULO? UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO COMPONENTE CURRICULAR DE LÍNGUA PORTUGUESA DO CURRÍCULO DO PIAUÍ

Assidia Maria Soares Alves Parnaíba (UERN)

assidiasoares55@gmail.com

Rosa Leite da Costa (UERN)

rosaleite@uern.br

1. INTRODUÇÃO

A educação sempre foi assunto de muitas discussões e está presente nos mais variados discursos de autoridades do país, além de ser uma das pautas principais no texto da Constituição Federal de 1988, documento que estabelece, organiza e define os direitos e deveres do Estado Brasileiro. No texto da Constituição, em seu Artigo 211, é estabelecido que a União juntamente com os Estados e os Municípios organizem os seus sistemas de ensino, de modo que, aos estados brasileiros, é permitida uma maior flexibilidade nessa organização.

A partir dessa autonomia, os estados brasileiros podem elaborar os seus próprios documentos que orientem a educação, atentando para as especificidades de sua região, desde que, seja respeitado o que foi postulado por educação pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 1996, lei que regulamenta o sistema educacional em nível nacional, e pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que regulamenta o currículo da educação básica no Brasil.

Com base nesses direcionamentos e embasamentos legais, surgiu o interesse de investigação deste trabalho, elegendo o documento curricular do Estado do Piauí como *corpus* de análise. As considerações feitas, neste artigo, fazem parte de uma pesquisa de mestrado que ainda está em andamento, na qual as observações eleitas no documento consideram a parte que aborda o ensino de língua portuguesa do referido estado. Logo, a análise feita, aqui, é acerca do componente curricular de língua portuguesa.

Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo geral analisar o discurso do componente curricular de língua portuguesa do ensino médio no Currículo do Piauí, atendendo para a sua perspectiva argumentativa e, também, para o aspecto dialógico da

linguagem. Diante do objetivo geral, outros objetivos específicos foram elencados, que são: identificar e interpretar a tese de ensino de língua portuguesa no Documento Curricular do Piauí e identificar os acordos argumentativos, baseados em valores, hierarquias e nos lugares da argumentação presentes no componente curricular de língua portuguesa do documento.

A escolha do documento do estado do Piauí se justifica pelo bom desempenho do estado no âmbito da educação, de acordo com os dados do índice de desempenho de educação básica (IDEB), em um panorama geral da educação básica na região nordeste. Enfatizando que os dados quantitativos foram elencados apenas como justificativa de escolha do documento e não como objeto de análise. Do mesmo modo que não há uma relação direta entre o estudo aqui apresentado e os resultados na prática.

A justificativa do trabalho se baseia no interesse em analisar o documento em uma perspectiva argumentativa do discurso do componente curricular de língua portuguesa, considerando, também, as relações dialógicas como constitutivas dessa argumentação, visto que, as pesquisas que investigam esse tipo de documento apresentam uma perspectiva pedagógica que se preocupa apenas em analisar como determinados assuntos são abordados e utilizados como referência para a prática pedagógica.

A concepção teórica central que subsidiou este trabalho foi a teoria da Nova retórica, de Perelman e Olbrechts Tyteca (2005), ao considerar o caráter argumentativo do documento que orienta a educação do estado do Piauí e as contribuições de Costa (2020); Fiorin (2015) e Reboul (1998) acerca da argumentação. Diante do caráter social do documento, consideramos também a perspectiva dialógica do discurso de língua portuguesa apresentado no documento de acordo com a concepção dialógica abordada por Bakhtin (2003).

A metodologia utilizada para a execução buscou a compreensão dos aspectos discursivos-argumentativos do componente de língua portuguesa no Currículo do Piauí, sem quantificar dados, portanto qualitativa, e com base na dedução dos aspectos teóricos no *corpus*, *que, por sua vez, se constitui como uma fonte* documental e eleva a própria pesquisa à essa classificação. Para Severino (2012), a pesquisa documental é definida acordo como o caráter do material que foi escolhido para a investigação. No caso, a pesquisa tem como fonte principal o documento do Currículo do Piauí e faz referência a outros documentos relacionados à educação, como a LDB, BNCC e PCNs.

Este trabalho está organizado em cinco seções, a primeira é destinada a introdução, em que são abordados os aspectos gerais da

pesquisa, enfatizando os objetivos, a justificativa e a metodologia. Na segunda seção, é exposto o processo histórico da constituição de Língua Portuguesa como disciplina. Na seção seguinte, é abordado o aspecto teórico que subsidiou a análise, e, na quarta seção, é exposto a análise do *corpus* de acordo com a teoria de aplicação. A última seção é destinada às considerações finais, contemplando o que foi possível observar com a análise do *corpus*.

2. A FORMAÇÃO DE UMA DISCIPLINA

A disciplina de língua portuguesa é umas das mais importantes nos currículos escolares na educação básica e para fins práticos como os concursos e seleções. Mas essa realidade do português como uma disciplina consolidada é recente na história da educação brasileira. De acordo com Bezerra (2002), a presença da disciplina nos currículos escolares só aconteceu no período final do século XIX.

A língua portuguesa antes desse período estava voltada para o processo de alfabetização e sua continuação para outras fases do ensino. Segundo Bezerra (2002), estudá-la só era possível às classes sociais mais favorecidas. Essa distinção e favorecimento estão atrelados à visão do português como língua e sua construção no Brasil da época. Faraco no livro *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino* (2015) aborda que no final do século XIX foi defendida a adesão de um português culto com referência europeia que influenciou, diretamente, a perspectiva do ensino de língua portuguesa na época.

Outros fatores contribuíram para que o acesso ao ensino de língua portuguesa fosse destinado às classes sociais mais privilegiadas. Um deles é o prestígio linguístico, a que só uma pequena parte da população tinha acesso ao conhecimento de leitura e escrita, limitando, dessa forma, o número de pessoas que tinham acesso à cultura e ao crescimento intelectual. É importante salientar que a classe abastada, segundo Bezerra (2002), que prosseguia os estudos, tinha um ensino de língua mais voltado para as regras gramaticais baseado na estrutura do latim, o que dialoga com o que Faraco (2015) postula sobre o ensino de língua voltado para a perspectiva europeia.

A língua portuguesa constituída como disciplina no final do século XIX ainda apresentava como característica principal o caráter culto da língua, relacionado ao ensino de regras gramaticais. A partir da década de 50, segundo Bezerra (2002), o cenário escolar mudou

na perspectiva de público, visto que outras camadas sociais passaram a frequentar a escola, trazendo um público diferente do que os professores estavam habituados, com diferentes níveis de letramento ou até mesmo nenhum.

Essa mudança no processo educacional acarretou um avanço no ensino de língua portuguesa, visto que os professores teriam que saber lidar com outras particularidades da língua fora do padrão culto que, até então, havia se estabelecido no contexto escolar. Essa nova realidade no ensino chamou atenção não somente dos professores, mas também do Estado.

De acordo com a constituição federal de 1988, em seu art. 205, a educação é dever do Estado e da Família. É posto também no texto da constituição que a União juntamente com os Estados e os Municípios deverão organizar os seus sistemas de ensino, como postulado anteriormente. Com essa decisão, foram criados documentos que orientam esses sistemas de ensino.

Os PCNs é um exemplo de documento que busca nortear o sistema de ensino da educação básica. Rojo (2000) destaca que a criação dos PCNs foi um avanço para a educação brasileira. Em seguida, outros documentos foram elaborados visando à melhoria no processo de ensino aprendizagem, tais como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, atual documento educacional que organiza o currículo geral da educação básica do ensino fundamental ao ensino médio, no Brasil.

Apesar dessa orientação geral, como postulado pela constituição de 1988, os estados também podem criar os seus próprios documentos que orientem o seu próprio sistema de ensino, atentando para as peculiaridades da região e respeitando o que foi definido por educação e currículo em outras documentos elaborados pela União.

Em todos esses documentos, a língua portuguesa é destacada como uma disciplina fundamental no processo de ensino e desenvolvimento intelectual dos cidadãos. Diferente do que por muito tempo se postulou sobre o ensino do português, como um ensino de regras gramaticais, voltado para uma parcela da população e, em contrapartida, para a descriminalização de uma outra parte. O ensino de língua portuguesa, atualmente, visa pleno desenvolvimento dos alunos no que concerne aos aspectos ligados à comunicação real no dia a dia.

Com a elaboração dos documentos educacionais estaduais, a língua portuguesa pode ser direcionada para as particularidades da população em foco, o que possibilita um maior direcionamento para

as necessidades educacionais da região. Assim, o ensino da disciplina consolidada não se limitará ao ensino da gramática normativa, mas atenderá a todas as necessidades relacionadas à língua em suas variedades e situações de comunicação.

Portanto, em cada documento estadual é possível observar uma perspectiva de ensino de língua portuguesa. Podendo concluir que língua portuguesa na atualidade não se constitui apenas como uma disciplina, mas como disciplinas no plural e considerando, ainda, que seu ensino é pautado em práticas de leitura, produção de texto e análise linguística, na oralidade e na escrita, de diversos gêneros textuais/discursivos, como destaca Antunes (2003) em seu livro “Aula de Português: encontro e interação”.

3. RETÓRICA, ARGUMENTAÇÃO E DISCURSO

Neste trabalho, a análise do discurso do componente curricular de língua portuguesa apresentado no documento curricular do Piauí é direcionada pela perspectiva da Nova retórica. Mas, antes de deliberar sobre esta teoria, é preciso compreender o que é retórica. E para isso, tomaremos a definição do termo expressa por Reboul (2004), que a compreende como o método de convencimento por meio do discurso.

A retórica, de acordo com Reboul (2004), surgiu na Sicília por volta de 465 a.C, tendo sua origem relacionada ao campo jurídico. A definição do termo, segundo o autor, “é a arte de persuadir pelo discurso” (2004, p. 14), ou seja, levar o outro a acreditar em algo que você proferiu. Em algum momento na vida já ouvimos expressões como: *Sua retórica é boa*, ou, *Você sabe usar bem o discurso ao seu favor*. Essas expressões são exemplos atribuídos a pessoas que se fazem convincentes por palavras, que têm uma retórica adequada, persuasiva à situação. A retórica tem por finalidade a adesão do outro à tese apresentada.

Nos estudos da Nova Retórica de Peralman e Olbrechts-Tyteca (2005), a argumentação exerce essa mesma função, o convencimento através do discurso. Mas, de acordo com os autores, a persuasão só é possível se o orador tiver uma relação intelectual com seu auditório, visto que é preciso conhecer o interlocutor para o orador possa construir um discurso argumentativo eficaz. Abreu (2010), salienta que “Saber argumentar é, em primeiro lugar, saber integrar-se ao universo do outro. É também obter aquilo que queremos, mas de modo cooperativo e construtivo, traduzindo nossa verdade dentro da verdade do outro” (ABREU, 2010, p. 06).

A relação entre locutor e interlocutor que Abreu (2010) destaca é a mesma relação entre orador e auditório definida na obra *Tratado da Argumentação* de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Desse modo, este artigo se fundamenta na análise do discurso da Nova Retórica, que tem como objeto de estudo o discurso como sinônimo de argumentação, analisando-o nas relações sociais das práticas de linguagem, visto que, como salienta Brait (2005) a linguagem: “[...] procura explorar a ideia e centrar a discussão no fato de que a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar de atualização do enunciado” (BRAIT, 2005, p. 93).

3.1 ARGUMENTAÇÃO E DISCURSO

Desse modo, a linguagem nunca é proferida sem um sentido amplo de significado dentro de uma estrutura social e histórica que está inserida. Estabelecendo assim relação dialógica com outros enunciados que circulam e pertencem ao mesmo campo enunciativo que se dá a comunicação.

Na argumentação, considerar o aspecto dialógico do discurso é de extrema importância para a sua efetivação, visto que para produzir um discurso que tenha como característica o convencimento e a persuasão é necessário conhecer e fazer relação com outros discursos que fazem parte da realidade social e histórica do auditório. Pois, como destaca Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.23) “o conhecimento daqueles que se pretende conquistar é, pois, condição prévia de qualquer argumentação eficaz.”

Na obra *Tratado da argumentação*, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) destacam que a Nova Retórica toma como objeto de investigação o discurso nas mais variadas formas, sejam orais ou escritos, direcionados para um auditório maior ou para um auditório específico ou até mesmo para um auditório íntimo, constituído pelo próprio orador. Portanto, o discurso na Nova Retórica ganha um vasto campo de possibilidades de análises, visando ao estudo de sua argumentação. Os autores defendem que:

Para que haja argumentação, é mister que, num dado momento, realize-se uma comunidade efetiva dos espíritos. É mister que se esteja de acordo, antes de mais nada em um princípio, sobre a formação dessa comunidade intelectual e, depois, sobre o fato de se debater uma questão determinada. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 16)

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), na citação acima, a argumentação só é efetiva no contato com espíritos, ou seja, na relação dialógica da linguagem, mas essa linguagem precisa ser compreendida pelo orador e pelo seu auditório, visto que se não for compreendida a comunicação não é estabelecida e a argumentação é falha, pois o interesse em convencer o outro é de extrema importância no processo argumentativo.

Sendo assim, os autores também chamam atenção para o fato que a argumentação não é algo tão simples, pois quem fala ou escreve precisa compreender o seu auditório, se preocupar com ele, buscar argumentos que consigam tocar o espírito, o intelecto, e, até mesmo, as emoções do outro. A persuasão ou o convencimento só é possível se no discurso houver interesse em argumentar por parte do locutor.

Desse modo, a argumentação parte da vontade de convencer um auditório de uma tese e para isso o processo argumentativo se dá argumentos e outros aspectos que aproximam os interlocutores do discurso. É sobre algumas dessas premissas argumentativas, conforme postuladas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) na obra *Tratado da Argumentação* que trata o tópico abaixo.

3.2 TESE, VALORES, HIERARQUIAS E LUGARES DA ARGUMENTAÇÃO

Neste artigo, os aspectos dos processos argumentativos valores, hierarquias e lugares da argumentação são categorias teóricas de análise do componente curricular de língua portuguesa no documento curricular do Piauí. A escolha parte do entendimento de que o auditório a que o documento é direcionado é particular, admitindo assim, objetos de acordo, como salienta Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

O primeiro destes aspectos é a tese, parte central da argumentação, de acordo com Costa (2020). Pois é ela que direciona as premissas e os argumentos que fundamentaram o discurso do orador para que ele consiga convencer o seu auditório da tese apresentada.

Todo discurso apresenta uma tese, ou seja, um ponto de vista, um posicionamento, a defesa de algo em detrimento de outra, por parte do locutor. É através dela que o processo argumentativo é estabelecido e o convencimento é efetivado, seja de forma imediata ou não. Visto que, de acordo Bakhtin, (2016) o enunciado é responsivo. Quando

alguém faz alguma proposição sobre algo, o fim do enunciado que foi proferido abre possibilidades para outros enunciados, que serão uma resposta ao enunciado primeiro, que pode ser aceito ou não.

Definida a tese, o orador vai elaborar o discurso e assim eleger as melhores estratégias argumentativas que convençam o auditório, aumentando a adesão dos espíritos. Como posto anteriormente, o documento curricular do Piauí é direcionado a um auditório particular, admitindo assim, objetos de acordo, que serão abordados a seguir.

Os valores são objetos de acordo ligados diretamente ao auditório. Peralman e Olbrechts-Tyteca (2005) defendem que um valor não é uma verdade absoluta e pode ser questionado. A sua escolha é baseada na análise feita pelo locutor do seu auditório, mas um valor não anula outro valor. Visto que, como destacam estes autores, a argumentação está relacionada ao verossímil, ou seja, ao provável, e não a uma verdade absoluta.

Ainda sobre os valores, eles podem ser abstratos e concretos. Os valores concretos, de acordo com Costa (2020, p. 129), estão relacionados “a entes vivos, a grupos ou a objetos individuais”. Os conceitos como religião, família e saúde, bem como o dinheiro, terra fazem parte dos valores concretos. Há também os valores abstratos, os quais dizem respeito ao ser humano e suas qualidades: amor, fidelidade, disciplina e respeito são exemplos desse valor.

A hierarquia está relacionada aos valores e pode ser usada para validar um valor a outro, sem anulá-lo. O processo de hierarquização é comum na sociedade, pois, desde os primórdios, os valores são postos em escalas de importância. O amor de mãe, por exemplo, é considerado um valor que ocupa lugar de destaque quase universal, pois a maioria das sociedades e culturas o reconhecem como legítimo, superior a outros sentimentos. Peralman e Olbrechts-Tyteca (2005) chamam atenção para o processo de hierarquização relacionado à quantidade, marcando, assim, a ideia de superiorizarão.

Assim, tantos os valores como a hierarquia deles no processo argumentativo estabelecem ligações com os lugares da argumentação, de acordo com Costa (2020). Os lugares estão no campo da “invenção” dos argumentos, estabelecido por Aristóteles (Aristóteles (2013 [384-322 a.C])), por ser deles que o orador busca argumentos baseado nas noções de quantidade, qualidade, ordem; entre outros. Peralman e Olbrechts-Tyteca (2005) sobre o lugar da quantidade dizem que ele está relacionado “à superioridade do que é admitido pelo maior número” (2002, p. 37). Na argumentação, a quantidade apresenta uma grande força de adesão.

Diferente do lugar da quantidade, que se prende ao valor de números, o lugar da qualidade toma como critério de escolha o valor baseado no campo das ideias, como postulado por Costa (2020). São vários os lugares que um discurso pode assumir para buscar a persuasão, mas, de forma reduzida, têm muita importância os da qualidade, quantidade, ordem, pessoa e essência. Costa (2020) chama atenção para o lugar focalizado nas pessoas, por ele permitir uma posição de destaque para o aspecto humano, de forma que é possível uma argumentação que coloca a pessoa como preferível ao que não o é. Assim como o lugar da essência, que permite avaliar algo em função de suas características consideradas melhores ou superiores a outras. Todos esses lugares têm por finalidade validar a tese no discurso.

4. ANÁLISE DO *CORPUS*

Como já destacado, a análise feita, neste artigo, é do componente curricular de língua portuguesa do currículo do Piauí. Partindo de uma abordagem qualitativa de método dedutivo. Analisando os aspectos argumentativos relacionados à tese, valores, hierarquia, lugares da argumentação e observando a perspectiva dialógica do discurso apresentado no documento sobre o ensino de Língua Portuguesa. Mas, antes de analisar a seção destinada à disciplina de Língua Portuguesa, a organização do documento é passível de observação.

4.1 ORGANIZAÇÃO DO DOCUMENTO

O documento está organizado em três seções. Na primeira delas, é apresentado o processo histórico do ensino médio, como também, o seu percurso no estado do Piauí, contemplando, ainda, os sujeitos que que integram o ensino médio. Na segunda seção, o documento apresenta uma base conceitual sobre vários assuntos que contemplam a educação, tais como: o processo de ensino aprendizagem, educação integral, protagonismo juvenil, entre outras questões. Na última seção, é apresentada a organização curricular contemplando todas as disciplinas que fazem parte do currículo do ensino médio, conforme destacado no excerto.

EXCERTO 01:

SUMÁRIO	
SEÇÃO I	00
NOTAS INTRODUTÓRIAS	00
1. INTRODUÇÃO	00
2. CONTEXTUALIZANDO O ENSINO MÉDIO	00
2.1 Histórico do Ensino Médio	13
2.1.1 Contexto do Ensino Médio no Piauí	19
2.2 Sujeitos do Ensino Médio	37
3. BASE CONCEITUAL	00
3.1 Concepções da Rede	42
3.1.1 Currículo	42
3.1.2 Ensino e aprendizagem	46
3.1.3 Avaliação da Aprendizagem	52
3.1.4 Metodologias de Ensino	58
3.1.5 Educação Integral	65
3.1.6 O Ensino Médio e as Juventudes	69
3.2 Princípios norteadores do Ensino Médio	78
3.2.1 Educação emancipatória	78
3.2.2 Trabalho	80
3.2.3 Protagonismo Juvenil	84
3.2.4 Pesquisa e conhecimento científico	87
3.2.5 Sustentabilidade Socioambiental	89
4. ARQUITETURA GERAL DO CURRÍCULO	00
4.1 Temas contemporâneos transversais articulados com as Competências Gerais do Ensino Médio	92
4.2 Expectativas dos sujeitos do Ensino Médio	96
4.3 Modelo de organização curricular	101
REFERÊNCIAS	00

Fonte: Currículo do Piauí – caderno 01 (2021)

No excerto acima, é possível visualizar como o documento é organizado, desde a parte introdutória até as referências. A organização apresentada na primeira seção, a do sumário, demonstra a preocupação de conceituar a concepção de ensino no documento, para que a arquitetura curricular seja bem compreendida. A conceituação pode ser vista como um tipo de argumento, caracterizado por definição de acordo com Peralman e Olbrechts-Tyteca (2005). A definição, como o próprio nome diz, tem esse caráter didático de definir algo, explicar, construir conceitos.

No que se refere à organização curricular da disciplina de Língua Portuguesa, ela está dentro do componente curricular de linguagens. Logo no início da seção, o documento explica que toda matriz curricular é alinhada de acordo com a Base Nacional Comum Curricular – (BNCC). Os excertos a seguir mostram essa relação.

EXCERTO 02:

numa perspectiva interdisciplinar. As áreas são definidas em conformidade com a proposta de diferentes documentos oficiais, dentre os quais os PCNs, a Matriz do ENEM, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e, atualmente, a Base Nacional Comum Curricular que estabelece:

EXCERTO 03:

Nesse contexto, o trabalho de construção da proposta curricular piauiense está organizado considerando as competências e habilidades presentes na BNCC, respeitando o princípio da progressão da aprendizagem e a interdisciplinaridade. Espera-se, assim, que o ensino contribua para que o estudante ganhe autonomia e poder de decisão, mesmo diante de situações adversas. E que, empoderados desses seus conhecimentos, crenças, valores, e da consciência de seu potencial prossigam motivados, capacitados para agir, para a execução do seu projeto de vida e o exercício da cidadania.

Fonte: Currículo do Piauí – caderno 01 (2021)

Nos dois excertos, é visível a relação que o documento estabelece com outros Documentos Oficiais da Educação, haja vista que os documentos que regem a educação dos estados precisam dialogar com os documentos federais, tais como: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Cada documento que foi mencionado dialoga entre si e ajuda na elaboração dos documentos estaduais.

Essa relação entre os documentos é característica da linguagem,

visto que, como defende Bakhtin (2003) a linguagem é dialógica e os enunciados se relacionam entre si, não existindo assim um enunciado único e livre da influência de outros enunciados sejam eles anteriores ou um reflexo do futuro e, para que a argumentação seja eficaz, é preciso o orador estabelecer a relação direta com o auditório pretendido.

Logo, o discurso sobre o ensino da disciplina de Língua Portuguesa nos documentos gerais da educação brasileira apresenta uma relação e no Documento Curricular do Piauí essa relação é mais direta com o que foi postulado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pois o ensino do português postulado pela (BNCC) também é centrado nas práticas de linguagem que cercam o ambiente social.

Ainda sobre a relação do discurso de língua portuguesa no currículo do Piauí com a (BNCC), é possível observar o valor atribuído à Base Nacional Comum Curricular, por se tratar de um documento basilar para a educação brasileira em nível federal. Os demais documentos da educação também são objeto de diálogo, mas dentro do processo de hierarquização de valores, conforme apresentados por Peralman e Olbrechts-Tyteca (2005), a (BNCC) ocupa o lugar de destaque e se constitui como um valor concreto.

4.2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: DISCURSO DO COMPONENTE CURRICULAR

Como postulado no objetivo geral deste trabalho, a análise terá como *corpus* de investigação o discurso presente no componente curricular de língua portuguesa, atentado para a perspectiva argumentativa. Sobre o componente curricular de língua portuguesa, a análise feita seguirá os objetivos específicos traçados, sendo eles: identificar e interpretar a tese de ensino de língua portuguesa no Documento Curricular do Piauí e identificar os acordos argumentativos, baseados em valores, hierarquias e nos lugares de qualidade.

No documento, logo no início das discussões, a proposta de ensino da disciplina é estabelecida, como mostram os excertos a seguir:

EXCERTOS 04 E 05:

Esse componente deve possibilitar aos estudantes (principalmente aos jovens) experiências significativas com práticas de linguagens em diferentes mídias, cabendo à escola ampliar situações de aprendizado. Na perspectiva de adensamento de conhecimentos iniciados no Ensino Fundamental, o jovem deve ser preparado para desenvolver maior nível de teorização e análise crítica. Por meio da argumentação, formulação e avaliação de propostas, o estu-

dante deve estar apto a uma participação nas várias esferas da vida, como cultura, trabalho, escolhas pessoais e vida pública. Suas decisões precisam estar pautadas em orientações éticas que visão ao bem coletivo. Para isso, os estudos devem aliar-se às práticas cotidianas de linguagem através dos diversos tipos e gêneros textuais da atualidade, organizados de forma híbrida e multissemiótica.

Fonte: Currículo do Piauí – caderno 01 (2021)

O quarto excerto mostra que a tese do ensino de língua portuguesa é pautada nas práticas de linguagem, para que, assim, o sujeito possa ampliar os conhecimentos adquiridos durante o ensino fundamental. A proposta é de desenvolvimento e formação de um sujeito que tenha autonomia para enfrentar a sociedade atual.

No quinto excerto, a tese de que o ensino de língua portuguesa deve se pautar nas práticas de linguagem, voltadas para a diversidade de discursos que envolvem a sociedade, é reforçada, principalmente pelas escolhas lexicais e pela semântica delas. Expressões como: várias esferas da vida, bem coletivo, vida pública, e diversos tipos de gêneros deixam clara a proposta do ensino de língua portuguesa no documento.

Neste discurso, a diversidade e a variedade são palavras que moldam o novo sistema de ensino do português, visto que esse posicionamento atual é contrário ao ensino do português que por muito tempo esteve presente nas práticas pedagógicas nas escolas. O ensino puramente técnico de regras gramaticais, abre espaço para a variedades de práticas de linguagem exigidas na atualidade, cabendo, assim, o ensino de língua portuguesa abranger essa necessidade.

Definida a tese, em seguida, o documento organiza as práticas de linguagem, conforme estabelecidas na (BNCC). Como já mencionado, a relação em estabelecer um padrão de formulação baseado em um documento que normatiza a educação em nível nacional é uma forma de atribuir um valor a esse documento. Essa estratégia argumentativa, de acordo com Peralmans e Olbrechts-Tyteca (2005), é baseada em um acordo no qual é estabelecido um valor, no caso a BNCC, considerando o poder de hierarquia que o documento apresenta.

A hierarquia estabelecida no documento do Piauí, colocando a Base Nacional Comum Curricular no topo, é uma forma de a reconhecer-lá como um valor concreto de extrema importância para a formulação do documento estadual. Essa hierarquia de valores é uma representação dos sistemas de ensino, visto que a União detém de maior poder em relação aos Estados e aos Municípios, no que concerne à elaboração de documentos educacionais, como postulado Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996). É, portanto, um discurso que reconhece o discurso oficial da Educação.

O processo de hierarquização está presente também no discurso de língua portuguesa no documento, no que se refere ao estudo do texto, por ele ser o principal meio de estudo da língua, seu valor está nas diferentes possibilidades de uso em vida social, principalmente no meio digital, considerando o avanço tecnológico dos últimos tempos e a variedade de discursos e gêneros que surgiram com a era digital.

O excerto quatro mostra que o documento fortalece esse discurso da importância do texto ao abordar as práticas de linguagem considerando as mídias e os discursos que circulam nela. Logo, é dado um valor ao texto relacionado aos meios digitais, pois essa é a nova realidade em que os sujeitos estão inseridos.

Desse modo, o texto é visto, no documento, como o centro das relações enunciativas-discursivas. Nos excertos seis e sete fica visível o papel do texto no discurso sobre o ensino de língua portuguesa apresentado no documento em análise.

EXCERTOS 06 E 07:

Dentro da perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, o texto é compreendido como o centro das situações comunicativas. Não se instaura um texto sem uma função comunicativa, o texto tem seu fluxo controlado pela respectiva situação de comunicação que exerce. Dessa forma, todo texto é a expressão de algum propósito comunicativo. Caracteriza-se, portanto, como uma atividade eminentemente funcional, no sentido de que a ele recorremos com uma finalidade, com um objetivo específico. Consequentemente todo texto é expressão de uma atividade social. Além de seus sentidos linguísticos, reveste-se de uma relevância sócio comunicativa, pois está sempre inserido como parte constitutiva, em outras atividades do ser humano. Nas palavras de Marcuschi (2008:23) “não existe um uso significativo da linguagem fora das inter-relações pessoais e sociais situadas.

A aprendizagem e o desenvolvimento devem acontecer em esferas sociais a partir de situações públicas formais comunicativas, nas quais a língua pode ser utilizada tanto na escrita quanto na oralidade, ou seja, o estudante deve ser competente na fluência das duas práticas (escrita e oral), como aponta Marcuschi (2001). Ainda nessa perspectiva, o autor tece considerações acerca dessas duas modalidades, apontando que “o estudo da oralidade pode mostrar que a fala mantém com a escrita relações mútuas e diferenciadas, influenciando uma a outra nas diversas fases da aquisição da escrita” (MARCUSCHI, 2001, p. 23). Assim,

Fonte: Currículo do Piauí – caderno 01 (2021)

Nos excertos acima, a ideia do texto não é apontada como um objeto utilizado puramente para analisar as regras gramaticais, mas sim como um elo nas situações comunicativas do dia a dia. O texto apresenta, assim, um propósito comunicativo, considerando que é produzido por sujeitos históricos-sociais. Esse valor que lhe é atribuído não anula o valor linguístico que o permeia, mas amplia as possibilidades de analisá-lo considerando os discursos que o cercam.

Essa relação do processo de ensino-aprendizagem focando o texto nas relações sociais, considerando a suas multiplicidades de uso, demonstra o lugar da argumentação sobre o ensino de língua portuguesa no documento. Sendo esse lugar, de acordo Peralman e Olbrechts-Tyteca (2005), voltado para a qualidade, considerando que, para uma boa qualidade de ensino do português, na atualidade, é necessário atentar para a linguagem na relação com a sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, a análise feita tomou como *corpus* o discurso do componente curricular de língua portuguesa do documento que orienta a educação do estado do Piauí sobre a perspectiva da Nova retórica. Nas observações feitas ao logo do trabalho, foi possível observar que a proposta para o ensino de língua portuguesa evolui bastante, considerando o cenário histórico e social em que a disciplina surgiu. Atualmente o português não se restringe ao ensino da gramática normativa, mas propõe abarcar todas as possibilidades de linguagem estabelecidas na sociedade.

A tese de língua portuguesa, pautada em um ensino, no qual, as práticas de linguagem devem atentar para os aspectos sócio-comunicativos, presente no documento está relacionada diretamente com a tese proposta em outros documentos oficiais da educação. Assim, há uma relação dialógica dos discursos presentes nos documentos e na conspeção de ensino do português como disciplina.

Ainda sobre as observações feitas na análise, é possível compreender a importância em observar os documentos educacionais dos estados em uma perspectiva argumentativa, visto que o discurso no componente curricular de língua portuguesa apresenta aspectos argumentativos que reforçam a tese do ensino de língua portuguesa na atualidade.

No documento piauiense, o componente curricular de língua portuguesa é baseado em de objetos de acordo, nos quais são observados valores para se estabelecer a tese. Valores concretos e

abstratos, instituindo, assim, um processo de hierarquização de um ensino pautado no lugar da qualidade, relacionado às pessoas, ou seja, ao aluno, ao ser humano, valorizando as práticas de linguagem relacionadas ao campo social.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

ARISTÓTELES (384-322 a. C). **Retórica**. Trad. Edson Bini. 1. ed. São Paulo: EDIPRO, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 4º. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. (1895-1975). Tradução: Paulo Bezerra. 1º. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, B. **BAKHTIN: dialogismo e construção de sentido**. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2005.

BRASIL. Lei nº 9.394/96, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm

COSTA, R. L. **Pau dos Ferros/RN em processos argumentativos de discursos fundantes: da gênese à evolução de um município**. 2020. 367 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade do estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau

dos Ferros, 2020.

DIONISIO, A; MACHADO, A; BEZERRA, M. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2°. ed. 2002.

FARACO, C; ZILES, A. **PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

IRANDÉ, A. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo; Parábola Editorial, 2003.

PERELMAN, C. **O império retórico: retórica e argumentação**. Porto: ASA, 1993.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. São Paulo; Martins Fontes, 2005.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SEDUC. **Currículo do Piauí: um marco para a educação do estado**. Piauí, 2021.

ENUNCIADOS DIGITAIS EM REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE TECNOLINGUAGEIRA

Claudio Márcio Ferreira Cavalcanti (UERN)

claudio2cavalcanti@gmail.com

Maria Elenimar Bezerra (UERN)

mariaelenimar@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

Bakhtin defende, em seus escritos, que a utilização da linguagem acontece por meio de relações de interação estabelecidas pelos indivíduos nas diversas esferas de atuação. Consequentemente, essa interação pode manifestar-se de diferentes formas (escrita, oral, gestual, visual, etc.). Logo, tem-se múltiplas maneiras de se dizer as coisas, isto é, muitas formas de se expressar. Assim, a depender da finalidade pretendida pelo emissor, os textos assumem estruturas diferentes na forma de enunciados reais e únicos que, a partir da perspectiva bakhtiniana, foram denominados de gêneros do discurso.

Vale ressaltar que o processo comunicativo, apesar de autores como Bakhtin e Jakobson, por exemplo, dedicarem-se aos estudos desse processo a partir de teorias distintas, ainda assim, citam a presença do outro para a realização do processo da comunicação, pois haverá a participação do locutor e interlocutor que, por sua vez, estabelecem trocas de informações entre eles atendendo a formas de interações linguísticas que se modificam ao longo do tempo. Isto posto, um enunciado pode solicitar do receptor a compreensão daquele dito fazendo uso de uma forma de linguagem, mas também, com o advento dos recursos tecnológicos, pode exigir a imbricação de diferentes linguagens, as multissemioses, para o entendimento da enunciação. Sendo assim, a interação digital proporcionada pela internet, por exemplo, promoveu mudanças na forma como proferimos enunciados que, em ambiente digital, apresentam-se de forma distinta, devido às possibilidades enunciativas inerentes às plataformas de comunicação digital.

Pretendemos, neste artigo, analisar enunciados digitais em redes sociais, norteados, sobretudo, pelos pressupostos de Bakhtin (2011, 2016), Xavier (2013) e Paveau (2017, 2021). Partimos do pressuposto de que os enunciados expressos em meio digital

apresentam características próprias desse ambiente de produção, ainda que possamos encontrar neles traços da comunicação pré-digital.

Diante disso, partimos das seguintes indagações: i) como se caracteriza a alternância de sujeitos em comentários de redes sociais? ii) como podemos perceber o endereçamento dos enunciados em comentários de redes sociais? iii) de que forma o ponto de vista dos enunciadores pode ser constatado em comentários de redes sociais? A vista disso, objetivamos, no presente estudo, realizar uma análise tecnolinguageira/ecológica de enunciados digitais em comentários de notícias em redes sociais, contemplando tanto aspectos linguageiros como tecnológicos.

Para essa pesquisa, tivemos como aporte teórico os escritos de Bakhtin (2011, 2016), Volóchinov (2013, 2021) e de comentadores do Círculo, tais como Fiorin (2022), Faraco (2009), Sobral (2009) a respeito de enunciado e em estudos de autores como Xavier (2013) e Paveau (2017, 2021), que falam sobre comunicação digital e gêneros digitais, respectivamente.

Este estudo torna-se relevante devido à emergência dos gêneros digitais, que promoveram consideráveis transformações em nossas relações linguageiras. Como assevera Paveau (2017, 2021), a maior parte dos estudos linguísticos sobre enunciados digitais não aborda os aspectos tecnológicos, que são constitutivos desses discursos, apresentando abordagens teóricas e metodológicas essencialmente pré-digitais. Tencionamos, neste estudo, realizar uma análise ecológica³ dos enunciados digitais, abordando, além dos elementos linguageiros, os traços tecnológicos que integram os tecnodiscursos, como defende Paveau (2017, 2021).

O presente estudo configura-se como uma investigação de natureza qualitativa que se reporta a um *corpus* formado por comentários de duas postagens de notícias na rede social Instagram. Esses comentários foram coletados por meio do recurso de *Print Screen*, pelo qual capturamos imagens que forneceram os dados a serem analisados. Optamos por analisar postagens que apresentassem como temática relacionamentos afetivos, uma vez que, assuntos como esses, geram frequentemente muitas interações entre os enunciadores digitais.

3 Conforme Paveau (2017, 2021), uma abordagem ecológica dos discursos envolve, além dos elementos linguageiros, os aspectos tecnológicos, culturais, sociais, políticos, éticos, entre outros que compõem o ambiente em que os discursos se inscrevem.

Nosso texto está organizado estruturalmente da seguinte forma: além dessa seção introdutória, em que contextualizamos a proposta de estudo, contamos com três seções de fundamentação teórica, nas quais discorreremos a respeito das bases teóricas principais que orientam nossa pesquisa. Temos ainda a seção de análise, na qual observamos comentários de duas postagens de redes sociais. E, por último, as considerações finais, em que mostramos os resultados sobre a proposta aqui apresentada.

2. O ENUNCIADO NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Tudo o que é pensado passa a ser externado através da fala ou da escrita e, por conseguinte, é sempre direcionado para o outro; seja real ou fictício. Esse outro, na concepção de Sobral (2009, p. 92), constitui “presença inevitável”. Afinal, “toda informação dirige-se a alguém, é suscitada por alguma coisa, tem algum objetivo, ou seja, é um elo real na cadeia da comunicação discursiva em determinado campo da atividade humana ou da vida.” (BAKHTIN, 2011, p. 288). Assim, palavras soltas, isoladas, sem endereçamento, sem finalidade, sem contexto, ou seja, o dito inserido na abstração não caracteriza o enunciado, pois “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. (BAKHTIN, 2016, p. 11). Transmitem, principalmente, condições específicas, finalidades de cada campo, já que necessitam de um contexto para, só então, tornarem-se “a unidade real da comunicação verbal”. (FARACO, 2009, p. 125).

Dessa forma, o enunciado para o círculo bakhtiniano, segundo Rodrigues (2004, p. 424), “é a unidade concreta e real da comunicação discursiva, uma vez que o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos e singulares, pertencentes aos sujeitos discursivos de uma ou outra esfera da atividade e comunicação humanas.” Dessa maneira, cada enunciado torna-se único e ao mesmo tempo irrepetível, porque sempre desencadeará o surgimento de um novo acontecimento. Isso ocorre devido às condições de produção que, claro, não serão as mesmas. Desse modo, autor e destinatário não serão os mesmos, assim como a finalidade, a situação de interação dentro de um campo da atividade humana, dentre outros aspectos. Destarte, para Volóchinov (2013, p. 171), “em condições distintas, em situações distintas, a enunciação terá também significados distintos,” daí a unicidade e irrepetibilidade de cada enunciado. Afinal, será a

resposta, ou melhor, a réplica do outro a acontecimentos inseridos em contextos múltiplos e diferentes.

Ainda sobre o conceito de enunciado, Sobral (2009, p. 92) explica a ênfase na expressão “concreto”, um termo que aparece na maioria das definições e que representa a palavra-chave para designar tal definição, além disso cita elementos que tornam a enunciação singular e que, de certa forma, contribuem para caracterizá-la, é o que se percebe na citação a seguir:

O enunciado tem caráter concreto, é fruto de uma relação concreta entre sujeitos concretos que se acha refletida em sua estrutura. A ênfase no “concreto” assinala precisamente o fato de o conceito de enunciado concreto ser um conceito enunciativo, não um conceito textual com o qual se designam frases usando o termo como unidade gramaticalmente fechada em si. O que faz uma frase/texto seja tomada como enunciado é portanto algo que vai além da frase e do texto: a ação concreta do autor de conceber (intencionalidade) e executar (enunciação) um dado projeto enunciativo numa dada situação de enunciação, algo que não anula as formas da língua, mas vai necessariamente além delas. Além disso, é preciso haver uma situação comum ao locutor e ao interlocutor; o conhecimento dessa situação por eles e um acordo, de grau variável, sobre sua compreensão; e certo acordo, de grau variável, sobre como avaliar essa situação.

Além desses elementos, o enunciado apresenta algumas peculiaridades que o torna como unidade da comunicação discursiva.

A primeira é a alternância dos sujeitos do discurso, em que o falante conclui seu dizer para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão responsiva (BAKHTIN, 2011).

Já a segunda é a conclusibilidade específica do enunciado caracterizada pelo dito do falante em sua totalidade, isto é, dizer tudo o que pretendia dizer. Essa conclusibilidade se divide em plenitude acabada do enunciado e assegura uma possibilidade de resposta. A primeira é determinada por três elementos: exauribilidade, em que para cada campo da atividade humana há uma maneira de concluir um dito; uns seguindo um padrão e outros possibilitando a presença da criatividade na forma de acabamento. O outro elemento é a intenção

discursiva, “determina a totalidade do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras” (BAKHTIN, 2016, p. 37), ou seja, a pretensão do dizer será determinante para constituição da enunciação. E o último, trata-se das formas estáveis de gênero, ou seja, a depender do objetivo pretendido é que se faz a escolha desse ou daquele gênero, pois “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de certo gênero do discurso.” (BAKHTIN, 2016, p. 38).

Já a terceira peculiaridade diz respeito à relação do locutor com seus próprios enunciados e com os outros participantes da comunicação discursiva. Assim sendo, os vínculos dependerão da relação emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado, da entonação expressiva e das relações com os enunciados do outro (BAKHTIN, 2016).

E para finalizar essas peculiaridades, tem-se o endereçamento, em que há sempre autor e destinatário para se pensar no momento de escrever ou falar um dado enunciado. Para Bakhtin (2011, p. 305-306), “a palavra e a oração por sua própria natureza são desprovidas de direcionamento, de endereçamento – não são de ninguém e a ninguém se referem.” Isto posto, reforça que não só essa particularidade, assim como as demais citadas anteriormente são fundamentais na distinção entre a unidade da comunicação discursiva (enunciado) e as unidades da língua (palavras e orações).

Dessa maneira, seja na escola, no trabalho, na igreja ou em outros campos de atividades; o ser humano faz uso da linguagem na forma de enunciados, visto que, segundo Bakhtin (2011, p. 283), “Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas).” Assim sendo, cada campo constrói tipos diferentes de enunciados, a depender das condições de produção e das finalidades de cada um. Esses diferentes enunciados são moldados em textos que atendem a determinadas especificidades solicitadas por determinado campo, ou seja, “aprendemos a moldar o nosso discurso em forma de gênero.” (Bakhtin, 2011, p. 283).

Então, o enunciado está intrinsecamente ligado ao gênero, uma vez que o enunciado é constituído por uma frase e um contexto que será típico de tal gênero. Já este é em si a forma típica que aquele encontrou para ser divulgado. Desse modo, “o conteúdo e o significado de uma enunciação necessitam de uma forma que os realize, que os efetue, pois fora de tal forma eles sequer existiriam.” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 173).

Sobre isso, Rodrigues (2004, p. 423, grifo do autor) comenta:

O autor [Bakhtin] define os gêneros como *tipos* de enunciados, relativamente estáveis e normativos, que estão vinculados a situações *típicas* da comunicação social. Essa é a natureza verbal comum dos gêneros a que o autor se refere: a relação intrínseca dos gêneros com os enunciados (e não com uma dimensão linguística e/ou formal propriamente dita, desvinculada da atividade social, que excluiria a abordagem de cunho social dos gêneros).

Deste modo, a citação acima reforça o quanto gêneros e enunciados são dependentes um do outro para transmitirem significação de determinada esfera social que, fora dela, o caráter social deixaria de existir nesses tipos de enunciados. A respeito dos gêneros, Fiorin (2022, p. 69) comenta:

Os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades. Conteúdo temático, estilo e organização composicional constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação.

A partir do exposto, é importante destacar os três elementos essenciais na constituição do gênero: Conteúdo temático, estilo e organização composicional. O primeiro diz respeito ao sentido geral de um determinado gênero e não a um assunto específico, por exemplo: as cartas de amor apresentam o conteúdo temático das relações amorosas (sentido geral), mas cada uma tratará de um sentido específico: o término de X e Y, por causa de uma traição, insistência de se casar por um dos envolvidos, dentre outros (FIORIN, 2022). Já o segundo elemento, o estilo, refere-se à seleção dos recursos linguísticos (lexicais, gramaticais e fraseológicos) para demarcar a compreensão do enunciado. E o último elemento é a organização composicional, em que cada texto se organiza de forma para atender ao objetivo pretendido. Logo, o enunciado digital a partir de comentários online pode surgir como alternativa para ampliar o estudo da enunciação.

3. DO DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO DIGITAL AOS COMENTÁRIOS ONLINE

A comunicação humana é um processo que já impulsionou diversos estudos desde, por exemplo, os postulados de Jakobson (2014), norteados pela teoria da comunicação, ao dialogismo dos estudos de Bakhtin (2011). Enquanto para Jakobson (2014) o código comum possibilitava a comunicação entre emissor e receptor, para Bakhtin (2011) os tipos relativamente estáveis de enunciados, ou os gêneros do discurso, é que tornavam viáveis as interações linguísticas. Embora essas duas abordagens se fundamentem em correntes teóricas distintas, poderia se dizer que ambas consideram o processo de comunicação verbal como ação relacionada a formas preconcebidas, compartilhadas socialmente pelos interlocutores, formas estas que foram se modificando ao longo do tempo.

Com o advento da internet, por exemplo, pudemos perceber diversas transformações em nossas relações languageiras. A proliferação do uso de dispositivos eletrônicos proporcionou a consolidação de novos paradigmas de comunicação entre os sujeitos. Dessa maneira surgiram novas formas de interação que reclamaram novas formas de se dizer as coisas. Assim, a linguagem, nosso principal recurso de interação, precisou se ajustar a novas necessidades provenientes sobretudo das novas formas de interação digital.

Nesse ínterim poderíamos conceber o hipertexto como uma dessas novas formas de se dizer as coisas quando se trata de comunicação digital. Segundo Xavier (2013), o hipertexto, como nova tecnologia enunciativa, proporcionou o surgimento do modo de enunciação digital, ao possibilitar uma nova forma de interação mediada por dispositivos digitais, permitindo a organização de informações que podem ser acessadas de acordo com as escolhas dos leitores, muitas vezes de forma não-linear.

No entanto, Xavier (2013) adverte que nem todo texto que possa ser visualizado na tela de dispositivos digitais pode ser concebido como hipertexto. Segundo o autor, “hipertexto significa, grosso modo, texto ampliado e interligado.” (p. 161). Desse modo, um texto que não apresente links para outras informações hospedadas na rede mundial de computadores não poderiam ser concebido como hipertexto online.

Ainda conforme Xavier (2013), o hipertexto, ao permitir o processamento de multissemieses de forma interativa, possibilitou o surgimento de novos gêneros de textos, dinamizados a partir da interação dos leitores. Dessa forma, a interação em meio digital proporcionou

o surgimento de novos gêneros, dotados de particularidades relativas ao seu meio de produção. Logo, hoje nos comunicamos por email, chats, redes sociais, blogs, tuítes entre outros que se tornaram formas preconcebidas de nossa comunicação virtual.

Paveau (2017, 2021) concebe os gêneros digitais como *tecnogêneros de discurso*, os quais seriam dotados de natureza *compósita*, isto é, constituídos por elementos languageiros e tecnológicos. Desse modo, a autora defende que a análise do discurso digital deva contemplar esses dois aspectos e não apenas a natureza linguística dos enunciados. Essa acepção de Paveau (2017, 2021) reitera uma questão que, por muito tempo, permeou as análises linguísticas: a cisão entre linguístico e extralinguístico.

Essa abordagem *não dualista* das produções verbais é definida por Paveau (2017, 2021) como *ecologia do discurso*, para a qual deve-se considerar, além das formas linguísticas, os elementos que fazem parte do ambiente em que os enunciados acontecem. A partir dessa proposta, segundo a autora, a análise dos enunciados proferidos em ambiente digital deveria contemplar, além das propriedades languageiras, os aspectos tecnológicos, culturais, sociais, políticos, éticos, entre outros que contextualizam as interações digitais.

Paveau (2017, 2021) adverte ainda que embora alguns gêneros digitais derivem de gêneros pré-digitais, como o caso dos comentários que, ao serem inseridos em meio digital, passam a apresentar características nativas desses ambientes. Como características nativas desses gêneros podemos citar a presença de links para responder, curtir, reagir, compartilhar, entre outros que possibilitam dinamizar a interação a partir dos gêneros digitais.

Durante muito tempo, os comentários online, segundo Paveau (2017, 2021), foram relacionados à agressão e à violência verbal. Segundo a autora, apesar desse estereótipo, os comentários seriam uma das formas de tecnodiscurso mais recorrentes nas interações via web. Com efeito, os comentários atualmente atraem muitos usuários da web, seja em sites de notícias e, sobretudo, em redes sociais. Não é raro encontrar comentários de pessoas afirmando estarem visitando determinado *post* apenas pelos comentários.

Paveau (2017, 2021) concebe o comentário online como um texto produzido pelos usuários da web a partir de um texto primeiro e que aparecem em espaços próprios, geralmente em blogs, sites de informação e redes sociais. Conforme a autora, assim como todo enunciado online, os comentários apresentam natureza *compósita*, isto é, são constituídos por elementos languageiros e tecnológicos, que podem ser constatados nas características elencadas pela autora.

A primeira característica atribuída por Paveau (2017, 2021) aos comentários online é a *enunciação pseudonímica*, que diz respeito à identificação dos autores de comentários por meio de pseudônimos ou *nicknames*, algo que se tornou padrão em meio a determinados tipos de interação digital, nos quais já na inscrição de uma conta online, em uma rede social, por exemplo, já existe a determinação de se usar um nome alternativo, nome este que institui a identidade virtual do usuário, que pode escolher seu *nickname* de acordo com seus propósitos comunicativos na web.

Outra propriedade dos comentários online citada pela autora é a *relacionalidade*, que diz respeito a metadados que designam estes comentários na web. Podemos perceber essa relacionalidade em links que levam a espaços destinados à escrita de comentários, como “reagir”, “comentar”, “deixar um comentário” entre outros que indicam que o texto a ser redigido em determinado espaço se enquadra na categoria comentário. Dessa forma, desde sua concepção, o comentário já seria identificado metadiscursivamente.

A *conversacionalidade e recursividade* indicam a relação conversacional que determinados comentários podem estabelecer entre si. Entretanto, Paveau (2017, 2021) salienta que as interações conversacionais por meio de comentários online se diferem das interações face a face, que apresentam, por exemplo, marcas de início e fechamento de turno, por exemplo. Nas conversas mediadas por comentários, o início de um turno é indicado por janelas de comentários e o fechamento de turno, exigido nas conversas não virtuais, não é obrigatório nesse ambiente virtual, dada a possibilidade de se responder a um comentário de forma infinita, por meio de uma recursividade ilimitada, própria desse tecnodiscurso.

A *ampliação enunciativa e discursiva* em comentários online indica a possibilidade de os comentários promoverem uma ampliação enunciativa e discursiva do texto comentado, ou texto primeiro, provocando um impacto semântico no texto primeiro e orientado os leitores na produção de sentidos. Isso pode ser percebido em comentários de textos cômicos, por exemplo, em que podemos encontrar comentários que orientam pessoas que não entenderam o humor da publicação e vão aos comentários buscando entender o efeito de humor da postagem.

Por fim, Paveau (2017, 2021) cita a *publicidade e visibilidade*, que sugerem que os comentários, na maior parte das vezes, são visíveis a qualquer um, são de domínio público, com exceção, por exemplo, em perfis fechados de redes sociais ou em sites de informação que restrinjam a visualização destes textos a usuários cadastrados.

A partir das considerações acerca dos comentários online, percebemos que sua natureza compósita pode ser constatada a partir de suas particularidades, que indicam sua constituição linguageira, a partir dos textos, e tecnológica, por meio dos elementos clicáveis que designam ações diversas.

Os comentários online podem ainda ser vistos como importantes mecanismos de interação digital, pois permitem trocas conversacionais entre os leitores de determinados *posts* e ainda entre leitor e autor do texto primeiro, este que pode, inclusive, responder a comentários sobre sua publicação.

Vimos nessa seção que a comunicação verbal já foi objeto de estudo de diversos estudos, como os de Bakhtin (2011) e Jakobson (2014), que perceberam que o processo comunicativo se dá sobretudo por meio de estruturas predefinidas, socialmente compartilhadas.

Percebemos ainda que tanto o código, a língua, como os gêneros do discurso evoluem de acordo com as necessidades dos falantes. Discorremos ainda sobre o desenvolvimento da comunicação mediada por dispositivos eletrônicos, sobretudo em ambiente virtual da web, que vem estabelecendo novos paradigmas comunicacionais. Em meio ao desenvolvimento da internet, uma tecnologia enunciativa foi fundamental para o estabelecimento de novas relações linguageiras, o hipertexto, que possibilitou o surgimento de textos interconectados a diversas informações dentro da rede mundial e seu acesso a partir de um clique.

Por fim, abordamos os conceitos defendidos por Paveau (2017, 2021), como as noções de tecnodiscurso, que, segundo a autora, configuram-se como fenômenos compósitos, constituídos de aspectos linguageiros e tecnológicos. Desse modo, os textos digitais nativos reclamariam análises que contemplem tanto os elementos linguageiros quanto tecnológicos. Os comentários online seriam um exemplo de tecnodiscurso nativo em que podemos perceber essa natureza compósita, uma vez que, junto dos textos, temos links e metadados que possibilitam diversas ações dentro do ambiente virtual.

Na próxima seção discutiremos possíveis relações entre os estudos do enunciado de Bakhtin (2011) e os enunciados digitais.

4. O CONCEITO DE ENUNCIADO BAKHTINIANO E OS ENUNCIADOS DIGITAIS

As ideias de Bakhtin (2011) contribuíram sobremaneira para os estudos da linguagem. Entre seus pressupostos, está o conceito de

enunciado, a partir do qual o autor russo expressa seu entendimento de que linguagem deva ser analisada a partir seu uso, de forma situada. Vimos em seção anterior que o enunciado, conforme Bakhtin, é concebido como unidade de comunicação discursiva, ou verbal, que apresenta algumas particularidades como a alternância de sujeitos de discurso, que indica início e término dos enunciados, nos quais os sujeitos expressam pontos de vista, sempre direcionados a alguém, que apresenta atitude responsiva e ativa.

E quando se trata de enunciados digitais, também seria possível analisá-los da mesma forma sugerida por Bakhtin (2011)? Vimos em outra seção que uma das características do enunciado digital, defendida por Xavier (2013), é sua imediata indexação à web, por meio de links, por exemplo. Os links, ou hiperlinks, segundo o autor, possibilitaram uma interconexão entre textos e informações hospedadas na web, evidenciando relações dialógicas entre os enunciados digitais, que constituem, conforme Xavier (2013), uma “teia virtual de saberes com alcance planetário a qualquer hora do dia” (p. 273). Essa interconexão entre enunciados digitais nos fez lembrar o que disse Bakhtin (2011) sobre a relação dialógica entre enunciados, que nunca seriam proferidos num vácuo, mas sempre vinculados a outros enunciados de alguma forma.

Segundo Bakhtin (2011), todo enunciado é direcionado a alguém, particularidade que podemos perceber também no discurso digital, de maneiras específicas. De acordo com Paveau (2017, 2021), uma das características dos tecnodiscursos nativos da web seria sua natureza compósita, ou seja, sua constituição languageira e tecnológica. A partir dessa propriedade, também é possível perceber o endereçamento nos enunciados digitais. Em comentários de redes sociais, por exemplo, ao se responder a outro comentário, a resposta já é automaticamente precedida do nome (ou pseudônimo) do destinatário desse enunciado digital. Segundo Paveau (2017, 2021), esses pseudônimos que designam contas em redes sociais também são elementos compósitos, uma vez que são clicáveis, isto é, possibilitam a execução de alguma ação predefinida, além de apresentarem elementos linguísticos. Outra situação em podemos perceber esse endereçamento de um enunciado digital é quando se marca, em comentários digitais, por meio do símbolo @, um usuário que, a priori, não participa daquela interação online.

A alternância de sujeitos descrita por Bakhtin (2011) também pode ser percebida em enunciados digitais. Novamente vamos recorrer aos comentários online para exemplificar essa particularidade enunciativa. Como vimos, Paveau (2017, 2021) defende que os comentários online apresentem natureza conversacional. Podemos perceber isso em trocas de turnos promovidas por comentários que respondem a outros dentro de uma postagem. Para Bakhtin (2011), essa alternância de locutores delimita os limites dos enunciados,

indicando seu fim e início de outros, que dialogam com os enunciados precedentes. Ainda segundo o autor, o término de um enunciado possibilita a ação responsiva do outro interlocutor. Podemos identificar essa particularidade, ainda, nos espaços destinados a comentários, em redes sociais, por exemplo, em que, abaixo dos comentários, há links para respostas dos outros usuários, demarcando explicitamente o fim daqueles enunciados digitais, que podem ser replicados por qualquer um que o visualize.

Diante do que foi dito, entendemos que algumas ideias de Bakhtin, propagadas inicialmente no século passado, ainda poderiam ser relacionadas aos estudos do discurso digital. Embora possamos encontrar nos enunciados digitais algumas correspondências com os enunciados pré-digitais, aqueles ainda apresentam características específicas, sobretudo por conta do uso da tecnologia em sua composição. Na seção de análise de dados, em que pretendemos analisar comentários de duas postagens da rede social Instagram, retomaremos essa discussão acerca dos enunciados digitais e as ideias de Bakhtin (2011), com exemplos do corpus estudado.

5. ENUNCIADOS DIGITAIS EM REDES SOCIAIS

Nesta seção, pretendemos analisar enunciados digitais em comentários de notícias em redes sociais. A temática que elencamos para nosso estudo diz respeito a *relacionamentos amorosos*, uma vez que postagens sobre esse assunto geralmente provocam vários diálogos na seção de comentários.

Importante salientar que selecionamos comentários publicados em perfis públicos (@opovoonline, @portalr7 e @r7entretenimento), ou seja, são textos que poderiam ser visualizados por qualquer usuário da rede social Instagram, razão pela qual não omitimos os nomes das contas, que foram abordadas com finalidade estritamente científica neste estudo.

Desse modo tencionamos observar, nesses comentários de notícias, traços dos enunciados preconizados por Bakhtin (2011, 2016), contemplado também aspectos dos tecnodiscursos defendidos por Paveau (2017, 2021). Destarte procuramos perceber nesses enunciados digitais como ocorrem os processos de alternância de sujeitos, de endereçamento e ainda identificar pontos de vista expressos pelos enunciadorees. Para essa demanda, selecionamos comentários de duas postagens de perfis jornalísticos do Instagram. Para cada análise, apresentaremos a postagem e alguns comentários provenientes desses textos. Passemos a primeira análise.

Figura 1: Postagem 1



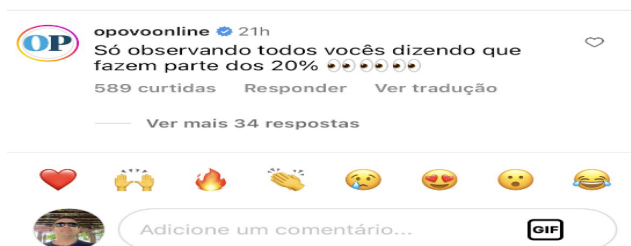
Fonte: @opovoonline, acesso em 01/09/2023.

A figura 1 apresenta uma postagem feita pelo perfil @opovoonline em que se aborda o assunto traição amorosa. O texto da postagem apresenta informações provenientes de uma pesquisa que sugere que, no Brasil, 80% das pessoas já teriam cometido algum tipo de traição em relacionamentos afetivos. A postagem apresenta enunciados que podem ser enquadrados no gênero notícia que, em ambiente digital, possibilita a interação dos leitores, por meio de curtidas, compartilhamentos ou de comentários.

Os comentários possibilitam a alternância de sujeitos de discurso, uma vez que dão voz ao leitor, que pode, ao ler a postagem, ter atitude responsiva ativa, erigindo enunciados a partir de suas impressões. Os comentários podem indicar também o término de um enunciado e início de outro. Esse processo de introdução de um novo comentário, ou enunciado, poderia ainda ser relacionado ao clique que os enunciadorees dão em links ou botões com a legenda “comentar”, por exemplo, ou seja, o surgimento de um novo enunciado digital poderia ser acionado de forma tecnodiscursiva. Dessa forma, além das fronteiras linguístico pragmáticas, no ambiente digital, os limites entre enunciados poderiam ser percebidos a partir de recursos tecnológicos.

O primeiro comentário desta postagem, indicado pela figura 2, é feito pelo próprio perfil @opovoonline, que procura, de certa maneira, provocar os leitores, instigando o surgimento de novos comentários. Já teríamos aqui a alternância de sujeitos de discurso, uma vez que o administrador do perfil geralmente não é o autor das postagens, escritas sobretudo por jornalistas.

Figura 2: comentários 1



Fonte: @opovoonline, acesso em 01/09/2023.

Os destinatários desse comentário, e da maioria dos outros, são os leitores da postagem que os originou, pois, dada a natureza pública da maioria das postagens da web, qualquer um poderia respondê-lo. Entretanto há ainda recursos tecnodiscursivos que podem especificar um destinatário, como o uso do @ seguido do nome de um usuário da rede social, por exemplo, o que podemos perceber na figura 3 a seguir.

Figura 3: comentários 2



Fonte: @opovooline, acesso em 01/09/2023.

No comentário acima, o usuário marcou dois perfis de rede social, utilizando-se de um recurso tecnológico específico dessa plataforma digital, especificando um endereçamento distinto para seu enunciado. Dessa maneira, as duas contas da rede social mencionadas receberão uma notificação de que foram marcadas em um comentário e que podem, ou não, participar da interação em que foram marcadas, ao clicar no link gerado pela rede social.

É possível ainda perceber nos comentários pontos de vista dos enunciadores, de forma explícita ou indireta, como nos comentários abaixo, expresso pela figura 4.

Figura 4: comentários 3



Fonte: @opovooline, acesso em 01/09/2023.

Nos comentários acima, podemos ainda identificar a posição dos autores acerca da temática abordada pela postagem de @opovooline. Mesmo que de forma jocosa, é possível inferir que, para o enunciador @igor.yp, a infidelidade é algo necessário, pois prepararia as pessoas para a vida. Já para @mayarajackson25, o segredo para não ser traído seria permanecer solteira. Constatamos, dessa maneira, nesses comentários, que não há enunciados neutros, como já asseverou Bakhtin (2011, 2016).

Agora, passemos para a segunda análise.

Figura 5: postagem 2



Fonte: @portalr7, @r7entretenimento, acesso em 01/09/2023

A figura 5 traz uma postagem realizada pelo portal R7 pertencente ao Grupo Record em que discute sobre o conteúdo temático das relações amorosas. O assunto, especificamente, trata-se de ciúme. Assim, o texto da postagem aborda a representação de uma discussão

entre o casal Jojo Todynho e Renato Santiago manifestada por esse sentimento negativo de ambos. Deste modo, conforme Bakhtin (2016, p. 16-17) afirma, “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua.” Ou seja, tanto os enunciados quanto a vida estão intrinsecamente ligados, dependentes, pois a língua só tem o que transmitir porque esses dois componentes se conectam e possibilitam a produção de fatos reais e sociais, a partir de situações concretas. Situações de ciúme fazem parte da vida, logo tratam-se de um enunciado que, por conseguinte, a língua se encarrega de divulgar e os sujeitos, envolvidos na interação, de participar. A publicação apresenta enunciados característicos do gênero notícia que, por sua vez, em ambiente virtual, permite o diálogo entre os participantes daquele espaço, seja curtindo, compartilhando, comentando e, dessa forma, expressa um ponto de vista, afinal “qualquer enunciado real, em grau maior ou menor e de um modo ou de outro, concorda com algo ou nega algo.” (VOLÓCHINOV, 2021, p. 197).

A interação dos participantes, através dos comentários, permite a alternância dos sujeitos do discurso, uma vez que o internauta finaliza seu dizer para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão responsiva (BAKHTIN, 2011). Esse dizer, ou melhor, o ponto de vista expresso pelo outro pode ser registrado com um simples clique em links, em locais como “comentar”, “curtir”, “compartilhar” ou ainda pelo envio de símbolos usados para representar uma opinião. Sendo assim, os recursos tecnológicos podem representar uma demarcação entre um enunciado e outro para auxiliar no processo comunicativo. Desta forma, os participantes registram o que pensam sobre a postagem lida, retomam um comentário anterior e, concomitantemente, iniciam uma nova enunciação por meio da finalização do discurso de outrem. Dessa maneira, é realizada a fixação de um posicionamento de um sujeito social de forma alternada, pois, para Faraco (2009, p. 66), “só assim é possível [...] fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la.” É o que percebemos nos discursos a seguir, ilustrados pela figura 6. Analisemos:

Figura 6: comentários 4

-  **marilzacaceres** 13h
Paga de empoderada, e no fim é tão carente
243 curtidas Responder Ver tradução
[Ver mais 8 respostas](#)
-  **mesquitavanua** 13h
Ja começou, aja ela toma o carro
168 curtidas Responder Ver tradução
-  **simone_araujo_campioni** 13h
@mesquitavanua isso aí pega o carro de volta já que ele quer galinhar que seja de Uber 🤔
8 curtidas Responder Ver tradução
-  **mesquitavanua** 13h
@ kkkkkk bem isso 🤔
Responder Ver tradução
-  **iguaciaracampes** 12h
@mesquitavanua Eu nem tinha dado 🤔🤔🤔🤔
7 curtidas Responder Ver tradução
-  **mesquitavanua** 12h
@ pois é..nem eu
-  **adrielle_alasca** 12h
@mesquitavanua 🤔🤔🤔🤔
1 curtida Responder
-  **anaalmeida9253** 12h
@mesquitavanua ne 🤔🤔🤔??
1 curtida Responder
-  **analuizalealdasilva829** 12h
@mesquitavanua 🤔🤔🤔
1 curtida Responder
-  **marilza.rocha.7771586** 11h
@mesquitavanua 🤔🤔🤔🤔
Responder
-  **dalinesimoes2023** 11h
@mesquitavanua kkk
Responder

Fonte: @portalr7, @r7entretenimento, acesso em 01/09/2023

A partir do exposto, nota-se a alternância dos sujeitos desse discurso digital em que é possível perceber posicionamentos expressos a partir da postagem realizada pelo portal R7. Alguns dos participantes registram a opinião tendo como apoio apenas o texto primeiro, como é o caso das internautas marilizacaceres e mesquitavanuz; já os demais, direcionam o ponto de vista a partir de um posicionamento do texto comentado feito por uma pessoa que utiliza aquele espaço, o enunciado de mesquitavanuz. Nestes há um endereçamento marcado a partir do símbolo @, recurso tecnodiscursivo, com intuito de mencionar o texto do qual originou tais comentários. Além de comentar sobre o assunto do texto primeiro, demarca uma opinião de um dos participantes que, por sua vez, instiga a participação de outros. Para Fiorin (2022, p. 8-9), “[...] o leitor participa desse diálogo mobilizando aquilo que leu e dando a todo esse material uma resposta ativa.”

Com isso, prolonga-se o assunto (ratificando a propriedade de ampliação enunciativa que os comentários apresentam, conforme Paveau (2017, 2021) e, conseqüentemente, incentiva a produção de novos enunciados. A posição responsiva das pessoas que participam do diálogo acontece não apenas com a utilização de letras, mas, principalmente, pela adoção de símbolos característicos do meio digital, um deles são os emojis. Logo, os recursos tecnodiscursivos auxiliam na alternância dos sujeitos do discurso e na construção de novos comentários. Já que, segundo Bakhtin (2011, p. 272), a compreensão ativamente responsiva permite “[...] uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc.” dos falantes do discurso em relação ao que participam.

Desse modo, responsabilizar-se pelo dito é uma forma de manifestar a singularidade daquele sujeito diante de tantos dizeres. E cada manifestação expressa em uma enunciação denuncia informações importantes que contribuem para que aquele posicionamento seja assumido daquela forma e não de outra. Dito isso, é imprescindível que as condições reais de produção sejam apresentadas, especificadas naquele contexto. Afinal, segundo Oliveira et al. (2020, p. 119), “A palavra, o texto só tem sentido, significação viva, se responder a situações sociais de sua existência.” Nesse sentido, para que ocorra interação e, conseqüentemente, responsividade é necessário a presença de contextos reais, ou seja, conduzir o produtor de texto, através das palavras, a um caminho que o faça assumir uma posição. Por conseguinte, postagens como essa, sobre o conteúdo temático das relações amorosas, representam uma situação real

vivenciada por muitos que, conseqüentemente, terão muito a comentar e, à vista disso, novos enunciados serão produzidos. Isto posto, é possível identificar pontos de vista expressos pelos enunciadores. É o que observamos nos diálogos a seguir:

Figura 7: comentários 5

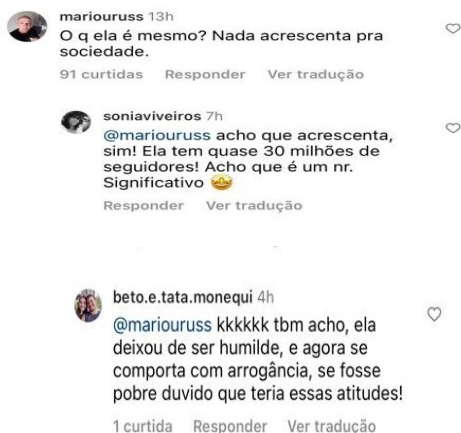


Fonte: @portalr7, @r7entretenimento, acesso em 01/09/2023

Os pontos de vista expressos nesses enunciados podem ser revelados através de comentários referentes apenas ao texto primeiro ou ainda, de forma mais ampla, a uma opinião de um participante. Nesse caso, acontece um endereçamento através do símbolo @ e, em seguida, comenta-se a respeito do enunciado do outro que, de certa forma, não deixa de comentar também a temática proposta da qual é a referência principal. Fora isso, contribuem para a divulgação da mensagem caracteres típicos do ambiente virtual, pois alguns dos participantes preferem divulgar a opinião utilizando-os como única forma de expressão, como é o caso da internauta *sindy_xavier*, em um dos seus comentários, faz uso do emoji da cara com sorriso cobrindo a boca, demonstrando que não deveria estar rindo diante daquela situação, mas mesmo assim acha a situação engraçada. E, de certo modo, através de um clique, o posicionamento dela foi revelado perante todos. Assim acontece também com os participantes *sindy_xavier*, em outro momento; *dealbuquerqueoberta* e *soniaviveiros* utilizam os símbolos e as letras no processo comunicativo, em que a linguagem verbal é complementada, revelando mais expressividade, com a linguagem não verbal na construção dos enunciados.

Além disso, é possível acompanhar as postagens identificando a relevância do que é dito por meio de “curtidas”, revelando que o usuário gostou e aprovou o que foi divulgado. Isso mostra que os aspectos tecnológicos também são constitutivos desses discursos e, que contribuem para a identificação de opiniões. Percebe-se também um ponto de vista que demonstra admiração e reconhecimento pelo que Jojo Todynho faz, como mostra o comentário de soniaviveiros, em que através da postagem do usuário mariouruss, endereça o posicionamento dela, de maneira positiva, a esse enunciador. Contribui para a transmissão da mensagem o emoji da cara com estrelas nos olhos no qual reforça a fascinação por aquela celebridade, já que se tivesse apenas o texto verbal poderia ser interpretado apenas como ironia. Já o outro comentário, também endereçado ao usuário mariouruss, revela uma opinião divergente a de soniaviveiros, porque compactua do mesmo ponto de vista a quem o enunciado foi encaminhado. Pode-se conferir, a partir da figura 8, as réplicas digitais dos discursos desses enunciadores logo abaixo:

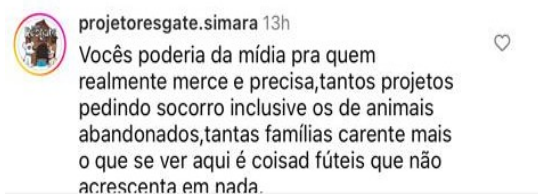
Figura 8: comentários 6



Fonte: @portalr7, @r7entretenimento, acesso em 01/09/2023

É perceptível também o ponto de vista do enunciador “projetoresgate.simara” que rejeita todos os posicionamentos daquela interação. Nesse ínterim, a partir do que objetiva enunciar, de acordo com o propósito pretendido, solicita mídia para quem, de fato, merece e precisa, dar ênfase aos projetos direcionados a animais abandonados e atenção a famílias carentes. Pois, dedica-se a isso. É o que confirmamos logo adiante a partir do seguinte texto da figura 9:

Figura 9: comentários 7



Fonte: @portalr7, @r7entretenimento, acesso em 01/09/2023

Portanto, “toda informação dirige-se a alguém, é suscitada por alguma coisa, tem algum objetivo [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 46). Isto posto, ratifica que é impossível um enunciado ser neutro, visto que sempre terá uma intenção ao selecionar os vocábulos para compor uma enunciação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar comentários sobre notícias na rede social Instagram, pudemos perceber que os enunciados digitais acontecem de forma inerente ao ambiente digital de interação. Desse modo, particularidades descritas por Bakhtin (2011, 2016) para os enunciados pré-digitais emergem, algumas vezes, de forma compósita, isto é, por meio de recursos linguageiros e tecnológicos.

A alternância de sujeitos, que, segundo o autor russo demarcam os limites entre os enunciados e possibilitam a atitude responsiva ativa dos enunciadores, podem ser percebidas em postagens de redes sociais, por exemplo, na troca de turnos entre um comentário e outro que mantêm entre si relações dialógicas. Vimos que os links ou botões com legendas do tipo “comentar” ou “publicar”, ao serem clicados, promovem o início de um novo enunciado, que poderá ser respondido por outro enunciador e assim por diante. Dessa maneira, poderíamos sugerir que o os limites entre os enunciados digitais possam ser sinalizados por recursos tecnodiscursivos de natureza compósita, uma vez que podem ser expressos por recursos que agregam aspectos linguageiros e tecnológicos, como é o caso dos links ou botões de navegação.

Embora muitos comentários sejam publicados em espaços de domínio público, o que sugere que seu conteúdo seja endereçado a qualquer um que possa visualizá-lo, vimos que o endereçamento

dos enunciados digitais também pode ocorrer de forma interativa, por meio do uso de símbolos como o @, pelo qual se pode especificar um destinatário específico dentro de um comentário, por exemplo. Por meio dessa ação tecnológica, o usuário marcado é notificado sobre a referência a seu perfil de rede social e pode, dessa maneira, responder ao comentário em que é citado.

Por fim, foi possível ainda perceber o ponto de vista dos enunciadoreos nos comentários de redes sociais analisados, por meio do uso de expressões linguageiras, elementos imagéticos, como os emoticons, ou ainda por meio das reações às postagens mediante curtidas e compartilhamentos, por exemplo.

Depreende-se das análises de comentários digitais deste artigo que os enunciados digitais emergem de maneira específica, de acordo com o ambiente digital em que são erigidos. Dessa maneira, endossamos a proposta de Paveau (2017, 2021) e acreditamos que os enunciados digitais devam ser analisados levando-se em consideração sua natureza compósita, isto é, observando-se tanto elementos linguageiros como tecnológicos, que se imbricam nos movimentos enunciativos concebidos online, de forma nativa.

Por fim, entendemos que o estudo dos enunciados digitais careça de reflexões que extrapolem as dimensões de um artigo como este e que nossas proposições sejam apenas uma amostra do que se possa ponderar acerca dos enunciados digitais que se entrecruzam por entre as infinitas teias da Web.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra, notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. Os Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Introdução e tradução de Paulo Bezerra, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. (p. 261-306).

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, J. L. Os gêneros do discurso. In: FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022. (p. 67-83).

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

OLIVEIRA, Joseilda A. de, ALVES, Wanderleya M, BESSA, José Cezinaldo R. **e-escrita** Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, v.11, Número 1, janeiro-junho, 2020.

PAVEAU, M.A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.

RODRIGUES, R. H. **Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana**: algumas questões teóricas e metodológicas. Linguagem em (Dis)curso. Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun. 2004.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

VOLÓCHINOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo – São Paulo: Editora 34, 2021.

XAVIER, A.C. **A era do hipertexto**: linguagem e tecnologia. Recife: Pipa Comunicação, 2013.

PLURILINGUISMO NO BRASIL: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES

DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LÍNGUA ESTRANGEIRA⁴

Joyce Eduarda de Araujo Feitosa (UERN)

joyceeduarda@alu.uern.br

Lucas Maurílio da Silva Ferreira (UERN)

lucasmaurilio@alu.uern.br

Manoela Fernandes Marques

1. INTRODUÇÃO

A língua faz parte da construção de um povo, é por meio dela que expressamos nossos sentimentos e ideias, com ela temos a habilidade de se comunicar, por isso a língua é extremamente importante para seu povo, pois faz parte da sua cultura e identidade. Mesmo sendo algo tão significativo, algumas línguas são vítimas de repressão, desde os processos de colonização até os dias de hoje, não são reconhecidas como línguas em seus países e não ganham destaque nas disciplinas de linguagem dentro das escolas.

Segundo o censo do IBGE de 2010 existem no Brasil 250 línguas, mas o nosso país ainda é visto como monolíngue, sendo a língua portuguesa considerada como única língua do país, essa visão de um país monolíngue e o não conhecimento do plurilinguismo presente no Brasil reflete um desconhecimento da população no geral, como também de alguns professores que trabalham com as disciplinas de linguagem, o que nos leva ao questionamento de qual espaço essas outras línguas faladas no nosso país tem ocupado dentro das salas de aula? O que os professores entendem por plurilinguismo? E como os alunos têm acesso a essa diversidade linguística?

Partindo desses pontos o presente artigo irá trabalhar com a temática do plurilinguismo, buscando observar e descrever como acontece o ensino e as práticas pedagógicas do plurilinguismo nas disciplinas de linguagem, tanto de português como as de estrangeiras,

4 Artigo apresentado como trabalho final da disciplina Sociologia da Linguagem, ofertada no 6º período do curso de Letras/Português, do semestre 2022.1, e ministrada pelo Prof. Dr. José Cezinaldo Rocha Bessa.

inglês e espanhol, nas salas de aulas do ensino médio de escolas públicas, trazendo reflexões a respeito da importância de ser trabalhado o plurilinguismo no ambiente de ensino.

As discussões sobre plurilinguismo não ocupam ainda um lugar de prestígio dentro das práticas pedagógicas de ensino, dessa forma trabalhamos com essa temática buscando promover o lugar de importância que o plurilinguismo necessita ocupar dentro das salas de aula e nas práticas pedagógicas, pois a língua sendo pertencente ao seu povo merece e deve ser valorizada, ressaltando as suas contribuições para a formação de identidade de seu povo e de sua formação cultural; em nosso país, muito de nossa formação cultural se deu no contato com diferentes culturas, consequentemente, no contato com outras línguas, hoje desprezadas a favor da língua hegemônica, de origem europeia.

O Brasil é um país plurilinguista como Oliveira (2009) vem discutir, temos diversas línguas faladas em nosso território como também uma variação diversa do próprio português, essa variação seria o multilinguismo, mas apesar dessa diversidade a realidade é que esse conhecimento vem a ser na verdade um desconhecimento tanto para as pessoas em geral como até para os próprios professores de linguagem que muitas vezes desconhecem essas temáticas, e isso acontece devido a questões políticas e históricas desde o período de colonização, em que várias línguas sofreram repressão e muitas ainda sofrem até hoje, ocasionando esse desconhecimento por parte dos professores e consequentemente nos conteúdos em salas de aula. Como também é por falta desse saber, que vemos a ideia de que o Brasil é um país monolíngue, como pontuam Fargetti e Miranda (2016), essa ideia que muitas vezes é difundida dentro das próprias escolas e do sistema de ensino, como mostraremos a partir da BNCC - Base Nacional Comum Curricular para comprovar este fato.

2. METODOLOGIA

A nossa pesquisa foi realizada de forma descritiva, buscando compreender a concepção dos professores de linguagem do ensino médio sobre o plurilinguismo. Para isso elaboramos um questionário por meio da plataforma Google Forms, e enviamos para alguns professores das disciplinas de linguagem: português, inglês e espanhol, preservando os nomes dos professores. O formulário continha algumas perguntas a respeito da compreensão do professor sobre a temática do plurilinguismo e como ela estaria sendo trabalhada nas salas de aula. Coletamos os dados, e buscamos descrever como esses professores entendiam a temática e como estavam trabalhando em suas aulas.

3. ANÁLISE

Buscando analisar e descrever a concepção de professores de Língua Portuguesa e de Língua Estrangeira sobre o Plurilinguismo, como também suas práticas de trabalho com esta temática, através de descrições de aulas realizadas pelos próprios professores, evidenciando como o Plurilinguismo se faz presente, ou não, no contexto escolar. Partindo disso, questionamos os professores sobre a noção que eles possuem sobre o assunto.

Logo notamos na primeira resposta, de um docente de Língua Portuguesa (chamaremos de Docente LP) uma concepção quase geral sobre este tema, que muitos acabam tendo por estarem se deparando com este assunto pela primeira vez: “As diversas formas de linguagem: dialetos, gírias, formas de falar que são definidas pelo contexto social dos falantes.” (Docente LP.) O docente de língua estrangeira (chamaremos de Docente LE), por outro lado, diz que o plurilinguismo é “a capacidade de comunicar-se em vários idiomas”.

O docente de Língua Portuguesa somente fala da Variação Linguística, enquanto que o de Língua Estrangeira aborda, relacionando com outras línguas, ao dizer que está área de estudo trata da capacidade de falar muitos idiomas; ambas as concepções se tornam mais evidentes quando pedimos para dissertarem sobre como eles vêem essa questão do plurilinguismo em nosso país:

A língua portuguesa do Brasil é composta por diferentes falares, marcas linguísticas próprias de cada região, porém há uma tendência à valorização das variantes de prestígio, faladas em regiões como sul e centro oeste. (Docente LP)

Docente LP concebe o plurilinguismo como sendo apenas questões de Variação Linguística, indo ao encontro da ideia apontada por Fargetti & Miranda (2016, p. 79), ao dizer que “No Brasil, há uma ideia geral de que somos um país monolíngüe”, ou seja, de que em nosso país se fala uma única língua em todo o nosso território, sendo essa língua hegemônica, o Português, de origem colonizadora, dita como Língua Oficial do Brasil. Assim, observamos que o docente LP não expande o seu conceito de plurilinguismo, para outros níveis, como faz o professor de Língua Estrangeira em sua fala: “A necessidade de saber comunicar-se em diversas línguas vem a cada dia se vulgarizando.”

O docente LE traz a visão de um mundo globalizado para conceituar o plurilinguismo, para ele, significa a necessidade do

aprendizado de outras línguas, que está se tornando comum por conta das necessidades deste novo panorama social.

No entanto, estas respostas não estão de acordo com o real significado do plurilinguismo, e revelam a falta de conhecimento dos profissionais de educação (na área da Linguagem) para lidar com este tema; um demonstra total desconhecimento sobre o assunto, enquanto o outro vê do ponto de vista global, ou seja, cada professor traz em suas idéias aspectos da sua área de atuação, o professor que ensina Língua Portuguesa concebe o plurilinguismo ligado apenas a esta língua; já o professor de Língua Estrangeira pensa como sendo as relações que precisam ser estabelecidas com outras línguas, por causa da necessidade de vivermos em um contexto globalizado.

A falta de conhecimento a respeito não é vista de forma intencional, melhor dizendo, não é por acaso o desconhecimento do professor. Devemos esta falta às políticas de repressão ocorridas na história do Brasil, com o objetivo de valorizar a cultura luso-brasileira, que acarretou no desconhecimento da população sobre a nossa variedade lingüística, não no sentido de variações da própria língua, mas no convívio do português com outras línguas em nosso território. Como bem fala Oliveira (2009, p. 19), “produziu-se o ‘conhecimento’ de que no Brasil se fala o português, e o ‘desconhecimento’ de que muitas outras línguas foram e são igualmente faladas”, contribuindo, assim, para a desvalorização de outras línguas faladas no país.

Desconhecimento presente, principalmente, nas universidades, o que justifica a concepção advinda dos professores, pois não vemos um olhar aprofundado na academia para discussões sobre este tema, o ensino de Linguística nos cursos de Letras, muitas vezes, não possui um olhar mais profundo para políticas linguísticas, ou seja, um estudo das relações da língua com a vida social, isso dentro de nossa realidade:

Não era algo corriqueiro, naquele momento, que se pensasse que numa graduação em linguística houvesse a necessidade de tratar de política linguística, ou de mostrar ao estudante que são tomadas decisões sobre as línguas e realizadas ações sobre as línguas, isto é, que as línguas são também moldadas pela intervenção humana. (OLIVEIRA, 2016, p. 383)

Por conta do apagamento da nossa diversidade linguística, não se discutia, como podemos ver na fala de Oliveira (2016), questões linguísticas ligadas à vida política dos cidadãos brasileiros, e como essas políticas afetam o uso da língua no meio social. Com isso, vemos que as universidades não preparam professores com esse olhar para

outras culturas e crítico para com a perda dessa diversidade dentro de seu meio sociocultural.

Com isso, toda essa discussão em torno do plurilinguismo se perde por completo, como podemos ver no trabalho que os professores realizam em sala de aula, ao introduzirem o que eles pensam ser o tema questionado. se perde por completo. As idéias propostas pelos educadores sobre o plurilinguismo pode afetar todo o seu trabalho em sala de aula, deixando de trazer discussões de extrema importância para o desenvolvimento pessoal do estudante, como veremos adiante, quando os questionamos em relação ao trabalho com este tema em sala de aula, a partir das suas abordagens.

O Docente LP nos diz o seguinte: “Sim, já tivemos aula específica sobre variação linguística assim como, na escolha de textos, procuramos inserir essa diversidade”. O Docente LE nos explica o uso da temática em suas aulas: “Utilizamos o plurilinguismo para esclarecer origem ou intenção da escrita de termos dentro de um texto”.

Em ambas as respostas, discussões reais sobre o assunto se perdem em outros estudos. A primeira resposta (do docente LP) revela completamente a materialização do seu entendimento sobre o tema: o trabalho com Variação Linguística, o que poderia ser, além do estudo das variações do português, um estudo das diversas línguas presentes em nosso território, tanto nativas, como estrangeiras, realizando assim um estudo amplamente cultural, ao invés de só focar em um único conteúdo.

O docente LE define o seu trabalho com o plurilinguismo ao estudo da origem de termos ou “intenção da escrita” de determinadas palavras em enunciados, que é basicamente um estudo diacrônico de uma língua estrangeira, o que implica no estudo da influência de outras línguas em sua formação, mas, ao trazer esse estudo ligado a escrita de textos, concluímos ser apenas gramatical e semântico das palavras e a relações com outras dentro do enunciado.

Com base nisso, nota-se que a noção de país plurilíngue nas escolas não se faz presente, reflexo da formação profissional. Fargetti e Miranda (2016) trazem a ideia de a escola ser um espaço no qual se difunde a noção de país monolíngue. Assim, a instituição simboliza esse apagamento cultural, um dos fatores dessa falta de discussão do plurilinguismo no processo formativo dos profissionais da área de Linguagem, ocasionado por um intenso projeto político ao longo da construção de uma identidade brasileira.

A desvalorização do Plurilinguismo é vista, também, quando observamos os documentos oficiais da educação, que possuem como

objetivo regular o ensino brasileiro nas escolas. Estes documentos reguladores ignoram totalmente o assunto, como podemos ver em uma das propostas da BNCC, referente ao ensino médio, em relação ao ensino de Língua Portuguesa no campo social:

Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos lingüísticos. (BNCC, 2017, p. 500)

A base Nacional Comum Curricular não aborda o plurilinguismo, como podemos ver, foca apenas em questões de Variação Linguística, um tema ligado ao multilinguismo, que, diferente do plurilinguismo, é definido por Oliveira (2009) como sendo o trabalho com aspectos de uma única língua em uma dada comunidade linguística, caso da Língua Portuguesa e suas variações em nosso território.

O apagamento da noção da variedade linguística-plurilíngua está presente em todos os campos educacionais, pois, assim como os documentos oficiais, os livros didáticos também não abordam tal questão, o que Fargetti e Miranda (2016, p. 83) chamam de “tendência generalizada” do desconhecimento do tema em livros didáticos, o que não é de se esperar, já que muitos livros não seguem o ensino de Variação Linguística como é determinado, quem dirá abordar um tema que não é tratado de forma relevante, desconhecido até por pessoas da área.

Seguindo com as respostas obtidas no formulário, notamos um olhar social sobre a importância da realização dessas atividades que fogem de questões gramaticais e literárias, mas que envolvem a língua em seu uso cotidiano, na fala do professor de Língua Portuguesa: “Mostra que é importante respeitar o outro, seu modo de falar, suas vivências e experiências”.

Aqui, o professor entende a importância do tema variação linguística, somente ele, pois concebe o país como monolíngua, e que

seu uso gerou diversas variações, falares e sotaques. Por conta disso, não se considera as outras línguas existentes no Brasil, nem mesmo aborda a influência de outras línguas na formação do nosso português, algo importante, pois deixou marcas em nossa língua, como nas palavras de origem indígena e africana, por exemplo.

O docente LE, sobre o mesmo questionamento, alega que o trabalho com questões plurilíngues “amplia o ‘conhecimento de mundo’” dos alunos. Como bem dissemos anteriormente, a concepção dos professores sobre um determinado tema, influencia todo o seu trabalho, assim, este profissional só enxerga do ponto de vista da globalização, nos fazendo perguntar o que seria esse conhecimento de mundo que nos fala, com bases em suas respostas anteriores, seria o estudo voltado apenas para questões de aquisição de línguas estrangeiras, para se tornar um sujeito globalizado; em sua concepção, isso é ser um “sujeito plurilíngue”.

Ao questionarmos este profissional sobre como se deu esse trabalho em sala de aula, obtivemos a seguinte resposta:

Quando trabalhando as escolas literárias trazemos o texto original e o expomos assim, depois sua tradução para o português, a carga de sentido de cada palavra, acultura que a mesma carrega, etc. (Docente de LE)

Aqui, o docente de LE, ao definir melhor o seu trabalho, nos relata um aprendizado de língua estrangeira através da literatura, na qual não se limita apenas a um exercício de tradução de palavras, totalmente fora de contexto, mas sim, um estudo semântico e de carga cultural “que a mesma carrega”, no caso a palavra, no entanto, tendo como base sua concepção pouco plurilíngue, o que seria essa “carga cultural” estudada pode deixar muito a desejar, pois ele realiza um estudo diacrônico, de buscar a origem da palavra com foco na relação de sentido estabelecida com outras palavras dentro do texto, o que essa “carga cultural”, no fim, significar apenas um estudo semântico.

Estudo esse que o professor de LE concebe como sendo plurilíngue, pois amplia o conhecimento dos alunos e, com isso, leva ao aprendizado de outras línguas, através do seu estudo semântico e histórico, podendo não ser abrangente, pois o seu foco, o que ele entende por Plurilinguismo é, no fim, colocar o aluno em contato com outras línguas, sem nem precisar conhecer o contexto cultural desses falares.

Com relação ao docente de Língua Portuguesa sobre o seu trabalho com questões plurilíngues em sala de aula, de acordo com o seu olhar sobre o tema, vemos mais uma vez a abordagem da língua restrita ao trabalho com Variação Linguística:

Tivemos uma aula expositiva sobre o que é variação linguística. Mostramos as diferenças que fazem com que a língua se transforme. Enfatizamos questões como o sotaque, a gíria, o jargão e o regionalismo. (docente LP)

O docente LP relata o seu trabalho de uma forma bastante contextual, buscando evidenciar o fato sofrer transformações ao longo da história e apresentar mudanças em seu falar, de acordo com os diversos contextos socioculturais, mas ignora a presença de outras línguas presentes em meio aos diversos falares do português no Brasil.

Atividades como essa poderiam muito bem ser integralizadas a questões plurilíngues, formando pessoas mais críticas e cientes da diversidade cultural brasileira, tendo consciência disso através do estudo da variedade de línguas existentes no país ao longo da nossa história, pensando sobre os problemas causados por conta da perda que é termos esse amplo leque cultural sendo apagado, caindo no esquecimento. Como também o trabalho com Língua estrangeira atrelada a diversidade dessas línguas em nossos país, o contato do nosso povo com outras culturas, vindas de fora, através de intercâmbio e aqueles mais presentes na vida social do brasileiro, como, por exemplo, o espanhol, língua dos países que fazem fronteiras com alguns estados brasileiros, e que exercem influência na vida dos moradores dessas áreas de fronteira, da mesma forma, o contato com o português se faz presente em nossos vizinhos.

Com base em nossas análises e discussões, vemos que o plurilinguismo precisa ser debatido cada vez mais nas universidades, para que os professores de línguas tenham conhecimento e passem a aplicar esse estudo em sala de aula, com o objetivo de disseminar as ideias relacionadas a este assunto, formando cidadãos cientes da diversidade de línguas em nosso país e críticos do apagamento linguístico ocorrido ao longo da nossa história, causando grandes perdas culturais, que persiste nos dias atuais. Levar para a sala de aula o Plurilinguismo é realizar um trabalho de valorização da cultura, que já cansa de ser extinta cada vez mais, que necessita de um resgate do que ainda não se perdeu.

4. CONCLUSÃO

A análise teve por princípio investigar como os professores da área de linguagem do ensino médio, realizam as práticas do ensino do plurilinguismo em suas disciplinas, isso aconteceu por meio de questões que foram elaboradas no formulário.

Dessa forma, concluímos que dentro da realização deste trabalho os objetivos foram atingidos parcialmente, pois não obtivemos corpus suficiente para aprofundar nossa análise, entretanto, cumprimos com as metas estabelecidas: observar, descrever e analisar a percepção dos educadores a respeito do plurilinguismo em sala de aula, mesmo pela falta de corpus, não tivemos prejuízos significativos que impedissem um caminhar adequado para a pesquisa.

Com isso, podemos dizer que a análise apresenta um resultado proveitoso e positivo para fundamentar toda a discussão a respeito de um assunto pouco visível no ensino, e que precisa ser cada vez mais discutido pela importância cultural e, principalmente, de resgate de uma parte significativa para nossa formação cultural.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

CARDOSO, Mônica. **Multilinguismo**: das línguas de fronteira às de sinais. Cenpec, 2015. Disponível em: <<https://www.cenpec.org.br/acervo/o-brasil-e-suas-muitas-linguas#:~:text=>>. Acesso em: 07/09/2022.

KRAUSE-LEMKE, Cibele; PATINO-SANTOS, Adriana. **Apresentação:** Plurilinguismo, dinâmicas interculturais e identidades em contextos educativos. *Revista Interfaces*, v. 11, p.7-11, 2020;

MIRANDA, Tayná Gonçalves; FARGETTI, Cristina Martins. **Plurilinguismo:** a diversidade que não é abordada nos livros didáticos. *Letras Raras*, v. 5, p. 79-88, 2016.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Plurilinguismo no Brasil:** repressão e resistência linguística. Synergies Brésil, v. 1, p. 19-26, 2009.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Políticas Linguísticas:** uma entrevista com Gilvan Müller de Oliveira. ReVEL, v. 14, n. 26, 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/e92f933a3b0ca404b70a1698852e4ebd.pdf>. Acesso em: 17/09/2022.

TEXTO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

A MULTIFUNCIONALIDADE DO SUFIXO *-INHO* NA FALA DE NATALENSES DO ENSINO SUPERIOR

Jacicleide Alves Falcão (UERN)

jacicleidefalcão@uern.br

Márcia Pereira da Silva Franca (UERN)

marciafranca60@yahoo.com.br

Daliane Pereira do Nascimento (UERN)

dalianenascimento2018@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No escopo da tradição gramatical, o sufixo *inho*, quando acrescentado a uma palavra, prototipicamente, assume o sentido pleno de diminutivo, enquanto para uma abordagem funcionalista, o aspecto morfológico *inho* evidência um processo criativo, dinâmico e, portanto, pode adquirir traços circunstanciais e abstratos de carinho, de intimidade, de ideia pejorativa, de alegria, de intensidade, dentre outras significações. Nessa acepção, considerando tais sentidos, podemos entender que o uso desse sufixo apresenta possibilidades diversas com relação às funções no texto, tendo em vista os aspectos emergentes e pragmáticos da língua.

Nesse contexto, quanto à subclasse do sufixo *inho*, encontramos estudos linguísticos, como o de Bispo e Carvalho (2015), que abordam o emprego de sufixos graduadores, Divino e Pires (2016), que discutem o ensino de morfossintaxe no processo de formação das palavras e o de Souza e Silva (2020), que examinam o valor temporal do sufixo *-inha*, quando associado ao advérbio *agora*.

Neste artigo, de forma particular, abordamos essa subclasse de sufixo sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), considerando, principalmente, elementos semântico-pragmáticos e cognitivo-discursivos manifestados em contextos variados de uso. Para tanto, utilizamos o *corpus Discurso & Gramática*: a língua falada e escrita na cidade de Natal, uma vez que ele oferece uma diversidade de manifestações linguísticas, envolvendo a língua falada e escrita. Nessa direção,

guiam-nos as seguintes questões: Que significados são expressos pela construção sufixal com *inho*? Que fatores cognitivos estão implicados na polissemia dessa construção?

Aliados a essas questões, acrescentamos que o processo de formação de palavras precisa ser investigado considerando os fatores internos e metafóricos à língua que interferem, por exemplo, no comportamento morfológico de determinado elemento. Dito de outra forma, é preciso considerar os envolvidos em seus diferentes usos, não só as relações sintáticas, mas o uso que é feito das estruturas linguísticas em interações sociais específicas, com destaque para os participantes envolvidos na interação, o gênero comunicativo e ainda, o significado pragmático e metafórico dos elementos linguísticos.

Nessa direção, observamos que a presença do *inho*, na fala e na escrita, revela muitas abordagens e diversas acepções no entorno desse sufixo, como o que acontece em (1):

A **rachadinha** de R\$2 milhões de Davi Alcolumbre.
(Veja, 29 de out. de 2021)

No exemplo (1), temos a manchete de uma reportagem, publicada pela *Veja*, na qual fala sobre um esquema de corrupção envolvendo o senador Davi Alcolumbre. Segundo a matéria, por anos, o senador ficou com salário de seis assessoras do gabinete; elas abriam conta no banco, entregavam o cartão ao senador Davi Alcolumbre e recebiam apenas parte do dinheiro. Esse “esquema” ficou conhecido como *Rachadinha*. Notemos o significado atribuído a palavra *rachada* com o emprego do sufixo *inha*. Nesse caso, o sentido atribuído à palavra em questão não é de um esquema pequeno, um esquema sem importância, mas, sim, mobiliza e intensifica uma ironia feita ao fato do político montar um esquema de lavagem de dinheiro, o qual consistia na divisão, de um suposto salário, em partes desiguais.

Feitas essas considerações, a presente pesquisa se justifica pelo fato de haver lacunas na descrição dos usos do sufixo *inho* acionados nos diferentes contextos discursivos. Assim, fundamentadas na Linguística Funcional Centrada no Uso, (doravante, LFCU), (Martelotta, 2011), (Furtado da Cunha; Tavares, 2007), teoria que embasa as nossas escolhas neste trabalho, observamos o uso da língua e as possibilidades discursivas, alinhadas à visão de pesquisadores, no tocante a

ideia de que as categorias lexicais e gramaticais são gradientes, organizam-se em um *continuum*. Dessa forma, buscamos verificar a atuação do sufixo *inho* na tentativa de compreendermos as relações semântico-pragmáticas oriundas do uso desse item morfológico nos falantes da cidade de Natal, RN.

Nesse caminho, o objetivo que norteia esta pesquisa consiste em analisar no *corpus* D&G, os aspectos envolvidos no processo de uso do elemento linguístico *inho*, a exemplo de motivações semântico-pragmáticas e cognitivo-discursivas.

O artigo divide-se em quatro seções, aliados à introdução. Na primeira delas, apresentamos as bases teóricas que sustentam a discussão empreendida nesta pesquisa; na segunda, apontamos os aspectos metodológicos delineados para o desenvolvimento da investigação; na seção 3, discutimos os fatores semânticos e pragmáticos implicados nos usos do sufixo *inho*; e, por último, expomos as considerações finais na tentativa de salientar e discutir os resultados obtidos com o trabalho.

2. AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) resulta dos postulados da Linguística Funcional norte-americana, representada por Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Joan Bybee, Elizabeth Traugott entre outros, em articulação com a Linguística Cognitiva. No cenário brasileiro, a LFCU é disseminada pelo grupo de pesquisa Discurso & Gramática (Cezario; Furtado da Cunha, 2013; Furtado da Cunha, 2015; Oliveira; Rosário, 2015).

De acordo com essa abordagem, a língua é descrita a partir das interações verbais do falante levando em consideração as situações e os contextos de uso da língua, uma vez que por meio dessas práticas discursivas a língua se sujeita às pressões do uso e se atualiza. Dessa forma, a estrutura da língua emerge à medida que é usada (Bybee, 2010).

Assim, conforme podemos observar, a LFCU trabalha com o pressuposto teórico de que a língua deve ser explicada por meio dos fatores de ordem comunicativa (focalizando elementos semânticos, culturais, pragmáticos e sociais), como também por

fatores de habilidades cognitivas, já que, como menciona Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), os verdadeiros instrumentos que motivam a mudança refletem processos cognitivos interacionais básicos que permeiam o uso real da língua. Essa ligação entre elementos interacionais e elementos cognitivos estabelece o tópico da abordagem funcional centrada no uso.

Desse modo, aspectos gramaticais, como o sufixo *inho*, que aparentemente assume o significado de diminutivo, pode atribuir outros sentidos à palavra, tendo em vista às diversas situações comunicativas de uso da língua. Observemos a mudança de função que o sufixo *inho* assume nas amostras (1) e (2):

Amostra 1:

(...) ficou tão cheio de escoriações nas pernas principalmente ... que eu pensava que num ia andar mais ... num tinha quebrado nada ...mas tinha medo de andar ... aí fiquei quase esse tempo *todinho* que passei no hospital numa cadeira de roda ... (*Corpus Discurso & Gramática/Natal*, p. 3).

Amostra 2:

(..) num cai mais não ... porque naquele tempo era dente de leite né ... ((riso)) agora eu recuperei *todinho* né ... se eu fosse adulto já aí ... ficava ruim ... ficava todo banguelo ((riso)) é isso aí né? (*Corpus Discurso & Gramática/Natal*, p. 3).

A palavra “*todinho*” nas construções (1) e (2) apresentam a mesma forma, mas pragmaticamente adquirem funções, valores diferentes. Em (1) o uso do *todinho* nos transmite a ideia de extensão temporal, sensação de mais tempo do que o que realmente foi necessário para o desenvolvimento da ação. Revela ainda a aflição do falante com as escoriações em sua pele, associando isso à possibilidade de não poder andar. Mesmo sabendo que não tinha nada quebrado no corpo, não se mexia, permaneceu numa cadeira de rodas. Já em (2) a construção com *todinho* assume um valor de quantidade, inconstância, ou seja, de acordo com a amostra, antes as coisas não eram definitivas, podiam ser reconstruídas, o dente nasceu de novo, por completo. Já hoje, não temos mais essa possibilidade, depois de adulto a reconstrução é mais difícil. O falante tenta, a partir do uso do sufixo, explicar as diferentes fases do indivíduo por meio de um

conflito comum a todos.

Nesse sentido, o quadro funcionalista evidencia como traço forte a compreensão da língua com base no equilíbrio instável, vinculando seu estudo simultaneamente à situação comunicativa. Assim, assume-se nas análises linguísticas *(i)* a modelagem das estruturas linguísticas no contexto discursivo, *(ii)* as inferências semânticas e pragmáticas no discurso, *(iii)* frequência de uso e *(iv)* rejeição à autonomia e centralidade da sintaxe.

A partir dessa perspectiva, as construções linguísticas são motivadas pelo discurso natural, sendo assim, a configuração morfosintática “moldada” por aspectos decorrentes da interação comunicativa. Além disso, a frequência das construções linguísticas possibilita uma espécie de memória cognitiva. Ao fazer uso de determinada construção, o falante mobiliza suas experiências cognitivas e estabelece as categorias linguísticas.

Nessa direção, o sistema linguístico é um processo, um produto dinâmico, uma vez que surge da adaptação das habilidades cognitivas humanas a eventos de interação específicos e se desenvolve com base na repetição ou ritualização desses eventos. Na concepção de (Bybee, 2010) a língua é concebida como um sistema adaptativo complexo, uma estrutura plástica, constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que emergem, em virtude de necessidades cognitivas e/ou comunicativas.

Assim, o estudo da gramática se configura em conjunto de dados da língua que se vincula diretamente aos aspectos linguísticos mobilizados no discurso e funciona como uma espécie de fio condutor para construção da forma gramatical, mais adequado ao contexto de enunciação das práticas de linguagem. Sob esse viés, segundo Furtado da Cunha (2012), o discurso e a gramática atuam conjuntamente, ou seja, um fenômeno influencia o outro, pois a gramática é intensamente afetada pelo uso real da língua do dia a dia e, também, pela frequência dessas expressões utilizadas no discurso. Nessa relação, um dos aspectos não pode ser acessado, ou até mesmo explicado, sem estabelecer referência ao outro. Firma-se, nesse caso, uma relação de imbricamento entre os fatores da língua envolvidos nas construções textuais.

No pensamento de Votre (2012), a gramática é um sistema aberto em interação com o ambiente e que por incorporar essa configuração é forçada a envelhecer e a renovar-se enquanto se

autoestrutura. Essa renovação da língua é também reconhecida como gramaticalização, processo de mudança linguística instaurado no momento em que um aspecto linguístico começa a adquirir elementos gramaticais, ou se já possui tais propriedades e tem sua gramaticalidade alterada.

Na formulação desse paradigma é observada a influência de aspectos semântico-pragmáticos e discursivo-cognitivos inseridos nas construções gramaticais. Na dimensão semântica, são analisadas as propriedades relativas aos significados abordados pelos elementos linguísticos no contexto de uso. Nos procedimentos da pragmática os elementos linguísticos são interpretados a partir da intenção comunicativa do falante e do tipo de público ao qual o texto é direcionado. Já na dimensão discursiva o foco está na organização do texto, com ênfase para os elementos que o falante pretende destacar ou quais ele deseja deixar em segundo plano. Assim, ao se produzir um texto a habilidade linguística do falante constituirá regularidades no processamento mental da linguagem em situações de uso.

Com base nessa aceção, podemos inferir que a linguagem é abordada como instrumento de interação social e a gramática, por sua vez, é constituída por conhecimentos compartilhados entre os diversos esquemas cognitivos da mente humana. Por isso, podemos dizer que a língua é um sistema simbólico, cuja forma e função são motivados e devem ser explicados, portanto, em termos semânticos e funcionais. Exemplo disso são os usos de expressões que assumem, dependendo do contexto, diferentes significados, como ocorrem nas construções: “*Mariana já está de pé*”; “*A borracha está próxima ao pé da mesa*”. Originalmente a palavra *pé* faz referência a uma parte inferior dos membros do corpo humano. No entanto, nos exemplos citados, *pé* faz referência ao modo como Mariana se encontra, ela não está deitada. No outro exemplo, a palavra *pé* indica umas das partes do objeto mesa, fazendo referência à localização.

Enfim, de posse desta breve discussão, podemos perceber que não há como estabelecermos uma configuração precisa entre o uso da língua e as regras gramaticais, entre gramática e discurso, entre aspectos internos e externos da língua, uma vez que, o homem muda e a linguagem tende a acompanhar e registrar as transformações geradas no cotidiano do falante. São essas mudanças linguísticas que motivam a construção da estrutura, uma vez que as diferentes partes estruturais que formam a língua mantêm relação de dependência com o ato e o contexto comunicativo.

No tópico seguinte, apresentamos alguns apontamentos relacionados ao processo de formação das palavras e às relações do componente mórfico *inho* com os elementos internos e externos da língua.

2.1 BREVES REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

É válido salientar que uma abordagem morfossintática sobre o processo de formação de palavras revela que não se tem análise sintática somente em nível frástico, mas também em nível de palavra. Os afixos podem adquirir sentidos diversos em situações distintas de uso da língua. Nesse sentido, vale ressaltar a relevância de uma abordagem linguística que considere além do aspecto semântico, também o valor pragmático, pois Divino e Pires (2016, p. 65) apontam que:

A morfologia trata da estrutura e dos processos de flexão e formação de palavras, bem como, segundo as gramáticas, a discriminação dos vocábulos em classes gramaticais. A sintaxe, por sua vez, é a parte da gramática que define como as palavras se relacionam nas frases – o que engloba concordância, posição e subordinação – assim como as frases do discurso.

Considerar o estudo da morfossintaxe visando a combinatória da morfologia e da sintaxe para o ensino de língua é uma estratégia de compreensão da língua, contudo não é a única. Ao analisarmos os sentidos do sufixo *inho* nos vocábulos, compreendemos que o estudo da sintaxe não, necessariamente, se materializa apenas na construção do período, mas também na observação da palavra. Nas palavras de Divino e Pires (2016, p. 67) “percebe-se a importância de o estudo da língua portuguesa extrapolar a metalinguagem e, através da pluralidade de textos, levar o aluno à compreensão de sua língua, entendendo sua estrutura e uso.”

Nesse sentido, concordamos com a concepção defendida pelos autores de que é necessário instigar, no aprendente, o estudo sobre o funcionamento da língua, como se formam as estruturas

linguísticas e quais os propósitos discursivos de cada estrutura em situações específicas de uso. Dito de outra forma, é necessário ir além das nomenclaturas e valorizar a função de cada vocábulo em contexto de uso, identificando os sentidos atribuídos que estejam aquém da sua forma prototípica. Sobre essa questão, Basílio (2011, p.08) afirma que “Sendo a língua um sistema de comunicação, a expansão do léxico não pode se resumir ao aumento do número de símbolos que todos teriam que decorar”.

Consideramos válida, portanto, que a perspectiva pragmático-discursiva da língua, e a observação das relações semânticas das palavras tornam possível a construção de noções específicas para contextos singulares. É com base nesse entendimento que desenvolvemos as análises do sufixo *inho*: unindo à palavra primitiva e os sentidos identificados nessa junção. Tal atitude significa que, possivelmente, encontraremos valores semânticos e pragmáticos oriundos do afixo em estudo.

Alves e Gonçalves (2014, s/n) consideram que “as gramáticas tradicionais, o tratamento dos afixos de aumentativo se resume a afirmações esparsas que não levam em consideração sua especificidade semântica e sua produtividade.” Não é diferente ao nos remetermos ao sufixo *inho*, pois isso se dá comumente atrelando o afixo ao diminutivo – referindo-se a tamanho – ao pejorativo e/ou ao afetivo. Indubitavelmente, esses afixos também atribuem tal carga semântica em sua formação prototípica.

Considerando, sob esta perspectiva, que não podemos identificar somente os sentidos atribuídos ao uso do sufixo nas palavras, entendemos como necessária a discussão sobre os efeitos semânticos e pragmáticos no estudo da língua.

2.2 UMA VISÃO SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA

Contemplarmos a visão semântica e pragmática da língua no contexto analítico significa, inicialmente, perceber que os falantes são dotados de capacidade para a comunicação e que o espaço em que estão inseridos pode produzir sentidos particulares à linguagem. A pragmática realiza um estudo direcionado ao ponto de vista dos usuários, considerando o contexto em que eles estão inseridos.

Sendo assim, é importante compreendermos a naturalidade com que a linguagem se constrói nas comunidades a que pertencemos

e que o propósito comunicativo do falante é um processo dinâmico, pois as palavras podem variar de sentidos, inclusive receber um significado diferente do proposto pela gramática e mesmo assim, promover a interação entre os falantes.

Neves (2017, p. 30) afirma que “parte dos estudiosos cognitivistas da linguagem, fica clara a indicação de que os itens lexicais e as expressões não são significativas intrinsecamente, pelo contrário, têm o seu significado construído no ato da linguagem.” Diante disso, podemos acrescentar que há uma infinidade de interpretações possíveis pelos usuários da língua durante o processo comunicativo e dessa interação verbal, surgem novos conceitos, significados e sentidos atribuídos à palavra.

Ainda para Neves (2017, p. 31),

Na verdade, num olhar para os enunciados reais, o que se vê são constantes deslizamentos categoriais e superposições funcionais que, sem perturbar a interpretação ou invalidar a gramática, inserem mais marcadamente no enunciado os interagentes e seus propósitos.

Possivelmente, a necessidade de argumentar mobiliza estratégias que configuram inserções comunicativas necessárias ao entendimento, à clareza e à compreensão do exposto para que se atinja o propósito comunicativo da linguagem. Referimo-nos, nesse cenário, a um processo de formação de sentidos, no qual o propósito comunicativo é constituído de intencionalidades. Em outras palavras, argumentar é um processo que busca alternativas, que vislumbra não somente a compreensão do interlocutor, mas também sua adesão à tese apresentada. Talvez por esse motivo, as construções linguísticas não exerçam exatamente as características prototípicas do vocábulo, pois nas situações reais de uso, há a necessidade de que novas palavras assumam novos sentidos. Nessa direção, Mendes e Silva (2014, p. 31) consideram que “os falantes não necessariamente sabem o significado dos termos que utilizam, mas sabem usá-los, por terem apreendido o seu contexto de uso.”

Considerando um texto como um evento comunicativo é que compreendemos que o sentido não se dá somente pela junção dos elementos, mas pela expressividade desse todo, pela função na prática discursiva. Por isso, Mendes e Silva (2014,

p. 39) asseguram que “a pragmática e, portanto, a busca pela transmissão de sentidos no ato comunicativo é que moldam a gramática, fazendo-a emergir do uso”.

Para Rost (2002, p. 117):

Em decorrência disso, gramática e discurso estão associados mutuamente, visto que, se é no discurso e sob a influência de seu contexto que a gramática emerge e nele (no discurso) se altera devido aos ajustes das formas para novas uniões ou às expansões semânticas, é também a própria gramática que fornece padrões para a construção do discurso, padrões decorrentes de pressões cognitivas e, sobretudo, de pressões de uso.

Dessa forma, compreendemos a multiplicidade de sentidos que podem ser oriundos do emprego do sufixo *inho* assumindo valores pragmáticos e discursivos. Na verdade, a atenção dada ao vocábulo passa a evidenciar a informação e não as formas prototípicas condicionadas pela norma. Contudo, cabe frisar que, cada enunciado da língua é uma peça em função (Neves, 2021).

Nesse sentido, não cabe nas estruturas da linguagem, moldes pré-estabelecidos para o ensino de gramática. Na verdade, a gramática deve se colocar à disposição da visão pragmática, considerando os falantes em seu contexto de uso, valorizando os possíveis direcionamentos dados à linguagem.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Conforme aludimos em partes anteriores deste trabalho, o nosso estudo se utiliza dos pressupostos teórico-metodológicos da LFCU e essa abordagem trabalha exclusivamente com dados manifestados em situação de uso efetivo da língua, com ênfase no contexto e na rota de mudanças das construções linguísticas. Sendo assim, assumimos a abordagem quali-quantitativa como embasamento metodológico principal. Nossa fundamentação parte do entendimento, também,

defendido por Rodrigues (2013), quando alude que essa abordagem figura como mista, visto que, para a análise qualitativa do objeto é importante um levantamento quantitativo dos dados. Como menciona Rodrigues (2013, p.16), “quantidade se transforma em qualidade e, qualidade, se transforma em quantidade”.

Em consonância com essa orientação, esta pesquisa apresenta relação direta com os significados pragmáticos, construídos pelo falante na interação. Os dados analisados são provenientes de fonte real, o que implicou uma descrição do fenômeno investigado considerando o processo, o entorno linguístico e não somente a estrutura final. Elegemos, por essa razão, como campo base de investigação e reflexão acerca do nosso objeto de estudo, o corpus Discurso & Gramática (D&G) – a língua falada e escrita na cidade do Natal. De forma mais específica, direcionamos nosso olhar para o ensino superior, uma vez que esse nível de escolaridade representa, de certa forma, os demais níveis de estudo.

No que se refere à organização do *corpus* D&G do Natal configura-se como um referencial importante para o estudo de aspectos linguísticos que investigam a dinâmica constante de transformação da língua. Em sua constituição prevalecem alguns tipos textuais: (i) narrativas de experiência pessoal, (ii) narrativas recontadas, (iii) textos descritivos, (iv) relatos de procedimento e (v) relatos de opinião. Nessas manifestações, o aluno produz seu discurso na língua falada e na língua escrita, realizando escolhas de elementos linguísticos que melhor correspondam aos seus objetivos.

Outro aspecto, a título de compreensão do *corpus* em sua totalidade, no que se refere à organização do D&G, é a presença dos diferentes níveis de escolaridade. O corpus é composto por textos de alunos do: Ensino Superior, Ensino Médio, Ensino Fundamental e Nível Infantil, o que nos chama atenção pela possibilidade de encontrar a variedade linguística condizente com cada faixa etária e nível de escolaridade.

Vale ressaltarmos que devido a questões teórico-metodológicas que envolvem a escrita do artigo, não foi possível analisar as 81 ocorrências para este estudo, então delimitamos as análises em oito amostras, onde duas foram citadas no início deste artigo. Partimos do critério de representatividade das demais ocorrências encontradas no *corpus*.

Contudo, destacamos que as situações de uso extraídas do *corpus* foram devidamente analisadas e selecionadas e, a nosso ver, essas ocorrências não traziam consigo a prototipicidade do diminutivo para o sufixo. Pudemos perceber isso, até mesmo

em palavras repetidas, elas apresentaram uma carga semântica diferente, em amostras distintas. Destacamos ainda que, as 08 amostras selecionadas para análise, representam os sentidos mais recorrentes no *corpus*, com uso do sufixo *inho*.

4. COMPORTAMENTO SEMÂNTICO E PRAGMÁTICO DO SUFIXO *INHO*

Este tópico acolhe como ponto de partida as construções efetivas do uso da língua, considerando, nesse processo, a ideia de que o sufixo *inho* possibilita a construção de palavras com sentidos diversos, sendo uma forma morfológica variável e dinâmica. Deslocamos, pois, esse aspecto linguístico de um terreno puramente morfossintático e postulamos relações semântico-pragmáticos que ultrapassam o domínio próprio da estrutura interna da língua.

Dessa forma, apresentamos o uso do sufixo *inho* em uma propaganda circulada na rede social instagram e pontuamos alguns sentidos construídos entorno da palavra “Tardezinha”. Em seguida apresentamos a frequência de palavras formadas com sufixo *inho* no *corpus* em análise, e demonstramos a quantidade de palavras que manifestam o uso desse item lexical, ora com sentido mais gramaticalizado de diminutivo ora com sentidos mais abstratos, com configuração não prototípica e densidade semântico-pragmática maior nos elementos que a compõem. Feito isso, passamos ao estudo interpretativo das construções, observando o entorno linguístico e o processo discursivo utilizado pelos informantes do *D&G* de Natal, nas construções que apresentam predomínio da língua falada no nível superior.

4.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DO SUFIXO – *INHO*

Quando observamos o conceito atribuído ao sufixo *inho* apenas à luz da gramática normativa, corremos o risco de emoldurarmos um cenário limitado de possibilidades discursivas. Os aspectos semântico-pragmáticos podem redimensionar o processo de interação que somente o olhar sob a estrutura não seria suficiente para atingir o propósito comunicativo da situação discursiva. Embora a formação do

sufixo *inho*, prototipicamente, direciona para a construção de sentidos afetivos, pejorativos e/ou diminutivos, compreendemos que há possibilidade de expansão desses significados em classes gramaticais distintas e níveis de especialidade diversos. É o que notamos nas práticas sociais da linguagem, como expresso na imagem

Imagem 1



Fonte: https://www.instagram.com/p/CXL6mR0lGNH/?utm_medium=copy_link

Essa propaganda circulou na rede social *instagram*, no perfil de uma clínica veterinária. Na imagem (1) a palavra “*Tardezinha*” além de atribuir o sentido de fim de tarde também nos possibilita o entendimento de que será uma tarde aconchegante, de amor aos animais e o seguidor não precisará esperar para amanhã, depois da correria do dia, ele terá uma “*tardezinha de amor*”.

O nome da clínica nos remete à ideia de amor, na construção da expressão “amevet” que possivelmente se explica pela junção das palavras amor e veterinária. Esse processo de formação de palavras demarca a relação afetiva da clínica com os animais que, provavelmente, serão os clientes da clínica. Além do mais, o sorteio de brindes e a conversa com a veterinária nos direciona ao entendimento de um cuidado maior com o *pet* e, conseqüentemente, com os seus donos. Esse comportamento linguístico revela diversas possibilidades de uso por meio da língua, denotando o quanto as significações

são construídas em consonância com o contexto situacional da comunicação.

O sufixo *inho*, nesse caso, forma novas palavras e essas, dependendo da situação específica de uso, adquire outras funções a depender dos espaços de interlocução. Sendo assim, é possível considerar que a função pragmática do sufixo pode indicar uma nova atribuição de sentido à palavra formada pelo afixo em análise. Sob a ótica de Souza e Silva (2021, p. 220), “as abordagens nesse viés apresentam discussões com o intuito de demonstrar que esse tipo de diminutivo, quando anexado a uma determinada palavra, vai muito além de seu valor dimensional, atribuindo uma série de outras significações à nova palavra formada.”

4.2 A PRESENÇA DO SUFIXO INHO NO ENSINO SUPERIOR DE FALARES NATALENSES

Observamos, por intermédio da quantificação de palavras no *corpus D&G*, que a formação de palavras com o sufixo *inho* se manifesta com frequência na fala e na escrita dos estudantes do ensino superior natalense. Foram contabilizadas no total 81 ocorrências de palavras com o sufixo *inho*.

Esses resultados intensificam a interpretação de que a recorrência de palavras formadas com o sufixo *inho* é quantitativamente presente na língua dos estudantes do ensino superior de Natal. Revela ainda, a produtividade semântico-pragmática que esse sufixo proporciona à palavra e ao entorno linguístico. Os dados apontam que fatores discursivos pesam no momento de o falante realizar a escolha por determinada estrutura. Vejamos a amostra (3), pertencente a um informante de nível superior, no registro da língua oral:

Amostra 03

num tinha vizinho pra lá ... aí era ... a família era um menino ... uma menina ... o pai dela ... a mãe dela ... e um gato ... ((riso)) um gato preto bem *fofinho* ((riso)) aí eles foram pra lá né ... chegaram lá no carro ... acho que era nas férias lá ... nas férias lá ... nas férias da ... da ... das criança lá ... dos filhos dele né ... aí passaram lá né... (*Corpus Discurso & Gramática*/Natal, p. 4)

Amostra 04

aí chegou lá em cima ... aí tentou lá encontrar o lugar e num encontrou ... aí voltou pra casa e no outro dia e foi fazer de novo outro almoço que tava lá naquele almoço lá do lado de fora ... na grama lá ... era perto da ... da avenida ... aí o menino que era muito *fofinho* ... muito **bonitinho**... menino deles lá ... aí resolveram ... tavam... tavam na ... intertido lá con/ conversando lá dizendo brincadeira ... aí resolveram sair lá de perto deles né ... aí foram lá pro lado da estrada né ... aí quando ... quando foi chegando lá perto da estrada lá ... foi que viram né ... o menino ia atravessar a rua e vinha um carro ... uma carreta ... (*Corpus Discurso & Gramática*/Natal, p. 5)

Na narrativa, o informante reconta a história de um filme de suspense, cujo fato principal gira em torno de um cemitério, o chamado cemitério maldito. Na amostra 03, o falante apresenta os personagens do filme, que fazem parte de uma família formada por um menino, o pai, a mãe e um gato muito fofinho. A palavra *fofinho*, nesta acepção, destaca as características do gato, transmitindo a ideia de que o animal era bonito e peludo. É interessante observarmos que mesmo o uso mais prototípico do sufixo *inho*, no sentido de diminutivo, pode originar usos mais produtivos, como na construção linguística, *gato fofinho*. Metaforicamente, notamos um tom de crítica e ironia, por parte do falante, à composição familiar: Um menino, um pai, uma mãe e um animal. Um gato fofinho, mas um gato. No momento que o falante descreve a composição da família, ele utiliza risos, o que nos permite reforçar a nova configuração semântico-pragmática envolvida no item *fofinho*. Nessa situação específica de uso, o falante expande um tom de crítica à composição da família. Observemos a mesma palavra, mesma forma (*fofinho*), na amostra 04.

Na amostra 04, a forma linguística *fofinho* remete a um sentido diferente do apresentado na amostra 03. O sufixo *inho* em 04 intensifica a beleza de uma criança, como também realça a dor da família em perder um menino, um filho. O uso de *inho* contribui para imprimir a intensidade da dor familiar com a perda do filho. Nesse cenário discursivo, o falante ressalta as qualidades do menino, “era muito *bonitinho*, muito *fofinho*”, o que imprime o significado de grande perda. Uma criança, tão *fofinha*, *bonitinha*, e ser atropelada! A sensação de leveza, intensidade e dor se misturam. Assim, vale destacar que nem sempre, em uma mesma forma linguística há uma equivalência de sentidos. Como ressaltam Cunha, Silva e Bispo (2016), o

exame de construções específicas parece indicar que forma e função não se encontram num mesmo nível, não têm o mesmo peso ou valor. Nessa perspectiva, é possível que uma construção possa ser realizada no discurso por instâncias ou construtos que compartilham a mesma forma, mas diferem em termos de significado.

A possibilidade de uma mesma configuração linguística atribuir sentidos diferentes, no caso de *inho*, evidencia que a forma pode não se alterar, mas a função sim. A esse propósito, vejamos:

Amostra 05

ela tem a capacidade mais ou menos de ... pra sessenta ou setenta alunos ... um aluno por metro quadrado folgado ... tem é:: tem um quadro negro muito bom ... muito grande que abrange de um lado a outro ... vai de um lado a outro da ... da sala ... tem aquela parte que os professores ficam ... aquele *altarzinho* que o ... que os professores ficam em cima que é:: pra melhorar a visão dos alunos né. (*Corpus Discurso & Gramática*/Natal, p.10).

Essa amostra pertence a um texto de descrição. Nele, o falante descreve com detalhes o local que passa a maior parte do tempo, no caso, a escola. Nessa amostra, encontramos a configuração de uma sala de aula e, a palavra *altarzinho* aparece como elemento que compõe a sala de aula. No entanto, a designação de *altarzinho*, nesse cenário discursivo, não alude à pequena dimensão física desse referente, mas sim acentua o papel de autoridade hierárquica do professor, enfatizando aos alunos que estão em sala de aula para estudar e não para brincar.

Desse modo podemos entender que os aspectos cognitivos e discursivo-contextuais influenciam as construções linguísticas e o processamento textual. Por isso, a importância de considerar as conexões locais dos elementos linguísticos entre si e as relações metafóricas com o sentido global da situação discursiva tendo em vista as intenções comunicativas do falante. Nesse direcionamento, a construção que envolve *altarzinho* enfatiza a figura central do professor na sala, àquele que todos veem. Assim, como acentua Silva (2008) associar o grau diretamente a uma determinada forma linguística em si pode levar a limitações

e equívocos quanto à verdadeira noção que se deseja significar.

Continuando as análises, expomos, em seguida, mais uma amostra do *corpus*.

Amostra 06

... então eu retiro esse arroz da panela e coloco na forma e deixo ele esfriar bem socado ... né ... como eu já disse que é pra ele poder virar como bolo ... depois ... o peixe já está bem temperado ... eu seco esse peixe com um pano de prato ... bem seco ... deixo ele bem **secadinho** ... passo ele na farinha de trigo ... passo ele na farinha de trigo ... passo ele na farinha de rosca ... e deixo secar mais um pouco .. (*Corpus Discurso & Gramática*/Natal, p. 21)

Na amostra em questão, observamos uma sequência de ações feitas pelo falante para preparação de um almoço. Os pratos são simples, mas a informante faz questão de explicar o passo a passo da preparação do arroz e do peixe. No momento de fazer o arroz é importante que o arroz esteja frio e que seja bem socado. Já no preparo do peixe, a atenção principal é para que o peixe não esteja molhado. A necessidade de tornar clara essa informação, faz com que a informante evidencie os processos feitos no preparo do peixe, dentre eles, passar na farinha de rosca e na farinha de trigo, objetivando que o peixe fique seco.

Notamos que a intenção comunicativa conduziu o falante à formação de uma estrutura com mais elementos linguísticos, além do uso do adjetivo *seco*, fez uso, repetidamente, dos intensificadores *bem* e *inho*. Assim, o falante intensifica o valor básico de *seco* com a construção *bem secadinho*, e aciona estratégias cognitivas para estabelecer valores de sentido, com vistas a atingir algum propósito sócio-discursivo.

A amostra seguinte traz mais contribuições relacionadas ao uso do sufixo *inho*. No texto 07, temos a descrição de um dos lugares que chamou a atenção do falante em seu passeio. Observemos que os alunos se impressionam com o tamanho de uma das árvores e de suas raízes. Essa marca expressiva, podemos identificar na seleção lexical (*árvore imensa, não só na copa mas também na raiz*).

Já bem quase nas imediações do Hotel Vila do Mar encontramos uma árvore imensa não só na copa mas também na raiz. O mais impressionante é que a árvore se mantinha de pé mesmo com sessenta por cento da raiz descoberta. Fizemos novas fotografias aproveitando ângulos onde fossem destacadas mais as raízes. Bem próximo dessa planta encontramos um formigueiro que jamais tínhamos visto numa cidade. Eram formigas gigantes. Não vou dizer o tamanho porque não dispúnhamos de régua mas era o equivalente a uma caixa de fósforo das pequenas o *corpinho* delas. Metiam medo pelo tamanho e pelos afiados ferrões. (*Corpus Discurso & Gramática*/Natal, p. 77).

Um outro aspecto que destacamos é a proposição lexical de *formiga*, *caixa de fósforo* e *corpinho*. Essas palavras denominam um sentido mais pleno de algo pequeno, de proporções menores, no entanto, neste contexto específico de uso, notamos que a carga semântico-pragmática desses itens lexicais intensificam o conceito de grandeza da raiz da árvore. Vejamos que a palavra *formigueiro* nos remete a algo numeroso, grande. Por sua vez, *formiga* imprime a ideia de tamanho pequeno, no entanto, nessa cena discursiva o léxico *formiga* adquire um valor pragmático de tamanho grande, quase um superlativo. Nessa mesma acepção temos a palavra *caixa de fósforo* que em seu sentido mais pleno representa um objeto de menor proporção, mas quando o informante associa *formiga* a uma *caixa de fósforo* percebemos que as dimensões de sentido foram reconfiguradas, e assim os itens lexicais intensificam o sentido de algo grande de proporções enormes.

Com essa mesma carga semântica, temos *corpinho* que nos fornece a ideia de delicadeza, mas também de grandeza no que se refere ao tamanho da formiga. Assim, nesta prática discursiva, a construção *corpinho das formigas* estabelece uma relação de grandeza, de corpos gigantes, o que nos permite compreender que os usos tem conexão com as necessidades próprias do falante e do interlocutor. Como pontua Goldberg (1995) o processo de significação tem relação clara com o sentido atribuído à cena. E são as vivências mais básicas humanas que nos possibilitam produzir e organizar construções linguísticas, e por conseguinte, formular sentido.

Na situação discursiva da amostra 07, o falante fez uso tanto do conhecimento sintático, quanto do semântico, além de utilizar como suporte os cognitivos e os pragmáticos. Esses domínios estão inter-relacionados e emergem do uso linguístico, já que os significados é que explicam as escolhas mobilizadas na

estrutura gramatical

Esse entrelaçamento de informações e usos foi ativada cognitivamente pelo falante, mesmo que de forma inconsciente, memórias discursivas são acionadas e motivam o uso a novas construções. No entanto, vale acrescentar, que essas motivações não são estanques, ao mesmo tempo que exigem mais elementos linguísticos e complexidade cognitiva, elas também apontam estratégias de interação entre o falante e seu interlocutor.

Com essas observações, reiteramos que, os significados do componente linguístico *inho* não se manifestam apenas no nível abstrato, mas também, concretamente no conjunto de situações específicas. Ou seja, o falante aciona estruturas linguística de acordo com o evento discursivo. Vejamos o valor textual de *presentinho* na amostra 08:

Amostra 08

I: é ... existe uma fábrica de brinquedos atrás disso ... essa semana é ... porque é carnaval né ... então ... tinha ... tinha o Ório filho da Mira e Cristiane filha de uma amiga em comum da gente ... eu tinha que escolher um *presentinho* pra ele e pra garota ... e eu procurava os personagens que eram mais suaves da TV pra ... pra comprar uma máscara né ... pra esses garotos e ... juro que eu senti dificuldade porque ... cada máscara era mais horrível do que a outra do ... dos personagem entendeu? e cada máscara vinha acompanhada de uma espada ... de uma faca ... de um revólver ... (*Corpus Discurso & Gramática*/Natal, p. 69/70).

É possível observarmos que *um presentinho* não assume o valor protótipo pejorativo, nem de diminutivo. Nessa amostra, *presentinho* tem o significado de um presente simples, no caso uma máscara de carnaval, e que mesmo sendo um objeto fácil de se encontrar, especialmente no período de carnaval, a compradora demonstra dificuldades para encontrar. Notamos que a informante utilizou a estratégia de primeiro relatar uma ação que parecia ser fácil (compra de dois presentes). E como forma de enfatizar essa “facilidade” escolheu palavras que remetem a isso, dentre elas, (*presentinho*) e (*suaves da TV*). Só depois aponta a dificuldade que teve para concretizar a compra do presente. Podemos ter esse entendimento por meio da seleção lexical apresentada (*juro*), (*dificuldade*), (*horrível*), (*espada*), (*faca*), (*revólver*). O que na primeira construção parecia ser suave e simples, passou a ser complicado. A partir dessa visualização discursiva,

somos levados a refletir sobre a necessidade de trabalharmos a língua de forma associada a suas funções discursivas. A organização e significado linguístico estão vinculados às nossas experiências e às situações discursivas as quais submetemos as formas linguísticas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizamos, neste artigo, em uma perspectiva funcional centrada no uso, as relações semântico-pragmáticas que envolvem o item linguístico *inho*. Alguns dos apontamentos considerados na discussão ao longo do texto foram a maleabilidade da língua, a frequência de uso e as inferências semântico-pragmáticas, como também cognitivas que envolvem o uso do item lexical *inho*. Tínhamos como foco de nossas inquietações, questões como: Que significados são expressos pela construção sufixal com *inho*? Que fatores cognitivos estão implicados na polissemia dessa construção?

As ocorrências estudadas, possibilitaram atestar a multifuncionalidade do elemento mórfico *inho* em situações reais de fala e/ou escrita. Assim, esse estudo compartilha de pesquisas como as de Souza e Silva (2020), a qual identificou que os sufixos podem apresentar significados diferentes dos atribuídos prototipicamente. Em Silva verificou-se que os sufixos podem expressar valores ligados à dimensão, à quantidade, à avaliação e à afetividade.

Neste estudo, as discussões evidenciaram o *inho* como intensificador de ironia, extensão temporal, demonstração de hierarquia, transitoriedade do tempo, dimensão de grandeza, além de evidenciarmos a fluidez categorial. Como, por exemplo, o uso da palavra *presentinho* que em determinada situação comunicativa apresentou características prototípicas de substantivo. Já em outras situações discursivas manifestou traços de adjetivo. Isso implica dizer que a gramática é maleável, atende a propósitos comunicativos e semântico-discursivo.

A partir dessas discussões, entendemos ser necessário que as classes de palavras sejam trabalhadas em sala de aula levando-se em consideração o comportamento morfossintático de situações específicas de uso, uma vez que as relações semânticas moldam o que se diz, ou seja, o falante fará a escolha da combinação linguística que mais atenda ao propósito interacional. Algumas construções podem apresentar uma mesma forma, mas atenderem a propósitos pragmático-discursivos diferentes.

REFERÊNCIAS

ALVES, R.S. e GONÇALVES, C. A; **O processo de formação de palavras com afixo aumentativo - ÃO: uma análise cognitivista**.Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos Revista Philologus, Ano20, N°60 Supl.1:Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL,set./dez.2014

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classe de palavras no português do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511750526>.

DIVINO, R. G. F e PIRES, J. A. O. Noções de morfossintaxe nos processos de formação de palavras. Pensares em Revista, São Gonçalo, RJ, n. 8 p. 64-80, 2016.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Corpus Discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal**. Natal: EDUFRN, 1998.

FURTADO DA CUNHA, M. A. O estatuto argumental do objeto indireto e a construção ditransitiva no português do Brasil. *In*: FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **A gramática da oração – diferentes olhares**. Natal: EDUFRN, 2015.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A. TAVARES, M. A. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. California: University of California, 1995.

MARTELOTTA, M. E. Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MENDES, F. C; APARECIDO DA SILVA, L. **Aspectos sintáticos e semânticos do verbo Fazer na Fala goiana.** ReVel, v.12, n.22, 2014. {www.revel.inF.br}

NEVES, M. H. **A interface sintaxe, semântica e pragmática no funcionalismo;** DELTA 33 (Jan-Mar 2017; <https://doi.org/10.1590/0102-445038558096931414>

NEVES, M. H. **Gramática e texto. texto e gramática. A funcionalidade em questão.** Confluência. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, Especial 30 anos, p. 56-77, junho 2021.

OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. (orgs.). (2015). Linguística centrada no uso: teoria e método. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ.

RODRIGUES, D. et al. Paradigmas quantitativo e qualitativo no cotidiano da investigação científica. **Interfaces Científicas: Humanas e Sociais**, v. 2, n.1, p. 9-16. Aracaju/SE, Out, 2013.

ROST, C. A. Expansão semântico-pragmática e mudança categorial de verbos de percepção: Amostra sincrônica. Working papers em linguística, UFSC, n.6, 2002.

SOUZA, W. G. e SILVA, R. C. B. Aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos do sufixo inha: Uma análise da junção com o advérbio agora. In: ebook Descrição e análise de aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmático-discursivos da Língua Portuguesa. (org.): Edmar Peixoto de Lima, *et al* – Mossoró, RN: EDUERN, 2020. pág. 218-236

TURUNEN, Virpi Johanna. **Sobre a descrição das dimensões semânticas e pragmáticas do diminutivo em português.** Revista Escrita, Rio de Janeiro, n. 8, p. 1-13, 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12478/12478.PDF>. Acesso em: 28 nov. 2020

VOTRE, S. J. Uma proposta de base cognitiva da gramática. In: VOTRE, S. J. (org.). **A construção da gramática.** Niterói: Editora da UFF, 2012, p. 73-108.

A RECATEGORIZAÇÃO COMO RECURSO DE HUMOR E CARNAVALIZAÇÃO EM VERBETE DO SITE DESCICLOPÉDIA

Cláudio Márcio Ferreira Cavalcanti (UERN)

claudio2cavalcanti@gmail.com

Francisco Felipe de Oliveira Rocha (UERN)

felopecoliveira.rocha@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

É indubitável que o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), ex-presidente do Brasil, foi repleto de polêmicas, as quais engendraram muitas reações e respostas da população. Nos domínios das redes sociais, muitas dessas réplicas textualizaram-se sob a forma de críticas e de escárnios. Afinal, como concebe Bakhtin (1997), somos seres responsivos, sempre impelidos a nos posicionar sobre o discurso do outro, o que, com o advento da internet, ficou ainda mais imediato.

O site Desciclopédia, por exemplo, é uma plataforma digital em que foram publicadas muitas dessas zombarias dirigidas ao ex-presidente Jair Bolsonaro. Esse site, que pode ser visto como uma paródia da Wikipédia, é famoso por apresentar textos de humor ácido, nos quais não se respeitam princípios morais ou preocupação com o certo e errado nem com o que seria politicamente correto ou incorreto, conforme alerta o próprio site em sua descrição⁵.

Neste artigo, analisamos essas manifestações humorísticas publicadas no site Desciclopédia, sob a ótica dos estudos de Bakhtin e de pressupostos da Linguística Textual. Para esse estudo, enveredamos pelas ideias de Bakhtin sobre carnavalização (fenômeno a partir do qual se percebe traços provenientes de festas carnavalescas na literatura), uma vez que a carnavalização teria como uma de suas peculiaridades o rebaixamento e a profanação, semelhante ao que se percebe no humor ácido da Desciclopédia.

O carnaval, segundo Bakhtin (1987, 2010), instituiu uma linguagem própria, pautada na visão carnavalesca de mundo. Dessa maneira, acreditamos que seja possível ainda identificar os processos de carnavalização por meio de pistas linguísticas ou estratégias de

5 Disponível em: <https://desciclopedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 5 fev. 2023.

textualização que corroborem com o rebaixamento, a profanação, a ridicularização, a ambivalência, entre outras peculiaridades da linguagem carnavalizada preconizada por Bakhtin.

Para essa demanda, recorremos aos pressupostos da Linguística Textual, por meio das ideias sobre recategorização referencial, fenômeno que abordamos tendo como suporte estudos como o de Mondada e Dubois (2003), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) e Custódio Filho (2011), entre outros. A opção por analisar a recategorização se deu por acreditarmos que, por meio desse processo, podemos perceber indícios de mudanças de estado de coisas, como ocorre na carnalização, por exemplo. Outra questão que nos levou a investigar a recategorização em textos carnalizados é a relação dessa estratégia de textualização com o humor, traço também presente na carnalização, sobretudo nos rebaixamentos, profanações e paródias. Outros autores também perceberam essa possível associação entre recategorização e humor, a exemplo de Lima (2015), que, fundamentando-se, sobretudo, nos estudos da metáfora conceitual (LAKOFF e JOHNSON, 1980) e da teoria do humor de Victor Raskin (1985), postula que os processos de recategorização podem funcionar como gatilhos de humor em piadas.

Metodologicamente, este trabalho se utiliza de uma abordagem qualitativa, tendo em vista que nosso foco é a descrição e a interpretação de como se apreendem os traços de sentido típicos do fenômeno da carnalização via processo de recategorização referencial.

No que diz respeito à organização, o artigo se constitui, além dessas considerações iniciais, de um tópico voltado para discutir a carnalização; outro para tratar de referenciação e recategorização; outro, ainda, contendo a análise dos dados; e, por fim, o tópico com as considerações finais.

2. CARNAVALIZAÇÃO

O carnaval é uma festa popular muito cultuada em diversas culturas do mundo. Aqui no Brasil, o carnaval é concebido como a maior festa popular, reunindo diversas pessoas em praças públicas e demais locais para se divertir de acordo com nossas tradições, que remontam à influência portuguesa. Entretanto, a natureza carnavalesca não se manifesta apenas na praça pública, uma vez que a cosmovisão carnavalesca pode ser percebida ainda em outros tipos de expressão artística, a exemplo da literatura, como bem observou Mikhail Bakhtin.

Segundo Bakhtin (1987), durante a Idade Média, as festas cômicas populares, como o carnaval, apresentavam uma visão diferente de mundo, não enaltecendo as hierarquias ou a ordenação do mundo oficial, sustentados pela Igreja e pelo Estado. Traziam a expressão dos inversos, de um mundo delineado pela cultura popular, como uma paródia do mundo oficial. Conforme Bakhtin, no entanto, nem toda festa oferecida ao povo apresentava esse caráter arrebatador dos festejos cômicos, pois, em festas promovidas pelo Estado ou pela Igreja, o que se via era a perpetuação de valores pregados por essas instituições, como se pode constatar até os dias de hoje quando vemos, por exemplo, paradas militares, que ainda convocam a população para assistir ao desfile de insígnias consagradas pela tradição militar.

Ainda consoante Bakhtin (1987), a obra de François Rabelais expressa uma certa singularidade, por não seguir os modelos literários canônicos de sua época e por apresentar linguagem e temáticas mais populares, semelhantes ao que se expressava em festas carnavalescas. Essas características da obra de Rabelais destoavam da literatura perpetuada desde o século XVI e exibiam certa comicidade oriunda de elementos populares. Desse modo, os escritos de Rabelais eram vistos como marginais, ora por não se enquadrarem nos moldes literários de seu tempo, ora por apresentarem grande teor cômico a partir da cultura popular, outro aspecto pouco estudado, segundo Bakhtin (1987).

Em *Problemas na poética de Dostoiévski* (2010), Bakhtin inicia a discussão sobre o conceito de carnavalização, o qual concebe como a manifestação de elementos carnavalescos na literatura. Esse tipo de literatura pertenceria ao gênero sério-cômico, o qual seria dotado de três peculiaridades básicas.

A primeira característica desses gêneros cômicos, conforme Bakhtin (2010), seria uma abordagem diferenciada da realidade, deixando de valorar elementos míticos para se aproximar mais do cotidiano dos leitores. A segunda peculiaridade dos gêneros cômicos ratifica a primeira e acrescenta que esses gêneros cômicos não entronizariam lendas, mas fomentariam a fantasia livre, pela qual, muitas vezes, as lendas eram destronadas e apresentadas de forma crítica. A terceira característica dos gêneros sério-cômicos seria a presença de múltiplas vozes e estilos, o que poderia ser percebida na obra de Dostoiévski, conforme Bakhtin (2010).

Dessa maneira, em textos carnavalizados, seria possível perceber vozes e estilos imbricados, como a junção do sério e do cômico, do sublime e do vulgar, do sagrado e do profano, entre outras combinações que apresentam uma nova forma de expressão do gênero literário.

O riso carnavalesco, de acordo com Bakhtin (1987), seria um fenômeno complexo, uma ação festiva, coletiva, em que todos riem, não apenas de coisas consideradas risíveis, mas uma ação universal, em que se ri de tudo e de todos. O riso teria ainda uma natureza ambivalente, pois seria capaz de rebaixar e enaltecer, negar e confirmar, semelhante ao que acontecia com o antigo riso ritual, em que se ria das divindades, como o sol, na tentativa de renová-los (BAKHTIN, 2010). Desse modo, o riso seria uma ação que buscava a transformação, a partir da deformação, um fenômeno que aspirava à recriação de um mundo oficial, estabelecido por poucos, para a criação de um mundo coletivamente reestruturado. Bakhtin (1987) acrescenta ainda que o riso carnavalesco difere do riso satírico, o qual teria efeito negativo, opondo-se ao alvo do riso, enquanto que o riso carnavalesco não teria um alvo específico, já que é coletivo, festivo e se ri de tudo e de todos, inclusive daqueles de onde o riso começa.

Para Bakhtin (2010), a paródia seria um fenômeno de natureza carnavalesca. Por meio dela, seriam criadas novas versões do mundo, invertendo polos estabelecidos pelo mundo oficial. Desse modo, a paródia, assim como o riso, seria um fenômeno ambivalente, pois abordaria elementos díspares, como o sagrado e o profano, como ocorria nas paródias sacras comuns na Idade Média. Parodiar o mundo seria, portanto, colocá-lo às avessas, dirimir regimes ou hierarquias, criando um mundo mais jocoso no qual os opostos dialogam livremente. Desse modo, a paródia carnavalesca apresentava um propósito positivo, integrador, assim como o riso carnavalesco.

Bakhtin (2010) aborda ainda categorias fundantes da literatura carnavalesca. A primeira delas se relaciona ao “livre contato familiar entre os homens”, a partir da qual extinguem-se barreiras hierárquicas ou sociais entre os indivíduos dentro do discurso carnavalesco. A partir dessa categoria, ainda se promove um discurso liberto de sanções sociais ou tabus. A segunda categoria da carnavalização seria a “excentricidade”, a partir da qual elucida-se o teor esdrúxulo ou bizarro da linguagem carnavalesca. A terceira categoria, “as *mésalliances*”, refere-se ao caráter ambivalente da carnavalização, perceptível a partir da combinação de elementos opostos, como sagrado e profano, sério e cômico, o sábio e o tolo, entre outras. Finalmente, a quarta categoria, “a profanação”, refere-se ao aspecto ultrajante da linguagem carnavalesca, como podemos observar nos rebaixamentos, paródias, sacrilégios entre outras investidas desse tipo de literatura.

A partir dessas categorias, Bakhtin (2010), procura elucidar as peculiaridades da literatura carnavalesca, a qual destoa dos gêneros canônicos sérios da literatura, como a epopeia e a tragédia,

apresenta maior proximidade com o cotidiano dos leitores, linguagem exacerbada, ambivalência e profanação.

A linguagem carnavalizada é outra questão abordada por Bakhtin (2010). Segundo o autor, o carnaval proporcionou o surgimento de uma linguagem singular, que exprimia a “cosmovisão carnavalesca”, uma linguagem que emerge em meio às interações em praça pública, *lócus* fundante do carnaval. Trata-se de uma linguagem popular, descomedida, que se materializava por meio de insultos e zombaria, de destronamentos e paradoxos, entre outras marcas linguísticas que fundamentam o processo de carnavalização na literatura e, atualmente, poderíamos dizer que em diversos discursos é possível perceber o processo de carnavalização.

A carnavalização poderia ser concebida, portanto, como um fenômeno complexo em que podemos perceber no discurso verbal traços oriundos das festas populares, como a inversão, o rebaixamento, a ambivalência. Os estudos de Bakhtin sobre carnavalização debruçaram-se sobre os aspectos carnavalescos na literatura, entretanto já há estudos que defendem a carnavalização em outros tipos de discurso, como o de Nobre (2014), no qual o autor discorre sobre a carnavalização em gêneros digitais. O autor ressalta que, no contexto da pesquisa de Bakhtin, os alvos de rebaixamento carnavalizado eram sobretudo autoridades religiosas, mas que, atualmente, poder-se-ia conceber o fenômeno da carnavalização a partir de alvos fora do ambiente religioso, mas com grande prestígio social como políticos ou artistas.

3. DOS FUNDAMENTOS BÁSICOS DA REFERENCIAÇÃO AO PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO

A referenciação, dada sua importância para a construção de sentidos do texto, é um fenômeno definitivamente consolidado na agenda da Linguística Textual – o que é facilmente atestado pela enorme quantidade de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas em torno da temática.

Com base em estudos como o de Mondada e Dubois (2003), autoras responsáveis por cunhar o termo *referenciação*, esse fenômeno tem sido concebido à luz de uma visão não referencialista de linguagem, isto é, uma visão que rejeita a ideia de que haveria uma relação de estrita correspondência entre as palavras e as coisas.

Dito de outro modo, recusa-se a percepção redutora de que os nomes seriam meros rótulos ou meras etiquetas para as coisas do mundo. Na contramão disso, as autoras postulam que as categorias utilizadas para descrever o mundo são constitutivamente instáveis, de modo que tais categorias podem variar tanto sincrônica quanto diacronicamente.

Apoiando-se nesses princípios fundantes e considerando que todo texto, a serviço de um determinado projeto de dizer, inevitavelmente evoca entidades (os objetos de discurso ou referentes) sobre as quais se predica, a referenciação é definida por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 42-43, grifos dos autores) como a **“construção sociocognitivo-discursiva de objetos de discurso reveladores de versões da realidade e estabelecidos mediante processos de negociação”**. Essa definição revela a complexidade do processo e contempla o que, segundo os mesmos autores, seriam suas três principais características: 1) a referenciação como (re) elaboração da realidade; 2) a referenciação como resultado de uma negociação entre interlocutores; 3) a referenciação como um processo sociocognitivo.

A proficuidade do fenômeno da referenciação é tão grande que já se discute haver, inclusive, duas tendências de estudo, como defende Custódio Filho (2011). Essas duas tendências, segundo o autor, não são antagônicas, mas complementares, já que se sustentam nos mesmos princípios teóricos básicos (a concepção sociocognitivo-discursiva do processo a partir da visão não referencialista de linguagem). A diferença, argumenta Custódio Filho, seria de foco: a primeira tendência se restringe à análise de expressões referenciais e às funções que estas exercem no texto; a segunda tendência, por sua vez, expande o escopo analítico e, além de se interessar pelas expressões referenciais, também dá atenção a outros elementos linguísticos (a superfície textual como um todo) e não linguísticos (o aparato cognitivo e aspectos socio-históricos e circunstanciais amplos). Nota-se, assim, que, na segunda tendência de estudos, a referenciação passa a ser concebida de forma mais dinâmica e complexa, não mais se limitando a aspectos formais. Neste trabalho, valemo-nos dos avanços alcançados por essa segunda tendência.

Compreendidas essas considerações basilares, passemos ao exame mais detalhado de um processo fundamental nos estudos de referenciação: a *recategorização*. Os referentes, uma vez introduzidos no texto, podem ser retomados anaforicamente, o que garante sua continuidade. Nessas retomadas, os referentes, inevitavelmente, passam por transformações, as quais são denominadas de *recategorização*.

As ideias basilares sobre o processo de recategorização partiram de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), que observaram as

remodulações que os sujeitos empreendem nos referentes por ocasião de sua retomada. Assim, ao serem reapresentados no desenrolar do texto, os referentes podem ser designados por diferentes formas, isto é, por diferentes expressões referenciais. Em resumo, os autores compreenderam a recategorização como essa remodulação de caráter lexical por que passam os referentes. Como o interesse, aqui, recai sobre as expressões referenciais, esse estudo pioneiro se situa, naturalmente, na primeira tendência de estudos de referenciação.

Com base na proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), muitos estudos sobre recategorização foram desenvolvidos, o que implicou em diversos avanços teóricos. Lima (2009), por exemplo, defende a ideia de que recategorização não pode se restringir ao nível textual-discursivo, já que nem sempre as transformações dos referentes ocorrem pelas expressões referenciais que os retomam. Seria preciso considerar, segundo a autora, elementos de nível cognitivo que entram em jogo no processamento do texto e, conseqüentemente, dos referentes.

Em convergência com os postulados de Lima (2009), Custódio Filho (2011) propõe um tipo de recategorização a que denomina de *recategorização sem menção referencial*, que, como o próprio nome sugere, indica a necessidade de ir além das relações internominais de que participam os referentes. Assim, acompanhar as transformações de um referente de modo algum se limita ao exame de sua cadeia referencial: é preciso olhar para a dinâmica textual e contextual como um todo.

Tanto Lima (2009) quanto Custódio Filho (2011), como é fácil supor, inscrevem-se na segunda tendência de estudos em referenciação, que confere ao fenômeno maior complexidade e dinamismo, conforme explicado anteriormente. Coerente com os avanços da segunda tendência de estudos, adotamos aqui a definição do processo de recategorização formulada por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014):

A recategorização é um contínuo processo cognitivo-discursivo de transformação dos referentes ao longo de um texto. As modificações por que passa o objeto referido se revelam em variados índices contextuais. A transformação não se dá pontualmente, mas vai acontecendo à medida que as inúmeras pistas dadas por expressões referenciais, ou não, ajudam o leitor a compor novos sentidos e novas referências. Em todo o texto, o locutor constrói a referência com base numa interpretação do mundo real, recategorizando

a informação precedente ao acrescentar novas predicções, disponíveis, em diferentes graus no conhecimento das pessoas, à medida que transcorre a interação. (CAVALCANTE; CUSTÓRIO FILHO; BRITO, 2014, p. 156).

Essa definição contempla os avanços obtidos nos estudos sobre a recategorização, de modo a confirmar o caráter fluido e disperso do processo. Impõe-se, sobremaneira, o entendimento de que um processo tão complexo não pode ficar atado ao aparato formal das expressões referenciais, como foi reiteradamente defendido aqui. A compreensão mais adequada da recategorização se dá na dinâmica textual ampla, pois é nela que se visualiza integralmente as informações sendo transformadas, sempre tendo como pano de fundo um contexto sócio-histórico que envolve todo o funcionamento do texto.

Por tudo o que foi dito, fica evidente que as transformações sofridas pelos referentes – a recategorização – é um processo fundamental para a construção textual dos sentidos, e é por isso que ele tem despertado tanto interesse no campo da Linguística Textual.

4. ANÁLISE DA SEÇÃO *A NÃO REELEIÇÃO*

O excerto que utilizamos neste trabalho está hospedado na Desciclopédia, uma enciclopédia digital cômica que faz uma paródia do site *Wikipédia*, tradicional enciclopédia eletrônica, que surgiu na internet em 2001. Os textos veiculados na Desciclopédia têm natureza não *bona-fide* (RASKIN, 1985), isto é, não devem ser levados a sério, como indica o próprio site em sua descrição. A proposta do site é divulgar conteúdos jocosos sobre diversos assuntos, construídos de forma colaborativa, assim como o site parodiado por eles. Segundo sua própria descrição, a Desciclopédia tem como único princípio “ser engraçado e não apenas idiota”, um princípio amoral para o qual não há conceito de certo ou errado nem o de politicamente correto ou incorreto.

Dessa forma, temos uma plataforma digital em que o escárnio coletivo e desmedido embasa os textos veiculados pelo site. A proposta de construção coletiva de seus textos, inspirada na Wikipédia, demonstra o que Marcuschi (2000) certa vez postulou sobre o enfraquecimento da noção canônica de autoria em hipertextos, uma vez que, em meio digital, os próprios leitores poderiam colaborar

na concepção de alguns textos publicados na internet.

Essas características fazem da Desciclopédia um lugar de encontro de zombadores, que interagem assim como os foliões da praça pública carnavalesca, por meio de uma linguagem carnavalizada, com a qual se profana, rebaixa-se, agregam-se opostos. É uma plataforma em que são ignoradas regras e hierarquias do “mundo oficial”, em favor da criação de um ambiente jocoso no qual também são frequentes as excentricidades expressas por meio de uma linguagem que se assemelha à das festas populares como o carnaval.

Dessa maneira, poderíamos dizer que a Desciclopédia é um site carnavalizado, em que é possível identificar muitas peculiaridades desse fenômeno, investigado inicialmente por Bakhtin (1987, 2010), e inclusive identificar pistas linguísticas ou estratégias de textualização que corroborem com o processo de carnavalização.

Neste trabalho, analisamos um texto da Desciclopédia, norteados pelos estudos de Bakhtin (1987, 2010) sobre carnavalização e pelos pressupostos da Linguística Textual e seus postulados sobre referenciação e recategorização, com o intuito de identificar no texto em questão indícios do processo de carnavalização, que podem ser percebidos por meio das características aludidas por Bakhtin acerca da carnavalização e ainda por estratégias de textualização como a recategorização, as quais podem colaborar com o humor ácido, próprio de textos carnavalizados.

Vejamos, no excerto abaixo (no qual fizemos alguns destaques em negrito), o verbete do site Desciclopédia que selecionamos para análise.

EXCERTO 01 – A não reeleição

A não reeleição

Apesar de ter negado nos primeiros anos de seu mandato, **Bolsonaro** foi candidato à **reeleição** como **presimto do Brasil** e perdeu pro seu arqui inimigo Lula, e então, o **imbroxável** broxou. E mesmo colocando seus pau mandados da PRF fazerem blitz no Brasil todo, sobretudo no nordeste e MG (Mas porque será?), pra sabotar os votos do Lules, **Jair Bolsonaro** se provou ser **um completo asno até mesmo trapaceando**. No primeiro momento, o **Capitão Corona** encontrou-se em um silêncio sepulcral sobre seu fracasso e todos aguardaram o chilique da derrota do **mito**. Em resposta a derrocada do **mito**, os bolsonaristas resolveram interditar as rodovias federais e o povão teve que escorraçar esses cornos das estradas na marra, já que a PRF e a PF estavam ocupadas demais abocanhando o saco escrotal do **Capitão**. Por fim, dois dias depois da carimbada do seu selo de **perdedor nas urnas**, Jair finalmente resolveu dar as caras pro Brasil e... cagou no pau! Tudo o que ele disse foi extremamente descartável assim como seu “governo”, só fez um aceno pro seus bolsogatos chamando-os de comunistas safados por estarem esculhambando as vias federais. Aqui está listado as figuras que empenharam o seu voto na falha tentativa de se reeleger do Jair:

- Adolf Hitler. Lulau. Você. Capitão Caverna. Alexandre Gracinha. Fidel Castro. Mao Tse-tung. Edir Macedo. Kim Jong-un. Gengis Khan. Adélio Bispo de Oliveira. PresidAnta Dilma. Você, de novo. Clodovil Hernandez. General de 5 Estrelas Eduardo Paçuelo. Xuxa. Regina Duarte, mas tem medo. Coringa Brasileiro. Thammy Miranda. Mãe Dináh, votando do além. Átila, o Huno. Nego do Borel

Disponível em: <https://desciclopedia.org/wiki/Jair_Bolsonaro>. Acesso em: 5 fev. 2023.

O texto escolhido apresenta duras críticas ao ex-presidente Jair Bolsonaro, a partir de um humor desenfreado, típico dos discursos carnavalizados, em que se expressa uma comicidade construída a partir de uma linguagem despidorada, que pode desmistificar lendas ou mitos, ou mesmo profanar a figura de governantes, apresentando uma análise singular da realidade.

O verbete em análise, como o título sugere, trata da não reeleição de Jair Bolsonaro na eleição presidencial do Brasil em 2022. O referente Bolsonaro é introduzido logo no início do texto pela expressão referencial “Bolsonaro” e, por ser o referente principal, permanece saliente durante todo o texto, como veremos.

O texto se inicia com uma concessão ao fato de Bolsonaro ter sido candidato à reeleição: “Apesar de ter negado nos primeiros anos de seu mandato”. Tal concessão alude a declarações dadas por Bolsonaro por ocasião da campanha eleitoral de 2018 e mesmo nos primeiros anos de seu mandato, que teve início em 2019. Os objetivos – sugeridos ou explicitados – dessas declarações eram demonstrar contrariedade à perpetuação de políticos no cargo de presidente. Ao apresentar a concessão, o produtor do texto opera transformações no referente Bolsonaro. São possíveis, por exemplo, as recategorizações “incoerente” e “alguém que não cumpre com sua palavra”, já que Bolsonaro foi candidato à reeleição a despeito de ter, anteriormente, revelado ser contrário à prática de reeleição. Tais inferências já poderiam ser tomadas como indício da profanação de um ser supremo (como Bolsonaro era vista por seus seguidores), como ocorre na carnavaização de entes religiosos, por exemplo.

É importante destacar que essas recategorizações, mesmo não sendo homologadas por expressões referenciais, são inferíveis e autorizadas por pistas do cotexto, como a predicação realizada em torno da concessão, bem como por pistas contextuais – no caso das declarações dadas por Bolsonaro às quais o texto alude. Seriam, pois, recategorizações sem menção referencial (CUSTÓDIO FILHO, 2011), já que as relações internominais não se explicitam.

Em seguida, o referente Bolsonaro sofre duas novas recategorizações, dessa vez por meio de expressões referenciais: “candidato à reeleição” e “presimto do Brasil”. Essas duas recategorizações têm apelo cômico e jocoso. No caso da primeira, troca-se propositadamente a grafia da palavra “candidato”, que passa a ser escrita “candigato”, numa clara tentativa de surtir efeitos humorísticos. Já em relação à segunda, a palavra “presimto” opera uma junção entre as palavras “presidente” e “mito”. O tom, aqui, é de ironia em relação à exaltação de Bolsonaro por seus apoiadores.

Vale ressaltar ainda que, ao se referir ao ex-presidente como “presimito do Brasil”, o texto se refere a uma alcunha atribuída a Jair Bolsonaro, que muitas vezes foi chamado de *mito* pelos seus adeptos, como forma de glorificá-lo como uma personagem mitológica, ou seja, os admiradores do ex-presidente não o viam apenas como chefe de Estado, mas como um ser onnipotente, que estaria acima de qualquer outro homem que já tenha presidido o Brasil. “Presimito” poderia então ser interpretado como um presidente mito, unindo dois títulos distintos, um real e outro pertencente ao imaginário surreal das mitologias. Teríamos, dessa forma, uma expressão ambivalente, característica da linguagem carnavalizada, conforme defende Bakhtin (2010) ao se referir às *mésalliances* carnavalescas, categoria pela qual podemos identificar a combinação de elementos opostos, distantes, mas que, a partir da cosmovisão carnavalesca, podem aproximar-se e, até mesmo, fundir-se em meio à permissividade peculiar das festas de carnaval.

Posteriormente, destaca-se a derrota de Bolsonaro para Lula, novo referente introduzido no texto, sob a categorização “seu arquí inimigo Lula” e relata-se que “o imbrochável” – nova recategorização para o referente Bolsonaro – “broxou”, uma forma metafórica, paradoxal e cômica de representar a derrota de Bolsonaro na eleição. Para compreender a caracterização de Bolsonaro como “imbrochável”, é necessário recorrer ao contexto sócio-histórico e ter conhecimento da situação em que Bolsonaro, no período da campanha e durante seu discurso de 7 de setembro (o Dia da Independência do Brasil), puxou para si o coro de “imbrochável”, em tentativa de se vangloriar por seu desempenho sexual. Esse episódio rendeu diversas críticas por parte da imprensa e de não apoiadores de Bolsonaro. O produtor do texto, ao dizer que “o imbrochável broxou”, produz efeitos cômicos sobre a forma com que Bolsonaro se referiu a si mesmo, e aproveita para destacar sua derrota nas urnas.

Dessa forma, ao sugerir que o “imbrochável broxou”, o texto da Desciclopédia procura ridicularizar o ex-chefe de estado que foi derrotado por ocasião do pleito eleitoral, insinuando um destronamento do presidente e mito. Essa profanação ou ridicularização, própria dos textos carnavalizados, também pode ser percebida no trecho em que Bolsonaro é chamado de “asno”, em referência ao fracasso da suposta tentativa de trapaça eleitoral, por meio de uma ação da Polícia Rodoviária Federal no dia em que ocorreu o segundo turno das eleições brasileiras de 2022.

Na sequência, o produtor do texto põe em evidência um acontecimento sucedido no dia da eleição, quando a Polícia

Rodoviária Federal, a mando de Bolsonaro, promoveu uma fiscalização rigorosa em transportes que levavam eleitores – principalmente de Minas Gerais e do Nordeste, onde as pesquisas indicavam vitória de Lula – para os locais de votação. Essa situação é caracterizada no texto como uma tentativa de “sabotar os votos do Lula”. Tudo isso permite novas recategorizações ao referente Bolsonaro, ainda que não explicitadas por expressões referenciais: “trapaceiro” e “antidemocrático”, por exemplo, já que tais procedimentos não são considerados próprios do funcionamento democrático. Ainda sobre o episódio em tela, uma nova recategorização, dessa vez explícita, recai sobre Bolsonaro: “um completo asno até mesmo trapaceando”, que argumenta no sentido de mostrar que nem mesmo com o auxílio considerado ilegal da Polícia Rodoviária Federal Bolsonaro conseguiu ser eleito. Aqui vale também o destaque para a palavra “asno”, já referida anteriormente nessa análise, que faz parte da expressão referencial e possui forte teor cômico e depreciativo. Segue-se, então, a caracterização negativa de Bolsonaro, que perpassa todo o texto.

Em seguida, o texto se detém à falta de pronunciamento de Bolsonaro sobre a derrota na eleição e, nesse momento, o referente sofre mais uma recategorização: “o Capitão Corona”. Dessa vez, a recategorização funciona como uma crítica a todo o procedimento do governo Bolsonaro por ocasião da pandemia da Covid-19. Bolsonaro e diversos outros participantes do seu governo deram reiteradas declarações tentando minimizar a gravidade da doença, além de proferirem discursos anti-vacina, entre muitas outras coisas bastante criticadas por cientistas, jornalistas e cidadãos em geral. Impera, mais uma vez, o tom de reprovação acerca do referente Bolsonaro.

A falta de pronunciamento de que trata o parágrafo anterior contribuiu, como destaca o texto, para que bolsonaristas – logo em seguida recategorizados, de modo jocoso, como “esses cornos” – interditassem rodovias. Esses apontamentos também conferem novas caracterizações ao referente Bolsonaro, que passa a ser visto como omissor e conivente com as ações dos bolsonaristas, já que ele não se pronunciou repudiando-as e reconhecendo o caráter democrático de sua derrota nas urnas.

Outro trecho que julgamos interessante para análise que adotamos neste artigo é o que descrevemos a seguir: “a PRF e a PF estavam ocupadas demais abocanhando o saco escrotal do Capitão”. A princípio podemos perceber prontamente a linguagem despudorada expressa no enunciado, que é típica

da profanação carnavalesca que, segundo Bakhtin (2010, p. 147), é formada sobretudo pelas “indecências carnavalescas”. Ressaltamos ainda que a profanação, além de fazer referência ao ex-presidente (Capitão), dá-se também em relação à Polícia Rodoviária Federal (PRF) e à Polícia Federal (PF), as quais entram no enquadre sexista dado pelo site à suposta tentativa de dificultar o acesso de eleitores às urnas no segundo turno das eleições de 2022.

Dessa maneira, verificamos a caráter difamador da linguagem carnalizada, que não restringe alvos, nem mensura palavras que expressem um humor coletivo, em que todos riem de tudo e de todos. Entretanto, como afirma Bakhtin (1987), trata-se de uma comichade que destrona para reerguer, renovar, como as críticas sociais percebidas em muitas formas de humor, as quais indicam um alerta de que as coisas não vão bem e que urge mudanças.

Na sequência, ganha destaque o considerado tardio pronunciamento de Bolsonaro, que só ocorreu em dezembro, dois meses após a vitória de Lula. Nesse cenário, o referente Bolsonaro é recategorizado no texto pela expressão referencial “perdedor nas urnas”. O produtor do texto considerou o pronunciamento de Bolsonaro “extremamente descartável”, caracterização que ele também atribui ao governo do agora ex-presidente. Dessas últimas predicções desencadeadas no texto, pode-se inferir novas recategorizações ao referente Bolsonaro: “presidente incompetente” é uma das transformações autorizadas, já que, como vimos, seu governo é considerado “extremamente descartável”.

Por fim, a seção “A não reeleição” termina com o produtor do texto listando figuras que supostamente “empenharam o seu voto na falha tentativa de se reeleger do Jair”, entre elas Adolf Hitler, Fidel Castro, Mao Tse-tung e Edir Macedo.

O texto em análise, conforme mostramos, gira em torno principalmente do referente Bolsonaro, que, ao ser mantido em foco do início ao fim, passa, naturalmente, por sucessivas recategorizações. Algumas dessas recategorizações são marcadas por expressões referenciais; outras são inferidas e autorizadas por dados cotextuais e contextuais. Em todo o texto, o referente Bolsonaro é apresentado e reapresentado de forma depreciativa, com o produtor se valendo de recursos expressivos cômicos, jocosas e irônicos, de modo a explorar, bastante acentuadamente, o humor satírico, ácido, característico do processo de carnalização e que é o propósito central da Desciclopédia.

Por fim, vale ainda salientar que, nesse excerto textual analisado, pudemos perceber algumas características descritas por Bakhtin (2010) acerca da carnavalização. Dessa maneira, pudemos identificar elementos próprios das festas populares, como o carnaval, por meio da interação que a Desciclopédia promove (como uma praça pública virtual), sobretudo por ser um site de construção de conteúdo colaborativo, no qual podem participar diversos interlocutores, que se tornam autores cooperativos, desmistificando a concepção clássica literária de autoria absoluta.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigamos, nesse artigo, o processo de carnavalização em um verbete do site Desciclopédia, norteados pelos postulados de Bakhtin e pelos pressupostos da Linguística Textual, por meio das ideias sobre recategorização referencial. Pudemos perceber, no excerto da Desciclopédia analisado, muitos traços do discurso carnavalizado, apontados por Bakhtin (1987, 2010), como a profanação ou rebaixamento jocoso, o uso excêntrico e desenfreado da linguagem, o uso de um discurso livre e coletivo, que viola regras ou hierarquias e, ainda, a expressão de termos ambivalentes.

Observamos também marcas linguísticas (devidamente associadas ao contexto) que podem evidenciar o fenômeno da carnavalização, como o processo de recategorização referencial, já abordado em trabalhos sobre o humor (LIMA, 2015), pelo qual é comum ocorrer o rebaixamento, a profanação por meio de uma mudança no estado de coisas promovido por essa estratégia de textualização.

Ainda que a carnavalização seja comumente atribuída à literatura, entendemos, assim como Nobre (2014), que esse fenômeno possa ser percebido também em discursos não literários, como os digitais cômicos, a exemplo dos veiculados pela Desciclopédia, nos quais a profanação de pessoas famosas é um traço peculiar. Ainda que esse rebaixamento originalmente tenha sido relacionado a entidades religiosas, entendemos, ainda conforme Nobre (2014), que esse processo de ridicularização possa ser estendido atualmente a personalidades de grande visibilidade social, como os políticos.

Por fim, esse modesto estudo sugere que a carnavalização pode ser observada também em textos não literários e que pode, como qualquer outro fenômeno discursivo, ser atestada por meio de marcas linguísticas (mas sem desconsiderar a relação dessas marcas com o contexto), que indicam, na superfície textual, estilos e projetos de dizer firmados pelos interlocutores.

REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ D., REICHLER-BÉGUELIN, M. J. **Construction de la référence et stratégies de désignation**. TRANEL. Travaux Neuchâtelois de Linguistique, 1995, p. 227-271. Disponível em: <https://hal.science/hal-00869154/document>. Acesso em: 18 de fev. de 2023.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fonte, 1997.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec/UBN, 1987.

BAKHTIN, M. **Problemas na poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 331p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

LIMA, S. M. C. de. **Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo de processos de recategorização**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LIMA, S. M. C. O processo de recategorização metafórica: um gatilho para a construção do humor no gênero piada. In: CARMELINO, Ana Cristina (org.). **Humor: eis a questão**. São Paulo: Cortez, 2015. P. 117-135.

MARCUSCHI, L. A. A coerência no hipertexto. **I Seminário sobre hipertexto**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000. Mimeo.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Trad. Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

NOBRE, K. C. Ressonâncias dialógicas da cultura popular e do carnaval na web. **Entrepalavras**, Fortaleza - ano 4, v.4, n.2, p. 8-22, jul/dez 2014.

RASKIN, V. **Semantic mechanisms of humor**. Dordrecht : D. Reidel Publishing Company, 1985.

ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES DO *DUOLINGO* PARA APRENDER COMPREENSÃO AUDITIVA EM ESPANHOL

Maria de Fátima Nunes
de França (UERN)

fatinnanunes.lm10@gmail.com

Tatiana Lourenço de Carvalho (UERN)

tatianacarvalho@alu.uern.br

1. INTRODUÇÃO

Cada vez mais é comum vermos pessoas buscando aprender um novo idioma. Seja por motivos profissionais, para facilitar viagens ou simplesmente por interesse em outras culturas. Para isto, é fundamental desenvolver as quatro habilidades comunicativas: ler, escrever, ouvir e falar, uma vez que elas possibilitam a comunicação. Neste sentido, na pesquisa em questão, vamos nos concentrar em uma habilidade específica: a compreensão auditiva, visto que para ter uma comunicação proficiente, é necessário se familiarizar com a língua, com os diferentes sotaques e a escuta pode ser facilitadora nesse processo, uma vez que aproxima o falante de língua não materna com o de língua materna.

A habilidade de compreender o que é dito em um idioma estrangeiro é essencial para a comunicação efetiva. É através da compreensão auditiva que somos capazes de entender conversas informais e formais, palestras, músicas e, até mesmo, programas de televisão. Dominar essa competência, requer prática constante, exposição ao idioma e atenção ao tom de voz, entonação e ritmo da fala. Além do mais, é algo que vai além de conhecimentos linguísticos, envolvendo dessa forma também questões pragmáticas como cultura, sociedade e diferentes contextos. Exemplo disto seria entender uma informação formal ou uma piada. Diante do exposto, no trabalho em questão, será avaliado como essa competência perceptiva é desenvolvida em aulas de Língua Espanhola, a partir da *gamificação*⁶ do aplicativo *Duolingo*. Assim, esse estudo tem como tema: tecnologias de aprendizagem de línguas estrangeiras.

6 LEFFA, Vilson Jose, “Gamificação é, portanto, a adaptação feita a um tipo de atividade para que ela possa ser redirecionada a outros objetivos.” Florianópolis: Volume 38, 2020, p. 04.

Em um mundo cada vez mais globalizado, percebe-se o papel fundamental dos recursos tecnológicos no meio educacional, uma vez que muitos estudos, como o de Santos e Lima (2021), reforçam que o avanço da tecnologia permite dinamizar o ensino e aprendizagem de idiomas. Desta maneira, utilizar tais recursos para a aprendizagem, pode despertar o interesse dos discentes, pois permite dinamicidade, ludicidade, interação e prazer pela vasta gama de conteúdos que consegue ofertar e por se tratar de um mecanismo pertinente na comunicação. Dos muitos benefícios que a tecnologia pode proporcionar para a educação, um dos mais influenciáveis é a *gamificação*, isso pela capacidade de estimular os discentes por meio do entretenimento, além de auxiliar no desenvolvimento cognitivo e profissional dos estudantes.

Com isso, buscaremos responder a seguinte questão geral: Quais as potencialidades que há na plataforma *Duolingo* para a aprendizagem da compreensão auditiva do espanhol? Por trazer lições e outras funções que permitem o contato do aprendiz com a escuta, o objetivo geral formulado é: analisar as potencialidades das atividades do *Duolingo* para a aprendizagem da compreensão auditiva do espanhol. Para o desenvolvimento desse estudo, nos amparamos nas seguintes questões específicas: Quais as especificidades da *gamificação* nas atividades de CA do *Duolingo* para a aprendizagem do espanhol? Quais as potencialidades da aprendizagem do espanhol, a partir das atividades de compreensão auditiva no *Duolingo*?

Desse modo, com a perspectiva de responder a essas indagações, traçamos os nossos objetivos específicos que são: (i) identificar as especificidades da *gamificação* nas atividades de CA do *Duolingo* para a aprendizagem do espanhol e (ii) constatar potencialidades no *Duolingo* para a aprendizagem do espanhol.

Para realizar este trabalho utilizamos o tipo de pesquisa nomeado como estudo de caso e descritiva, por incluir no processo de pesquisa ação, opiniões de sujeitos sobre como acontece a aprendizagem do espanhol, através do *Duolingo*, e como a habilidade auditiva pode contribuir nesse processo de aprendizagem, como também relatar sobre esta competência na investigação realizada aos discentes do curso de Espanhol, os quais contribuíram para esta pesquisa. Ainda mais possui uma abordagem quali-quantitativa, e está agregada ao campo teórico da Linguística Aplicada.

Com isso, o nosso objetivo é explorar o desenvolvimento da aprendizagem da compreensão auditiva através do aplicativo

Duolingo, em virtude de poucos trabalhos desenvolvidos sobre essa compreensão. Assim, desejamos conhecer melhor sobre a CA, a fim de deixar a nossa contribuição, como também ampliar os estudos sobre esse fenômeno. Além do mais com a divulgação do resultado desta pesquisa ansiamos contribuir para a evidência da relevância do ensino do espanhol nas escolas, como também a utilização da *gamificação* como recurso didático.

2. IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO AUDITIVA NA APRENDIZAGEM DO ESPANHOL

Uma vez que, lembramos do estudo de Cubillo (2005) sobre a competência auditiva, ao refletir sobre a definição acerca da CA, mostrando assim que os aspectos sociais também refletem na aprendizagem de idiomas, acima de tudo quando explorada a competência comunicativa em questão, pois escutar não deve se resumir a um elemento especificamente linguístico, uma vez que envolve outros fatores, como cultura, sociedade. Assim, para construir sentido e significado em uma língua, principalmente de forma oral, é necessário unir tanto os aspectos fonológicos como também os conhecimentos cognitivos.

Com isso, se pensarmos na aprendizagem do Espanhol nas escolas da rede pública, é notório que a situação de ensino é preocupante e insuficiente para aprender o idioma em questão, haja vista que uma série de fatores implicam e dificultam essa aprendizagem. Primeiramente, o grande obstáculo é a oferta da disciplina de língua espanhola nessas instituições, uma vez que, em muitas instituições, não existem, e em outras, funcionam como uma disciplina optativa, e mesmo não sabendo um número exato, temos em mente a grande ausência desse componente nas grades de estudo. É possível afirmar isto, uma vez que um dos documentos que regem, atualmente, a educação do nosso país, a BNCC (2018), não prevê o ensino de Espanhol como obrigatório, desta forma precariza a aprendizagem deste idioma, pois impede o contato do estudante com a língua supramencionada.

Lima (2021) alega sobre a falta de um material didático para trabalhar a compreensão auditiva. Concordamos com o autor, uma vez que percebemos a ausência de recursos inovadores e criativos, como a *gamificação*, para auxiliar atividades de compreensão auditiva na sala de aula, muitas das vezes recorrem apenas a CDs ou quase sempre a voz do próprio docente.

Ademais disso, outras dificuldades estão presentes na aprendizagem de idiomas, como apresenta Mesti e Basso (2008), em seu trabalho sobre propostas de atividades de “*listening*”, para melhorar o desempenho e desenvolver a habilidade de ouvir inglês, os autores relatam que um das dificuldades está relacionada ao fato de que os alunos aprendem primeiro as outras três habilidades comunicativas, antes da escuta, e isto se torna negativo na percepção de que, quando forem aprender sobre a compreensão auditiva, sintam medo e conseqüentemente converta o que aprendeu em algo insignificante.

Com a relação a capacidade auditiva, entendemos que é uma habilidade que desenvolvemos desde a aquisição enquanto criança. No entanto, para desenvolver a fala através da audição, é necessário elementos que construam sentido e significado. Não diferente do processo de aquisição, no processo de aprendizagem do espanhol, para que o ouvinte consiga reproduzir o que escuta de maneira coerente, Adrião (2014, p.06) afirma que:

A pronúncia pode-se ver, então, como um conjunto de aspectos respiratórios e perceptivos de elementos de uma língua. Tem uma principal importância quando se consegue grandes performances a nível de produção oral através dos sons concretizados, com uma grande semelhança a um nativo.

Nessa situação, percebemos que a pronúncia, como um elemento primordial para a comunicação entre falantes, é executada com mais eficácia quando a competência auditiva é explorada, porém não de qualquer forma. Se queremos aprender a falar espanhol, devemos escutar como fala um nativo deste idioma, ou utilizar recursos que nos aproxime da escuta da voz de um nativo. Não estamos falando que devemos aprender de forma imitativa, mas sim enfatizar que a prática da CA pode auxiliar o estudante a perceber as particularidades de um falante nativo (como gírias, piadas, ironias entre outras especificidades da língua), indo além dos aspectos linguísticos formais. Desta forma, a CA pode ajudar o aprendiz a desempenhar uma produção oral eficaz, haja vista que falar com proficiência um idioma é também conhecer o contexto no qual é propagado. Desta forma, compreensão auditiva vai além de uma ação inata, ainda mais quando se trata de uma língua estrangeira, visto que aprender um idioma perpassa por vários campos, desde o prosódico até o sintático. É necessário considerar o contexto, o ambiente, cultura e outros fatores que, segundo Vandergrift (1999, p.

168 apud López, 2020, p. 4), “coordenar tudo isso envolve um excesso de atividade mental por parte do ouvinte”.

Para Cubillo *et al.* (2005, p. 03, tradução nossa), “ouvir não é o mesmo que escutar”⁷. Assim, interpretamos que a habilidade comunicativa em exposição vai além do ato físico de ouvir, é também gerenciar sentidos, ou melhor, é preciso decodificar, interpretar e compreender um texto, música ou qualquer outra informação, por meio da exploração da audição. Todavia, percebemos que mesmo com o passar dos tempos, o ensino da CA é algo que continua deixando a desejar, posto que muitas atividades estão baseadas na compreensão de um áudio e na interpretação de uma música, com a finalidade de completar lacunas em branco, ou marcar a alternativa correta, sem fazer com que o aprendiz reflita ou construa sentido daquilo que ouviu.

Em tempos atrás, a forma como trabalhavam a CA estavam principalmente focadas, como coloca Pedroso (2002), em apresentar tal competência como escuta de documentos, rádio e canções. Com o passar dos tempos, notamos que, por mais que não explorem tanto a compreensão auditiva nas aulas de Espanhol, quando a utilizam, outros recursos são empregados, como jogos, vídeos, e textos reproduzidos através de áudios, para tanto é necessário traçar uma metodologia eficiente através de tais recursos. Lima (2021), sobre as atividades de compreensão auditiva em sala de aula, argumenta que existem alguns problemas para que o aluno compreenda; um deles, é a questão de que os diálogos apresentados para os aprendizes, são distantes da realidade dos discentes.

Outro problema que pode ser encontrado, no tocante à CA, durante o processo de aprendizagem de uma LE, está relacionado com a frequência e a metodologia adotada para trabalharem essa competência comunicativa (Souza, 2021). Desta maneira, notamos que, ao invés de explorar a compreensão auditiva, antes ou igual as outras habilidades linguísticas para aprender uma língua estrangeira, escutar está sempre em último plano e quando explorada é tratada como algo apático. Lima (2021) comenta que a CA é muito importante para aprendizagem de idiomas, neste caso, o do espanhol, porém, ainda segundo o autor, é necessário momentos de escuta de outras vozes, não se limitando apenas a fala do professor, pois desta forma, o aluno desenvolverá hábitos de fala ao ouvirem o idioma estrangeiro, através de um nativo, ou outra pronúncia que se aproxime da realidade de fala de um locutor da língua materna, e consequentemente contribuirão positivamente no desenvolvimento da pronúncia do aluno.

Como brasileiros e estudantes de Espanhol, talvez tenhamos o pensamento de que encontraremos certas dificuldades para manter

7 “Oír no es lo mismo que escuchar”.

esse contato direto com um falante de língua estrangeira, mas graças ao avanço das tecnologias digitais, esse problema vem sendo solucionado, por meio de aplicativos como o *Duolingo*, em que podemos manter uma aproximação maior com os sotaques e particularidades da pronúncia de um falante de língua espanhola.

3. GAMIFICAÇÃO E *DUOLINGO*: POTENCIALIDADES PARA A COMPREENSÃO AUDITIVA EM ESPANHOL

As tecnologias digitais vivem em constante processo de transformação e, cada vez mais, acabam impactando a sociedade em todos os contextos sociais. Na aprendizagem de língua espanhola, as metodologias ativas de aprendizagem fazem parte dessas progressões, trazendo autonomia para o aluno, como também oferecendo meios diversificados para adquirir informações linguísticas e socioculturais, contemplando também competências comunicativas, entre elas, a compreensão auditiva.

Sobre a definição de tecnologia digital, utilizamos o pensamento de Silva (2021), argumentando que as tecnologias digitais se referem a agrupamentos de conteúdos por fotos, textos, sons, imagens, em sistemas binários, que podem ser reconhecidos por dispositivos eletrônicos (computador, celulares) com ajuda de certos equipamentos. De acordo com esse pensamento, compreendemos que as tecnologias digitais oferecem um universo de informações, perpassando pelas habilidades linguísticas essenciais para a aprendizagem de uma língua.

No que concerne o engajamento da *gamificação* na educação, é sabido que surgiu da ideia do programador e criador de jogos britânico Nick Pelling, na década de 1970, quando era associado a programação e desenvolvimento de *softwares*, isso segundo dados do site Na prática.org (2017). Hoje, a mais de 50 anos da aparição do termo *gamificação*, é possível perceber a evolução, os impactos, contribuições e importância que adquiriu esse fenômeno no meio educativo, ora nas instituições escolares, ora em outros espaços.

O auxílio de jogos vem se firmando e conquistando aprendizes, uma vez que com os avanços tecnológicos, a facilidade e diversidade para obter acesso aos *games* é real, oferecendo vários aplicativos gratuitos e possibilitando o acesso por meio de *smartphones*, computadores, videogames e muitos outros.

Ponderando o fato de que, em meio a uma era cada vez mais digital, os aprendizes se sentem persuadidos em agregar muitos dos recursos tecnológicos para a aprendizagem de uma língua, percebemos

que a *gamificação* possui particularidades próprias, que despertam o estímulo do aluno. Mediante o papel da *gamificação*, Leffa (2020, p.04) comenta que:

Quando se traz o game para o contexto de aprendizagem, busca-se um objetivo que não é o do jogo, mas do ensino. A ideia não é apenas divertir o aluno, oferecendo-lhe um passatempo, mas propiciar algo maior que sirva para reforçar algum tipo de aprendizagem. O aluno até pode se divertir, mas não é para esse lado que se olha.

Desse modo, entendemos que a *gamificação* vai além da diversão e de um espaço competitivo, por meio de um objetivo, ela permite juntar toda atmosfera de um jogo com conteúdo educacionais, de modo que essa junção possa possibilitar tanto o entretenimento como também gerar a aprendizagem. O objetivo central em um jogo destinado para a aprendizagem do espanhol, está fundamentado ou baseado nas habilidades comunicativas, e é partindo dessa percepção, que entra em cenário a empregabilidade do *Duolingo*, uma vez que esse aplicativo móvel permite a ludicidade de um jogo, como também contempla exercícios associados a leitura, gramática, oralidade e compreensão auditiva, sendo a última o foco deste estudo.

Além disso, Busarello (2016) justifica que a *gamificação* é importante no processo de aprendizagem, pois além de estimular e motivar o estudante a aprender um conteúdo do espanhol, de forma menos entediante, por exemplo, é capaz também de desenvolver o conhecimento cognitivo do aluno. Isto porque todo o ambiente do jogo, como também o propósito traçado para aprender, provoca um impacto na mente do aprendiz, despertando suas emoções, seus anseios, medos etc.

Ademais, após baixar e entrar no aplicativo *Duolingo* pela primeira vez, o usuário deve criar uma conta, utilizando dados como o *e-mail* e, em seguida, realizar outras configurações e escolhas, como a sua meta diária e personalização do perfil. Contudo, mesmo não portando um manual ou estratégia de tutorial como guia para o primeiro manuseamento do aplicativo, em razão dos detalhes ilustrativos e organização *gamificada*, o *Duolingo*, é prático e fácil de acessar. Della Rosa e Chagas (2021), em seu trabalho voltado para análise de aplicativos para aprendizagem da língua inglesa, alegam que as atividades do *Duolingo* estão adequadas a forma de estudar do aluno, buscando aprimorar vocabulário de modo mais eficiente.

De fato, isso acontece em virtude dos elementos de jogos que constrói o aplicativo, e que permite estimular metas e tempo para realização das lições, como também, graças ao seu conteúdo específico o qual leva o aluno conhecer e revisar uma série de palavras. Leffa (2016, p.35), sobre as características do enfoque comunicativo, comenta que “a língua era analisada não como um conjunto de frases, mas como um conjunto de eventos comunicativos”. Assim, compreendemos que o *Duolingo* possui uma metodologia voltada para esse enfoque, pois em sua composição, se faz presente elementos do evento comunicativo, como o emissor, receptor, mensagem e outros mais. Mesmo que não haja uma interação com um nativo real, é possível perceber os eventos comunicativos, mediante a funcionalidade dos avatares presentes no jogo, visto que promovem interação, sentido, significado e interação das funções linguísticas.

3.1 ESPECIFICIDADES DAS ATIVIDADES ANALISADAS DO DUOLINGO PARA APRENDIZAGEM DA CA EM ESPANHOL

Durante a coleta de dados, buscamos considerar conceitos e características específicas sobre tipologias de atividades, com o propósito de selecionar somente as atividades que apresentavam caráter auditivo, descartando as outras amostras de exercícios, uma vez que o foco dessas atividades está na tradução, ou na fala. Assim, durante o uso do *Duolingo*, percebemos que as atividades são organizadas em seções, com suas respectivas unidades, cada uma traz seu guia ou propósito a trabalhar, fazendo uma descrição do que vai acontecer durante cada uma. Para esse processo de verificação, consideramos as seções 1 e 2, essa última até a unidade 13, pois foi onde finalizamos esse período de investigação.

Mesmo que nós não tenhamos completado todo o curso, percebemos que o *Duolingo* adota um estilo próprio, com práticas rápidas, podendo serem realizadas de 10 a 15 minutos, com pontuação e *ranking*, induzindo o uso diário do aplicativo, ocorrendo mudanças no vocabulário e objetivo de cada unidade, porém o estilo das atividades são o mesmo. Podemos visualizar isso no quadro 02 a seguir, que sintetiza a proposta das tarefas e o que elas exploram, objetivando conhecer a estrutura das atividades do *Duolingo* e se elas possibilitam a aprendizagem da CA e do espanhol:

Quadro 01: Atividades Duolingo

Estilo de atividades	O que exploram?
1. Combinar pares	CA e tradução
2. Traduzir frases	Tradução
3. Ouça e toque na palavra que escuta	CA e tradução
4. Fale a frase que escuta	CA e pronúncia
5. Toque no que escutar	CA
6. Ouça e toque na palavra que falta	CA e escrita
7. História	CA, pronúncia e tradução
8. Fale a frase	CA e pronúncia
9. Escreva a palavra que escuta	CA e escrita

Fonte: Elaboração própria.

Observando o quadro acima, podemos confirmar que a maioria das atividades propostas no app em discussão, permite aprender espanhol a partir das atividades de compreensão auditiva, visto que a maioria de suas lições, exploram essa habilidade comunicativa. No entanto, é preciso averiguar se a maneira de como está sendo trabalhada tal competência, é assertiva. A fim de sintetizar todas as amostras de atividades analisadas exibiremos apenas um exemplo, com as observações comentadas e posteriormente através de um quadro resumiremos o que foi possível constatar em cada exercício.

Figura 01-Tarefa de Combinar pares



Fonte: Atividade do *Duolingo*.

Como visualizamos na figura 01, conseguimos detectar como acontece o desenvolvimento desta atividade. Primeiro, o aprendiz deve clicar em algum auto falante, ouvir com atenção cada palavra pronunciada e, em seguida, relacionar a palavra dita oralmente com a escrita textualmente. Behiels (2010), em seu trabalho sobre estratégias para a compreensão auditiva, apresenta tipos de exercícios que levam o aprendiz a se familiarizar com o discurso falado e se sentir preparado para uma situação real. Um exemplo destes exercícios, está a missão de ordenar o material, no qual os estudantes, após visualizarem fragmentos do texto, irão organizar corretamente a ordem de tais fragmentos a partir do que escutou na língua materna do estudante.

Partindo da nossa observação e apoiada no que disse o estudioso Behiels (2010), supomos que a referida atividade possui especificidade significativa para a aprendizagem do espanhol por meio da CA, pois permite o contato com a língua espanhola através do áudio, trabalhando a percepção auditiva, uma vez que o exercício instiga ao aluno a reconhecer e identificar os tipos de sons, e pronúncia das palavras.

Nas outras figuras identificamos o seguinte:

Quadro 02- Atividades analisadas

Figuras analisadas	Resultados
Figura 02 - Tarefa de selecionar a palavra escutada	Apresenta potencial, uma vez que é fundamentada na discriminação auditiva.
Figura 03 - Tarefa de falar a frase que escuta	apresenta significativa especificidade, pois permite trabalhar a compreensão, percepção e memória.
Figura 04 - Tarefa de selecionar o que escuta	não há especificidade relevante em tal tarefa, em razão da maneira que foi planejada pelo <i>Duolingo</i> .
Figura 05 - Tarefa de ouvir e escrever a palavra que falta	Possui potencial, pois treina o ouvido, trabalha a percepção, e estimula a compreender a formação dos sons.
Figura 06 - Tarefa de contação de história	possui potencial, uma vez que possuem esta intenção de inserir o aprendiz no ambiente da narrativa.
Figura 07 - Tarefa para pronunciar a frase	Apresenta especificidade importante para aprendizagem do espanhol por meio da CA, uma vez que segue um dos estágios de atividades da compreensão auditiva.
Figura 08 - Tarefa de escrever a palavra que escuta	Apresenta especificidade significante pois traz a CA como habilidade central, e ainda desenvolve tal habilidade primeiro do que a escrita.

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisarmos as particularidades da Compreensão Auditiva (CA) nas atividades do *Duolingo*, e levando em consideração os comentários anteriores, podemos constatar que estas atividades permitem a comunicação no idioma espanhol. No entanto, é importante ressaltar que todas as lições oferecidas pelo jogo seguem um padrão *gamificado* e, por isso, são mecanicistas em sua execução.

4. PERCEPÇÕES DE ALUNOS DO 6º PERÍODO DO CURSO DE LETRAS: LÍNGUA ESPANHOLA ACERCA DA CA ATRAVÉS DO *DUOLINGO*

Sabendo da utilidade do *Duolingo* por alguns estudantes do curso de Letras Língua Espanhola e suas respectivas literaturas do CAPF/UERN, e norteados pelo objetivo de averiguar as potencialidades para a aprendizagem da CA do espanhol, através desse aplicativo móvel, aplicamos um questionário *online* aos referidos alunos, contendo 7 perguntas obrigatórias e 2 opcionais.

A primeira pergunta foi: Em uma escala de 1 a 5, com que regularidade você utilizou o *Duolingo* quando foi orientado(a) pelo(a) professor(a) da disciplina de língua espanhola? Vejamos o gráfico a seguir para constatar as repostas:

Gráfico 1- Respostas referente à pergunta 01



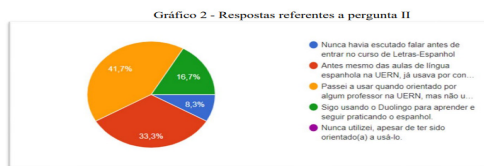
Fonte: Obtido através do Google forms

Foi possível notar que a porcentagem maior, está centralizada no número quatro, obtendo um percentual de 50% na referida alternativa. Deste modo, compreendemos que metade dos alunos utilizaram quase sempre o *Duolingo*, quando foi orientado pelo professor (a) durante o estudo da disciplina.

Busarello (2016, p. 46) diz que “o desenvolvimento apropriado de um jogo, por exemplo, pode auxiliar os alunos a adquirirem habilidades e conhecimento em períodos curtos de tempo, efetivando a taxa de retenção de conteúdo”. Em outros termos, o autor fala que os jogos tendem a ser eficaz para a aprendizagem, pela sua ludicidade e interatividade, e que isso pode acontecer em curto prazo. Considerando a parte da fala do autor sobre o tempo destinado ao jogo, primeiro, temos a percepção de que os alunos que utilizaram por mais vezes o jogo, consequentemente, obtiveram uma aprendizagem mais significativa com relação ao demais, pois esses estavam, todavia em contato com os aspectos que constituem a língua espanhola. No entanto, deduzimos em uma segunda observação que, além do tempo, é necessário considerar as metas, o foco e a motivação, é fazer de uma pequena prática um momento proveitoso e que seja suficiente para conseguir alcançar um propósito, ou melhor, aprender o conteúdo destinado.

A segunda indagação se preocupa em saber sobre a experiência de uso do *Duolingo*, trazendo dessa maneira as seguintes opções de respostas as quais podem ser visualizadas no gráfico na sequência:

Gráfico 2- Respostas referentes a pergunta II



Fonte: obtida através do google forms após respostas dos participantes

Fonte: Obtido através do Google forms

Das respostas adquiridas, todos, de algum modo, já tiveram o contato com o *Duolingo*. Um total de 8,3%, disseram que não conheciam o *Duolingo* antes de entrar para a graduação de Espanhol, outros 33,3% alegaram que já conheciam o aplicativo e já utilizavam antes das aulas de Espanhol na graduação. Com uma porcentagem de 16, 7%, contestaram que ainda seguem

utilizando o jogo, e para finalizar, 41,7% relataram que fez o uso do aplicativo mediante a orientação do professor (a), porém não seguem utilizando.

Com isso, constamos e julgamos que essa maioria com o total de 41,7% que escolheram essa opção de resposta, possivelmente, não se cativaram pela dinâmica do *Duolingo*, uma vez que não seguem mais utilizando a referida plataforma. Apesar da nossa suposição, outros motivos não explícitos justificam a causa do abandono a prática do jogo.

Das três últimas perguntas, duas propõe ao estudante, apontar os pontos positivos e negativos para a aprendizagem da CA do espanhol por meio do *Duolingo*. Para chegar a uma conclusão sobre as potencialidades do jogo para aprender espanhol por meio da escuta, comparamos os resultados obtidos dessas perguntas, concebemos o valor de potencial significativo as repostas positivas, e que não apresenta potencial através das respostas negativas. Previamente, esclarecemos que como alguns dos participantes da pesquisa não utilizaram seus nomes reais, mas sim pseudônimo, com a intenção de proteger eticamente suas identidades, criamos alguns nomes fictícios.

Quadro 03: Respostas do questionário

Pseudônimo	Fale livremente sobre os pontos positivos nas atividades de compreensão auditiva presentes no <i>Duolingo</i> para a aprendizagem do espanhol?	Fale livremente sobre os pontos negativos nas atividades de compreensão auditiva presentes no <i>Duolingo</i> para a aprendizagem do espanhol?
Kany	Ajuda aprender a pronúncia das frases	Não sei.
Leo	Aprender novas palavras, vocabulário	As repetições de mesmas palavras e frases.
Shinazugawa	Pratica oralidade	Bastante repetitivo.
Lice Cris	Possui uma base estrutural para a CA, com escuta e repetição	Não encontrei pontos negativos.
Cravina	Acho uma boa ferramenta para quem se identifica com metodologia do aplicativo	Não me agrada, pois é repetitivo.
Ans	Muito bom	Muitas respostas vazias.
Ely	As atividades são boas, a grande maioria da para entender o que se fala de primeira	Problemas técnicos do aplicativo, como não reconhecer o que o estudante fala.
Lio	Compreender a pronúncia	A repetição de palavras simples.
Aysha	É bastante importante para ampliar seus conhecimentos sobre a língua estrangeira que está estudando	As atividades auditivas são um pouco repetitivas
Tirza	Possibilidade de escutar o áudio lento	Atividades muito repetitivas.
Maickel	Muito bom	As vezes tenho dificuldade de compreender bem algumas frases por causa da pronúncia.
Any	Repetição, áudio na língua meta e tradução	Não lembro de pontos negativo.

Fonte: Elaboração nosso a partir de dados obtidos através do Google forms.

Das doze respostas coletadas sobre os pontos positivos, todas apresentaram comentários que, de alguma forma, confirmam o potencial das atividades do *Duolingo*, resultando em um total de 100% de respostas positivas. No entanto, das doze respostas coletadas sobre os pontos negativos, nove mencionaram esse fato, representando uma porcentagem de 75% em relação a potencialidade. Três participantes afirmaram não saber ou não perceber aspectos negativos nos exercícios de compreensão auditiva do jogo em questão, totalizando 25%. Ao compararmos o número de respostas em cada pergunta, percebemos que há mais pontos positivos do que negativos, no entanto, entendemos que os alunos do 6º período de Espanhol do CAPF/UERN consideram que esse jogo tem potencial para a aprendizagem do espanhol, especialmente no que diz respeito à compreensão auditiva.

Ademais, a última pergunta do questionário não era obrigatória, mas um espaço para que os alunos pudessem contribuir com suas opiniões. Nessa pergunta, pedimos aos participantes que, se achassem pertinente, deixassem algum comentário sobre a temática abordada, mais especificamente, sobre os impactos do *Duolingo* na aprendizagem da compreensão auditiva em língua espanhola. As respostas obtidas foram as seguintes:

Quadro 04: Respostas dadas de forma opcional no questionário

- (Kany) É um aplicativo fundamental para nossa Aprendizagem.
- (Leo) Na compreensão auditiva é bis, pois estimula ao aluno situar palavras novas, variações e acentos. Mas as repetições muita das vezes é que cansa.
- (Lice Cris) Eu, como futura docente, sem dúvida, indicaria o *Duolingo* para meus alunos, além de ser divertido ajuda a desenvolver de uma forma criativa o aprendizado de Espanhol no aluno.
- (Lio) Achei importante, principalmente, por ser iniciante, me senti motivado a aprender mais o idioma por conta das fases do jogo.
- (Maicke) Me ajudou muito aprender algumas palavras, além de melhorar a questão auditiva me ajudou na pronúncia pois tentava assemelhar com o áudio reproduzido no *Duolingo*.

Fonte: A partir de dados obtidos através do Google forms

Ao analisarmos as contribuições apresentadas pelos alunos, percebe-se que elas estão relacionadas à ludicidade, pronúncia, vocabulário e *gamificação*. Todos esses elementos são relevantes para aprender espanhol. No entanto, ao comentarmos sobre a *gamificação*, em particular, lembramos do que Leffa (2020) disse sobre o papel fundamental dos jogos na educação. Além de motivar, eles também ajudam os alunos a reforçar seus conhecimentos e habilidades, de modo que compreendemos a relevância do *Duolingo* na aprendizagem do espanhol, já que ele permite que o aprendiz se divirta enquanto pratica o idioma.

Além disso, percebemos que os participantes testemunham a presença e a potencialidade da compreensão auditiva, uma vez que afirmam que o recurso do jogo é excelente para explorar a compreensão auditiva. Eles também mencionam que, com a prática, o jogo ajuda a aprimorar outras habilidades comunicativas, como a fala.

5. CONCLUSÃO

Concluimos esse estudo constatando que a ferramenta *Duolingo* apresenta potencial em suas atividades para a aprendizagem da língua espanhola, tendo como base a compreensão auditiva. Mesmo percebendo que não há uma contextualização dos exercícios, acreditamos que o jogo se apresenta produtor uma vez que enfoca não só em elementos linguísticos como também os pragmáticos. Estes também são essenciais para aprender um idioma estrangeiro mesmo fora do contexto de comunicação e, conseqüentemente, o uso do *Duolingo* pode possibilitar a instrumentalização de elementos para a interação e a comunicação quando o estudante se depara com uma situação autêntica de comunicação do idioma espanhol.

No mais, julgamos que o estudo aqui desenvolvido pode contribuir de maneira significativa para os estudantes de língua espanhola e o público em geral que busca aprender o idioma mencionado uma vez que trazemos, nas discussões de nosso trabalho, reflexões sobre um aplicativo para a aprendizagem de línguas estrangeiras que pode ser viável no processo de aprendizagem. Além do mais, possibilitamos, através da nossa investigação, conhecer algumas de suas particularidades e potencial didático.

Por fim, fazemos uma crítica sobre a ausência de trabalhos voltados para a competência auditiva e sua aplicabilidade em recursos digitais para aprender espanhol. Tal reflexão é necessária pois enfatizamos que competência auditiva é pertinente em nossas comunicações assim como as tecnologias e ambas essenciais no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, M. T. L. 2014. **A pronúncia na aula de ELE: estudo de um caso**. Universidade da beira interior, Artes e Letras. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/5618>. Acesso em: 23 de Março de 2023.

BEHIELS, L. **Estrategias para la comprensión auditiva**. antología de los encuentros internacionales del español como lengua extranjera Las navas del marqués monográficos marcoELE. ISSN 1885-2211 / núm. 11, 2010.

BUSARELLO, R. I. **Gamification: princípios e estratégias**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2016.

CUBILLO, C. P; COTO KEITH, R; RAMÍREZ SALAS, M. La comprensión auditiva: definición, importancia, características, procesos, materiales y actividades. **Revista Electrónica «Actualidades Investigativas en Educación»**, vol. 5, núm. 1, enero-junio, 2005, p. 0 Universidad de Costa Rica San Pedro de Montes de Oca, Costa Rica

DELLA ROSA, S. F. P; CHAGAS, D. S. Análise e comparação dos aplicativos Duolingo, Babbel e Memrise para aprendizagem de língua inglesa. **Olhares & Trilhas | Uberlândia | vol.23, n. 3 | jul.-set./2021 - ISSN 1983-3857**.

LEFFA, V. J. (2020). **Gamificação no ensino de línguas**. *erspectiva*, 38(2), 1–14. <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2020.e66027>.

LEFFA, V. J. **Língua estrangeira. Ensino e aprendizagem**. Vilson J. Leffa. - Pelotas: EDUCAT, 2016.

LIMA, José Maria Maciel. O ensino de língua inglesa com ênfase nas habilidades comunicativas: Ler, escrever, falar e ouvir. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 06, Ed. 02, Vol. 08, pp. 21-50. Fevereiro de 2021. Acesso em: 31 de Julho de 2023. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/habilidades-comunicativas>.

MESTI, V. L; BASSO, R. A. A. **Propostas de atividades de “listening” para melhorar o desempenho e desenvolver a habilidade de ouvir inglês.** rabalho desenvolvido no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, 2008.

NA **PRÁTICA.ORG**, 2017. Disponível em: <https://www.napratica.org.br/gamification-resolver-problemas/>. Acesso em: 23 de Março de 2023.

PERODOSO, S. F. **Compreensão auditiva:** o inútil cativoiro do discurso. Florianópolis/ jan - jun/ 2002.

SANTOS, A. C.; LIMA, S. P. **Literacidad Digital Del Profesor de E/LE: Aplicaciones y la enseñanza/aprendizaje.** MACABÉA- REVISTA ELETRONICA DO NETLLI, v. 10, p. 325- 349, 2021.

CAUSAS DENOMINATIVAS: UM ESTUDO SEMÂNTICO-TOPONÍMICO DE CIDADES POTIGUARES

Eliene Carvalho da Silva (UERN)

eliene_sara@hotmail.com

Edmar Peixoto de Lima (UERN)

edmarpeixoto@uern.br

1. INTRODUÇÃO

Desde a Grécia antiga, a história revela que os estudiosos buscavam desvendar a história dos nomes, o seu surgimento e quais os variados significados que um vocábulo pode transmitir. No *Crátilo* (1973), Sócrates e Hermógenes discutem sobre as denominações dos nomes e como eles constroem sentidos por si só e, mesmo que os termos usados para definir as coisas mudem, não se perderá o valor e importância, visto que elas continuam dotadas de significado e verdade. Com base neste entendimento, observamos que o interesse em compreender o significado dos denominativos não é algo novo, contudo, aponta para a necessidade de associar o elemento nomeado ao lugar em questão.

Assim sendo, a Onomástica é uma ciência que tem como foco investigativo as diferentes denominações. Essa área do conhecimento se divide em: Antroponímia, que se detém a estudar os nomes próprios de pessoas, e a Toponímia, que elege como objeto de estudos as denominações dos lugares, como também os nomes de ruas, bairros, praças, considerando, além dos aspectos geográficos, os elementos sociais e culturais.

Sobre a teoria toponímica, destacamos que essa vertente busca, por meio do léxico, resgatar, além das influências que norteiam a comunidade, as motivações semânticas que, por sua vez, salienta a importância de o denominador recorrer ao repertório linguístico de que dispõe para tal designação. A denominação escolhida figura como a representação da identidade do lugar, incorporando às características do espaço nomeado, sendo o léxico considerado como possíveis “testemunhas” de uma época.

Já a Semântica Cultural valoriza as relações entre a língua e o contexto em que as interações sociais acontecem. Sob esse

viés, os aspectos culturais são transmitidos mediante as práticas de comunicação linguística. Essas práticas podem revelar a cultura de uma comunidade, assim como destacar as crenças do próprio sujeito falante. Esses elementos influenciam as escolhas dos itens lexicais encarregados de denominar um lugar e, em contrapartida, podem perpetuar na memória lexical da comunidade.

Os estudos voltados à Semântica Cultural tiveram início nos anos 50 e já consideravam a relação entre língua e cultura para se compreender as práticas de linguagem. Apesar de não haver, na época, uma área definida, o léxico era percebido pelos estudiosos como a expressão do comportamento dos falantes que poderia interferir na formação da cultura, visto que, um determinado item lexical pode apresentar variados sentidos quando dito em comunidades linguísticas diferentes. Com o avanço das pesquisas sobre a Semântica Cultural, observou-se também uma variação na estrutura lexical, demonstrando que o léxico, além de não ser vazio de sentido, ainda retrata a organização dos locutores em seus respectivos ambientes.

Nessa perspectiva, esta pesquisa investiga o processo de denominação de uma comunidade e apresenta elementos que confirmem que a nomenclatura de um logradouro não surgiu de forma casual, uma vez que a escolha por um determinado nome tende a se relacionar com os aspectos culturais que fazem parte da vida comunitária, como já foi dito. As escolhas são sempre significativas, dado que estão diretamente ligadas a uma paisagem marcante para os habitantes dos povoados ou pessoa ilustre, por exemplo.

Sendo assim, propomos investigar as causas denominativas e os efeitos semânticos evidenciados nas escolhas dos topônimos de cidades potiguares, considerando, para isso, os pressupostos teórico-metodológicos dos estudos da Toponímia e Semântica Cultural. Diante disso, compete ressaltarmos que na literatura potiguar há o trabalho de Silva (2022), que trata da classificação toponímica das cidades potiguares baseada em Dick (1990), contudo, ainda não conseguimos identificar nenhum material que nos permita responder aos questionamentos sobre as causas denominativas como influenciadoras das escolhas do léxico toponímico norte-rio-grandense.

Para alicerçar esse objetivo, respaldamo-nos teoricamente nos estudos de Cançado (2008), de Ferrarezi Júnior (2012, 2013, 2018), de Dick (1990, 1992, 1996, 2006), entre outros pesquisadores que orientam o nosso posicionamento. Diante desse entendimento, consideramos esta pesquisa como necessária, uma vez que pode ampliar o conhecimento da população potiguar sobre as diferentes formas de escolhas denominativas, assim como, pode evidenciar as motivações toponímicas que orientam esse processo de seleção. Outro

aspecto que julgamos importante é o fato de darmos continuidade da pesquisa do mestrado sobre as denominações das cidades do estado do Rio Grande do Norte, já que esse trabalho não deu conta de preencher todas as lacunas que surgiram ao longo do estudo, acreditamos, portanto, que esta investigação mobiliza elementos inovadores para a compreensão do léxico toponímico sob um ponto de vista cultural, aspecto que enriquece os estudos onomásticos no Rio Grande do Norte.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Após apresentarmos os aspectos introdutórios referentes ao tema, objetivo e justificativa deste trabalho, discutimos nesta próxima seção um pouco sobre os preceitos onomásticos, mais precisamente, os estudos toponímicos e a teoria da Semântica Cultural que sustentam os posicionamentos delineados nesta proposta.

2.1 OS ESTUDOS TOPONÍMICOS E A SEMÂNTICA CULTURAL

Estudar a ciência da linguagem consiste em também investigar mais detalhadamente o repertório das unidades lexicais expressas pelo falante, na tentativa de compreender os fatos relacionados aos elementos da língua, contexto, uso e muitos outros fatores que se evidenciam como objeto de investigação. Por ser um conjunto vocabular responsável por nomear o espaço que circunda a sociedade, os itens lexicais são transmitidos e cristalizados de geração a geração. Dessa forma, a soberania da língua é evidenciada por meio de diferentes aspectos.

Para a Onomástica, o que interessa é a motivação envolvendo a seleção do nome. Esse denominativo representado pelo sujeito que nomeia o espaço viabiliza, conseqüentemente, uma mudança na forma como o receptor compreende a comunidade que o cerca. Logo, o vocábulo, que antes tinha valor de signo linguístico, passa a incorporar valores onomásticos. Essa descrição das coisas reflete o espaço físico e/ou elementos que somente o grupo ou pessoa que nomeou compreenderá, visto que o nome pode estar vinculado a uma sucessão de acontecimentos que motivou o denominador a escolher um vocábulo a outro.

Os denominativos de um lugar, portanto, podem permanecer ilesos a outras significações que não sejam as que já evidenciam em si os referentes, assim como também pode apresentar uma discreta modificação, a ponto de o sentido novo, incorporado ao léxico, seja conhecido apenas pelos primeiros habitantes dos povoados recém-batizados. Para Seabra (2006, p. 1956), “[n]a maioria das vezes, o sucesso de uma referência ocorre quando o ouvinte consegue identificar o referente”. Sendo assim, não se pode esquecer de que um mesmo topônimo pode representar diferentes localidades e, mesmo assim, revelar significados e situações diversas, já que o sujeito nomeador de um lugar realiza escolhas lexicais mediante as práticas e experiências com outros sujeitos da comunidade.

Nessa perspectiva, refletir sobre a significação e organização dos topônimos implica revelar a história, acontecimentos sociais e vivências, muitas vezes desconhecidas e inimagináveis pela sociedade atual. A manifestação cultural, que representou a realidade do homem ou de determinado grupo social em um período específico pode, também, relacionar-se aos nomes e viabilizar a ampliação e o enriquecimento de valores e sentidos variados.

Os nomes próprios atribuídos aos lugares figuram como objeto de estudos da Toponímia. Compreender o significado e tentar classificar as denominações dos lugares é uma forma de interpretar a relação do homem com o meio, seja ele geográfico ou social. Dessa forma, o signo linguístico, ao ser deslocado para o caráter denominativo, passa a representar o logradouro mediante sentido atribuído pelo referente, ou seja, pela representação do meio externo em que vive o sujeito nomeador.

Diante do exposto, Dick (1990) atribui a cristalização dos topônimos repassadas por gerações como sendo as crônicas das comunidades que perpassam a formação do presente para compor histórias futuras. Assim, reconhecer os elementos motivadores das escolhas do léxico toponímico é evidenciar que os fatores culturais representados pelos valores coletivos, pelas memórias construídas que cercam os grupos nomeadores são fundamentais para a constituição do topônimo.

Por esse motivo, tentar explicar o processo de designação de um lugar subjacente aos mais variados motivos, entre eles o psicológico, muitas vezes, tornar-se-á um desafio, já que o topônimo pode não ter sido exatamente escolhido, e sim imposto por um membro da organização comunitária; ou seja, a relação de poder e autoritarismo no período de nomeação podem ter sido os verdadeiros motivadores do léxico toponímico. Sendo assim, conforme Dick (1990, p. 100), “[n]em sempre, porém, o modelo adotado se explica, exclusivamente

por causas íntimas ou pessoais”. Observamos que a intimidação social influencia, assim, a seleção da nomenclatura local.

O comportamento comunitário figura como a expressão da significação do denominativo. Dito de outra forma, são os mais distintos traços culturais compartilhados em sociedade que atribuem sentido a designação de um lugar. Estudar os topônimos, portanto, consistem em um debruçamento sobre a história, fatos e, por que não dizer, acontecimentos imaginários que preenchem de percepções e explicações os denominativos, valorizando o costume de um povo.

Sendo assim, a Semântica, que é a ciência que estuda os sentidos atribuídos ao léxico em um enunciado, atende as inquietudes da nossa investigação, respaldando nossos posicionamentos, juntamente com os pressupostos teóricos da Toponímia. Apesar de os estudos semânticos ainda causarem muitas controvérsias, exigem muito rigor na delimitação dos fatos e do sistema linguístico, pois a compreensão do sentido poderá ser diferente a depender de cada pessoa/falante. Com base nesse entendimento, Tamba (2006, p. 51) expõe que “[o] sentido só é acessível mediante a materialidade fônica ou gráfica das expressões”. Isso porque a imagem que se apresenta por intermédio da caracterização do significante é que nos permite inferir os sentidos mobilizados nos itens lexicais.

Estudar a Semântica Cultural é pesquisar sobre a língua e cultura de forma que uma está imbricada a outra, ou podemos dizer que a construção do sentido sempre dependerá dessa relação língua/cultura. Não se pode negar, então, que o sentido do léxico sempre necessitará da compreensão dos sujeitos envolvidos na construção, onde e como foi empregado esse vocábulo.

Partindo desse ponto de vista, a linguagem humana passa por um processo evolutivo juntamente com a transformação do meio social, pois os valores e as crenças são motivadores dessa mudança na propriedade do léxico e no sentido atribuído ao vocábulo. Logo, a nosso ver, a pesquisa sobre os elementos lexicais se configura como importante para a compreensão dos caminhos traçados pela sociedade e as relações de linguagem que se tornam elementos culturais.

À vista disso, é possível, por meio da língua, inferir a historicidade social e cultural de cada pessoa ou grupo comunitário, valorizando as transformações que a linguagem atravessa mediante as relações sociais. Posto isso, a construção da identidade com características próprias considera os diferentes usos da língua compartilhada pelos sujeitos.

Convém destacar, portanto, que as causas denominativas mostram, ou evidenciam a imagem salientada nas relações da

comunidade, com o intuito de demonstrar os traços culturais, assim como o espaço geográfico. Compreender o léxico toponímico com base na vertente teórica da Semântica Cultural e da Toponímia consiste na análise das interferências que a cultura local apresenta no processo de atribuição dos significados e como essa prática se materializa nos denominativos.

Em suma, após tratar da importância da construção de sentidos na concretização do léxico toponímico, apresentamos, na próxima seção, a metodologia aplicada em nossa pesquisa.

3. METODOLOGIA

Apresentamos, no decorrer deste capítulo, como está organizada a pesquisa, o *corpus* selecionado e como foi realizada a coleta e o tratamento dos dados. Convém destacar que realizamos uma investigação sobre as causas denominativas e as informações sobre o léxico toponímico das cidades selecionadas, o que possibilita um reencontro com a história que alicerçou o presente. Dessa forma, com a organização prévia desses dados e com o planejamento, tencionamos alcançar as metas traçadas para a realização desta investigação.

Assim sendo, o estudo está amparado pelos pressupostos teóricos dos estudos toponímicos e da Semântica Cultural, uma vez que analisamos o léxico denominativo empregado no ato de nomear as cidades potiguaras e como esse vocábulo apresenta informações culturais, como crenças e valores. De acordo com Paiva (2019), podemos afirmar, então, que este estudo é de natureza qualitativa, dado que tentamos descrever e explicar, partindo das experiências, sejam elas coletivas ou individuais.

Ressaltamos que os procedimentos empregados para a coleta do *corpus* consiste na investigação indireta, visto que, para compor as informações sobre dados históricos das cidades, recorremos aos *sites* oficiais dos municípios selecionados, assim como ao *site* oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, mais especificamente o IBGE Cidades, página eletrônica que detém um dos grandes acervos informativos sobre questões sociais, econômicas, entre outros assuntos referentes ao Brasil.

Em seguida, ao observarmos os dados, catalogamos treze (13) cidades potiguaras que apresentam tem o número entre 25.000 a 50.000 de habitantes. Logo após, realizarmos a classificação toponímica considerando o viés das causas denominativas. Destacamos também

que o Rio Grande do Norte apresenta uma diversidade econômica, social, cultural e geográfica que, por esse motivo, está dividido por mesorregião, no caso, quatro mesorregiões, a citar: i) Mesorregião Oeste Potiguar; ii) Mesorregião Leste Potiguar; iii) Mesorregião Central Potiguar; iv) Mesorregião Agreste Potiguar.

O Rio Grande do Norte é constituído de 167 municípios, entre eles, para a realização desta pesquisa, realizamos uma amostragem de treze cidades, considerando os critérios estabelecidos já descritos neste trabalho. Diante de tais posicionamentos, podemos evidenciar que os estudos das causas denominativas podem viabilizar uma melhor compreensão do processo de nomeação e do entendimento das influências lexicais que perduram até os dias atuais.

Com base nesse panorama, apresentamos as cidades selecionadas com o número de habitantes e suas respectivas mesorregiões.

Quadro 1 – cidades potiguares por mesorregiões

Mesorregião Oeste Potiguar	
Cidades	Habitantes
Apodi	36.094
Baraúna	26.896
Pau dos Ferros	30.479
Mesorregião Agreste Potiguar	
João Câmara	33.290
Nova Cruz	34.269
Santa Cruz	37.313
Mesorregião Central Potiguar	
Currais Novos	41.318
Macau	27.369
Mesorregião Leste Potiguar	
Canguaretama	29.668
Goianinha	26.741
Nísia Floresta	31.942
São José de Mipibu	47.286
Touros	33.035

Fonte: IBGE (2022), sistematizado pelas autoras

Diante do Quadro 1, expomos os municípios potiguares: sendo três (03) cidades na mesorregião Oeste Potiguar; três (03) na mesorregião Agreste Potiguar; duas (02) na mesorregião Central Potiguar e cinco (05) na mesorregião Leste Potiguar.

O registro dessas informações com base no *site* do IBGE Cidades facilita, a nosso ver, a leitura dos dados e o entendimento do *corpus*. Em seguida, revelamos de que maneira tratamos os dados para a realização da pesquisa.

Sendo assim, analisamos o *corpus* desta pesquisa por meio das fichas lexicográfico-toponímicas, contendo informações sobre cada uma das cidades. Essas fichas figuram como uma adaptação da autora baseada no trabalho de Silva (2022). Os dados são interpretados, portanto, mediante a recuperação dos elementos culturais que evidenciam as escolhas denominativas.

Na sequência, apresentamos um modelo da ficha lexicográfico-toponímica. Os elementos constitutivos desse formulário são característicos do estudo investigativo da Onomástica, no nosso caso, na perspectiva da Toponímia.

Quadro 2 - Modelo de ficha lexicográfico-toponímica

Mesorregião	
Topônimo	
Taxionomia	
Etimologia	
Nota histórica	
Data da coleta	
Fonte	

Fonte: SILVA (2022), sistematizado pelas autoras

A título de explicação, descrevemos os elementos que contemplam a ficha lexicográfico-toponímica, a seguir: i) mesorregião (subdivisão dos estados que contemplam características próprias como economia e dados sociais); ii) topônimo (nome geográfico próprio da cidade, rua, vila); iii) taxionomia (classificação proposta por Dick para interpretar os topônimos); iv) etimologia (estudo da origem da palavra); v) nota histórica (Levantamento das informações dos municípios no *site* do IBGE e outras fontes, como decretos municipais); vi) data da coleta (período da coleta das informações); vii) fonte (base que servirá de subsídio para a análise dos dados).

Apresentamos, na sequência, os aspectos analíticos do *corpus* da pesquisa. Os léxicos toponímicos que se classificam como sendo de natureza semântica física ou antropocultural devem ser considerados, de modo particular, de acordo com as causas denominativas e os estudos semânticos, uma vez que a historicidade do logradouro e os elementos que influenciam os denominativos são investigados sob essa perspectiva teórica. Diante desse entendimento, as classificações contam com os fatores que consideram os aspectos culturais da comunidade como fator primordial.

4. ASPECTOS ANALÍTICOS

Os topônimos são constituídos por intermédio das motivações sociais em que se destacam os valores e as atividades cotidianas de um grupo, como afirma Dick (1998). Dessa forma, os sujeitos, no caso, os responsáveis pelas escolhas do léxico toponímico, colocam-se na posição de representantes comunitários mediante a definição do denominativo. O nome de um lugar pode guardar em sua história marcas, muitas vezes incompreensíveis aos habitantes contemporâneos, contudo, a justificativa para essas seleções pode estar além dos aspectos físicos e, assim, guardar no signo toponímico uma homenagem, lutas, medos e valores socioeconômicos. Em vista disso, Dick (1990) apresenta um modelo taxionômico na tentativa de identificar quais as relações estabelecidas entre o denominativo de um lugar e o ambiente geográfico e/ou social. Essa classificação se divide em duas Taxionomias, uma de Natureza Física, relacionada ao ambiente geográfico, materializada em onze taxes (11), e outra de Natureza Antropocultural, a qual se refere aos aspectos histórico-sociais, com dezesseis taxes (16).

De acordo com o posicionamento da autora, mas na tentativa de relacionar os estudos de Dick (1990) às causas denominativas, apontamos as diferenças classificatórias com relação à base da investigação e à historicidade do lugar e não apenas no que se refere aos elementos linguísticos constitutivos de valor onomástico.

Entre as cidades pesquisadas em nosso estudo, iniciamos pelos municípios que ficam situados na mesorregião Oeste Potiguar. Sendo assim, categorizaremos Apodi como pertencente a taxa do hidrotopônimo, visto que o povoado surgiu próximo ao rio de mesmo nome e essa taxionomia versa pelos denominativos relacionados a água, como rio, mar, lago. Por esse motivo, a região é conhecida pela fertilidade do solo em virtude da importância do rio e pela grande

quantidade de lençóis freáticos na região da chapada do Apodi, como é também conhecida, sendo a principal causa denominativa para o batismo do pequeno aglomerado. Silva (2022) classificou esta cidade como sendo um geomorfotopônimo, por se tratar de um topônimo que apresenta em seu significado linguístico referência à formação do solo, como chapadas e depressões. Em sua investigação, a estudiosa usa como principal elemento para a classificação a noção de signo linguístico, ou seja, a função significativa dos nomes em seu valor onomástico, desse modo o signo linguístico é manipulado com a representação do real no ato de denominar.

Ainda na mesorregião Oeste Potiguar, analisamos em nosso estudo o topônimo da cidade de Baraúna. Silva (2022) destaca que há três possíveis causas denominativas para a escolha do nome do logradouro, contudo, como em nossa pesquisa, intencionamos apresentar a historicidade defendida, sobretudo, pela população local, apresentamos a narrativa que, a nosso ver, melhor justifica o designativo da cidade. Os moradores locais, acreditam que o nome de Baraúna se justifica pelo fato de a localidade, inicialmente, ter sido conhecida como Rancho do Sabiá, uma referência ao pé de sabiá em que os tropeiros repousavam entre uma viagem e outra quando por ali passavam.

Por sua vez, a mudança do designativo deu-se devido a um homem que residia em Mossoró e vivia pela região caçando animais nativos, que era mais conhecido pela alcunha de Baraúna, logo os moradores renderam homenagem a esse sujeito, reputado como muito popular. Assim, considerando o fato exposto, classificamos a cidade de Baraúna como um antrotopônimo, por ser a categoria que se aplica a essa denominação.

Para finalizar a análise dos topônimos da mesorregião Oeste Potiguar, apresentamos a cidade de Pau dos Ferros, cuja causa denominativa já está bem enraizada na história popular, como também nos registros do município. De acordo com a crônica local, os vaqueiros que andavam pela região tinham o hábito de descansar à sombra de uma árvore conhecida como oiticica, assim como deixar cunhado no tronco dessa planta as marcas das fazendas, o qual era feito com ferro em brasa, surgindo assim o topônimo Pau dos Ferros, uma marca histórica, que foi fundamental para o crescimento do povoado. A taxionomia que o representa é o fitotopônimo, por ser uma taxe que se refere ao elemento motivador vegetação.

No Agreste Potiguar, apresentamos João Câmara, cuja localidade já teve outros nomes, como Matas e Baixa Verde, contudo, o município carrega em seu denominativo

uma homenagem ao primeiro prefeito da cidade, por ter sido um grande incentivador da economia, valorizando a indústria, “abrindo estradas, ampliando áreas produtivas e prestando assistência social”, segundo consta no *site* do IBGE Cidades. Por se tratar de um nome próprio de pessoa usado para designar um denominativo de um lugar, é classificado como sendo um antrotopônimo.

Sobre Nova Cruz, igualmente localizada na mesorregião Agreste Potiguar, não é apenas a nomenclatura que se assemelha à da cidade que citaremos a seguir, mas a narrativa também. O pequeno aglomerado já teve outros nomes, como Urtigal e Anta Esfolada, porém foi um fato curioso que inspirou a comunidade a mudar de nome. A localidade vivia atormentada pelo espírito maligno de uma anta. Conta a história que uma anta vivia pelas proximidades do lugar e atormentava a todos por possuir um espírito maligno. Um caçador experiente tentou esfolar a anta ainda viva, sem sucesso, pois o animal conseguiu fugir sem a pele e o fato trouxe dias de extremo terror para a região.

Diante do ocorrido, um missionário conhecedor das técnicas malignas e exorcista, conseguiu um galho de inharé, vindo de Santa Cruz, e ergueu uma cruz no ponto mais alto por onde o animal enfeitado costumava passar. A cidade ficou definitivamente livre desse tormento graças a uma nova cruz feita com galhos de inharé, portanto, temos mais um elemento que, a nosso ver, é o caracterizador da taxa do animotopônimo, já que foram os fatores sobrenaturais, relativos à vida psíquica do homem, que motivaram o designativo, daí o topônimo Nova Cruz.

Concluindo a mesorregião Agreste Potiguar evidenciamos Santa Cruz, conhecida pela sua religiosidade, o topônimo do lugar está diretamente relacionado aos aspectos folclóricos de cunho sobrenatural, pois afirma a narrativa que na região existia uma árvore considerada sagrada e que, quando seu galho era quebrado, ocorriam grandes secas, epidemias e muitos outros males. Um missionário que vivia pela região soube do fato e prontamente foi até o local, cortou alguns galhos da planta chamada de inharé e construiu uma cruz. Como se fosse magia, todos os reveses atribuídos à árvore cessaram e com o encantamento quebrado, os animais ficaram mansos, brotou água das fontes, tornando o lugar, segundo moradores, como um espaço de muita paz.

Diante do exposto, tomando por base as causas denominativas que levaram a escolher a designação do povoado,

classificamos o topônimo como sendo um animotopônimo, haja vista que essa taxa é relativa aos acontecimentos da cultura espiritual e à vida psíquica. A localidade foi intitulada de Santa Cruz do Inhamé, anos depois de Santa Cruz.

Na mesorregião Central Potiguar, catalogamos a cidade de Currais Novos. A conhecida crônica do povoado atribui essa denominação ao desenvolvimento pastoril na região, o que, mais tarde, veio a ser o grande motivador para o denominativo, isso porque o Capitão-mor Galvão teria construído currais novos para o gado, e, com isso, veio a prosperidade do lugar com feiras de gado e vaquejadas. Por ter se tornado um ponto de encontro entre as pessoas que iam trabalhar, cuidar da criação do gado, como também um espaço de concentração para a diversão da localidade, aos finais de semana, podemos categorizar esse topônimo como um sociotopônimo.

Por sua vez, para Macau, localizada na Mesorregião Central Potiguar, há duas versões para o topônimo do município, contudo, pela razão de o nome derivar de uma expressão chinesa (*man-gao*), assim como as semelhanças geográficas com a ex-colônia de Portugal na China, já citada por alguns historiadores. As causas denominativas nos fazem compreender que Macau, cidade de belas praias e conhecida por sua produção de sal, é um corotopônimo, visto que seu designativo é uma homenagem a uma cidade chinesa com o mesmo nome.

Iniciamos a mesorregião Leste Potiguar pela cidade de Canguaretama que passou também por mudanças em seu designativo, o que causou grandes discussões. O frei Serafim de Catânia nomeou o lugar de Penha, homenagem à Nossa Senhora, contudo, o Coronel Dendê Arco Verde, o senhor do engenho de Cunhaú, deu o nome de Canguaretama. Não havendo um consenso de como chamar a cidade, o presidente da província decidiu que o nome Penha seria usado para os atos realizados pela igreja católica e Canguaretama para os assuntos e despaches administrativos.

Esse fato, por anos, foi motivo de insatisfação popular, porém a nomenclatura que se estabeleceu na antiga freguesia foi o de Canguaretama. Sendo assim, a classificação denominativa que melhor justifica esse topônimo é o zootopônimo, uma vez que não há registros que justifiquem a causa denominativa. Em seu significado linguístico, o nome do município remete a um tipo de peixe, em tupi.

Já a cidade de Goianinha, situada na mesorregião Leste

Potiguar, teve como primeiro denominativo Goiana, vocábulo derivado do tupi que significa abundância de caranguejos. A partir do século XVIII, a localidade passou a se chamar Goianinha para distinguir de Goiana Grande em Pernambuco. Devido a essa proximidade dos logradouros, percebemos a influência denominativa auferida ao município, sendo assim, corroborando para a crônica local o topônimo é característico de um corotopônimo, uma vez que o nome de Goianinha é uma homenagem a uma cidade pernambucana.

Continuando a análise das cidades da mesorregião Leste Potiguar, temos Nísia Floresta, a princípio conhecida como Papary. A mudança do topônimo aconteceu em virtude de uma homenagem a uma personalidade local de nome Dionísia Gonçalves Pinto. A escritora usava um pseudônimo que a tornou internacionalmente conhecida, Nísia Floresta Brasileira Augusta. Sendo que para cada um dos nomes correspondentes a seu heterônimo tem um significado correlato.

De acordo com o *site* do IBGE Cidades (2023), o designativo Nísia corresponde ao término do seu primeiro nome, por sua vez Floresta é uma forma de homenagear o sítio em que nasceu. A escritora fazendo referência a sua nacionalidade, pelo tempo que passou fora do Brasil, acrescentou também o nome Brasileira, e por fim incluiu o denominativo Augusta, uma forma de deixar vivo na memória o pai de sua filha, o marido Manoel Augusto de Faria Rocha. Reconhecida como uma pessoa notável passou a ser admirada em toda a região, de modo especial. Em 1948, a localidade de Papary mudou o nome para Nísia Floresta em homenagem a importante figura local, dessa forma, podemos classificar o topônimo da cidade como antrotopônimo.

Em relação a São José do Mipibu, antes conhecida como vila de São José do Rio Grande, homenagem ao príncipe português D. José Francisco Xavier. Quando a vila foi instituída cidade, passou a se chamar cidade de Mipibu e, uma década depois, recebeu o nome de São José de Mipibu, união entre a religiosidade ao santo da igreja católica e ao rio que surge exuberante nas terras da região. Observamos em sua historicidade que, na verdade, assim que a vila foi batizada, recebeu o nome do príncipe de Portugal, nascido, na época, há pouco mais de três meses. Com o passar dos anos, mudou-se a visão da pessoa homenageada, modificando o sentido da honra toponímica, à vista disso, a narrativa local permite uma dupla classificação: a taxa do hagiopônimo para o primeiro nome – São José, por se tratar de um santo da igreja católica – e Mipibu,

que poderemos classificá-lo como hidrotopônimo, pois revela em seu denominativo uma homenagem ao rio que corta as terras da cidade, evidenciando riqueza e prosperidade.

Por fim, apresentamos Touros, cidade litorânea conhecida por suas belezas e que também faz parte da mesorregião Leste Potiguar. Assim que os portugueses chegaram em solo potiguar, fincaram o marco de posse na praia de Touros, demarcando, dessa forma, seu território. O topônimo da cidade está associado à existência de um rochedo na praia que lembrava a cabeça de um touro, mas outros historiadores dizem que os colonizadores deram esse nome devido a uma grande quantidade de gado bovino na região. Assegurando as duas possíveis causas para a escolha do léxico toponímico, podemos classificar esse denominativo como um zootopônimo, visto que ambas as narrativas remetem a um animal.

Finalizamos nosso percurso analítico reafirmando que os topônimos podem evidenciar e resgatar elementos semânticos e históricos que particularizam cada logradouro, conforme a proposta desta trabalho. Reconhecer a origem de uma cidade, além de destacar os fatos que influenciaram as escolhas lexicais, consiste também em salientar a importância dos relatos das comunidades registrados nos *sites* oficiais das respectivas prefeituras e no IBGE Cidades.

A relevância dos estudos toponímicos e das causas denominativas, portanto, não ignoram as crônicas perpetuadas pelo tempo, razão pela qual consideramos as diversas explicações como prováveis no entendimento das motivações denominativas. Desse modo, concluímos que os contos materializados pelas vozes das comunidades são cristalizados mediante um passado que ainda vive na memória daqueles que habitam o município.

Diante desses apontamentos, que indicam as possíveis causas denominativas das treze cidades potiguares, delimitadas para este estudo, reafirmamos a relevância desta pesquisa, dado que as informações coletadas servem para ampliar os estudos semânticos e lexicais na academia, como também suscita nos potiguares a necessidade de conhecer suas raízes e histórias de vida.

Diante dos apontamentos realizados ao longo deste texto, seguimos para a próxima seção, tencionando encaminharmos as considerações finais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, objetivamos apresentar uma análise toponímica pelo viés das causas denominativas presentes nos nomes de treze cidades potiguaras selecionadas para este estudo, considerando a investigação desenvolvida por Silva (2022). Com base nesse trabalho, observamos ser relevante explicitar como as causas denominativas são importantes para resgatar a historicidade dos logradouros, evidenciando assim, uma outra possibilidade de classificação.

Seguindo o modelo taxionômico de Dick (1990), analisamos as treze cidades potiguaras que confere uma população entre 25.000 a 50.000 habitantes, cujos elementos culturais e sociais foram evidenciados na materialização dos itens lexicais. Dessa forma, realizamos um resgate histórico das cidades, visando retomar as narrativas locais registradas em *sites* oficiais dos respectivos municípios e do IBGE Cidades. Alcançamos, cremos, nosso objetivo, visto que estabelecemos uma outra forma de classificação toponímica visando identificar os fatores culturais característicos de cada região, ampliando, assim, os estudos do léxico toponímico.

Em pesquisas dessa natureza, que se vinculam a uma investigação histórica, sendo a Semântica Cultural o aporte norteador, necessário para tentar elucidar as questões relacionadas às crenças e valores imbricados nas comunidades, esse estudo adquire, a nosso ver, uma dimensão social significativa, ampliando as possibilidades de compreensão do léxico-toponímico. Considerar o papel dos denominadores e as peculiaridades que influenciaram a seleção lexical figuram como possibilidades de refletir a presença marcante de uma comunidade ativa e participativa.

Nas análises, destacamos a importância de se valorizar as narrativas locais para melhor interpretar os nomes das cidades, pois percebemos que incorporado em cada nomenclatura há uma história de vivências, conflitos, ganhos e perdas de uma comunidade visando a organização de um futuro próspero. Sendo assim, mediante as observações realizadas por este estudo, destacamos quão significativa é a participação social dos sujeitos e como isso determina a construção e caracterização dos lugares.

REFERÊNCIAS

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da terra**: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo**. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os nomes como marcadores ideológicos. In: Acta Semiótica et Linguística - SBPL (Sociedade Brasileira de Professores de Linguística). São Paulo: Plêiade, 1998. v. 7.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Fundamentos Teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In.: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2006. p. 91-117.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso; BASSO, Renato. **Semântica, semânticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **A pesquisa em semântica de contextos e cenários**: princípios e aspectos metodológicos. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. Metáfora e função de registro: a visão de mundo do falante e sua interferência nas línguas naturais. **Linha d'Água**. n. 25(1), p. 67-86, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i1p67-86>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2020. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

MENESES, João Paulo. Ir ao Brasil para descobrir a origem de Macau. **Revista Macau**. Macau-RN, abr. 2017. Disponível em: <<http://www.revistamacau.com.mo/2017/04/12/ir-ao-brasil-para-descobrir-a-origem-de-macau/>>. Acesso em: 05 jan. 2022.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PLATÃO. **Diálogos**: Teeteto - Crátilo. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1973. 194 p. (Coleção Amazônia). Série Farias Brito. Disponível em: <<http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/101>>. Acesso em: 01 dez. 2022.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luíz Carlos. (org.). Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL). Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960.

SILVA, Eliene Carvalho da. LIMA, Edmar Peixoto de. **Ascidades do Rio Grande do Norte sob os Preceitos Investigativos da Toponímia**. Mossoró, RN: Edições UERN, 2022.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Editora do IFRN, 2010. p. 281.

DA PROSA AOS QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO NA ADAPTAÇÃO DA OBRA BIOGRÁFICA O DIÁRIO DE ANNE FRANK

Aiéu Holanda Oliveira Almeida (UERN)

holandaaieu@gmail.com

Crígina Cibelle Pereira (UERN)

criginacibelle@uern.br

Maria José Morais Honório(UERN)

mariajosemoraishonorio@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tematiza a retextualização que, situada no campo da Linguística Aplicada, explora estratégias linguísticas na construção dos sentidos nas mais diversas esferas da vida social. Dell’Isola (2007, p. 37) afirma “A retextualização não deve ser vista como tarefa artificial que ocorre apenas em exercícios escolares, ao contrário, é fato comum na vida diária”. Nestes termos, entendemos que pesquisar sobre a retextualização é de grande relevância, visto que permite conhecer as estratégias e operações que podem ser exploradas na retextualização, permitindo também maior compreensão retextualizadora, seja do ponto de vista de quem produz ou lê retextualizações. Logo, diversas interferências no texto-fonte são próprias da retextualização, tais como interferências que podem acrescentar, suprimir, substituir ou reordenar formas linguísticas na prática da transformação de um gênero textual a outro.

A retextualização envolve diversas operações linguísticas e cognitivas, entre elas, a compreensão é destacada por Marcuschi (2010) que afirma: “antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre uma atividade cognitiva denominada compreensão”. Assim, não é possível retextualizar sem que inicialmente não se realize a compreensão do texto-fonte, pelo fato de que as transformações não devem alterar o sentido dele ao ser retextualizado e se tornar o texto-fim. Desta forma, muda-se o gênero, aspectos linguísticos-discursivos, mas mantém-se os sentidos. Enfatizamos que em nossa pesquisa o viés analítico se dá entre textos escritos, na retextualização escrita- escrita.

Nesta pesquisa, temos o objetivo de investigar o processo de retextualização do texto em prosa “O diário de Anne Frank”, postumamente publicado em 1947 ao seu novo formato o texto

biográfico em quadrinhos “O diário de Anne Frank” de Ari Folman e David Polonsky (2018). Para tanto, elegemos as operações citadas por Marcuschi (2007), ou seja, o conjunto de “regras da transformação”, nelas constam as operações da substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação exploradas em nossas análises.

Nosso estudo respalda-se teoricamente nas contribuições de Dell’Isola (2007), Marcuschi (2007, 2008, 2010), Dikson (2018), Dionísio (2010), Silva (2022) Ramos (2012), dentre outros autores que discutem a retextualização como um elemento significativo no contexto de gêneros textuais, da produção e compreensão de texto, além de discutir especificamente os gêneros Diário e História em quadrinhos, gêneros de nossa análise.

Metodologicamente adotamos o viés analítico-descritivo, pois mediante estudo do texto-fonte em prosa “O diário de Anne Frank” (2018) ao seu novo formato o texto biográfico em quadrinhos “O diário de Anne Frank” de Ari Folman e David Polonsky (2018) investigamos os processos de retextualização ocorridos no texto-fim. Como critérios analíticos elegemos os aspectos descritos por Marcuschi (2007) pertencentes aos Blocos A e B - idealização e reformulação, além dos recursos linguísticos para a transformação do gênero HQ, a supressão, agrupamento de estruturas sintáticas, tratamentos estilísticos, substituições vocabulares e reconstrução do bloco tópico. Tais aspectos são explorados em nossas análises.

Dada a extensão da História em quadrinho, foi realizado o recorte das narrativas do primeiro ano dos registros, contemplando quatro excertos e respectivamente quatro figuras do período de junho a setembro de 1942, especialmente, aquelas que apresentam maior quantidade de textos verbais, além de apresentarem de forma mais evidente os aspectos de retextualização considerados para esta análise, referidos anteriormente.

Para fins de organização analítica, chamamos de figuras os exemplos retirados da HQ e de excerto os retirados do texto em prosa O diário de Anne Frank. Logo em seguida, é apresentada a numeração sequencial dos exemplos. Também adotamos a ordem de primeiro o excerto, depois a figura que corresponde a retextualização deste excerto, seguidos da análise de ambos. Ainda enfatizamos que os destaques em *itálico* nos excertos dos textos-fontes são direcionamentos nossos para que as alterações da retextualização sejam melhores percebidas pelos leitores.

Estruturalmente este trabalho é organizado da seguinte maneira: introdução a qual apresentamos os fundamentos de nossa pesquisa, em seguida partimos para as considerações teóricas sobre

retextualização e os gêneros Diário e História em quadrinhos que compõem nosso *corpus*. Posteriormente, apresentamos nossas análises com foco nas regras de transformação de Marcuschi (2007). Ainda, tecemos nossas considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, discorreremos acerca dos estudos a respeito da língua, dos gêneros textuais e da retextualização, que foram basilares para o desenvolvimento dessa investigação. Ainda, discutiremos sobre os gêneros Diário Pessoal e Histórias em Quadrinhos - HQs, gêneros os quais são, respectivamente, o texto-base e o texto-fim de nossas análises.

A linguística enquanto ciência ampliou o leque de possibilidades de análises da língua, indo do seu estudo composicional, estrutural e funcional até a percepção dos elementos imbuídos no processo da formação de sentidos criados a partir das práticas de atividade humana. Essa perspectiva nos remonta para o entendimento da linguagem enquanto fenômeno social, interativo e dinâmico e intrinsecamente associado a um contexto produzido por e para sujeitos, eivados de significados, que manifestam na língua suas intenções comunicativas. A esse propósito se assentam as estratégias de constituição do texto, guiadas por variadas operações textuais tipificadas pelos gêneros. Para Marcuschi (2008, p.155)

Gêneros apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas

Assim sendo, para produzir e compreender textos é necessário considerar aspectos que vão além da linguagem, é necessário a percepção substancial das relações extralinguísticas, que nos exige maior acuidade. Portanto, reconhecemos que produzir textos são formas de atuação e interação com o mundo e as diferentes situações comunicativas exigem escolhas e adaptações a um determinado gênero textual para que aconteça com eficiência o propósito comunicativo. Segundo Dell'Isola, “a cada situação, em cada lugar, através de cada meio, para cada interlocutor, as pessoas se expressam de maneiras

diferentes, produzem gêneros distintos.” (2007, p. 11), essas distinções são marcadas, principalmente, pelo estilo da materialização do conteúdo ao qual se propõe compartilhar.

Assim, através da maleabilidade e dinamicidade que os gêneros dispõem, um mesmo conteúdo pode acomodar-se em gêneros diversos, sendo que, para isso deve-se ocorrer interferências na sua forma e substância durante o processo de reorganização textual. O fator protuberante desse movimento linguístico está associado ao funcionamento social da linguagem, onde se verbaliza com um fim comunicativo, com objetivos pré-estabelecidos e interlocutores específicos.

Sustentado nas concepções acima, dizemos que a transformação de um gênero textual em outro, mantendo a essência do conteúdo, a retextualização, nos permite compreender as estratégias que o sistema linguístico experimenta para condução do sentido. É uma atividade importante que envolve vários domínios cognitivos e impulsionam o interlocutor a compreender o texto-fim através das técnicas desenvolvidas pelo escrevente, que envolvem entre elas reformulações, recriação, supressões e acréscimos.

Outrossim, atividades como estas são usuais em nossa rotina, porém estão longe de serem mecanizadas, como explana Marcuschi (2007, p.48) elas acontecem “toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando”. São ocorrências frequentes em diversas situações, de diversas formas na sociedade, o que quer dizer que não se limitam a atividades de sala de aula.

Destarte, a retextualização tem se mostrado um excelente recurso para trabalhar com os gêneros textuais, utilizando-os em contextos sociais específicos, um exemplo disso tem sido as adaptações de obras literárias para o gênero quadrinhos, que tem crescido significativamente e ganhando espaço entre leitores que buscam conhecer uma determinada obra literária através de uma leitura mais fluída, como também têm sido utilizadas como forma de incentivo à leitura das obras originais. Dionísio (2010) chama atenção para o uso de semioses distintas que apoiam-se nos desenhos para produzir sentidos, nos fazendo reconhecer a complexidade do funcionamento discursivo do gênero história em quadrinhos.

Esse trabalho de reescritura do conteúdo informacional de um gênero textual a um outro, apesar de ser pouco apreciada, ele nos oferece possibilidades de conferir a flexibilidade do sistema linguístico, rende conhecimentos sobre os usos linguísticos, que saem da forma

para processo constitutivo de significado, culminando no resultado da materialização de uma determinada intenção sócio- comunicativa. As operações de retextualização utilizadas da transformação da prosa literária para os quadrinhos devem condensar estratégias necessárias para que o texto-fim cumpra a função social a qual foi criado, estas “ são operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos linguísticos” (Marcuschi 2007, p.46). Portanto, são ações eivadas de intenções que devem meticulosamente transpor aos recursos quadrinistas a essência do conteúdo da obra original, do texto-base, onde a análise nos permite investigar a aproximação e/ou distanciamento entre os dois textos.

Entre as noções criadas e exploradas por Marcuschi (2007, p.54) sobre a retextualização, estão quatro variáveis que atuam no processo de composição para a conclusão do texto-fim. A primeira, trata-se do propósito ou objetivo da retextualização, que medeia a finalidade da proposta, uma vez que o ponto inicial da produção acontece por meio de objetivos a serem alcançados, implicando nessa variável o público ao qual o texto se destina e os meios que irá circular, porque a partir disso a linguagem deve se adequar, se formal ou informal. A segunda variável denominada pelo autor concerne sobre a relação entre o produtor do texto original e o retextualizado, já que o texto pode ser tanto retextualizado pelo mesmo autor ou por outrem. Segundo Marcuschi, o texto-fim sofre muito mais mudanças quando retextualizado por seu produtor. Na terceira variável é destacado a relação tipológica entre o texto-base e o texto-fim, uma vez que a transformação de um gênero a outro, dependendo das singularidades de cada gênero, poderão resultar em mudanças mais ou menos acentuadas. A última variável delineada aborda os processos de formulação típicos de cada modalidade. Nesta, diz respeito às estratégias associadas ao produto final próprio a cada modalidade. As variáveis descritas acima estão dispostas no quadro abaixo:

Quadro 1: Variáveis Intervenientes da Retextualização

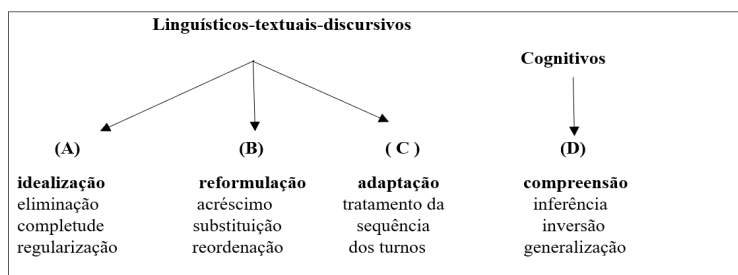
Descrição das variáveis	
	<i>Propósito</i> ou objetivo da retextualização
	<i>A relação entre o produtor do texto original e o transformado</i>
	<i>A relação tipológica</i> entre o gênero textual original e o gênero da retextualização
	<i>Os processos de formulação</i> típico de cada modalidade

Adaptado de Marcuschi (2007, p.54)

Tendo como base as variáveis acima, Dell’Isola (2007, p.43) as reorganiza e explica que para que ocorra uma “série de operações e decisões a serem tomadas na condução do processamento da escrita”, não se pode haver interferências no conteúdo temático do texto de partida, situando a primeira e as duas últimas variáveis como essenciais na compreensão do texto original. O que Marcuschi (2007, p.47) acentua como essencial antes de qualquer atividade de retextualização, que é a compreensão. Para o autor, “dizer de outro modo, em outra modalidade ou em outro gênero o que foi dito ou escrito por alguém, deve inevitavelmente compreender o que foi que esse alguém disse ou quis dizer”.

As atividades de retextualização envolvem aspectos formais e discursivos da língua, em realizações sociointeracionistas. Marcuschi(2007, p.69) apresenta um quadro sugestivo sobre os aspectos linguísticos-textuais-discursivos envolvidos no processo de retextualização, como o autor mesmo discorre, estes seriam os “fenômenos a serem analisados”, considerando ainda que não se tratam de aspectos com limítrofes definidos, eles , segundo Marcuschi (2007, p.69) “indica muito mais uma gradação do que uma separação”.

Quadro 2: Aspectos envolvidos no processo de retextualização



Fonte: Marcuschi (2007, p.69)

Observando o Quadro 2 percebemos a organização em quatro blocos, que representam as transformações e implicações que envolvem o processo de retextualização. Os dois primeiros blocos correspondem aos aspectos que atuam de forma mais visível, no código, são as marcas linguísticas deixadas no corpo do texto, tornando-se mais evidentes nas análises. Essas duas operações receberão maior atenção nas investigações realizadas neste trabalho, já que repercutem diretamente na organização do gênero retextualizado, nesse caso entre gêneros escritos. O terceiro bloco corresponde às operações de citação, ou seja, ao tratamento dado aos turnos, este bloco inclui atividades especiais e não corriqueiras, sendo, portanto, trabalhado separadamente pelo autor.

No tocante ao quarto bloco estão as operações mais complexas, que apesar de estarem descritas separadamente, participam das demais operações e são responsáveis por assegurar a eficiência da retextualização. Segundo Dickson (2018, p.506), “qualquer que seja a atividade de retextualizar, vai haver extrema complexidade à sua realização e será necessária a ativação de uma série de processos (cognitivos, de compreensão, linguísticos, textuais, discursivos, etc.)”. Portanto, como afirma Marcuschi (2007, p.70) essa distinção entre operações acabam por ser meramente metodológicas, pois elas são intimamente imbricadas no processo da retextualização e que não são rígidas, nem tão pouco necessárias que ocorram em totalidade, como etapas essenciais a tal atividade.

Em complemento aos aspectos acima, Marcuschi (2007) sugere um diagrama com modelos de operações minuciosos que marcam preferencialmente, já que é o foco do autor, a passagem do oral para o escrito, entretanto eles podem ser utilizados nas diversas possibilidades de retextualização sugeridas pelo escritor, desde que

se adequem a atividade em a qual se propõe. No nosso caso, nossa atenção consiste nos aspectos de retextualização onde o texto-base e o texto-fim, ambos ocorrem na modalidade escrita.

2.1 OS GÊNEROS: DIÁRIO E HISTÓRIA EM QUADRINHOS-HQS

Os gêneros textuais estão inseridos nas nossas práticas diárias cumprindo funções sociais, são guiadas por propósitos comunicativos bem definidos e, apesar de serem considerados como (BAKHTIN, 1997) “tipos relativamente estáveis de enunciados” eles apresentam a maleabilidade de adaptação aos fins comunicativos da sua constituição. Portanto, nesta seção reservamos para discorrer sobre as singularidades dos gêneros textuais analisados no processo de retextualização - o gênero biográfico Diário e gênero História em Quadrinhos .

2.1.1 Diário pessoal

Escrever diários é uma atividade que remonta ao Egito antigo, quando práticas comerciais eram escritas, não tendo ainda o caráter pessoal, sendo registros de pequenas coletividades até o século XVI. Em decorrência dessas práticas, ocorreram alterações no conteúdo dos diários devido ao estabelecimento entre o público e o privado no século XVIII, passando cada vez mais a relatar vivências pessoais e individuais como ocorre atualmente (SILVA, 2022).

Nesse contexto, sendo o diário a escrita de si, cabe considerar as contribuições de Silva (2022, p. 92) “A concepção do diário como uma prática de vida implica considerá-lo a partir de diferentes situações que proporcionam o início, a manutenção e o encerramento da escrita”. Desta maneira, mesmo utilizando uma linguagem mais informal, existe uma lógica coerente para o diarista, visto que escreve após os fatos narrados.

O gênero textual diário possui características próprias, compondo sua estrutura composicional de maneira que associada ao conteúdo temático e ao estilo coerente com os postulados de Bakhtin (1997) podemos indentificá-lo dentre a variedade de gêneros existentes. Desta maneira, é válido destacar que o diário contempla uma linguagem mais livre dada a característica pessoal do gênero,

visto que se constitui como a escrita acontecimentos vivenciados pelo diarista. Sobre o diário Pimentel (2011, p.5) afirma “O diário é, portanto, um retrato de quem o escreve, já que o diarista registra, praticamente no momento em que vive, uma experiência, captando as disposições do espírito e os pensamentos mais íntimos”.

Estruturalmente falando, o diário pode apresentar vários elementos a critério do diarista, mas ressaltamos a obrigatoriedade do registro temporal como característica específica deste gênero, “já que, com exceção da marcação do tempo, a forma é livre”. (SILVA, 2018, p. 37). Neste sentido, o registro da data é de fundamental importância, em alguns casos até se configuram como registro histórico, por isso, “Ainda que a data não esteja, a rigor, especificada no alto da página, ela deve ser indicada, mesmo que seja no decorrer do texto”. (Silva e Pereira, 2016, p. 300).

Nesses termos, o gênero textual diário pessoal agrega uma diversidade de informações pessoais, relatos, opiniões, sentimentos, recortes de outros gêneros como poemas, músicas, desenhos, rabiscos, colagens, dentre outros elementos que expressem o momento vivenciado pelo diarista com toda sua subjetividade. Desta feita, alguns diários podem se tornar algo que ganhe notoriedade ao ser publicado devido a sua riqueza de conteúdo, o seu reconhecimento como literatura, ou outras contribuições para a sociedade e o desenvolvimento humano como podemos citar o Diário de Anne Frank objeto de nossas análises.

2.1.2 História em Quadrinhos – HQs

Na composição do gênero História em Quadrinhos utilizam-se uma riqueza de elementos verbais e não verbais que são desenvolvidos sequencialmente em estratégias por meio do código linguístico e de recursos imagéticos que se intercalam e/ou se complementam.

Inicialmente, este gênero surgiu sem passagens escritas, somente como ilustrações, sendo posteriormente consolidado no formato que conhecemos hoje: com enredos narrados, organizados em quadros e com vasta operações verbais, complementadas por imagens. Mendonça (2010, pp.211-212) afirma que “as HQs realizam-se no meio escrito, mas também buscam reproduzir a fala” e a “sua concepção é de base escrita” uma vez que o roteiro precede a quadrinização.

Os mecanismos linguísticos aplicados aos gêneros HQs o tornam extremamente rico e por sua complexidade “exige um grande esforço de sistematização, tendo a multiplicidade de enfoque possíveis”

(MENDONÇA 2010, p.210), ou seja, a facilidade que apresenta na identificação de seu formato, dado aos balões quadros, desenhos, não o torna menos complexo que os demais gêneros, no que diz respeito ao seu funcionamento e propósito comunicativo. Isso porque as HQs possuem “linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos.” (RAMOS, 2012, p. 17).

Nesse sentido é válido salientar que os gêneros textuais não devem ser concebidos “como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos que ver os gêneros como entidades dinâmicas.” (MARCUSCHI, 2008, p. 170). Nessa perspectiva, novos gêneros vão se moldando, um exemplo é o que acontece com o gênero história em quadrinhos, onde determinadas HQs integram ao conteúdo literário, apresentando enredos mais longos e densos e constituindo relações mais conectadas entre as semioses verbais e não verbais, essa modalidade de HQ foi intitulada de *graphic novel*, aqui no Brasil, a tradução recebeu o nome de romance gráfico. Comumente, esse trabalho utilizará recortes da obra em HQ, nessa modalidade, para as análises das operações do processo de retextualização.

3. ANÁLISE DE DADOS

A seção a seguir detalhamos as análises das operações de retextualização, sob os aspectos linguísticos-textuais-discursivos elaboradas por Marcuschi (2007), da obra em prosa do “Diário de Anne Frank” para o gênero História em Quadrinhos. Levando em consideração o volume da obra retextualizada, priorizamos alguns excertos, que correspondem às narrativas do primeiro ano dos registros, que exemplificam mobilidades da língua para a transformação do texto. Continuamente, o texto fonte será transcrito em seguida, a cópia do excerto retextualizado.

Excerto 01

12 de junho de 1942.

"Espero poder confiar inteiramente em você, como jamais confiei em alguém até hoje, e espero que você venha a ser um grande apoio e um grande conforto para mim."

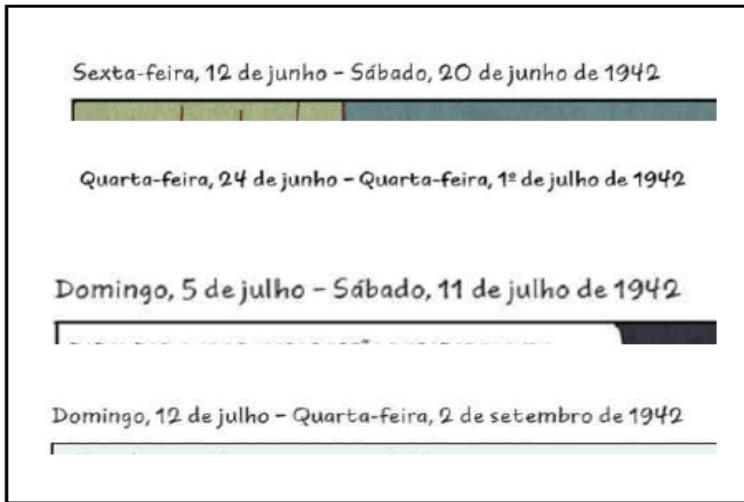
Figura 01



Fonte:(FRANK, 2018, p. 10) / Fonte:(FOLMAN; POLONSKY, 2018, p.11).

Acima, consta no excerto 01 e figura 01 fragmentos iniciais da obra retextualizada, este trata do primeiro contato da garota Anne Frank com o seu diário. Já de início percebemos a presença dos aspectos que correspondem aos Blocos A e B - idealização e reformulação. Durante os registros, em seu diário, a garota diz ser ele mais que um meio para memorizar seu cotidiano, assim, ela escreve como se fosse para outra pessoa, apresentando marcas de afeto e confiança. Na figura 01, o retextualizador representa essa valoração de Anne Frank para com seu diário trazendo o vocativo "Querida Kitty", como acréscimo ao corpo do texto, para intensificar a personificação do objeto. Outro aspecto relevante é a substituição do vocábulo "confiar"(texto-fonte) por "contar"(texto-fim), esta operação acentua a carga semântica do verbo contar, que além da relação de confiança, que seriam os relatos pessoais, ela registrará fatos, que mais adiante é reforçado quando diz que espera que seja "fonte" (outro termo utilizado em substituição a palavra apoio), um ação de completude ao texto-fonte, já que nos remete ao valor histórico da obra, que serve de referência sobre o Holocausto.

Figura 02



Fonte:(FOLMAN; POLONSKY, 2018, pp. 8-30)

A figura acima representa uma das estratégias para transformação do texto em prosa para HQ, é a supressão de detalhes desde que não interfiram na compreensão do enredo. Como tal ocorre nesta literatura em quadrinhos, a cada 30 páginas contidas no texto-fonte do Diário de Anne Frank foram reduzidas para 10 páginas para a modalidade em quadrinhos. Consequentemente, ocorre agrupamento de registros, são adaptações que segundo Marcuschi (2007, p.73) “mudanças que implicam adaptações levam a perdas”. Assim, a eliminação e a regularização, aspectos do Bloco A, foram apresentadas em constância. A figura 02 acima composta pelo recorte e montagem da figura da marcação temporal de quatro páginas da HQ analisada traz a confirmação explícita das eliminações e agrupamentos que ocorreram no processo da retextualização. Ou seja, no lugar de apresentar cotidianamente os relatos de Anne Frank, optou-se por compilar os fatos ocorridos em um certo período no texto em prosa em um único quadrinho, tal como: 12 a 20 de junho, 24 de junho a 01 de julho, 05 a 11 de julho e 12 de julho a 02 de setembro, considerando o ano de 1942, conforme figura 02. Com base na referida figura percebemos que semanas ou até mesmo meses são reduzidos a um único quadrinho. Logo, essa estratégia flexibiliza ao retextualizador operar nas estruturas textuais, reconstruir, reorganizar e agregar estilos que correspondam ao gênero, texto-fim.

Excerto 02

Sábado, 20 de junho de 1942

O resto de nossa família, entretanto, sofreu todo o impacto das leis antissemitas de Hitler, enchendo nossa vida de angústias. Em 1938, depois dos pogroms, meus dois tios (irmãos de minha mãe) fugiram para os Estados Unidos. Minha avó, já contando setenta e três anos, veio morar conosco. Depois de maio de 1940, os bons tempos se acabaram: primeiro a guerra, depois a capitulação, seguida da chegada dos alemães. Foi então que, realmente, principiaram os sofrimentos dos judeus. Decretos antissemitas surgiam, uns após outros, em rápida sucessão. *Os judeus tinham de usar, bem à vista, uma estrela amarela; os judeus tinham de entregar suas bicicletas; os judeus não podiam andar de bonde; os judeus não podiam dirigir automóveis. Só lhes era permitido fazer compras das três às cinco e, mesmo assim, apenas em lojas que tivessem uma placa com os dizeres: loja israelita. Os judeus eram obrigados a se recolher a suas casas às oito da noite, e, depois dessa hora, não podiam sentar-se nem mesmo em seus próprios jardins. Os judeus não podiam frequentar teatros, cinemas e outros locais de diversão. Os judeus não podiam praticar esportes publicamente. Piscinas, quadras de tênis, campos de hóquei e outros locais para a prática de esportes eram-lhes terminantemente proibidos. Os judeus não podiam visitar os cristãos. Só podiam frequentar escolas judias, sofrendo ainda uma série de restrições semelhantes.*

Assim, não podíamos fazer isto e estávamos proibidos de fazer aquilo. Mas a vida continuava, apesar de tudo Jopie costumava dizer-me: — A gente tem medo de fazer qualquer coisa porque pode estar proibido. — Nossa liberdade era tremendamente limitada, mas ainda assim as coisas eram suportáveis.

Fonte: (FRANK, 2018,p.18)

Excerto 3

Quarta-feira, 24 de junho de 1942

Querida Kitty

O calor está *terrível*, e estamos positivamente derretendo, mas mesmo assim, temos que ir a pé a todos os lugares. Só agora veremos como era gostoso andar de bonde, mas esse é um luxo proibido aos judeus. Temos mesmo é de andar a pé.

Ontem, à hora do almoço, fui ao dentista, na Jan Luykenstraat. É bem longe, da escola à Stadstimmerhuizen.

Durante a tarde, na aula, quase adormeci. Felizmente a assistente do dentista foi muito gentil e me deu um copo de água — ela é muito boa pessoa.

Aos judeus só é permitido andar de barca. Há um pequeno barco que sai de Josef Israelskade, e o homem nos levou assim que lhe pedimos. Não é por culpa do povo holandês que estamos passando todos esses vexames.

Fonte:(FRANK 2018, p. 22)

Figura 3



Fonte:(FOLMAN; POLONSKY, 2018, p. 19)

Os excertos 02 e 03 acima representam os aspectos de reordenação e regularização descritos nos Blocos A e B, do quadro 2, criado por Marcuschi(2007) e disposto no referencial teórico. Os verbos sublinhados no texto-fonte, excerto 03, apontam para ações realizadas em coletivo, já que estão grafadas na terceira pessoa do plural, enquanto que na retextualização, figura 03, o produtor individualiza as ações de andar (ir a pé - no texto-fonte) e perceber (sinônimo de “vermos”, usado no texto-fonte), preferindo marcar o

plural quando nacionaliza a personagem adjetivando-a como judia e assim aos castigos que seu povo foi acometido.

Em completude às ações de perseguição aos judeus, a HQ, figura 03, exprime uma imagem, um cartaz que traz um balão de fala, em discurso direto que diz: “ Eu não me apresento para porcos judeus!” Essa sentença resume as minuciosas descrições feitas por Anne Frank, presentes no texto-fonte, excerto 02, a respeito das submissões e negações que os judeus passaram, a partir das leis antisemitas de Hitler.

Ainda na figura 03 encontramos os aspectos de substituição e reordenação quando Anne Frank busca comprovar a existência de bondade nos seres humanos. No texto-fonte, excerto 03, ela exemplifica a ação da assistente de dentista, enquanto que no texto-fim, figura 03, traz como exemplo a atitude do balseiro em transportá-los sempre que os pedia. Dessa forma, a essência do relato inicial permanece, qual seja, a existência da bondade humana, sendo transformado a forma de apresentá-la ao apresentar a figura do balseiro na figura 03.

Excerto 04

Quarta-feira, 10 de março de 1943

Já lhe contei sobre o maior medo da sra. Van Daan? Acho que não. Já que me decidi a mantê-la informada sobre tudo o que acontece no Anexo Secreto, vou lhe contar isto também. Certa noite, a sra. Van Daan julgou ter ouvido ladrões no sótão. Ouviu passos fortes e assustou-se tanto que acordou o marido. Exatamente naquele momento, os ladrões desapareceram, e o único ruído que o sr. Van Daan conseguia ouvir eram as batidas do coração da apavorada fatalista.

Fonte: (FRANK 2018, p.98)

Figura 04



Fonte:(FOLMAN; POLONSKY, 2018, p.62)

Outro ponto que merece atenção é a manutenção do conteúdo. Para Marcuschi (2007) a integralidade dele não é vista, como condição da retextualização, possibilitando ao retextualizador selecionar, condensar, reordenar o conteúdo para adaptar ao texto-fim. Nesse sentido, na HQ é utilizado recorrentemente a reordenação global de sequências argumentativas em detrimento das reduções textuais feitas do texto-base para o texto-fim, como acontece entre o excerto 04 e a figura 04, acima. Essa operação, ainda segundo o autor, exige um maior domínio da escrita, uma vez que a apresentação dos conteúdos e a reorganização desses, sem comprometer a coerência do texto de origem, espera-se um nível de maturidade maior do produtor textual.

Percebemos nos fragmentos acima que além dos cuidados na seleção dos conteúdos, apresenta-se a reconstrução do bloco tópico do texto. Isso ocorre com as passagens em destaque do excerto 04 para a figura 04. Primeiramente, inicia-se com a transformação de uma frase interrogativa para uma afirmativa, implicando na reordenação dos sintagmas. Outro destaque é o diálogo entre os personagens, nele se usam expressões linguísticas mais objetivas e sintéticas em relação ao texto-base.

Marcuschi (2007) chama atenção para esta operação, ele deixa claro que essa ação sobre o texto-base não equivale a uma operação de resumo, Dikson (2018) complementa afirmando que essa atividade é uma regularização linguística, não sendo meramente uma seleção entre informações fundamentais e/ou secundárias. Essa operação, ainda segundo o autor, é a mais envolvida no processo de retextualização e, portanto, deveria receber mais atenção nas análises sobre o tema.

A investigação acima nos foi muito útil para reconhecer e comprovar a mobilidade da língua na transformação de um gênero em outro, centrada na proposta de retextualização. Em especial ao gênero Histórias em Quadrinhos, que está sendo cada vez mais respeitada pela crítica e vem ganhando espaço, como opção de literatura, fazendo parte da nossa vida diária. Identificar as operações de mudança e os aspectos aplicados no processo da retextualização, como também os fatores composicionais na formação do gênero, nos possibilita a uma leitura mais analítica, percebendo o funcionamento da linguagem, suas condições de produção, de circulação e de recepção.

4. CONCLUSÃO

Retomamos nosso objetivo, qual seja, investigar o processo de retextualização do texto em prosa “O diário de Anne Frank”, postumamente publicado em 1947 ao seu novo formato o texto biográfico em quadrinhos “O diário de Anne Frank” de Ari Folman e David Polonsky (2018). Tal objetivo foi alcançado ao encontrarmos as operações elencadas por Marcuschi (2007) para o conjunto de “regras da transformação”, nelas constam as operações da substituição, eliminação, completude, regularização, acréscimo e reordenação exploradas em nossas análises. Desta maneira, entendemos que o processo de retextualização nas obras analisadas apresenta operações linguísticas-textuais-discursivas eficientes para a construção do texto-fim respeitando os sentidos originais do texto-fonte.

Nossos resultados apontam para a presença nos excertos analisados de aspectos pertencentes aos Blocos A e B - idealização e reformulação, além dos fatores cognitivos envolvidos no processo, implicando na compreensão, elemento essencial da coerência. Também percebemos nas análises realizadas recursos linguísticos para a transformação do gênero HQ, a supressão, agrupamento de estruturas sintáticas, tratamentos estilísticos e substituições vocabulares, reconstrução do bloco tópico, todas muito bem ordenadas, não comprometeram o conteúdo original da obra.

Segundo Marcuschi(2007, p.76) “para uma retextualização ser bem-sucedida, não é necessário que se efetivem todas as operações e, sobretudo, não necessariamente na ordem proposta”, portanto os aspectos identificados nos recortes da obra retextualizada, não aconteceram de forma linear e as operações contidas no aspecto do Bloco D, apesar de pertencerem a uma dimensão além do código linguísticos permeou as operações na construção discursiva evitando falseamentos.

Tendo em conta que os textos apresentam condições de produção e propósitos comunicativos diferentes, foi possível sinalizar que um mesmo conteúdo pode ser construído de outra maneira, em gêneros textuais diversos, pois “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI 2008, p. 154)

Certamente, a pesquisa aqui desenvolvida não esgota a temática, ficando diversas possibilidades de ampliação e aprofundamento. Contudo, entendemos que nossos resultados apontam para a necessidade de sempre mais estudos acerca desse fenômeno linguístico, que tanto pode ser trabalhado no ensino como em propostas investigativas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DELL’ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DIKSON, Dennys. **A retextualização escrita-escrita**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Garanhuns, Pernambuco /Brasil, nº 18 (3), p. 503-530, Set.2018

FRANK, Anne, **O diário de Anne Frank em quadrinhos**; adaptação Ari Folman; ilustração David Polonsky; 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FRANK, Anne, **O diário de Anne Frank**, edição integral; tradução de Alves Calado. 76 ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio . A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo. Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: A história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora; MACHADO, Anna Rachel (orgs). **Gêneros Textuais e Ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.

PIMENTEL, Carmen. **A escrita íntima na internet: do diário ao blog pessoal**. Rio de Janeiro: UERJ, 2011. In: <http://www.omarrare.uerj.br/numero14/carmenPimentel.html> Acesso em 19/12/2023.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Cícero da. ***Pedagogia da Alternância: um estudo do gênero Caderno da Realidade com foco na retextualização***. 2011. 149f. Dissertação (Mestrado em Letras: Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2011.

SILVA, Jocelma Boto. Gênero diário pessoal: uma análise sob a perspectiva do autor. **Revista Linguística Rio**, v. 8, n.1, mar-jun, 2022.

SILVA, Jocelma Boto.; PEREIRA, Márcia Helena de Melo. **ESCREVER A PRÓPRIA VIDA: ASPECTOS ESTILÍSTICOS DO GÊNERO DIÁRIO PESSOAL**. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 295–312, 2016. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n2.p295-312. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2663>. Acesso em: 19 dez. 2023.

SILVA, Thaís Cristina Teixeira. **O gênero diário como prática discursiva na sala de aula**. Dissertação de Mestrado. Profletras/UFTM. Uberaba/MG. 2018.

DIALOGISMO E CARNAVALIZAÇÃO DE MIKHAIL BAKHTIN NA POSSE DO PRESIDENTE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Maria das Graças de Oliveira Pereira (UERN)

mariaoliver788@gmail.com

Maria José Morais Honório (UERN)

mariajosemoraishonorio@gmail.com

Aiéu Holanda Oliveira Almeida (UERN)

holandaaieu@gmail.com

Maria Jarina Barbosa (UERN)

barjary@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A linguagem é uma manifestação linguística que ocorre mediante a compreensão, como também da produção de sentidos para gerar significados e consequentemente manter a linguagem em funcionamento diante de situações discursivas e pragmáticas.

Logo, entender sentido e significado segundo a natureza dialógica da linguagem proposta por Bakhtin possibilita uma nova construção de enfoque para decifrar os seus pormenores comunicativos “[...] escritos, incluindo produção de sentido, significação, autoria, discurso, enunciação, gêneros, atividade interativa” (BRAIT, 1994, p. 88). Quando temos todos estes fatores, há um conjunto de elementos que possibilitam a realização da linguagem, enquanto produto ativo resultando no dialogismo, na capacidade de entender as múltiplas vozes do discurso, os interdiscursos e a sua heterogeneidade.

Além disso, a linguagem ainda tem a capacidade de buscar novos objetivos e reconstituir a sua própria forma de manifestação de representação heterogênea, vista por meio do conceito de Carnavalização, que ver a linguagem e suas manifestações, mostrando uma contradição de entre a forma a apresentar o esperado e o ocorrido, com fim de demonstrar à sociedade a realidade como ela deve se apresentar, rompendo padrões estabelecidos para nobres, por exemplo, e permitindo as camadas mais baixas da sociedade terem papéis de destaque.

Baseados nesse pensamento, procuramos discutir ao longo deste trabalho a repercussão que a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ocorrida no dia 01 de janeiro de 2023 pôde proporcionar para grande parte da população brasileira, principalmente aqueles que viram por algum meio de comunicação e refletiram sobre os acontecimentos, não apenas do contexto da posse, mas também o que antecedia a ela. Não pretendemos defender partido político, apenas refletir sobre os fatos que aconteceram diante de sua posse que repercutiram em nível nacional e internacional, uma vez que trouxe uma marca de dialogismo, sentidos e Carnavalização a partir dos discursos, da polifonia e da heterogeneidade apresentada (pessoas e elementos). Fato esse que nos levou a trazer como objeto de discussão para este trabalho devido a sua importância acadêmica dentro da área da linguagem e também social, por meio das ideologias presentes. Para isso, temos como objetivo analisar a construção dialógica de sentidos e a carnavalização presentes na posse do Presidente Lula.

O estudo tem como base teórica os autores Bakhtin (2005, 2011 e 2016), Brait (1994 e 2005), Fiorin (2008), Fonseca (2018), Medeiros (2005) e Santos (2015), autores que discutem o dialogismo, a construção de sentidos e a carnavalização, com enfoque especial para Bakhtin autor basilar deste artigo.

Como metodologia, tivemos um estudo analítico-descritivo e uma abordagem qualitativa sobre duas matérias que correram sobre a posse do Presidente Lula: “Lula toma posse diante de centenas de milhares, recebe a faixa de representantes do povo e defende a democracia” veiculada pelo G1 e “A mensagem da roupa escolhida por Janja para a posse de Lula” veiculada pela CNN BRASIL. A escolha de tais matérias se deu pelo fato de estarem vinculadas a uma mídia jornalística reconhecida, como também explorar a linguagem verbal e não-verbal, o que nos permitiu um campo de análise mais detalhado para a análise, o qual pudesse nos possibilitar uma análise dialógica e discursiva apresentada pelas mídias para o ato da posse. Ambas matérias foram analisadas à luz da base teórica supracitada, estando o trabalho organizado a partir da introdução, referencial teórico, metodologia, análise e discussão dos resultados, conclusão e referências.

2. A LINGUAGEM DIALÓGICA DE BAKHTIN E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

O dialogismo é basilar na teoria bakhtiniana, pois integra todas as linguagens e enunciados da interação verbal, sendo indispensável à construção dos sentidos. Nesse contexto, trazemos as palavras do próprio autor para iniciarmos a discussão sobre linguagem dialógica.

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascido no diálogo de séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles irão sempre mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, diálogo futuro (BAKHTIN, 2011, p. 410).

Segundo o excerto acima, podemos perceber o quão amplo e vital para o enunciado é o contexto dialógico, entrelaçando diálogos passados, presentes e futuros numa cadeia ininterrupta de construção de sentidos, com uma perspectiva social da linguagem. Neste sentido, “Todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: por que ele não é o primeiro falante, [...] Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 26). Entendemos que os enunciados são inacabados, visto que a qualquer momento podem ser ressignificados mediante situações reais de uso da linguagem.

Bakhtin (2016) vem ainda afirmar que os limites do enunciado são especificados por meio da alternância dos sujeitos que realizam a conclusibilidade do enunciado, que por sua vez não são isolados e refletem-se uns nos outros instalando o dialogismo. Justamente por isso, cada enunciado tem ecos de outros enunciados, com quem tem identidade pela comunicação discursiva. Os enunciados, segundo o referido autor, devem ser entendidos como uma “resposta” aos enunciados anteriores. Nisto também, inclui a posição definida num dado campo da comunicação, em um determinado assunto. “É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições” (BAKHTIN, 2016, p. 57).

Quanto à orientação social no plano da enunciação de acordo com o círculo de Bakhtin, se evidencia de diversas formas na linguagem através:

da orientação social, para o outro; da presença de diferentes vozes sociais que dialogam ou se conflitam; da materialização do enunciado enquanto elo entre os já-ditos e a presunção de respostas; da adequação ao contexto enunciativo; e das marcas valorativas/emotivo-volitivas/axiológicas do sujeito em relação ao objeto da enunciação. (SANTOS, 2015, p. 21)

Segundo Santos (2015), para Bakhtin em relação a orientação social para o outro são considerados os elementos repetidos da língua, a parte não-verbal, a atribuição de posicionamento valorativo no que diz respeito ao objeto da enunciação. No tocante à presença de diferentes vozes sociais, Santos (2015), afirma que a linguagem se apresenta como um espaço de interrelação entre vozes de outros marcadas pelo social e pela ideologia. Em relação aos já-ditos e a presunção de respostas, existe uma relação constante entre o dado e o novo, criando uma enunciação particular e irrepetível que gera respostas a este enunciado. Ainda, sobre as marcas valorativas/emotivo-volitivas/axiológicas, vemos que a linguagem é um diálogo ideológico, que exprime as posições valorativas por meio das palavras. Por isso, “O dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade”. (BRAIT, 2005, p. 94)

Todas essas formas de inserção da orientação social da enunciação são maneiras do próprio dialogismo se estabelecer, visto que ele é toda “conexão” realizada entre enunciados. Nessa perspectiva, os discursos partem de um em direção a outra e neste caminho de endereçamento muitos diálogos são recuperados, afirmados, negados, reformulados, ressignificados devido ao uso social da linguagem, configurando a interação verbal. Coerente a isso, “Podemos perceber que as relações dialógicas são a condição *sine qua non* da linguagem, pois elas são relações de sentido, a partir das quais é possível aos parceiros de interação construir sentidos para os enunciados, textos, discursos, etc.” (SANTOS, 2015, p. 22). E essa rede de sentidos, possibilita a criação de diálogos com outros textos/discursos.

Na perspectiva do dialogismo bakhtiniano, a construção dos sentidos depende propriamente do dialogismo, visto que as relações dialógicas que se estabelecem entre os enunciados são as que permitem os atores da interação construir as diversas possibilidades de

significados. Neste sentido, “O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (FIORIN, 2008, p. 15). Dessa forma, percebemos que compreender o dialogismo é fundamental para a compreensão das relações mediadas por linguagem numa interação verbal. Seja qual for a instância da interação, o dialogismo é base estruturante. Nessa linha de pensamento, “Reiteramos: o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando neles atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas”. (BAKHTIN, 2016, p. 57)

Ademais, vale destacar que Bakhtin (2016) também discorre sobre o papel dos elos subsequentes da comunicação discursiva, sendo que o enunciado ao ser criado ainda não apresenta tais elos, mas no momento em que a enunciação acontece os elos subsequentes se estabelecem, mesmo porque desde sua origem o enunciado é gerado levando em consideração as atitudes responsivas sobre ele. Neste caso, o papel do outro é de suma importância para a construção do enunciado, visto que a partir dele o dialogismo se estabelece e, por conseguinte, a construção dos sentidos.

3. CARNAVALIZAÇÃO E EFEITOS DE SENTIDOS

A linguagem humana apresenta em sua estrutura a capacidade de se reinventar e de atribuir novos sentidos àquilo que se propaga. Com isso, entender a linguagem, significa compreendê-la em sua complexidade concreta e, por vezes, intangíveis, ou seja, que é insuficiente para ser percebido.

Desse modo, segundo Soerensen (2017) construímos sentido, por meio do contato com outras pessoas e juntos construímos uma rede de sentidos, uma vez que enquanto individualidade o sentido pode ser único, já em coletividade podemos atribuir sentidos múltiplos. Tal fato, ocorre em decorrência da capacidade de compartilhar identidades, pensamentos e ideologias próprias que se fundem em contato com o outro. A Carnavalização, é um exemplo da fusão de ideologias e culturas.

A relação entre cultura popular e carnavalização começou a ser vista a partir dos estudos de Mikhail Bakhtin por meio da obra “A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais” na década de 60. Essa obra

permite percebermos os contrastes de poderes, cores, simbologia e ritmos, ou seja, uma inversão de papéis que são fortemente visíveis.

Bakhtin identifica “[...] a inversão de papéis sociais com o destronamento dos poderosos e grandes e a entronização dos pequenos, o inacabamento dos personagens e a regeneração a partir do “baixo” material”. (FONSECA E CARDOSO, 2018, p. 181). O que entendemos como a forma de enaltecer os “pequenos” e deixar os “grandes e poderosos” no espaço sem prestígio, tal fato é evidenciado por meio da construção da nova ordem que é construída por meio da cultura popular e de suas próprias manifestações artísticas e populares que são vistas como carnavalescas justamente pela capacidade de mostrar as inversões, inesperadas pela sociedade.

As ideias da Carnavalização

[...] fazem parte de sua reação ao projeto hegemônico da modernidade e suas iniciativas de exclusão (do riso, da igualdade, do prazer, da comunhão, da partilha, da solidariedade, da utopia e da alegria coletiva). Para ele, não há “quase mais nada” do sentido ambivalente e regenerador da carnavalização dentro dos sistemas significantes e valorativos das linguagens contemporâneas (SACRAMENTO, 2014, p. 159).

Desse modo, a Carnavalização segundo Bakhtin (2005), estabelece a possibilidade de uma resposta às ideias da sociedade, uma forma de refletir sobre os efeitos de sentidos da linguagem, assim como das intenções que foram tidas para com a construção da ação ou do discurso. Por isso, opera a oposição da linguagem entre o sério e o cômico, assim como o antigo e o novo, dando margem a uma prevalência entre o duplo como uma forma lógica de organizar as ideias através da inversão e não da lógica da homogeneidade como é proposta pela cultura oficial.

Bakhtin (2005) defende a ideia de que, o que se procura abolir no carnaval é a hierarquia, a propagação de leis, proibições e restrições propostos pelo poder dominante, e isso proporciona a revogação do medo, da dissimulação das desigualdades sociais e hierárquicas que a todo tempo são reveladas para a sociedade. Portanto, a sociedade está imersa em um forte poder de dissimulação dos poderosos, de quem pode e de quem domina e

quando tais fatores são colocados de lado e a figura dos pequenos é exaltada por meio da valorização, causa estranhamento e uma ruptura com os padrões estabelecidos.

Tratar de Carnavalização, implica ter o dialogismo como figura central, pois há segundo Bakhtin (2005), o encontro de diferentes vozes que aparecem por meio de enunciados, já que os enunciados são dialógicos, podendo estes entrarem em procedimento de aceitação ou recusa. Esses enunciados querem expressar a possibilidade de expor que nem tudo precisa ser homogêneo, mas pode ser heterogêneo, já que a diversidade de discursos, vozes, sujeitos e identidades permitem um resultado concreto e sistemático.

O conceito de Carnavalização tem quatro categorias, entre elas podemos citar a inversão, a excentricidade, a familiarização e a profanação. “[...] A principal tônica é a inversão. As restrições, as leis e proibições, que sustentam o sistema e a ordem da vida comum, isto é, extra carnavalesca, revogam-se durante o carnaval” (MEDEIROS, 2005, p. 6). Percebe-se que com essas categorias dão ideias de fatos contrários a uma realidade homogênea aquela cheia de padrões sociais e rigores, pois se pensarmos a inversão e a excentricidade elas possibilitam uma troca de lugar fugindo de estruturas fechadas propostas por padrões sociais e vão além de suas características próprias agindo com extravagância, sem levar em conta limites, diríamos que não leva em conta o que o outro poderia pensar ou comentar. Já no que diz respeito à familiarização e à profanação, não andam juntos porque a família em muitos dos momentos segue um rigor religioso, já a profanação visa violar os elementos religiosos, fugindo do que foi mostrado como verdade universal. E assim, a Carnavalização se constrói em meio a tantos contrastes, como uma ferramenta de novos olhares, ou de novas visões que se moldam constantemente a cada novo instante, como uma possibilidade de geração de novos sentidos, já que “[...] um discurso traz, em seu seio, inúmeros outros discursos que o formam” (GUERREIRO, 2019, p. 155), traz em si vários discursos, várias vozes que se entrelaçam dando margem a interdiscursos e múltiplos significados.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como forma de refletirmos sobre a posse do presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, ocorrida em Brasília no dia 01 de janeiro de 2023 iremos a partir desse momento, apontar algumas

análises sobre observações feitas perante a leitura da matéria do G1 da Globo, disponível no endereço eletrônico: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/01/lula-toma-posse-diante-de-centenas-de-milhares-em-brasilia-reafirma-compromissos-de-combate-a-pobreza-e-defende-a-democracia.ghtml> e posteriormente a respeito da matéria do jornal CNN BRASIL disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/a-mensagem-da-roupa-escolhida-por-janja-para-a-posse-de-lula/>.

Para nossa análise, entendemos que a linguagem é um instrumento de poder, visto por meio do discurso, da construção dos enunciados e elucidados por meio da Carnavalização. Desta forma, “A cultura popular, em suas manifestações orais e escritas, se constitui como discurso que dá voz ao povo e permite que a sua visão dos fatos históricos e a sua memória se confronte com as versões oficiais que buscam engrandecer os membros das classes dominantes”. (FONSECA E CARDOSO, 2018, p. 183)

Com base no que Fônsaca e Cardoso (2018) defendem, entendemos que a posse de Lula, presidente do Brasil no ano de 2023, reverbera muitos acontecimentos, entre eles podemos destacar a hibridização entre a diversidade de culturas que possui as suas marcas próprias e suas lembranças demarcadas no tempo e ressignificadas por meio dele mesmo.

O contexto político do país nos últimos 4 anos na gestão do ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro (2019 - 2023) foi marcada por muitas retrocessos nos mais diferentes setores que causaram em grande parte da população descontentamento, tendo em vista que o país não esteve em boas condições, além disso, era constantes os discursos proferidos contra o povo de maneira a gerar discriminação, por exemplo. E foi com esse ponto inicial, que o presidente Lula organizou a sua posse, desconstruindo as ideias de classe menos desfavorecidas.

No ato solene da posse, a troca de faixa do ex-presidente Bolsonaro deveria ser entregue ao novo presidente Lula, mas Bolsonaro realizou uma viagem dias antes da posse. Com tal acontecimento, a posse de Lula teve novos rumos, o que para a sociedade pôde representar uma desconstrução dos padrões estabelecidos, como apresentada no título da matéria do G1 “Lula toma posse diante de centenas de milhares, recebe a faixa de representantes do povo e defende a democracia”. Com essa manchete podemos perceber que o presidente recebeu a faixa por representantes do povo, ação que deveria está sendo realizada pelo ex-presidente, Bolsonaro, figura de poder para o país. Simbolicamente a representação do povo acabou

ganhando mais prestígio por entendermos que assim, estaríamos realizando muito mais do que um ato político, mas um ato de democracia. Logo, a Carnavalização marcou a simbologia da troca de papéis entre o ex-presidente e representantes do povo, configurando a inversão de papéis. A representação do povo seria a desconstrução dos padrões formais exercido pelos nobres da sociedade para ser presenciada por aqueles menos vistos, o que nos permite entendermos a construção de novos olhares sobre um acontecimento, ação proposta pela carnavalização e assim, realizamos uma nova leitura de mundo de acordo com o dialogismo.

No lide da matéria, esse fato é ainda mais marcado quando se afirma “Em um dos momentos mais marcantes do dia, presidente subiu a rampa com cidadãos comuns, entre eles uma criança, um homem com deficiência, uma catadora e um indígena”, como mostra a imagem 1, abaixo:

Imagem 1- Subida da rampa do Planalto



Fonte: <https://g1.globo.com/> (2023)

Na imagem, Lula está acompanhado por representações dos diversos poderes da sociedade. Na rampa segundo o jornal “O Povo e G1”, estavam Aline Sousa - 14 anos (catadora, dirigente da Central das Cooperativas de Trabalho de Cantores de Materiais Recicláveis do Distrito Federal - CENTCOOP- DF), Cacique Raoni - 90 anos (defensor da Amazônia e dos povos da floresta), Flávio Pereira - 50 anos (artesão), Francisco Filho - 10 anos (morador de Itaquera, na periferia da capital paulista, estudante), Ivan Baron (jovem potiguar que aos 3 anos de idade foi acometido de meningite viral, causando uma paralisia cerebral, atualmente é influencer, figura representativa

na luta anticapacitista e um dos embaixadores da inclusão social), Jucimara Santos (cozinheira), Murilo Jesus - 28 anos, (professor, formado em Letras Português e Inglês) e Wesley Rocha - 36 anos (metalúrgico do ABC), a primeira-dama Rosângela Lula da Silva, mais conhecida como Janja (primeira-dama) e a cachorrinha chamada de Resistência.

Todas essas pessoas e a cachorrinha, escolhidos para subir a rampa junto ao presidente carregaram em si uma simbologia, pois são pessoas que independente de sua classe social, de suas limitações físicas ou suas lutas de classes, lutaram por dias e condições melhores de vida e um espaço de reconhecimento na sociedade, o que nos remete ao dialogismo posto na fala de Lula quando ele disse:

Há muito tempo, não víamos tamanho abandono e desalento nas ruas. Mães garimpando lixo em busca de alimento para seus filhos. Famílias inteiras dormindo ao relento, enfrentando o frio, a chuva e o medo. Crianças vendendo bala ou pedindo esmola, quando deveriam estar na escola vivendo plenamente a infância a que têm direito

«Trabalhadores e trabalhadoras desempregados, exibindo nos semáforos cartazes de papelão com a frase que nos envergonha a todos: por favor, me ajuda (G1, 2023).

Nesse momento de fala, Lula procurou na linguagem a busca por instaurar sentido na visão que ele tem sobre aquelas pessoas que estão em condições desumanas vivendo nas ruas sem condições adequadas de sobrevivência e aqueles que estavam com ele no momento de sua posse, pessoas que também não tinham/têm esse espaço adequado na sociedade, o sentido gerado entre ambas construções significa a dimensão de reconstituição de alguns fatos históricos vivenciados.

Entender o interdiscurso nesse momento, é compreender que a rede de sentidos criada pelo presidente não representa um discurso neutro, porque a linguagem não é proferida no vazio, mas a partir de uma situação e de um contexto histórico e social para construir sentidos. Diante disso, o discurso do presidente Lula não foi neutro, como também as pessoas que estavam com o presidente, cada um construindo um sentido, um significado e juntos uma história, até mesmo as cores que configuram como semioses presentes nas roupas de cada pessoa, transmitia uma identidade própria, pois geralmente se utiliza ternos e

vestidos como vestimentas padrões e o preto geralmente é a cor predominante.

Contudo, no acontecimento da posse em análise, na realidade se percebeu uma mistura de cores, o que podemos confrontar com a mistura de povos, de raças, identidades, culturas e vivências de cada um e assim, se compõem o dialogismo e os atos da Carnavalização que nem sempre se apresentam simétrico e harmoniosos que estão marcados por suas ideologias no caminho para a construção de sentidos, proposta neste momento da posse como uma ideologia da mudança, da valorização do povo e de sua identidade, de poder proporcionar espaço e visibilidade.

Ainda referente às personagens que compõem a referida posse e que subiram a rampa do planalto ao lado de Lula, entendemos que a primeira-dama “Janja” desempenhou um papel de fundamental importância para este acontecimento repleto de significações, o que nos faz retomar Bakhtin (2016, p. 62) ao postular que “cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva”. Sendo um elo na cadeia discursiva, a esposa do então empossado presidente Lula, tornou-se uma personagem de destaque que merece um olhar mais detalhado sobre a mensagem que passou com sua imagem, buscando perceber as entonações dialógicas presentes em sua roupa. Para tanto, analisaremos a matéria publicada pela CNN BRASIL intitulada “A mensagem da roupa escolhida por Janja para a posse de Lula”. A matéria traz no início a seguinte foto:

Imagem 2 – Janja vestida para posse de Lula



Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/> (2023)

Na foto da matéria vemos Janja sozinha, visto que ela e sua roupa é o assunto em pauta. Podemos perceber que Janja quebra o protocolo de primeira-dama ao usar um vestido na posse presidencial. Neste ponto, já é possível percebermos que sua roupa foi toda pensada para construir sentidos e negar outros, conforme demonstrado a seguir, configurando um visível dialogismo bakhtiniano se compararmos a imagem da atual primeira dama com as suas antecessoras, especialmente, Michelle Bolsonaro, conforme foto abaixo.

Imagem 3 – Michelle Bolsonaro



Fonte: <https://supermoderna.com> (2019)

Em 2019 a ex-primeira-dama se apresentou na posse do marido com um tradicional vestido, reafirmando o papel inativo destinado até então às primeiras-damas, ao observarmos a não atuação dessas mulheres para o bem-estar do povo brasileiro, já que não têm apresentado um trabalho eficiente e necessário ao lado dos presidentes eleitos. Além disso, o vestido usado na cor rosa traça um perfil feminino patriarcal, que coloca a mulher como subalterna ao homem e, por isso mesmo, pouco atuante.

Retornando a matéria sobre a roupa de Janja, a *lide* traz as seguintes informações “Objetivo foi privilegiar a indústria brasileira da moda e elementos da natureza do país; para estilistas

ouvidos pela CNN, ao optar por calça, quebrando protocolo, Janja também quis dar a ideia de ser uma roupa de trabalho”. Ao comparar a roupa da posse à roupa de trabalho, Janja constrói uma significação de atividade, utilidade e produtividade. Não seria a primeira-dama para fotos e eventos, como é costumeiro acontecer com suas antecessoras, mas aquela que tem um papel ativo no governo que hora era empossado. Essa atitude na escolha da roupa traz inúmeras ressonâncias dialógicas de enfrentamento, desde o rompimento com a ideologia machista até a ideia de que o projeto Lula presidente deve ser um projeto de todos os envolvidos, inclusive ela.

Ainda sobre igualdade de gênero, um trecho da matéria traz isso claramente representada pela roupa de Janja “Ela tem uma presença forte e eu acho que a roupa traduz isso: roupa de trabalho. Versão feminina da roupa masculina. Ela usa o colete como blusa e está pronta para o trabalho, resume a estilista Thais Farage”. Entendemos que é nítido a significação marcante da roupa, quando uma mulher se coloca em igualdade com o homem, reforçando que todos precisam trabalhar para mudar o país, dialogando com suas antecessoras, como também com a própria postura de Janja antes de ser primeira-dama, visto que era uma mulher independente, atuante na vida social, socióloga, inclusive filiada ao PT desde 1983. Todas essas informações dialogam claramente com os sentidos construídos ao analisarmos a roupa de Janja.

Outro aspecto a ser observado é a presença de bordados feitos por artesãs nordestinas. Percebemos que sendo a região nordeste, em grande parte discriminada por regiões sulistas, em especial, pelo ex-presidente do país. Dessa forma, levar o trabalho de pessoas dessa região, especificamente, mulheres para a posse, promovendo uma visibilidade internacional deste trabalho é uma forma de construir carnavaização, conforme Bakhtin (2005), visto que é confronto de diferentes ideias, a inversão da ordem elitista estabelecida, como também em certa medida, a entronização dos excluídos, quando as artesãs, representadas por seu trabalho, de maneira indireta, sobem a rampa e permanecem no palco central da posse através da roupa de Janja.

Outro fator importante sobre os bordados supracitados, é que são provenientes da região nordeste, sendo está um grande ponto de apoio a candidatura e foi decisiva para a vitória de Lula. Desta forma, compreendemos que a representatividade nordestina na roupa de Janja faz ressoar diversos sentidos que

retomam toda trajetória de Lula, desde sua prisão até a vitória nas eleições de 2022, sempre apoiado pelos nordestinos.

Ainda sobre os bordados, é importante ressaltar que para além da exaltação das artesãs, eles também significam realeza. A maneira como foram dispostos na roupa, especialmente, na lapela, atribuiu à primeira-dama um tom majestoso, visto que ela é a esposa do governante maior do país. Também uma cor clara, champanhe, na roupa de Janja dialoga com a proposta de paz e unificação do país durante forte polarização partidária. A matéria em análise traz este aspecto em evidência “a forma que o bordado foi feito é estratégico de realeza, sempre bordado nas lapelas”. Também compreendemos que ser realeza implica em cuidar dos súditos com zelo, respeito e segurança. Essa é mais uma importante significação da roupa, pois dialoga com o governo anterior, quando não cuidou do povo em vários aspectos, especificamente, por ocasião da Covid-19, causando milhares de mortes. Deste ponto de vista, a ex- realeza não cumpriu seu papel, diálogo que pode ser estabelecido com muita clareza.

Por fim, destacamos as palavras de Janja na matéria em análise “Queria vestir algo que tivesse simbolismo para o Brasil, para os estilistas, para as cooperativas e para as mulheres brasileiras”. Nesta fala, ela expõe claramente que sua intenção é inversa ao que sempre se viu até então em relação à postura e imagem de uma primeira-dama, que tem sido construir sentidos no que diz respeito à mulher “bela, recatada e do lar” sempre à sombra do marido que seria o presidente. No caso de Janja não, buscou como ela mesmo disse levar para a rampa do Planalto e parlatório a representatividade não apenas dela mesma, como mulher atuante, marca de carnavalização, visto que, geralmente, os mais altos postos do poder na sociedade são ocupados por homens, mas também levar parcela significativa da população, em parte, desfavorecida como mulheres artesãs. Neste sentido, compreendemos que a roupa de Janja por si só, traz uma diversidade de sentidos, aos quais são indissociáveis do dialogismo e carnavalização bakhtinianos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos como objetivo analisar a construção dialógica de sentidos e a carnavalização presentes na posse do Presidente Lula a partir da análise de duas matérias veiculadas no

G1 e na CNN BRASIL, respectivamente. Percebemos que a posse do presidente Lula (2023) foi repleta de significações diversas, sendo que todos os elementos e pessoas ali presentes estavam à favor de uma mensagem característica do plano de governo que ora tomava posse. Nossas interpretações retomaram o dialogismo e a carnavalização bakhtinianos, que nos ofereceram subsídio teórico.

Sobre a matéria do G1, ao destacar a subida da rampa do planalto por Lula e demais representantes da população, em especial, aqueles que de alguma maneira sofrem discriminação e injustiças sociais revela uma forte tendência a abertura de espaço e visibilidade para quem, por vezes, é tornado invisível. Fato esse que se torna um ato de carnavalização essencialmente dialógico, visto os discursos e ações que são resgatados\negados\invertidos com essa configuração de pessoas.

Quanto à matéria do CNN BRASIL, percebemos a tamanha simbologia envolvendo a roupa de Janja, quando através de sua vestimenta como primeira-dama é levado à posse presidencial a representação também de pessoas menos favorecidas, especialmente, a figura da mulher, tão inferiorizada no governo anterior. Além, de abrir espaço para artesãs nordestinas, Janja ressignifica o papel do ser mulher\primeira-dama, rompendo com os padrões ornamentativos e se mostrando ativa e comprometida com a gestão atual.

Desta feita, a posse do Presidente Lula foi um acontecimento plural em construção de sentidos, na qual percebemos forte dialogismo no encadeamento de outras enunciações, bem como, conseqüentemente, a configuração de atos de carnavalização, visto que o presidente Lula e os que lhe acompanharam se dirigem aos menos favorecidos o que já *a priori* desconstrói os discursos e ações do governo anterior.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Bakhtin. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. Metodologia das ciências humanas. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. IN.: **Bakhtin, dialogismo e a construção do sentido**. Org. Beth Brait. 2ª ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

_____. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS E FIORIN. (orgs.) Dialogismo, **polifonia, intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 1994.

CNNBRASIL. A mensagem da roupa escolhida por Janja para posse de Lula. Disponível em : <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/a-mensagem-da-roupa-escolhida-por-janja-para-a-posse-de-lula/>. Acesso em 07 de janeiro de 2023.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FONSECA, Ciro Leandro Costa; CARDOSO, Sebastião Marques. Sob o signo da coroação: a carnavalização na cultura Afro-brasileira. In: CARDOSO, Sebastião Marques; SILVA, Elen Carla Sousa; CARVALHO, Maria Edneide Ferreira (org.). **Na casa da ficção: textos sobre cultura e literatura africana e afro-brasileira**. Curitiba, CRV, 2018.

G1. Lula toma posse diante de centenas de milhares, recebe a faixa de representantes do povo e defende a democracia. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/01/lula-toma-posse-diante-de-centenas-de-milhares-em-brasilia-reafirma-compromissos-de-combate-a-pobreza-e-defende-a-democracia.gh.html>. Acesso em: 04 de jan. 2023.

G1. Saiba quem são os representantes do povo brasileiro que entregaram a faixa para Lula. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/01/cachorra-resistencia-sobe-a-rampa-com-lula.ghtml>. Acesso em: 05 de jan. 2023.

GUERREIRO, Alexandre Silva. A Carnavalização no cinema: uma abordagem a partir do ideário bakhtiniano. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**. V.18 n 38, 2019. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: www.ufsm.br/animus. Acesso em: 04 jan. 2023, p. 153 – 171. <https://doi.org/10.5902/2175497735176>,

MEDEIROS, Marcos de. Paródia/Carnavalização e função poética em a Invenção do Brasil. **Intexto**. Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1 -14, julho/dezembro de 2005, p. 1 - 14.

O Povo. Veja quem são as pessoas que subiram a rampa com Lula e entregaram a faixa ao presidente. Disponível em: <https://vejahistorial.blogspot.com/2022/12/uncisal-processo-seletivo-para.html>. Acesso em: 05 out. 2022.

SACRAMENTO, Igor. A carnavalização na teledramaturgia de Dias Gomes: a presença do realismo grotesco na modernização da telenovela. **Intercom – RBCC**, v.37, n.1, p. 155-174, jan./jun. 2014, p. 155-174. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/1886/1681>. Acesso em: 05 out. 2022. <https://doi.org/10.1590/S1809-58442014000100008>

SANTOS, André Cordeiro dos. Linguagem e construção de sentido: o dialogismo como característica base da interação verbal. **Odisseia**, Natal, RN, n. 15, jul.-dez. 2015, p. 18-30. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/9585/7227>. Acesso em: 19 de jul. 2023.

SOERENSEN, Claudiana. A Carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin. **Travessias, Cascavel**, v. 5, n. 1, 2017, p. 318 – 331. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4370/3889>. Acesso em: 03 jan. 2023.

ESCREVENDO COM O TATO: A CONQUISTA DA AUTONOMIA DE ALUNOS CEGOS NA APRENDIZAGEM DA ESCRITA CURSIVA

Eliane Maria Dias (UERN)

elianedays@hotmail.com

Aldeci Fernandes da Cunha (UERN)

fernandescunha@uern.br

Wellington Vieira Mendes (UERN)

wellingtonmendes@uern.br

1. PARA INÍCIO DE CONVERSA...

A conquista da autonomia por parte das pessoas com deficiência visual (DV) pressupõe a superação de desafios de aprendizagens específicas que visam atender às peculiaridades pertinentes às limitações impostas pela deficiência. Do mesmo modo, as habilidades e potencialidades desenvolvidas nesse processo oportunizam um novo olhar, novos horizontes nas interações sociais. Aperfeiçoar a escrita cursiva é uma experiência que capacita a desafiar as limitações, permitindo-lhe a autoafirmação na sociedade na qual está inserida.

Assim, pensar o processo de autonomia dos/as estudantes com deficiência visual, emerge oportunizar uma prática pedagógica que possibilite o ensino da escrita a partir dos contextos de uso, em que cada estudante vivencia sua experiência individual, social e cultural. Uma escrita que parta, não de uma abordagem centrada numa gramática preestabelecida, com padrões e normas, mas em uma perspectiva que valorize os cotidianos e os saberes vivenciado e experienciados pelos sujeitos.

É pertinente afirmar que o ensino numa perspectiva inclusiva pressupõe a viabilização da conquista da autonomia e da superação de barreiras por parte dos alunos. A aquisição da aprendizagem da assinatura do nome, de próprio punho, por parte de alunos cegos, garante-os a participação e o efetivo exercício da cidadania. Dessa forma, os sentidos remanescentes são sobremodo relevantes neste processo, dentre eles, o tato. Este estudo parte da reflexão de

comprender os sentidos produzidos pelos estudantes cegos em suas escritas cursivas, a partir de seus contextos de cultura e de situação, como ênfase na metafunção ideacional, na perspectiva dos estudos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), desenvolvido por Halliday (2014).

Este estudo é proveniente de um projeto realizado em um centro de apoio especializado para pessoas com deficiência visual, no município de Mossoró/RN, em que em situações de constrangimentos vivenciados pelos alunos com deficiência visual, percebíamos as suas impossibilidades de assinarem o nome em situações do cotidiano, tendo que inserirem somente a impressão digital em documentos. Assim, foram contextos e situações vividos por eles, que nos impulsionou a realização de um projeto voltado para o trabalho com a escrita cursiva.

Partindo disso, esta pesquisa visa identificar como são construídos os sentidos produzidos nas escritas cursivas de estudantes com deficiência visual, por meio da metafunção interpessoal. Para isso, o estudo teve como objetivo identificar como são construídos os sentidos produzidos nas escritas cursivas de estudantes com deficiência visual, por meio da metafunção ideacional.

Para a realização deste estudo, buscamos aporte nos seguintes autores: Bruno e Mota (2001), Sá et al (2007), Brasil (2015), Halliday (1989), Fuzer (2014), Souza e Mendes (2019), Dias (2020), e Cunha (2023), de modo a articular as discussões acerca do processo de aquisição e ou construção da escrita cursiva por alunos com deficiência visual, tendo como base a discussão linguística proposta pela Linguística Sistêmico-Funcional.

No estudo, adotamos os princípios da pesquisa qualitativa, por compreender que é o estudo qualitativo que melhor se aproxima do estudo que realizamos, visto que, por meio desse tipo de pesquisa, mergulhamos em todo o contexto de realização do trabalho investigativo. Tornaram-se sujeitos colaboradores participantes da pesquisa, 04 (quatro) alunos que são atendidos no centro de apoio especializado, no município de Mossoró/RN, e para a organização das informações, fizemos o uso da entrevista e da análise das escritas cursivas dos estudantes, de modo a atender ao objetivo proposto. No referido estudo, identificamos que eles atribuem uma importância à escrita cursiva, tendo em vista, ser a porta de entrada para o mercado de trabalho, como também para sua relação com o outro.

Por meio da metafunção ideacional, entende-se, que os sentidos produzidos pelos estudantes em suas escritas, revelam a relação com o contexto de situação e de cultural, manifestados por meio do significado experiencial (sistema de transitividade) e

nas relações lógico-semânticas, como definidas pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF).

Como o estudo, trazemos a discussão sobre a importância da escrita cursiva para o estudante com deficiência visual, ao mesmo tempo, caminhos possíveis por meio da LSF, de pensar ou de redimensionar o trabalho com a escrita cursiva por meio do tato, de partir dos processos experiências vivenciadas pelos estudantes.

2. O ENSINO/APRENDIZAGEM DA ESCRITA CURSIVA E A LSF COMO POSSIBILIDADE DE AUTONOMIA DA PESSOA COM DEFICIENCIA VISUAL

A independência e autonomia são sobremodo importantes para a conquista da autoestima, autoconfiança e autoimagem das pessoas com deficiência visual. A falta do conhecimento e aprendizagem da escrita em tinta, cursiva, para a aprendizagem da assinatura do nome, impossibilita a efetivação da cidadania em igualdade de condições em relação às pessoas videntes⁸. Conforme Sá, Campos e Silva (2007, p. 46),

O ensino da escrita cursiva em tinta para pessoas cegas é importante, seja para escrever o nome por extenso, reconhecer letras e números, ou formar palavras e sentenças, facilitando a comunicação com as pessoas que enxergam. A escrita do nome, de números e de pequenas anotações tem uma utilidade e uma função social [...] representando emancipação, independência, responsabilidade. A assinatura contribui significativamente para o fortalecimento da autoestima, afirmação de identidade e legitimação da cidadania.

A pessoa com deficiência visual, assim como as demais pessoas, almeja independência em todos os sentidos. É constrangedor para elas dependerem de outros para movimentarem sua conta bancária ou assinarem documentos, através de procuração. Vale ressaltar que, quando a pessoa não tem tal habilidade e usa a impressão digital, vem

⁸ Que, ou quem vê; que, ou quem tem visão (por oposição a cego). Fonte: www.dicio.com.br/vidente/

impresso no documento o carimbo «não alfabetizado», ou, em alguns casos, “Deficiente Visual”, independente do seu grau de escolaridade.

Assim, conseqüentemente, a falta desse aprendizado se torna uma lacuna que, em algumas situações leva as pessoas com deficiência visual a passarem por constrangimentos e falta de privacidade por não terem tal habilidade.

Essa reflexão possibilita pensar o trabalho didático-pedagógico com a escrita cursiva com estudantes com deficiência visual, a partir de elementos que possibilitem compreender o processo de construção e ou aquisição da língua(gem), numa perspectiva de contexto de uso dos falantes da língua, seja ela oral ou escrita. Um contexto didático-pedagógico, que não se limite aos padrões de um ensino de gramática que estejam presos a padrões e a normas, desconsiderando as experiências construídas pelos sujeitos.

Na Lei Brasileira da Inclusão – LBI Nº 13.146, de 2015, em seu Art. 3º, inciso V, trata da definição de comunicação. São garantidas variadas formas de interação entre os cidadãos. Certamente, todas elas visam ao acesso e participação de todos/as na sociedade. Para melhor entendimento de tudo o que foi exposto, é importante conhecer como se dá esse processo de aprendizagem por meio do tato, conforme Dias (2020, p. 44),

A escrita cursiva é o processo de aprendizagem da assinatura do nome de próprio punho. Os materiais utilizados para essa finalidade são: o guia de assinatura do nome, as letras do nome da pessoa em EVA ou utilizando outro material (alfabeto móvel), o nome da pessoa em relevo (feito com cordão/barbante, tinta em relevo numa folha de papel ofício etc.), lápis grafite ou caneta e papel. O trabalho inicia-se através da manipulação do nome e das letras para seu conhecimento e, em seguida, iniciar o exercício da escrita. Sua aprendizagem se dá com exercício do manuseio do nome em relevo feito com barbante, tinta relevo etc., de forma ampliada para, depois, exercitá-lo dentro do guia de assinatura.

Compreendendo que a escrita cursiva dos estudantes com DV, carrega em si, processos linguísticos de sua vivência e experiência com a aprendizagem da escrita, e é, portanto, “[...] a configuração de significados que acontece por causa de uma situação” (Fuzer e Cabral, 2014, p. 25). O trabalho com o

ensino da escrita cursiva como uma prática de autonomia para o estudante com DV, deve assim, estar articulado com as situações emergentes dos estudantes, de suas atividades cotidianas como, por exemplo, assinar documentos.

Segue, abaixo, uma imagem - registro fotográfico do momento de exercício da escrita cursiva de um dos alunos. A imagem apresenta um caderno sobre a mesa e notam-se várias linhas já assinadas/escritas por ele. Sobre o caderno, duas mãos. Na mão direita, uma caneta com a ponta introduzida no espaço vazado do guia de assinatura que está sobre o caderno (o guia de assinatura foi produzido em madeira/mdf, pelo próprio aluno). A mão esquerda está sobre a borda esquerda do guia.



Fonte: Diário de Pesquisa, 2023

É importante dizer que existem guias disponíveis, na instituição, feitos com alumínio, e que a professora também confecciona em cartolina guache para utilizá-lo em formações continuadas de professores. Entende-se, assim, que o trabalho com a escrita cursiva, deve envolver as questões sociais em que o sujeito com DV está inserido. Nesse sentido, existe uma articulação entre a linguagem, o texto e o contexto, de modo que seja configurado um status de um lugar social no processo de aquisição e ou desenvolvimento da escrita cursiva por parte do estudante com DV.

Assim, a possibilidade pedagógica da aprendizagem da escrita cursiva contribuir para a autonomia do estudante com DV surge dessa articulação, não só apenas com a forma e ou estrutura em que o estudante produz sua escrita cursiva, mas de sua motivação pessoal provenientes das necessidades sociais e culturais vividas e

experienciadas por elas nas diversas situações. E, assim, a partir da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), que concebe a língua(gem) como um “[...] recurso para fazer e trocar significados, utilizada no meio social de modo que o indivíduo possa desempenhar papéis sociais” (Fuzer e Cabral, 2014, p. 21), constroem-se caminhos e/ou alternativas que contribuam para um trabalho com a escrita cursiva que valorize os contextos situacionais e culturais dos estudantes com DV em seu processo de aquisição da escrita.

Para a LSF, os elementos linguagem, texto e contexto, estão articulados um com o outro. A linguagem enquanto um processo semiótico, que se centra na diversidade e na funcionalidade, que por sua vez vai se materializando no texto, o que é concebido “[...] como um objeto em si mesmo e como um instrumento para atingir um fim” (Fuzer e Cabral, 2014, p. 24).

O texto em sua materialização, é resultado dos sentidos produzidos pelos sujeitos, em seus contextos, sejam eles de situação e ou de cultura. Segundo Fuzer e Cabral (2014, p. 27), o contexto de situação é o “ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando.” Já o contexto de cultura “[...] refere-se não só a práticas, mas amplas associadas a diferentes países e grupos étnicos, mas também a práticas institucionalizadas em grupos sociais, como a escola, a família, a igreja, a justiça, etc.” (Fuzer e Cabral, 2014, p. 28).

Estudos desenvolvidos por Cunha (2023), acerca da influência dos contextos de cultura e de situação em produções escritas de estudantes surdos, revelam que as escritas dos sujeitos, manifestam experiências e aprendizagens vividas nas mais diversas situações advindas de diversos espaços sociais e culturais, do ambiente de trabalho, dos grupos de amigos, e principalmente da experiência com o ensino e a aprendizagem da escrita. Isso permite compreender que o ensino e a aprendizagem da escrita cursiva por parte do estudante com DV, recebe influência dos sentidos produzidos por esses estudantes durante o processo de aquisição da escrita, sejam elas advindas de lacunas sociais, de suas necessidades, como também de como é conduzido o trabalho pedagógico acerca da escrita cursiva.

Nos estudos da LSF, ao apontar o contexto de situação, como um contexto que influencia na funcionalidade do uso da língua(gem), Halliday (1989, p. 12), define que o contexto de situação é composto por três variáveis: campo, relação e modo. De acordo com Fuzer e Cabral (2014, p. 30), a variável de *campo*, entende-se como “[...] a atividade que está sendo realizada pelos sujeitos, a natureza da ação social que está ocorrendo”, enquanto a variável *relações*, “[...] envolvem os participantes, a natureza dos papéis que desempenham, o grau de controle de um participante sobre o outro”, e a variável

de *modo*, “refere-se à função que a linguagem exerce e ao veículo utilizado naquela situação”.

Essas manifestações oriundas dos contextos de situação e ou de cultura, são concebidas pela LSF como metafunções da linguagem, às quais, apresentamos no gráfico a seguir:

Quadro 1: Variáveis do Contexto Situacional e as Metafunções da Linguagem

Variáveis do contexto de situação	Metafunções da linguagem
Campo Ideacional	•
Relações Interpessoal	•
Modo	Textual

Fonte: Retirado de Fuzer e Cabral (2014, p. 32).

As metafunções da linguagem, não ocorrem em momentos distintos, elas estão sempre articuladas no processo de aquisição e ou construção da língua(gem), uma vai se configurando na outra, uma não acontece sem a outra.

Conforme apresentado em Fuzer e Cabral (2014, págs. 33 a 34), a *metafunção ideacional*, se apresenta por meio das funções experiencial e lógica; a *metafunção interpessoal*, refere-se às relações presentes no processo de língua(gem), enquanto a *metafunção textual*, é a própria organização da mensagem.

Seguindo o prisma de reflexão, tomando como ponto de partida que a escrita cursiva dos estudantes com DV carregam elementos de seus contextos de uso, de funcionalidade da escrita, é importante ressaltar o que dizem Souza e Mendes (2019, p. 73), que “As situações de uso da língua configuram *per se* o objeto principal de qualquer análise funcionalista.”. Percebe-se, no entanto, a importância e a contribuição de um trabalho com escrita cursiva com estudantes com DV, alicerçado em uma abordagem linguística que conceba a língua(gem) que valorize a diversidade e, conseqüentemente, construa caminhos didáticos e metodológicos a partir desses saberes diversos que se fazem presentes nos contexto de vida dos estudantes.

3. A PESQUISA: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Compreender a pesquisa como um diálogo necessário para construir caminhos possíveis, leva-nos a percebermos as emergências e as ausências no processo de inclusão e de construção da autonomia das pessoas com deficiência, em especial, aqui, as pessoas com deficiência visual.

E foi a partir dessa reflexão, que realizamos um estudo acerca do processo de construção e ou aquisição da escrita cursiva por parte de estudantes com DV, de modo que que conceba a aprendizagem da escrita como elemento de emancipação e de autonomia.

Assim, de modo a atender a questão de estudo e o objetivo proposto, esta pesquisa adotou os princípios da pesquisa qualitativa, por compreender que esse tipo de pesquisa é a que mais se aproxima da discussão e da reflexão teórica que propomos. Com o estudo qualitativo, pudemos vislumbrar caminhos e pensar a partir das escritas dos estudantes com DV, que sentidos eles produzem ao se aperfeiçoar ou até mesmo quando aprendem/desenvolvem a escrita cursiva.

Como já dito, na parte inicial deste trabalho, o estudo foi realizado em um centro de apoio especializado para pessoas com deficiência visual, no município de Mossoró/RN-Brasil, junto a 04 (quatro) estudantes atendidos no centro especializado. É importante frisar, que este estudo é fruto de um projeto realizado por uma professora do Sistema Braille, e elaborado a partir de situações vivenciadas pelos estudantes cegos, que precisavam aperfeiçoar a assinatura, aprender a rubricar para conseguirem assinar o nome em documentos oficiais e em outras situações que geravam constrangimento pessoais, por estar registrado na carteira de identidade: “Não Alfabetizado” ou até mesmo constar no documento que não assina por ser “Deficiente Visual”.

Para realização do estudo, fizemos o uso de uma entrevista, a qual foi organizada por meio de um roteiro, com 05 (cinco) perguntas. O momento da entrevista ocorreu por meio de uma dinâmica, em que iniciamos nossos diálogos com reflexões sobre a importância da escrita cursiva. Durante a conversa e a dinâmica, fomos fazendo os questionamentos aos estudantes.

Como forma de preservar a identidade dos sujeitos envolvidos no e com o estudo, estamos nomeando-os como: E1 (G.A.S.), E2 (J.F.O.N.), E3 (S.L. M.D.) e E4 (W.B.O.).

As informações construídas juntos aos estudantes com DV, são apresentadas a seguir:

Quadro 02: Roteiro da Entrevista com Estudantes com Deficiência Visual.

Para você, o que é Escrita Cursiva?

Qual seu maior desafio no processo de aprendizagem da Escrita Cursiva?

Quais suas maiores dificuldades em relação à assinatura de seu nome?

Fale da importância da autonomia para as pessoas com deficiência na escrita/assinatura do nome.

Relate algumas experiências vivenciadas nos momentos de assinatura de documentos.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores-2023.

O roteiro de perguntas, surgiu de momentos anteriores vividos junto aos estudantes, em que eles relatavam situações de constrangimento ocorridos devido à ausência da aprendizagem da escrita cursiva, situações essas que influenciaram no despertar para a necessidade aprender esse tipo de escrita, e assim compreender a sua importância social.

Quadro 3: Respostas dos Estudantes com Deficiência Visual Acerca do Processo de Aquisição da Escrita Cursiva.

RESPOSTAS - E1 (G.A.S.)
a) É você ter a escrita normal que aprendeu na escola. Aprender a assinar o nome. b) Aprender e desenvolver cada vez mais minha assinatura e escrever mais alguma coisa. c) A maior dificuldade é o problema da visão. d) É importante. É muito ruim chegar em um canto e você não saber assinar. É constrangedor. e) É gratificante. Chego nos cantos e já assino. As pessoas se admiram ao me verem assinando o nome.
RESPOSTAS – E2 (J.F.O.N.)
a) É você escrever com o próprio punho. No meu caso, que sou pessoa com cegueira, utilizo a assinatura do próprio nome. b) Dar continuidade à prática da escrita, uma vez que não precisamos utilizar diariamente. c) A minha maior dificuldade é ter a certeza de que as letras em formato circular ficaram fechadas, uma vez que sempre fico em dúvida se ficou no formato legível. d) Consiste em eu poder me autorrepresentar, tal como, na assinatura de contratos, principalmente em serviços bancários, mas em prestadoras de serviços como internet, telefonia, TVs, aluguéis etc. e) Já tive experiência de descrédito ou de discriminação, num guichê de um estabelecimento bancário, ou atendente, em que chamou a gerente do setor, antes mesmo de eu assinar, para ver se minha assinatura poderia ser válida. Em contrapartida, já tive experiência positiva, ao fazer a segunda via da identidade (RG), onde após fazer a primeira assinatura, o atendente ficou tão impressionado, admirado, empolgado ao ponto de chamar a colega que estava mais próximo para ver que eu assinava. Outra situação foi em um supermercado, em que eu precisava fazer a validação de um cartão e necessitaria assinar. No balcão de atendimento, todos os que estavam aguardando atendimento, até mesmo os que estavam sentados, levantaram-se e foram me ver assinando, e comentavam em tom de cochicho como era interessante um cego assinar.

RESPOSTAS – E3 (S.L. M.D.)
a) É um método, técnica de escrita. b) Reduzir o tamanho da letra e adquirir mais segurança ao me deparar com espaços reduzidos. c) Em relação ao espaço e adequar o tamanho do espaço disponível, ao nome completo. d) Privacidade. É magnífico e simples assinar, mas é constrangedor me deparar com a necessidade de uma segunda pessoa para poder assinar. e) O carteiro não me deixou assinar. Falou que eu não resolvia nada e que chamasse minha mãe, mesmo a casa sendo em meu nome e o documento sendo em meu nome. Comercializo suplementos e roupas para academias de ginástica, e toda semana recebo entregas, mas já desisti de assinar, porque é sempre um constrangimento. Ao chegar encomenda para minha irmã, fui assinar e o carteiro não aceitou, mandou-me chamar outra pessoa. Em nenhum lugar é tranquilo para assinar... Ficam pessoas olhando, admiradas, depois me premiam com café. Achem que fiquei cansado ao assinar, oferecem água. Se tiver carimbo, automaticamente a minha mão é conduzida por alguém para fazer a impressão digital. Ao doar sangue e medula, precisei assinar umas cinco vezes, depois percebi que a assistente social ficou com pena de mim e me ofereceu mais lanche do que normalmente oferecem no lanche.
RESPOSTAS – E4 (W.B.O.)
a) É qualquer nome ou frase que eu escreva, seja ela minha rubrica, meu nome completo ou frases, usando caneta ou lápis grafite e o guia de assinatura. b) É que as letras fiquem bem visíveis para todos entenderem. c) Dificuldade de deixar a letra mais legível. d) A maior importância dessa autonomia pra mim é poder assinar é não estar colocando a minha digital. e) Nos cartórios, muita gente ficou admirada de como eu ia assinar sem enxergar nada; No INSS também teve muita gente que se admirou ao me ver assinando com o guia de assinatura.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores- 2023.

As informações construídas a partir das questões apresentadas no quadro 2, apontam que os estudantes têm uma noção do que seja a Escrita Cursiva, eles percebem o desafio que é adquirir tal habilidade, reconhecem as dificuldades enfrentadas no percurso da aprendizagem e destacam a importância dessa atividade para a autonomia na escrita do nome de próprio punho.

Ao serem questionados sobre o que é a Escrita Cursiva, percebemos nas respostas dos estudantes, que cada um deles usa de seu contexto de situação e de cultura para conceituar e para definir a importância de uma escrita cursiva para a pessoa com deficiência visual. Para a questão sobre o “maior desafio no processo de aprendizagem da Escrita Cursiva”, identificamos nas falas dos nossos colaboradores que o uso da escrita cursiva não é, por muitas vezes, uma prática contínua em seus cotidianos, o que termina influenciando sua aquisição e ou prática, como também, percebe-se que existe uma preocupação por parte do estudante com DV em relação à escrita cursiva, que precisa estar escrita de forma clara e visível para o leitor, ou seja, existe uma preocupação de quem escreve em relação ao leitor, se está ou não entendendo a escrita.

Os estudantes, com base no construído na pesquisa, percebem e sentem a necessidade da aprendizagem da escrita cursiva, não como forma de deixar de lado a escrita braille, mas de se fazer presente em uma sociedade de videntes, para eles, a escrita cursiva contribui para a construção de uma autonomia na escrita, permitindo-lhes participarem mais ativamente no mundo da escrita vidente.

Essa discussão se faz bem presente, quando se pede para relatar sobre “alguma experiência vivenciada nos momentos de assinatura de documentos”, e interpretamos em suas falas que existe uma satisfação pessoal da pessoa com DV, quando alguém pensa que ele é incapaz de assinar seu nome e ele mostra ao outro que consegue e que é capaz de fazer qualquer coisa.

Em cada informação construída junto aos estudantes, percebemos que eles produzem sentidos e significados em suas escritas cursivas. Elas manifestam questões pessoais que são produzidas a partir de suas experiências individuais, sociais, históricas e culturais, ao mesmo tempo, trazem elementos de como o ensino da escrita cursiva foi trabalhado em sua aprendizagem inicial.

Assim, a partir das falas dos estudantes participantes, construímos as seguintes informações a partir da LSF, nas categorias contexto de situação, de cultura e da metafunção ideacional, que se fazem presentes no processo de autonomia do estudante com DV por meio da escrita cursiva, conforme é apresentado no quadro a seguir.

Quadro 4: Contexto de Situação e de Cultura e os Elementos da Metafunção Ideacional nas Escritas Cursivas dos Estudantes com DV.

Contexto de Situação	Contexto de Cultura	Elementos da Metafunção Ideacional
Situação de constrangimento; As exigências da sociedade vidente; As regras preestabelecidas sobre o uso padrão da escrita.	As práticas escolares culturalmente construídas; As questões capacitastes presentes no cotidiano da pessoa com DV.	As experiências individuais dos sujeitos; Os sentidos atribuídos à escrita cursiva; Os padrões de ensino da escrita cursiva na escola (função lógica).

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores-2023.

Entende-se, assim, que os processos discursivos e de aquisição/construção da escrita cursiva pelo aluno com DV, perpassa a ideia de apenas colocar à disposição do aluno os instrumentos necessários, como caneta, folhas de ofício ou caderno, guia de assinatura, mas também, emerge a necessidade de perceber em cada estudante os sentidos que ele constrói ao manifestar o interesse pelo uso da escrita cursiva. Nesse sentido, percebe-se a importância de um ensino que possibilite o aluno a vivenciar seus contextos durante sua aprendizagem.

Portanto, à luz da linguística sistêmico-funcional, entendemos que o uso da escrita cursiva por parte do estudante com DV, deve ser compreendido um ensino que deve emergir dos contextos de uso, em que ele vivencia a escrita, em suas diversas experiências, para assim, contribuir para com sua autonomia e vivenciar práticas de escrita exigidas pelo mundo dos videntes.

4. CONCLUINDO SEM CONLUIR...

Colaborar com o processo de aprendizagem dos alunos no desenvolvimento da escrita cursiva é um privilégio. A consciência da necessidade fundamental do domínio da

assinatura do nome de próprio punho, por parte dos alunos, foi o ponto alto e motivador para a elaboração desta pesquisa.

No estudo realizado, percebemos, junto aos pesquisados, a importância da aquisição e ou construção da escrita cursiva por parte dos estudantes com deficiência visual, para a sua autonomia, como também como uma garantia de direito de participar do processo de escrita das pessoas videntes.

Essas reflexões foram construídas, não de forma isolada, mas a partir do referencial teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, que possibilitou compreender que, por meio da aprendizagem da escrita cursiva, existe uma produção de sentido que provoca o interesse do estudante com DV pela aprendizagem, remetendo-nos à discussão sobre a necessidade de uma proposta pedagógica para o ensino do português escrito pelos não videntes, e que essa proposta esteja articulada com uma perspectiva teórica que oportunize compreender a importância das experiências vividas pelos estudantes em seus diversos contextos sociais, culturais e históricos.

O estudo aqui, por meio da LSF, apresenta-se como um caminho possível para compreender o processo de ensino e aprendizagem da escrita para com alunos com deficiência visual, e ao mesmo tempo, contribuir para a inclusão social das pessoas com deficiência na sociedade, com suas regras e padrões preestabelecidos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). - Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm. Acesso em 12. Jan. 2024.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia; MOTA, Maria Glória Batista da. **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual**. v. 3, fasc. IV. Brasília, DF: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Especial, 2001.

CUNHA, Aldeci Fernandes da. **Configurações subjetivas e produção escrita de estudantes surdos: uma perspectiva sistêmico-funcional**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2023.

DIAS, E. M. **Inclusão Escolar de Alunos Cegos – Interface entre o Ensino Comum e o Atendimento Educacional Especializado**. Curitiba: CRV, 2020.

FUZER, C. CABRAL, S.R.S. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

HALLIDAY, M.A.K. **Introduction to Functional Grammar. fourth edition**. USA and Canadá: Routledge, 2014.

SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Maria Izilda de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Atendimento educacional especializado: Deficiência Visual**. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

SOUZA, M. M. de., MENDES, W. V. **Linguística Sistêmico-Funcional: contextos, usos e significados**. Macabéa – Revista Eletrônica do Netili, Crato, v. 8, n., 2019, p. 603-619e Mendes (2019).

ESTUDOS SURDOS EM TEXTOS CIENTÍFICOS: TRADUÇÃO DE TERMOS SIMPLES EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA TERMOS COMPOSTOS EM LIBRAS

Victor Rafael do Nascimento Mendes (UERN)

vrnmendes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos 20 anos, os estudos surdos ganharam notoriedade na comunidade científica brasileira. Por meio de textos, escritos em língua portuguesa, com ênfase para o gênero artigo científico, termos simples foram transformados em termos compostos quando traduzidos para a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A partir dessa constatação, e com base em nossas leituras dos estudos surdos no Brasil, surgiu-nos a seguinte questão: quais são os principais termos simples escritos em língua portuguesa que, quando traduzidos para a Libras, se tornam compostos?

Com a questão formulada, delimitamos o objetivo geral em constatar quais são os principais termos simples, escritos em língua portuguesa, que se tornam compostos quando traduzidos para a Libras. Especificamente, em realizar um compilado de termos simples em língua portuguesa e de termos compostos em Libras dos estudos surdos no Brasil; e apresentar um vocabulário bilíngue (Língua Portuguesa-Libras) de termos simples e compostos dos estudos surdos no Brasil.

Teoricamente, nos filiamos às discussões de Cabré (1993; 1999; 2003), acerca da Teoria Comunicativa da Terminologia, que trata do aspecto comunicativo-contextual para o paradigma de coleta e de definição de um termo; e em Barros (2004), sobre a abordagem de unidades terminológicas simples e compostas.

Os dados foram coletados do *corpus* TER-Libras, constituído por Nascimento-Mendes (2019). Para a organização estrutural do vocabulário, seguimos as proposições de Krieger; Finatto (2019), especificamente acerca dos aspectos macroestruturais, medioestruturais e microestruturais.

Como resultado, constatamos a presença de 13 unidades terminológicas simples que, quando traduzidas para a Libras, se tornam compostas. Verificamos também que o aspecto comunicativo influencia para a composição em Libras, já que as unidades ganham valor terminológico por meio do contexto de uso. Quanto ao vocabulário, este possui 13 termos (Língua Portuguesa), organizado em ordem alfabética e linear, e, a título de exemplo, 03 unidades em escrita de sinais da Libras, de modo que oportunize ao leitor vislumbrar uma amostragem de quando o vocabulário estiver finalizado.

A título de informação, este trabalho está organizado em cinco seções: 1. Introdução, em que apresentamos a questão, objetivos e bases teórico-metodológicas da pesquisa; 2. Discussão teórica amparada na Teoria Comunicativa da Terminologia; 3. Organização metodológica, desde a constituição do *corpus* à seleção dos termos; 4. Apresentação dos dados, evidenciando as unidades terminológicas simples e compostas que foram encontradas; e, por fim, 5. Conclusão, em que constam: resposta à pergunta inicial, verificação dos objetivos e principais achados.

2. TEORIA COMUNICATIVA DA TERMINOLOGIA

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) foi desenvolvida por Maria Teresa Cabré Castellví durante os anos de 1993 a 1999. A TCT surgiu, como afirma Santiago (2007, p. 31), motivada pelas “mudanças no âmbito da linguagem e no âmbito socioeconômico. [...] Como consequência, tem-se o fácil acesso ao público em geral e às áreas muito especializadas”. Por este motivo, consideramos a TCT atual e à frente das outras proposições teóricas terminológicas (sem, obviamente, desmerecê-las) por acompanhar o avanço tecnológico, científico e econômico, tão importante para o mundo pós-moderno em que (con)vivemos, sobretudo pelo fácil e rápido acesso às informações.

Como vimos, é perceptível, nos dias de hoje, que as teorias precisam se ajustar ao avanço social, econômico e tecnológico, principalmente quando tratamos de pesquisa e estudos voltados para a área da linguagem, que é uma rede condutora desses avanços. Hoje, por meio destas evoluções, o acesso à comunicação especializada ganhou um maior número de leitores, usuários e consultentes, precisando de maior (in)formação e estudos acerca desses aspectos.

Baseada nessas discussões, a TCT tem por principais objetivos compreender as unidades terminológicas, e não os conceitos isolados;

e considerar os aspectos linguísticos, cognitivos e sociais do termo que são construídos em meio aos processos comunicativos de usos da linguagem especializada.

A TCT não delimita e não isola o termo de palavra em se tratando do aspecto morfosintático e do funcionamento da linguagem, pois os termos e as palavras não se diferenciam enquanto itens lexicais, uma vez que são as situações comunicativas que sugerem a definição terminológica com o valor especializado que as palavras adquirem nas línguas especializadas (Santiago, 2007).

Este processo valorativo pode ser definido por “terminologização” (Cabré, 1999), que, de acordo com Santiago (2007, p. 34), “[...] pode ocorrer também o inverso, a divulgação, vulgarização ou banalização, o que comprova o limite tênue, a quase inexistência de fronteira entre o léxico geral e o léxico especializado”.

Sobre a TCT, Cabré (1999a, p. 126) afirma:

Esta teoría, que llamamos Teoría Comunicativa de la Terminología, requiere que, tanto desde el punto de vista teórico como metodológico, se considere la variación lingüística en toda su dimensionalidad, se asuma la condición de adecuación de los términos y se integren los aspectos psicolingüísticos involucrados. (compartido con la perspectiva cognitiva) y elementos sociolingüísticos relacionados (compartido con la perspectiva social).

Cabré (1999a) afirma, então, quais são os princípios básicos que contemplam a TCT, apontando, desde o ponto de vista teórico ao ponto de vista metodológico, aspectos sobre os quais é necessário haver uma melhor compreensão do que se entende por variação linguística na produção especializada, como os aspectos sociolinguísticos e psicolinguísticos.

Para tanto, é importante que nós não compreendamos o termo, ou unidade terminológica, apenas do ponto de vista semântico, do léxico geral, mas levando em conta os aspectos sociocognitivos que estão afeitos a eles, o contexto pragmático em que estão inseridos, o uso, as ideologias presentes, os sujeitos e os propósitos comunicativos.

As unidades terminológicas, para Cabré (2003, p. 184-185), estão situadas em três pontos de observações: componente cognitivo, componente linguístico e componente comunicativo, determinados,

em cada um destes, algumas condições específicas que veremos no Quadro 01:

Quadro 01 – Observações sobre as unidades terminológicas segundo Cabré (2003).

1 PERSPECTIVA	2 CONDIÇÕES
<i>Componente Cognitivo</i>	a. eles dependem de um contexto temático; b. eles ocupam um lugar preciso em uma estrutura conceitual; c. seu significado específico é determinado pelo seu lugar nessa estrutura; d. esse significado é explicitamente fixo; e. este significado é considerado como uma propriedade da unidade; f. eles são fixos, reconhecidos e disseminados com a ajuda do especialista da comunidade.
<i>Componente Linguístico</i>	a. os termos são unidades lexicais, seja por sua origem lexical ou por um processo de lexicalização; b. eles podem ter estrutura lexical e sintática; c. como estruturas lexicais, eles exploram todos os dispositivos de formação de palavras e processos de aquisição de novas unidades; d. formalmente, eles podem coincidir com unidades pertencentes ao discurso geral; e. em relação à classe de palavras, eles ocorrem como substantivos, verbos, adjetivos ou advérbios ou estruturas nominais, verbais, adjetivais ou adverbiais; f. eles pertencem a uma das categorias semânticas amplas: entidades, eventos, propriedades ou relações; estas categorias com suas próprias subcategorias não necessariamente se excluem mutuamente e, portanto, devem ser considerados valores semânticos;

	g. seu significado é discreto dentro de um assunto especial; h. seu significado é extraído do conjunto de informações de uma unidade lexical; i. sua combinabilidade sintática é restrita com base na combinatória de princípios de todos os itens lexicais de uma linguagem.
<i>Componente Comunicativo</i>	a. os termos ocorrem no discurso especializado; b. formalmente, adaptam-se a esse tipo de discurso de acordo com suas temáticas e características funcionais; c. eles compartilham discursos especializados com unidades pertencentes a outros sistemas simbólicos; d. eles são adquiridos através de um processo de aprendizagem e, portanto, são tratados por especialistas em seu campo; e. eles são basicamente denotativos (o que não exclui conotações)

Fonte: Elaborado para esta pesquisa com base em Cabré (2003). Tradução nossa.

Como é possível observar no Quadro 01, a TCT é multidimensional, pois abarca e leva em conta, em arcabouço teórico e metodológico, principalmente pela complexidade e pelas multifaces do termo, três aspectos: o linguístico, que basicamente se organiza pelos critérios morfossintáticos, semântico e restrito aos itens lexicais; o cognitivo, que é estrutural e mais centrado no contexto de cultura em que o indivíduo está inserido; e o comunicativo, que ocorre com base no contexto especializado, adaptando-se conforme a situação e as circunstâncias de uso.

Em nosso trabalho, tivemos um olhar mais intensificado para o componente comunicativo, pois ele é essencial para compreendermos os sistemas comunicativos que nos levaram a definir os termos e realizar a coleta e a seleção das unidades terminológicas. São os sistemas comunicativos da linguagem, em seus contextos de uso especializado, a depender de diversas áreas temáticas, que definem os termos/unidades terminológicas.

Sobre este aspecto multidimensional, Cabré (2003, p. 190) diz que:

The language design of this linguistic theory must consider both competence and performance and, in addition, keep in mind the multidimensionality of all languages, separate from their political or social status. This multidimensionality presupposes to accept that languages cannot be reduced to grammars, that is, to structured systems that are the basis of all linguistic manifestations. In addition to being grammatical, languages are systems of identity, social organization and markers of political and economic situations. Thus, only a cognitive and functional linguistic theory, that is, a theory that, in addition to grammar, includes both semantics and pragmatics, is capable of describing the specificity of terminological units and, at the same time, their common elements with general lexical units. In addition, pragmatics are essential to explain the activation of the terminological meaning of lexical units⁹.

O que Cabré (2003) apresenta nesta citação vai ao encontro do que acreditamos para esta pesquisa. Não há, aqui, em momento algum, o desejo de compreender a unidade terminológica apenas na perspectiva morfológica, gramatical, semântica, sintática etc., sem antes entender em qual sistema comunicativo o termo está inserido/incluído, principalmente se levarmos em conta os domínios circunstanciais pragmáticos, propósitos subjetivos-ideológicos do sujeito e os objetivos do texto.

A depender da pragmática, uma só unidade terminológica pode ter diversos sentidos, significados e definições, e é justamente por este motivo que Cabré (1999; 2003) defende

9 O desenho da linguagem desta teoria linguística deve considerar tanto a competência quanto o desempenho e, além disso, ter em mente a multidimensionalidade de todas as línguas, independentemente de seu status político ou social. Essa multidimensionalidade pressupõe aceitar que as línguas não podem ser reduzidas a gramáticas, ou seja, a sistemas estruturados que estão na base de todas as manifestações linguísticas. Além de gramaticais, as línguas são sistemas de identidade, organização social e marcadores de situações políticas e econômicas. Assim, apenas uma teoria linguística cognitiva e funcional, ou seja, uma teoria que, além da gramática, inclua tanto a semântica quanto a pragmática, é capaz de descrever a especificidade das unidades terminológicas e, ao mesmo tempo, seus elementos comuns com o léxico geral unidades. Além disso, a pragmática é essencial para explicar a ativação do significado terminológico das unidades lexicais. (Tradução nossa)

que os termos sejam compreendidos e definidos com base em seus domínios/processos comunicativos. Fora desse contexto, a unidade terminológica tem apenas o *status* dos componentes cognitivos e linguísticos.

Não desejamos propor uma separação entre os componentes que tipificamos pontos observação da Terminologia, mas configurá-los em suas respectivas contribuições. É claro, e obviamente, que não se pode falar em Terminologia comunicativa sem falar da linguística ou do componente cognitivo, pois ambos são pilares de sustentação da TCT.

A importância da TCT neste trabalho se justifica pelo viés da comunicabilidade, uma vez que ao traduzir um termo simples em Língua Portuguesa para a Libras, a depender do contexto de uso, este se torna composto, precisando do intérprete-tradutor e/ou professor de Libras usar de outros léxicos da língua de sinais para expressar o sentido sugerido pelo termo simples escrito em Língua Portuguesa.

3. METODOLOGIA

Esta seção apresenta a organização metodológica de nosso trabalho, distribuído em três subseções, a saber: 1. Escolha e constituição do *corpus*; 2. Coleta dos candidatos a termos por meio do pacote computacional *Word Smith Tools*; e 3. Quantificação e organização dos candidatos a termos.

3.1 CORPUS DA PESQUISA

O material escolhido para constituir o *corpus* da pesquisa foi a Revista Virtual de Cultura Surda (RVCS), da Editora Arara Azul, que nos possibilitou constituir o *corpus* “Terminologia da Libras” (TER-LIBRAS). O critério que consagrou a escolha da referida revista se deu pelo fato de ser uma das mais conhecidas e referenciadas por estudiosos e pesquisadores da área de Libras no Brasil.

A RVCS tem diferentes opiniões e discussões teóricas dos estudos vinculados à língua de sinais do Brasil, com ampla divulgação,

acesso gratuito e veiculação entre os pesquisadores, especialistas e estudantes de universidades de faculdades do país. A RVCS é referência nacional em estudos surdos, principalmente quando o objetivo é divulgar pesquisas científicas feitas por pesquisadores e divulgadores da Libras, como, por exemplo, Neiva Albres; Ronice Müller de Quadros; Karin Strobel; e Gladis Perlin, que são professoras universitárias e estudiosas da Libras, importantes representantes no Brasil e no mundo.

Todas as edições da RVCS, publicadas até setembro de 2017, foram baixadas no formato de arquivo Portable Document Format (PDF) e, posteriormente, convertidas para a extensão arquivo em Text (TXT), sendo arquivadas em pasta no computador com o nome Revista_LIBRAS_, mais o número correspondente à edição, por exemplo: Revista_LIBRAS_01, para nos orientar, quando encaminhada para o *software Word Smith Tools* (WST) (Scott, 2008), em qual revista encontra-se determinado termo candidato. Esta etapa foi importante para que pudéssemos dar prosseguimento para o momento seguinte da pesquisa, quando usamos o WST no levantamento dos possíveis candidatos a termos.

O corpus da pesquisa ficou, pois, composto por 22 números eletrônicos, publicados entre os anos de 2007-2017 (período de 10 anos), que constitui um banco de dados para o levantamento/recenseamento dos possíveis candidatos a termos em artigos científicos dos estudos em Libras.

3.2 COLETA DE CANDIDATOS A TERMOS

Para verificar a presença de unidades terminológicas no corpus TER-Libras, achamos importante descrevermos o software, principalmente para quem está iniciando os estudos em Terminologia, sobretudo em Terminografia. O WST, criado por Mike Scott em 1996, publicado pela *Oxford University Press*, é um pacote de programas que consiste em três principais ferramentas, quais sejam: *WordList*, *Concord* e *KeyWords*.

Por meio dessas ferramentas, é possível fazer diversas análises de aspectos referentes à linguagem. O programa é pago, escrito em língua inglesa e é muito utilizado em pesquisas e estudos no campo da Linguística de *Corpus*, principalmente da Linguística Aplicada. Nesta pesquisa, o programa WST permitiu o levantamento dos candidatos a termos compostos da Libras, utilizados em artigos científicos de pesquisadores e estudiosos brasileiros, publicados na RVCS.

O *WordList* fez a listagem de palavras presentes no corpus da pesquisa, apresentando estatísticas dessas presenças, como, por exemplo, a frequência de uso da palavra em todo o material. Em nosso trabalho, utilizamos a ferramenta para que fosse possível verificar a quantidade de candidatos a termos presentes no corpus TER-Libras e, consequentemente, através destes, partirmos para a segunda ferramenta, o *Concord*.

No *Concord*, precisamos selecionar a palavra base (possível termo simples candidato) e solicitar a aplicação de concordância para verificar em que contexto o possível termo candidato está inserido. A partir da observação do contexto, com apoio nas palavras que estão ao lado direito e esquerdo do termo base, *right* e *left* em língua inglesa, respectivamente, é possível perceber a combinação do sintagma, que formará o possível termo composto (*clusters*) candidato. Por exemplo: na palavra “cultura”, ao utilizar o *Concord*, obtivemos, por meio de suas concordâncias, nos contextos de uso e frequências, “cultura surda”.

É também por meio do *Concord* que buscamos os contextos de uso do termo candidato, que nos auxiliam na compreensão de cada sintagma terminológico. Para a coleta dos candidatos a termos, em seus contextos de uso, a ferramenta nos orienta da seguinte forma: com a tela aberta, clicamos duas vezes em cima do termo candidato desejado, após isso, a ferramenta nos leva a uma outra tela, em que aparece o possível termo composto candidato inserido em seu contexto paradigmático.

Após estas etapas, realizamos uma seleção dos possíveis candidatos a termos com base em nossos objetivos de pesquisa, para que pudéssemos ser o mais fiel com os possíveis candidatos a termos que são específicos dos estudos surdos. Todas as áreas de estudos surdos foram contempladas, desde as teorias linguísticas às teorias biológicas, médicas, educacionais etc.

Em nossa seleção, observamos a frequência de uso dos possíveis candidatos a termos, as especificações e os critérios de objetivo de nosso trabalho, caso o possível termo candidato não se encaixasse em nenhuma destas seleções, seria suprimido, mas não descartado, uma vez que é possível que este possa servir para pesquisas futuras.

3.3 QUANTIFICAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS CANDIDATOS A TERMOS

Depois de ter utilizado o WST, copiamos os resultados obtidos em uma tabela no aplicativo *Microsoft Word*, com o intuito de quantificar as frequências de cada termo e de facilitar a disposição destes no vocabulário em ordem linear e alfabética, conforme orienta Barros (2004), quando discute sobre a forma de como organizar um dicionário, glossário, vocabulário etc. especializados, em plano macroestrutural.

Para a organização do vocabulário, utilizamos das orientações de Barros (2004), Finatto (1993), Pontes (2009) e Damim (2005) no que se refere aos aspectos que circundam todo o material, quais sejam: macroestrutura, médioestrutura e microestrutura, que serão mais bem explicadas nas seções seguintes.

4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A seleção dos possíveis candidatos a termos que compuseram o vocabulário ocorreu com base em dois critérios, a saber: que tivesse, no mínimo, dez frequências no *corpus*, e que apresentasse frequência de uso em, pelo menos, 11 revistas. Estes critérios oportunizaram maior credibilidade e cientificidade ao que estávamos realizando.

A escolha do primeiro critério é justificada pelo fato de que este possível termo candidato deve estar presente em pelo menos 0,1% de todo o *corpus*. O segundo critério tem justificativa na quantidade de edições que constituem o *corpus* (22 revistas), sendo a quantidade de 11 a metade, ou seja, 50% das revistas.

Após a seleção, com base nos critérios mencionados, obtivemos, para a constituição do vocabulário de termos dos estudos surdos, o resultado de 13 candidatos a termos simples escritos em língua portuguesa, que obterá o número de 26 quando traduzidos-interpretados para a escrita de sinais da Libras.

4.1 ORGANIZAÇÃO DO VOCABULÁRIO

Após o levantamento e coleta dos termos, passamos para o momento de organização estruturante do vocabulário, conforme os planos macroestrutural, medioestrutural e microestrutural.

4.1.1 Plano Macroestrutural

A macroestrutura corresponde a um conjunto de entradas em que consta a unidade lexical especializada. Geralmente, são apresentadas em ordem alfabética e na vertical ou horizontal. Além disso, é na macroestrutura onde constam as informações paradigmáticas referentes ao termo/unidade lexical, o que Biderman (1983), denomina de “lematização”.

Conforme Barros (2004, p. 151), a macroestrutura está relacionada

[...] às características gerais do repertório, ou seja, à estruturação das informações em verbetes [...] à presença ou não de índices remissivos, ilustrações setores temáticos, mapa conceptual e outros.

Na macroestrutura de nossa proposta de glossário, além seguir as orientações básicas da Norma ISSO/R 1087-1¹⁰ e a Norma ISSO/R 1087-2¹¹ (2000), consideramos importante que haja elementos imagéticos que possam auxiliar na compreensão e melhor entendimento da unidade terminológica, de modo a ilustrar, por meio da multimodalidade, recursos definitórios dos termos, assim como foi feito no dicionário de léxico geral da Libras, de Capovilla et. al. (2017).

Nesse sentido, seguiremos as orientações propostas por Barros (2004) e Biderman (1983), principalmente na disposição das entradas em ordem alfabética, contínua e linear, não levando

¹⁰ *Organisation Internationale de Normalisation. Vocabulaire Partie 1. Théorie et application.*

¹¹ *Organisation Internationale de Normalisation. Vocabulaire Partie 2. Application logicielles.*

em conta os espaços em branco, caracteres não-alfabéticos ou sinais diacríticos (apóstrofo, hífen, cedilha, til, acentos diferenciais e outros).

4.1.2 Plano Medioestrutural

O plano de organização medioestrutural é constituído por diferentes partes da obra. A medioestrutura articula a macroestrutura, a microestrutura e diversos componentes do glossário, a saber: material anteposto, material posposto e o material interposto em diálogo com o usuário/leitor/consulente da obra, no nosso caso, o glossário. É no plano medioestrutural onde as remissivas se situam, que têm por objetivo recuperar relações semântico-conceituais existentes entre as unidades terminológicas que constituem a nomenclatura do material terminológico.

4.1.3 Plano Microestrutural

A microestrutura é entendida como a organização de um conjunto de dados informativos que devem constar em um verbete, dispostos em paradigmas informacionais em torno do termo entrada. Para Barros (2004, p. 156), em se tratando da distribuição e redação de dados na microestrutura, é preciso considerar três elementos “[...] a) o número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico/terminográfico; b) a constância do programa de informações em todos os verbetes dentro de uma mesma obra; c) a ordem de sequência dessas informações.”

4.2 APRESENTAÇÃO DO VOCABULÁRIO

Este vocabulário possui 13 termos simples escritos em língua portuguesa. Os termos estão apresentados em ordem alfabética e linear, distribuídos em duas colunas. Na sequência, após a apresentação dos termos simples, temos 03 exemplos de termos compostos traduzidos para a escrita de sinais da Libras, de modo que permita ao leitor

vislumbrar a proposição do vocabulário quando finalizado¹². De acordo com os termos levantados, o vocabulário obteve entradas apenas nas seguintes letras: A, B, D, E, G, I, M e O. Abaixo, segue o vocabulário:

Tabela 01 – Apresentação do vocabulário de termos simples em Língua Portuguesa.

A	B
Alfabetização	Bilinguismo
Alfabeto	
Aparelho	
Articulação	
D	E
Deficiente	Escola
	Escolarização
G	I
Gênero	Ideologia
	Indivíduo
M	O
Método	Ouvinte

Fonte: Produção nossa.

Para a apresentação dos termos compostos em escrita de sinais da Libras, selecionamos três unidades, a saber: Alfabeto; Bilinguismo; e Indivíduo. A composição dessas três unidades se dá na composição de dois sinais em Libras para especificar o sentido do termo simples produzido em Língua Portuguesa. Vejamos:

12 O vocabulário finalizado será apresentado em trabalho futuro.

A

Alfabeto



B

Bilinguismo



I

Indivíduo



Como vimos, nessas três unidades temos a presença de dois sinais para especificar apenas um significado. No termo “Alfabeto”, na Libras é preciso especificar os seguintes sinais: “alfabeto manual + o sinal de datilologia”. É importante destacar que o alfabeto manual da Libras segue a ordem e as letras constantes no alfabeto latino.

Em bilinguismo, de acordo com a TCC, que sugere traduzir-interpretar o termo conforme o contexto de uso, percebemos o termo “Bilinguismo”, na maioria dos casos, se refere à metodologia do bilinguismo. Portanto, para a tradução desse termo, foi nesse necessário utilizar do sinal em Libras de “metodologia + bilinguismo/bílingue”.

No termo de “Indivíduo”, foi necessário utilizar dos sinais de “sujeito + pessoa”. O uso de sujeito refere-se ao fato de ter que realizar uma especificação de unidade, já que o termo está no singular. Na sequência, apresentamos o sinal de “pessoa”, de modo que seja possível perceber a especificação: uma pessoa = indivíduo.

Por fim, é importante dizer que as unidades terminológicas selecionadas só ganharam o sentido aqui atribuído em virtude do contexto de uso, constantes no universo do *corpus* TER-Libras, o que nos oportunizou verificar também que o aspecto comunicativo influencia para a composição, sendo possível não ser verificado em outros contextos.

5. CONCLUSÃO

Os estudos surdos em Libras seguem avançando, sobretudo pelo fato de sido popularizada nos últimos anos. Um número importante de pesquisadores e estudiosos, de diferentes áreas do conhecimento científico, tomam a Libras como objeto de estudo, aplicando diferentes métodos e teorias. Em tese, isso oportuniza a ampliação de unidades terminológicas nos estudos surdos, fazendo com que mais léxico especializado seja estudado, traduzido-interpretado.

Em nossa pesquisa, tivemos como questão inicial: quais são os principais termos simples escritos em língua portuguesa que, quando traduzidos para a Libras, se tornam compostos? Como resposta, constatamos a presença de 13 unidades simples que se tornam compostas quando traduzidas para a escrita de sinais da Libras. É importante destacar que essas 13 unidades foram encontradas no universo do *corpus* TER-Libras, sendo possível ter mais unidades em outros materiais.

No que se refere aos objetivos, conseguimos atingir parcialmente, uma vez que: constatamos quais são os principais termos simples, escritos em língua portuguesa, que se tornam compostos quando traduzidos para a Libras no *corpus* TER-Libras; realizamos um compilado de termos simples em língua portuguesa e de 03 termos compostos em Libras dos estudos surdos no Brasil; e apresentamos um vocabulário em Língua Portuguesa de 13 termos simples e de 03 compostos dos estudos surdos no Brasil.

A discussões de Cabré (1993; 1999; 2003), acerca da Teoria Comunicativa da Terminologia, que trata do aspecto comunicativo-contextual para o paradigma de coleta e de definição de um termo, foi suficientemente justa aos objetivos de nosso trabalho, nos permitindo verificar a tradução-interpretação dos termos conforme os contextos de usos.

Sendo assim, a lacuna deste trabalho se encontra no fato de não ter concluído a apresentação de todos os termos compostos em escrita de sinais da Libras, o que significa dizer que será possível em trabalho futuro. De todo modo, fica aqui a sugestão para pesquisadores e estudiosos que tenham interesse na área.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BIDERMAN, Maria T. Camargo. **O dicionário da língua padrão**. São Paulo: Alfa, 1983.
- CABRÉ, Maria Teresa. **La Terminología: Teoría, Metodología, Aplicaciones**. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.
- _____, M. T. C. **Terminology: theory, methods and applications**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1999a.
- _____, M. T. C. Theories of terminology: their description, prescription and explanation. **Terminology**, v. 9, n. 2, p. 163-200, 2003.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; TEMOTEO, J. G.; MARTINS, A. C. **Dicionário de Língua de Sinais do Brasil: a LIBRAS em suas mãos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar: o que é e como se ler**. Fortaleza: Eduece, 2009.
- SANTIAGO, M. S. **Redes de palavras-chaves para artigos de divulgação científica da Medicina: Uma proposta à luz da Terminologia**. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: UNISINOS, 2007.
- SCOTT, M. **WordSmith Tools**. Oxford: Oxford, 2008.

FEMINICÍDIO NA MÍDIA: UMA ANÁLISE SOCIORRETÓRICA DE NOTÍCIAS VEICULADAS PELO PORTAL G1

Leopoldina Ramos de Freitas (UERN/CAPES)

leopoldina.freitas@ifce.edu.br

Luiz Henrique Rodrigues e Silva (UERN/CAPES)

luizrique03@gmail.com

Wellington Vieira Mendes (UERN)

wellingtonmendes@uern.br

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2022, todas as formas de violência contra a mulher – xingamentos, violências psicológicas, ameaças e feminicídios – aumentaram no Brasil, como apontam os dados de uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha, a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Esse estudo, realizado em janeiro de 2023, aconteceu por meio de entrevistas com pessoas acima de 16 anos de idade em 126 cidades de diferentes regiões do país (Machado, 2023), e chegou à conclusão de que um terço das mulheres brasileiras já foram vítimas de violência física ou sexual pelo menos uma vez na vida.

Os números são ainda mais estarrecedores quando observamos apenas os crimes de feminicídio, que bateram recorde em 2022 devido à alta de 5% nos casos em comparação com 2021, totalizando 1,4 mil mulheres mortas (1 a cada 6 horas) apenas pelo fato de serem mulheres (Velasco; Grandin; Pinhoni, 2023). Esse agravamento dos casos de violência contra as mulheres é fruto não apenas da desigualdade de gêneros presente nas relações sociais, reflexo da radicalização da crença de que as mulheres são subalternas aos homens, como também da redução do investimento em políticas públicas de combate à violência doméstica e familiar.

Além desses fatores, um dos aspectos que pode ter contribuído para alavancar as denúncias de ocorrências desse tipo de crime foi a ampliação do acesso à informação. As mídias, sejam impressas e/ou digitais, ao informar sobre as diversas formas de violência, acabam contribuindo para que as vítimas possam perceber, nominar e denunciar a agressão (Machado, 2023).

Nessa perspectiva, compreendendo a mídia como um espaço crítico de debate em prol das mudanças sociais, bem como seu papel na divulgação de informações e na manipulação da opinião pública, esse artigo tem como objetivo analisar a organização retórica das notícias de feminicídio divulgadas pelo portal G1, o portal de notícias *online* mais acessado do Brasil, de acordo com dados publicados pelo *Digital News Report* (Newman, 2020)¹³.

O G1 é um veículo de notícias *online* que possui relação estreita com o jornalismo da TV Globo e da Globo News. O alcance e a grandiosidade desse portal estão atrelados ao fato de ele pertencer ao Grupo Globo, o que lhe permite apresentar não só os conteúdos produzidos e assinados pela sua própria equipe, mas também os que são gerados pelas emissoras locais e afiliadas da rede de telecomunicações pertencentes ou colaboradores desse mesmo grupo. Embora o referido portal apresente uma grande infinidade de gêneros da esfera jornalística que versam sobre diversos assuntos (política, economia, esportes, entretenimento etc.), como já mencionamos anteriormente, nosso foco será no gênero notícia¹⁴.

De acordo com os estudos de Lage (2000; 2005)), a notícia é o texto básico do jornalismo e seu foco está na exposição de um fato novo ou desconhecido e das circunstâncias que o provocaram. Em termos de organização, as informações encontram-se dispostas em relação a sua relevância. Normalmente, o primeiro parágrafo de uma notícia, denominado *lead*, concentra as informações que o jornalista considera serem as mais importantes.

Ainda no tocante à organização desse gênero, Moreira (2011), ao escrever sobre a estrutura prototípica das notícias policiais narrativas, coaduna com Lage (2000) ao afirmar que elas se estruturam através do título, *lead* e corpo. O *lead*, no entanto, nesse tipo de notícia especificamente, apresenta uma característica peculiar: a abordagem das principais informações do fato já aparece necessariamente compactada nessa parte, tendo em vista que o trágico constitui um apelo ao leitor.

13 *O Digital News Report* avalia o impacto global da indústria midiática, além de apresentar projeções sobre o consumo de informação e confiança na imprensa. Esse relatório é produzido pelo Reuters Institute for the Study of Journalism, que faz parte do Departamento de Política e Relações internacionais da Universidade de Oxford.

14 Conforme Cotta (2005, p. 76), notícia é “a informação sobre uma pessoa ou um acontecimento, fato novo, inédito ou inusitado, capaz de provocar impacto, interesse ou despertar a curiosidade das pessoas”. Sendo assim, embora haja autores que diferenciem os gêneros notícia e reportagem, optamos, neste artigo, pela adoção do conceito de notícia em referência ao gênero que discutimos.

Moreira (2011) também salienta que as notícias policiais costumam apresentar o fato trágico em primeira mão, situando o seu contexto de ocorrência (onde, com quem, quando), assim como as relações de causa (o que, como, por que) e a consequência que envolvem o ocorrido. De acordo com essa autora, há uma ordem pré-estabelecida no jornalismo para a organização das informações que respondem a essas questões, contudo essa sequência pode sofrer alterações dependendo da importância do foco que for imposto pelo propósito comunicativo dentro da notícia.

Os estudos de Lage (2000; 2005) e Moreira (2011) sobre a organização prototípica das notícias apresentam algumas perspectivas importantes para a nossa análise, já que eles nos fornecem uma ideia das perguntas que orientam a escrita e a organização das informações do gênero que nos propusemos a analisar. No entanto, a simples catalogação das informações e da ordem em que eles aparecem nas notícias de feminicídio não é suficiente para nos permitir fazer considerações sobre sua organização retórica.

Os estudos de Motta-Roth; Lovato (2009) e de Santos; Ramos (2021) acerca das notícias de popularização científica utilizando o modelo CARS (*Create A Research Space*) de Swales (1990) como abordagem metodológica mostraram ser mais frutíferos na tentativa de construção dos movimentos retóricos presentes nesse gênero. Desse modo, influenciados pelos trabalhos daqueles autores, optamos pela utilização do referido modelo, que será apresentado na seção a seguir.

2. JOHN SWALES E A ANÁLISE SOCIORRETÓRICA DE GÊNEROS

A experiência de John Swales no ensino de línguas para fins específicos e seus estudos acadêmicos em diversas áreas lhe permitiram elaborar uma proposta metodológica para os estudos dos gêneros que teve como marco a proposição de uma análise menos focada na descrição das características estruturais e mais preocupada em compreender as funções sociais desempenhadas por eles na comunidade. A inclusão de informações sobre o contexto de produção e circulação dos gêneros na análise foi um dos principais fatores responsáveis por tornar essa abordagem menos estrutural, quando comparada às demais.

A concepção de gênero de Swales (1990), como podemos observar a seguir, também propõe pensar o texto em seu contexto, e não como algo que pode ser compreendido apenas através de uma análise estrutural:

A genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes. These purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community, and thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style. Communicative purpose is both a privileged criterion and one that operates to keep the scope of a genre as here conceived narrowly focused on comparable rhetorical action. In addition to purpose, exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. If all high probability expectations are realized, the exemplar will be viewed as prototypic by the parent discourse community. The genre names inherited and produced by discourse communities and imported by others constitute valuable ethnographic communication, but typically need further validation (Swales, 1990, p. 58)¹⁵.

De acordo com Swales, portanto, o gênero se constitui como uma classe de eventos comunicativos, “[...] sendo o evento uma situação em que a linguagem verbal tem um papel significativo e indispensável” (Hemais; Biasi-Rodrigues, 2005, p. 113). Para ele, a organização retórica do gênero é moldada pelos objetivos, pelas necessidades e pela cultura da comunidade que dele faz uso, assim como pelas exigências do contexto sociocomunicativo.

Baseando-se nesses fatores, Swales (1990) elabora sua proposta de análise de gêneros com base no estudo do comportamento

15 Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influência e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério que é privilegiado e que faz com que o escopo do gênero se mantenha enfocado estreitamente em determinada ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se forem realizadas todas as expectativas em relação àquilo que é altamente provável para o gênero, o exemplar será visto pela comunidade discursiva original como um protótipo. Os gêneros têm nomes herdados e produzidos pelas comunidades discursivas e importados por outras comunidades. Esses nomes constituem uma comunicação etnográfica valiosa, porém normalmente precisam de validação adicional. Traduzido por Hemais; Biasi-Rodrigues (2005, p. 114-115).

linguístico em contextos específicos, concluindo que um gênero só pode ser reconhecido como tal quando apresenta pelo menos cinco características: natureza classista; propósito comunicativo; prototipicidade; razão lógica ou subjacente e terminologia específica (Hemais; Biasi-Rodrigues, 2005).

A primeira dessas características refere-se à natureza classista do gênero, que o configura como um evento comunicativo constituído do discurso, dos participantes, da função do discurso e do ambiente onde esse mesmo discurso é produzido e recebido (Hemais; Biasi-Rodrigues, 2005).

O propósito comunicativo é a característica mais importante para Swales (1990). Tendo em vista que os eventos compartilham um propósito comunicativo, os gêneros têm a função de realizar um ou vários objetivos. Algumas vezes, o propósito pode não estar manifesto, de modo que pode ser difícil identificá-lo, o que torna a sua investigação ainda mais essencial para que classificações superficiais sejam evitadas.

A terceira característica do gênero está relacionada à prototipicidade. O critério de semelhança é muito importante para a identificação, uma vez que um texto será classificado como pertencente a um determinado gênero se possuir os traços característicos desse gênero. Na perspectiva da semelhança familiar, os textos que apresentam os aspectos mais representativos de um gênero são categorizados como protótipos.

A razão ou lógica subjacente refere-se à organização interna própria de cada gênero bem como às suas restrições de conteúdo e de forma em função de um propósito comunicativo. O propósito comunicativo, portanto, delinea a estrutura esquemática e restringe as escolhas de conteúdo e de estilo, de modo a assegurar que o gênero e seu propósito sejam reconhecidos pela comunidade.

A terminologia específica é a quinta característica representativa do gênero. Ela diz respeito à terminologia elaborada pelos membros mais experientes de uma comunidade discursiva para seu uso. “Os termos atribuídos aos gêneros são indicadores de como os membros mais experientes e ativos da comunidade, que dão nomes aos gêneros, entendem a ação retórica das classes de eventos comunicativos” (Hemais; Biasi-Rodrigues, 2005, p. 114).

A concepção de comunidade discursiva foi elaborada por Swales (1990) na tentativa de determinar critérios para identificar como os grupos de pessoas conectadas pelo discurso se caracterizavam e engloba a ideia de

[...] sociorhetorical networks that form in order to work towards sets of common goals. One of the characteristics that established members of these discourse communities possess is familiarity with the particular genres that are used in the communicative furtherance of those sets of goals (Swales, 1990, p. 09)¹⁶.

Como podemos perceber, para Swales (1990), os gêneros são ações retóricas que interligam os membros de uma determinada comunidade discursiva, servindo aos propósitos dela. Há, por conseguinte, uma simbiose entre o gênero e a comunidade que o utiliza. Essa comunidade, por sua vez, tem convenções específicas e os gêneros por ela produzidos mostram o conhecimento do grupo e facilitam a iniciação de novos membros. Os calouros, por exemplo, fazem usos dessas convenções discursivas para poderem ingressar na comunidade (Borba; Ferreti-Soares, 2014).

Esse conceito de comunidade discursiva foi reformulado pelo autor, que mais tarde passou a considerar que pode haver conflitos dentro dessas comunidades e que elas não são tão homogêneas quanto ele havia postulado (Borba; Ferreti-Soares, 2014). Além disso, “a novidade e a evolução passaram a fazer parte da concepção de comunidade discursiva, consideradas na medida em que os seus membros podem desenvolver novos gêneros” (Biasi-Rodrigues; Araújo; Souza, 2009, p. 31-32).

Nesse sentido, podemos afirmar que o autor passou a reconhecer, em sua teoria, a ideia de que as comunidades buscam e aceitam novos gêneros e novos produtos. Isso acontece porque seus textos e suas convenções estão inseridos em contextos passíveis de avanços e mudanças. Além do mais, ele admite que esses processos de mudança podem ser influenciados por membros com maior habilidade de impor aos gêneros suas normas, seus valores e suas crenças, de modo a reutilizar esses gêneros com propósitos diversos (Borba; Ferreti-Soares, 2014).

O conceito de propósito comunicativo também foi revisto por Swales em um artigo escrito com Askehave (2001). Nesse trabalho, os

16 Redes sociorretóricas que se formam a fim de atuarem em prol de conjuntos de objetivos comuns. Uma das características que os membros estabelecidos dessas comunidades de discurso possuem é a familiaridade com determinados gêneros que são usados no favorecimento desses conjuntos de objetivos. Traduzido por Borba; Ferreti-Soares (2014, p. 26).

autores apontam que o propósito e a intenção não são tão perceptíveis quanto à forma do gênero, de modo que tais critérios não podem mais ser considerados fatores decisivos em sua definição. O problema reside justamente na identificação do propósito de um determinado gênero, já que pode haver vários propósitos comunicativos em um único exemplar, sendo difícil reconhecê-los à primeira vista. O autor, apesar disso, não abandona esse conceito, continuando a utilizá-lo de forma operacionalizada em suas análises.

As pesquisas empreendidas por Swales (1990) sobre os gêneros, sua forma e seu conteúdo, bem como seus estudos sobre as práticas realizadas pelas comunidades discursivas, conduziram-no à criação de um modelo de análise denominado *CARS* (*Creat A Research Space*), sobre o qual discutiremos a seguir.

2.1 O MODELO CARS DE ANÁLISE SOCIORRETÓRICA

O modelo *CARS* descreve a organização retórica de introduções de artigos acadêmicos com base em três movimentos retóricos (*moves*)¹⁷ assim definidos: movimento 1 – estabelecer o território; movimento 2 – estabelecer um nicho; e movimento 3 – ocupar o nicho (Santos; Ramos, 2021). O uso do termo nicho, de acordo com Borba; Ferreti-Soares (2014), é uma analogia ecológica que faz referência a um ambiente particular (contexto) no qual um determinado organismo (tipo de pesquisa) pode se desenvolver. Esses nichos são constituídos por passos opcionais e obrigatórios, indicando a organização das partes dos textos nas introduções dos artigos, como podemos observar a seguir.

17 Para Swales, um movimento retórico é uma unidade discursiva que realiza uma determinada função comunicativa em um discurso falado ou escrito (SANTOS; RAMOS, 2021).

Figura 1: Modelo CARS para a introdução de artigos de pesquisa

MOVIMENTO 1: ESTABELEECER O TERRITÓRIO.	
Passo 1 – Estabelecer a importância da pesquisa	e/ou
Passo 2 - Fazer generalização/ões quanto ao tópico	e/ou
Passo 3 - Revisar a literatura (pesquisas prévias).	
 MOVIMENTO 2: ESTABELECENDO o NICHOS	
Passo 1A: Contra-argumentar	ou
Passo 1B: Indicar lacuna/s no conhecimento	ou
Passo 1C: Provocar questionamentos	ou
Passo 1D: Continuar a tradição.	
 MOVIMENTO 3: OCUPAR O NICHOS	
Passo 1A: Delinear os objetivos	ou
Passo 1B: Apresentar a pesquisa	
Passo 2: Apresentar os principais resultados	
Passo 3: Indicar a estrutura do artigo.	

Fonte: Swales (1990, p. 141) - Adaptado de Hemais; Biasi-Rodrigues (2005, p.120-21).

Com base na análise dos movimentos e dos passos descritos nesse modelo, é possível compreender a lógica de organização interna de um determinado gênero textual que lhe permite executar determinadas funções retóricas características. Além disso, ele também tem sido uma importante ferramenta de análise para comprovar a existência de movimentos e regularidades em textos.

De acordo com Borba; Ferreti-Soares (2014), diversas pesquisas têm demonstrado a aplicabilidade do modelo CARS no estudo de diferentes gêneros, sejam eles do âmbito acadêmico, jornalístico ou mesmo do cotidiano. Nesses casos, uma adaptação da metodologia de análise que identifica as funções retóricas realizadas pelo gênero é necessária. O estudo aqui empreendido, a exemplo, propõe uma adaptação do referido modelo na tentativa de compreender a organização retórica das notícias de feminicídio, gênero que será abordado na próxima seção.

3. O GÊNERO NOTÍCIA

Os gêneros textuais constituem manifestações de natureza linguística, textual e discursiva presentes em praticamente todas as esferas da comunicação humana. Suas ocorrências e intercorrências perfazem o nosso cotidiano, auxiliando a comunicação e a troca de informações entre as pessoas na modalidade oral, escrita ou visual/imagética dos usos da língua e da linguagem.

O alcance das manifestações comunicacionais possibilitadas pelos gêneros é, certamente, muito amplo. As esferas de comunicação humana são variadas e reforçam o quanto a escolha de um em detrimento do outro acarreta uma situação comunicativa mais congruente, direta e, porque não, eficaz. Isso acontece, por exemplo, no meio comercial, em que, nos dias hodiernos, o princípio de uma conversa espontânea com o atendente do caixa de um supermercado pode ser marcado com um simples “Bom dia!”, constituindo, portanto, o suposto “início” de um gênero.

Por outro lado, há de se destacar que, muitas vezes, essa possibilidade de “escolha” de qual gênero será usado raramente existe. Podemos citar, também por exemplo e nesse mesmo contexto comunicativo comercial, o gênero “nota fiscal” ou “cupom fiscal”. Ainda que possuam uma pequena diferença no que diz respeito à legislação e outras questões de natureza tributária, na prática, ambos funcionam para a mesma coisa: registrar, digamos que, oficialmente, a compra de um produto ou a contratação de um serviço. Assim, esse gênero configura-se como uma exigência em praticamente todos os estabelecimentos comerciais de modo geral nos dias de hoje.

A esse respeito, Koch e Elias (2022) consideram que os gêneros textuais constituem manifestações linguísticas usadas por todos nós, sejam falantes ou ouvintes ou mesmo escritores ou leitores.

Para as autoras, ao longo de nossa existência construímos o que elas chamam de competência metagenérica, ou seja, o conhecimento, características e funcionalidades dos gêneros conforme a necessidade e a prática social nas quais fizemos uso deles. Sobre essa competência, as autoras reforçam que é ela que

[...] possibilita aos sujeitos de uma interação não só diferenciar os diversos gêneros, isto é, saber se estão diante de um horóscopo, um bilhete, um diário, (como vimos nas tiras anteriores) ou de uma conversa telefônica, etc., como também identificar as práticas sociais que os solicitam. Além disso, somos capazes de reconhecer se, em um texto, predominam sequências de caráter narrativo, descritivo, expositivo e/ou argumentativo [...]. Isto é o contato com os textos da vida cotidiana, como anúncios, avisos de toda a ordem, artigos de jornais, catálogos, receitas médicas, prospectos, guias turísticos, manuais, etc. [...] (Koch; Elias, 2022, p. 54, 55).

Podemos dizer, assim, que os gêneros são moldados, aperfeiçoados ou, quem sabe, escolhidos conforme as situações comunicativas em que nos encontramos e que solicitam recorrer a este e não àquele. Essas situações comunicativas, reforçam Koch e Elias (2022), não são exatamente naturais ou resultado da ação de um indivíduo, mas constituem processos interacionais em que sujeitos de uma determinada cultura participam.

Dentre as diversas correntes teóricas que estudam os gêneros, podemos mencionar, a título de exemplo, a Análise Crítica de Gêneros (ACG), que constitui, nada mais nada menos do que uma concatenação da abordagem sociorretórica de Swales (1990) com a Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (2003). É é nesse contexto de estudos que nos cabe aqui uma atenção em relação a um ponto levantado por Bhatia (2004) que é o que ele chama de “prática profissional” quando da análise de gêneros.

Em relação a essa questão, mencionamos o posicionamento de Meurer e Bonini (2002; 2004 *apud* Bonini, 2013) quando afirmam que os estudos de gênero são realizados a fim de recompor as representações da realidade, as relações sociais e as identidades sociais, constituindo uma abordagem ampla dos meios em que acontecem e contribuindo

para a compreensão dos próprios significados que eles manifestam nessas diferentes situações.

E é nesse sentido que Bathia (2004), mais precisamente, compartilha uma visão mais crítica relacionada aos estudos dos gêneros, defendendo que estes considerem aspectos de contextualização conforme a atualidade. Ele propõe uma análise de gêneros a partir de “quatro focos de atenção”, a saber: o texto, o conhecimento do gênero, a prática profissional e o discurso. Para ele, inclusive, há um registro mais dedicado a este último foco, como primeiro plano “a partir do qual os demais focos de atenção são considerados” (Bonini, 2013, p. 106).

Dentro de uma perspectiva sociorretórica, e já discutida anteriormente, para analisarmos a função social de gêneros de texto como a notícia, faz-se necessário compreender preliminarmente as situações sociais nas quais eles ocorrem. A comunicação através dos gêneros é algo inerente a todos os sujeitos sociais, pois, como vimos anteriormente, lançamos mão de uma infinidade deles para tal função, em contextos específicos e congruentes com aquele por nós escolhido.

Nesse sentido, Swales (1990 *apud* Bonini, 2013, p. 114) conceitua gênero como um “evento comunicativo guiado por propósitos que ocorrem em uma comunidade discursiva”. Tal evento manifesta-se a partir de um grupo específico que, dentro do fluxo de comunicação e interação também discursiva, possa a vir se interessar por uma atividade ou assunto também específico .

Swales (1990) defende como uma forma de se estudar os gêneros a realização da análise dos movimentos retóricos que os constituem, desenvolvendo, assim, uma análise de artigos de pesquisa com base em um modelo chamado CARS (*Create a Reserch Space*). Esse mesmo método, conforme explicamos anteriormente, pode ser utilizado para analisarmos as ocorrências do gênero notícia dentro de uma perspectiva retórico-funcional e que atende aos propósitos comunicativos do gênero conforme a situação em que ele está sendo utilizado naquele momento pelo profissional da mídia, seja ele jornalista, repórter ou editor da matéria.

Considerando o contexto jornalístico de uso dos gêneros, encontramos situações em que a necessidade de propalar o fato noticiado ou a opinião decorrente deste mesmo fato exigirá uma estrutura composicional e um estilo diferentes e mais adequados àquela ocorrência. É nesse aspecto que Marcuschi (2012) apresenta

alguns dos gêneros do que ele denomina de domínio discursivo jornalístico¹⁸, esclarecendo, portanto, qual deles seria o mais preciso ou adequado quanto aos usos que o autor/jornalista/profissional do jornalismo queria apresentar ao público aquele fato informativo.

No âmbito do domínio discursivo jornalístico, cabe aqui trazer uma definição do comumente chamamos de notícia. E aqui apresentamos não somente uma definição conceitual, mas também uma caracterização do gênero, que, conforme defende Cotta (2005), tem um alcance maior daquele que comumente estamos habituados a ler ou considerar como notícia, uma vez que o termo é analisado dentro de uma perspectiva mais técnica dentro do trabalho jornalístico. Assim, notícia

é, na técnica de reportagem, a informação que merece ser notada, isto é, transformada em anotação, em registro para possível nota posterior ou reportagem, a respeito de um acontecimento ou da vida. Não qualquer acontecimento, mas um fato de interesse jornalístico. Acontecimento é o que acontece. E nem tudo o que acontece desperta interesse, principalmente se for ocorrência rotineira. O jornalismo não destaca o que é rotina, acontecimento repetitivo. Trabalha com fatos jornalísticos. (Cotta, 2005, p. 76).

Destaca-se, nesse ínterim, que considerar algum evento social como fato ou acontecimento é que determinará as escolhas jornalísticas e as diferentes formas de publicização não somente das notícias, mas também dos recursos midiáticos dos quais dispõe o jornalista, a depender do assunto abordado por ele. Vale mencionar, portanto, que este profissional, geralmente, procura seguir a linha editorial do veículo de comunicação para o qual ele presta seus serviços, já que há a possibilidade de haver alguma incompatibilidade pela maneira como foi abordado esse mesmo assunto com aquela empresa para a qual ele presta seus serviços.

18 Marcuschi (2008, p. 194) define domínio discursivo como uma “esfera da vida social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, pedagógica, política, industrial, militar, familiar, lúdica etc.) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão. O autor orienta que ele é capaz de determinar formatos textuais que colaboram na “estabilização de gêneros textuais”, organizando inclusive as relações de poder. Marcuschi organiza nas páginas 194 e 195 um quadro relacional sobre os tipos de domínios discursivos, destacando como um dos principais o gênero “notícias” (modalidade escrita) e os gêneros “notícias de TV” e “notícias de rádio” (modalidade oral).

Diante disso, apresentamos, na seção a seguir, algumas considerações a respeito do crime de feminicídio, uma vez que, dadas as situações e o alcance de suas ocorrências no país, certamente ganha destaque na imprensa nacional como um fato jornalístico e não somente um acontecimento rotineiro, muita embora, lamentavelmente, esteja se tornando como tal. O conceito de feminicídio, como veremos, tem uma definição própria, específica e com características previstas no âmbito legal que o qualifica como uma ação criminosa que exige uma atenção a mais da sociedade.

4. FEMINICÍDIO: O QUE DIZ A LEI?

O conceito de feminicídio surgiu na década de 1970 fazendo referência à morte violenta de mulheres resultante da discriminação, da opressão e da violência sistêmicas. Embora o termo tenha ganhado notoriedade entre ativistas e pesquisadores ao longo de quatro décadas, apenas recentemente esse conceito foi incorporado à legislação dos países da América Latina. No Brasil, por exemplo, a lei que tipificou o feminicídio (Lei nº 13.104/2015) só foi sancionada em março de 2015, pela então presidenta Dilma Rousseff.

Na época em que essa lei foi aprovada, o Brasil ocupava o sétimo lugar no *ranking* mundial desse tipo de crime (Angotti; Vieira, 2020). Tais dados refletem um processo contínuo e crescente de violência contra as mulheres, cujas principais características são a misoginia e o uso de violência extrema. O feminicídio, portanto,

é a expressão fatal das muitas formas de violências que afetam as mulheres em sociedades marcadas pela desigualdade de poder entre os gêneros masculino e feminino, resultado de construções históricas, culturais, econômicas, políticas e sociais discriminatórias (Prado; Sanematsu, 2017).

Após ser tipificado, o feminicídio passou a ser visto como uma circunstância qualificadora do homicídio, além de ser incluído no rol dos crimes hediondos como o estupro, o genocídio e o latrocínio. Sua definição no Código Penal engloba o assassinato de mulheres cometido por razões da condição do sexo feminino, que ocorre quando o crime envolve violência doméstica/familiar e menosprezo ou discriminação à condição de mulher (Brasil, 2015).

A pena prevista para esse tipo de delito varia de 12 a 30 anos de reclusão, sendo possível o aumento de 1/3 dela quando o crime é cometido nas seguintes circunstâncias: durante a gestação ou nos três

meses subsequentes ao parto; contra pessoa menor de 14 (catorze) anos ou maior de 60 (sessenta) anos; contra mulheres com deficiência ou portadora de doenças degenerativas que acarretem condição limitante ou de vulnerabilidade física ou mental. A consumação do crime na presença de ascendentes ou descendentes da vítima também resulta em agravamento da pena.

De acordo com Prado; Sanematsu (2017, p. 16), a tipificação penal do feminicídio representa um avanço na tentativa de erradicar “a violência sistêmica contra mulheres em relações conjugais, que muitas vezes resulta em homicídios encarados como ‘crimes passionais’ pela sociedade, pela mídia e até mesmo pelo sistema de Justiça”. Para essas autoras, a expressão crime passionais deve ser afastada do nosso vocabulário, tendo em vista que essas mortes não são decorrentes da paixão ou de conflitos entre os casais, mas sim frutos da desigualdade de gênero.

Nessa perspectiva, tomando como ponto de partida a definição de feminicídio na lei brasileira e diante do papel da imprensa em nomear, noticiar e (des)naturalizar ideias e práticas que reforçam a violência contra as mulheres, explanaremos, na seção a seguir, o percurso metodológico que guiará nossa análise.

5. METODOLOGIA

A partir dos pressupostos teóricos apresentados até o momento, nossa análise considerará as funções sociais do gênero notícia dentro da perspectiva sociorretórica de Swales (1990) verificando como tais funções manifestam-se em notícias publicadas em um site de notícias da internet. Consideraremos, assim, muito mais do que a estrutura, mas também a objetividade dos fatos noticiados e a linguagem utilizada pelo veículo informativo quando os reportam.

5.1 PROCEDIMENTOS DE COLETA DO CORPUS

O *corpus* desse trabalho é composto por trinta notícias sobre feminicídio que foram publicadas no portal de notícias G1. Embora essa quantidade de exemplares pareça pequena diante de nosso objetivo, nossa escolha encontra-se embasada pelos trabalhos de Motta-Roth; Lovato (2009) e de Kindermann (2014), que tiveram resultados

exitosos nos estudos retóricos dos gêneros notícia e reportagem, respectivamente, analisando a mesma quantidade de exemplares.

As notícias foram coletadas por meio do uso da palavra ‘feminicídio’ na caixa de busca do G1. Não estabelecemos um período específico de publicação como filtro de seleção, embora todas as notícias do *corpus* tenham sido publicadas no ano de 2023. Isso foi possível devido a própria organização do mecanismo de busca do site, que exibe primeiramente as matérias mais recentes.

Dentre as notícias coletadas, selecionamos para compor o *corpus* apenas aquelas que apresentavam características prototípicas desse gênero, segundo aquelas conceituais postuladas por Cotta (2005). Esse critério foi muito importante para nos ajudar a diferenciar as notícias de outros textos do domínio discursivo jornalístico que apareceram na busca. Além disso, optamos apenas pelos exemplares que apresentavam a palavra “feminicídio” no título ou no corpo do texto, tendo em vista nosso interesse específico por essa temática.

No entanto, após a leitura dos exemplares selecionados, percebemos que algumas notícias, embora apresentassem o nome feminicídio no título e/ou no corpo do texto, não retratavam esse tipo de crime, mas outros fatores a ele relacionados. Desse modo, optamos por escolher apenas aquelas cujo foco era reportar a ocorrência de tal crime, e não os desdobramentos recorrentes dele como análises de especialistas, publicações de obras a respeito do tema ou mesmo informações que recomendam uma fiscalização ou punição maior aos infratores.

5.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Os dados foram analisados a partir de procedimentos de interpretação com base no reconhecimento de elementos linguísticos representativos dos movimentos retóricos do gênero em questão. Primeiramente, todos os textos foram identificados e catalogados nos moldes do quadro a seguir (Quadro 1), no qual é possível encontrar o *link* de acesso de cada um deles. Cabe salientar, portanto, que não escrevemos os títulos das notícias, mas apenas disponibilizamos os respectivos *links* de cada uma. A letra N, presente em cada código, faz referência ao gênero notícia.

Quadro 1: Identificação das notícias que compõem o *corpus* da pesquisa

CÓDIGO	LINK
N01	https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2023/08/13/por-nao-aceitar-fim-de-relacionamento-homem-mata-ex-e-foge-de-barco-no-interior-do-ap.ghml
N02	https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/08/11/feminicidio-mulher-e-morta-pelo-ex-companheiro-no-df.ghml
N03	https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/08/10/mulher-e-encontrada-morta-no-oeste-da-bahia-crime-e-investigado-como-feminicidio-e-ex-companheiro-e-procurado.ghml
N04	https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/08/16/mulher-e-morta-com-golpes-de-foice-por-companheiro-em-ceilandia-no-df.ghml
N05	https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/07/25/jovem-gravida-e-assassinada-a-tiros-um-dia-antes-do-aniversario-em-sc-ex-namorado-e-presos.ghml
N06	https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2023/08/05/mulher-de-31-anos-e-morta-dentro-de-casa-em-barretos-suspeito-ex-foi-encontrado-morto-no-local.ghml
N07	https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2023/07/28/dupla-suspeita-de-matar-mulher-e-jogar-corpo-em-forno-de-cal-e-detida-em-corrego-fundo-mg.ghml
N08	https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/07/17/casal-e-encontrado-morto-no-interior-do-ceara-suspeita-e-de-feminicidio-seguido-de-suicidio.ghml
N09	https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/07/17/morte-de-mulher-por-engasgo-passa-a-ser-investigada-como-feminicidio-no-df.ghml
N10	https://g1.globo.com/pe/peernambuco/noticia/2023/07/11/mulher-e-encontrada-morta-ao-lado-do-marido-em-olinda-policia-investiga-feminicidio.ghml

N11	https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2023/08/02/mulher-e-assassinada-a-facadas-e-ex-namorado-e-baleado-e-presno-ao-tentar-fugir.ghml
N12	https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/07/29/mulher-e-encontrada-morta-no-chao-de-quarto-apos-ser-agredida-com-pedaco-de-madeira-em-sc-diz-pm.ghml
N13	https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2023/07/30/homem-e-presno-suspeito-de-matar-namorada-com-golpes-de-chave-de-fenda-por-ciumes.ghml
N14	https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/07/28/mulher-e-assassinada-a-facadas-pelo-companheiro-em-for taleza.ghml
N15	https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/07/13/casal-encontrado-morto-em-casa-incendiada-tinha-casamento-marcado-para-sabado-suspeita-e-de-feminicidio.ghml
N16	https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/06/29/feminicidio-mulher-e-morta-pelo-compa nheiro-com-facada-nas-costas-no-df.ghml
N17	https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/06/26/feminicidio-mulher-e-morta-pelo-namo rado-em-sao-sebastiao-no-df.ghml
N18	https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/06/21/feminicidio-16a-vitima-do-df-em-2023-foi-morta-na-frente-dos-filhos.ghml
N19	https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2023/06/18/mulher-e-vitima-de-feminicidio-em-sao-jose-da-tapera-sus peito-e-o-marido-que-esta-foragido.ghml
N20	https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/03/02/jovem-encontrada-morta-no-df-denun ciou-namorado-duas-vezes-a-policia-apos-ser-ameacada-de-morte.ghml
N21	https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/07/11/mulher-e-morta-a-facadas-pelo-companheiro-no-interior-do-ceara.ghml
N22	https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/06/24/feminicidio-jovem-de-20-anos-e-morta-a-facadas-pelo-ex-companheiro-no-df.ghml

N23	https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2023/07/17/mulher-e-morta-com-golpes-de-facao-pelo-ex-marido-na-frente-da-filha-no-sul-do-piaui-suspeito-foi-presos.ghtml
N24	https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2023/06/19/policia-investiga-terceiro-feminicidio-em-uma-semana-na-grande-belem.ghtml
N25	https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/08/03/mulher-morre-apos-ser-agredida-com-golpes-de-chave-de-fenda-pelo-ex-companheiro-no-df.ghtml
N26	https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/05/17/influenciadora-de-hortolandia-e-a-9a-vitima-de-feminicidio-na-regiao-de-campinas-em-2023.ghtml
N27	https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/05/05/casal-e-morto-a-pauladas-e-policia-civil-apura-feminicidio-em-indaiatuba.ghtml
N28	https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2023/05/12/mulher-e-encontrada-morta-em-plantacao-de-tomate-em-reserva-policia-suspeita-de-feminicidio.ghtml
N29	https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/07/17/jovem-e-morta-a-facadas-e-suspeito-foi-depois-do-crime-em-sc.ghtml
N30	https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2023/07/24/vitima-de-feminicidio-em-maceio-foi-morta-na-frente-dos-filhos.ghtml

Fonte: Elaborado pelos autores.

Após esse processo, começamos a análise a partir da adaptação do modelo CARS (Swales, 1990), buscando detectar as funções retóricas recorrentes nos exemplares de nosso *corpus*. A adaptação foi feita através da própria dinâmica de análise do referido modelo, “[...]que identifica a função retórica que um determinado trecho textual realiza, segundo certos expedientes linguísticos característicos que sinalizam o tipo de informação que está sendo expressa” (Santos; Ramos, 2021, p. 11). Durante esse processo, demarcamos manualmente, em cada notícia, as semelhanças que elas apresentavam nos planos léxico-gramatical

e textual, de modo que cada exemplar serviu de parâmetro para a análise e construção dos passos retóricos do outro. A seguir, apresentaremos os resultados desse procedimento analítico.

6. RESULTADOS

Após a análise, percebemos que as notícias tendem a apresentar três movimentos retóricos: o primeiro deles é realizado pela lide e tem como objetivo apresentar o caso noticiado ao leitor; o segundo introduz depoimentos com o objetivo de aprofundar as informações sobre o caso; já o terceiro, por sua vez, apresenta o desfecho da notícia. Apresentamos a seguir uma tabela com a representação esquemática dos movimentos retóricos que descrevemos e os passos que os compõem.

Quadro 2: Representação esquemática da organização retórica de notícias de feminicídio

MOVIMENTO 1: LIDE/Apresentar o caso ao leitor 1A – Fornecer informações sobre a vítima e sobre o suspeito; 1B – Informar o local onde o crime ocorreu; 1C - Informar a causa da morte; 1D – Foto da vítima, do acusado ou do local do crime com legenda explicativa.
MOVIMENTO 2: Introduzir depoimentos detalhando o caso 2A – Informar como e onde o corpo foi encontrado; 2B – Informar as circunstâncias que antecederam o crime; 2C – Informar a motivação do crime; 2D – Fornecer informações sobre a relação do casal e/ou comportamento do suspeito.
MOVIMENTO 3: Apresentar o desfecho do caso 3A – Fornecer informações sobre a localização/prisão/fuga/confissão do suspeito; 3B – Informar os antecedentes criminais do suspeito; 3C – Informações sobre a apreensão da arma do crime; 3D - Informações sobre o sepultamento das vítimas; 3E – Fornecer canais de atendimento para denúncias.

Fonte: Elaborado pelos autores.

O movimento 1 apresenta a vítima e o acusado, que normalmente são identificados pela idade, nome e profissão (1A). Nesse movimento, também encontramos detalhes sobre a cidade e o local onde o crime aconteceu (1B), assim como informações sobre a forma como a vítima foi assassinada (1C). No exemplo 01, a seguir, retirado da notícia 07 (N07), podemos verificar a presença desses passos:

Exemplo 01

[N07] Uma mulher de 29 anos (1A) foi esfaqueada, asfixiada e morta (1C) em Córrego Fundo, no Centro-Oeste de MG (1B). A suspeita da Polícia Militar (PM) é que o corpo foi incinerado em um forno de cal. Um homem de 26 anos e uma adolescente de 17 anos (1A), que são namorados, foram detidos na quinta-feira (27). Há a suspeita de que a vítima estava grávida.

Ainda em relação ao movimento 1, o uso de imagens pictóricas que identificam a vítima, o suspeito ou o local onde ocorreu o caso noticiado é um recurso recorrente em todas as notícias analisadas certamente pelo apelo retórico que possui. Podemos verificar isso em um exemplo retirado da notícia 03 (N03), no qual consta a fotografia da vítima com a sua identificação com o nome completo e a idade:

Exemplo 02

[N03] Karla Sonego da Rosa, 22 anos (1D) – Foto: Redes sociais/Divulgação.

No movimento 2, são apresentados mais detalhes sobre o incidente por meio da introdução de depoimentos de policiais, bombeiros, populares, testemunhas e/ou principalmente parentes da vítima. Essas pessoas costumam trazer informações sobre como e onde o corpo da vítima foi encontrado (2A), sobre as circunstâncias que antecederam o crime (2B) e sua possível motivação (2C). Também é comum encontrarmos nesse movimento pormenores sobre a relação do casal e sobre o comportamento do agressor. Vejamos o exemplo a seguir em que estas informações se encontram demarcadas:

Exemplo 3

[N14] Um vídeo feito por uma testemunha momentos após o crime mostram as pessoas tentando socorrer a vítima, que estava caída no quarto (2A).

[N13] Segundo a Polícia Civil, Rita Nogueira da Silva estava indo para a uma festa no porto da cidade por volta das 23h. Como antes ela havia tido um desentendimento com o namorado, ele teria perseguido até o local onde a mulher foi morta (2B). Outra motivação para o crime é que ela teria decidido ir para a festa mesmo sem a 'autorização' dele, de acordo com a polícia (2C). Depois dos golpes de chave de fenda, Rita chegou a ser socorrida, mas morreu por causa dos ferimentos.

O desfecho do caso é realizado pelo movimento 3. Nele, são fornecidos detalhes sobre a investigação, bem como sobre a fuga, a confissão e a prisão do suspeito, que geralmente é namorado, ex-namorado, marido ou ex-marido da vítima (3A). As informações sobre os antecedentes criminais do acusado (3B) e o detalhamento sobre as armas e/ou pertences apreendidos pela polícia (3C) também estão incluídas nesse movimento. O passo 3D não ocorre com tanta frequência quanto os que foram descritos anteriormente. Observamos que as informações sobre o velório da vítima (3D) são disponibilizadas apenas nos casos em que os autores da notícia não têm muitos detalhes para fornecer ao leitor. O passo 3E, apesar de ter uma função social importante ao disponibilizar os números telefônicos para que as pessoas possam denunciar os casos de violência contra a mulher e para fornecer informações sobre o paradeiro dos suspeitos, esteve presente em apenas 8 das 30 notícias que analisamos. Observemos:

Exemplo 4

[N23] Pedro Ricardo Matos da Silva foi preso 20 minutos depois do crime. De acordo com a PM, ele confessou a autoria no feminicídio (3A). O facão utilizado no crime foi apreendido e o suspeito encaminhado para a Delegacia de Oeiras (3C).

[N12] Conforme a Polícia Militar, o suspeito tem passagens por violência doméstica registradas em 2013, 2014 e 2015 (3B), mas

não havia medida protetiva de urgência vigente em favor da vítima.

[N 26] O sepultamento de Micaelly está marcado para 9h desta quarta (17), no Cemitério Parque Hortolândia (3D).

[N22] A polícia pede para que quem tiver quaisquer informações sobre Jonas Costas Patáxia para denunciar pelo número 197 (3E).

Vale destacar, ainda em relação ao passo 3E, do movimento 3, uma observação complementar aquela que fizemos no parágrafo anterior: os canais de denúncia, sejam números de telefone, e-mails ou redes sociais de instituições ou órgãos públicos, ainda aparecem de muito escasso ao final das matérias analisadas, sendo mais recorrentes em notícias de casos ocorridos no Distrito Federal e cidades do seu entorno. Vejamos um outro exemplo:

Exemplo 5

[N25] Como e onde denunciar violência contra mulheres? (3E).

A Secretaria de Secretaria de Segurança Pública do DF (SSP) tem canais de atendimento que funcionam 24h. As denúncias e registros de ocorrências podem ser feitos pelos seguintes meios: Telefone 197; Telefone 190; E-mail: denuncia197@pcdf.df.gov.br; Delegacia eletrônica; Whatsapp: (61) 98626-1197 (3E).

O movimento retórico mais frequente nas notícias analisadas foi o de número 1. Grande parte delas apresentava todos os passos que o constituem, tendo em vista que nele se concentram as principais informações para que a notícia cumpra a principal função de seu gênero: informar. Os movimentos 2 e 3, por outro lado, não costumam apresentar todos os passos que foram descritos. Esses dois movimentos são normalmente realizados pelos passos 2A e 3A, provavelmente porque os demais passos exigem informações mais detalhadas da investigação as quais os jornalistas sequer tiveram acesso.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho procurou discutir aspectos organizacionais linguísticos e discursivos em torno da análise sociorretórica do gênero notícia utilizando basicamente o modelo CARS proposto por Swales (1990). A princípio, apresentamos o conceito de notícia e sua definição teórica com base nos pressupostos de Cotta (2005) e também do domínio discursivo jornalístico defendido por Marcuschi (2008), e do qual a notícia faz parte.

Como vimos, os elementos retóricos presentes nos textos das trinta notícias que compuseram o *corpus* da pesquisa apontaram para uma organização cuja predominância está centrada em basicamente três movimentos principais: 1. Lide (parte introdutória em que há a apresentação do caso de feminicídio ao leitor e presente geralmente no primeiro parágrafo); 2. Introdução de depoimentos detalhando o caso (desenvolvimento do texto com relatos de familiares dos envolvidos e investigadores policiais); e 3. Apresentação do desfecho do caso (parte em que ocorre a conclusão da notícia com recomendações, em algumas, sobre como evitar esse tipo de crime).

Verificamos, ainda, que os exemplos de notícia analisados atendem ao que foi discutido anteriormente quando apresentamos a distinção ente fato e acontecimento. Isso é importante porque o que os textos que analisamos não configuram acontecimentos habituais no sentido de rotineiro, mas sim fatos de relevância jornalística.

E é aqui que fazemos uma observação igualmente fundamental: constatamos, ao analisar o *corpus* da pesquisa, que, infelizmente, corremos o sério risco das notícias sobre casos de feminicídio se tornarem meros acontecimentos banais ao invés de fatos para o jornalismo, dado o aumento considerável de óbitos de mulheres vítimas desse ato delituoso.

Uma vez mais, cabe também esclarecermos que o modelo de organização retórica aqui proposto provavelmente não esgota todas as possibilidades de movimentos e passos presentes nas notícias de feminicídio, uma vez que ele foi obtido a partir da análise de um *corpus* composto por trinta exemplares representativos desse gênero, proveniente de apenas uma fonte: o portal G1. Além disso, a criatividade e os efeitos retóricos pretendidos pelo(s) jornalista(s) também são fatores que exercem influência na organização da notícia, dificultando o estabelecimento de um modelo prototípico 100% eficiente.

Diante do exposto, constatamos, portanto, que o crime de

feminicídio ainda é um problema crônico do nosso país. Apesar da legislação que está, aos poucos, entrando em vigor para refreá-lo, é necessário que o poder público e a sociedade como um todo adotem políticas de proteção à mulher mais eficazes e de amplo alcance, a exemplo de discussões e reuniões em instituições de ensino para conscientizar a população, sobretudo os mais jovens, a respeito do tema.

No mais, esperamos que o gênero notícia, ainda que dentro da sua objetividade por vezes sacra e intocável, ao reportar fatos que aludem ao tema em análise, possa cumprir o seu papel social, que é muito mais do que levar a informação ao público, mas sim promover uma discussão em torno de quais ações poderiam ser tomadas para arrefecer tais ocorrências, incentivando, inclusive, a produção de outros gêneros cujas funções retóricas atendam a tal objetivo, a exemplo de artigos de opinião, charges e/ou *podcasts* no âmbito do mesmo veículo de comunicação onde é publicada.

REFERÊNCIAS

ANGOTTI, Bruna; VIEIRA, Regina Stela Corrêa. O processo de tipificação do feminicídio no Brasil. *In*: BERTOLIN; Patrícia Tuma Martins; ANGOTTI, Bruna; VIEIRA, Regina Stela Corrêa. (ORGS.). **Feminicídio - quando a desigualdade de gênero mata**: mapeamento da tipificação na América Latina. Joaçaba: Unoesc, 2020.

ASKEHAVE, Inger; SWALES, John. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied Linguistics**, v. 22, n. 2, p. 195-212, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273369798_Genre_Identification_and_Communicative_Purpose_A_Problem_and_a_Possible_Solution. Acesso em: 19 ago. 2023.

BONINI, Adair. Análise crítica de gêneros discursivos no contexto das práticas jornalísticas. *In*: SEIXAS, Lia; PINHEIRO, Najara Ferrari Pinheiro (Orgs.). **Gêneros**: um diálogo entre comunicação e linguística. Florianópolis: Insular, 2013. p. 103-120.

BORBA, Marcelo Silvano; FERRETI-SOARES, Vanessa Arlésia de Souza. Postulados de John Swales para uma análise sociorretórica de gêneros. *In*: Bonini, Adair; FERRETI-SOARES; Vanessa Arlésia de Souza; JUNIOR; Carlos Borges da Silva; LIMA; Vanessa Wendhausen (Orgs.). **Os Gêneros do jornal**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 23-34.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm. Acesso em: 20 ago. 2023.

COTTA, Pery. **Jornalismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Rubio, 2005.

HEMAIS, Barbara; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. *In* Meurer, José Luiz; Bonini, Adair; Motta-Roth, Désirée. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 108-129.

KINDERMANN, Conceição Aparecida. A reportagem. *In*: Bonini, Adair; FERRETI-SOARES; Vanessa Arlésia de Souza; JUNIOR; Carlos Borges da Silva; LIMA; Vanessa Wendhausen (Orgs.). **Os Gêneros do jornal**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 85-96.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2022.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2000.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Gênero Jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MACHADO, Juliano. Pesquisa aponta aumento de violência contra a mulher no Brasil em 2022 e integrantes do Comitê de Equidade comentam os números. **Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região**, 2023. Disponível em: <https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/546409>. Acesso em: 10 ago. 23.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOREIRA, Maria Ednilza Oliveira. A notícia policial narrativa: o que há de prototípico no gênero. *In*: SOUZA, Maria Margarete Fernandes de; LOPES, Ana Keyla Carmo;

OLIVEIRA, Flávia Cristina Candido de (Orgs.). **Gêneros textuais**: experiências de pesquisas. Fortaleza: EdUECE, 2011. p. 119-134.

MOTTA-ROTH; Désirée; LOVATO, Cristina dos Santos. Organização retórica do gênero notícia de popularização da ciência: um estudo comparativo entre português e inglês. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, Santa Catarina, v. 9, n. 2, p. 233-271, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/TgzxQdNtNcsXsFt8DWF9M6w/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 ago. 2023.

NEWMAN, Nic et al. **Reuters Institute digital news report 2020**. [s/l]: Reuters Institute, 2020. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf. Acesso em: 25 ago. 2023.

PRADO, Débora; SANEMATSU, Marisa. **Feminicídio: #invisibilidademata**. São Paulo: Instituto Paula Galvão, 2017.

SANTOS, Thiago Guimarães dos; RAMOS, Wilian César. A organização retórica do gênero textual reportagem de divulgação científica. **Delta**, v. 37, n. 2, p. 1-25, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-460X202148177>. Acesso em: 19 ago. 2023.

SWALES, John Malcolm. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VELASCO, Clara. GRANDIN, Felipe; PINHONI, Marina. Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas. **G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghml>. Acesso em: 10 ago. 2023.

O *INSTAGRAM* COMO SUPORTE PARA O ENSINO DO LÉXICO EM LÍNGUA ESPANHOLA: ANÁLISE DE *POSTS* DO PERFIL

@ESPANHOLPARATODOSONLINE

Silvestre Carlos Azevedo Silva (UERN)

silvestrecarlos@alu.uern.br

Tatiana Lourenço de Carvalho (UERN)

tatianacarvalho@uern.br

1. INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, buscamos analisar especificamente como acontece o ensino do léxico por meio de perfis do *Instagram* de forma mais específica, a partir da inserção das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no contexto de ensino de língua espanhola.

A motivação para o desenvolvimento deste estudo se deu a partir do ensino remoto emergencial (ERE), durante pandemia do Covid -19, momento no qual professores e estudantes tiveram que se adequar ao cenário pandêmico, durante o isolamento social que impediu a modalidade às escolas, às universidades e às demais instituições para as atividades presenciais. Neste contexto de emergência sanitária, nos obrigamos a realizar adaptações das práticas de ensinar e aprender por meio, em grande parte, das TDIC.

No mesmo período, muitos perfis do *Instagram* foram criados ou adaptados com o intuito pedagógico. De forma mais específica, no que se refere ao ensino de espanhol, alguns com o foco de apresentar e/ou ensinar termos da língua em questão, como também aspectos culturais e algumas curiosidades culturais dos hispano-alantes. Como exemplo podemos citar os perfis @espanholcomvoce, @espanholizando, playnoespanhol, @espanholminuto, @espanhol.hermano dentre tantos outros.

O *Instagram*, que não tem originalmente um foco nos processos educativos, com a criação de perfis específicos para o ensino, passou a se tornar um espaço de mediação de conhecimento tanto entre professores e alunos, como também para a comunidade em geral que passou a ter acesso aos diversos conteúdos educacionais disponibilizados na rede, sobretudo por meio de *posts*¹. Neste sentido, observamos que o conhecimento aliado a essa rede social pode tornar a comunicação para a

educação mais acessível durante a pandemia, mas também auxiliar não só a professores, mas aos próprios estudantes que se interessaram em aprender a língua espanhola, também de forma autônoma, buscando em perfis educacionais do *Instagram* não necessariamente apenas nos indicados pelos professores.

É, neste contexto de uso de tecnologias para continuidade das aulas que não podiam acontecer presencialmente, que neste estudo nos motivamos a investigar e analisar o conteúdo léxico presente no perfil @espanholparatodosonline buscando também entender quais métodos e enfoques de ensino que são empregados neste perfil.

Este estudo também foi motivado devido à experiência do primeiro autor desse artigo, como aluno do curso de Letras: Língua espanhola durante a pandemia, e devido ao contato que tivemos com o perfil em questão e outros vários, como os mencionados anteriormente, que nos auxiliaram no contato com “novos” grupos de palavras em espanhol.

Além do mais, a utilização de *posts* de alguns perfis para a elaboração de conteúdos didáticos na disciplina de Estágio Supervisionado do curso Letras em questão, possibilitou uma vivência mais próxima com esse tipo de TDIC nas aulas de língua espanhola tanto através de materiais elaborados para rede social *Instagram* por parte do(s) professor(es) do curso como também por educadores de diversas partes do mundo que se fizeram administradores de perfis educacionais que produziam (alguns produzem até hoje) conteúdos educacionais digitais.

Outro fator de relevância social de nosso estudo, é o fato de que até o momento da escrita deste trabalho, poucas pesquisas sobre o ensino de espanhol através do *Instagram* foram encontradas e nenhuma publicação a respeito da aprendizagem do léxico em redes sociais. Cremos que isto se explica, conforme menção de Oliveira (2022 p. 10), ao afirmar que “[...] a pandemia parece ter favorecido a multiplicação de perfis que pretendem contribuir com algum aprendizado [...]”. Estamos de acordo com o autor/autora ao entender que seria uma nova realidade de aprendizagem. Neste sentido, as investigações sobre a criação de perfis educacionais no *Instagram*, durante o contexto pandêmico, podem estar ainda em fase de divulgação, assim como a do artigo em questão². Ainda tratando do recente estudo de Oliveira (2022), este trouxe uma análise de como ocorre o ensino de língua espanhola no *Instagram*, expondo publicações de um perfil e o método de ensino aplicado nele o foco da investigação gira em torno do dialogismo no qual ocorre o aprendizado.

No tocante ao ensino do léxico de línguas por meios digitais, de forma mais abrangente, encontramos alguns trabalhos que se aproximavam um pouco do que executamos na nossa pesquisa. Hillesheim (2021), por exemplo, realizou um estudo voltado ao ensino léxico do inglês em aplicativos móveis por meio da gamificação. Neste trabalho, a estudiosa analisou atividades do *Duolingo*, *HelloEnglish* e *Mondly* levando em consideração os grupos lexicais que eram ensinados, a maneira como eram trabalhados os vocabulários, entre outros aspectos.

Considerando as especificidades dos estudos anteriores, nossa investigação também se faz relevante por buscar entender como está sendo realizado e apresentado o conteúdo do léxico nas publicações do perfil proposto para a análise, observando suas especificidades como também os métodos e abordagens de ensino que o criador dos conteúdos utilizou para proporcionar o aprendizado do vocabulário em língua espanhola de forma virtual.

Vale destacar, ainda, que nossa investigação se trata de um estudo de caso, por analisar um acontecimento da vida real, que é o ensino do léxico da língua espanhola através do Instagram. A categoria de pesquisa deste estudo se classifica como quali-quantitativa, porque visa analisar um fenômeno que ocorre no cotidiano e fazer a descrição deste, quais suas causas e efeitos na sociedade, como também contabilizar a frequência através da quantidade em que acontece. Apoiando-se nos objetivos propostos para a realização desta investigação e baseando-se em Gil (2008), também é possível classificar nosso estudo como descritivo analítico. Isto porque, no trabalho, buscamos descrever como se dá um determinado fenômeno, aqui o ensino do léxico através do *Instagram*, e analisar as principais especificidades descritas e fundamentadas nas teorias sobre o léxico e nos métodos de ensino de língua estrangeira, especialmente o espanhol.

2. ENSINO DO LÉXICO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

O ensino do léxico continua sendo um assunto pouco debatido com profundidade no campo teórico da linguagem, como entendemos a partir de Biderman (1996). Assim, é possível notar que não é dada muita importância a esse componente da linguagem e como acontece o seu ensino. Diante disto, é primordial entender o conceito do léxico, as partes que o integram e refletir sobre seu ensino por ser um elemento considerável quando se trata de comunicação, principalmente nas

línguas estrangeiras.

É a partir de Biderman (1996) que entendemos que este objeto comunicativo está situado na memorização construída pelos termos de uma determinada língua e, conseqüentemente, o local deste processo, a mente humana. Assim, esse conhecimento denominado léxico acontece a partir das vivências do indivíduo, incluindo a cultura, a estrutura da palavra, seu significado e as funções fonéticas, fonológicas e sintáticas que se dão por meio da interação.

Na mesma linha de pensamento sobre o conceito de léxico, Baralo (2007, p. 385, tradução nossa) expõe as especificidades da competência léxica quando afirma que o léxico:

[...] contém informação codificada correspondente a forma das palavras (fonética, fonológica, ortográfica, ortoépica, morfológica), a sua função sintática (categoria e função), ao seu significado real ou figurado (semântico) assim como a sua variação (sociolinguística) e ao seu valor intencional e comunicativo (pragmático).

Assim, nota-se todo o aparato linguístico que compõe o léxico, este que influencia desde a pronúncia, a escrita (gramática), a compreensão e a fala juntamente com as variantes culturais e sociais. Sendo assim, o léxico é um elemento que não pode faltar no ensino de uma língua estrangeira, por abranger tais aspectos da língua e ser primordial no processo de aquisição de uma língua estrangeira.

A partir do estudo “Língua estrangeira ensino e aprendizagem” de Leffa (2016, p. 9) é possível entender que o ensino de um idioma estrangeiro necessita ser algo profundo, pois “A complexidade da LE⁴ abrange diferentes domínios do conhecimento, não só do ponto de vista individual, mas também do ponto de vista coletivo, como ciência interdisciplinar”. Desta forma, é comprovada a abrangência que uma língua possui e que, de certa forma, quando é proposto ensiná-la, deve-se pensar na oferta gradativa desses domínios para um melhor aprendizado e desenvolvimento das habilidades linguísticas. Por isso, é importante que não haja a omissão do ensino do léxico, já que ele possui variados elementos na sua constituição e que devem ser trabalhados devido a sua funcionalidade, tais como fonéticos, fonológicos, gramaticais dentre outros que possibilitam a interação.

Diante dessa reflexão, Oliveira (2018, p. 25) expõe que “Apesar do papel central desempenhado pelo léxico, o ensino e a aprendizagem

de LE foram baseados, ao longo da sua história, principalmente na sintaxe e na fonologia”. É diante disso, que entendemos que o léxico não é trabalhado de uma forma mais abrangente no ensino de uma língua estrangeira. Muitas vezes, esse ensino é restrito apenas em função da gramática dentro da construção de uma frase ou, também, considerando a sonoridade do termo em relação a língua que se estuda. São

deixados de lado elementos principais como o significado, a variação, a cultura dentre os outros elementos que constituem o léxico de um idioma.

3. O LÉXICO EM DIFERENTES MÉTODOS E ENFOQUES DE ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA

Antes de tudo, se faz necessário entender que os métodos e enfoques se fazem presentes no ensino de forma geral como “um conjunto de procedimentos”, desde o século XVIII, quando foi reconhecido o primeiro método de ensino, conforme expõe Gesser (2010) apoiado em Brown (1994). Então, após entendermos, a partir destes autores, os métodos como esse feixe de práticas, devemos refletir as possibilidades nas quais eles norteiam o professor a ensinar uma determinada língua, pois cada um desses métodos guia para um determinado aspecto, habilidade ou competência linguística.

Antes de avançarmos, vale a pena comentar que muito tem se discutido e se cometido incoerências, como aponta Fernández (2010), sobre a diferença entre método, metodologia e enfoque, sendo necessário entendermos o significado de cada um. Nisso, a autora expõe, apoiada em alguns teóricos como Almeida Filho (2005) e Leffa (1988), a diferença destes termos, sendo o enfoque, de forma mais específica, descrito como uma abordagem que se constrói em torno de uma teoria de como se adquire a língua, ou seja, cada enfoque elabora um conjunto de técnicas embasadas nas teorias de como se aprende os elementos de uma língua. Dentre elas, podemos citar o Behaviorismo, o Gerativismo, o Interacionismo como tantas outras que permitem serem analisadas determinadas especificidades que favorecem o aprendizado para a construção de uma conduta de ensino.

Partindo da temática dos métodos e enfoques, utilizamos Richards e Rodgers (2001) e Barreto (2012). Os respectivos autores, em seus estudos, caracterizaram alguns dos principais e mais utilizados métodos e enfoques de ensino, aqui destacamos: o método gramática e tradução e o método situacional que encontramos neste estudo nos *posts* analisados. Cada um destes possui sua especificidade e alguns com foco no aprendizado e desenvolvimento em alguma habilidade linguística em língua estrangeira e, portanto, tendo em vista a amplitude

de elementos que fazem parte do léxico, estes métodos focam em algum(ns) componente(s) lexical(ais) para ser desenvolvido.

Não iremos prolongar uma discussão especificando cada método pontuado anteriormente, sendo apenas descritos na subseção 2.5 os dois que foram encontrados. Sugerimos, caso necessário, consultar as referências para um aprofundamento sobre os métodos de ensino.

Porém, é primordial enfatizar que há um enfoque pelo qual o léxico é ensinado de maneira mais direta. Este é denominado como Enfoque Léxico que, conforme Higuera (2004), trata as palavras em sua funcionalidade e totalidade, em diferentes usos e suas modificações, não se restringindo apenas ao significado que elas possuem, realizando uma abordagem mais completa que trabalha gradualmente os elementos que compõem o léxico.

4. ALGUNS ELEMENTOS DO PERFIL DO *INSTAGRAM* @ESPANHOLPARATODOSONLINE PARA O ENSINO DO LÉXICO DA LÍNGUA ESPANHOLA

Para realizarmos esse estudo, selecionamos as publicações realizadas no período de um mês (entre 26 de abril e 26 de maio de 2023) as quais totalizaram 13 (treze) que foram categorizadas com base no conteúdo de língua espanhola disponibilizado no período em questão. Logo, elaboramos uma tabela que consta a totalidade de *posts* disponibilizados no perfil e também a quantidade referente às categorias encontradas que foram destacadas em Ensino de Palavras, Grupo de Palavras Léxico Contextual, Grupo de Palavras Correção Ortográfica, Frases Úteis, Verbos e Variação, logo após descrevemos os conteúdos lexicais baseados em Baralo (2007).

Ressaltamos aqui, através da análise de algumas publicações do perfil @espanholparatodosonline, quais conteúdos lexicais estão sendo utilizados, como vocábulos, verbos, grupos de palavras e as variantes que são expostas com o intuito de que o seguidor adquira o conhecimento sobre a estrutura, uso e funcionamento do léxico em língua espanhola.

Ao verificarmos que o *Instagram* está inserido no cotidiano das pessoas e que pode mediar o ensino e o aprendizado de língua espanhola proposto por um professor, somos motivados a analisar como se dá este tipo ocorrência. Deste modo, iremos observar e descrever quais elementos do léxico da língua espanhola aparecem com mais frequência para o ensino dessa língua e quais suas características. A

seguir, apresentamos uma tabela que consta a totalidade de *posts* e a quantidade referente às categorias encontradas que foram, conforme demonstra a tabela abaixo, as seguintes:

Tabela 01: Quantidade de *posts* em um mês

Categorias	Número de publicação por perfil
	@espanholparatodosonline
Ensino de Palavras	0
Grupo de Palavras (Léxico Contextual)	3
Grupo de Palavras (Correção Ortográfica)	4
Frases Úteis	2
Verbos	1
Variação Linguística	3
Total de <i>posts</i>	13

Fonte: Elaboração própria a partir das informações postadas nos perfis analisados do *Instagram*.

Ao observarmos a tabela acima, notamos que o perfil @espanholparatodosonline realizou mais *posts* categorizados em *Grupo de Palavras (Correção Ortográfica)*, sendo, de forma mais específica, contabilizadas quatro postagens dedicadas a ensinar palavras com terminação “-iendo”, antônimos de palavras em espanhol e acentuação de palavras.

A categoria de *Grupo de Palavras (Léxico Contextual)* se destacou com três *posts* focados em ensinar palavras sobre expressões temporais, enfermidades e tipos de cabelo. Já a categoria de *Variação Linguística* também obteve a mesma quantidade de *posts*, estes ligados a ensinar como a língua espanhola muda em cada região ou país, o perfil trouxe *posts* que trabalhavam variação no vocabulário de comida, variantes da palavra pipoca em alguns países e gírias faladas na Espanha. Percebemos, ainda, em nossa análise que a categoria *Frases Úteis* foi contemplada com duas postagens intituladas como expressões e respostas/pedidos e, por fim, com apenas uma publicação

a categoria de *Verbos* trouxe o verbo “ter” para ser ensinado em língua espanhola.

A partir dos dados já coletados, resolvemos analisar os *posts* das três categorias mais recorrentes (*Grupos de Palavras Correção Ortográfica*, *Léxico Contextual e Variação Linguística*), iniciaremos abaixo pela categoria *Grupo de Palavras em Correção Ortográfica*.

Figura 1 – *Grupo de Palavras (Correção Ortográfica)*



Imagem obtida através *Instagram*

O *post* da figura 01 está dedicado a expor como acontece a escrita das palavras que em português terminam em “-ndo”. Desta maneira, são apresentadas oito palavras como vendendo, comendo, bebendo, dizendo, correndo, movendo, entendendo e vivendo seguida da sua forma escrita em língua espanhola, sendo destacado que cada palavra quando encontra-se no gerúndio sofre uma pequena alteração, sendo acrescentada a letra i antes da terminação “-endo”. A publicação da figura 01 está em formato de vídeo e consta de um áudio

que repete tanto as palavras em português como a sua modificação de pronúncia em espanhol; no final, o áudio solicita que se escrevam nos comentários outras palavras com a terminação “-iendo” que sejam conhecidas pelos seguidores/estudantes.

A partir disso, percebemos que o *post* da figura 01 possibilita que ocorra a aquisição da competência lexical, relacionada a estrutura das palavras através da visualização das palavras e da escuta. Essa ação, vai de acordo com o que disse Biderman (1996) sobre a construção do léxico acontecer por meio do contato ou de uma vivência com os elementos do léxico de uma língua. Porém, percebemos que o ensino dessas palavras poderia acontecer de uma forma mais criativa, utilizando ilustrações que representassem situações de uso das palavras.

Figura 1 – *Grupos de palabras (léxico contextual)*



Fonte: Imagem obtida através *Instagram*.

Na figura 02, consta o título em língua espanhola em forma de pergunta “¿Estás enfermo?” dando a entender, portanto, que irá tratar de ensinar o grupo léxico das doenças em língua espanhola. Em

sequência, apresenta *emojis* que expressam doenças, como também, desenhos de partes anatômicas do corpo, desenho de um médico, de remédios, órteses e curativos.

Se observa que abaixo de cada desenho e *emojis* estão vocábulos em língua espanhola que fazem referência àquela caracterização. Ademais, a publicação propõe ensinar principais sintomas inicialmente, como dor de cabeça, febre, náuseas, dor de garganta, dor nas pernas, dor nos braços, dor no estômago e dor nos ouvidos, porém além de proporcionar a instrução acerca dos sintomas, o *post* ensina a utilizar a palavra *duele* em plural ou singular para se referir a dor em alguma região do corpo. Juntamente com isso, a publicação também contempla o uso do verbo *tener* para se referir a algum sintoma, permitindo ao seguidor que conheça quais termos utilizar para dizer qual sintoma ou doença está sentindo.

O *post* da figura 02 também traz a presença de alguns elementos que compõem o contexto lexical de doença, como médico, remédios, órteses e curativos, apresentando assim ao seguidor o conhecimento sobre a estrutura lexical que corresponde a cada um deles em língua espanhola.

Tendo em vista o que foi apresentado, é importante destacar que a postagem da figura 02 contribui para o seguidor ou estudante de língua espanhola adquirir o conhecimento de determinados termos, pois, ao inserir-se um contexto que é cotidiano facilita o aprendizado e a memorização que são fundamentais na construção de uma competência léxica como afirma Biderman (1996) quando aponta que o conjunto de elementos que formam o léxico se adquire por meio do contato com elementos sociais, que de fato, é o que acontece na publicação acima ao propor a temática de enfermidades.

Por outro lado, ao pensarmos no ponto de vista de Leffa (2016) acerca de um ensino de língua estrangeira que abranja muitos domínios do conhecimento, se observa que, a publicação da figura 02 carece de algum áudio onde ocorra a pronúncia das palavras da língua espanhola. Porque o seguidor ou aluno, por si só, sem um conhecimento prévio da língua, pode cometer alguns erros ou enganos acerca da pronúncia de algumas letras ou acentuação de sílabas. Por isso, se faz importante que esse quesito seja adicionado ao *post* quando pensamos nas colocações de Leffa (2016), pois acreditamos que a inserção de um áudio contribuiria melhor para a escuta e pronúncia das unidades léxicas, melhorando ainda mais a competência lexical

Figura 03 – *Variação Linguística*



Fonte: Imagem obtida através *Instagram*

O *post* da figura 03 tem como objetivo mostrar a variação linguística em três países falantes de espanhol. Na figura 10 são apresentadas as variações que sofrem as expressões em espanhol correspondentes à comida rápida, caneta e pão de forma na Espanha, Argentina e México. O *post* conta ainda com a ilustração de cada palavra com um desenho que a represente, seguida das bandeiras dos três países que correspondem à variação.

Por conseguinte, o *post* da figura 03 permite que o estudante/seguirador conheça como ocorre cada mudança que determinadas palavras sofrem a depender da região geográfica de comunicação. O *post* da figura 03 possibilita, ainda, que se tenha acesso, além do grupo lexical, à cultura linguística de cada país, por demonstrar os diferentes termos em língua espanhola voltados a um significado comum.

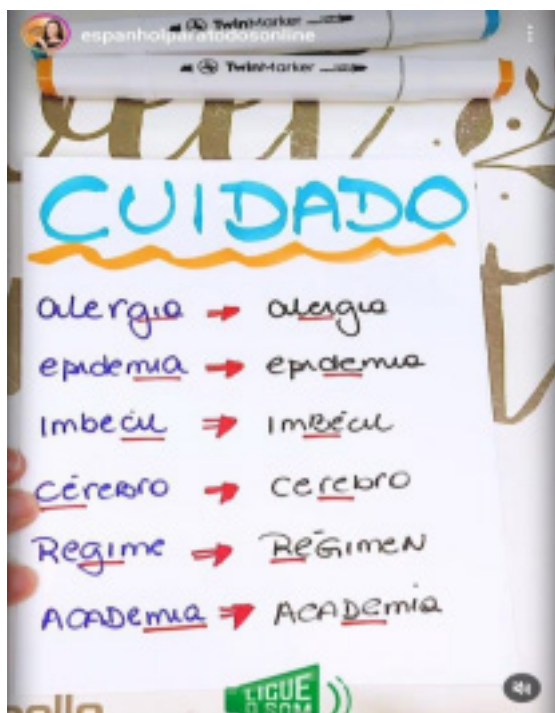
Ademais, o uso dos desenhos ajuda com que o ensino se torne mais lúdico, abandonando a tradução em língua materna, o que torna esse um processo mais direto com a língua. Porém, vale destacar que um elemento importante poderia ser inserido, um áudio reproduzindo

a pronúncia, visto que são palavras que o estudante/seguuidor pode estar tendo contato pela primeira vez, e também abarcar o conteúdo de uma forma mais otimista por ativar a compreensão auditiva.

4.1 ALGUNS MÉTODOS E ENFOQUES DE ENSINO IDENTIFICADOS EM POSTS DO PERFIL @ESPANHOLPARATODOSONLINE

A seguir, analisamos alguns *posts* do perfil @espanholparatodosonline utilizando os métodos e enfoques de ensino dos estudos de Richards e Rodgers (2001) e Barreto (2012) para encontrar os principais aspectos que determinam algum método ou enfoque presentes nessas publicações. Mas antes, é importante explicar que a escolha dos *posts* se deu a partir das categorias que tiveram maior número de postagens, sendo escolhidos os primeiros *posts* do período de coleta.

Figura 04 - Correção na pronúncia dos acentos



Fonte: Imagem obtida através do *Instagram*.

O *post* mostrado através da figura 04 está em formato de um vídeo, onde são exibidas seis palavras da língua espanhola que possuem semelhança na escrita em língua espanhola e não mudam de significado. Porém, a publicação utiliza a língua materna (língua portuguesa) para mostrar quais sílabas sofrem modificação na tonicidade. Nisso, são expostas as palavras *alergia*, *epidemia*, *cerebro*, *régimen* e *academia* junto com sua pronúncia e destaque da sílaba tônica em língua espanhola.

Desta forma, podemos relacionar o *post* da figura 04 à fase de exposição que ocorre no método situacional, como bem mostra Barreto (2012)., porque percebemos que na figura 04 está sendo exposta a modificação de pronúncia que as palavras cognatas sofrem em língua espanhola. Possivelmente, com o intuito de melhorar a habilidade oral nessas palavras que são utilizadas em determinados contextos comunicativos, ocorrendo por meio da leitura, repetição e correção que acontece no vídeo do *post* da figura 04.

Portanto, essa percepção destacada acima, é algo que vai de acordo com os objetivos do método situacional, visto que esse método, se dedica a melhorar a oralidade através de atividades que envolvam a leitura e correção de vocabulário usados no cotidiano e a repetição. Efeitos estes, que foram encontrados no *post* da figura 04 e possibilitaram com que notássemos esta aproximação ao método situacional.

Figura 05 - Correção na pronúncia dos acentos



Fonte: Imagem obtida através *Instagram*.

A publicação acima, na figura 05, pretende expor as expressões temporais em espanhol, o *post* completo apresenta as expressões *ahora, anteayer, ayer, anoche, pronto, luego, mientras, temprano, mañana, entonces, todavía e aún*. Em seguida, solicita e encoraja o seguidor a formular uma frase utilizando alguma das expressões e deixar como comentário no *Instagram*. A publicação também consta com a tradução de cada uma das expressões em língua portuguesa.

Percebemos que a referida publicação tem como objetivo que sejam aprendidas as palavras correspondentes às expressões temporais e, após isso, seja repetida a escrita utilizando-se de algumas dessas expressões com base na sua tradução em língua portuguesa. Nessa perspectiva, a publicação faz referência ao método denominado gramática e tradução, apontado nos estudos de Barreto (2012).

De forma mais clara, a partir dos estudos de Barreto (2012), o método gramática e tradução está formado por um conjunto de procedimentos que visam a aprendizagem das regras gramaticais, da memorização de listas de vocabulário, tradução dos vocábulos e frases na língua materna, dentre outros elementos que são utilizados para desenvolver as destrezas de escrita e leitura.

É por esse motivo, que ao analisarmos o *post* identificamos que ele incita a memorização das palavras que compreendem as expressões temporais, utiliza a língua materna para que o estudante/seguuidor aprenda o significado de alguma expressão, e solicita a repetição da mesma quando requer que escreva usando algum termo. Diante disso, comprovamos que o método que mais se assemelha foi o método gramática e tradução para o progresso da língua espanhola, e mais detalhadamente a leitura e escrita.

5. CONCLUSÃO

Dada a obtenção dos nossos resultados, pudemos concluir que o *Instagram* apresenta funcionalidades que possuem um potencial para auxiliarem o professor no ensino do léxico. Pudemos observar, através dos *posts* analisados, o emprego de elementos lexicais que aliados as funções do *Instagram* permitem que seja fomentado o aprendizado de alguns dos principais componentes e habilidades que formam a língua espanhola.

Sabemos que, por ser uma rede social que necessita de acesso a equipamentos digitais e internet, os quais carecem em determinados grupos sociais, muitas vezes devido a questões financeiras, se torna um ponto negativo à utilização desta ferramenta em contextos específicos de ensino.

Porém a partir do que foi exposto nesta pesquisa, cabe-nos refletir acerca da garantia desses equipamentos e do acesso deles através de políticas públicas e sociais que democratizam o acesso à *Internet*. Porque como vimos, o *Instagram* se utilizado de forma responsável e apropriada, pode tornar a aprendizagem de língua espanhola um processo mais descontraído e atual por conta da popularidade das redes sociais.

Também se faz necessária mais uma colocação, pois há aquelas instituições que proíbem o uso de aparelhos móveis dentro da sala de aula. Porém, deve-se frisar que essa atitude além de restringir um aparelho que auxiliaria no aprendizado dos estudantes, prejudica o bom senso por parte dos alunos a respeito da utilização do celular, como esse suporte para aprender. Tonando-se, portanto, uma contribuição para que haja mais estereótipos negativos tornando mais rejeitado o uso das tecnologias digitais em sala de aula. O que sabemos que não é uma verdade absoluta, pois os equipamentos tecnológicos, unidos ao professor e ao conteúdo didático, só tendem a favorecer o processo de ensino e aprendizagem se usados de maneira correta e consciente.

REFERÊNCIAS

BARALO, M. Adquisición de palabras: redes semánticas y léxicas. **Actas del Foro de Español Internacional: Aprender y enseñar léxico**. 2007, p.384-399.

BARRETO, A. B. P. C. M. **Metodología para la enseñanza y aprendizaje del español**. IFRN editora, Natal, 2012.

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. **Revista Alfa**, São Paulo, n. 40, 1996, p. 27-46.

GESSER, A. Metodologia de Ensino em Libras como L2. UFSC, Florianópolis, 2010. GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. Atlas, São Paulo, 2008.

HILLESHEIM, D. Atividades gamificadas em aplicativos móveis: A forma de apresentação e as estratégias de ensino de léxico em inglês. **UNIOESTE**, Cascavel, 2021.

LEFFA, V. J. Língua estrangeira. Ensino e aprendizagem. **EDUCAT**, Pelotas, 2016.

OLIVEIRA, B. M. Ensino e aprendizado do léxico em espanhol como língua estrangeira. **UFRS**, Porto alegre 2018.

OLIVEIRA, L. S. Dialogismo no ensino de língua espanhola pelo Instagram. **UFU**. Uberlândia, 2022.

RICHARDS, J. C.; RODGEERS, T. S. **Enfoques y métodos en la enseñanza de idiomas**. Cambridg University, Madrid, 2001.

SANTOS, R. O.; RUDNIK, R. M. L. Instagram e a educação: algumas considerações. **Revista Brasileira de Educação**, Curitiba, 2022.

SOUSA, M. N. V. et al.. Reflexões sobre o uso do instagram como ferramenta utilizada no ensino aprendizado de língua inglesa. *In*: VII ENID & V ENFOPROF /UEPB, 2019 Campina Grande. **Anais [...]** Campina Grande: Realize Editora, 2019.

OS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS EM TEMPOS DE REDE: RESSIGNIFICAÇÃO DO ESTUDO DO TEXTO

Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas (SEEC-PB)

1. INTRODUÇÃO

As mudanças ocorridas na sociedade contemporânea refletiram de forma bastante intensa na escola e, de forma mais acentuada, nas exigências quanto ao trabalho do professor.

A esse profissional, já não cabe apenas ensinar, ele precisa articular saberes que garantam a formação intelectual e social dos sujeitos envolvidos, integrando-os e proporcionando o desenvolvimento de cidadãos construtores de seus discursos.

Nessa perspectiva, a sala de aula precisa assumir um caráter epistemológico, em que as práticas nela desenvolvidas e as ações empreendidas pelo professor, no sentido de assegurar eficácia no processo de ensino e aprendizagem, funcionem como instrumentos de pesquisa possibilitando uma constante “ação-reflexão-ação”(BRASIL, 1998) que orientem o trabalho cotidianamente realizado.

Especificamente nas aulas de língua materna, essa ressignificação precisa partir de uma metodologia fundamentada no trabalho com os gêneros textuais, cuja aplicabilidade em sala de aula contribui para o desenvolvimento tanto da oralidade quanto da escrita. Para Bakhtin/Medvedev (2003), todos os campos da atividade humana, por mais variados que sejam, estão relacionados à utilização da língua, seja de maneira oral ou escrita, o que ressalta a importância de a oralidade ser enfatizada na aprendizagem escolar, mesmo sendo algo tão intrínseco à vida das pessoas, principalmente por se caracterizar como uma prática social dos indivíduos. Fazer uso da modalidade oral é uma reafirmação da confiança do sujeito em sua capacidade crítico-discursiva, que se conquista em espaços que estimulam a manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é, enfim, em ambientes que auxiliam no processo de construção da identidade.

Considerando o exposto, este trabalho discute a importância de se priorizar uma prática pedagógica pautada nos reais usos sociais da língua, que possibilita o desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem dos novos sujeitos sociais, que fazem uso no seu dia a

dia das tecnologias de informação e comunicação como ferramentas indispensáveis no processo de comunicação e interação.

Nessa perspectiva, apresenta-se uma proposta metodológica, baseada na sequência didática, que possibilita aos sujeitos envolvidos fazerem uso do gênero oral, no espaço real e virtual, além de refletirem sobre a importância da utilização do gênero, tanto no que diz respeito à estrutura, quanto a sua funcionalidade no contexto sócio-histórico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A EDUCAÇÃO ESCOLAR E AS DEMANDAS DA CONTEMPORANEIDADE

Diante das transformações do mundo contemporâneo, a escola vem sendo questionada acerca de sua função social nesta nova sociedade que exige um novo tipo de sujeito, um sujeito plural, capaz de pensar e aprender constantemente, além de refletir sobre as dinâmicas que se diversificam, articulando saberes através das relações sociais estabelecidas e dos novos mecanismos evidenciados pelas novas tecnologias.

Nessa perspectiva, o objeto essencial do ensino deve ser a condição humana, desenvolvendo conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania. Nesse contexto, a educação precisa modificar seus objetivos e práticas pedagógicas em face desse acelerado avanço tecnológico, em que o conhecimento técnico-científico, de saberes prontos e acabados, cede lugar ao conhecimento técnico-informacional, que possibilita aos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem desenvolverem suas potencialidades a partir das interações que estabelece com o outro, mediados pela linguagem e pelos símbolos em situações reais, nos mais diversificados espaços sociais. Para Morin (2007, p. 31), nesse novo espaço “o conhecimento permanece como uma aventura para a qual a educação deve fornecer o apoio indispensável.”

Considerando o exposto, esse movimento “de aventura” exige a formação de um sujeito participativo que transforma e é transformado, produz conhecimentos e ressignifica conhecimentos existentes no contexto de suas relações sociais. Desse modo, faz-se necessário refletir a educação e o modelo de escola nesse processo de mudança,

com vistas a transformá-la para atender a demanda social e cultural, considerando a materialização da aprendizagem institucionalizada nas relações sociais. Sobre essa questão, Morin (2007, p. 35) afirma que:

Para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo é necessária a reforma do pensamento. Entretanto, esta reforma é paradigmática e, não, programática: é a questão fundamental da educação, já que se refere à nossa aptidão para organizar o pensamento.

Nesse sentido, é importante destacar a relevância da reflexão que o professor deverá dispensar sobre o seu fazer pedagógico, considerando a investigação primordial para o estabelecimento de uma retomada de postura com vistas à ressignificação de “modelos” existentes. De acordo com Severino (2007, p. 100) “Toda modalidade de conhecimento realizada por nós implica uma condição prévia, um pressuposto relacionado à nossa concepção da relação sujeito/objeto.” Assim, conceber que se está diante de uma nova concepção de escola, novos saberes e novos sujeitos, exige um novo olhar para esses espaços, desencadeando a necessidade de se compreender a realidade em toda a sua complexidade. Ainda sobre esse aspecto, Santiago (2006, p. 114) afirma que:

A reflexão vai na direção dos sujeitos que instituem o trabalho docente, da relação docente-discente e da postura necessária àquela e àquele que vivenciam o trabalho educativo. Isto é, há um destaque para a atitude crítica do professor no exercício da profissão.

Essa nova postura incide num constante debate sobre a escola que temos e a escola que queremos, fazendo surgir aspectos convergentes e divergentes sobre a circulação das diferentes concepções do fazer pedagógico que permeiam a escola e suas relações com os sujeitos implicados, uma forma de redimensionar seu papel, atendendo, desse modo, aos novos paradigmas de produção e circulação do conhecimento. Assim, faz-se necessário que na escola se instaure um ambiente que possibilite interações e interlocuções entre os sujeitos professor-aluno, aluno-aluno, mediadas nos mais

diferentes suportes de comunicação, com o objetivo de desenvolver mecanismos que atendem as exigências da educação contemporânea, com vistas à diversificação do conhecimento e das práticas sociais de uso da linguagem.

Sobre esse assunto, Tardif (2005, p. 23) afirma que:

A escolarização repousa basicamente sobre interações cotidianas entre os professores e os alunos. Sem essas interações a escola não é nada mais que uma concha vazia. Mas essas interações não acontecem de qualquer forma: elas formam raízes e se estruturam no âmbito do processo escolar e, principalmente, do trabalho dos professores sobre e com os alunos.

Nesse sentido, o trabalho com os gêneros orais se apresenta como um mecanismo de promoção das interações pretendidas pela escola contemporânea, considerando que eles estão relacionados com as práticas sociais da linguagem e apresentam uma funcionalidade que ultrapassa os limites estabelecidos pela forma, cumprindo uma função comunicativa. Outrossim, o trabalho com os gêneros possibilita ao aluno se cercar de conhecimentos que viabilizem a utilização do pensamento lógico e crítico, tornando-se, assim, sujeito de suas ações e autor das práticas sociais de linguagem e das situações reais de interação social.

Sendo a linguagem oral um instrumento multidimensional e a mais antiga modalidade linguística de interação, a sua inserção nos programas escolares é questão relevante, principalmente quando visa à construção e compreensão dos discursos produzidos por outros sujeitos e, conseqüentemente, a organização da fala, com vistas à competência comunicativa.

Desse modo, faz-se necessário que a escola reflita sobre as práticas sociais da linguagem, compreendendo seu funcionamento e trabalhando-a de forma adequada. É crucial que se considere o desenvolvimento cognitivo dos estudantes e as situações de interação social a que estarão submetidos, uma vez que, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), o trabalho com a linguagem deve mobilizar diferentes saberes e possibilitar o empoderamento em seu uso, ou seja, o ensino deve ser pautado pelos objetivos compartilhados pela sociedade e no interesse naquilo que cada indivíduo tem a dizer.

Considerando o exposto, as mudanças pretendidas no contexto escolar, sob a égide da sociedade contemporânea, resultam numa situação desafiadora e acenam para a importância do docente se profissionalizar, atentando para as novas demandas e as novas exigências que lhes são impostas quanto à natureza de sua responsabilidade social, profissional e pedagógica e sua constante condição híbrida diante dos eventos de ensino e aprendizagem.

Sobre essa abordagem, Tardif (2010, p. 18) destaca que “o saber dos professores é plural, compósito, heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer bastante diversos, provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente.” Assim, não se trata apenas de uma revisão superficial, trocar uma prática por outra, mas implica uma reavaliação cuidadosa, ressignificando valores e conceitos e pensando sobre questões contemporâneas que atendam as reais necessidades dos sujeitos envolvidos e, sobretudo, pensando a educação como um novo mecanismo que corresponda às expectativas de uma sociedade dinâmica e em constante transformação social, cultural e histórica.

2.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA E PRÁTICA PEDAGÓGICA

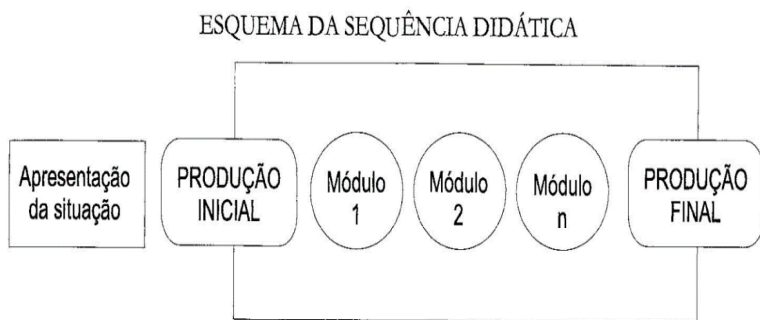
O trabalho com sequência didática pressupõe a elaboração de um conjunto de atividades pedagógicas ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo etapa por etapa. A organização das atividades em sequência tem o objetivo de oportunizar aos alunos o acesso a práticas de linguagens tipificadas, ou seja, de ajudá-los a dominar os diversos gêneros textuais que permeiam nossa vida em sociedade, preparando-os para saberem usar a língua nas mais variadas situações sociais, oferecendo-lhes instrumentos eficazes para melhorar suas capacidades de ler e escrever (Dolz & Schneuwly, 2004).

A aplicação desta metodologia permite explorar as características do modelo didático do gênero, o que se constitui numa preciosa fonte de informações para o professor acompanhar e orientar os alunos a refletirem sobre a funcionalidade da linguagem a partir do gênero estudado. Dessa forma, os alunos dominarão pouco a pouco as características e serão capazes de formular conhecimentos e se desenvolverem enquanto sujeitos usuários da palavra nos mais diferentes contextos de produção.

Marcuschi (2002) aponta outro aspecto fundamental no trabalho com sequência didática que é a criação de situações em

contextos que permitam reproduzir em grandes linhas e no detalhe a situação concreta de produção textual, oral e/ou escrita, incluindo sua circulação, com atenção para o processo de relação entre produtores e receptores.

A estrutura de base de uma SD é constituída pelos seguintes passos: apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, módulo 2, módulo 3 e produção final, como demonstra o esquema abaixo (Dolz e Schneuwly 2004, p. 98):



Apresentação da situação

a) Os alunos devem ser expostos ao projeto coletivo de produção de um gênero textual (qual o gênero, destinatário da produção, suporte etc.).

b) Os alunos precisam perceber a importância dos conteúdos que vão trabalhar.

A primeira produção

Define o ponto preciso em que o professor pode intervir melhor e o caminho que o aluno tem ainda a percorrer:

a) Um primeiro encontro com o gênero (a produção inicial pode ser simplificada, ou somente dirigida à turma, ou a um destinatário fictício).

b) Realização prática de uma avaliação formativa e primeiras aprendizagens.

Os módulos (ou oficinas)

A atividade de produzir um texto é decomposta em partes:

a) Trabalhar problemas de níveis diferentes:

- Representação da situação de comunicação (contexto de produção).

- Elaboração dos conteúdos (o aluno deve conhecer as técnicas para buscar, elaborar ou criar conteúdo).

- Planejamento do texto (infraestrutura textual).

- Realização do texto (meios de linguagem eficazes).

b) Variar as atividades e os exercícios. Três categorias de atividades e exercícios:

- As atividades de observação e de análise de textos.

- As tarefas simplificadas de produção de textos.

- A elaboração de uma linguagem comum.

c) Capitalizar as aquisições (lista de constatações).

A produção final

a) Investigar as aprendizagens.

b) Avaliação de tipo somativo (Confronto da produção textual com a lista de constatações).

Essas etapas permitirão uma constante reflexão, tanto por parte do aluno quanto do professor, sobre a eficácia do trabalho com o gênero em estudo e, principalmente, sobre a funcionalidade da língua/ linguagem em seus contextos de uso.

3. AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E A COMUNICAÇÃO EM REDE: SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Considerando as abordagens propostas até aqui sobre a importância de se revisitar as práticas pedagógicas, apresenta-se a seguir um modelo teórico metodológico de sequência didática com o gênero oral *debate*, aliado ao uso das novas tecnologias, aplicada numa turma de 9º Ano do Ensino Fundamental, no município de Pombal – PB, em que se defende a eficácia do trabalho com os gêneros orais ao se utilizar também do ambiente virtual, espaço cotidiano dos sujeitos sociais na contemporaneidade.

A escolha do tema “As relações interpessoais e a comunicação em rede” e do suporte *WhatsApp* se deu pela evidência da utilização dessa ferramenta de comunicação entre os jovens, sujeitos da turma pesquisada, o que parece substituir o contato pessoal/real com seus interactantes. É importante ressaltar que não será dada relevância à opinião dos sujeitos sobre os novos modos de comunicação, mas a suas concepções sobre a importância dos gêneros orais, foco desse estudo.

O modelo apresentado segue as orientações propostas por Dolz e Schneuwly (2004, p. 82) que defendem a ideia de que é possível desenvolver a competência comunicativa a partir da promoção de situações que possibilitem ao aluno “expressar-se oralmente em situações públicas escolares e extraescolares.” Nesse sentido, entende-se que ao criar uma situação a partir de mecanismos experimentados diariamente pelos sujeitos envolvidos, no caso específico o uso das tecnologias, é criar um ambiente propício de reflexão e análise sobre os usos da língua em tempos em que o mundo virtual invade o mundo real.

Sobre esse aspecto, Goulão (2011, p. 76) ressalta a importância de se desenvolver “estratégias formativas baseadas em processos educativos inovadores que permitam o desenrolar de processos de aprendizagens eficazes.” A proposta apresentada, detalhadamente, a seguir, se configura num novo modo de pensar e desenvolver novas estratégias de ensino no estudo dos gêneros orais, se utilizando de ferramentas disponíveis na escola e no contexto social escolar e extraescolar do aluno: a fala e as tecnologias digitais, instrumentos que possibilitam a interação e a comunicação entre os sujeitos de modo dinâmico, espontâneo e acessível.

3.1 PASSOS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1 Apresentação da situação

- Apresentação do tema a ser discutido: “As relações interpessoais e a comunicação em rede”.

- Discussão do tema a partir de diferentes gêneros, incluindo enquetes virtuais (uma forma de ampliar a competência linguístico-discursiva dos sujeitos envolvidos).

- Exploração dos gêneros utilizados a partir do conhecimento e posicionamento crítico dos alunos.

- Nessa fase foi indispensável o uso do gênero *exposição oral*, uma vez que essa atividade é a mais frequente nas salas de aula quando do uso da linguagem oral, segundo observações realizadas por ocasião dessa pesquisa.

2 Levantamento sobre os gêneros que farão parte da sequência didática

- Gênero “debate”.

- Definição do suporte par desenvolvimento da sequência: presencial (sala de aula ou auditório da escola) e virtual: whatsapp.

- Considerando as orientações de Schneuwly & Dolz (2004), ficou definido que o debate seria o gênero oral a ser trabalhado durante a sequência, variando apenas o suporte.

- A inclusão das tecnologias para desenvolvimento dessa sequência deu-se pela necessidade de se incluir escola e professores nesse novo cenário “social e tecnológico” para que, desse modo, possam “enfrentar os desafios na nova ambiência de conhecimento, crenças, artes, hábitos e aptidões desenvolvidos pelas sociedades na era digital em rede global.” (Barros, 2011, p.2)

- Para definição desse gênero foi necessário recorrer à literatura da área que versa sobre diferentes tipologias de debates, úteis de se trabalhar em sala de aula.

- Concluída a revisão bibliográfica, ficou definido que seria dado ênfase ao *debate de opinião de fundo controverso*, considerando

que o tema a ser discutido suscita diferentes posicionamentos, em face dos deslocamentos e confrontações de sentido.

- Como subsídio para melhor compreensão do gênero, foram disponibilizadas algumas orientações teóricas, propostas por Dolz & Schneuwly (2004), orientações do livro didático do aluno (CEREJA E MAGALHÃES, 2010), além de vídeos com aplicação do gênero em estudo.

3 A primeira produção

- De forma presencial, foi iniciada a produção de um debate sobre o tema apresentado.

- Gravação da sessão de debates.

- Num segundo momento, o grupo foi submetido a uma autoavaliação sobre as competências desenvolvidas e as aprendizagens adquiridas, num movimento de “ação-reflexão-ação” (BRASIL, 1998).

- A primeira produção foi realizada em duas aulas seguidas.

- Para a autoavaliação, também foram utilizadas duas aulas. Aqui os alunos ouviram suas falas e fizeram críticas a respeito da postura empreendida durante o debate, considerando as teorias discutidas sobre os papéis assumidos durante o debate.

- Concluída a avaliação, o debate seguiu para o espaço virtual, onde todos, alunos e professora, discutiram os problemas observados.

4 Os módulos

- De acordo com Schneuwly & Dolz (2004), a divisão do trabalho da sequência didática em módulos possibilita observar os problemas detectados na primeira produção, possibilitando a superação deles.

- Assim, o trabalho foi dividido em três módulos que permitiram aos sujeitos envolvidos perceberem a peculiaridade do gênero oral debate, levando-os a (re) construir suas concepções quanto à importância do trabalho com os gêneros orais na escola.

- Foram realizadas pesquisas, levantamento da situação de comunicação, identificação do vocabulário empregado, da finalidade do texto (argumentação) e, principalmente, da postura dos participantes, enquanto debatedores do assunto ou como mediadores da situação.

- Nessa perspectiva, pode-se dizer que essa primeira produção serviu para desenvolver no aluno a capacidade de observar e analisar seu próprio texto, oral e/ou escrito, constituindo-se, assim, como “ponto de referência indispensável a toda aprendizagem eficaz da expressão” (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 89).

4.1 Módulo I

- Nesse módulo, os alunos puderam falar sobre o gênero debate, enfocando as características, sem que houvesse a necessidade de se estabelecer uma estrutura fixa de conteúdo.

- Ainda nesse módulo, outros gêneros orais foram evidenciados, a exemplo da exposição oral e depoimento, situação que permitiu a revelação da compreensão do grupo acerca do gênero debate.

- Como o tema sugerido para o debate foi “A comunicação em rede e as relações interpessoais”, os alunos se arriscaram na produção do gênero debate em rede, fazendo uso do WhatsApp, considerado pela literatura como gênero escrito, com características da oralidade.

- Considerando que a sequência didática tem o objeto de “fazer e refazer”, esse módulo teve a duração de 08 aulas, incluindo os momentos de avaliação, exposição oral, depoimentos e debate quanto ao tema proposto e a eficácia da realização do gênero em rede.

4.2 Módulo II

- Esse módulo foi marcado pela realização de uma enquete (online) para saber a opinião das pessoas quanto ao uso das redes sociais para o estabelecimento de vínculos afetivos, partindo da discussão de Baumann(2001) sobre a sociedade líquida, abordagem feita em sala por ocasião da proposta apresentada.

- Essa enquete possibilitou a fundamentação das defesas

quanto à postura de cada um sobre o assunto em discussão. Nessa fase, já se pode vislumbrar a efetivação do objetivo da sequência didática, que, de acordo com Dolz & Schneuwly (2004, p. 83) “tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”.

- Embora a enquete esteja relacionada ao gênero escrito, sua produção foi fundamental para a efetivação do gênero em estudo, considerando que, de acordo com Botelho (1997), a oralidade e a escrita não ocupam as extremidades de uma linha reta, não são dicotômicas, mas se realizam num contínuo tipológico, em cujas extremidades se situam, de um lado, o grau máximo de informalidade e, de outro, o grau máximo de formalismo.

4.3 Módulo III

- Esse módulo se caracterizou pela refacção consciente do trabalho desenvolvido até então. Feitas as observações dos alunos sobre suas posturas e as novas orientações do professor orientador, é hora de refletir sobre as aprendizagens adquiridas e os espaços em que essas aprendizagens se efetivaram.

- Nessa fase, foi destacada a importância do trabalho com os gêneros orais, uma vez que se percebeu o autocrescimento numa situação de comunicação em que o uso da oralidade é indispensável.

- Também foi destacada a importância das tecnologias na sala de aula, considerando a sua importância para aquisição de novos conhecimentos em tempo real e a forte influência exercida na sociedade do conhecimento, que comporta os chamados “nativos digitais”.

- No caso específico, segundo depoimento dos alunos envolvidos, o WhatsApp contribuiu sobremaneira para que o tema fosse discutido amplamente e o uso da linguagem oral fosse efetivada de forma eficaz, já que o espaço da sala de aula foi (re)significado pelo uso da ferramenta, comum nas relações diárias dos jovens envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem.

- Através do espaço virtual, os alunos se sentiram à vontade para discutir o tema, argumentar, refutar ideias e propor solução, o que ajudou na refacção do debate em sala de aula.

4.4 Produção Final

- A sequência didática foi finalizada com uma produção final, presencial, que possibilitou aos alunos a prática dos instrumentos discutidos, separadamente, durante o desenvolvimento da atividade.

- Considerando que nesse tipo de atividade o foco é o aluno, nessa fase os alunos puderam refletir sobre o próprio processo de aprendizagem, avaliando os avanços e recuos e sua postura enquanto produtores de textos orais e/ou escritos, durante o processo, durante a revisão e a reescrita.

- Para que essa atividade alcançasse a eficácia desejada foi necessária a utilização do gravador, instrumento indispensável à observação e posterior análise do trabalho com os gêneros orais, considerando que, de acordo com Dolz & Schneuwly(2004, p. 95) “o texto oral desaparece imediatamente e não se presta a uma análise posterior para se compreender e observar seu modo próprio de funcionamento...A fita cassete e o gravador são, portanto, indispensáveis em qualquer ensino da expressão oral.”

- Nessa perspectiva, considera-se positivo o trabalho com os gêneros orais a partir da utilização da sequência didática, uma vez que essa metodologia possibilita um interessante *feedback* das ações realizadas, num processo evolutivo centrado nos objetivos prioritários, tanto do professor, que orienta sobre a importância do trabalho com os gêneros orais, quanto do aluno, que, inicialmente, não vê como uma ação prioritária o domínio dos gêneros orais, partindo do pressuposto do senso comum que não se ensina a linguagem oral, uma vez que todos chegam à escola sabendo falar.

4. CONSIDERAÇÃO FINAIS

Mediante o exposto, pode-se compreender a importância de ressignificar o espaço da sala de aula com vistas ao desenvolvimento de ações que dinamizem o processo de ensino-aprendizagem e considerem os saberes existentes e as ferramentas disponíveis com possibilidade de acesso e manuseio por parte do aluno e professor, o que pressupõe se utilizar dos pressupostos da Sociolinguística Interacional de modo que as aulas sejam construídas a partir da socialização, da relação dialógica e da reflexão professor e alunos acerca das infinitas possibilidades de usos da linguagem e dos novos instrumentos de

aprendizagem, disponibilizados sob a égide do mundo globalizado.

Especificamente nas aulas de língua materna, as teorias indicam que ainda persiste a cultura da supremacia da escrita, como se o homem se firmasse enquanto membro de uma sociedade a partir, exclusivamente, das práticas sociais de escrita. Assim, defende-se a ideia do fortalecimento de uma política pedagógica nas aulas de língua materna com vistas ao trabalho fundamentado nos gêneros textuais orais, que se inserem no panorama pragmático da língua, o que significa entendê-la como uma entidade social, considerando a fala do aluno como parâmetro para o redimensionamento das concepções de linguagem, enquanto mecanismo de interação social.

Somado a isso, ressaltamos ainda a necessidade de encorajar o debate quanto ao redirecionamento das práticas sociais da linguagem e das situações reais e/ou virtuais de interação social, com base nos fundamentos da ciência como mecanismo de “ação-reflexão-ação” nas transformações da sociedade contemporânea, tomada pelas novas tecnologias da informação e comunicação e que, desse modo, não podem ser ignoradas, mas utilizadas como importantes aliadas no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (Médvedev). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Daniela Melaré Vieira (et all). **Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas**. Lisboa: [s.n.], 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOTELHO, J. M. **Influência da oralidade sobre a escrita**. (Monografia inédita) Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, MEC/SEF 1998.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GOULÃO, Maria de Fátima. Ensinar e aprender na sociedade do conhecimento: o que significa ser professor? In: BARROS, Daniela Melaré Vieira (et all). **Educação e tecnologias**: reflexão, inovação e práticas. Lisboa: [s.n.], 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONÍSIO, Ângela P.; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **O livro didático de português**: múltiplos olhares. 3. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTIAGO, Eliete. Perfil do educador/educadora para a atualidade. In: BATISTA NETTO, José; SANTIAGO, Eliete (org.). **Formação de professores e prática pedagógica**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2006.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PROCESSOS REFERENCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA MODALIDADE POLÊMICA EM DISCURSOS SOBRE A VACINAÇÃO DA COVID-19: UM ESTUDO DE TUÍTES PUBLICADOS PELO DEPUTADO OSMAR TERRA

Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida (UERN)

eiannyabrantes@gmail.com

Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra (UERN)

lidmoraissb@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A vida em sociedade é marcada pelo uso da linguagem. As atividades humanas constroem-se numa inter-relação com o outro, com a palavra alheia, em um processo de cooperação. O uso da palavra está, portanto, ligado às esferas de ações sociais. Assim, a todo instante, produzimos enunciados com o objetivo de interagir com o outro e mostrar, como sujeitos historicamente situados em um determinado tempo e espaço, as nossas posições como construtores sociais. Percebe-se, portanto, que há no uso da palavra uma relação de partilha, de coletividade. Desse modo, o convívio social é marcado pela interação entre os interactantes e, nessa troca constante de saberes, construímos nossa bagagem sociocognitiva e nos afirmamos como sujeitos ativos no processo de interação verbal.

Nesse contexto, fazemos uso da palavra com propósitos comunicativos específicos. Assim, ressaltamos que nenhuma escolha linguística pode ser considerada neutra e que cada uma delas assume implicações importantes e produz determinados efeitos de sentido em nossos discursos. Nessa perspectiva, adotamos a concepção de que o uso da linguagem é argumentativo e que a ação de referir se configura como uma importante ferramenta de argumentação dentro dos textos.

Diante do exposto, ao utilizarmos os processos referenciais para construir ou reconstruir a nossa percepção sobre as coisas do mundo, indiscutivelmente, selecionamos um modo de fazer, um modo de dizer. Assim, os enunciados são permeados por escolhas que direcionam um modo de pensar, ou seja, revela-se uma forma de agir estrategicamente por meio da linguagem. É nesse cenário que corroboramos com a ideia de que a referenciação contribui com os

direcionamentos argumentativos do texto, pois a forma de introduzir, manter, ativar ou reativar um referente revela um posicionamento argumentativo. Nesse contexto, afirmamos que todo texto possui um viés argumentativo, em maior ou menor grau, e que o uso dos processos referenciais contribui com essa questão.

Compreende-se, portanto, que o ato de argumentar é visto como um agir sobre o outro em uma relação de cooperação e não de imposição, pois, na ação argumentativa, deve prevalecer um cenário democrático em que os interactantes fazem o uso da palavra para expressar pensamentos, opiniões, crenças e valores. Nessa ação de partilha, ideias semelhantes e opostas se cruzam, a palavra do outro ganha significação e novos diálogos surgem em diversos campos da atividade humana.

Diante do exposto, é preciso ressaltar que o estudo da Linguística Textual (doravante LT) tem contribuído de modo profícuo com os diálogos estabelecidos com a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), proposta por Ruth Amossy. A nossa pesquisa busca, portanto, considerar a interface entre a LT e a Teoria da Argumentação no Discurso.

Nesse contexto, observa-se que o ato de argumentar é inerente à vida em sociedade, o confronto de ideias também se faz presente de maneira natural, pois, como seres heterogêneos, autônomos e críticos, fazemos uso da palavra para expressar os nossos posicionamentos em relação a assuntos de interesse coletivo. Desse modo, o sistema democrático nos permite discutir, rever, refutar e ampliar a nossa visão de mundo a partir do diálogo de ideias. É nesse ir e vir de ações humanas que, inevitavelmente, deparamo-nos com temas polêmicos que despertam opiniões diversas e geram embate em torno de assuntos de interesse coletivo.

Neste viés, Amossy (2017) reflete sobre a modalidade polêmica, nos fazendo compreender que, nas interações polêmicas, há o interesse coletivo, pois, a questão afeta os anseios de uma dada sociedade, mas a modalidade também revela questões individuais. Além disso, a autora afirma que os temas polêmicos estão atrelados à cultura e, portanto, envolve-se, inevitavelmente, aspectos políticos e sociais que não são estáticos, nem cristalizados, mas se constroem a partir da necessidade de uma dada comunidade, observando costumes, crenças, ideologias, entre outros pontos que revelam a natureza humana.

Dessa forma, os espaços de debates sobre questões polêmicas se caracterizam pela multiplicidade de vozes sociais e têm grande importância e influência sobre o agir e pensar do outro, porque por

meio desses confrontos, formam-se opiniões e crenças que impactam diretamente a vida em sociedade.

Diante dessas reflexões, surge o anseio de analisar, a partir do emprego de processos referenciais, o objeto de discurso “vacina” no gênero tuíte e observar, com base na modalidade polêmica, como as teses em torno dessa entidade foram construídas. Assim, temos como objetivo geral: analisar o emprego de processos referenciais no gênero tuíte, buscando observar como os processos empregados conduzem o viés argumentativo dos textos e revelam traços da modalidade polêmica.

O nosso *corpus* constitui-se de tuítes publicados na página do deputado Osmar Terra, e, para a produção desse artigo, fizemos a seleção de tuítes do mês de abril que compõe a análise do Projeto de Tese “Processos referenciais na construção da modalidade polêmica em discursos sobre a vacinação da covid-19: um estudo de tuítes do deputado Osmar Terra”, que têm como eixo central a temática do processo de vacinação contra a COVID-19, e os fatos ligados a esse período. A escolha do gênero deve-se ao fato dos textos publicados na plataforma Twitter possuírem uma grande visibilidade no contexto atual, sendo, inclusive, utilizados em outras mídias, a exemplo do Instagram e jornais televisivos. Essa visibilidade acaba por influenciar um grande número de leitores, tanto aqueles que utilizam a rede social, como outros que são persuadidos por variadas mídias que republicam os textos. Além disso, parte de uma inquietação como pesquisadora de observar como os processos referenciais contribuem para a argumentação de textos que possuem uma regulação no número de caracteres, e mesmo assim, é capaz de sustentar pontos de vista e polemizar questões de interesse coletivo.

A proposta de trabalho que ora se apresenta objetiva realizar uma pesquisa que, quanto à natureza dos dados, pode ser classificada como qualitativa, visto que trabalhamos com as concepções acerca do trabalho com a escrita na perspectiva das práticas interativas e com interpretações da realidade social. Deste modo, segundo Triviños (1987, p. 129), “os significados, a interpretação, surgem da percepção do fenômeno visto no contexto”. Assim, compreendemos que o pesquisador possui uma postura ativa no processo de construção da análise do *corpus* e, por meio dos dados apresentados e do método selecionado, realiza as interpretações.

Este trabalho divide-se em quatro seções e insere-se na linha de pesquisa Texto e construção de sentidos do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL. Na introdução, apresentamos

brevemente alguns aspectos do fenômeno da referenciação, bem como o nosso objetivo e o *corpus* que constitui este artigo. Em um segundo momento, na discussão teórica, abordamos o fenômeno da referenciação e refletimos sobre a manifestação dos processos referenciais e suas implicações no texto. Na sequência, na análise dos dados, apresentamos a ocorrência de expressões nominais definidas e indefinidas, anáforas indiretas e introduções referenciais, analisando com esses processos podem afetar a orientação argumentativa dos textos. Por fim, nas considerações finais, sintetizamos os resultados obtidos.

2. OS PROCESSOS REFERENCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO

O fenômeno da referenciação está presente nos usos mais simples aos contextos mais complexos, ele é dinâmico e permite que negociemos os sentidos dos objetos de discurso e (re)elaboremos a realidade. Para exemplificar tal questão, Koch (2016, p. 34) traz o conceito dado por Mondada (2011) a respeito dos objetos do discurso:

Os objetos do discurso são, pois, entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados objetos de discurso que não preexistem a ele e que não têm uma estrutura fixa, mas que, ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva. Dito de outra forma, o objeto de discurso não remete a uma verbalização de um objeto autônomo e externo às práticas languageiras; ele não é um referente que teria sido codificado linguisticamente.

A partir do exposto, reafirmamos que os objetos de discurso são construídos em contextos reais de uso, e por esse motivo, podem assumir diferentes percepções, diferentes significados a partir do contexto sociocognitivo partilhado. Assim, os sentidos não são pré-determinados, mas construídos no processo de interação, imerso nas ações verbais.

Neste viés, compreendemos que a superfície textual é incompleta e, como uma teia argumentativa, os interactantes vão

preenchendo os espaços e construindo os sentidos, porque apenas o material linguístico não é suficiente para compreendermos o “evento comunicativo”. A ação de construir e reconstruir os sentidos está pautada nas relações estabelecidas em sociedade, faz parte do contexto sociocomunicativo, por isso, os objetos de discurso participam de um movimento dinâmico e não estável. A esse respeito, Cavalcante *et al.* (2022, p. 270) afirmam que

[...] os objetos de discurso são instáveis, porque eles evoluem naturalmente no momento único e irrepetível do texto. Fazer referência aos objetos de discurso não é meramente fazer corresponderem palavras e coisas do mundo. Trata-se de uma complexa operação de coconstrução dos sentidos.

Os referentes participam do movimento textual de forma ativa, pois não há uma estabilidade entre os referentes e a classificação dada a eles, porque cada momento é único e os elementos envolvidos na ação verbal revelam os sentidos a partir de um conjunto de fatores que se integram e passam a fazer sentido na correlação, na interatividade. É, portanto, no processo dialógico, que os interactantes vão construindo os sentidos de acordo com os propósitos comunicativos desejados. Assim, o modo de organização do texto e as escolhas linguísticas selecionadas revelam modos de fazer, modos de dizer.

Percebe-se, por conseguinte, que os processos referenciais contribuem com a dimensão argumentativa dos textos, pois, por meio deles, a rede referencial vai sendo construída e revela, inevitavelmente, os propósitos comunicativos. Ao mostrar tais propósitos, o enunciador argumenta a favor do ponto de vista que ele pretende defender. É nessa perspectiva que compreendemos que os processos referenciais revelam a orientação argumentativa dos textos.

Neste viés, Cavalcante *et al.* (2020, p. 131) adotam o posicionamento de que

[...] todo texto é argumentativo, uma vez que, em todos, há um sujeito que, embora sofra coerções sociais, culturais e ideológicas, tem sempre intencionalidade e tenta influenciar o outro a repensar pontos de vista.

Nesse contexto, inferimos que a referenciação contribui com a negociação de sentidos estabelecida entre os interlocutores na interação verbal. Assim, os processos referenciais direcionam pontos de vista e buscam, explicitamente ou não, convencer o outro das ideias que são apresentadas.

A imagem dos objetos de discurso é construída na interação verbal, no processo de comunicação. Os referentes assumem, por conseguinte, uma postura ativa a partir do momento que são articulados estrategicamente no discurso e integram a rede referencial. Neste contexto, o enunciador seleciona os processos referenciais que possibilitam a construção da argumentação a fim de convencer e/ou persuadir sobre as ideias apresentadas.

Desse modo, é perceptível que os referentes são inseridos, mantidos, retomados e/ou recategorizados a partir dos propósitos comunicativos desejados. Assim, as representações dos objetos de discurso são, inevitavelmente, diferentes, pois cada momento de enunciação revela particularidades distintas e os sentidos são negociados no discurso.

Diante do cenário teórico da Linguística Textual, especialmente, do uso dos processos referenciais, percebe-se uma relação intrínseca entre o ato de referir e a ação de argumentar, pois “referir é uma atividade argumentativa” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p. 151). Assim, a seleção dos processos referenciais revela estratégias textuais que direcionam os vieses argumentativos dos textos. Para os autores,

A referenciação desponta, assim, como um recurso textual que deve ser analisado inteiramente integrado às motivações argumentativas, às restrições contratuais da interação e à responsividade dos discursos que conversam entre si” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p. 151).

A referenciação analisada por este ângulo permite ver os objetos de discurso em constante construção e (re)elaboração. As entidades são, destarte, planejadas a partir das necessidades dos interlocutores no contexto comunicativo. Além disso, a dinâmica textual possibilita a construção da argumentação a partir de diferentes processos, como introdução referencial, anáfora e dêixis.

Em se tratando das introduções referenciais, Cavalcante e Martins (2020, p. 242) afirmam “que as introduções se prestam a

apresentar o referente da maneira que o locutor supõe mais persuasiva, encapsulando ou não proposições do texto”. Assim, a forma de introduzir os referentes no texto sinaliza o movimento argumentativo que vai sendo construído através do modo como as entidades são inseridas/mantidas no texto. Deste modo, introduzir um referente por meio de um nome próprio traz uma carga semântica diferente de introduzi-lo através de uma expressão nominal. Cada escolha impacta na negociação argumentativa e revela, conseqüentemente, o viés argumentativo do texto.

Já as anáforas têm a função de manter o nóculo em foco, através de estratégias de retomada. O referente é, portanto, recuperado e se mantém em evidência por meio dos processos anafóricos. Segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 62), as anáforas “têm em comum a propriedade de continuar uma referência, de modo direto ou indireto”. Deste modo, as anáforas contribuem com a progressão textual, pois, apoiados em âncoras textuais, os interlocutores conseguem recuperar sentidos, construindo uma rede de significações. Os processos anafóricos também estão relacionados com a progressão temática, contribuindo com uma tessitura textual harmônica. Neste sentido, a manutenção e/ou recuperação do referente tem papel decisivo nas correlações que são feitas por meio dos processos referenciais, porque as escolhas adotadas têm uma carga valorativa que direcionam os encaminhamentos argumentativos.

Outro fenômeno referencial é a dêixis, que se caracteriza “por sua capacidade de criar um vínculo entre o contexto a situação enunciativa em que se encontram os participantes da comunicação” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO E BRITO, 2014, p. 85). Assim, para a identificação de uma forma dêitica, é preciso identificar alguns elementos, a saber, interlocutores, tempo e espaço. É preciso conhecer, portanto, a situação de interlocução para que os sentidos possam ser construídos e negociados no discurso.

Diante do exposto, compreende-se que os processos referenciais contribuem com o projeto de texto do enunciador, proporcionando, por meio de mecanismos referenciais, a construção de sentido. Desse modo, cada escolha linguística acaba por revelar uma postura ativa assumida pelo interlocutor no uso da linguagem, demonstrando, por meio dessas escolhas, uma postura argumentativa. Destarte, cada texto produzido nos diferentes campos da atividade humana cumpre com determinados propósitos comunicativos e revela a capacidade humana de fazer referência aos objetos de discurso, da maneira que favorece a construção da argumentação.

No próximo tópico, apresentamos a análise dos dados, identificando as categorias selecionadas e interpretando os excertos a partir do uso dos processos referenciais.

3. OS PROCESSOS REFERENCIAIS E A MODALIDADE POLÊMICA NA CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE DISCURSO “VACINA” E DOS FATOS A ELA VINCULADOS

Em nossa análise, identificamos, descrevemos e analisamos os processos referenciais nos tuítes do deputado Osmar Terra que apresentam como eixo central o referente “vacina”. Assim, os tuítes que seguem mostram o direcionamento argumentativo do texto a partir do uso de introduções referenciais, expressões nominais e anáforas.

A partir das categorias mencionadas, o texto vai construindo a imagem dos objetos de discurso, mostrando que a referência contribui com o direcionamento argumentativo do texto. Desse modo, compreendemos o fenômeno da referência como uma atividade que se constitui no discurso e direciona o viés argumentativo dos textos. Além disso, analisamos como a modalidade polêmica é parte constituinte dos textos em estudo, a partir da exposição de teses antagônicas que provocam o dissenso no gênero digital tuíte.

A polêmica apresentada nos textos acontece em torno de um tema importante para a população mundial e brasileira que é o processo de vacinação contra a COVID-19.

3.1 ANÁLISE DE TUÍTES DO MÊS DE ABRIL

Iniciamos a análise com as publicações do mês de abril de 2022. Neste tuíte, temos alguns objetos de discurso importantes para a construção da teia argumentativa. Vejamos o texto:



Fonte: cópia de tela da conta do *Twitter* de Osmar Terra

O tuíte começa introduzindo o referente “O Rio”, afirmando que, na localidade, exige-se “o inútil passaporte Covid”. Assim, o primeiro período é construído em torno de uma introdução referencial – O Rio – e uma expressão nominal definida – o inútil passaporte Covid. A partir dessas expressões, o enunciador inicia um posicionamento argumentativo, afirmando que a cidade do Rio de Janeiro, sob a gestão de Eduardo Paes, tem perdido tempo ao adotar determinadas medidas. É importante observar que o produtor do texto marca o perfil do gestor administrativo da cidade do Rio - @eduardopaes - e consegue, com essa ação, mostrar aos leitores que cobra dessa liderança política uma resposta no tocante à ação realizada. Por caracterizar o combate à pandemia no Rio como desastroso, o enunciador provoca um debate em torno das ações governamentais adotadas, mostrando um posicionamento contrário à postura assumida por Eduardo Paes.

Nesse trajeto, percebemos que a utilização do artigo definido “o” tem a função de especificar o passaporte, mostrando que não é qualquer passaporte vacinal que não funciona, mas, especificamente, o passaporte contra a COVID-19. O artigo também traz uma ideia de familiaridade, uma vez que o uso do artigo definido subentende que os leitores têm conhecimento sobre o assunto abordado.

A expressão nominal em estudo – “o inútil passaporte Covid” - traz uma carga valorativa para a postagem, pois, especialmente, ao selecionar o adjetivo “inútil”, o enunciador afirma que o passaporte não tem serventia, é desnecessário. Além disso, a construção desvaloriza a tentativa de estimular a maior aderência possível de pessoas a aceitar a campanha de vacinação contra a COVID-19, pois se o passaporte significa estar em dia com as vacinas, e ele é inútil, indiretamente, questiona-se qual é a lógica de aderir a uma campanha de vacinação, se ela não surte efeito.

Dentre as medidas tomadas para o controle pandêmico, o passaporte tinha como objetivo maior assegurar que as pessoas que frequentam espaços públicos estejam vacinadas. A decisão de exigir o passaporte foi adotada em algumas localidades do país, a exemplo do Rio, para que o contato humano em locais com fluxo intenso de pessoas fosse mais seguro. Desse modo, tornou-se uma prática rotineira, no período pandêmico, adotar o passaporte vacinal como medida de segurança, visando o bem-estar da população. Nesse cenário, percebe-se que há um desacordo entre o posicionamento do enunciador e a postura adotada pelo prefeito do Rio de Janeiro em relação ao uso do passaporte de vacinação.

Diante do contexto, observa-se que o referente “passaporte COVID” ganha uma nova significação e os sentidos são negociados no discurso. Nesse viés, afirmamos que as palavras não podem ser vistas como meras etiquetas que classificam os objetos de discurso desconsiderando os aspectos contextuais. Assim, o referente mencionado só tem sentido porque houve uma construção social que institui a ele um significado; o referente “passaporte COVID” passou a ser considerado um documento que atesta que o cidadão foi imunizado contra a doença e a sua portabilidade está atrelada ao “passe-livre”, em algumas ocasiões. Dessa maneira, o referente mencionado é dotado de sentido na situação comunicativa vivenciada, corroborando com a ideia de que os sentidos são negociados no discurso.

Para confirmar a tese de que o passaporte COVID não tem funcionalidade, a postagem faz uso de dados numéricos que comprovam que o Rio tem uma crescente no número de mortalidade pela doença. Faz-se uma associação entre Brasil e Rio e utiliza-se a expressão nominal “1 milhão e 156 mil vidas perdidas”; a expressão impacta de modo negativo pelo alto número de óbitos mencionado, cria-se, então, uma situação hipotética para reafirmar a ideia de que o passaporte COVID não tem serventia, pois a medida foi adotada no Rio e houve uma crescente no número de mortes. O enunciador utiliza, portanto, uma construção textual que confronta a situação da cidade do Rio com o restante do país, ou seja, caso tivéssemos a mesma realidade da capital fluminense no restante do Brasil, teríamos “76% a mais” de mortes. Assim, reforça-se a ideia de que o Rio apresenta um péssimo cenário no controle pandêmico.

Como forma de dar credibilidade às ideias expostas, o deputado anexa as imagens. Vejamos:



Fonte: cópia de tela das imagens anexadas ao *tuite* de Osmar Terra

Nas duas primeiras imagens, não há menção da fonte de informação do texto, o que possibilita o descrédito das informações veiculadas. Assim, é oportuno observar que, para falar dos dados estatísticos, houve a omissão da fonte por parte do enunciador, ou seja, o leitor não tem como averiguar se os dados divulgados são verídicos ou não, e esse fato configura-se como uma estratégia argumentativa que reforça o propósito comunicativo de desqualificar a medida adotada no Rio.

A modalidade polêmica é ancorada nos números apresentados, mostrando uma tese contrária àquela proposta pelos defensores do passaporte COVID, ou seja, conforme Amossy (2017, p. 49), a polêmica “[...] é, portanto, a atividade que consiste em trazer argumentos em favor de sua tese e contra a tese adversa que constrói a fala polêmica”. Desse modo, os números confirmam o aumento de casos, o que nos leva a inferir que o passaporte COVID exigido não tem funcionalidade, sendo, portanto, um argumento favorável às ideias do enunciador.

Já na imagem que comprova a atitude de exigir o passaporte COVID, claramente, observa-se a fonte “CNN Brasil”. Assim, é importante, para a construção da argumentação, que a fonte seja informada, pois se trata de um meio jornalístico que tem credibilidade no cenário nacional. Usar essa fonte e mostrá-la traz credibilidade ao texto, corroborando que as ideias postas pelo enunciador são ancoradas em fontes seguras. Desse modo, nota-se que o leitor só tem acesso à fonte da imagem que traz a informação que credibiliza o discurso do enunciador. Fica evidente, portanto, que a estratégia argumentativa de correlacionar os textos em anexo à ideia proposta pelo tuíte é desqualificar as atitudes governamentais adotadas no Rio e reafirmar que a exigência de passaporte COVID não melhora o cenário no tocante ao quadro pandêmico.

A polêmica também está presente no texto por meio do uso do modificador “desastroso” em referência a @eduardopaes. O adjetivo traz, nesse contexto, uma carga valorativa de incompetência, confirmando que o gestor não tem habilidades para gerir uma crise pandêmica, pois suas atitudes revelam desastres. De acordo com Koch (2015, p. 118), “a seleção dos modificadores avaliativos é feita de acordo com a orientação argumentativa que se pretende dar ao texto”. Neste viés, percebe-se que a escolha do adjetivo “desastroso” contribui com a orientação argumentativa e polemiza a medida adotada no Rio.

Além disso, na modalidade polêmica, segundo Cavalcante *et al.* (2020, p. 63),

O objetivo, na desqualificação do outro em uma modalidade polêmica, não é discutir os méritos da razoabilidade dos argumentos do Oponente, mas sim desqualificar o adversário como interlocutor sério, apresentando-o como alguém incompetente, não confiável ou inconsequente.

Nesse contexto, a partir da caracterização da polêmica pelos autores, podemos dizer que o fato de ter ocorrido um aumento de casos na cidade do Rio é desconsiderado pelo oponente, ou seja, não justifica a atitude do prefeito Eduardo Paes de ter exigido o passaporte COVID, não é, portanto, uma medida positiva. O enunciador não reconhece essa ação como algo benéfico que visa à proteção da população, mas como uma atitude desnecessária, caracterizada como desastrosa, por conseguinte, incompetente. A modalidade polêmica é naturalmente instaurada na caracterização do trabalho desempenhado por Eduardo Paes, pois fica evidente que o objetivo maior é desqualificar o oponente posto em cena.

Nessa situação polêmica, o referente @eduardopaes é resgatado na postagem através da expressão nominal “prefeito genocida” e recategorizado como “ignorante da ciência”, reafirmando um dos objetos centrais da modalidade argumentativa que é manchar a imagem do oponente. Assim, para construir a rede referencial em torno do objeto de discurso Eduardo Paes, utiliza-se a seguinte sequência: @eduardopaes > prefeito genocida > ignorante da ciência.

A recategorização tem, portanto, a função de construir a imagem de um prefeito incapaz, especialmente, o termo “genocida” atribui responsabilidade social ao líder político pelas mortes causadas pela COVID. No percurso argumentativo, a carga valorativa advinda dos termos “genocida” e “ignorante” confirma a modalidade polêmica instaurada no texto, e as escolhas linguísticas imprimem marcas no cotexto que direcionam o viés argumentativo.

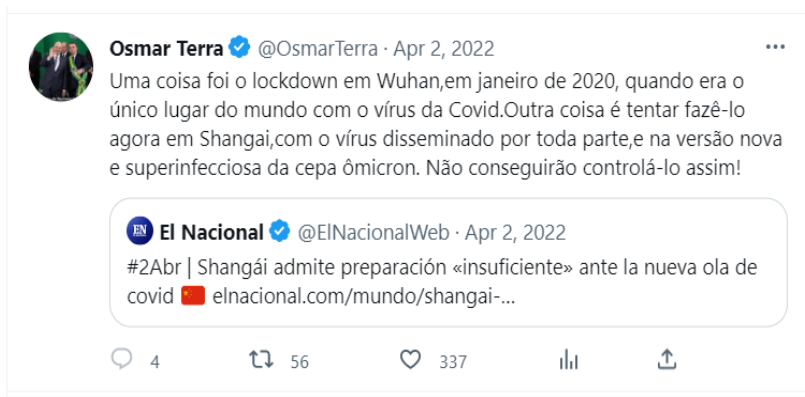
A partir da forma como o texto foi projetado, compreende-se que há uma espécie de movimento anafórico, pois, ao anexar outros textos à publicação principal, o enunciador retoma a temática principal do tuíte e promove a sequenciação temática. Além disso, os textos, em anexo, a exemplo da reportagem da CNN, resgatam por intermédio do referente “veto” o objeto de discurso “passaporte COVID”, produzindo uma continuidade referencial. Observa-se que o referente é novo no contexto, mas, indiretamente, recupera o dado já dito e mantém o nódulo em foco, cumprindo o papel das anáforas indiretas. Assim, não possuir “o passaporte COVID” é receber o “veto” e não poder participar dos eventos. Desse modo, implicitamente, o termo

“veto” recupera o termo passaporte, uma vez que a informação já está alocada na memória sociocognitiva dos interactantes. Para Marcuschi (2016, p. 60), esse processo pode ser considerado

[...] uma ativação-reativação na continuidade do domínio referencial. Assim, pode-se dizer que a AI é uma espécie de ação remática e temática simultaneamente, uma vez que traz a informação nova e velha, produzindo uma “tematização remática.

Nesse contexto, as anáforas indiretas têm o papel de contribuir com a reativação estratégica dos referentes, mantendo o nódulo em evidência e assegurando a progressão temática. Dessa maneira, os sentidos dos textos são também construídos a partir dos processos referenciais por meio de um ir e vir de ações textuais; as estratégias linguísticas ativam, reativam e recategorizam os objetos de discurso para atender aos objetivos desejados.

No mesmo dia, Osmar Terra apresenta o seguinte tuíte:



Fonte: cópia de tela da conta do *Twitter* de Osmar Terra

A postagem traz como um dos referentes principais “o lockdown em Wuhan”. Para compreender a expressão nominal, é necessário resgatar o contexto sociocognitivo e relembra que foi na cidade de Wuhan que surgiram os primeiros registros da cepa do coronavírus. No trecho em estudo, percebe-se a importância de resgatar conhecimentos prévios para o entendimento do que está posto

na materialidade e fazer as inferências necessárias para a compreensão textual. Reafirmamos, portanto, que os processos referenciais se constituem no discurso e negociam os sentidos a partir das interações verbais.

A partir de escolhas linguísticas, o enunciador afirma que o “lockdown” só surtia efeito quando o vírus circulava apenas em Wuhan, e, indiretamente, conduz o entendimento de que, naquela situação, era uma medida benéfica e eficaz. Mas, tentar aderir a essa medida em Shangai “com o vírus disseminado por toda parte”, é uma ação sem efeitos positivos. Fica claro, portanto, que o tuíte aborda a visão particular do enunciador em relação a medidas como o lockdown, mostrando que elas são desnecessárias e não surtem efeito. Além disso, suscita a discussão entre os internautas sobre determinadas posturas e promove inquietações naqueles leitores que acreditam que o lockdown é uma estratégia necessária para a contenção do surto pandêmico.

Nesse meio digital, a rede referencial vai sendo construída de postagem a postagem. Assim, deixar o referente em evidência nos tuítes é uma estratégia para manter o nódulo referencial em foco; tal construção contribui para a permanência ativa dele na mente do leitor.

Já no dia 03 de abril, Osmar Terra retoma um posicionamento no tocante à problemática vivenciada na China. Observemos:



Fonte: cópia de tela da conta do *Twitter* de Osmar Terra

Para construir a argumentação desejada, Osmar Terra retuitou uma pergunta dirigida a ele por @marcia_ssi. Na construção da

resposta, o deputado recupera o termo China, utilizado na pergunta, e inaugura dois novos referentes – Israel e Coreia. Os referentes são acionados pelo nome próprio, o que revela uma escolha importante na forma de nomear. Observa-se também que as localidades mencionadas são colocadas no mesmo patamar em termos de cenário pandêmico, contribuindo com os direcionamentos argumentativos do texto. Ou seja, China – Israel – Coréia não obtiveram sucesso no combate à pandemia.

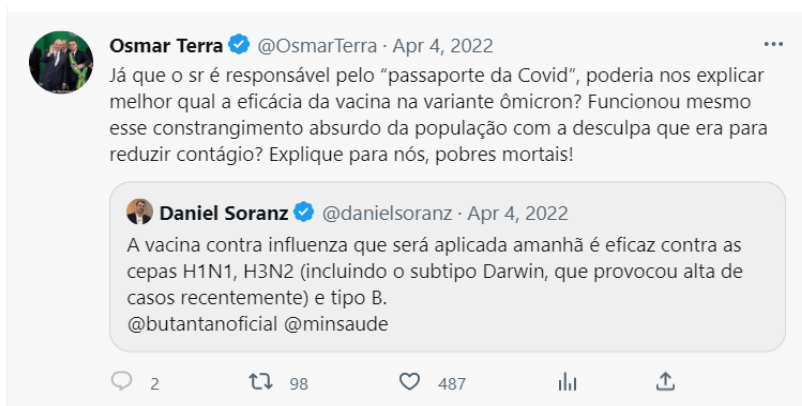
Outro ponto que merece atenção está relacionado à construção de sentidos que envolve o termo lockdown. Na postagem, o referente é caracterizado por @marcia_ssi como loucura; optar por mostrar essa caracterização para o objeto de discurso em sua *timeline* confirma o posicionamento do enunciador feito no dia anterior sobre o lockdown, sendo um ponto favorável à defesa da tese apresentada por ele. A retuitagem faz, portanto, um movimento anafórico, retoma o já dito e oportuniza a inserção de novas informações que contribuem com o projeto de dizer do enunciador.

Além dos referentes mencionados, é preciso destacar os objetos de discurso que mais causam impacto e polemizam o texto: “fraudemia e “PCC”. Em relação ao objeto de discurso “fraudemia”, nota-se que a palavra é formada pela união dos vocábulos fraude e pandemia, criando um novo termo que pode ser compreendido como uma pandemia fraudulenta, ou seja, falaciosa; esse termo foi veiculado durante o período pandêmico com o intuito de desmoralizar atitudes associadas ao processo de vacinação, induzindo, muitas vezes, como nessa publicação, que os dados divulgados sobre a pandemia não são reais. No termo “fraudemia”, observa-se o processo altamente dinâmico da referenciação, pois um novo referente foi criado para atender a determinados propósitos comunicativos. Percebemos, portanto, que os sentidos dos objetos de discurso só conseguem ser negociados com base no contexto comunicativo. Outro ponto importante é que a ação de retuitar um post que contém o referente “fraudemia” revela um posicionamento argumentativo do enunciador, isto é, ele concorda com as colocações do perfil de @marcia_ssi que existem fraudes e mentiras sobre os dados pandêmicos.

Já para o entendimento da sigla “PCC”, é preciso buscar informações alocadas na memória discursiva dos leitores e recuperar que a sigla faz referência ao Partido Comunista Chinês. Infere-se pelo contexto da postagem que o partido de esquerda inventou “mais uma fraudemia”, sugerindo que a pandemia da COVID-19 é uma criação da China. Ou seja, o enunciador induz que o PCC arquiteta situações que manipulam o cenário pandêmico.

No gênero tuíte, a rede referencial é construída dia a dia. Com grande rotatividade nas publicações, os seguidores da página

de Osmar Terra conseguem acompanhar o fio condutor dos seus posicionamentos e correlacionar postagens. Vejamos as postagens do dia 04 de abril:



Fonte: cópia de tela da conta do *Twitter* de Osmar Terra

A argumentação do tuíte em estudo é baseada na retuitagem da página de @danielsoranz, professor e pesquisador da fundação Oswaldo Cruz. O teor da postagem de Daniel Soranz está vinculado ao processo de vacinação contra influenza e tem o objetivo de informar dados da vacinação à população. O enunciador aproveita a oportunidade do eixo temático da postagem e questiona o professor sobre questões relativas à COVID-19.

A partir da construção feita, observa-se que a retuitagem tem a função de continuar o ataque ao governo de Eduardo Paes. Utiliza-se, portanto, da fala do secretário de saúde do município do Rio para retomar a polêmica instaurada em torno do passaporte COVID. Nesse trajeto, é atribuída ao secretário a responsabilidade do ineficiente passaporte COVID, assim, por meio da postagem, há uma cobrança por uma resposta plausível sobre o uso do passaporte. Desse modo, ataca-se novamente o governo do Rio, desqualificando os oponentes Eduardo Paes e Daniel Soranz, como também, revelando uma dicotomização de teses.

No tuíte em análise, observamos que dois objetos de discurso contribuem com a modalidade polêmica, a saber: “esse constrangimento absurdo” e “pobres mortais”. Em se tratando da

expressão nominal “esse constrangimento absurdo”, percebe-se a ênfase dada à construção textual a partir da escolha do substantivo e do adjetivo que compõem a expressão. O enunciador não satisfeito com o uso do substantivo “constrangimento”, que já carrega a ideia de uma situação moralmente desconfortável, acrescenta ainda que é um “constrangimento absurdo”, trazendo a ideia de algo inaceitável, difícil de vivenciar; já a expressão “pobres mortais” é utilizada em tom irônico para manter a postura de que a população necessita de uma resposta a respeito do passaporte COVID; cria-se, então, uma atmosfera de tensão a partir de questionamentos que não podem ser respondidos pelo perfil citado, pois, ao exigir uma resposta sobre algo novo como a variante ômicron, sabe-se que não se obteria uma resposta eficaz, já que ainda não existiam respostas científicas sobre a eficácia da vacina para essa variante. Inferimos ainda que, ao utilizar a expressão “pobres mortais”, engloba-se os brasileiros que, segundo o enunciador, estão à espera de respostas concretas sobre os efeitos da vacina.

As escolhas linguísticas nos tuítes acabam por revelar o propósito de desqualificar o outro, pois utiliza-se a rede social como uma arena de embates, colocando em xeque, ao longo da *timeline*, a credibilidade de pesquisas científicas, além de influenciar negativamente ações contra o processo de vacinação.

Em resposta aos questionamentos de Osmar Terra, Daniel Soranz utiliza do seu perfil na rede social e responde qual o objetivo do passaporte COVID. Vejamos:



Fonte: cópia de tela da conta do *Twitter* de Osmar Terra

A partir do tuíte em estudo, nota-se que a estratégia de Osmar Terra de marcar o perfil de @danielsoranz, em postagens anteriores, surtiu o efeito desejado, pois obteve-se uma resposta para o questionamento e foi colhido novo material para novamente refutá-lo. Nesse exemplo, percebemos um dos traços classificatórios da polêmica, uma vez que, segundo Cavalcante *et al.* (2020, p. 50), “[...] a dicotomização de uma questão discursiva polêmica é atualizada na interação, corroborando a radicalização do debate e confirmando a impossibilidade de um acordo”. A dicotomização acaba por revelar, portanto, dois lados distintos em que os papéis sociais ficam demarcados e adota-se uma postura ativa no embate de ideias. Nesse caso, percebe-se que, além de discordarem a respeito da serventia do passaporte COVID, os interlocutores assumem um vínculo partidário distinto; o deputado Osmar Terra mostra de modo explícito a discordância com as atitudes do governo de Eduardo Paes, e Daniel Soranz demonstra apoio às medidas adotadas e à conduta assumida pelo prefeito do Rio.

Neste trajeto, observa-se que o professor-pesquisador da fundação Oswaldo Cruz explica que o intuito do passaporte COVID é incentivar a busca pela vacinação, afirmando que o Rio atingiu a meta desejada, pois conseguiram ter “uma das maiores coberturas vacinais” do país. Mesmo diante da justificativa apresentada pelo professor, o deputado Osmar Terra revida a afirmação com o argumento de que o Rio é a capital que “mais aumentou o número de mortes” e tem “uma das três maiores taxas de mortalidade do planeta”. O uso dos referentes “mortes” e “mortalidade” pertencem ao mesmo campo semântico e trazem uma ideia de obscuridade, falta de vida, por meio deles, caracteriza-se um estado fúnebre na cidade do Rio. Fica evidente, portanto, o desacordo entre os enunciadores e a tentativa de Osmar Terra de desprezar qualquer ação que envolva o incentivo ao uso do passaporte COVID; a insistência no debate sobre essa questão revela também a tentativa de manchar a conduta daqueles que apoiam o uso do passaporte.

A estratégia argumentativa de marcar o perfil do interlocutor permanece e o referente passaporte COVID continua em evidência. Observemos:



Osmar Terra @OsmarTerra · Apr 4, 2022

Olhem bem o gráfico do contágio da Covid na cidade do Rio de Janeiro. A grande explosão de novos casos ocorreu logo depois do Pref. @eduardopaes e do Secretário @danielsoranz exigirem o inútil “passaporte da Covid”. Não impediu e aumentou o contágio além de constranger..



21



482



1,565



Fonte: cópia de tela da conta do *Twitter* de Osmar Terra

No intuito de continuar com o eixo temático em foco, Osmar Terra mantém o diálogo com @eduardopaes e @danielsoranz, e prossegue a argumentação com o referente “passaporte COVID” em evidência. Essa ação revela que o enunciador utiliza-se das ferramentas do gênero tuíte para elaborar a teia argumentativa e sustentar o seu posicionamento, mobilizando recursos que favorecem o seu projeto de dizer. Desse modo, a estratégia de marcar o perfil dos interlocutores induz, portanto, que Osmar Terra tem atuado como um político que cumpre o papel de fiscalizar questões que envolvem o bem-estar da população, cobrando das lideranças políticas mencionadas uma resposta no tocante ao processo de vacinação na cidade do Rio.

O posicionamento do enunciador relacionado ao passaporte COVID é confirmado por um gráfico, que demonstra que, em 2022, o aumento de casos no Rio foi superior ao ano anterior, justamente quando se exigiu o passaporte. O gráfico anexado à postagem tem o objetivo de atestar que o passaporte COVID não surtiu efeito, pois houve um aumento de casos. O passaporte é mais uma vez classificado como “inútil” e agora também responsável pelo aumento de casos – “não impediu e aumentou o contágio além de constranger”. Diante da fala do enunciador, observa-se, mais uma vez, a tentativa de desmoralizar a conduta estabelecida no Rio, pois a medida não tem eficácia e serve para “constranger” a população.

Outro fato curioso é observar que não há referência da fonte das informações apresentadas na imagem, não oportunizando a conferência daquilo que foi posto em anexo ao tuíte. A omissão da referência sugere, portanto, que o enunciador não deseja que a fonte seja divulgada, assim, percebe-se que a divulgação das informações está atrelada àquilo que convém ao propósito comunicativo dele. Compreendemos, por conseguinte, que é uma estratégia argumentativa utilizada para reforçar o direcionamento que vem sendo defendido ao longo das postagens.

O embate de ideias é estabelecido ao longo das postagens e o enunciador busca estratégias para convencer os leitores de que as teses apresentadas por ele são coerentes e baseadas em evidências. Percebe-se claramente a polarização entre os discursos, e os elementos textuais vão desenhando a cadeia argumentativa, confirmando a dicotomização presente nos enunciados. Neste viés, Cavalcante *et al.* (2020, p. 56) confirmam que “O texto e o peritexto formam um contexto que possibilita a construção dos sentidos engendrados nos posicionamentos verbalizados publicamente”. Desse modo, o tuíte torna-se uma arena de debates em que as teses entram em choque e, a partir das possibilidades de interação dadas pelo gênero, a cadeia argumentativa é construída, os sentidos são negociados e a interação possibilita o diálogo entre os interlocutores.

Diante do exposto, percebe-se que, na modalidade polêmica, o dissenso é fator que sustenta lados opostos de uma discussão e provoca o confronto de ideias que gera o desacordo e a reprovação das teses defendidas pelo adversário. A polêmica ainda tem o poder de provocar instabilidade no auditório, pois acaba por suscitar discussões de interesse coletivo que ocasionam incertezas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo identificar, descrever e analisar processos referenciais empregados no gênero tuíte do deputado Osmar Terra no mês de abril de 2022 que apresentava como tema central a vacinação contra a COVID-19, observando, ainda, se tais processos, de alguma maneira, afetam a orientação argumentativa dos textos desse gênero e demarcam os traços da modalidade polêmica.

De início, observamos que vários processos referenciais figuravam no gênero em estudo. Assim, além da introdução referencial, observamos uma incidência significativa de expressões nominais (definidas e indefinidas) e de anáforas. Em consequência disso, selecionamos essas categorias para a análise dos objetos em estudo.

Dessa forma, analisamos os tuítes a partir das categorias mencionadas, selecionando aqueles que apresentam o objeto de discurso “vacina” ou algum fato vinculado ao referente mencionado como cerne principal da argumentação. Optamos por trabalhar com os tuítes de Osmar Terra, pois identificamos neles os traços da modalidade polêmica apontados por Amossy (2017), bem como pela representatividade social atribuída ao cargo político que ele ocupa. Além disso, a formação acadêmica em medicina permite inferir que o deputado tem conhecimento da importância dos processos vacinais.

Na pesquisa, trabalhamos com a referenciação, pois, por meio dos processos referenciais, é possível observar a dinamicidade da língua e a interatividade presente nas relações humanas. Desse modo, observamos a presença efetiva de objetos de discurso como “lockdown” e “passaporte COVID”, que surgem diante de um novo contexto vivenciado no país. Reafirmamos, portanto, que os significados dos objetos de discurso não podem ser pré-estabelecidos e a negociação dos sentidos construídos é feita a partir de um conhecimento sociocognitivo compartilhado.

Além disso, os processos referenciais demarcam os traços da modalidade polêmica, como a dicotomização de teses, a polarização social e a desqualificação do oponente, pois a forma de selecionar as estratégias textuais acabou por edificar os direcionamentos argumentativos, revelando os propósitos comunicativos do enunciador. Assim, no gênero tuíte, a modalidade polêmica é evidenciada a partir do uso dos processos referenciais que demarcam as características dessa modalidade argumentativa. Observamos, ainda, que as figuras de propositos e oponente também ficam marcadas a partir das ferramentas propostas pelo gênero, como o fato de retuitar ou marcar o perfil de outro usuário da rede social.

A análise dos processos referenciais do ponto de vista argumentativo permitiu que observássemos a tentativa de desconstruir a imagem de determinados objetos de discurso e de enaltecer outros referentes. Por se tratar do gênero tuíte, as redes referenciais são construídas ao longo da *timeline* e a argumentação é edificada de postagem a postagem, pois o fato do tuíte possuir um número limitado de caracteres faz com que a rotatividade das postagens seja frequente, permitindo ao enunciador manter um eixo temático em foco. Esse fato revela uma estratégia argumentativa que contribui com o projeto de dizer do enunciador.

Vale ressaltar ainda que as práticas de linguagem devem ser analisadas no discurso e que a argumentação é inerente às práticas humanas. Deste modo, os textos acabam por revelar crenças, valores, posturas sociais e vieses ideológicos.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante et al. Contexto: São Paulo, 2017.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística Textual e Argumentação**. Campinas: Pontes editores, 2020.

CAVALCANTE, M. M. *et all.* **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. São Paulo: Editora Pontes, 2022.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE. M.M.; Martins. M.A. Referenciação em síntese. In: LIMA, A. H. V; SOARES, M. E.; CAVALCANTE, S. A. S. **Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer**. São Paulo: Editora Pimenta Cultural, 2020.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2015.

KOCH, I. G. V. Referenciação e orientação argumentativa
In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.).
Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2016. p. 33-52.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2015.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM FALAS DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS DE PORTALEGRE/RN

Josinaldo Pereira de Paula (UERN/FAPERN)
Míria Katarina de Sousa Fialho Pereira (UNIT)

1. INTRODUÇÃO

O ser humano é atravessado por inúmeros discursos e formações discursivas durante toda a sua vida. Esse fenômeno (re) constrói identidades que os interpelam e os (re)constituem enquanto seres sociais.

O objetivo deste texto é apresentar algumas Rd funcionando na (re)construção das identidades dos sujeitos descendentes quilombolas que residem em quatro comunidades rurais da cidade de Portalegre/RN, nomeadas como, Pêga, Arrojado, Sobrado e Lages. No período da escravidão, essas localizações foram Quilombos, nos quais os escravos fugidos se reuniam e de lá faziam resistência ao regime escravocrata da época.

A análise das Rd como contribuição para construção destes traços das identidades no discurso desses sujeitos foi feita usando como *corpus* o *e-book* “A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil”, organizado por Souza, Mendes e Fonseca (2011). Nesta obra, são transcritos seis inquéritos de fala em eventos reais de comunicação entre um entrevistador e moradores das comunidades quilombolas de Portalegre/RN no ano de 2000, transcritos nos anos de 2001, 2006 e publicado em 2011. Segundo os autores “Com a implantação das novas políticas sociais dos governos federal e estadual, notadamente a partir de 1998, uma nova realidade se apresenta no que se refere às comunidades”. Assim, o Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários de Pau dos Ferros (NELLP), do Departamento de Letras, do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) perceberam a necessidade de registrar as falas desses sujeitos antes de serem modificadas devido ao contato com falantes de outras variantes.

Portanto, este *corpus* escolhido é o resultado de pesquisas realizadas pelo NELLP, do Departamento de Letras, do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN.

Nesse sentido, nossa pesquisa é de caráter descritivo, qualitativa e documental, uma vez que analisamos documentos e selecionamos trechos ilustrativos das nossas análises, colocamos no corpo do artigo e realizamos as descrições e interpretações das Rd em função da construção das identidades dos sujeitos por meio dos elementos linguísticos discursivos. Para esse fim, temos como referencial teórico os conceitos de Rd da teoria Análise Textual dos Discursos (ATD), proposta por Adam (2011) e estudiosos como Passeggi *et al.* (2010), e Rodrigues *et al* (2010). Com base nessa abordagem, observamos que o nível textual está situado no nível discursivo e que os significados de toda manifestação textual acontecem co(n)textualmente. As categorias que se sobressaíram nas nossas análises da Rd foram as da Referenciação, Predicação, localização e modificação.

Nosso trabalho está dividido em três partes, além da introdução, temos a discussão sobre conceitos de análise textual dos discursos, representações discursivas e alguns apontamentos em relação aos conceitos de identidade no campo discursivo. Em seguida, temos análise dos dados que tratam sobre as Rd como traços de (re)construção das identidades dos remanescentes quilombolas de Portalegre RN.

2. ANÁLISE TEXTUAL DOS DISCURSOS (ATD) E REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS (RD)

A ATD, segundo Passeggi *et al* (2010) é um campo teórico-metodológico que articula a Linguística Textual (LT) e a Análise do Discurso (AD). De acordo com Adam (2011) a gênese da ATD está na LT e com a perspectiva teórico-metodológica na Análise do discurso (AD) que, assim, constitui-se “uma teoria de produção co(n)textual de sentido que deve fundar-se na análise de textos concretos”. Adam (2017) deixa claro que “a LT não é a ciência integrativa do discurso e das interações. Definidas como um campo interdisciplinar. [...] A LT é então, um subdomínio da Análise do Discurso (AD) e da Análise da Conversação (AC), e seu papel consiste em fornecer uma teoria consistente da textualidade e dos procedimentos de análise dos textos.

A LT é uma teoria da textualidade que fornece a AD e a AC procedimentos de análises necessários para que texto e discurso se correlacionem e se complementem no processo de interação dos sujeitos. Adam (2017, p.47) é categórico ao mostrar que a LT, AD e AC são teorias distintas, cada uma fornece à outra os procedimentos necessários para desenvolver uma teoria geral que o autor à chama de teoria do conjunto, pois é interdisciplinar e intradisciplinar, para, assim, buscar subsídios com o objetivo de melhor compreensão do texto nas suas múltiplas facetas sociais. Para fundamentar esse ponto de vista, Adam (2017, p.47) afirma que “desde que haja texto, isto é, o reconhecimento de que um conjunto de enunciados forma todo comunicativo, há o efeito de genericidade, quer dizer, a inserção desse conjunto de enunciados em uma categoria de discurso”.

Nesse sentido, a complementariedade ocorre na LT com o texto, não apenas com o agendamento dos enunciados, mas nas suas múltiplas práticas discursivas, organizado pelos gêneros discursivos, pois no momento que se tem um texto, conseqüentemente, há um gênero, ligado a uma formação sócio-histórica discursiva. Observamos a textualidade interagindo com a discursividade, ou seja, a LT encontrando a AD. Ainda de acordo com Adam (2017, p.47):

à problemática do todo textual é da emergência de um “sentido expresso e compreendido” que, sendo maior do que a soma das partes constituintes do texto (palavras, frases) exige, por conta disso, uma formulação mais complexa, capaz de levar em conta a dimensão textual dos fenômenos textuais (atos de discurso, e gêneros do discurso, contexto das práticas sociodiscursivas e de interação) é por essa razão que eu me dedico a elaboração de uma LT aberta à discursividade, que eu chamo de “Análise textual dos discursos”.

Estudar o texto de uma forma que possa ir além do conteúdo escrito e também de suas partes constituintes, é observar toda a sua complexidade nas mais diversas práticas discursivas. O autor bem coloca que são estudos em um sentido maior, ou seja, verificando que a interação nos diversos âmbitos sociais é definitiva para compreender o texto em toda a sua complexidade. Para tanto, uma LT que busque no texto apenas conteúdo linguístico e partes constituintes não é suficiente, mas uma LT aberta à discursividade é o objetivo de Adam

(2017) para, assim, alcançar o objetivo de alargar o seu conceito de texto como práticas discursiva e, desse modo, estudar os vários gêneros discursivos que emergem na sociedade contemporânea.

Podemos ver em Saussure (2002, p.117), a frase considerada em um nível discursivo; “a frase só existe na fala na língua discursiva enquanto a palavra é uma unidade que vive fora de todo discurso no tesouro mental”. Ainda sobre a relação entre texto e discurso, Queiroz (2013, p.22) afirma que:

A ATD é uma área de perspectiva teórica, metodológica, descritiva e interpretativista que concebe ‘o texto e o discurso em novas categorias’ que se complementam e são condicionadas mutuamente. Assim sendo, podemos interpretar que a ATD tem a sua origem na LT, mas que a sua perspectiva teórico-metodológica se enquadra na área da Análise do Discurso.

Com a autora, entendemos que a ATD tem a sua base na LT, buscando os seus conceitos de texto enquanto interação, associados aos estudos da textualidade, sequências, enunciado, entre outros, mas com uma perspectiva metodológica situada na AD. As análises em ATD buscam os sentidos discursivos dos textos por meio dos conceitos já estabelecidos pela AD, ou seja, os sentidos são construídos pelo cotexto e pelo contexto. Em suma, Adam (2011, p.62) afirma que a ATD tem como objetivo:

teorizar e descrever os encadeamentos de enunciados elementares no âmbito da unidade de grande complexidade que constitui um texto [...] concerne tanto à descrição e à definição das diferentes unidades com às operações, em todos os níveis de complexidade, que são realizadas sobre os enunciados.

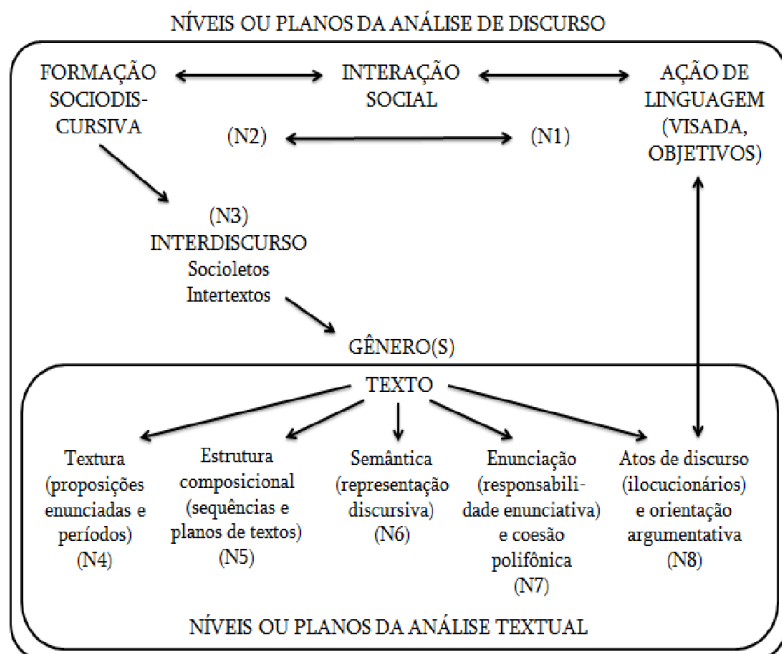
Na colocação do autor, entendemos que a ATD, por meio da descrição das unidades e o encadeamento dos enunciados, forma um determinado discurso em um determinado contexto sociocultural, ou seja, é uma cooperação contínua dos aspectos textuais com os discursivos, buscando um objetivo específico na interação entre os sujeitos.

Nesta rede de informações, o texto e o discurso se completam, uma vez que não é possível a existência de um sem o outro, ou seja, do texto emana o discurso, esse discurso leva em conta o produtor, a formação discursiva, o lugar e o tempo em que se pronuncia/escreve e se inscreve no discurso, como também os objetivos do locutor, no momento em que o constrói. No mesmo sentido, não há discurso se não estiver inserido em um texto, com todas as escolhas linguísticas feitas por este locutor para, assim, alcançar o objetivo pretendido.

Para Adam (2011), a AD se preocupa com a funcionalidade do texto enquanto discurso. A partir do conteúdo linguístico, surgem as construções dos efeitos de sentidos formados pelo texto. O discurso segue toda a influência da formação discursiva em que o locutor se encontra, a formação discursiva regula as construções linguísticas e o gênero textual é usado para um determinado objetivo durante a interação com um interlocutor. Assim, por meio da LT, os aspectos discursivos são formados a partir do aparato linguístico, ou seja, o encadeamento das sequências, dos períodos (nível microtextual) até o nível maior (nível macrotextual), que está relacionado à progressão temática, bem como à coerência global do texto.

Para esse entendimento cíclico entre o texto e o discurso, Adam (2011, p.61) apresentou o esquema 4 da sua obra “Introdução a Análise Textual dos Discursos”, em que mostra os níveis de análise de discurso e esta relação entre o texto e o discurso e, assim, propõe as categorias de análise para a ATD.

Esquema 4 - Níveis da análise do texto e do discurso



Fonte: (Adam, 2011, p. 61)

No esquema 04, visualizamos um quadro maior que está relacionado aos planos da análise do discurso e, dentro deste, o que se refere aos níveis ou planos de análises do texto. No processo de construção dos enunciados o plano do discurso direciona o locutor para os níveis do texto. No processo de interpretação de dados, entendemos que os níveis do texto direcionam o locutor para um nível maior: o discurso. Por esse motivo que Adam (2011) propõe que a LT está em um lugar de subdomínio das práticas discursivas. Observamos ainda um jogo de setas com pontas duplas que nos leva a entender essa ideia circular de relação entre o texto e o discurso. Dessa forma, o autor nomeia os níveis ou planos da análise de discurso.

Nesse sentido, o autor coloca em níveis os planos da análise do discurso e do texto. No (N1) e (N2), estão inseridas a ação de linguagem (visada, objetivos), ou seja, o momento que o locutor usa a linguagem para formar um discurso, oral,

escrito, verbal ou não verbal, e a interação social, uma vez que o discurso, para alcançar seu objetivo, precisa estar em interação com o outro em uma formação discursiva.

Nesse sentido, chegamos aos planos de análise textual que Adam (2011) os coloca em cinco níveis de análises. Nesses níveis, é possível verificar a composição do texto apresentado pela Linguística Textual e que a ATD utiliza para realizar suas análises. Assim, observamos (N4) com a textura (proposições, enunciados e períodos); (N5) a estrutura composicional (sequências e planos de textos); (N6) se trata da semântica (representações discursivas); (N7) com a enunciação (responsabilidade enunciativa e coesão polifônica); e (N8) com os atos de discursos (ilocucionários) e orientação argumentativa.

Desse modo, este trabalho aborda o nível 6 com a representação discursiva. No entanto, todos os níveis de análises, tanto do texto, quanto do discurso são interligados e se complementam; por exemplo, as nossas análises das Rd o produtor leva para o nível da Orientação argumentativa, que são os usos das proposições-enunciados na intenção de convencer seu interlocutor e realizar a defesa de um ponto de vista.

Em relação as Rd, Adam (2011), parte dos conceitos de Grice (1996) que trata de uma lógica natural, na qual estão inseridos um locutor e um alocutário, que juntos (re)constróem o discurso, pois, para o autor, o alocutário tem acesso apenas a uma parte do texto do locutor, tendo como função reconstruir as esquematizações/representações.

Nesse sentido, para Adam (2011) a Rd é a imagem que o locutor faz durante um discurso para um alocutário com uma finalidade específica, ou seja, passar uma moral, uma ética, convencer sobre determinado assunto ou persuadir seu alocutário a fazer algo. Adam (2011, p.107) coloca que “a pessoa do orador com sua função (lugar) e o(s) papel(éis) que assume(m), com seus fins próprios, seus pré-construídos culturais e representações da situação de enunciação, do objeto do discurso, de seu auditório e as representações psicossociais de si mesmo”. Assim, a Rd de si se refere a um locutor que, com todos os seus pré-construídos sociais, culturais, morais, éticos e religiosos, a partir de proposições-enunciados pré-selecionados de forma co(n)textual, representa-se em determinada situação de interação para alcançar seus fins próprios, que podem ser convencer, fazer humor, sensibilizar, entre outros, levando em conta que toda a construção da Rd de si pode estar ligada ao seu caráter ou não. Adam (2011) informa que fica para o interpretante

(re)construir as Rd apresentadas no discurso pelo enunciador, pois esse, também, se utiliza de seus conhecimentos culturais, sociais, crenças e etc., para ser convencido ou não pelas imagens de si apresentadas pelo enunciador.

A Rd do alocutário trata da imagem que o locutor A constrói de uma terceira pessoa durante o seu discurso com o alocutário B, também por meio de proposições-enunciados. Essa terceira pessoa pode, em algum momento, assumir o lugar de B e reconstruir o discurso formado, respondendo com uma reafirmação da Rd que o locutor construiu, ou tentando desconstruí-la, dependendo da construída pelo locutor A em determinada situação sociodiscursiva. Isso pode ocorrer quando um sujeito faz elogios a alguém, e, em certo momento, recebe agradecimentos que reafirmam aquilo que foi dito. O segundo caso pode ser quando alguém busca ferir a imagem do outro, por exemplo, com acusações e difamações, sendo que este precise provar o contrário, a partir do seu discurso, com a intenção de desconstruir aquela imagem construída pelo locutor A.

Para Passeggi (2001, p. 249) “as imagens do tema tratado constituem o conteúdo manifesto da esquematização e remetem diretamente às operações lógico-discursivas de sua construção”. Essas imagens são consideradas elementos lógicos discursivos que se encontram na materialidade do texto por elementos linguístico-discursivos. Para Queiroz (2013) Essas Rd são interpretadas por um locutor a partir de estruturas sintáticas, semânticas e discursivas em blocos de enunciados e reinterpretadas por um interlocutor do texto que podem serem validadas como verdadeiras. Nos estudos da ATD, as Rd são construídas e analisadas por meio de categorias semânticas de análises propostas por Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010) e reformuladas por Queiroz (2013). Apresentamos a seguir as categorias propostas pelos autores supracitados.

SÍNTESE DAS OPERAÇÕES SEMÂNTICAS DAS RD (QUEIROZ, 2013)

Categorias semânticas (Queiroz, 2013)	SÍNTESE
Referenciação	A designação dos referentes (coisas, objetos, sujeitos de ações, processos), ou seja, aquela que nomeia os participantes do processo da ação verbal.
Predicação	Essa categoria semântica segue, na nossa investigação, a definição de Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 175), que dizem: “remete tanto à operação de seleção dos predicados, isto é, à designação dos processos, no sentido amplo (ações, estados, mudanças de estado etc.), como ao estabelecimento da relação prediativa no enunciado”.
Modificação	Definimos a modificação como aquela que apresenta as propriedades ou qualidades tanto dos referentes como das predicções, por isso ela pode ser subdividida em modificação da referenciação e modificação da predicação. Está ligada tanto ao sujeito, por meio de adjetivos e/ou expressões adjetivas, quanto às ações verbais dos predicados, por meio das circunstâncias adverbais.

Comparação	É uma ramificação da operação de relação advinda de Adam (2008). Estabelece relações de sentido por meio do processo de comparação. É reconhecida no texto por meio de elementos linguístico-discursivos que demarcam a comparação entre objetos, que pode ser feita por meio de pares textuais: como, tanto... quanto..., ou de metáforas.
Conexão	A conexão proporciona a relação semântica entre um enunciado anterior e um posterior, de modo a formar a coesão do texto, a juntar os enunciados para construir as representações de sentido existentes neles.
Localização	É a categoria por meio da qual identificamos no texto os espaços físicos e o tempo. Subdivide-se em localização espacial e temporal.

Fonte: (Queiroz, 2013)

Em relação ao conceito de identidade, temos como filiação teórica os estudos da Análise do discurso (AD) que a compreende como algo que está fora do sujeito e o influencia a formar um modo de vida, crenças, costumes e comportamentos. Desse modo, não podemos nos fixar na ideia de apenas uma identidade para cada sujeito, pois estamos inseridos em diversos contextos sociais diferentes. Nesta perspectiva, para Mattelart (2011, p.104) “A experiência do si é mais fragmentada, marcada pela incompletude, composta de múltiplos si, de múltiplas identidades ligadas aos diferentes mundos sociais em que nos situemos” Com o autor, compreendemos que dependendo

dos meios sociais em que convivemos somos formados por múltiplas identidades, uma vez que sempre estaremos sujeitos a nos inserirmos em diferentes contextos e sermos influenciado por uma nova forma de pensar, viver, se comportar. Essa forma de estarmos sempre acessíveis a novas influências dos meios são nomeadas por Pêcheux (1997, p.265) como “um ajustamento sempre inacabado do sujeito consigo mesmo”. Essa incompletude citada pelo autor segue o sujeito por toda a vida, e este ser nunca será velho demais para ser interpelado por outra identidade referente a outro lugar sociocultural, ou reconstruir uma identidade que tem tendo outra visão sobre o contexto social que está inserido.

A identidade, em muitos casos é uma forma, na qual o sujeito busca dar sentido ao meio em que está inserido. É nesse sentido que Foucault (2007, p.230) afirma:

Os indivíduos, em sua vida cotidiana, não são apenas essas máquinas passivas para obedecer a aparelhos, registrar mensagens e reagir às estimulações exteriores, em que os quis transformar uma psicologia social sumária, reduzida a recolher opiniões e imagens. Pelo contrario, eles [os sujeitos] possuem o frescor da imaginação e o desejo de dar sentido à sociedade e ao universo que pertencem.

Dessa forma, em muitos dos casos, a identidade dos sujeitos são o resultado de uma tentativa de explicar o contexto social em que está inserido. No entanto, ao mudar o contexto e com a chegada de informações de valorização histórica e social das comunidades e dos sujeitos, essas identidades podem ser reconstruídas na subjetividade desses sujeitos, ou seja, inicia-se outro sentido dado por eles a sociedade em que vivem. A busca por mudança no contexto social e a acessão em determinada área social faz a identidade ter uma estreita relação com a ideia de poder. Isso é o que nos afirma Silva (2008, p.81) quando coloca que:

Na disputa pela identidade está envolvida uma mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação pela identidade e enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado a bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita relação com o poder.

Assim, a identidade de um sujeito é influenciada pelo meio para, através dele, conseguir um determinado poder social ou material. Esse meio pode ser modificado e as suas subjetividades também; essas influenciam e ressignificam as identidades dos sujeitos postos àquele novo contexto. Nesse viés, Woodward (2005, p.55) apresenta a subjetividade de forma envolvente dos nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e, assim, adotamos uma identidade.

No nosso *corpus* identificamos como esse anseio de sair de uma situação social faz com que esse grupo de sujeitos use sua imaginação e subjetividades propostas pelo contexto.

3. “A GENTE REZA IM TODO CANTO...”: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM FALAS DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS DE PORTALEGRE/RN

Nossas análises seguem o entendimento que o meio influencia a (re)construção das identidades dos sujeitos discursivos. Dessa forma, analisamos as identidades construídas em trechos do *e-book* organizado Souza, Mendes e Fonseca (2011). Apresentaremos aspectos que apontam a identidades religiosa, depois, o mito como a explicação para formação da identidade social e capital.

3.1 AS RD E IDENTIDADE RELIGIOSA DOS QUILOMBOLAS

Nesse primeiro trecho, temos um diálogo entre o entrevistador e duas senhoras, uma com cinquenta anos e outra com cinquenta e seis, na própria casa das senhoras em que são preservados na transcrição os aspectos da variação linguística dos sujeitos. O diálogo é sobre religião.

Vejamos o exemplo:

M50-02: De onde Deíza trôxe esse daí.

E: E de onde foi?

M50-02: **Foi do Juazêro...**

E: Ai você vai para o Juazeiro quando?

M50-02: **É im Janêro que o povo vai...**

E: E o povo vai lá ver o quê?

M50-02: **Né rezá?**

E: Quem é o santo de lá?

M50-02: **Pade Ciçu...**

(...)

M50-02: Tu já foi no Canindé fazeno romaria... fazeno romaria no Canindé... ói... o Canindé/ lá **no Canindé... a gente reza im todo canto...** todos os ano nós vamo... **todos os anos...**

(...)

M50-02: **Todos os ano eu vô...todo os ano...**

(...)

E: **Rezou o mês de maio esse ano?**

M56-01: Rezei...

E: Todinho?

M56-01: **Todim...**

(...)

E: Você é católica... é... Joana?

M50-02: **Graças a Deus sô...**

Fonte: Souza, Mendes e Fonseca (2011, p.23, grifos nossos)

No trecho, podemos identificar uma Rd de religiosa cristã de um povo devoto as imagens e que praticam o catolicismo. Os traços referentes a essa Rd são mostrados no discurso desses sujeitos, em alguns momentos desse diálogo. O primeiro momento que é expressa essa fé nas imagens católicas ocorre

quando o entrevistador pergunta à senhora de onde ela trouxe determinado artigo religioso e ela responde **“Foi do Juazeiro...”**. A partir desse momento, observamos a categoria da localização espacial e temporal, mostrando o quanto sua identidade religiosa é forte, pois afirma que o artigo religioso foi adquirido na cidade de Juazeiro, no estado do Ceará/CE onde ela e outras pessoas da comunidade se deslocam no mês de janeiro **“É im Janêro que o povo vai...”** para fazerem suas preces ao Santo Padre Cícero. Em seguida, ainda com a categoria da localização espacial e temporal, ela afirma ir à cidade de Canindé, também no Ceará lugar de outra imagem católica, no caso, São Francisco. Há um destaque para a categoria da referência, uma vez que os referentes Padre Cícero e São Francisco se destacam como ídolos da sua devoção de fé, assim, construção da identidade religiosa.

Dessa forma, nesse início de discurso a senhora informa duas cidades longe de Portalegre/RN. Assim, ao afirmar e repetir que elas vão todos os anos **“a gente reza im todo canto...”**, **“... todos os anos...”**, **“Todos os ano eu vô...todo os ano...”** nos informam o quanto a localização espacial é importante nessa interpretação, pois para elas, o lugar é santo, chegando a ter o seu meio social e a sua rotina influenciadas por sua identidade religiosa, pois estes sujeitos não se conformam em comprar apenas uma imagem de cada santo e fazerem suas orações em casa, mas tem essa cidade como sagrada e acreditam que o fato de irem lá terão as suas preces atendidas com mais facilidade.

Outo momento do diálogo, expresso no exemplo acima, é o momento em que a senhora é questionada se rezou o mês de maio, período em que todos os dias tem celebrações a santa católica Maria. A afirmação que rezou todo mês **“Todim...”** apresenta uma predicação de circunstância temporal, ou seja, podemos parafrasear **“Eu rezei todinho”**, nos fazendo interpretar a Rd de religiosos, pois a comunidade em que moram tem seu próprio espaço de devoção aos santos, mas a centralização de Maria é fundamental no catolicismo, principalmente, no mês de maio, em que ocorre as novenas do mês mariano.

A entrevista segue com elogios a imagem de Santa Clara, também, do catolicismo. Por fim, quando o entrevistado se direciona a outra senhora e pergunta se ela é católica e ela afirma: **“Graças a Deus sô...”**, em que podemos verificar a categoria da referência e predicação, construindo uma reafirmação forte de sua Rd de católica e identidade religiosa católica, pois ao afirmar **“Graças a Deus”** ela sente satisfação em servir a essa

religião, como uma grande sorte e até um favor não merecido da parte de Deus.

A Rd de religioso na formação da identidade desses sujeitos também é interpelada pelo sincretismo religiosos existente dentro do catolicismo.

Vejamos o exemplo em que essa Rd e identidade se manifesta.

M63: diz que... **os pai de santo**... né? ... **manda benzê**... mas eu acho que só vino uns ameiricano mermo... não? ... é puique a minina... e arrupia o cabelo se o sô tivê o coipo aberto... que o povo diz que essa minina tã.

Fonte: Souza, Mendes e Fonseca (2011, p.75, grifos nosso)

A identidade de sincretismo religioso se dá pela citação do referente “**os pai de santo**” e da predicação “**manda benzê**”. Esses enunciados são de práticas religiosas distintas, uma vez que “pai de santo” é uma autoridade da prática religião do candomblé e “benzer” é praticado pelo catolicismo. Desse modo, mesmo depois de mais de cem anos que os descendentes desses sujeitos foram trazidos da África com escravos para o Brasil, percebemos, nos discursos desse sujeito, uma Rd de traços de religiões afrodescendentes na constituição das formas de crenças dos remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil, mostrando que esse período escravocrata fez surgir um povo com suas crenças e fé esfaceladas e que, hoje, a sua identidade religiosa são essas misturas de crenças e fé.

No trecho seguinte, percebemos mais sobre essa identidade religiosa de intermeio entre o catolicismo e o candomblé.

E: E a história do São Gonçalo... dona Alaíde... a senhora sabe dizer alguma coisa?

M81: O queu sei dizê dessa **dança de São Gonçalo**... é que **os negro inscravo**... os mais véi... a **festejã a liberdade**

Fonte: Souza, Mendes e Fonseca (2011, p.68, grifos nosso)

Podemos verificar que, quando questionada pelo entrevistador “**E a história do São Gonçalo... dona Alaíde... a senhora sabe dizer alguma coisa?**”, a senhora faz uma construção textual em que expõe

expressões de sincretismo religioso e semelhanças da dança de São Gonçalo com rituais de religiões afrodescendentes.

Nesta perspectiva, por meio do sincretismo religioso, os remanescentes quilombolas praticam uma dança afrodescendente chamada, por eles, dança de São Gonçalo. Na construção textual, verificamos essa mulher fazendo a seguinte afirmação por meio da referenciação e modificação do referente **“os negros inscravo”**, referente **“os negros”** e modificador **“inscravos”**. Nesta expressão, ela mistura a religiosidade e uma manifestação cultural que teve sua origem com os escravos. Dessa forma, entendemos uma Rd de religiosos com a identidade da religião católica, mas ao nos direcionarmos, com Adam (2011) ao contexto, sabemos que o catolicismo é uma religião rica em sincretismo religioso. Assim, a modificação do referente negros **“inscravos”** é importante para essa interpretação, pois foram negros e escravos que fundaram essa dança para festejar a liberdade. E o fato deles terem fundado e adaptado essa dança, nos faz interpretar que, na verdade, a dança de São Gonçalo é uma manifestação da identidade da religião afrodescendente do candomblé inserida no catolicismo com o intuito de não ser hostilizada ou perseguida pela religião católica no período da colonização.

Segundo Sanches Junior (2013), “as características atribuídas a esse santo popular aproximam-se bastante das exercidas pelos exus do candomblé”. Com os autores, compreendemos que a dança atribuída a São Gonçalo pelos remanescentes quilombolas teve sua origem nas danças trazidas pelos negros escravos africanos. Provavelmente, os remanescentes quilombolas de Portalegre/RN que, hoje, não tenham mais o objetivo original vindo do candomblé, fazendo louvores apenas ao santo católico e deixando a verdadeira origem dessa identidade religiosa afrodescendente apenas na história.

Assim, findamos nossas análises em relação a traços da identidade religiosa destes sujeitos no *e-book*. A seguir, apresentamos como o mito influencia na construção da identidade dos remanescentes quilombolas neste mesmo *e-book*.

3.2 O MITO NA FORMAÇÃO DAS RD E IDENTIDADES DOS DESCENDENTES QUILOMBOLAS

Nessa seção, temos como um mito ou uma lenda influencia em interpretações de Rd que contribuem na construção de identidade desses sujeitos discursivos. No diálogo, temos o entrevistador conversando com um homem de sessenta e um anos e com uma mulher de cinquenta e seis anos.

H61-05: Diz que ãa pessoa viu que no lugar dessa peda tã ãa/ ...certa vêis... eu num sei se é exato não... como é que diz?... apareceu lá ãa muiézona dessas bunita mermo... diz que o minino andava cum ãas cabra e diz que quano ela apareceu aí o cabra correu... teve medo... né? ... e há bẽi da verdade quẽi num tẽi medo de ãa coisa dessas... se vê aqui no Pega só tẽi rente prefia e do nada aparece ãa muiézona assim... dessas assim... cumo é que eu digo ... dessas assim ... cẽ sabe ... né? ... inda mais branca!?... A rente pensa logo que é ãa assombrãção dessas bẽi assombrada mermo... né não?...

(...)

E: Mas não desencantou de mole... viu? Ele...

M56-01: Purque ele não entendeu o incanto como é que é... se ele tivesse o meno... o meno... pegado no cabelo dessa criatura e tivesse tirado... o meno um pedaço do cabelo dela... **pronto! ... hoje im dia ele era mi/milionário...**

E: Por quẽ?

M50-02: [Porque é disincantada...]

M56-01: [Porque é disincantada...]

E: E quem desencanta fica rico?

M56-01: **[Fica! ... Rico!] E é... fica rico!**

Fonte: Souza, Mendes e Fonseca (2011, p.50, grifos nosso)

Em relação a Rd na constituição da identidade desses sujeitos, podemos entender que essas lendas são formas simbólicas e imaginárias, como também possíveis escapes para explicarem a situação social em que viviam e ainda vivem atualmente, ou seja, são pessoas simples que procuram viverem com o pouco que colhem da agricultura e também com ajuda de programas sociais municipais, estaduais e federais.

No trecho, acima, temos uma lenda de uma mulher encantada esperando ser desencantada por um homem. Uma história clássica, se não fosse o foco que a entrevistada dá ao fim da história, pois ao lermos essa narrativa ativamos nossos conhecimentos de mundo em relação às histórias semelhantes que permeia a literatura. É possível realizar um intertexto com contos de fadas na qual um príncipe ao desencantar uma princesa recebe a sua mão em casamento.

No caso citado pela senhora o homem que desencanta a mulher não ganha a sua mão em casamento, mas, sim, fica rico “[Fica! ... Rico!] E é... fica rico!”. Assim, por meio desta predicação, interpretamos com essa construção linguística textual, uma Rd de conformados com contexto de necessidades. Entendemos que esse outro foco nos apresenta o mito seria um escape para a mudança da sua situação social que não ocorreu, pois o fato de seus antecedentes não terem desencantado as moças e desenterrado as botijas seria a explicação da pobreza que eles vivem. Como Foucault (2003) afirma essa imaginação, esse frescor é um desejo de dá sentido à sociedade e ao universo que eles pertencem. Levando em conta a situação citada e a reflexão do autor, podemos verificar como discurso desse sujeito informa que através de mitos e lendas poderia ocorrer uma mudança de realidade, uma acessão social de qualquer um dos moradores da comunidade. No trecho, também, percebemos que esses mitos fazem parte do entendimento desses sujeitos e está intrínseco na identidade desse povo, pois no momento que o entrevistador pergunta “E: Por quê?” as duas próximas falas das duas senhoras são as seguintes: “M50-02: [Porque é disincantada...] M56-01: [Porque é disincantada...]”, ou seja, as duas falas de sujeitos diferentes com a mesma crença. Assim, os mitos, crenças e lendas contribuem com a formação da identidade desse povo, no qual os tem com explicação para o modo de vida que estão sujeitos no seu meio social.

Na verdade, com Adam (2011) verificamos que o contexto é outro, pois a não ascensão social desses povos, no ano de 2000, período de organização desse *e-book* se dá por anos de falta de atenção, preservação e valorização desses povos por políticas públicas nacionais, estaduais e municipais; situação que está em mudança de paradigmas no momento atual da história do Brasil e que nossas pesquisas atuais vêm mostrando.

4. CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo fazer a análise das representações discursivas de si, identidade e memórias em excertos no *e-book* “A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil”. Nossas análises seguiram a abordagem teórica metodológica da Análise Textual dos Discursos, com foco nas discussões de Adam (2011).

Nas análises do e-book, concluímos que a religião é forte na formação da identidade dos remanescentes, pois estão inseridos em um forte contexto cristão católico, com viés de sincretismo religioso, uma vez que a religiosidade movimenta a vida social desses sujeitos e influencia nas suas práticas sociais, pois fazem se deslocar para cidades distantes em busca da prática de sua fé.

Percebemos que a memória relacionada ao mito influencia na identidade como escape para a situação social em que vivem. Os remanescentes quilombolas, até o recolhimento deste material em análise, apresentam construções textuais que nos fazem interpretar relações interdiscursivas entre suas vidas reais e os contos de fadas, uma vez acreditavam que a situação social de necessidades em que muito viviam se dava devido falta de coragem de alguns em não libertar uma mulher de cabelos de ouro presa por encantamentos em uma rocha.

Assim, interpretamos essas falas desses sujeitos como um escape para suas subjetividades e interpretações de um porquê de tantas necessidades básicas nas suas vidas.

REFERÊNCIAS

ADAM, J-M. **A Linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos. Trad. RODRIGUES, M. G. S; SILVA NETO, J. G; PASSEGGI, L; LEURQUIN. E. V. L. F. São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, J-M. **O que é Linguística Textual?** Tradução de Suzana Leite Cortez In: SOUSA. E. R. F. PENHAVEL, E. CINTRA, M. R. (orgs). *Linguística Textual interfaces e delimitações: homenagem a Ingedore Grunfeld Vilaça Koch*. São Paulo: Cortez, 2017.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GRIZE, J-B. **Logique naturelle et communications**. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

MATTELART, Arman e NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. Trad. PASSEGGI, L. A estruturação sintático-semântica dos conteúdos discursivos: categorias descritivas da lógica natural para a linguística. In: PASSEGGI, Luis. OLIVEIRA, Maria do Socorro (Org.). *Linguística e Educação: gramática, discurso e ensino*. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

PASSEGGI, L. **A estruturação sintático-semântica dos conteúdos discursivos**: categorias descritivas da lógica natural para a linguística. In: PASSEGGI, Luis. OLIVEIRA, Maria do Socorro (Org.). *Linguística e Educação: gramática, discurso e ensino*. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

PASSEGGI, L. *et al.* **A análise textual dos discursos**: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido. In: LEITE, M. Q; BENTES, A. C. (Orgs.). *Linguística de texto e análise de conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. **A propósito da análise automática do discurso**: atualizações e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

QUEIROZ, M. E. **As Representações discursivas do locutor e dos alocutários no discurso político de renúncia** (Antônio Carlos Magalhães). Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013.

RODRIGUES, M. G. S; PASSEGGI, L; SILVA-NETO, J. G. (Trad.). **“Voltarei. O povo me absolverá...”**: a construção de um discurso político de renúncia. In: ADAM, J-M; HEIDEMANN, U. MAIGUENEAU, D. (Orgs.). *Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações*. São Paulo: Cortez, 2010.

SAUSSURE, F. **Ecrits de linguistique Générale**. Paris: Gallimard, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

SOUZA, Medianeira. MENDES, Wellington Vieira. FONSECA, Carlos Magno Viana. **A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil**. Mossoró: Edições UERN, 2011.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. (org.) Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SILENCIANDO BARREIRAS: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO TEMA SURDO EM DOCUMENTOS OFICIAIS

Luiza Valdevino Lima (UERN)
Maria Eliete de Queiroz (UERN)

1. INTRODUÇÃO

Estudar a construção das representações discursivas nos possibilita compreender mais afundo o impacto que as escolhas lexicais podem ocasionar. Sabe-se que a linguagem, sendo a forma mais usual de expressão e comunicação entre indivíduos, pode se tornar excludente, dependendo de como é empregada. No âmbito da educação inclusiva, o respeito às diferenças inicia pelo cuidado com a linguagem ao se referir, por exemplo, às pessoas com deficiência. Vale ressaltar que documentos oficiais exercem uma grande influência na utilização de termos referentes a determinados assuntos, ou seja, se uma lei utiliza determinada palavra para se referir à pessoa com deficiência, então a sociedade pode fazer uso daquela mesma palavra e afirmar que está respaldada pela lei.

A presente pesquisa trata do estudo das representações discursivas do tema surdo construídas em 5 documentos da legislação brasileira que referenciam a educação de surdos. Para este estudo selecionamos os seguintes documentos oficiais: a Lei Imperial Nº 939/1857, o Decreto-lei Nº 6.074/1943, o Decreto 42.728/1957, a Lei Nº 10.435/2002 e o Decreto Nº 5.626/2005. Os documentos selecionados apresentam formas diferentes de se referir à pessoa com surdez, porém, é válido destacar que é necessário levar em conta o período histórico de cada documento, em vista de compreendermos a utilização de determinados termos.

O estudo aqui descrito está situado no campo da Linguística Textual (LT), mais particularmente, desenvolve-se com base teórica nos estudos da Análise Textual dos Discursos (ATD), pois se direciona para uma análise do nível semântico do texto, com base nas representações discursivas (Rd). Para tanto, nos debruçaremos nos postulados de Adam (2011), Adam (2017), Adam (2019), Adam (2022). Ademais, Passeggi et al. (2010), Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010), Queiroz (2013) e Silva (2015).

Nossa metodologia é pautada na abordagem qualitativa, tendo em vista que não objetivamos trabalhar com dados estatísticos. Ademais, nossa pesquisa se caracteriza por como interpretativa e descritiva, pois pretendemos descrever e interpretar a utilização dos termos a fim de analisar como esses documentos constroem as representações discursivas do tema surdo.

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar de que forma as políticas educacionais selecionadas constroem representações discursivas do tema surdo. Para nossa análise, observamos as categorias de referenciação, de predicação e de modificação.

2. A LINGÜÍSTICA TEXTUAL E A ANÁLISE TEXTUAL DOS DISCURSOS

A Linguística Textual (LT) é um ramo dos estudos linguísticos que se caracteriza pelo propósito de sua análise – o texto. De acordo com Oliveira (2018), a LT surgiu no século XX, durante a década de 1960, e desde então se disseminou no Brasil. “Todo o seu desenvolvimento vem girando em torno das diferentes concepções de texto que a Linguística tem abrigado durante seu percurso, o que acarretou diferenças bastante significativas entre uma e outra etapas de sua evolução.” (KOCH, 2022, p. 11).

Para a LT vale destacar que a definição exata do seu objeto de estudo, no caso o texto, é um dos maiores desafios. Assim, Fávero e Koch (1988, p. 19) apresentam uma variedade de conceitos, partindo da concepção do texto como “sequências de signos verbais sistematicamente ordenados.” De acordo com os postulados da Linguística Textual, o texto se configura como uma unidade linguística passível de análise, pois se constitui como uma unidade comunicativa básica, ou seja, algo que as pessoas declaram umas às outras. “Essa declaração pode ser um pedido, um relato, uma opinião, enfim, as mais diversas formas de comunicação” (OLIVEIRA, 2018, p. 194).

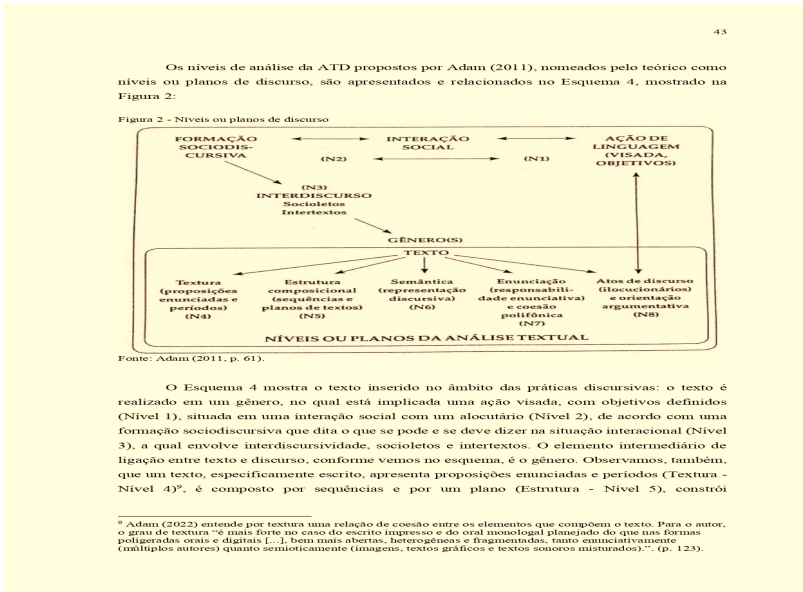
No campo de estudo da LT surgem diversas abordagens teóricas para se analisar o texto. Dentre essas abordagens, existe a teoria da Análise Textual do Discurso (ATD), proposta pelo linguista francês Jean-Michel Adam. Adam (2010, p. 9) associa “a análise textual dos discursos (doravante ATD) ao campo da LT e ao da AD através da questão central dos gêneros de discurso.” Ou seja, o autor estabeleceu uma relação entre o

campo da Linguística Textual e o campo da Análise do Discurso, resultando na ATD.

Para Adam (2011, p. 23), a Linguística Textual se configura como “[...] uma teoria da produção co(n)textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos.” Nessa lógica, podemos compreender que a parte concreta de um texto e tudo que nele está explícito é objeto de análise da ATD. Outrossim, Adam (2011) considera que a LT está vinculada à análise do discurso em um quadro teórico mais amplo e afirma que a LT tem como papel “teorizar e descrever os encadeamentos de enunciados elementares no âmbito da unidade de grande complexidade que constitui o texto” (ADAM, 2011, p. 63). Diante disso, compreende-se que para a discussão apresentada, ao se analisar um discurso, é imprescindível considerar o seu aspecto de concretude, que é expresso na unidade maior do discurso, ou seja, o texto.

Adam (2011) propôs um esquema para apresentar os níveis de análise do texto e os níveis de análise do discurso da ATD. No esquema desenvolvido, são descritos 8 níveis de análise ou planos de discurso, conforme a figura abaixo:

Figura 1 - Níveis ou planos de discurso



Fonte: Adam (2011, p. 61)

Conforme observamos na figura, o autor apresenta um detalhamento de como é possível executar uma análise textual, considerando os seus níveis. De acordo com Bezerra (2022, p. 43-44):

O Esquema mostra o texto inserido no âmbito das práticas discursivas: o texto é realizado em um gênero, no qual está implicada uma ação visada, com objetivos definidos (Nível 1), situada em uma interação social com um alocutário (Nível 2), de acordo com uma formação sociodiscursiva que dita o que se pode e se deve dizer na situação interacional (Nível 3), a qual envolve interdiscursividade, socioletos e intertextos. O elemento intermediário de ligação entre texto e discurso, conforme vemos no esquema, é o gênero. Observamos, também, que um texto, especificamente escrito, apresenta proposições enunciadas e períodos (Textura - Nível 4), é composto por seqüências e por um plano (Estrutura - Nível 5), constrói representação discursiva (Semântica - Nível 6), e uma atividade de enunciação, que envolve uma responsabilidade enunciativa, assumida ou não, e uma coesão polifônica (Enunciação - Nível 7), formada pelo jogo de vozes que constituem o dizer. Por último, constituem o texto os atos de discurso com valor ilocucionário e a orientação argumentativa (Atos de discurso - Nível 8). Assim, é possível compreender que a ATD nos permite a visão dos níveis textuais funcionando na produção do discurso. (BEZERRA, 2022, p. 43-44)

Para esta pesquisa, focaremos o nível 6 que trata do nível semântico de análise da representação discursiva (Rd). De acordo com Adam (2011, p. 113-114):

Toda proposição enunciada possui um valor descritivo. A atividade discursiva de referência constrói, semanticamente, uma representação, um objeto de discurso comunicável. Esse microuniverso semântico apresenta-se, minimamente, como um tema ou objeto de discurso posto e o desenvolvimento de uma predicação a seu respeito. A forma mais simples

é a estrutura que associa um sintagma nominal a um sintagma verbal, mas, de um ponto de vista semântico, uma proposição pode, muito bem, reduzir-se a um nome e um adjetivo (ADAM, 2011, p. 113-114).

Desse modo, a representação discursiva é constituída, semanticamente, pela presença de um sintagma nominal e um sintagma verbal. “Ademais, a Rd tem um caráter de descrição, que é construído na proposição, ao se referir a um objeto no mundo, ou seja, descreve um conteúdo referencial” (BEZERRA, 2022, p. 54).

No processo de análise da representação discursiva, diversos pesquisadores mobilizam sequências descritivas que são constituídas de macro-operações semânticas (BEZERRA, 2022). De acordo com Silva (2015, p. 57), estas operações:

Podem ser utilizadas para a análise de quaisquer tipos de sequências, porque todas elas – narrativa, descritiva, argumentativa, dialogal e explicativa - apresentam um conteúdo referencial-descritivo, ou seja, em todas elas, é possível observar a construção de representações discursivas por meio das operações da sequência descritiva.

Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010) consideram que a representação discursiva tem relação com a noção de esquematização postulada pela Lógica Natural (LN). Dessa forma, os autores concebem que as operações lógico-discursivas, mobilizadas na construção da Rd, constituem noções importantes para o estudo dos conteúdos semânticos” (RODRIGUES, PASSEGGI e SILVA NETO 2010, p. 174).

Conforme Bezerra (2022), a Lógica Natural é uma teoria concebida por Jean-Blaise Grize, professor honorário da Universidade de Neuchâtel, Suíça. Esta teoria:

engloba contextos de comunicação que envolvem valores, conhecimentos culturais e históricos compartilhados entre interlocutores, considera a espontaneidade linguística inerente aos falantes na produção de discursos que, mesmo produzidos

“inconscientemente”, têm uma razão de ser, ou seja, têm um propósito, específico ou não, planejado ou não. (BEZERRA, 2022, p. 62)

A teoria da Lógica Natural se opõe à lógica formal, principalmente por considerar que “a argumentação deve ser eficaz, e os fatos, válidos conforme os valores de uma sociedade, de uma época, ou ainda, de uma cultura.” (BEZERRA, 2022, p. 63). De acordo com Passeggi (2001), existem dois conceitos básicos na Lógica Natural: o da esquematização e o das operações lógico-discursivas. Corroborando, Grize (1993 *apud* Bezerra, 2022) postula que a LN tem como objetivo “analisar as operações lógico-discursivas que criam determinado conteúdo e como o discurso o relaciona a outros. Portanto, o tratamento dado ao texto é o de análise, especificamente, das operações construídas nele” (BEZERRA, 2022, p. 63).

3. CATEGORIAS DE ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA

Adam (2011) discute acerca do período descritivo/sequência e apresenta operações de construção que devem ser levadas em conta na análise desses períodos. A partir dessa discussão, Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010) propõem as categorias de análise das representações discursivas. Rodrigues et al. (2012, p. 298) elucidam que:

as operações de construção identificadas para o período descritivo/sequência descritiva (Adam, 2011a:171-178) podem ser interpretadas como operações de construção das representações discursivas. Com efeito, constata-se que essas operações são transversais a todos os tipos de sequência (i. é, quanto ao seu conteúdo referencial/descritivo).

Ademais, para elaboração dessas categorias, Rodrigues, Passeggi e Silva Neto consideram os pressupostos da lógica natural de Grize (1996), sobretudo a esquematização. Nesse sentido, “a perspectiva da ‘lógica natural’ de Grize é extremamente relevante para a análise textual, e entendemos que suas operações lógico-discursivas constituem noções importantes para o estudo dos conteúdos semânticos” (RODRIGUES, PASSEGGI E SILVA NETO, 2010, p. 174).

Abaixo apresentamos um quadro com a síntese das categorias de análise das Rds propostas por Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010).

Quadro 1: Categorias de análise das Representações Discursivas

Operações Semânticas (RODRIGUES; PASSEGGI; SILVA NETO, 2010, p. 175)	Síntese
Referência	Trata-se de qualquer entidade ou objeto que é nomeado ou designado ao usar um termo específico ou ao criar uma situação discursiva.
Predicação	Está relacionada aos processos verbais e às relações predicativas encontradas nos enunciados.
Aspectualização	Está voltada para a qualificação e caracterização dos referentes e das predicções. Esta categoria é expressa pelos adjetivos e seus equivalentes.
Relação	Esta categoria, expressa por advérbios de comparação, está associada ao processo de comparação. Por meio desta categoria pode-se realizar uma relação, assimilação analógica entre os objetos descritos no texto.
Localização	Está relacionada às circunstâncias de tempo e espaço em que se desenvolvem os processos verbais.

Fonte: Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 175)

Para Queiroz (2013) o termo aspectualização pode ser confundido com o aspecto verbal, então, dessa forma, a autora adota o termo “modificação” no lugar da aspectualização. Conforme a autora, a modificação se constitui como “a categoria que apresenta as propriedades ou qualidades tanto dos referentes como das predicções, por isso ela pode ser subdividida em modificação da referência e modificação da predicação” (QUEIROZ, 2013, p.68).

A seguir apresentamos uma análise de como os 5 documentos oficiais, que referenciam a educação de surdos no Brasil, selecionados para este estudo, constroem as representações discursivas do tema surdo em seus textos. Nossa análise se pauta nas categorias de referência, de predicação e de modificação.

4. ANÁLISES

Para esta pesquisa, selecionamos 5 documentos oficiais que referenciam a educação de surdos no Brasil. O quadro abaixo reúne os 5 documentos selecionados, bem como um breve resumo do que trata cada documento.

Quadro 2: Documentos oficiais que referenciam a educação de surdos no Brasil.

DOCUMENTO	DESCRIÇÃO
Lei Imperial nº 939/1857	Estabelece a abertura do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos.
Decreto-lei nº 6.074/1943	Dispõe sobre a finalidade do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos.
Decreto nº 42.728/1957	Institui a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro.
Lei nº 10.436/2002	Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.
Decreto nº 5.626/2005	Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras

Fonte: Elaborado pela autora

A Lei Imperial nº 939/1857¹⁹, além de estabelecer a abertura da primeira escola para surdos no Brasil, no Rio de Janeiro, também fixa as despesas para o exercício de 1858-1859, destinando verba para Instituto Nacional dos Surdos-Mudos. Encontramos apenas uma menção ao termo **surdo** nessa legislação, no trecho a seguir:

§ 10º **Conceder, desde já ao Instituto dos surdos-mudos** a subvenção annual de 5.000\$000, e mais dez pensões, tambem annuaes, de 500\$000 cada huma, **a favor de outros tantos surdos-mudos pobres, que nos termos do Regulamento interno do mesmo Instituto, forem aceitos** pelo Director e Comissão approvados pelo Governo.

Os trechos em destaque fazem referência diretamente ao termo *surdo*, porém, observamos também que este termo é usado como um substantivo composto ao aparecer ao lado do termo *mudo*. Nos dias atuais o termo *surdo-mudo* não é mais aceito, pois caracteriza uma pessoa que não fala, que tem problemas nas cordas vocais, ou seja, o termo aceito atualmente é *surdo*. Nesse sentido, o inciso 10º desta lei, por meio do referente **Instituto dos surdos-mudos**, constrói a representação discursiva do surdo como um indivíduo que possui duas deficiências, a surdez e a mudez, atrelado a essa questão, notamos também que, ao se referir ao indivíduo como surdo-mudo, é construída uma representação discursiva de alguém que não fala.

Logo mais adiante, o texto apresenta o modificador **pobres** que caracteriza o referente surdos-mudos. O uso desse modificador indica o requisito exigido para que o surdo seja aceito no instituto, observamos isso pelo uso da predicação **forem aceitos pelo diretor e Comissão aprovados pelo Governo**. Ao indicar o status socioeconômico de pobre como requisito para ter acesso ao instituto, a lei evidencia a defesa das minorias.

O Decreto-lei nº 6.074/1943²⁰, em seu texto, constrói também a representação discursiva de surdo como um indivíduo com duas deficiências, pois em seu artigo 1º, encontramos o uso do referente **surdo-mudo**, como indicado abaixo:

19 Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-939-26-setembro-1857-557839-publicacaooriginal-78539-pl.html>

20 Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6074-7-dezembro-1943-416078-publicacaooriginal-1-pe.html>

Art. 1º O Instituto Nacional de **Surdos-Mudos** (I.N.S.M.), órgão integrante do Ministério da Educação e Saúde (M.E.S), diretamente subordinado ao Ministro de Estado, tem por finalidade:

I - ministrar, a menores surdos-mudos, de ambos os sexos, a **educação adaptada às suas condições peculiares**;

Ainda nesse artigo, observamos que o decreto considera que o surdo necessita de adaptações nas atividades educacionais, por apresentar condições peculiares. Nesse sentido, podemos afirmar que o decreto constrói a representação discursiva do surdo como um indivíduo diferente dos demais, no caso diferente das pessoas ouvintes.

Ainda nesse decreto destacamos o artigo 3º, que diz o seguinte:

Art. 3º O Ministro de Estado da Educação e Saúde, ouvido o I.N.E.P. e o I.N.S.M., baixará. instruções destinadas a reger as seguintes disciplinas, enquanto não houver disposições legais orientadoras das mesmas:

I - organização da educação nacional dos **anormais da audição e fonação**;

No trecho acima, o decreto faz uso da expressão **anormais da audição e fonação**, ou seja, observamos aqui uma representação discursiva do surdo como um indivíduo anormal. O termo anormal carrega a imagem de um sujeito que necessita ser curado de algum mal, no caso, a surdez. Além do mais, o decreto referencia o surdo como alguém que possui falhas.

Cem anos após a fundação da primeira escola para surdos no Brasil, foi assinado um decreto com o objetivo principal de modificar a nomenclatura do instituto, passando a ser chamado de Instituto Nacional de Educação de Surdos. Essa modificação ocorreu por meio do Decreto nº 42.728/1957²¹. Embora essa mudança tenha sido

²¹ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-42728-3-dezembro-1957-381323-publicacaooriginal-1-pe.html>

decretada, ainda observamos que o decreto apresenta uma imagem do surdo como um sujeito que não fala. Vejamos o trecho abaixo:

Art. 2º Caberá à Campanha promover, por todos os meios a seu alcance, as medidas necessárias à educação e assistência no mais amplo sentido, aos **deficientes da audição e da fala**, em todo o Território Nacional, tendo por finalidades precípuas:

Já na Lei nº 10.436/2002²² e no Decreto nº 5.626/2005²³, nos deparamos com o termo mais aceito atualmente pela comunidade surda.

LEI Nº 10.463/2002	DECRETO Nº 5.626/2005
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.	Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Vale destacar que o termo surdo, em ambos os documentos – lei e decreto, aparece agora como modificador, qualificando o referente pessoas. Esse destaque é de extrema importância, pois essas duas legislações evidenciam que o surdo, antes de mais nada, é uma pessoa.

²² Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm

²³ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo, ora apresentado, teve como objetivo principal traçar uma análise das representações discursivas do tema surdo, construídas no texto de cinco documentos oficiais que referenciam a educação de surdos no Brasil. As legislações selecionadas para esta análise, tratam desde a institucionalização da primeira escola para surdos no Brasil, em 1857, até a oficialização da Libras como língua natural das comunidades surdas brasileira.

Nas análises realizadas nesta pesquisa, levamos em conta a evolução histórica da linguagem usada para se referir ao surdo, considerando as razões seguidas por cada documento para a escrita de cada texto. O primeiro documento analisado, no caso a Lei Imperial nº 939/1857, foi promulgada no período no qual o Brasil ainda era uma monarquia, e a educação de surdos, até então, não existia. Sendo assim, as pessoas tinham total desconhecimento dos termos adequados que deveriam ser utilizados para se referir ao surdo e sua língua de sinais.

Os resultados apontaram que as representações discursivas do surdo que atravessa a maioria desses documentos é a de um indivíduo com falhas, um ser anormal, diferente, deficiente, portador de deficiência, sujeito que precisa ser transformado, que necessita de amparo, que necessita de uma cura. O surdo também é representado como um indivíduo presente na sociedade, que tem uma língua própria que deve ser valorizada, utilizada e divulgada.

Podemos constatar que os documentos mais antigos se referem ao surdo de forma mais negativa, pois por muito tempo o surdo foi visto como um sujeito que não possuía língua. Já as legislações mais recentes, de 2002 e 2005, constroem as representações discursivas do surdo respeitando sua cultura e sua identidade. Vale frisar que a evolução do uso da linguagem para se referir aos surdos, é resultado das constantes lutas da comunidade surda.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues et al. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, J.M. **A análise textual dos discursos**: entre gramáticas de texto e análise do discurso. Eutomia, v. 1, n. 06, 2010.

BEZERRA, J. D. J. **O papel da representação discursiva na construção da argumentação em entrevistas de Luiz Inácio Lula da Silva**. 2022. 301 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros-RN. 2022.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. V. **Linguística textual**: introdução. São Paulo: Cortez, 1988.

GRIZE, J-B. Logique naturelle et représentations sociales. **Papers on Social Representations** - Textes sur les Représentations Sociales, v. 2, n. 3, p. 1-9, 1993.

KOCH, I. V. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2022.

OLIVEIRA, M. R. Linguística textual. In. MARTELOTTA. Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2018, p. 193-204.

PASSEGGI, L. A estruturação sintático-semântico dos conteúdos discursivos: categorias descritivas da lógica natural para a linguística. In: PASSEGGI, L. OLIVEIRA, M. do S. (org.). **Linguística e educação**: gramática, discurso e ensino. São Paulo: Terceira Margem, 2001. p. 245-269.

QUEIROZ, M. E. de. **As representações discursivas do locutor e dos alocutários no discurso político de renúncia (Antonio Carlos Magalhães)**. 2013. 187 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

RODRIGUES, M. D. G. S.; PASSEGGI, L.; SILVA NETO, J. G. D. (org.). “Voltarei. O povo me absolverá...”: a construção de um discurso político de renúncia. *In*: ADAM, J. M. *et al.* (org.). **Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 150-208.

RODRIGUES, M. das G. S. *et al.* **A carta-testamento de Getúlio Vargas (1882-1954): genericidade e organização textual do discurso político**. Filologia e linguística portuguesa. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, n. 14 (2). São Paulo, FFCH-USP, 2012.

UMA ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL DO GÊNERO RESUMO ACADÊMICO EM DISSERTAÇÕES DE MESTRADO

Maria Eduarda Diógenes de Araújo (UERN/)

mariaeduardadiogenesdearaujo@gmail.com

Luiz Henrique Rodrigues e Silva (UERN/CAPES)

luizrique03@gmail.com

Wellington Vieira Mendes (UERN)

wellingtonmendes@uern.br

1. INTRODUÇÃO

Utilizamos a língua para a realização de atividades diversas, como expressar opiniões, sentimentos, emoções, pensamentos, entre outras ações que são comuns no nosso dia a dia. É por meio dos recursos linguísticos que estabelecemos uma relação constante de troca de significados com o outro, evidenciando as habilidades linguísticas que são desenvolvidas no decorrer da vida e aprimoradas no contexto escolar.

Os estudos sobre linguagem no âmbito nacional e internacional têm fomentado pesquisas científicas sobre conceitos de texto e gêneros. No Brasil, os documentos que orientam a educação, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), adotam uma concepção de gêneros textuais para o desenvolvimento das práticas de linguagens dos alunos (Lovato, 2010).

Sabe-se que são diversas as teorias sobre gêneros textuais, e que a escolha sobre a abordagem a ser utilizada, seja em um documento, em um trabalho acadêmico ou no ensino, deve variar de acordo com os propósitos comunicativos pretendidos. Para citar alguns exemplos de teorias sobre os gêneros, podemos enfatizar a abordagem de Mikhail Bakhtin (2016) sobre os gêneros do discurso em uma perspectiva sócio histórica/dialógica, Michael Halliday (2014) com a abordagem sistêmico-funcional, John Swales (2009) e Charles Bazerman (2005) com a visão sociorretórica e o enfoque sócio-histórico-cultural dos gêneros, Schneuwly (2004), Dolz (2004) e Bronckart (1999) com as perspectivas sociodiscursiva e interacionista, entre outras abordagens teóricas estrangeiras.

Além dessas teorias, também no contexto nacional verificam-se os estudos sobre gêneros a partir de pesquisadores como Marcuschi (2008) e Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005). Entretanto, mesmo diante de variadas abordagens, este trabalho adota como base teórica os pressupostos expressos por Halliday e Matthiessen (2014) e Martin e Rose (2008), na abordagem conhecida como Escola de Sydney, evidenciando a análise do gênero Resumo acadêmico a partir da perspectiva sistêmico-funcional. Priorizamos a perspectiva teórica mencionada uma vez que ela se respalda na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). A LSF, por sua vez, contribui para a análise de gêneros considerando tanto o contexto de situação, quanto o contexto de cultura (nos quais os textos são produzidos e compartilhados), permitindo evidenciar “as semelhanças e diferenças entre os textos” (Silva, 2018, p. 306).

O gênero resumo é comumente utilizado no âmbito estudantil e configura-se como uma importante produção textual, uma vez que busca sintetizar informações sobre um livro, um trabalho acadêmico, etc. e, portanto, necessita estar bem estruturado para repassar ao leitor os aspectos da obra resumida preservando a sua essência. Algumas pesquisas já se dedicam ao estudo do gênero de texto na LSF, buscando identificar o propósito comunicativo, a organização e a sequência de informações nos textos. Como exemplo, podemos citar o estudo de Silva (2018), que apresenta o conceito de gênero e registro de acordo com a perspectiva teórica da Escola de Sydney e realiza uma análise do gênero narrativa. Além disso, no que diz respeito aos gêneros acadêmicos, cabe mencionar o trabalho de Sippert (2018), no qual a autora realiza uma análise da estrutura temática em resenhas de alunos do ensino superior, seguindo a abordagem da LSF.

Em consonância com as pesquisas supracitadas, o presente artigo também se dedica aos estudos dos gêneros na LSF, mas, aqui, nos debruçaremos especificamente sobre o Resumo acadêmico, tendo em vista que se apresenta como uma relevante produção textual e de constante uso pelos estudantes de ensino superior. Nesse sentido, este trabalho busca compreender a estruturação linguística de três Resumos acadêmicos em dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; verificar como as escolhas léxico-gramaticais auxiliam na organização temática das informações do gênero; e analisar a estrutura textual dos resumos a partir da contribuição e aplicação dos aspectos teóricos do sistema discursivo de periodicidade da LSF.

Para estudos de gêneros de textos pelo prisma sistêmico-funcional, consideramos o sistema semântico-discursivo de periodicidade, postulado por Martin e Rose (2008) com base em Halliday e Matthiessen (2014). Esse sistema, conforme afirmam Barros e Fuzer (2020), é oriundo da metafunção textual da linguagem. Além disso, as metafunções ideacional e interpessoal também são relevantes para este estudo, visto que ocorrem simultaneamente à textual durante o uso da linguagem.

Na próxima seção, são apresentados conceitos provenientes da Linguística Sistêmico-Funcional. Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos estabelecidos para a coleta e análise do *corpus*. Os resultados e reflexões encontram-se nas considerações finais deste trabalho.

2. A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

A Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) teve como principal precursor o britânico e australiano M. A. K. Halliday. Esse estudioso desenvolveu trabalhos a partir de reflexões do antropólogo Malinowski, que considerava a língua como manifestação cultural de um povo (Fuzer e Cabral, 2014).

Na LSF, a linguagem é entendida como uma prática social presente em diferentes circunstâncias e utilizada de modo que abrange o meio sociocultural dos falantes. A obra *An Introduction to Functional Grammar*, produzida por Halliday e publicada pela primeira vez em 1985, é uma das principais contribuições do autor para a teoria. Reeditado em 1994 e passando a ser colaborado por Matthiessen em 2004, o livro se torna uma das principais referências para os estudos da teoria em questão. Além desses pesquisadores, outros estudiosos também se destacam na LSF, como Martin e White (2005), que investigam o Sistema de Avaliatividade, Eggins e Martin (1997) com a Teoria de Gênero e Registro, e Martin e Rose (2007) com a abordagem de gênero textual da Escola de Sydney.

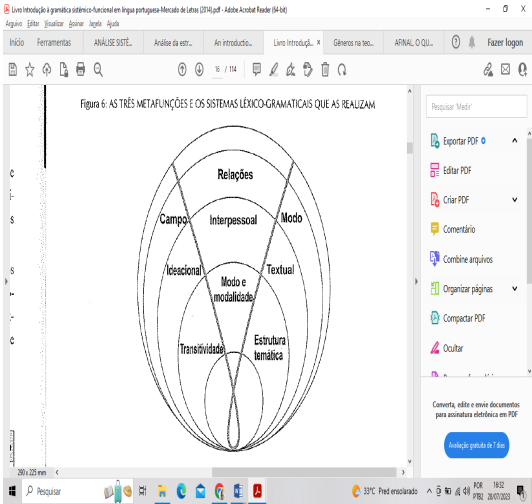
Para a LSF, a linguagem acontece em um contexto social, e é considerada um importante recurso na construção de significados, permitindo a interação entre os falantes. No processo de fazer sentidos, o contexto de cultura e o contexto de situação são evidenciados.

Assim, considerando que a comunicação se efetiva através de textos, e que “o termo texto se refere a qualquer instância de linguagem, em qualquer meio, que faça sentido para alguém que conhece a língua” (Halliday; Mathiessen, 2004, p. 3, tradução nossa),

ao produzirmos textos, o contexto de cultura é sinalizado a partir das atividades institucionalizadas em ambientes sociais (igrejas, escolas, universidades, etc.) que influenciam o nosso dizer no processo comunicativo. Já o contexto de situação diz respeito ao “ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando” (Fuzer e Cabral, 2014, p. 27), sendo formado por três variáveis: campo (natureza da ação social), relações (dos participantes no evento comunicativo) e modo (meio utilizado que permite a interação).

As variáveis contextuais são evidenciadas a partir de elementos linguísticos que os textos trazem e, além disso, se relacionam com as metafunções da linguagem durante a produção de sentidos. Halliday e Mathiessen (2004) dizem que as metafunções evidenciam os propósitos linguísticos que se têm ao fazer uso da língua. Os autores definem três metafunções: ideacional (representação do mundo), interpessoal (relação dos participantes na situação comunicativa) e textual (estrutura organizacional do texto). Na figura abaixo, podemos perceber como os sistemas léxico-gramaticais realizam as metafunções.

Figura 1 – As metafunções e os sistemas léxico-gramaticais que as realizam



Fonte: Fuzer; Cabral (2014, p. 33)

A Figura 1 mostra como as variáveis contextuais estão relacionadas às metafunções, indicando, ainda, o sistema léxico-gramatical que realiza cada uma. Entende-se que, ao fazermos uso da

língua, mobilizamos todas as metafunções, assim como o contexto de situação e o contexto de cultura. Entretanto, para este estudo, destaca-se a metafunção textual, visto que o objetivo é analisar a estrutura temática do gênero Resumo acadêmico em dissertações, entendendo a oração como mensagem, acompanhada de um Tema e um Rema.

2.1 O GÊNERO DE TEXTO, O RESUMO ACADÊMICO E A METAFUNÇÃO TEXTUAL DA LINGUAGEM

Sabendo que a comunicação se materializa por meio de textos que evidenciam as práticas institucionalizadas do meio social, faz-se necessário entender as formas típicas que as produções textuais assumem, variando conforme as situações comunicativas. Martin e Rose (2008) afirmam que os textos instanciam os gêneros. Nessa perspectiva, a forma típica que o texto assume (gênero) depende de fatores culturais e sociais.

Os pesquisadores que formam o grupo da Escola de Sydney são considerados os precursores das pesquisas relativas aos gêneros sob enfoque sistêmico-funcional. Martin e Rose (2008) são os estudiosos da linguagem que mais se destacam no que diz respeito a esses estudos na LSF. Esses pesquisadores desenvolveram trabalhos com os gêneros de texto em escolas da Austrália na década de 80.

Os autores ainda definem os gêneros como processos sociais, que se desenvolvem em etapas para o alcance de intenções comunicativas. Conforme os autores, para identificar um gênero instanciado, é necessário considerar o contexto em que o texto foi produzido e o meio utilizado para sua circulação. Assim, entendendo que os gêneros textuais se realizam em etapas, Eggins (2004) menciona a Estrutura Esquemática do Gênero (EEG), que diz respeito aos estágios organizadores do texto.

Nessa direção, sabendo que um texto instancia um gênero, e que, ao produzirmos textos, construímos significados nas metafunções ideacional, interpessoal e textual concomitantemente, o estudo sobre os gêneros nos possibilita identificar como essas metafunções ocorrem nos textos. No presente trabalho, o enfoque recai sobre o sistema textual porque, nessa metafunção, a oração é entendida como mensagem que evidencia significados interpessoais e ideacionais (Sippert, 2018).

A metafunção textual envolve o contexto de situação e a variável modo, conforme visualizado na Figura 1. Por meio dessa metafunção, é possível entender a estrutura do texto, além da forma como as informações estão organizadas, considerando os recursos léxico-gramaticais e semântico-discursivos que são explicitados. Segundo Fuzer e Cabral (2014, p. 128), a estrutura do texto é “construída na gramática da língua e ocorre no nível da oração”, sendo imprescindível a análise da oração para a compreensão da estrutura temática (Tema/Rema) e estrutura da informação do texto (Dado/Novo).

Desse modo, para analisar a estrutura da informação de um texto, é necessário segmentá-lo em orações. Nessa estrutura, as informações são organizadas em Dado e Novo. O Dado diz respeito aos conhecimentos compartilhados entre os participantes do evento comunicativo, podendo ser previsível a partir do contexto; “trata-se não só do que é consenso entre falante e ouvinte, mas também do que é recuperável no texto e na situação” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 128). De acordo com as autoras, o Novo diz respeito às informações que não são conhecidas pelo leitor/ouvinte, e que não são previsíveis nem recuperáveis a partir do texto.

Nesse viés, a estrutura temática e a estrutura de informação estão semanticamente relacionadas, mas é crucial entender que a convergência entre Dado/Novo e Tema/Rema nem sempre é presente (Halliday; Mathiessen, 2004). O Tema é o ponto de partida do texto, sendo direcionado pelo falante/escritor; o Rema é o que se apresenta a partir do Tema, colocado em posição final da oração (Fuzer; Cabral, 2014).

De acordo com Fuzer; Cabral (2014, p. 131), cada oração possui o Tema e o Rema, nessa ordem. Ainda segundo as mesmas autoras, o Tema traz consigo algumas atribuições como:

- fazer ligação entre a oração que está sendo criada e as orações que vieram antes dela no texto;
- pela sua reiteração ao longo do texto, revelar o assunto em alguns tipos de texto;
- estabelecer um contexto para a compreensão do que vem a seguir – o Rema.

Além disso, há três tipos de Tema: **Tema Tópico (ou Ideacional)**, **Tema Textual** e **Tema Interpessoal**. Conforme Rossi; Khun; Moreira (2023, p. 186 e 187), o Tema Tópico (ou Ideacional)

é “instanciado por significados da metafunção ideacional”. Marcado geralmente por formas verbais e sujeitos sintáticos, é aquele que geralmente aparece no início da oração e introduz a ideia principal daquela sentença. Em relação ao Tema Textual, os autores explicam que ele é caracterizado por conjunções, sequencializadores e outros termos continuativos (pronomes e advérbios, por exemplo), sendo, portanto, “instanciado por significados da metafunção textual”. Já o Tema Interpessoal é “instanciado por significados oracionais da metafunção interpessoal”, compreendendo adjuntos modais, adjuntos de comentário, vocativos ou outros termos de caráter mais subjetivo que promovem uma interação do leitor com o texto.

Para esse estudo, interessa-nos também compreender como funcionam os sistemas semântico-discursivos, tendo em vista que é necessário considerar como as ocorrências léxico-gramaticais constroem significados no nível do discurso. Nesse ínterim, o Resumo acadêmico é organizado, lexical e gramaticalmente, considerando as práticas institucionais da comunidade acadêmica, sendo um texto constantemente solicitado aos estudantes que fazem parte desse meio, seja para a submissão de trabalhos em eventos, seja para constituir monografias, dissertações, teses, entre outras produções textuais.

Por se tratar de uma importante produção textual, o Resumo acadêmico condensa as informações de um trabalho de modo sumarizado e coeso, contextualizando e introduzindo aspectos indispensáveis para se fazer entender a pesquisa, além de indicar os objetivos, aporte teórico, metodologia utilizada para a coleta do corpus, resultados e considerações finais.

2.2 O SISTEMA SEMÂNTICO-DISCURSIVO DE PERIODICIDADE

Com base em Halliday; Hasan (1976), Martin (1992) propõe quatro sistemas discursivos que realizam significados no estrato semântico-discursivo: identificação, negociação, conjunção e ideação. Mais tarde, os sistemas são ampliados por Martin; Rose (2007), considerando o sistema de periodicidade e avaliatividade, conforme afirmam Vian Jr.; Mendes (2010). No dizer de Vian Jr. (2023, p. 30), “os significados no estrato léxico-gramatical estão relacionados às três metafunções e aos seis sistemas, portanto, também realizam significados a partir delas”. Nessa direção, os sistemas discursivos de ideação e conjunção realizam sentidos a partir da metafunção ideacional; os sistemas de negociação e avaliatividade realizam

significados na metafunção interpessoal; e os sistemas de avaliatividade e periodicidade constroem sentidos a partir da metafunção textual.

Para este trabalho, consideramos o sistema de periodicidade, visto que este permite entender como as informações estão postas nos textos. Ao analisar a periodicidade, é importante considerar os conceitos de Tema/Rema, Dado/Novo nas orações, para que se possa compreender a influência dos recursos léxico-gramaticais na construção da coesão e da coerência. Cabe enfatizar, ainda, que embora Tema/Rema, Dado/Novo sejam encontrados nas orações, Halliday e Mathiessen (2004) dizem que essas noções podem se estender para o complexo oracional e para o texto. Assim, Fuzer; Cabral (2014, p. 140) pontuam que “é possível identificar, no complexo oracional, a primeira oração como Tema e a segunda como Rema”. De igual modo, acreditamos que em um mesmo período do texto é possível a ocorrência tanto da noção de Tema quanto da noção de Rema.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho qualitativa e interpretativista, uma vez que busca realizar a interpretação dos dados obtidos a partir da análise do *corpus*. Trata-se de um trabalho descritivo, haja vista a descrição dos resultados e compreensão dos fenômenos visualizados (Moita Lopes, 1991). Assim, três produções acadêmicas (resumos de dissertações) foram analisadas partindo dos pressupostos relacionados ao sistema de periodicidade da metafunção textual da LSF. A análise verificou como os elementos léxico-gramaticais atuam para garantir o fluxo de informação ao longo do gênero Resumo.

O *corpus* coletado seguiu os seguintes critérios de seleção: a) resumos acadêmicos de dissertações do mestrado no Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL)²⁴, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); b) seleção de resumos referente às dissertações de cada linha de pesquisa; c) seleção das dissertações publicadas recentemente. Abaixo, podemos visualizar a linha de pesquisa e o título dos trabalhos coletados, bem como o ano em que cada um foi publicado.

24 O interesse pelo PPGL deu-se por causa do nosso ingresso recente nesse programa de pós-graduação (a nível de mestrado), despertando em nós a curiosidade para entender como os textos estão articulados, uma vez que produzimos, com frequência, gêneros acadêmicos dessa natureza.

Linha de pesquisa	Dissertação	Ano de publicação
Texto e Construção de Sentidos	Experiências acerca da COVID-19 expressas em colunas publicadas no jornal Folha de S. Paulo: interpretação a partir do sistema de transitividade da LSF	2022
Discurso, Memória e Identidade	Discursos sobre a masculinidade tóxica nas mídias digitais: da formação do objeto às ressonâncias biopolíticas	2023
Texto Literário, Crítica e Cultura	O carrossel da revolução: opressão e resistência em <i>Capitães da Areia</i>	2022

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a análise, realizamos os seguintes procedimentos metodológicos: 1) leitura e divisão do texto em orações; 2) classificação temática de cada oração em Tema Tópico, Tema Textual e Tema Interpessoal; 3) análise da classificação temática, identificando os motivos de cada ocorrência e como esses temas contribuem para a realização do fluxo informacional e atribuição de significados próprios do gênero Resumo; 4) classificação do Tema a partir das informações constantes na estrutura textual de cada resumo.

4. A ESTRUTURA TEMÁTICA E OS TIPOS DE TEMA NO RESUMO ACADÊMICO

Compreendemos, a partir dos constructos teóricos de Halliday e Matthiessen (2014), que o Tema é considerado o primeiro elemento

constituente da oração e o ponto de partida para situar a temática dentro de um contexto, sendo o Rema o restante da oração que apresenta as ideias contextualizadas pelo Tema. No resumo a seguir, destacamos e classificamos os tipos de Tema em cada oração.

1. (1) **Utiliza-se** (Tema Tópico) a língua (2) **para atender** (Tema Textual) às necessidades, (3) **seja com o fito de interagir** (Tema Textual) com o outro, (4) **de expressar** (Tema Textual) experiências (5) **ou de organizar** (Tema Textual) mensagens. (6) **Consequentemente, como são** (Tema Textual) diversas as possibilidades de atividades humanas, (7) **são infinitas** (Tema Tópico) **as possibilidades de escolhas linguísticas** (Tema Tópico) que se pode realizar. (8) **Dessa forma** (Tema Textual), **constitui-se objetivo** (Tema Tópico) desta pesquisa (9) **interpretar as experiências** (Tema Ideacional) acerca da Covid-19 (10) **expressas em** (Tema Tópico) 16 (dezesesseis) colunas (11) **publicadas** (Tema Tópico) por Atila Iamarino no jornal *Folha de S. Paulo*, (12) **a partir** (Tema Textual) do Sistema de Transitividade. (13) **De forma mais específica** (Tema Textual), **este trabalho** (Tema Tópico) descreve os verbos mais recorrentes no *corpus*, (14) **que processos** (Tema Textual) eles realizam (15) **e interpreta** (Tema Textual) as ligações entre essas ocorrências e os Contextos de Situação e de Cultura nos quais os textos são produzidos. (16) **Para interpretação** (Tema Textual) das amostras, (17) **o estudo ancora-se** (Tema Tópico), teoricamente, nos conceitos e postulados da Linguística Sistemico-Funcional, (18) **baseado** (Tema Tópico), especialmente, em Halliday e Matthiessen (2014), Fuzer e Cabral (2014) e Thompson (2014), com ênfase nos processos de transitividade e nas concepções dos Contextos de Situação e de Cultura. (19) **De modo geral**, (Tema Textual) as interpretações (20) **demonstram** (Tema Tópico) que as experiências selecionadas

pelo articulista (21) **para construir os discursos** (Tema Textual) estão intimamente interligadas aos espaços micro e macro de produção e veiculação dos textos, (22) **pois** (Tema Textual) (I) os verbos selecionados **para realizar os processos** (Tema Textual) e seus respectivos participantes são referentes a sintagmas comuns no atual Contexto de Situação (pandêmico); (23) (II) **muitos processos são utilizados** (Tema Textual) como técnica textual intrínseca ao gênero coluna, (24) **com o fim de alcançar** (Tema Textual) propósitos comunicativos (Contexto de Cultura); (25) **e**, (III) **por meio** (Tema Textual) das experiências (26) **manifestadas** (Tema Tópico) por Atila Iamarino, (27) **é possível** (Tema Tópico) que (28) **se realize** (Tema Textual) uma viagem temporal (29) **e se tome conhecimento** (Tema Textual) sobre muitos acontecimentos relacionados à pandemia em sua localização espacial e temporal, (30) **demonstrando que** (Tema Tópico) (IV) a relação entre texto e contexto (31) **é uma via** (Tema Ideacional) de mão dupla: (32) **pode-se** (Tema Tópico) partir do texto (33) **para compreender** (Tema Textual) o contexto e vice-versa.

Em (01), há trinta e três orações. As orações (7), (8) e (13) trazem os Temas Tópico e Textual, sendo, portanto, caracterizadas por Temas Múltiplos, tendo em vista que há mais de um tipo de tema em uma mesma oração (Fuzer; Cabral, 2014). As demais orações caracterizam-se por constituírem um Tema Simples, pois trazem somente um Tema Tópico ou um Tema Textual, como é o caso das orações (1) e (2). Pode-se afirmar, assim, que Tema Simples aparece com maior frequência que Tema Múltiplos.

Nota-se, ainda, que o Tema Textual é mais recorrente que o Tema Tópico. Isso ocorre porque, em produções acadêmicas, o produtor busca preservar a coerência do seu texto utilizando elementos textuais coesivos como conectores e sequenciadores. Na oração (6), por exemplo, a palavra “Consequentemente” se configura como conectivo, pois estabelece uma relação de consequência que será melhor evidenciada na próxima oração (7). Na oração (8), o

conectivo “Dessa forma” também possui a função de unir as orações, indicando uma relação semântica entre a informação anterior e a informação ulterior, ambas complementando-se. De modo geral, os aspectos léxico-gramaticais visualizados no resumo (1) apontam para um texto bem estruturado e com ideias que se relacionam de forma lógica, sendo facilmente compreendido pelo leitor.

Considerando, ainda, a completude do resumo (1), constata-se que os períodos são divididos considerando Tema. Partindo da oração (1) à oração (7), tem-se dois períodos que apresentam o Tema da pesquisa, pois são informações possivelmente conhecidas pelos leitores. A seguir, apresentamos a análise do resumo (02), na qual enumeramos quarenta e duas orações ao longo do texto. Nessas orações, há a predominância, em todo o *corpus* textual, do chamado Tema Tópico, em um total de 22 ocorrências, especialmente nas orações que são iniciadas por formas verbais (processo) e por termos que caracterizam os sujeitos sintáticos (participantes), em conformidade com o que é explicado pelo sistema de transitividade.

2. (1) **Esse estudo** (Tema Tópico) tem como objetivo geral (2) **investigar** (Tema Tópico) o funcionamento de discursos sobre a masculinidade tóxica, a partir da formação dos objetos e da constituição de estratégias biopolíticas nas mídias digitais, e por objetivos específicos: (3) i) **descrever** (Tema Tópico) as condições de possibilidade (4) **que** (Tema Textual) fazem emergir discursos sobre a masculinidade tóxica na atualidade; (4) ii) **apontar** (Tema Tópico) os elementos discursivos (5) **que** (Tema Textual) permitem a construção da masculinidade tóxica como um objeto de discurso; (6) e iii) **identificar** (Tema Tópico) as estratégias biopolíticas (7) **que** (Tema Textual) atravessam a constituição de discursos sobre a masculinidade tóxica (8) e **fazem emergir** (Tema Tópico) modos de governo para o sujeito homem. (9) **O corpus** (Tema Tópico) foi composto por 8 (oito) materialidades (10) **que** (Tema Textual) circularam nas mídias digitais (revistas, blogs e YouTube – (11) **sendo** (Tema Tópico) 2 (dois) vídeos e 6 (seis) reportagens) entre os anos de 2017 a 2019. (12) **Na contemporaneidade** (Tema Textual), reflexões sobre gênero e sexualidade tem ressignificado os modos de ser homem (13) e (Tema Textual) problematizado a existência de regimes de verdade acerca das masculinidades, através de estratégias de saber-poder. (14) **O interesse** (Tema Tópico) pela escolha da temática surgiu nas nuances

(15) **que** (Tema Textual) fazem emergir os discursos perpassados na sociedade (16) **que** (Tema Textual) podem ser percebidos e observados através do destaque midiático do conceito de masculinidade tóxica e a atualidade do tema nas discussões sobre gênero. (17) **Dessa forma** (Tema Textual), algumas indagações surgiram como questões de pesquisa, (18) **foram** (Tema Tópico) elas: (19) i) **como** (Tema Textual) os discursos acerca da masculinidade tóxica entram em funcionamento, (20) **considerando** (Tema Tópico) a formação dos objetos e a constituição de estratégias biopolíticas nas mídias digitais?; (21) ii) **quais condições de possibilidade** (Tema Tópico) fazem emergir discursos sobre a masculinidade tóxica na atualidade?; (22) iii) **quais elementos discursivos** (Tema Tópico) constroem a masculinidade tóxica como um objeto de discurso?; e (23) iv) **que estratégias biopolíticas** (Tema Tópico) atravessam a constituição de discursos sobre a masculinidade tóxica (24) **e fazem emergir** (Tema Tópico) modos de governo para o sujeito homem? (25) **A pesquisa** (Tema Tópico) ocorreu pelo método arqueogenalógico de Michel Foucault. – (26) **De acordo com esse método** (Tema Textual), (27) **convém** (Tema Tópico) pensar a relação entre a produção do saber, por meio da arqueologia, na constituição do discurso com as relações de poder, (28) **que** (Tema Textual) ocorrem sob um prisma genealógico, (29) **ou seja** (Tema Textual), o poder é perpassado pelas condições históricas. (30) **Utilizamos** (Tema Tópico) os seguintes procedimentos de análise: i) seleção e organização do corpus; (31) ii) **identificação dos elementos discursivos** (Tema Ideacional) que constroem a masculinidade tóxica como objeto de corpus; iii) descrição das estratégias biopolíticas através das análises dos discursos. (32) **Nesse sentido** (Tema Textual), ao relacionar a teoria com os enunciados das materialidades analisadas (33) **foi possível** (Tema Tópico) a percepção de algumas regularidades discursivas (34) **que** (Tema Textual) fizeram emergir os conceitos (35) **que** (Tema Textual) dialogam com os objetivos desse trabalho. (36) **Portanto** (Tema Textual), foram acionados os conceitos de vontades de verdade, efeitos de verdade, relações de poder, e corpos dóceis, assim como as vozes autorizadas a falar e o dispositivo da sexualidade, (37) **sendo compreendidos** (Tema Tópico) por meio do arquivo, da ordem do discurso e das práticas discursivas. (38) **Destacamos** (Tema Tópico), **ainda** (Tema Interpessoal), os modos de subjetivação, o enquadramento

dos corpos, o cuidado de si e das estratégias biopolíticas. (39) **Logo** (Tema Textual), diversos desdobramentos passam a ser percebidos, (40) **pois** (Tema Textual) o discurso não é uma enunciação acabada, (41) **mas** (Tema Textual) a possibilidade para discursos que já existiram (42) e **os** (Tema Tópico) que passarão a existir.

Nas orações (1), (14) e (25), identificamos o Tema Tópico, uma vez que o sujeito (participante) introduz as mencionadas orações, situação essa que acontece em outros momentos do mesmo texto, e que é registrado em (3), (27) e (30) nas formas verbais que iniciam essas orações.

Já em relação ao Tema Textual, verifica-se a ocorrência de vinte casos, número equivalente ao do Tema Tópico e que garante, na análise da organização textual, uma continuidade das ideias pretendidas pelo autor à medida que descreve a estrutura do trabalho acadêmico por ele produzido. Podemos citar como exemplo, os casos das orações (17) e (32) em que os modalizadores “Dessa forma” e “Nesse sentido” contribuem para a manutenção dessa progressão textual, tanto no aspecto anafórico, retomando implicitamente a afirmação anterior, como catafórico, dando continuidade às ideias apresentadas por essa mesma afirmação.

A respeito do Tema Interpessoal, percebe-se que aparece em apenas uma situação: na oração (38), ao ser empregada a expressão adverbial “ainda”, denotando um aspecto mais subjetivo e com um sentido de adição e complementação à informação anterior, a qual é demarcada pelo Tema Tópico introduzido pela forma verbal “Destacamos”. Assim, temos, nessa situação, um exemplo de Tema Múltiplo.

Quanto aos aspectos relacionados ao Tema e ao Rema, e olhando o texto de um modo global, nota-se que o Tema compreenderia a informação contida na oração (1) – objetivo geral – que, de certo modo, introduz e apresenta o que é o trabalho, e o Rema compreenderia as informações contidas nas orações (2) a (8) – objetivos específicos –, além das orações (9) a (11) – o *corpus* da pesquisa –, as orações (12) a (16) – as justificativas –, as orações (17) a (24) – questões de pesquisa –, as orações (25) a (31) – os métodos e procedimentos de análise –, e as orações (32) a (42) – os resultados e as conclusões.

No resumo (03), nosso último exemplo analisado, enumeramos treze orações e sete Temas Tópico, os quais aparecem nas orações (2), (3), (4), (6), (9), (11), (12) e (13). Essas ocorrências, no entanto,

mudam conforme os elementos léxico-gramaticais utilizados, uma vez que nas orações (2), (3), (4), (6) e (11) há o registro de formas verbais que denotam ações situadas e caracterizadoras daquilo que é denominado Processo, no sistema de transitividade.

3. (1) **Neste trabalho** (Tema Textual) **escolhemos** (Tema Tópico) a temática da resistência e da opressão (2) **retratada** (Tema Tópico) por Jorge Amado, em *Capitães da areia*. (3) **Tido** (Tema Tópico) como um romance proletário, (4) **fizemos** (Tema Tópico) uso do corpus a partir das perspectivas de Bosi (2002; 2017), Abdala Jr. (1993), Candido (2000; 2015; 2019), Coutinho (2001; 2004; 2008), Lafetá (2000), Bueno (2015) e Marx (2014) sobre Modernismo, romance social, proletário, literatura, opressão e resistência. (5) **Para essa pesquisa** (Tema Textual), (6) **buscamos** (Tema Tópico) além desses autores, textos e trabalhos (7) **que** (Tema Textual) abordam as questões sociais (8) **e** (Tema Textual) subsidiaram nossa análise. (9) **O recorte selecionado** (Tema Tópico) busca evidenciar a violência enfrentada, (10) **e** (Tema Textual) o despertar de uma resistência, (11) **objetivando** (Tema Tópico) uma liberdade social. (12) **Dessa maneira** (Tema Textual), **o objetivo** (Tema Ideacional) **nesta pesquisa** (Tema Textual) centra-se na relação do binômio opressão e resistência (13) **e** (Tema Textual) de como **esse** (Tema Tópico) se manifesta nas personagens amadianas de *Capitães da areia*.

Já em relação aos Temas Textuais, verificamos, no mesmo resumo, a ocorrência de oito deles, os quais são registrados nas orações (1), (2), (5), (7), (8), (10), (12) e (13). Os elementos léxico-gramaticais utilizados compreendem grupos nominais formados por um pronome mais um substantivo como, por exemplo, nas orações (1) e (12), além de elementos conjuntivos (a conjunção “E”), como é possível perceber nas orações (8) e (10). Tais ocorrências garantem, assim, tanto a circunstância, dentro do sistema de transitividade, como a progressão textual.

No que diz respeito aos Temas Interpessoais, no resumo 3 não foram verificadas ocorrências deste, já que os elementos lexicais e gramaticais não o especificam ao longo do texto.

Em relação às noções de Tema e Rema, compreendemos

que o Tema abrange as informações expostas nas orações (1) e (2) – apresentação da temática e da obra literária objeto de análise – e o Rema compreende as informações das orações (3) a (13) – a saber, resumidamente, a fundamentação teórica, a justificativa e os objetivos –, não estando presentes, porém, a exposição dos resultados e as considerações finais, diferentemente do que foi registrado e constatado nos resumos (1) e (2).

Na tabela a seguir, estão evidenciados os tipos de temas, a quantidade e o total correspondente a cada um dos resumos analisados. Os números discriminados abaixo comprovam uma questão já observada anteriormente: a prevalência, no geral, de ocorrências do Tema Textual em detrimento dos demais temas.

Tabela 1 – TIPOS DE TEMAS EM CADA RESUMO E SUAS QUANTIDADES

Resumo/ Tema	Tema Ideacional	Tema Textual	Tema Interpessoal	TOTAL
Resumo 1	17	19	0	36
Resumo 2	15	16	1	32
Resumo 3	8	8	0	16

Fonte: Elaborado pelos autores.

Embora não seja o objetivo dessa pesquisa, ao compararmos os três textos analisados, podemos perceber a diferença na extensão dos produtos, o que confirma a teoria de que os gêneros são relativamente estáveis (Bakhtin, 2016), comportando características linguísticas distintas de linha de pesquisa para linha de pesquisa, ainda que procurem seguir o padrão do gênero textual Resumo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, pudemos perceber o quanto o gênero acadêmico Resumo constitui-se em elemento textual fundamental para a dissertação, podendo ser caracterizado como uma espécie de “iniciador” desta, apresentando-a concisamente aos leitores.

A partir dos constructos teóricos apresentados sobre as noções de gênero textual da Linguística Sistemico-Funcional (LSF), o sistema de periodicidade da metafunção textual, as considerações sobre Tema e Rema e a manutenção do fluxo de informação para a continuidade textual, verificamos, pelas análises de cada um dos três casos, que o gênero Resumo procura seguir um padrão semelhante de estruturação linguística e discursiva, mesmo que utilizando recursos vocabulares e lexicais distintos. Isso acontece conforme se verifica a necessidade de cada pesquisa e temática, sendo perceptível, inclusive, quando há mudanças em relação à linha de pesquisa de cada trabalho.

Dessa forma, constatou-se que o Tema Textual, o mais comum em ocorrências nos três exemplos analisados, funciona como “garantidor de significados” dentro da metafunção textual e que, manifestado a partir de sequencializadores e continuativos (pronomes, conjunções, adjuntos adverbiais e outros modalizadores textuais) contribuem para a manutenção do fluxo de informações dentro do texto.

Por fim, consideramos que esta pesquisa resultou em uma análise mais aprofundada de aspectos discursivos relacionados ao sistema de periodicidade, contribuindo para as pesquisas no âmbito desta área dentro da Linguística Sistemico-Funcional (LSF). A manutenção do chamado fluxo de informações em resumos acadêmicos é, certamente, uma questão que merece mais atenção e pesquisa, não só em dissertações, mas também em outros trabalhos acadêmicos como monografias, teses e artigos científicos. Acreditamos que a ampliação dessas pesquisas contribuirá, por exemplo, para sabermos como a estruturação do referido gênero auxilia na produção de outros trabalhos congêneres.

REFERÊNCIAS

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Educ, 1999.

DANTAS, Emanuella Pereira de Souza. **O carrossel da revolução**: opressão e resistência em Capitães de areia. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, RN, 2022. Disponível em: [https://www.uern.br/controladepaginas/defendidasem2022/arquivos/7027aa_emanuella_dantas_\(sem_assinaturas\).pdf](https://www.uern.br/controladepaginas/defendidasem2022/arquivos/7027aa_emanuella_dantas_(sem_assinaturas).pdf). Acesso em: 28 mai. 2023.

DOLZ, J. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e Org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 31-49.

FUZER. C.; CABRAL. S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

HALLIDAY, M. A. K. MATHIESSEN, M. I. M. C. **An Introduction to Functional Grammar**. 2. ed., London: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. HASAN, R. **Cohesion in English**. London and New York: Logman, 1976.

LOPES, Wesley Hericles Almeida. **Discursos sobre a masculinidade tóxica nas mídias digitais**: da formação do objeto às ressonâncias biopolíticas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, RN, 2022. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/defendidasem2022/arquivos/7027dissertaa%E2%80%A1a%C6%92o_wesley_sem_as_assinaturas.pdf. Acesso em: 28 mai. 2023.

LOVATO, D, S, C. Gêneros textuais e ensino: uma leitura dos PCN's de língua portuguesa do ensino fundamental. **Travessias**, Cascavel, v. 2, n. 3, p. 31-72, 2010. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3172>. Acesso em: 27 jul. 2023.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 296.

MARTIN, J. R. **English text: system and structure**. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

MARTIN; EGGINS, S. Genres and registers of discourse. In (editor). Londres: Sage Publications Ltd, 2000.

MARTIN, J, R.; ROSE, D. **Working with discourse: meaning beyonde the clause**. London and New York: Continuum, 2007.

MARTIN, J, R; ROSE, D. **Genre relations: mapping culture**. Londres: Equinox, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo de. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **D.E.L.T.A**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

ROSSI, A. M.; KHUN, M. I. B.; MOREIRA, T. M.; Sistema discursivo de periodicidade. *In*: FUZER e CABRAL. (Org.). **Introdução aos sistemas discursivos em linguística sistêmico-funcional**. Santa Maria, RS: UFSM, CAL, PPGL, 2023.

SILVA, Edna Cristina Muniz da. Gêneros na teoria sistêmico-funcional. Universidade de Brasília. **D.E.L.T.A.**, v. 34, n. 1, p. 305-330, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4450297878862629695>>. Acesso em: 22 jun. 2023.

SPPERT, L. Análise da estrutura temática em resenhas de alunos do ensino superior numa perspectiva da linguística sistêmico-funcional. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. *Campus Regional IV*. **D.E.L.T.A.**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 113-147, 2008.

SCHNEUWLY. B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. (Org. e trad.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, Mercado de Letras, p. 21-39, 2004.

SWALES, John. Repensando gêneros: uma nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva. In: BEZERRA, Benedito G.; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CAVALCANTE, Mônica M. (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: EDUPE, p. 197-220, 2009.

VIAN JR., O; MENDES, W. V. O sistema de conjunção em textos acadêmicos: os mecanismos de sequenciamento e de explicação. **Letras**, n. 50, p. 163–186, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148520209>. Acesso em: 20 jun. 2023.

VIAN JR, O. Discurso pela perspectiva sistêmico-funcional: os significados além da oração. *In*: FUZER e CABRAL. (Org.). **Introdução aos sistemas discursivos em linguística sistêmico-funcional**. Santa Maria, RS: UFSM, CAL, PPGL, 2023.

VIEIRA, Tiago Soares. **Experiências acerca da COVID-19 expressas em colunas publicadas no jornal Folha de S. Paulo**: interpretação a partir do sistema de transitividade da LSF. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, RN, 2022. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/defendidasem2022/arquivos/7027aa_tiago_soares_sem_assinaturas.pdf. Acesso em: 28 mai. 2023.

TEXTO LITERÁRIO, CRÍTICA E CULTURA

UMA VOZ ENTRE AS SOMBRAS DO AUTORITARISMO MILITAR: ANÁLISE DA PERSONAGEM LORENA EM *AS MENINAS*, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Micharlane de Oliveira Dutra (PPGL/UERN)

micharlaneoliveira@gmail.com

Manoel Freire Rodrigues (PPGL/UERN)

manoelfreire@uern.br

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte da Dissertação de Mestrado que se encontra em processo de construção. A obra «As Meninas» da renomada escritora brasileira Lygia Fagundes Telles, publicada em 1973, é um retrato profundo e provocativo da sociedade durante os anos de autoritarismo militar no Brasil. A trama, ambientada nesse contexto histórico conturbado, oferece uma janela para a compreensão dos impactos do regime autoritário na vida cotidiana das pessoas, bem como na psique de seus personagens.

Uma personagem que se destaca nesse panorama é Lorena, cujo arco narrativo proporciona uma análise penetrante das complexidades e consequências do autoritarismo militar. Neste contexto, exploraremos a figura de Lorena em «As Meninas», destacando como suas experiências e desafios revelam as profundas marcas deixadas pela repressão política e social, oferecendo assim uma perspectiva única sobre os impactos do regime militar na vida individual e coletiva.

Neste estudo, concentramo-nos na análise das facetas distintas da alienação vivenciada por Lorena e nos efeitos subjetivos e emocionais gerados pelo contexto político opressivo que permeia sua jornada. A trajetória da protagonista não reflete apenas os acontecimentos externos do período ditatorial, mas também oferece uma visão única das nuances da resistência silenciosa que se desenrola nos meandros de sua experiência. Ao examinar as experiências de Lorena, buscamos compreender como ela se torna não apenas uma testemunha, mas por vezes uma vítima do autoritarismo, revelando as complexidades psicológicas emocionais e envolvidas na vivência desse período histórico.

Nossa abordagem teórica fundamenta-se em obras significativas, incluindo a contribuição de Oliveira (2020), que analisa a interseção entre a experiência ditatorial e a ficção democrática no contexto brasileiro; as reflexões de Malcolm (2000) sobre o novo romance brasileiro; e as considerações de Jaime Genzburg (2012) sobre o tempo sombrio que foi o período ditatorial, entre outros.

Este estudo não se limita a uma análise superficial dos acontecimentos narrados no romance, mas busca desvendar como a ditadura militar molda não apenas os aspectos externos da trama, mas também permeia a percepção interna de Lorena em relação ao mundo. Uma personzgem que não só representa fatos sociais e suas problemáticas, mas que ecoa as complexidades de uma sociedade subjugada. Ao aprofundar nas camadas profundas da narrativa, este artigo pretende contribuir para uma compreensão mais abrangente das interconexões entre a ficção literária, a experiência individual e a história coletiva em um período de sombras e resistência.

A protagonista Lorena, meticulosamente delineada por Lygia Fagundes Telles em «As Meninas», personifica a complexidade de viver sob o jogo de um regime autoritário. Seu percurso narrativo não se restringe a uma mera observação dos eventos políticos; ao contrário, Lorena se converte em uma espécie de cálice que absorve as amarguras da repressão e que se transforma em uma narrativa rica em matizes emocionais. Através de suas vivências, o leitor é convidado a testemunhar não apenas a resistência silenciosa do protagonista, mas também a metamorfose de sua psique, moldada por um ambiente opressivo que desafia até mesmo as estruturas mais íntimas de sua identidade.

O romance «As Meninas» surge como uma obra magistral que transcende os limites do gênero literário ao se tornar um espelho do tempo em que foi concebido. Lygia Fagundes Telles não apenas tece uma trama intrincada, mas oferece uma crônica profunda das complexidades do autoritarismo militar no Brasil. A narrativa, habilmente construída, não apenas retrata os eventos históricos, mas os entrelaça com as experiências individuais dos personagens, destacando a interdependência entre as vozes que ecoam. Este romance, assim, não apenas narra uma história, mas também convida os leitores a contemplar as nuances da resistência, explorando as interseções entre a ficção literária, a história nacional e a psicologia humana.

2. AUTORITARISMO MILITAR E SEUS IMPACTOS: ANÁLISE DA PERSONAGEM LORENA

Lorena, representante vívida das «Meninas» do título, personifica a resistência silenciosa e as cicatrizes emocionais deixadas pelo autoritarismo. No enredo, ela é retratada como uma personagem que passa a maior parte do seu tempo dentro do quarto no pensionato de freiras em São Paulo, na qual reside para estudar a faculdade de direito, mas naquele momento se encontra fechada por estar acontecendo mudanças em muitos aspectos advindos do poder que o regime militar exerce, período de um simbolismo poderoso das atrocidades cometidas contra aqueles que se opunham ao governo. A narrativa revela sua luta interna para reconciliar as marcas psicológicas desse trauma com a necessidade de seguir em frente.

A trajetória de Lorena serve como um reflexo das experiências de muitos brasileiros que apesar de saber da perseguição, censura e violência durante esse período sombrio da história do país, tem medo de ecoar de forma direta, mas que busca maneiras de expressar as histórias reais de resistência e resiliência que marcaram a sociedade brasileira sob o jugo militar. Neste trabalho visamos discutir sobre o impacto da ditadura militar na vida da personagem Lorena e como isso afeta a sua trajetória e gera reflexos em seus comportamentos perante o contexto opressor vivenciado. Além de analisarmos como ela lida com os acontecimentos narrados, para a partir disto estabelecer um paralelo com a condição de alienação da sociedade que esteve sob um regime opressivo e desumano.

A ditadura militar no Brasil, que perdurou de 1964 a 1985, impôs uma série de desafios sociais, políticos e culturais que se refletem de maneira contundente na obra de Lygia Fagundes Telles. O regime autoritário caracterizou-se por um controle rígido do Estado sobre as instituições, a repressão de dissidentes políticos e a censura de expressões artísticas e intelectuais.

Nesse contexto, «As Meninas» emerge como uma crítica sutil, mas incisiva, das limitações impostas à liberdade individual e à expressão criativa durante esses anos sombrios. Através de Lorena e outras personagens, a autora oferece uma visão panorâmica das estratégias de resistência e das consequências psicológicas da perseguição política, destacando a magnitude dos desafios enfrentados por aqueles que buscavam manter sua integridade em meio à opressão. A narrativa de Lygia Fagundes

Telles, portanto, serve não apenas como um testemunho literário, mas como uma análise profunda das marcas indeléveis deixadas pelo autoritarismo militar na tessitura social e humana do Brasil.

No trecho a seguir, é possível observar, na fala da personagem Lorena, o reconhecimento de que se envolver com questões políticas pode resultar em punição, pois ao ouvir os relatos das amigas que dividem espaço como Lia e Ana Clara, fica sabendo de muitos dos fatos que ocorrem lá fora e por ter conhecimento sobre as possíveis consequências advindas, prefere permanecer em silêncio e evitar se tornar uma das participantes do que ocorre ao seu redor durante o período ditatorial e esta atitude por vezes revela e representa uma parcela da sociedade, que assim como ela, escolhe não agir diretamente perante as circunstâncias. “Um pouco que alguém se aproxime e já sente odores. Vozes. Um pouco mais e já nem é espectador, vira testemunha. Se abre o bico para dizer boa-noite! passa de testemunha para participante” (Telles, 2009, p. 53) .

A personagem opta por permanecer apenas como espectadora, mesmo percebendo os odores e as vozes ao seu redor, pois teme se envolver na luta e se tornar uma testemunha consciente do que está acontecendo, com todas as consequências que isso acarreta. Ela evita manifestar qualquer posição política, até mesmo «abrir o bico para dizer boa-noite!». Dessa forma, ela se limita a ser uma mera observadora passiva.

É evidente que este comportamento é advindo do medo de ser punida, mas também do desejo em evitar qualquer conflito, tratando-se, portanto, de uma possível alienação em relação ao não posicionamento direto diante das injustiças e opressões, temendo sair de sua zona de conforto e se tornar uma participante ativa, abandonando seu mundo cor-de-rosa. Enquanto que ela opta por se manter passiva e alheia aos acontecimentos, descreve e admira a coragem de sua amiga Lião que cruza a cidade com suas alpargatas azuis, demonstrando heroísmo, atitude política perante a realidade vivenciada.

Lá fora as coisas podem estar pretas mas aqui tudo é rosa e ouro. “É preciso ter um peito de ferro pra aguentar esta cidade”, diz a Lião que cruza esta cidade com sua alpargata azul. Mas não entro na transa e nem quero. Faculdade, cinema, um pouco de clube (clube fechado) uma ou outra lanchonete, compras nas minhas lojas especialíssimas (Telles, 2009, p. 60).

O trecho evidencia uma rotina comum à Lia, amiga da personagem Lorena, que está em constante trabalho nas ruas ao lado dos seus colegas de luta, buscando maneiras de vencer o período opressor, mesmo que em muitos momentos esteja correndo perigo, e neste trecho notamos que apresenta algumas expressões que se contrastam. O ambiente externo (fora) e interno (aqui).

As cores «pretas» e «rosa e ouro», ambas as palavras buscam simbolizar a dualidade que a personagem Lorena vive, pois está entre o mundo exterior problemático e o mundo interior mais seguro e aconchegante, pois, por ser uma personagem observadora, compreende a diferença que há entre ela que está a maior parte do tempo dentro do quarto em seu aconchego e luxo e sua amiga Lia, exposta aos perigos e perseguições advindas do poder dominante e, por isso, mais uma vez notamos sua alienação quanto ao medo de agir como a sua amiga Lia.

Outras expressões que se destacam são: «peito de ferro» e «não entro na transa», que denota informalidade. É notório que enfrentar um período tão conturbado é preciso ter força e Lorena deixa claro que não entra e nem quer isso para a sua vida. Assim, mesmo admirando a coragem de sua amiga, prefere mais uma vez manter-se distante destes problemas. Ademais, a cidade é descrita e explicada, refletindo um cenário urbano que pode ser desafiador (representado pelas coisas «pretas» lá fora), mas que também oferece um ambiente de refúgio e agradável (o «aqui» rosa e ouro).

A personagem expressa que «Lá fora as coisas podem estar pretas», ou seja, as circunstâncias só pioram e a censura, e a repressão se expandem. A personagem continua presa ao seu mundo que parece tão agradável e por isso não quer abrir mão desta vida luxuosa, pois ao observar esta realidade, prefere fugir e se distanciar do regime autoritário, passando a buscar pela felicidade se dá a partir daquilo que lhe dá prazer, como a faculdade, cinema, clube e objetos de luxo. Há uma tentativa de escape da opressão que ocorre lá fora da cidade e tenta mudar o seu pensamento para aquilo que lhe atrai, e traz uma felicidade, mesmo que seja com base em coisas materiais, ou até mesmo irrelevantes quando comparado aquilo que se passa no mundo externo.

Há também uma crítica à sociedade e o seu egocentrismo, pois a personagem só pensa em sua felicidade e prefere manter-se distante do espaço externo por considerá-lo perigoso e ameaçador. A autora propõe uma reflexão quanto aos indivíduos que só pensam em si e assim como a personagem Lorena, preferem silenciar-se com medo das consequências e também por ser apegada a uma vida que leva, onde pode possuir coisas que muitas outras jovens não tinham condição. Ao

passo que, traz um destaque para aqueles que estão dispostos a lutar e contestar, mesmo que isso acarrete problemas, como se destaca no heroísmo de Lia, ao dizer: “Salve também os meninos da Lião, estão presos ou vão ser, salve os meninos tão fortes e tão resistentes, somos todos muito resistentes» (Telles, 2009, p. 60).

Notamos que a personagem faz referência aos grupos que se empenham em lutar, o que demonstra coragem e heroísmo. Ao usar a palavra “salve” sugere elogio pela resistência desses indivíduos que estão incluídos Lia e seus companheiros de militância. Ela também faz menção até aos que ainda nem foram presos, porque a situação é de risco constante, criando um clima de tensão e de urgência na narrativa. Quando cita esses “meninos”, que são os militantes, e que estão enfrentando dificuldades ou perigos em suas vidas, revela que a qualquer momento podem ser descobertos e os considera “tão fortes”, pois mesmo conscientes das consequências, resistem.

Isso tem relação com o pensamento de Malcolm ao dizer que: “os líderes da ordem estabelecida tentam cinicamente manipular o sistema, enquanto os opositores são cada vez mais desmoralizados, marginalizados e brutalizados” (2000, p. 278).

Enquanto que os jovens militantes batalham pela sua liberdade, os líderes da ordem tentam a todo custo manipular as pessoas, e mesmo que seja de forma indireta acaba por conseguir, ao observamos as falas de Lorena nos trechos anteriores, o objetivo maior do poder Estatal durante a vigência da ditadura era oprimir os que manifestam opinião contrária; e essa opressão não só é física, mas também moral.

Ao término do trecho a personagem se inclui: “somos todos resistentes,” enfatiza, portanto, a coletividade e união e, por estar sentindo-se também oprimida, se encaixa como alguém que está numa luta travada, assim como os meninos estão, mesmo que ela continue em seu quarto, mas há um desejo de vencer o período conturbado e o duelo entre permanecer em seu mundo rosa, ou enfrentar a dura realidade lá fora.

Há também uma crítica da autora em relação à vulnerabilidade das pessoas diante do poder autoritário. Ao mencionar os «meninos do Leão» que estão presos ou serão presos, Lorena pode estar se referindo a indivíduos que são vítimas da repressão e da opressão impostas pelo regime ditatorial. Muitos jovens sofrendo com as consequências, sendo detidos, perseguidos e até mesmo mortos.

Observamos também que a personagem demonstra em alguns dos momentos, o desejo de fazer algo para mudar a situação, porém o medo a domina. Ela relata que se pudesse escreveria uma tese em

Direito Internacional, afirmando: “Se somamos as guerras todas do mundo, já imaginei? Ainda vou defender essa tese em Direito Internacional, a anormalidade é a paz. [...] o direito nasceu espontâneo como aquelas florinhas brotando no meio do mato” (Telles, 2009, p. 152-154).

No trecho supracitado notamos que se inicia com uma pergunta: «Se somamos as guerras todas do mundo, já imaginei?», tal questionamento chama a atenção do leitor e o convida a refletir sobre o tema. Esse uso retórico da pergunta demonstra que a personagem está em uma profunda reflexão e olhar crítico quanto às situações que presencia ao seu redor. Este momento de divagação demonstra que é um diálogo interno em que a personagem Lorena tem o desejo de escrever esta referida tese e de defender em Direito Internacional, onde sugere que anormalidade é a paz. Esse diálogo interno leva-nos a adentrar no pensamento íntimo dela e compreenda suas perspectivas e ideais para o futuro.

Contemplamos também a reflexão proposta quanto à dualidade da sociedade, quando cita a paz e guerra no mundo. A afirmação nos leva a considerar que na visão da narradora, a solução para os problemas seria a paz, mas que a sociedade está vivenciando um período de caos, de guerra entre grupos e interesses e a paz parece algo muito difícil de ser alcançada. A comparação do direito com «florinhas brotando no meio do mato» sugere que, mesmo no meio ao caos e à violência, há sempre algo que tenta florescer e reestabelecer um equilíbrio.

Pensando sob esse discurso abordado pela personagem, podemos relacionar o que Bakhtin (2015), discorre sobre a linguagem social no romance e como essa linguagem pode ir além da realidade:

Por trás de todo enunciado percebe-se no autêntico romance o elemento das linguagens sociais com sua lógica interior e sua necessidade interior. Aqui a representação revela não só a realidade, mas também as possibilidades de dada linguagem, revela seus, por assim dizer, limites ideais e seu total sentido integral, sua verdade e suas limitações (Bakhtin, 2015, p. 152).

Bakhtin (2015) argumenta que por trás de cada enunciado presente no romance é possível extrair uma reflexão da realidade e que esta incorpora a necessidade interior das linguagens sociais presentes no contexto estudado. Ainda destaca que a representação no romance pode se tornar um conhecimento abrangendo tanto o mundo retratado quanto a própria linguagem utilizada na obra.

Nesse contexto, ao refletirmos sobre a personagem Lorena, notamos que ela não só denuncia os desequilíbrios que perpassam e que também a constitui, contudo, induz o leitor a refletir sobre as condições vivenciadas por ela e toda a categoria feminina, por exemplo, as concepções de vida, as tradições familiares e a pressão imposta pelo período ditatorial a figura feminina e a sociedade como um todo. Vejamos a seguir um trecho em que ela expressa o desejo de falar sobre aquilo que de algum modo lhe dizem ser proibido.

Confesso que de vez em quando preciso falar nisso, provoco o assunto, alimento reações, me exponho a todas as consequências numa necessidade tão aguda de ficar centro-de-mesa. Mas de repente vem um pudor (não sei se será exatamente pudor) e não suporto a menor referência, problema meu, friso e levanto a cerca de arame, proibida a entrada de pessoas estranhas (Telles, 2009, p.117).

O trecho revela a complexidade psicológica da personagem Lorena em «As Meninas» de Lygia Fagundes Telles. A confissão inicial de Lorena sobre a necessidade de trazer à tona assuntos delicados, provocar discussões e se expor a reações revela uma espécie de autopreservação ou um mecanismo de enfrentamento para lidar com as marcas do passado. A metáfora «ficar centro-de-mesa» sugere uma busca por visibilidade ou destaque, talvez como uma tentativa de reivindicar controle sobre as narrativas que envolvem sua experiência durante o período da ditadura militar.

Ao revelar que há momentos onde o desejo da personagem é chamar a atenção e ser “centro-de-mesa”, contudo, o pudor ainda existe nela e por isso acaba por recuar e evitar qualquer constrangimento que a desloque. Esse conflito entre o desejo de se expor e o desejo de se proteger pode ser um reflexo de suas inseguranças e vulnerabilidades emocionais, o que pode ser denotado pela circunstância vivenciada durante o período ditatorial.

No entanto, o trecho também destaca uma mudança abrupta de atitude por parte de Lorena, expressa pelo termo «pudor». Essa oscilação entre a necessidade de exposição e a imposição de barreiras sugere uma luta interna entre o desejo de compartilhar suas vivências e a relutância em fazê-lo, possivelmente por conta das emoções dolorosas associadas a essas lembranças. O estabelecimento de uma «cerca de arame,

proibida a entrada de pessoas estranhas» sugere uma fronteira rígida, indicando a necessidade de proteger a própria intimidade e controlar o acesso a aspectos sensíveis de sua história. Assim, este trecho ilustra a riqueza da construção da personagem Lorena, evidenciando sua vulnerabilidade, suas estratégias de enfrentamento e a complexidade de lidar com as lembranças de um período traumático. A ambiguidade entre a necessidade de exposição e a posterior resistência revela as camadas profundas da psicologia da personagem, contribuindo para a riqueza narrativa da obra de Lygia Fagundes Telles.

A narradora também se posiciona como solidária ao sofrimento do próximo, colocando-se no lugar do outro de modo ao reconhecer que também precisa fazer algo diante dos acontecimentos, e que é necessária muita responsabilidade ao defender as diversas vozes presentes na história. O comportamento dela indica que estava em um conflito interno quanto ao seu desejo de falar sobre um assunto (que não é especificado no trecho) e se proteger das possíveis consequências desse ato. Afirma que não poderia contar a história sozinha, apenas com suas próprias palavras, pois é construída por uma multiplicidade de vozes.

Dessa forma, o discurso da personagem não se mantém isolado, mas sim se entrecruza com outras vozes, tanto das amigas e sua convivência, como até mesmo dialoga com outras mulheres que passaram pelo mesmo sentimento de insegurança e pelas opressões ditatoriais. Essas vozes são aquelas que também confrontam a censura imposta pela ditadura, revelando o caos e a diversidade das vozes presentes na narrativa. Outro fator que se destaca é a cerca de arame que ela levanta, o que simboliza uma proteção estabelecida por ela mesmo para evitar problemas, esta é a barreira que ela cria para se manter segura.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance «As Meninas» de Lygia Fagundes Telles transcende as fronteiras da ficção ao proporcionar uma reflexão vívida e penetrante sobre os impactos do autoritarismo militar no Brasil. Através da figura emblemática de Lorena, a autora oferece uma janela para as profundezas da experiência humana sob um regime repressivo, evidenciando as marcas psicológicas e emocionais que perduram além do período ditatorial. O romance não apenas ilumina as sombras do

passado, mas também ressoa como um lembrete de que a literatura, ao explorar as complexidades individuais, desempenha um papel crucial na compreensão coletiva de momentos cruciais da história.

Ao analisar a obra, percebemos que «As Meninas» não é apenas um registro literário da ditadura militar no Brasil, mas uma obra atemporal que convoca os leitores a refletirem sobre a fragilidade da liberdade, a resiliência do espírito humano e a importância da resistência frente às adversidades políticas. Ao examinar as nuances das personagens, especialmente Lorena, somos instigados a considerar não apenas os eventos históricos, mas também as implicações duradouras de um período marcado por restrições, violência e perda. A obra de Lygia Fagundes Telles ressoa como um chamado à memória e à compreensão, reafirmando o poder transformador da literatura ao dar voz aos silenciados e ao confrontar as complexidades inerentes à luta pela dignidade humana

No cenário opressivo da ditadura militar, Lorena se destaca como uma figura que vive em constante conflito interno em ser ou não uma voz que ecoa em meio há um período ameaçador em todos os âmbitos. Sua voz, sutil e seu comportamento observador, tece uma narrativa de reflexão sobre o fator resistência, oferecendo uma perspectiva crítica sobre as injustiças e arbitrariedades do período. Ao tentar de alguma forma enfrentar os desafios pelo autoritarismo, ela personifica a coragem de questionar, de desafiar as sombras que tentam obscurecer a verdade. Entretanto, Lorena também é vítima da alienação que emparelha sobre a sociedade. O medo instilado pela repressão gera uma atmosfera de desconfiança e isolamento. Uma personagem temerosa das consequências de suas ações, experimenta uma sensação de solidão e desconexão, sublinhando a complexidade de se manter fiel aos princípios em um ambiente hostil.

A dualidade entre a voz ardente de Lorena e sua luta interna contra o medo ilustra a tensão palpável entre resistência e autodisciplina. Sua posição entre as sombras do autoritarismo destaca a linha delicada que os indivíduos, especialmente aqueles que desafiam as normas impostas, precisam percorrer. Ao mesmo tempo em que busca preservar sua integridade, Lorena enfrenta o dilema de enfrentar os temores que ameaçam sufocar sua liberdade de expressão. Assim, Lorena surge como um retrato impactante da condição humana sob a sombra do autoritarismo. Sua voz, mesmo tremenda diante das ameaças, ressoa como uma luz tênue, uma gravação persistente de que a resistência individual pode ser um farol em meio à escuridão.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: A estilística**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

JAIME, Ginzburg. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2012.

MALCOLM, Silvermam. **Protesto e o novo romance brasileiro**. Tradução de Carlos Araujo. 2 ed. Revista.- Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2000.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta. Experiência ditatorial e ficção democrática em *Volto semana que vem*, de Maria Pilla. *In*: OLIVEIRA, Rejane Pivetta; THOMAZ, Paulo C. (org.). **Literatura e Ditadura**. 1º. ed. Porto Alegre, RS: Zouks, 2020. v. 1, p. 143-155.

TELLES, Lygia Fagundes. **As Meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A PERSONALIDADE DE ALEX DE *LARANJA* *MECÂNICA*²⁵

Francisca Naiane Costa da Silva (UERN)

franciscanaiane@alu.uern.br

Charles Albuquerque Ponte (UERN)

charlesponte@uern.br

1. INTRODUÇÃO

Laranja Mecânica apresenta a história de Alex, um jovem que inicialmente tinha uma personalidade extremamente sádica. Encantado por música clássica e violência física e sexual, o personagem concentrava esse sadismo em cada ação que acontecia no cume dos prazeres e extremos precipícios adolescentes. No entanto, viu essa liberdade acabar ao ser preso e em seguida participar de um tratamento experimental que objetivava ceifar os impulsos perversos de qualquer sujeito que fosse submetido a tal experimento. A partir desse momento, Alex teve sua personalidade completamente dominada. Tendo em vista os extremos que percorreram o desenvolvimento da personalidade do personagem no romance, objetivamos investigar sua personalidade a partir de aspectos psicanalíticos referidos à teoria do complexo de Édipo e às instâncias psíquicas consideradas responsáveis pela formação da personalidade: Id, Eu e Supereu.

Para Freud (2010), nenhuma criança escapa do complexo de Édipo e dos efeitos que este deixa entre a fase de introdução e a do abandono. O período do complexo de Édipo é para toda criança um momento doloroso de longa angústia, pois se trata do momento em que ela precisa se compreender como um sujeito social e, por isso, tem de se adequar aos limites impostos pelo Eu. Além disso, deve se adaptar às leis impostas pelo Supereu, o qual é desenvolvido na fase edipiana, pois é o momento em que os pais passam a castrar os anseios considerados inadequados na criança, impedindo e punindo os desejos do Id.

²⁵ Este artigo apresenta recortes da dissertação de Francisca Naiane Costa da Silva (2020).

Na fase edipiana faz-se necessário que haja, portanto, por parte dos pais, um controle devido voltado para os instintos do filho, pois se trata do momento na infância do indivíduo em que este é forçado a abandonar a ideia primitiva de que as pessoas que o cercam dispõem de total disposição para realizar seus desejos. Tendo isso em vista, observamos que os efeitos da relação problemática entre Alex e seus pais podem constituir parte das causas de seus comportamentos sádicos, o que permite conjecturar que durante a infância do personagem não houve uma concretização adequada da fase edipiana.

Considerando, pois, que os atos violentos do personagem eram, até determinado momento da obra, constantes e perversos, podemos considerar que Alex tinha sequelas, isto é, aspectos mal resolvidos da fase edipiana que mais tarde transformaram-se em distúrbios. Esses distúrbios seriam advindos da falta de controle de impulsos por parte de Alex: assim como não praticou o autocontrole na fase edipiana, não o fez na adolescência, pois quando os desejos impulsivos não são parcialmente recalcados durante a infância, pode haver na adolescência e até na fase adulta, a repetição constante de tais impulsos.

2. A CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE DE ALEX

Literatura e psicanálise se aproximam desde os estudos iniciais de Freud, que utilizou obras literárias para embasar suas teorias, tais como o complexo de Édipo, em que o psicanalista recorre à literatura ao associar a história de *Édipo Rei* de Sófocles às suas análises. Associa a essa teoria, ainda, a clássica peça de Shakespeare, *Hamlet*, onde Freud afirma haver impulsos incestuosos por parte do príncipe Hamlet na relação com sua mãe.

Marcelle Marini (1997) afirma que, além de psicanálise e literatura “caminharemos” juntas desde os estudos iniciais de Freud, o saber psicanalítico pode ajudar a extrair dos textos ficcionais a sua parte de verdade. Portanto, assim como a literatura colaborou e pode ainda colaborar para teorias psicanalíticas, a psicanálise tem a capacidade, igualmente, de contribuir com os estudos teóricos literários.

Além disso, a teoria psicanalítica condiz com o momento e contexto social narcísicos que foram estabelecidos

desde a ascensão do pós-modernismo, em que os indivíduos passaram a viver ainda mais mergulhados em si:

O hedonismo — moral do prazer (não de valores) buscada na satisfação aqui e agora — é sua filosofia portátil. E a paixão por si mesmo, a glamourização da sua auto-imagem pelo cuidado com a aparência e a informação pessoal, o entregam a um narcisismo militante. É o neo-individualismo decorado pelo narcisismo. (SANTOS, 1986, p. 87)

A psicanálise vem, então, como uma fonte de entendimento para a compreensão desse “novo” indivíduo que, encantado por si, faz, inconscientemente, da prática narcísica, o seu estilo de vida. Bem como é útil para a compreensão social, a psicanálise pode ser também essencial para a compreensão dos personagens que, espelhados no cenário social, carregam os seus traços.

O protagonista de *Laranja Mecânica* pode ser visto, inicialmente, como uma representação de um sujeito movido por forças instintivas que não se adequaram aos parâmetros sociais que exigem de todos os seres humanos um devido controle. Afinal, o ser humano é, antes de um ser civilizado, um animal movido por instintos²⁶. Esses instintos e impulsos são compreendidos na psicanálise a partir da instância psíquica denominada de Id, região do aparelho psíquico voltada aos desejos instintivos que acompanha o ser humano desde seu nascimento e é responsável pela busca de prazer. Porém, desde a fase edípica (momento doloroso de longa angústia que se trata da fase em que a criança precisa compreender que é um sujeito social e, por isso, tem de se adequar aos limites impostos pela sociedade), tem que sacrificar-se, renunciando sua satisfação impulsional, castrando sua liberdade e emergindo naquele momento as forças que o sujeitará a manter-se distante dos perigos do Id, ou seja, as forças do Eu (parte do aparelho psíquico que “dialoga” entre os desejos impulsivos e deveres sociais) e do Supereu (parte responsável pelo controle e repressão dos desejos intrínsecos). Além disso, para que não destrua a si e a própria raça, o ser humano ainda deve buscar controlar os impulsos dos instintos de morte, que são, para a psicanálise, de acordo com Freud

26 De acordo com Roudinesco e Plon (1998) em *Dicionário de Psicanálise*, “Instinto” é o mesmo que “pulsão”. O termo “pulsão” surgiu na França em 1625, derivado do latim “*pulsio*”, para designar o ato de impulsional. Foi empregado por Freud a partir de 1905 e tornou-se um grande conceito da doutrina psicanalítica, definido como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 628)

(2010), a representação da tendência, ou melhor, da propensão fundamental do indivíduo voltar ao estado inorgânico e, para isso, tais instintos buscam levar as excitações ao nível mais baixo, chegando ao limite vital, onde encontraria o prazer primitivo desenvolvido numa fase inanimada.

Alex costumava flertar com precipícios promovidos pela pulsão de morte. Um desses precipícios era o prazer perigoso de fugir da realidade através de entorpecentes que lhe causavam sensações momentâneas de euforia, e que lhe proporcionavam maior entusiasmo para agir brutalmente em suas noites insanas:

Ó, meus irmãos. Você fica ali jogado depois de tomar um bom e velho moloko²⁷ e aí fica com a messel²⁸ de que tudo ao seu redor meio que já aconteceu antes. Você até consegue videar²⁹ tudo direitinho, tudo mesmo, com muita clareza [...]. Você é sacudido sem parar até não sobrar mais nada. Você perde seu nome, seu corpo, seu eu e não está nem aí, e espera até sua bota ou sua unha ficarem amarelas, e ficarem cada vez mais amarelas. Então as luzes começam a piscar como explosões atômicas e a bota ou a unha ou, também pode acontecer, uma sujeirinha no fundo das suas calças se transforma num mesto³⁰ grande grande grande, maior que o mundo inteiro, e aí você vai justamente ser apresentado ao bom e velho Bog³¹ ou Deus quando tudo acaba. Você volta pro lado de cá e aí fica meio que gemendo baixinho, com a rot³² toda buábuá. Agora, isso é muito bacana, mas também é muito covarde. Você não foi posto neste mundo só para entrar em contato com Deus. Esse tipo de coisa pode sugar toda a força e a virtude de um tchelovek³³. – Então, o que é que vai ser, hein? (BURGESS, 2014, p. 06)

27 A palavra “Moloko” significa “leite” e pertence à língua *nadsat*, que é uma combinação do idioma inglês com o idioma russo, criada pelo autor para representar a linguagem dos jovens. “*Nadsat*” significa “adolescente”.

28 “Messel” significa “pensamento”.

29 “Videar” significa “observar”.

30 “Mesto” significa “lugar”.

31 “Bog” significa “Deus”.

32 “Rot” significa “boca”.

33 “Tchelovek” significa “sujeito”.

Podemos observar que Alex utilizava-se da arte, da violência e de entorpecentes (narcóticos), não apenas no intuito de ganhar mais excitação para agir brutalmente, mas, também, para fugir do sofrimento. Dessa maneira, pode-se compreender o uso de entorpecentes por parte do personagem como uma estratégia que vai além do aumento de sua potencialidade agressiva, pois tal estratégia representa também sua necessidade de fuga do mundo real. Considerando o fato de que Alex não conseguia (na maior parte da narrativa) negociar seus instintos com as cobranças sociais, percebe-se que o ele aproximava-se da neurose e da psicopatia, possivelmente, devido à inexistência de conciliação entre sua libido e a civilização, pois como explica Freud (2010, p. 28):

Quem possuir uma constituição libidinal particularmente desfavorável e não tiver passado apropriadamente pela transformação e reordenação de seus componentes libidinais, imprescindível para realizações posteriores, terá problema em obter felicidade da sua situação externa, ainda mais quando for colocado frente a tarefas mais difíceis. A última técnica de vida, que ao menos lhe promete satisfações substitutivas, é a fuga para a doença neurótica, que em geral ele empreende ainda jovem. *O indivíduo que numa idade posterior fracassa nos esforços pela felicidade, encontra ainda consolo no prazer obtido por meio da intoxicação crônica, ou faz a desesperada tentativa de rebelião que é a psicose* [grifo nosso].

Na relação de Alex com os pais, é possível observar que estes não mantiveram controle ante os impulsos do filho, o que levou o personagem a manter a ideia de poder controlar a todos, inclusive, e especialmente, os pais. Estes costumavam não se preocupar com a razão que levava Alex a sair de casa todas as noites. E, quando questionavam o filho sobre isto, aceitavam respostas incoerentes e dubitáveis. Além disso, sacrificavam o pouco conforto que poderiam ter pelas vontades de Alex:

Pê³⁴ e eme³⁵, no quarto de dormir ao lado, já tinham aprendido a não bater na parede se queixando do que chamavam de barulho. Eu tinha ensinado a eles. Agora eles tomavam pílulas pra dormir. Talvez sabendo da alegria que eu sentia com a minha música noturna, eles já deviam ter tomado. (BURGESS, 2014, p. 35)

Quando não é desenvolvido controle ante os impulsos do filho, este pode adquirir neuroses, incapacidade afetiva, dentre outros distúrbios. No trecho abaixo podemos observar, novamente, o descontrole dos pais ante as agressões de Alex:

Então agora – eu disse – vocês estão querendo que eu volte e as coisas serão como antes.

- Sim, filho – disse meu papapa. – Por favor, filho.

Vou pensar no assunto – eu disse. Vou pensar com calma.

- Aaaai – continuou minha mama.

- Ah, cala a boca – eu disse – ou vou lhe dar motivos pra você uivar e krikar. Vou chutar seus zubis. – E, Ó, meus irmãos, dizer aquilo me fez sentir um malenk melhor [...]. (BURGESS, 2014, p. 173)

A personalidade de Alex se desenvolveu, pois, em volta dos próprios desejos, ignorando qualquer obstáculo aos seus prazeres. O papel de ordem e obediência, que deve se desenvolver a partir do surgimento do Supereu, se encontra invertido na relação familiar do personagem: aqueles que deveriam lhe impor limites e regras são quem obedecem às suas vontades.

Para Freud, o Supereu é o maior fator demonstrativo da relação com os pais, pois é o resultante do complexo de Édipo. Ao surgir o Supereu, devem ser sucumbidos os impulsos sexuais e narcísicos os quais traduzem a família como algo que constitui sua existência à mercê da criança, isto é, do filho. O Supereu se dá em acordo com o domínio da repressão dos pais, como afirma Freud (2011, p. 31):

34 “Pê” significa “pai”.

35 “Eme” significa “mãe”.

Como os pais, em especial o pai³⁶, foram percebidos como obstáculo à realização dos desejos edípicos, o Eu infantil fortificou-se para essa obra de repressão, estabelecendo o mesmo obstáculo dentro de si. Em certa medida tomou emprestada ao pai a força para isso, e esse empréstimo é um ato pleno de consequências. O Super-eu conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Supereu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa.

Dessa maneira, compreende-se que é através deste momento que o sujeito deverá iniciar uma vivência em prol do que é necessário para viver em grupo a partir do que é consonante enquanto grupo e não mais enquanto indivíduo.

O desenvolvimento da primeira fase sexual do menino, acontece, metaforicamente compreendido, como o desejo voltado para a mãe, assim como deseja, também, ser objeto sexual do pai. Porém, após perceber a inexistência do pênis no corpo feminino, angustia-se ao pensar que foi resultado de uma castração pela qual ele também pode passar caso continue objetificando os pais. Daí deve surgir a fase de latência em que serão construídas as duas forças dominadoras dos instintos: Eu e Supereu. Ambas atuarão como controles essenciais para a convivência humana social, pois estas são responsáveis, respectivamente, por dialogar com os desejos pertencentes aos grupos sociais, à civilização e pela repressão dos desejos individuais do Id.

Freud (2010) afirma que há nesse primeiro momento de desenvolvimento sexual um sentimento de medo, inconsciente, por parte da criança pela mãe devido a uma suposta ameaça de ser consumido por ela:

Não é possível dizer com que frequência esse medo da mãe se baseia numa inconsciente hostilidade por parte dela, que a criança percebe. Até agora encontrei apenas em homens o medo de ser devorado; ele se refere ao pai, mas provavelmente é o produto de uma transformação da agressividade oral dirigida à

36 No contexto psicanalítico, a ideia de “pai” é considerada, atualmente, uma lei paterna social e não um pai físico.

mãe. A criança quer devorar a mãe da qual se nutriu; com relação ao pai, falta esse motivo para o desejo. (FREUD, 2010 p. 215)

A violência existente na fixação de Alex por controlar a todos pode ter influência desse momento em que, por medo da mãe, desenvolveu aversão ao feminino. No seguinte trecho, Freud apresenta uma discussão que remete a essa suposta aversão:

Bastante cedo, ele (*o menino*) desenvolve um investimento objetal na mãe, que tem seu ponto de partida no seio materno e constitui o protótipo de uma escolha objetal por “apoio”; do pai o menino se apodera por identificação. As duas relações coexistem por algum tempo, até que, com a intensificação dos desejos sexuais pela mãe e a percepção de que o pai é um obstáculo a esses desejos, tem origem o complexo de Édipo. (FREUD, 2011, p. 28)

Outra incidência do efeito negativo em Alex possivelmente derivado do medo e da dependência de sua mãe é o seu apego ao leite, que pode referir-se ao momento de desmame. Sabe-se que o ser humano faz parte de uma das espécies mais frágeis da natureza. Desde o nascimento, a criança precisa de sua mãe quase absolutamente para sobreviver, portanto, desde as experiências primárias, a criança desenvolve submissão. É neste contexto de dependência que se podem levantar razões pelas quais o ser humano mesmo enquanto adulto carrega traços psíquicos e físicos do momento da amamentação e do momento do desmame.

Percebe-se o apego de Alex ao leite materno em vários momentos. Um desses se encontra no seguinte fragmento em que Alex vê o leite em sua casa, em um momento de refeição entre os pais e diz:

Houhouhou, o bom e velho moloko, sem facas, sintemesc nem drencom³⁷ dentro. O quão perverso, meus irmãos, o leite inocente sempre iria parecer para mim agora. [...] a mama havia colocado na mesa um

37 “Sintemesc” e “Drencom” são substâncias equivalentes a drogas.

malenk³⁸ jantar: uns dois lomtiks³⁹ de carnesponja enlatada com uma fakia⁴⁰ de klebi⁴¹ e manteiga, e um copo de moloko, sem facas, sintemesc nem drencom dentro. (BURGESS, 2014, p. 34)

Alex fala sobre a existência da inocência já perdida, reavivando isso através da memória afetiva do leite, alimento que remete à fraternidade do afeto materno, ao apego, ao conforto e ao abrigo uma vez perdidos e não mais reencontrados, pois certamente quando criança teve um mínimo de cuidado e atenção, cuidados como a alimentação que o personagem sempre menciona detalhadamente, como se o ato da mãe fosse um encontro do conforto existido na época da amamentação. Alex, ainda, frequenta um bar que oferece leite com drogas e fala no alimento em diversos momentos, sempre com tom prazeroso, além disso, era o leite o que, segundo ele, impulsionava a sua agressividade: “Ou se podia pitar leite com facas, como a gente costumava dizer, e isso deixava a gente afiado e pronto pra uma sujeira de vinte-contra-um⁴², e era isso que a gente estava pitando naquela noite com que eu estou começando a história.” (BURGESS, 2014, p. 1).

Dessa maneira, pode-se inferir que a relação entre a angústia de Alex no confronto com a dependência nunca banida da mãe e a busca pela independência momentaneamente alcançada através das ações enquanto agressivo ativo refere-se ao prazer da fantasia de onipotência.

O significado da mãe e o significado do leite para Alex constituem-se, portanto, da seguinte maneira: além de carregar o desprezo inconsciente por aquela que um dia comandou seu prazer oferecendo e depois lhe arrancando o prazer da amamentação, a imagem da mãe, isto é, da autoridade feminina, representa para Alex uma barreira entre os prazeres, dentre os quais estão o desmame e o desejo edípico de obter para si aquela que um dia fora seu objeto libidinoso, mas que “preferia” o pai, pois mesmo este e a mãe sendo tolerantes diante dos desejos do filho, é natural que a criança perceba por si que há uma relação entre seus pais da qual ela não pode fazer parte.

38 “Malenk” significa “pequeno”.

39 “Lomitik” significa “fatia”.

40 “Fakia” significa “fatia”.

41 “Klebi” significa “pão”.

42 “Vinte-contra-um” significa “estupro coletivo”.

Podemos conjecturar, pois, que esse descontrolo dos pais juntamente à repressão natural dos desejos libidinosos infantis fizeram com que o personagem crescesse descontando sua repressão em atos incabíveis, dentre tais atos estão as agressões às mulheres, seres desprezíveis para Alex, com as quais ele mantém apenas ações humilhantes e violentas a partir de estupros, que, para o misógino, não se trata de um ato sexual propriamente dito, mas um ataque a quem o agressor objetifica. Esses atos relacionam-se diretamente, pois, ao poder e ao prazer encontrado no sentimento de supremacia. É o caso de Alex, cuja virilidade que ele tanto teme perder desde a fase edipiana é atestada nas ações em que o põe em posição de poder e controle.

Esse prazer sádico é evidente no trecho anteriormente⁴³ mencionado em que o personagem estupra duas garotas de dez anos. Quando Alex se depara com essas garotas e nota seus modos de vestir, de falar e até de pensar, ele sente repulsão por, segundo ele, serem iguais às demais da mesma idade, no entanto, considerando a personalidade inconfiável do personagem, podemos supor que Alex o fez porque, em seus íntimos desejos, ele desejava puni-las pela liberdade delas de “ousar” se vestirem como querem e por estarem fora da escola por própria escolha, ou seja, ele as pune por atreverem-se a ter a mesma liberdade que ele, que é homem, tem.

Tal comportamento pode definir Alex como, além de um sádico, um neurótico, cujas causas para tal distúrbio se desencadearam na fase edípica, pois, de acordo com Nasio (2007), são os neuróticos que tendem a ver no feminino a castração, isto é, a privação de poderes. No entanto, tal falsa compreensão reflete numa fantasia criada pelo medo do sujeito feminino ou masculino neurótico:

São justamente os neuróticos que acham que a mulher é uma criatura castrada – quando, evidentemente, isso é falso. Mas por que dizer que o neurótico, homem ou mulher, considera a mulher uma criatura inferior? Porque é dele próprio que se trata; é ele a mulher fraca! *Fixado em sua fantasia infantil, o neurótico vive sob a ameaça de ser castrado. Assim, todas as suas relações afetivas são vividas no modo defensivo: está sempre de prontidão para bloquear qualquer abuso ou humilhação proveniente daqueles que o cercam, daqueles de quem depende e... de quem ele não gostaria nem morto de depender* [grifo nosso]. É

43 “Ou se podia pitar leite com facas, como a gente costumava dizer, e isso deixava a gente afiado e pronto pra uma sujeira de vinte-contra-um, e era isso que a gente estava pitando naquela noite com que eu estou começando a história (BURGESS, 2014, p. 1).”

como se, em suas fantasias, o neurótico se dissesse:
“Eles não me terão! Não sou uma mulherzinha!”
(NASIO, 2007, p. 62)

Vê-se, portanto, que a hostilidade de Alex ante as vítimas de suas agressões está relacionada a um medo fantasioso de que sua virilidade depende de atitudes violentas e controladoras. A partir disto, podemos inferir, pois, que o personagem é também guiado por um Supereu que se desenvolveu face ao complexo de Édipo. O Supereu liga-se ao tal medo fantasioso sobre sua virilidade e este medo é um dos supostos elementos causadores para os distúrbios de sua personalidade, pois, ainda de acordo com Nasio (2007 p. 110), “Cada sintoma neurótico deve ser compreendido como uma defesa crispada contra um medo essencial: no homem, o medo de perder a potência”. Alex vê, portanto, encarnada na mãe e no feminino, a castração e a ameaça do declínio de sua virilidade e liberdade.

A liberdade que Alex acreditava possuir foi rompida quando, durante uma de suas aventuras, foi traído por seus colegas e acabou sendo preso. Buscando uma forma de ser livre novamente, o personagem aceitou participar de um tratamento do governo, denominado Ludovico, que prometia tornar bom até o mais perverso dos seres humanos, mas se tratava de uma lavagem cerebral que, através de meios de tortura e drogas, inibia o indivíduo de conseguir praticar e até mesmo pensar em atos de perversão.

Assim como o Supereu, o tratamento Ludovico propunha aniquilar os desejos e a liberdade do sujeito, tornando-o um protótipo da repressão e causando-lhe angústia e sofrimento ao cogitar agir a partir dos próprios instintos. O procedimento funcionou para Alex, portanto, como um Supereu esmagador, tendo em vista que moldou o personagem a partir de ideais alheios.

Após sofrer os resultados do método Ludovico por determinado tempo, Alex passou por um tratamento de reversão e voltou a ter sua suposta liberdade. O personagem poderia novamente sentir prazer por diversas razões, dentre as quais a violência. No entanto, Alex já não se satisfazia com tais ações, talvez por já não ser mais tão jovem, talvez por compreender que não havia escapatória contra as leis da civilização, ou talvez pela violência sofrida no tratamento e fora dele tê-lo ensinado que nenhuma violência individual seria párea para a praticada pelo sistema esmagador no qual ele estava inserido.

Alex passou, então, a buscar negociar os desejos do Id e as exigências exteriores, no que se referia ao fato de estar longe das aventuras brutais, e, finalmente, próximo dos preceitos do Eu. No entanto, ao mesmo tempo, o personagem continuava tentando atender aos desejos do Id buscando objetos e práticas que diminuíssem e encobrissem sua tensão e o distraíssem da percepção de vazio que sentia. Mas agora, em vez da prática de violência, sua busca estava voltada para algo permitido e socialmente apreciado, a construção de uma família:

Eu não conseguia explicar como aquilo havia parado lá, irmãos, mas era uma fotografia que eu havia tesourado da velha gazeta e era uma de um bebê. Era de um bebê fazendo gugugu com tipo assim moloko escorrendo da rot e olhando para cima smekeando para todo mundo. (BURGESS, 2014, p. 183)

Essa passagem pode revelar aquilo que Alex passou a almejar: um filho, possivelmente para ser o objeto que o distanciaria do que havia lhe acontecido e lhe traria novas esperanças. Essa busca de novos caminhos que distorciam e distanciavam o personagem do que ele era antes pode ser compreendida a partir do conceito de amor na teoria do narcisismo discutida por Freud (2010c) em “Introdução ao Narcisismo”, onde o autor afirma que o surgimento do Eu dá-se em acordo com o distanciamento do narcisismo primário, que se trata da fase em que a satisfação do sujeito é realizada em si mesmo, tendo em vista que o investimento libidinal do bebê é realizado no próprio corpo através de ações satisfatórias propiciadas pelas zonas erógenas.

Freud afirma, ainda, que o apego fantasioso que o sujeito carrega pode ser parcialmente recuperado através de um filho, pois o sentimento transferido para a criança confunde-se com o amor-próprio narcísico:

No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança. O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetual revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora. (FREUD, 2010c, 25-26)

Para a manutenção e fortalecimento do narcisismo primário é necessário, pois, o afeto dos que criam a criança, pois se unem o narcisismo nascente do bebê com o narcisismo renascente de seus criadores que tendem a projetar na criança desejos e realizações, afastando, para tais concretizações, as possíveis ameaças a ela e, com isso, contribuindo com o sentimento de supremacia da criança. Posteriormente, esse estado de proteção e onipotência em que ela se encontra é ameaçado pela percepção de que os adultos que a cuidam têm interesse em outros seres e objetos, o que faz com que ela passe a querer se adequar a exigências alheias para ser desejada e amada pelos outros, resultando, portanto, no surgimento do Eu e do Supereu.

Dependendo do outro para experimentar novamente essa satisfação através da aprovação alheia, a busca da volta do personagem a esse estágio pode ser representada através de um filho a partir de duas hipóteses. A primeira relaciona-se com o fato de que por Alex não conseguir mais atingir seu ideal do Eu (Supereu) através das práticas devassas, por, supostamente, ter realmente mudado, ele busca atingir esse ideal por meio de práticas sociais comuns como a construção familiar. A segunda implica que Alex deposita agora seu antigo e inconsciente ideal de Eu nesse filho, e, através desse objeto idealizado, ele viveria novamente os prazeres primários do narcisismo, por meio do amor depositado nesse ser, que, por sua vez, preencheria o amor que o personagem um dia sentiu por si mesmo, já que, de acordo com Freud (2010c), “Como, no tipo objetal ou de apoio, ele sucede com base no cumprimento de condições de amor infantis, pode-se dizer que tudo o que preencher tal condição de amor será idealizado.” (FREUD, 2010c, p. 33-34).

Ao voltar para casa em uma noite na qual percebeu sua indiferença ante as práticas antigamente cometidas, Alex passou em um bar comum, descrito por ele como um lugar cheio de “[...] Plebeus muito chatos e, tipo assim comuns, que tinham uns litsos⁴⁴ muito pacientes e sem expressão” (BURGESS, 2014, p. 186). Ele preferiu esse ambiente àquele que costumava frequentar com sua gangue, o que permite inferir, mais uma vez, que ele estava, agora, se tornando um daqueles sujeitos “comuns”. Nesse bar, Alex encontrou seu antigo colega de gangue, Pete, e se surpreendeu ao vê-lo com uma esposa. Pete contou para seu antigo amigo que agora ele trabalhava, estava construindo uma família e conformado com o que lhe era permitido. Alex, então, percebeu que ele quer, também, uma esposa para poder realizar seu novo projeto:

44 “Litsos” significa “rostos”.

Havia Vosso Humilde Narrador Alex voltando para casa do trabalho para um bom e quente prato de jantar, e lá estava aquela ptista toda hospitaleira e carinhosa. [...] Mas tive uma impressão súbita e muito forte de que se eu entrasse no quarto ao lado daquele aposento onde o fogo queimava na lareira e meu jantar quente estava esperando sobre a mesa, ali eu deveria encontrar o que eu realmente queria, e agora tudo se encaixava, aquela foto tesourada da gazeta e encontrar o velho Pete assim. Pois naquele outro quarto, sobre uma caminha, estava deitado gorgolejando gugugu meu filho. [...] E agora eu sentia aquele grande bolshi⁴⁵ vazio dentro do meu ploti⁴⁶, sentindo-me surpreso também comigo mesmo. (BURGESS, 2014, p. 189)

O fato de Alex frequentar antes um bar que oferece leite com substâncias que lhe proporcionavam prazer comprova sua abstinência e sua não superação do desmame, da época em que a mãe o sujeitou a procurar se comunicar com o mundo externo por si só. Depois que tomava seu alimento, saía em busca de satisfação fálica através de destruição, de agressões e estupros, possivelmente para suprir, respectivamente, sua fase oral (prazer através da destruição dos alimentos), seus instintos de morte (prazer através da repetição da destruição ou autodestruição) e sua fase edípica (prazer através dos órgãos fâlicos).

Bettelheim (1997, p. 202) diz que a criança faz uma troca para chegar à aceitação da perda de parte do prazer oral, essa perda depende de algo realista ou imaginário:

A criança só aceita abandonar a dependência oral se puder encontrar segurança numa crença realista - ou, como mais provável, numa crença fantasticamente exagerada - no que o corpo e os próprios órgãos farão por ela. [...] Mas vê na sexualidade alguma coisa não baseada numa relação entre homem e mulher, mas algo que pode realizar sozinha.

45 “Bolshi” significa “grande”.

46 “Ploti” significa “corpo”.

A crença fantasiosa de Alex se transferiu, como já mencionado, para a ideia de um filho, algo que ele reproduziria, e, para isso, precisaria encontrar uma parceira, que não lhe importaria tanto enquanto mulher, mas principalmente enquanto ferramenta necessária para a formação de seu novo anseio, como podemos observar através do modo como ele se referia a essa mulher:

Mas, antes de tudo, havia essa veskha⁴⁷ de achar uma devotchka que fosse uma mãe para esse filho. Eu teria que começar isso amanhã, eu não parava de pensar. Isso era tipo assim uma coisa nova a se fazer. Era uma coisa que eu teria que começar a fazer, tipo assim o começo de um novo capítulo. (BURGESS, 2014, p. 190)

Nesse trecho, comprova-se, mais uma vez, que a busca da esposa e do filho era uma “coisa” que ele havia de fazer, ou seja, era, de fato, um projeto, algo novo que o proporcionaria motivação para dar continuidade a sua existência. E, para isso, não importava quem seria a mulher, pois, ele não objetivava algo realmente prazeroso, ele sabia que o tempo para isso havia passado e agora ele era apenas mais uma «laranja», vivendo sob o controle de leis externas. Alex finaliza sua narrativa concluindo que seu futuro seria centrado na busca por uma parceira:

Amanhã tudo será tipo assim flores de perfume doce e terra voni girando e as estrelas e a velha Luna lá em cima e seu velho drugui Alex totalmente odinoki⁴⁸, procurando tipo assim uma parceira. E aquela kal total. Este mundo é mesmo muito terrível grazni voni, Ó, meus irmãos. (BURGESS, 2014, p. 191)

Em um discurso contraditório, o personagem apresentou, primeiramente, uma suposta ilusão de que o futuro seria belo e, em seguida, a constatação do quão perverso é o mundo, como se, devido a toda a perversidade externa, ele já não mais conseguisse caminhar sozinho e, por isso, precisasse se adaptar a um lugar que o oferecesse conformidade.

47 “Veskha” significa “coisa”.

48 “Odinoki” significa “sozinho”.

A conciliação que ocorreu entre seus desejos (Id) e suas obrigações (Eu e Supereu) foi, portanto, forçada. Alex poderia estar, de fato, mudando sua personalidade e conciliando seus desejos ao ambiente, mas poderia, também, estar inábil de ter esperanças em conseguir prazer através de si, depositando a esperança, neste caso, em uma outra pessoa: em um filho. Não importaria tanto como seria a possível esposa e, provavelmente, nem o filho importaria verdadeiramente, mas sim a possibilidade de, através disso, poder reviver a liberdade pela qual ele tanto sentia prazer, em um futuro arquétipo seu.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É da natureza humana empregar àquilo que faz parte de sua realidade conceitos dicotômicos compreendidos como bem e mal, certo e errado, moral e imoral. No entanto, certos fatores podem contribuir para a intensificação dos valores. Isto é, mesmo carregando características intrínsecas, acredita-se que o ser humano carrega, também, marcas em sua personalidade de relações afetivas, já que essas relações estão sobre sua trajetória desde seu desenvolvimento enquanto feto. Foi considerando essa perspectiva que esse estudo desenvolveu uma investigação sobre a construção da personalidade de Alex.

Apresentamos neste artigo uma discussão sobre aspectos que podem ter contribuído para a construção da personalidade de Alex, a partir das teorias psicanalíticas, que podem ser uma importante aliada dos estudos literários. Essa abordagem permitiu compreender que o personagem aqui analisado pode ter desenvolvido suas características e principalmente sua agressividade a partir de conteúdos psíquicos que foram mal administrados em sua infância e, dessa maneira, levaram o personagem a distúrbios perversos.

Diante das análises e discussões decorridas, podemos concluir, pois, que o personagem passou por três etapas que mostram de que maneira a sua personalidade foi constituída no decorrer da narrativa. No primeiro momento, há o cenário do que Alex era enquanto sujeito desobediente às regras familiares e sociais, pois, devido ao controle inadequado dos pais e da sociedade, tornou-se desobediente às normas que, comumente, são necessárias para a convivência coletiva. Era a representação de uma atitude que o ser humano costuma ter enquanto imaturo: desobedecer, mesmo que apenas enquanto não percebe a necessidade da negociação com o ambiente. Alex seguia, portanto,

constantemente os desejos do Id e tinha a personalidade guiada pelo prazer, fosse através da prática da violência, do controle que exercia sobre os colegas, do consumo de drogas, ou da música.

No segundo momento, o protagonista teve sua personalidade esmagada pelo tratamento Ludovico que o tornou incapaz de praticar a maior parte daquilo que o impulsionava, deixando, assim, de seguir o Id e passando a seguir obrigatoriamente o Supereu, que se torna gerenciador do tratamento e regedor não de seus anseios imaneses, mas de desejos exteriores, do Estado. Esse método deixou Alex, portanto, desprovido até das instâncias psíquicas intrínsecas e, dessa maneira, inerte àquela sociedade.

No terceiro momento, Alex voltou a si, mas parte de sua personalidade natural havia sido perdida entre todos os horrores pelos quais passou, tornando-se, dessa maneira, mais um indivíduo de personalidade adestrada por preceitos impostos. O personagem se entregou àquele sistema e passou a viver de acordo com as normas do Eu, não por vontade própria, mas pelo entendimento do fracasso que sofrera ao tentar ir contra o sistema civilizatório. Alex se tornou, portanto, uma espécie de homem mecânico que sacrificou seus impulsos e energias naturais para se adaptar ao que lhe foi minimamente permitido.

Laranja Mecânica pode ser considerado um mergulho na psique de um sujeito extremamente violento, mas vai além disso: é uma análise sobre a moral e as decisões dos sujeitos que, em busca de suposta pacificação, atropelaram valores como a ética e a legalidade e cometeram violências que foram além das perversidades que Alex cometia. O desfecho da trajetória do personagem esclareceu que diante da violência na qual ele estava inserido, até o sujeito possuidor de uma personalidade violenta e controladora como a de Alex estava fadada à frustração e fracasso.

Através da trajetória de Alex, pode-se, portanto, imergir aos perigos do passado, mas pode-se, também, compreender sua trajetória e o romance de maneira geral, como um alerta ao presente e ao futuro. Afinal, a literatura tem este poder de tornar falhas atuais perceptíveis, oferecendo à sociedade o panorama das sombras firmadas no presente e possíveis sombras futuras, caso determinadas ações do presente prevaleçam.

REFERÊNCIAS

SILVA, Francisca Naiane Costa da. **Uma análise sobre a personalidade de Alex em Laranja Mecânica**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 111p. 2020.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

BURGESS, Anthony. **Laranja Mecânica**. Trad. Fábio Fernandes. São Paulo: Aleph, 2014.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. **Obras completas volume 14**: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

_____. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. **Obras completas volume 18**: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

_____. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, S. **Obras completas volume 12**: Introdução ao narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c.

_____. O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). In: FREUD, S. **Obras completas volume 16**: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARINI, Marcelle. A crítica psicanalítica. In: BERGEZ, D. et al. **Métodos críticos para a análise literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NASIO, Juan-David. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

RIVERA, Tania. **Arte e psicanálise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTOS, Jair Ferreira. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ENTRE O HISTÓRICO E A FICÇÃO: METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA PÓS-MODERNISTA NA PEÇA *AS AVES DA NOITE* DE HILDA HILST

Natan Severo de Sousa (UERN)

natansb.letras@gmail.com

Beatriz Pazini Ferreira (UERN)

beatrizpazini@uern.br

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Partindo do pressuposto de que o pós-modernismo enquanto movimento cultural nas artes e na literatura foi se estabelecendo entre as décadas de 1950 e consolidando-se principalmente a partir dos anos 60 em diante, trazendo em si características inovadoras e exploratórias, dentre as quais a reflexão sobre a natureza da própria narrativa e estreitamento das fronteiras entre autor, narrador e personagens, proporcionando assim uma interação entre a consciência do leitor e a obra, com uma flexibilidade muito mais abrangente do que se tinha anteriormente no modernismo, o presente trabalho propõe discutir alguns dos aspectos do pós-modernismo na peça teatral *As aves da noite*, da escritora, poeta e dramaturga brasileira Hilda Hilst, por se tratar de uma obra contemporânea brasileira publicada em 1968, além de conter em si elementos que a caracterizam como tal.

As aves da noite contém elementos tais como a metaficção e autorreferencialidade, nos quais se diluem a mescla entre o histórico *versus* ficção e/ou a realidade *versus* imaginação, além da intertextualidade (pois a peça alude a outras obras literárias e tradições culturais e religiosas judaicas e cristãs), hibridismo de gêneros (teatral, poético, musical, litúrgico), exploração da linguagem (principalmente através de termos obscenos e jogos de palavras), narrativa fragmentada e não linear (permuta entre as diferentes vozes narrativas e perspectivas dos personagens quando dialogam na cela sobre determinado tema), o adiamento de uma informação a ser fornecida, além das mudanças bruscas de cena ou assunto, e ainda o final repentino da peça, que deixa o leitor frustrado pela espera de um clímax que não é narrado, apenas conjecturado (a morte de todos na cela?). Todos esses elementos se alinham ao pensamento e à estética pós-modernista, e, assim sendo, como é comum nas obras pós-modernistas, *As aves da noite* desafia a estrutura convencional do teatro tradicional.

A peça de Hilst mescla a ficção com o fato histórico, pois situa-se contextualmente em Auschwitz, campo de concentração e extermínio do nefasto Holocausto da Alemanha nazista, e apresenta como protagonista o padre Maximilian Kolbe (1894-1941), que se ofereceu para ser executado na “cela da fome” no lugar de um prisioneiro judeu sorteado para tal destino. Tendo esses elementos históricos como referência (Auschwitz, o padre Maximilian e a cela da fome) combinam-se na peça diálogos entre cinco personagens condenados, incluindo entre estes o Padre Maximilian: Poeta, Estudante, Joalheiro e Carcereiro, além de outras personagens que também aparecem em um segundo plano: Mulher – também prisioneira –, SS e Hans, um ajudante da SS. Partindo disso, o presente trabalho objetiva identificar alguns aspectos pós-modernistas da metaficção historiográfica na obra, entre os quais a mescla entre o histórico e a ficção e/ou realidade e imaginação, além da intertextualidade, hibridismo e exploração da linguagem envolvidos na peça de Hilst. Como metodologia foi utilizada a pesquisa bibliográfica qualitativa, norteando-se sobretudo em Hutcheon (1991) e Jameson (2006) como teóricos do pós-modernismo, assim como em Waldman (2012), Cunha (2017) e Rosenfeld (1969) para uma abordagem mais estrutural da peça, enquanto literatura teatral brasileira.

2. PÓS-MODERNISMO E O CONCEITO DA METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA

2.1 O PÓS-MODERNISMO

Primeiramente, faz-se necessário distinguir entre os termos pós-modernidade e pós-modernismo. É bastante discutível a definição do primeiro, uma vez que é bastante abrangente a tudo aquilo que se seguiu à modernidade. Sobre o pós-modernismo, pode ser entendido como um movimento cultural que se estabeleceu após o movimento modernista, no contexto pós-guerra da Segunda Guerra Mundial, por volta dos anos 1950, caracterizado por diversas mudanças globais em vários setores: no comportamento dos indivíduos, na tecnologia e nas consequências positivas e maléficas dela (a barbárie nazista em uma sociedade culturalmente desenvolvida como a alemã e a bomba atômica podem ser bons exemplos desse lado sombrio do progresso tecnológico/científico), no avanço da informática, consumismo acelerado (acompanhados pelo prazer de usufruir de bens materiais e serviços), entre outros.

No âmbito da teoria literária é discutível pelos críticos se o pós-modernismo teria sido um rompimento com o modernismo e estabelecimento de um novo movimento oposto a ele. Jameson (2006), por exemplo, questiona que não pode haver uma quebra total, porque o movimento de ruptura seria uma estratégia modernista, e logo paradoxal em relação à ruptura. Hutcheon (1991) e Jameson (2006) veem a contradição de um movimento pós-, ou seja, que distancia e aproxima ao mesmo tempo. Pode-se afirmar, assim, que é nebuloso identificar com nitidez os limites exatos onde o pós-modernismo atuou de forma plenamente estabelecida nas construções literárias e artísticas.

Jameson (2006, p.42) aponta um possível marco de ruptura entre os dois movimentos culturais: a aceitação da estética modernista pela academia. Nas palavras do autor:

[...] um modo de marcar a ruptura entre os períodos e de datar o surgimento do pós-modernismo é precisamente encontrado nisto: no momento (Pensado por volta do início da década de 1960) no qual a posição do alto modernismo e sua estética dominante se tornaram estabelecidas na academia e, a partir de então, percebidas como acadêmicas [...]
(Jameson, 2006, p.42-43).

Para ele, a partir do momento em que as produções artísticas e culturais modernistas se tornaram objeto de estudo na academia e os autores modernistas – antes tidos como subversivos – passaram a integrar o cânone na literatura – consolidando assim uma reação de aceitabilidade do que antes era tido como repugnante e chocante pela classe média, o pós-modernismo se estabelece, de fato, o que caracteriza um possível rompimento com o modernismo. Sobre o contraste entre ambos os movimentos e sua relação com a produção cultural e a vida social, Jameson (2006, p.41) afirma:

[...] O modernismo antigo ou clássico era uma arte de oposição, surgiu no interior da era de ouro da sociedade do negócio como algo de escandaloso e ofensivo ao público da classe média – feio, dissonante, boêmio, sexualmente chocante. Era algo para ser ridicularizado (isso quando a polícia não era chamada para confiscar os livros ou fechar as exposições), uma ofensa ao bom gosto e ao senso comum, [...],

um desafio provocativo à realidade reinante e aos princípios de conduta da sociedade de classe média do início do século XX (Jameson, 2006, p.41).

Para o autor, o modernismo nunca perdeu seu teor subversivo e opositor, além de estar inserido em um contexto específico e visando um público específico – a classe média. Havia um choque e uma repulsa direcionada pela conduta social ao movimento, o que não há com relação ao pós-modernismo, como o próprio Jameson expõe:

Se subitamente nos voltarmos para o dia de hoje, podemos medir a imensidão das mudanças culturais que ocorreram. [...] há muito pouco, quer no conteúdo, quer na forma da arte contemporânea que a sociedade contemporânea ache intolerável e escandaloso. As mais ofensivas formas dessa arte [...] são tomadas com certa complacência pela sociedade, e ao contrário das produções do antigo alto modernismo, fazem sucesso em termos comerciais (Jameson, 2006, p.42).

Apesar dessa perspectiva de Jameson, faz-se necessário mencionar também a perspectiva que Hutcheon (1991, p.43) advoga ao afirmar que “[...] o pós-modernismo indica sua contraditória dependência em relação ao modernismo, que o precedeu historicamente e, literalmente, o possibilitou”.

As perspectivas de ruptura ou dependência do pós-modernismo em relação ao modernismo são dignas de análise. Para além dessa discussão, no entanto, importa saber que o pós-modernismo pretende tratar em suas produções de forma mais flexível e paradoxal, incluindo ausência de valores e sentidos, e abordando o leitor até mesmo de forma leviana e chocante, indo muito além do que o modernismo jamais conseguiu, ainda que em seu momento este também foi revolucionário e causou uma significativa mudança de paradigmas na arte, mesmo restrito a um estilo de arte mais estruturado e sério, ao contrário da produção pós-modernista, a qual “brinca” com a própria arte, ao invés de complicá-la através da seriedade.

As mudanças na sociedade pós-guerra também estão atreladas ao despontar da cultura pós-modernista. Nesse sentido, Jameson (2006, p.43) descreve algumas das características dessa sociedade:

Novos tipos de consumo, a obsolescência planejada, um ritmo ainda mais rápido de mudanças na moda e no estilo, a penetração da propaganda, um nível de inserção na sociedade, até então sem paralelo, da televisão e da mídia em geral, a substituição da velha tensão entre o subúrbio e a padronização universal, o crescimento de grandes redes de estradas de alta velocidade e a chegada da cultura do automóvel (Jameson, 2006, p.43).

Diante disso, é possível afirmar que, entre outros fatores que levaram ao estabelecimento e consolidação do pós-modernismo, estão a amplificação da cultura de massas, do consumo e da desesperança nos valores humanos, todos atrelados a essa avalanche cultural pós-modernista, refletida nas artes e na literatura, o que será objeto de estudo deste trabalho.

2.2 METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA

A metaficção historiográfica enquanto conceito tem como uma de suas principais precursoras a canadense Linda Hutcheon, que entre outras produções em seu vasto repertório cultural nas artes, tem um trabalho voltado para o estudo das nuances que envolvem a literatura pós-moderna, incluindo a literatura híbrida. Essa hibridez na literatura se caracteriza pela aglutinação dos discursos filosóficos, históricos ou científicos, estabelecendo com isso um diálogo. Hutcheon busca, a partir da metaficção historiográfica, entender os romances pós-modernos, sobretudo influenciada pelo trabalho de Jameson e Lyotard, apesar de refutar a abordagem de Jameson, no sentido de que, a seu ver, o autor estaria generalizando algumas obras literárias, principalmente no que se refere ao chamado romance pós-moderno da década de 80, ao atribuir-lhes apenas o conceito amplo de serem pós-modernas, não sendo suficiente para conter toda a produção literária que se distinguia de todas as produções da época.

Para Hutcheon, “A metaficção historiográfica demonstra que a ficção é historicamente condicionada e a história é discursivamente estruturada, [...]” (Hutcheon, 1991, p.158). A estratégia de autores dessa literatura, tais como Umberto Eco, Julian Barnes, John Fowles, Salman Rushdie, Doctorow, entre outros, incluem a utilização de uma

confusão proposital entre o fato histórico e a ficção, incluindo aqueles que ficcionalizam figuras históricas, que passam a interagir com personagens fictícias dentro de uma mesma obra, o que requer do leitor uma atenção e um conhecimento prévio mediano sobre o contexto histórico, para que possa distinguir entre os limites propositalmente entre a ficção e o histórico, na obra. Com essas características, esses romances pretendem impedir o discurso da história como algo fechado. Nas palavras da autora: “reescrever ou representar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico” (Hutcheon, 1991, p.147). Para Hutcheon, a literatura pós-moderna exerce um papel fundamental nesse sentido de revisão da história através de sua representação na literatura:

É essa mesma separação entre o literário e o histórico que hoje se contesta na teoria e na arte pós-modernas, e as recentes leituras críticas da história e da ficção têm se concentrado mais naquilo que as duas têm em comum do que em suas diferenças.[...] as duas são identificadas como construtos linguísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa (Hutcheon, 1991, p.141).

Há também, nessa literatura metaficcional historiográfica, uma abertura recorrente para a paródia e a intertextualidade, servindo como um espécie de “aproveitamento” de outras obras. Referindo-se à metaficção historiográfica, Hutcheon diz que “[...] ela estabelece a ordem totalizante, só para contestá-la, com sua provisoriabilidade, sua intertextualidade e, muitas vezes, sua fragmentação radicais” (Hutcheon, 1991, p.155). Outra característica recorrente é a interrupção proposital do narrador para questionar a própria narrativa, provocando o leitor através de perguntas retóricas ou não, a fim de que este possa aprimorar seu senso crítico e questionar o enredo como está sendo apresentado. Nesse sentido, ainda, uma outra característica da metaficção historiográfica é a multiplicidade de narradores, explorando a metaficção do fazer literário na própria obra. Outra característica da metaficção historiográfica é a valorização dos excêntricos – personagens periféricos, que não estão no centro da narrativa, geralmente dando voz às minorias.

3. A METAFICÇÃO EM *AS AVES DA NOITE*: FRONTEIRAS ENTRE O HISTÓRICO E A FICÇÃO

3.1 TEATRO HILSTIANO, O FATO E A FICÇÃO

As aves da noite, de Hilda Hilst, foi publicada em 1968, apesar de a peça se passar em 1941. A relevância da obra se estabelece por *As aves da noite* ter sido publicada em um momento em que a temática do Holocausto pouco fora tratada no Brasil, que em 1968 estava sob a ditadura militar. Segundo Waldman (2012, p.171), Hilst foi precursora da temática no teatro brasileiro. *As aves da noite*, por tratar de estruturas de opressão, serve como uma advertência contra o totalitarismo. Para além dessa peça, a obra dramaturgica de Hilst como um todo apresenta um tom de advertência, fluidez, fluxo de consciências e liberdade criativa, como afirma Rosenfeld (1969): “Ricas as implicações, as peças de Hilda Hilst podem ser lidas em vários níveis de profundidade e sugerem uma variedade de interpretações que permitem aos encenadores ampla liberdade criativa” (Rosenfeld, O Estado de São Paulo, 21/01/1969).

Essa fluidez e liberdade criativa se manifesta na peça ao decorrer dos diálogos que as personagens estabelecem entre si, o que, segundo Cunha (2017, p.451) também é uma característica do teatro de Hilst: “Em *As aves da noite*, Hilda usa um expediente comum às outras peças: seus personagens contam histórias ou ‘estórias’, e é por elas que se inicia alguma reflexão” (Cunha, 2017, p.451). Pode-se perceber nesse expediente uma estrutura em *mise en abyme*, que apresenta uma narrativa dentro da outra. Hilst faz essa mescla entre ambas para, a partir disso, iniciar as reflexões que transitam, na peça, entre a morte, o sofrimento e agonia, a espiritualidade, a busca de sentido existencial, criando uma narrativa multifacetada e rica em significados. Tais características se alinham à estética e pensamento pós-modernistas, que inclui a metaficção historiográfica.

Pode-se afirmar que *As aves da noite* se constitui como um reconto a partir do real factual, pois mescla elementos históricos com a ficção. Rodrigues (2010, p.72), ao discorrer sobre a performance no teatro de Hilda Hilst, diz que “*As aves da noite* expressa o real (factual) em projeções fictícias, misturando a figura verídica do religioso ao de personagens que dividem a cela compartilhando a mesma horripilante situação de penúria e morte” (Rodrigues, 2010, p.72). Nesse sentido, Waldman (2012, p.173) também corrobora ao afirmar que “Hilda Hilst baseia-se nos dados biográficos de Kolbe para montar sua peça”

(Waldman, 2012, p.173). A partir da distinção entre o histórico como ponto de partida para a composição da peça e a ficção como elemento criativo que possibilita a expressão do que não foi dito, é possível entender a motivação da escritora, descrita no prólogo da peça:

Com As aves da noite, pretendi ouvir o que foi dito na cela da fome, em AUSCHWITZ. Foi muito difícil. Se os meus personagens parecerem demasiadamente poéticos é porque acredito que só em situações extremas é que a poesia pode eclodir VIVA, EM VERDADE. Só em situações extremas é que interrogamos esse GRANDE OBSCURO que é Deus, com voracidade, desespero e poesia (Hilst, 2008, p.8)

Ao afirmar que pretendeu “ouvir o que foi dito na cela da fome, em Auschwitz” Hilst deixa claro o seu ponto de partida, que emerge do fato histórico como possibilidade de refletir sobre os horrores que se passaram naquele contexto da cela da fome e do campo de concentração nazista. Ainda sobre a motivação da autora na construção da obra, mesclando elementos históricos à ficção, Cunha (2017, p.446) corrobora ao afirmar que a peça:

[...] trata-se de uma história que ela decidiu recontar, abrindo os ouvidos ao silêncio desesperado que vinha desse lugar e deixando acontecer uma possibilidade de diálogo, de reflexão, de abertura para que, não apenas seu texto chegasse ao fundo desse desespero, mas que também seu público pudesse entregar-se, pudesse ter olhos e ouvidos engajados ao ser advertido de que tais barbáries não podem ser repetidas, em nenhum grau (Cunha, 2017, p.446).

Dito isso, faz-se necessário relacionar quais elementos históricos e ficcionais serviram como ponto de referência na peça. Entre os elementos históricos estão: 1) Auschwitz, campo de concentração genocida do Holocausto nazista; 2) o “porão da fome”, cela usada pelos nazistas para amontoar prisioneiros destinados a morrer de inanição, sem comida ou bebida; 3) referência histórica ao caso do padre Maximilian Kolbe (1894-1941), que se ofereceu para ser executado na cela da fome no lugar de um prisioneiro judeu sorteado para tal destino. Entre os elementos ficcionais estão a adição

dos demais prisioneiros: Poeta, Estudante, Joalheiro e Carcereiro, que somam cinco incluindo Maximilian, e seus diálogos ocorridos na cela da fome (que são ficção, por não se saber o que de fato se passara lá na cela onde, historicamente, Maximilian foi executado junto com os outros sorteados, uma vez que todos morreram sem deixar registros). Outras personagens também aparecem em um segundo plano: Mulher, também prisioneira, um Agente da SS e Hans, um ajudante da SS. Na peça, todas as personagens são reconhecidas por sua função e/ou gênero. Maximilian e Hans, respectivamente o padre prisioneiro e o ajudante da SS, são os únicos citados nominalmente.

3.2 ASPECTOS METAFICCIONAIS PÓS-MODERNOS EM AS AVES DA NOITE

3.2.1 Hibridismo

Hilda Hilst inicia a obra com um prólogo de cunho pessoal, o que se assemelha a uma entrevista, destacando alguns termos em maiúsculo para enfatizar sua sentimentalidade e sensibilidade, com um aparente tom de oralidade:

Com *As aves da noite*, pretendi ouvir o que foi dito na cela da fome, em AUSCHWITZ. Foi muito difícil. Se os meus personagens parecerem demasiadamente poéticos é porque acredito que só em situações extremas é que a poesia pode eclodir VIVA, EM VERDADE. Só em situações extremas é que interrogamos esse GRANDE OBSCURO que é Deus, com voracidade, desespero e poesia (Hilst, 2000, p.8).

A) No início, como parte do prólogo, há um texto descritivo/historiográfico/jornalístico, que serve de base para a composição ficcional da peça e se assemelha a um prelúdio de filme:

AUSCHWITZ, 1941

Do campo de concentração fugiu um prisioneiro.

Em represália os SS, por sorteio, condenaram alguns homens a morrer no *Porão da Fome*. Figurava entre os sorteados o prisioneiro nº 5.659, que começou a chorar. O padre católico franciscano, Maximilian Kolbe, prisioneiro nº 16.670, se ofereceu para ocupar o lugar do nº 5.659. Foi aceito. Os prisioneiros foram jogados numa cela de concreto onde ficaram até a morte. O que se passou no chamado *Porão da Fome* ninguém jamais soube. A cela é hoje um monumento. Em 24 de maio de 1948, teve início, em Roma, o processo de beatificação do Padre Maximilian Kolbe (Hilst, 2000, p.9).

B) Em vários trechos da peça (p.12-13, 20, 32-33), encontram-se textos poéticos incutidos nos diálogos das personagens, mais especificamente nas falas do personagem Poeta:

Poeta (Lento): Curvo-me sobre o que foi rosto. Oval em branco.

Pálpebra remota

Boca disciplinada para o canto. O braço longo

Asa de ombro... Amou. Corroeu-se de sonhos.

E cúmplice de aflitos, foi construído e feito

Em sal e trigo.

(Muda levemente o tom. Sorri.)

O ventre escuro não gerou,

(Grave)

Talvez por isso

Teve mãos desmedidas

E grito exacerbado foi o verso. Amou. Amou.

(Fala mais rapidamente, olhando-se.)

Tem os pés de criança: altos e curvados.

O corpo distendido como lança. É inteiriço e claro.

(Sem pausa. Voz grave. Exaltada de início até a palavra “hora”.

Depois mais branda.)

Ah, tempo extenso, grande tempo sem fim onde me estendo

Não para contemplar este todo de fora

Olhar enovelado respirando a hora...

Antes o olhar suspenso como um arco,

Olho dentro da fibra que o circunda, cesta mortuária.

[...]

(Mantém o mesmo tom)

Depois a noite, corpo imenso...

E a palha do meu nome...

(Voz alta como um chamamento)

Que verso te recompõe?

Que fibra te comove ainda?

(Voz baixa)

O mundo, o mundo...

O corpo que se move

Na pretensa carcaça de um molusco.

Toca-o. Ele se encolhe mudo.

(Encolhendo-se)

(Hilst, 2000, p.12-13)

Outras poesias citadas pelo Poeta no decorrer da peça:

Poeta (Como se falasse consigo mesmo, dizendo o poema) Tranqüilamente?

(Pausa)

Existiu um dia um mundo tranqüilo
Onde havia seres, animais e verde?
Tu exististe, amada, diante dos meus olhos,
Com teus claros cabelos: tu exististe amigo? (Hilst, 2000, p.20)

Poeta (Dizendo o poema em comoção)
Amada, ah, que desejo de te beijar a fronte atormentada
(levanta a voz)
Ah, meus olhos esquecidos de tudo que já viram
Sonharem que são olhos inocentes. Meus olhos...
Na noite com espanto eles se abriram
Na noite se fecharam de repente (Hilst, 2000, p.32-33).

C) Música. Em vários momentos aparece no texto a canção “Que dia tão claro”⁴⁹, composição de Hilda para a peça, cantada primeiramente pelo Poeta (Hilst, 2000, p.16):

Poeta (Interrompendo apaixonado) Amor eu tive.
Toda vez que os nossos
olhos se encontravam, me vinha no peito aquela
canção. E ela cantava
comigo.
(Canta)
Que dia tão claro
Sobre o meu coração
Que dia tão claro
Quantas flores

49 Recentemente, em 2021, a letra escrita por Hilda Hilst na peça foi musicada por Ricardo Severo e gravada na voz de Lara Blesa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Z1p2qtNFX0&ab_channel=VariousArtists-Topic>. Acesso em 05 set. 2023.

Quanto amor sobre o meu coração

(Voz crescente)

Que dia tão claro.

A canção é mencionada outras três vezes na peça, a saber: pela Mulher (p.26), pelo Poeta novamente, junto de Maximilian e do Estudante (p.30-31) e finalmente por todos na cela (p.36).

3.2.2 Intertextualidade

A seguir, alguns aspectos de intertextualidade identificados e relacionados na peça:

A) Citação de frase de Maria Vinowska, biógrafa do Padre Kolbe, como prefácio no início da peça, junto de sua nota introdutória:

A tortura da fome faz descer o homem ao nível do animalesco, pois a resistência humana tem os seus limites - além dos quais só restam o desespero ou a santidade.

M. Vinowska, Pater Maximilian Kolbe

Friburgo, 1952

(Hilst, 2000, p.8, grifos da autora)

B) Uma poesia é recitada pelo SS (p.37), ao hostilizar o Poeta, afirmando que eles também tinham “grandes poetas”. O poema citado é a tradução de um dos mais famosos poemas de Goethe, a segunda “Canção noturna do viandante” (Wandrer's Nachtlid)⁵⁰:

⁵⁰ Do original: WANDRERS NACHTLIED II (J. W. v. Goethe: 1749 – 1832):
Über allen Gipfeln
Ist Ruh’,

SS: Um poeta? Muito bonito... [...] nós também temos grandes poetas... [...] (Começa a dizer lentamente)

Sobre todos os cimos

O repouso.

Sobre todos os cumes

Apenas leve sopro.

Continua comigo Hans.

(Os dois juntos)

Calam os pássaros na mata

Espera, pois, e em breve

Também descansarás.

C) Referências bíblico-religiosas:

Algumas referências religiosas, incluindo citações de versículos da bíblia, são incutidas na peça, algumas dela de forma direta, outras indiretamente, como no seguinte trecho: “Joalheiro: (Como se falasse consigo mesmo) “O pecador tem um intelecto leve como a palha mas o justo é pesado como o ouro.” [...]” (Hilst, 2000, p.34). Apesar de este texto não ser diretamente uma citação bíblica – até onde se pôde constatar nesta pesquisa – o texto, ainda assim, denota um teor característico da linguagem dos livros poéticos ou sapienciais da Bíblia hebraica, como os Salmos e Provérbios, que utilizam-se da dicotomia justos/perversos em seus textos.

A seguir, algumas citações da Bíblia cristã (Novo Testamento) são usadas de forma direta na peça:

In allen Wipfeln
Spürest du
Kaum einen Hauch;
Die Vögelein schweigen im Walde.
Warte nur, balde
Ruhest du auch.
Disponível em: <<https://oxfordsong.org/song/wandrers-nachtlied-ii-2>> .
Acesso em 05 set. 2023.

[...] Maximilian (Firme, mas brando): Porque prestaremos conta de toda palavra vã (Hilst, 2000, p.41).

[...] Maximilian (Lentamente como se falasse consigo mesmo, como se orasse): «Até o presente momento sofremos fome e sede e estamos nus e recebemos bofetadas e somos injuriados e bendizemos e somos perseguidos e rogamos... até o presente momento somos o lixo deste mundo, a escória de todos.» (Hilst, 2000, p.46).

[...] Maximilian (Continua no tom anterior): «E todos comeram uma mesma comida... e todos beberam uma mesma bebida.» (Hilst, 2000, p.46)

Maximilian (Brando, no tom anterior): “O olho não pode dizer à mão: não tenho necessidade de ti. Nem a cabeça pode dizer aos pés: não tenho necessidade de vós” (Hilst, 2000, p.46).

Dos quatro trechos mencionados acima, o primeiro é uma referência a Mateus 12:36: “Eu vos digo que de toda palavra inútil, que os homens disserem, darão contas no Dia do Julgamento” (Bíblia, Mateus 12, 36). A segunda, a 1 Coríntios 4:11-13:

Até o momento presente ainda sofremos fome, sede e nudez; somos maltratados, não temos morada certa e fatigamo-nos trabalhando com nossas mãos. Somos amaldiçoados, e bendizemos; somos perseguidos, e suportamos; somos caluniados, e consolamos. Até o presente somos considerados como o lixo do mundo, a escória do universo (Bíblia, 1 Coríntios 4,11-13)

A terceira, a 1 Coríntios 10:3-4: “Todos comeram o mesmo alimento espiritual, e todos beberam a mesma bebida espiritual, pois bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava, e essa rocha era Cristo”. (Bíblia, 1 Coríntios 10,3-4) e a quarta a 1 Coríntios 12:21: “Não pode o olho dizer à mão: ‘Não preciso de ti’ nem tampouco pode a cabeça dizer aos pés: ‘Não preciso de vós’ (Bíblia, 1 Coríntios 12,21).

3.2.3 Exploração da linguagem

Em relação à exploração da linguagem, já se percebe desde a apresentação da peça a estranheza que causa pelo fato de os personagens não serem nomeados (com as exceções do Padre Maximilian e de Hans, ajudante do SS). Os demais, apenas são nomeados como Poeta, Estudante, Joalheiro, Carcereiro, Mulher, SS.

Outro marco de exploração da linguagem na peça é o uso de termos de baixo calão como marcas informais de oralidade, a exemplo das seguintes citações:

Carcereiro (Colérico, voz baixa): Maximilian, você quer me dizer que esses **filhos da puta** têm alma? O que é a alma então? Eu não posso ter nada que eles têm. (Hilst, 2000, p.18, grifo nosso).

Carcereiro (Interrompe): Mas então Maximilian, que estória **filha da puta** é essa que você quer nos contar?

[...] Carcereiro: **Merda**. E se não havia outra coisa para eu fazer?

(Hilst, 2000, p.32, grifo nosso).

[SS:] Ele está gostando, Hans! (Morre de rir) Ele está gostando! Quer ver que os porcos são até capazes de **foder**! (Hilst, 2000, p.25, grifo nosso).

[Estudante:] [...] filhos resistentes (Ri) Filhos resistentes (Tom histérico) Filhos... **filhos da puta**, assassinos (Hilst, 2000, p.48, grifo nosso).

Além da presença de termos obscenos, há trechos que contêm um misto de temáticas que variam desde a dor e a vergonha, como na citação abaixo, quando o Poeta se contorce de dor ao tentar conter-se de defecar na cela; a isto adiciona-se um tom de humor causado pela linguagem do Joalheiro (“Solta tudo, homem, solta!”) além da situação inusitada envolvendo fezes na cela, perpassando à temática da opressão através do escárnio e zombaria do SS, e ainda contendo um teor sexual ao se insinuar a presença da mulher para “rastejar em cima” dos prisioneiros. Tudo isso na mesma cena:

Poeta (Interrompe encolhendo-se): Ai que dor, eu não agüento, não agüento. (Comprime o ventre) Eu tenho tanto vergonha.

O SS olha pela abertura.

Joalheiro (Para o Poeta): Solta tudo, homem, solta.

Poeta: Ai meu Deus, meu Deus.

SS (Olhando pela pequena abertura): Então já começou a fedentina? (Para o ajudante) Hans, já estão **cagando** no chiqueiro. Porcalhada, ainda bem que quem vai limpar tudo isso são porcos iguais a eles. (Pausa. Delicado) Então, não querem uma mulherzinha para rastejar em cima de vocês? (Discreta risada de Hans) Nós ainda vamos arranjar, uma bela judia, uma **cadela**... E o padre de batina? Como vai? De batina, Hans, **na merda** (Ri) de batina. (Ri)

(Hilst, 2000, p.22, grifos nossos).

Na p.47, outra situação inusitada, que contém um teor sexual e erótico nas frases que são ditas em sequencial, apesar de tratar-se de um estupro dos SS a uma mulher que está morrendo. Tem-se nesta cena a combinação de erotismo, violência, degradação, palavras de baixo calão, riso (dos SS) e morte (da mulher). Segue-se a isso, o início das frases com letras minúsculas – gramaticalmente exótico – e uma mudança súbita, um salto temático – por sinal, muito comuns em várias ocasiões na peça – neste caso, nas falas que se seguem do Joalheiro e Estudante:

Pausa.

Fora ouvem-se vozes de vários SS. Deve ficar claro para o público que estão estuprando uma mulher que está morrendo. frases assim, por exemplo:

- assim
- segura mais firme
- abre mais
- a cadela não abre
- merda
- isso, mete agora
- mas vai homem
- vai de uma vez
- merda, ela está morrendo
- depressa, depressa
- (Risadas, vozes, ruídos)
- tira ela daí agora

(Ruídos)

Pausa longa.

Joalheiro (Lento para o estudante) Você conhece alguma coisa mais forte do

que a pedra? Algum...algumas pedras não são muito resistentes,

vocês sabiam?

Estudante Quais?

Joalheiro A... a esmeralda, a esmeralda não é muito resistente. [...]

(Hilst, 2000, p.47).

Por ser uma narrativa fragmentada, essas transições de tempo e/ou temáticas (umas sem a mínima relação com a anterior – saltos temporais) são frequentes e demonstram nisso também um aspecto

pós-modernista, que é a incoerência. Não se trata da incapacidade de Hilda Hilst de conseguir manter a coerência ou o controle no enredo, mas a incoerência é proposital, o que transmite a ideia de que no pós-modernismo os indivíduos não podem deter o controle; o controle não é desejável; o controle é altamente opressor.

Junto a essas características que causam estranhamento através da exploração da linguagem, some-se o adiamento de uma informação a ser dada, como quando o Carcereiro interroga a Mulher (iniciando na p.25) e insiste com ela para que ela conte que trabalhos ela faz ali, e esta prorroga essa informação, deixando o Carcereiro – assim como o leitor – curioso, ansioso e impaciente (na p.28 ela finalmente conta que faz a limpeza das câmaras de gás).

Outro recurso de exploração da linguagem também se constitui no final repentino da obra *As aves da noite* que parece transmitir ao leitor a certeza de como a peça irá concluir – já que todos na cela morrerão – mas até nisso o leitor é, de certo modo, “enganado”. Espera-se um clímax que narre o momento em que os prisioneiros, incluindo o protagonista, o Padre Maximilian, sejam executados. Chegando ao final, a peça de encerra subitamente com uma fala depreciativa do SS à Mulher e aos prisioneiros que estão rodando em círculo na cela. Anterior a isso, o SS e Hans, seu ajudante, haviam trazido para lá uma coroa de arame farpado obrigando os prisioneiros a circularem em volta dela e insinuando seu uso pelo Padre Maximilian. Não fica claro se ele a usou, uma vez que a peça se encerra na fala do SS, o que também é uma das características da literatura pós-modernista, e até certo ponto gera uma ambiguidade entre o momento de humilhação (pessimista), e a negação da morte efetiva das personagens (otimista).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs discutir as temáticas que envolvem o pós-modernismo enquanto movimento cultural, social e literário e as mudanças provocadas por ele, assim como discorrer, de forma modesta, um pouco sobre o conceito de metaficção historiográfica.

Ao revisar essas temáticas, objetivou-se identificar alguns aspectos pós-modernistas da metaficção historiográfica na obra, entre os quais a mescla entre o histórico e a ficção e/ou

realidade e imaginação, além da intertextualidade, hibridismo e exploração da linguagem envolvidos na peça de Hilst. A proposta foi atingida à medida em que, em um primeiro momento, foram abordadas discussões de alguns teóricos do pós-modernismo, assim como de alguns outros teóricos/pesquisadores voltados para uma abordagem mais estrutural da peça, enquanto literatura teatral brasileira. Em um segundo momento do presente trabalho, partiu-se para a análise propriamente dita de trechos da obra, identificando e relacionando os conceitos já mencionados.

A partir das discussões realizadas, pode-se afirmar que *As aves da noite* parte de fatos históricos como referência e mescla, entre estes, a ficção e o imaginário, o que assimila com propriedade as características da metaficção historiográfica na literatura pós-modernista.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**: Nova edição, revista e ampliada. 3. imp. São Paulo: Paulus, 2004

CUNHA, Rubens da. A advertência poética de Hilda Hilst em *As aves da noite*. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, DF, n. 50, p.444-467, abr 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/2316-40185026>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/KjZBpD3K3PmqQHBg5tvnY9S/?lang=pt#>. Acesso em: 23 jul. 2023.

HILST, Hilda. *As aves da noite*. In: _____. **Teatro completo**. São Paulo: Globo, 2000. p.5-56.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: História, teoria, ficção. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JAMESON, Fredric. Pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: _____. **A virada cultural**: reflexões sobre o pós-modernismo. Tradução: Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p.17 - 44.

RODRIGUES, Eder. **O teatro performático de Hilda Hilst**. Orientador: Sara Del Carmen Rojo de La Rosa. 2010. 173p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ECAP-84VLJ2>. Acesso em: 23 jul. 2023.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro de Hilda Hilst**. Suplemento Literário. O Estado de São Paulo, 21 de janeiro de 1969.

WALDMAN, Berta. Sobrevoando Auschwitz: «As aves da noite». **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 27, n. 2, p.171-182, 2012. DOI <https://doi.org/10.20396/remate.v27i2.8636002>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636002>. Acesso em: 23 jul. 2023.

ENTRE CRIANÇAS RADIANTES E ANDRÓIDES MELANCÓLICOS: O SUJEITO PÓS-MODERNO EM *BREAKFAST OF CHAMPIONS*, DE KURT VONNEGUT⁵¹

Andreza da Silva Ferreira (UERN)

sf.andrezza@gmail.com

Charles Albuquerque Ponte (UERN)

charlesponte@uern.br

1. INTRODUÇÃO

Refletir sobre a pós-modernidade é refletir sobre o estágio em que a sociedade se encontra, pois, ao longo dos tempos, tal sociedade passou por grandes mudanças que incidiram de maneira determinante na estrutura e na organização da política, da economia e da arte, em todas as suas formas. A informação, o conhecimento e a comunicação seguem um ritmo acelerado, bem como a produtividade e o consumo. Tais aspectos, juntamente com os avanços tecnológicos, deram ao sujeito da segunda metade do século XX um novo perfil, e a humanidade adentra em um período chamado de pós-modernidade.

A pós-modernidade, assim como o termo modernidade, se refere a determinado período histórico. Ela tem início com o fim da Segunda Guerra Mundial, e, segundo alguns teóricos como Jameson (2006), é o período em que a humanidade entra em um novo estágio da história. É nesse novo estágio que se insere o pós-modernismo que diz respeito a um estilo de produção artístico-cultural de uma época específica. Ele nasce com a arquitetura em meados da década de 1950, ganha destaque nos anos 60 com a arte pop, e se desenvolve ao entrar no campo filosófico e amadurece nos dias atuais.

Inserido na primeira geração pós-modernista, Kurt Vonnegut (1922-2007) ganha destaque não só por sua obra, mas também por seu estilo irônico. Dono de um estilo particular, em *Café da manhã dos Campeões* (1973), ao utilizar uma linguagem coloquial e inúmeras ilustrações, Vonnegut chama a atenção do leitor para diferentes temas como meio ambiente, racismo, desigualdade social, entre outros.

⁵¹ Este trabalho contém recortes da Dissertação de Mestrado de Andreza da Silva Ferreira, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e defendida em 2022.

A obra narra as histórias paralelas de Kilgore Trout, um escritor de ficção científica e Dwayne Hoover, um empresário vendedor de carros que está à beira da loucura. O ápice do romance de Vonnegut se dá quando os dois personagens se encontram e Dwayne acaba lendo um dos livros de Trout, o estopim da sua forma mais violenta de loucura, pois ele ataca violentamente as pessoas próximas a ele, como sua amante e seu filho, depois disso ele acaba sendo internado. Kilgore, por sua vez, que também é atacado por Dwayne, acaba se dedicando ao estudo de saúde mental.

Dessa forma, tendo esse contexto narrativo como base, o principal objetivo deste trabalho é investigar como o sujeito pós-moderno é representado na obra em questão a partir de suas personagens principais: Kilgore Trout e Dwayne Hoover. Para tanto, o desenrolar deste trabalho se deu através da leitura de vários teóricos como Lyotard (2009), Hutcheon (1991), Santos (1986), Jameson (2006), artigos publicados em anais, periódicos entre outras produções que serviram para embasar teoricamente nossa discussão.

2. PROBLEMATIZANDO O PÓS-MODERNISMO

Tentar conceituar a pós-modernidade e o pós-modernismo não é tarefa simples, principalmente se levarmos em consideração a gama de teorias distintas em relação a esses termos. Para início de conversa é relevante destacar que o século XX é marcado por uma série de acontecimentos socioculturais que caracterizam o modernismo como um conceito que não se sustenta, um conceito que poderíamos chamar de ultrapassado.

É nesse cenário, um momento em que há as Guerras Mundiais, lutas de minorias, o advento da cultura de massa, que a pós-modernidade se insere. Ela tem início com o fim da Segunda Guerra Mundial, de acordo com Santos (1986); mais especificamente, ela nasce com a primeira bomba atômica jogada em Hiroxima: “ali a modernidade – equivalente à civilização industrial – encerrou seu capítulo no livro da História, ao superar seu poder criador pela sua força destruidora. Desde então, o Apocalipse ficou mais próximo” (idem, p. 20).

Embora o termo já fosse usado desde o século XIX, foi com Jean-François Lyotard, um dos pensadores mais influentes da segunda metade do século XX, que ele ganha destaque. Em seu livro intitulado *A condição pós-moderna*, publicado

pela primeira vez em 1979, e considerado como um dos textos fundadores da teoria pós-moderna, Lyotard propõe o final dos anos cinquenta como marco para o início da nova época. Segundo o autor, sua hipótese de trabalho seria “que o saber muda de estatuto ao mesmo tempo que as sociedades entram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna. Esta passagem começou desde pelo menos o final dos anos 50, marcando para a Europa, o fim de sua reconstrução” (Lyotard, 2009, p. 3).

A grande questão abordada por Lyotard em relação à nova época diz respeito ao fim das metanarrativas, ou metarrelatos: “A perspectiva então se abre para uma paisagem vasta, no sentido de que não há mais qualquer horizonte de universalidade, universalização, ou emancipação geral para encontrar o olhar do homem pós-moderno”⁵² (Lyotard, 2000, p. 409). O autor vai discutir que agora há um grande sentimento de dúvida quanto aos discursos com valor de verdade. Nada mais é único e absoluto; desse modo, discursos como o científico, filosófico, religioso, e etc., perdem, assim, sua credibilidade.

Para o filósofo francês, o saber científico, que se constitui como a principal forma de saber da sociedade, não tem a capacidade de se autolegitimar, pois ele estaria apenas ligado à sociedade de forma indireta, diferentemente do que ocorria na era moderna. Nesse sentido, como os metarrelatos são colocados em xeque, instaura-se uma crise da razão, pois o que está sendo questionado é justamente aquilo que legitimava o saber. Ao abordar essa questão da legitimidade da ciência, o filósofo discute que, em virtude das transformações científicas e artísticas, houve alterações na cultura de forma geral, evidenciando, assim, a sociedade como pós-moderna.

Outro estudioso que ganha destaque nessa discussão é o crítico marxista Fredric Jameson. O autor concorda com Lyotard no que diz respeito a acreditar que de fato o termo pós-modernidade começa a fazer sentido no fim dos anos de 1950. Outro aspecto que se liga ao pensamento de Lyotard, abordado por Jameson, é o fim das grandes narrativas; e embora o estudioso não se atente em sua discussão mais especificamente para esse ponto, ele considera que “o colapso de todos os modelos narrativos anteriores [...] abre caminho para toda uma nova possibilidade de reflexão” (Jameson, 1993, p. 40).

52 “The perspective then opens onto a vast landscape, in the sense that there is no longer any horizon of universality, universalization or general emancipation to greet the eye of postmodern man”. (Lyotard, 2000, p. 409)

O teórico vem tratar do pós-modernismo e da sua relação com as transformações do capital, enfatizando como o sujeito se caracteriza nessa nova era. Para tanto, em seu ensaio “O pós-modernismo e a sociedade do consumo”, publicado em 1983, o autor expande sua discussão fazendo uma investigação cultural, analisando seu padrão geopolítico e suas bases sociais. Jameson, ao fazer uma problematização a respeito do uso adequado do conceito pós-modernismo, afirma que não há uma compreensão e nem uma aceitação de tal conceito naqueles dias, o que pode ser expandido até hoje.

Por sua vez, Linda Hutcheon, teórica canadense, ao fazer uma análise da sociedade atual, assim como Lyotard e Jameson, também nos aponta o capitalismo como elemento primordial para a construção dessa nova era. Hutcheon (1991, p. 19) nos apresenta a noção de pós-modernismo como um movimento que “usa e abusa, instala e depois subverte os próprios conceitos que desafia”. A estudiosa ainda aponta três características do período: “fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político”, bem como o mundo como um todo, que sempre foi essas três coisas, embora houvessem ideologias que mascaravam isso. Porém, como todos os discursos com valor de verdade são colocados em dúvida, não há mais uma necessidade de se esconder isso e sim de escancarar essa visão.

Tendo essas considerações como base, percebe-se que as transformações ocorridas nesse cenário da pós-modernidade, resultantes de um universo globalizado, envolto na cultura de massa, acabam interferindo na maneira de se comportar do sujeito inserido nesse contexto. Sendo assim, a seguir daremos ênfase a questões que se voltam, mais especificamente, para a sociedade pós-moderna.

3. O SUJEITO PÓS-MODERNO EM CAFÉ DA MANHÃ DOS CAMPEÕES

As décadas de 1950 e 60 são caracterizadas, sobretudo nos Estados Unidos, por uma euforia que resulta em um novo tipo de sociedade em que a propaganda, os meios de comunicação, o consumismo, a informação acabam ganhando um enorme destaque que até então não havia se visto. A sociedade contemporânea está em constante transformação e é nessa sociedade industrial marcada pela comunicação, pelas massas, pela informatização que o sujeito está inserido. Segundo Brandão (2008, p. 122) “O advento do capitalismo criou sujeitos assujeitados, escravos de um sistema que destruiu todas as possibilidades, primeiro de liberdade [...] e depois da própria segurança, na pós-modernidade”.

Nesse sentido, percebe-se que com o advento do capitalismo há uma interferência no estilo de vida do sujeito pós-moderno. Esse sujeito passa a ser escravo desse sistema e acaba fazendo com ele perca a profundidade das relações afetivas, que pode ser traduzido como o esmaecimento dos afetos, que, segundo Jameson (2006, p. 57):

No que diz respeito a expressão e sentimentos ou emoções, a liberação, na sociedade contemporânea, da antiga anomie do sujeito centrado pode também implicar não apenas a liberação da ansiedade, mas também a liberação de qualquer outro tipo de sentimento, uma vez que não há mais a presença de um ego para encarregar-se de sentir. Isso não é mesma coisa que dizer que os produtos são completamente destituídos de sentimentos, mas sim que tais sentimentos – a que pode ser melhor e mais correto chamar, seguindo Lyotard, de ‘intensidades’ - são agora autossustentados e impessoais e costumam ser dominados por um tipo peculiar de euforia.

Percebe-se assim, que essa sociedade, que é construída em moldes capitalistas e seus reflexos, vai tendo seu comportamento afetado por esse sistema. Ainda a respeito desse aspecto, Santos (1986, p. 10) ressalta que a economia passa “pela ávida sociedade de consumo, agora na fase do consumo personalizado, que tenta a sedução do indivíduo isolado até arrebanhá-lo para sua moral hedonista. [...] A fábrica, suja, feia, foi o templo moderno; o shopping, feérico em luzes e cores, é o altar pós-moderno.”

No pós-modernismo, o que se evidencia é que não há mais um deslumbramento com o processo de industrialização. Na sociedade pós-industrial o sujeito aparece como um “sujeito que vive sem projetos, sem ideias, a não ser cultivar sua autoimagem e buscar a satisfação aqui e agora” (Santos, 1986 p. 30). Seguindo esse pensamento, outro ponto abordado por teóricos seria a morte do sujeito, que se evidencia pelo fato de o homem perder o controle de si mesmo. Nas palavras de Jameson (2002, p. 24): “há muito tempo, na era clássica do capitalismo competitivo, [...] houve algo como o individualismo, como os sujeitos individuais. Mas hoje – na era do capitalismo corporativo, [...] esse antigo sujeito individual burguês não existe mais.”

Nota-se, com isso, um sujeito individualista que perde sua identidade inserido em uma sociedade dominada por instabilidades

em todos os sentidos. Segundo Santos (1986, p. 27) “O indivíduo na condição pós-moderna é um sujeito *blip*, alguém submetido a um bombardeio maciço e aleatório de informações parcelares, que nunca formam um todo, e com importantes efeitos culturais, sociais e políticos”. O estudioso discute ainda, em seu livro *O que é o pós-moderno* (1986), a caracterização do sujeito pós-moderno como crianças radiantes ou andróides deprimidos. Segundo o estudioso:

E aqui você pode escolher entre ser: a) a criança radiosa – o indivíduo desenvolvido, sedutor, hedonista integrado à tecnologia, narcisista com identidade móvel, flutuante, liberado sexualmente, conforme o incensam Lipovetsky, Fieldler e Toffler, alegres gurus [...] b) o andróide melancólico – o consumidor programado e sem história, indiferente, átomo estático na massa, boneco da tecnociência, segundo o abominam Nietzsche e Baudrillard, Lyotard, profetas do apocalipse (Santos, 1986, p. 11).

De acordo com o pensamento do estudioso, o sujeito enquanto criança radiante seria aquele envolto no narcisismo, descontraido, que se configura como um experimentador; por outro lado, o sujeito enquanto andróide melancólico, inserido em uma sociedade movida pela velocidade em todos os aspectos, ele se envolve na mais pura melancolia. Tal sujeito não cria laços fortes e acaba se saturando desse mundo que o rodeia. Ainda segundo Santos (1986, p. 105), “O sujeito pós-moderno é a glorificação do ego no instante, sem esperança alguma no futuro”. Nesse sentido, o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, agora esse sujeito passa a ter múltiplas identidades que vão receber referências das inúmeras transformações ocorridas com o advento da tecnologia, da globalização e os reflexos do capitalismo.

Destarte, voltando-se mais especificamente para a literatura, percebe-se que em muitos romances de Kurt Vonnegut Jr. podemos encontrar os dois tipos de sujeito abordados por Jair Ferreira dos Santos, como é o caso dos personagens Kilgore Trout e Dwayne Hoover que estão inseridos na obra *Café da manhã dos campeões* (1973).

3.1 KILGORE TROUT

Kilgore Trout, uma das figuras principais de *Café da manhã dos campeões*, geralmente, é caracterizado como um escritor de ficção científica que não se orgulha e nem faz questão que as pessoas saibam disso. Vonnegut evidencia que, assim

como os demais personagens, Kilgore Trout também seria uma máquina, ele é inteiramente uma criação sua, e isso fica aparente quando é feita a descrição da personagem: “Eu sei quem inventou Kilgore Trout. Fui eu. Eu o criei com os dentes tortos. Eu dei cabelos a ele, mas eu o fiz ficarem brancos”⁵³ (Vonnegut, 2019 p. 52-53).

No romance em questão, o autor não é reconhecido, e até mesmo Trout se considera invisível: “Trout considerava a si mesmo não apenas inofensivo, mas invisível também. O mundo lhe prestava tão pouca atenção que ele acreditava estar morto” (Vonnegut, 2019, p. 29-30)⁵⁴. Trout não acredita que é um bom escritor e não se dedica a essa profissão, ele vive de forma simples e solitária tendo a companhia apenas do pássaro de estimação, um periquito chamado Bill. O autor trabalha e tira seu sustento instalando janelas de proteção, e ao seu redor ninguém fazia ideia de que ele fosse escritor. Na verdade, quase ninguém, além de Eliot Rosewater, seu único fã no romance, sabia desse aspecto, embora o autor já tivesse inúmeros textos publicados.

A maioria dos textos de Trout era publicada por uma empresa chamada *World Classics Library*, que publicava textos pornográficos. Eles utilizavam os escritos de Trout para preencher as páginas dos livros e sempre modificavam os títulos e atribuíam ilustrações que não representavam em nada as histórias contadas ali. Além disso, e fora não pagarem “bulhufas”, eles nunca mandavam exemplares, nem informavam onde Trout poderia encontrar seus textos publicados, exaltando a invisibilidade do autor. Kilgore Trout só consegue reconhecimento como um grande artista e cientista, após sua morte. Só então todos passaram a admirá-lo. Mas antes de isso acontecer, Trout passava seus dias e noites apenas ao lado de seu animal de estimação, Bill, com quem conversava e debatia os mais variados assuntos: “Trout resmungava e fazia comentários sarcásticos sobre o fim do mundo para o periquito”⁵⁵ (Vonnegut, 2019, p. 34).

Além de demonstrar o quão solitário Trout era, esse fragmento citado anteriormente apresenta, também, um pouco da personalidade do escritor: “ele resmungava e fazia comentários sarcásticos”.

53 I do not know who invented the body bag. I do know who invented Kilgore Trout. I did. I made him snaggle-toothed. I gave him hair, but I turned it white (Vonnegut, 1975, p. 32).

54 “Trout considered himself not only harmless but invisible. The word had paid so little attention to him that he supposed he was dead” (Vonnegut, 1975, p. 14).

55 “Trout sneered and muttered to his parakeet about the end of the world” (Vonnegut, 1975, p. 18).

Percebemos com isso que Kilgore demonstra ser um cara irônico e que não se satisfaz com os rumos que a sociedade e o planeta estão tomando. Outra característica de Trout é que ele é uma pessoa extremamente pessimista, isso fica evidente logo nos primeiros capítulos quando ele recebe a carta do seu fã Eliot Rosewater. Para Kilgore Trout, como ele não se considerava um artista, dificilmente alguém poderia ser seu fã. Dessa forma a carta é tomada como uma invasão de privacidade:

A mensagem do fã chegou tarde demais. Não era uma boa notícia. Foi percebida por Kilgore Trout como uma invasão de privacidade. Em sua carta, Rosewater prometia que tornaria Trout famoso. Eis o que Trout disse a esse respeito, tendo somente seu periquito como ouvinte: - Fique longe da porra do meu saco para cadáver⁵⁶ (Vonnegut, 2019 p. 52).

Todo esse tom de pessimismo rodeia a vida de Kilgore desde sua infância: “Quando criança, Trout havia testemunhado a morte destas águias, uma a uma. Seu pai o incumbiu da melancólica tarefa de medir a envergadura das asas dos cadáveres”⁵⁷ (Vonnegut, 2019 p. 51). Esse evento deixa um enorme desolamento na vida de Trout, o que reflete diretamente em sua personalidade e comportamento, interferindo até mesmo em relação a como ele se envolve com as pessoas em sua volta. Trout é uma pessoa que não tem amigos, não tem contato com familiares e não obteve sucesso em seus casamentos, ele chega a se casar três vezes e um desses casamentos resulta no seu único filho com quem ele também não tem contato:

[...] Trout havia tido uma infância deprimente, apesar de todo aquele sol e ar puro. O pessimismo que o assolou em sua vida adulta, que destruiu seus três casamentos e que fez seu filho, Leo, sair de casa aos 14 anos de idade, muito provavelmente tinha origem na lembrança agri-doce dos cadáveres pútridos das águias-marinhas”⁵⁸ (Vonnegut, 2019, p. 52)

56 The fan letter came Much to late. It wasn't good news. It was perceived as an invasion of privacy by Kilgore Trout. The letter from Rosewater promised that he would make Trout famous. This is what Trout had to say about that, with only his parakeet listening: “Keep the hell out of my body bag” (Vonnegut, 1975, p. 32)

57 As a child, Trout had seen those Erns die, one by one. His father had assigned him the melancholy task of measuring wingspreads of the corpses (Vonnegut, 1975, p. 30).

Todo esse comportamento de Trout de sempre ver as coisas pelo lado negativo, de sempre esperar o pior de uma situação acaba afastando as pessoas em sua volta. Esse mau relacionamento que Kilgore tem com as pessoas a sua volta é consequência do profundo pessimismo que ele carrega consigo desde o fato que presenciou na infância, mencionado anteriormente. O fato de ele ver as aves morrendo nas Bermudas leva Kilgore, além de se tornar pessimista, a ser um cara extremamente problemático e aborrecido com a destruição do planeta, o que faz com que ele esteja sempre comentando e questionando sobre esse aspecto durante toda a narrativa.

Ao receber o convite para o festival de Artes, mais uma vez, Trout se sente incomodado, não entendendo o porquê desse interesse repentino em sua figura: “[...] acho que não devem saber coisa nenhuma sobre livros para aqueles lados. Por que quando o garoto disse que eu era bom, eles acreditaram”⁵⁹ (Vonnegut, 2019, p. 58).

Trout é um típico sujeito pós-moderno, cheio de incertezas e dúvidas; a personagem, em tom desesperançoso, afirma que ele mesmo não sabe o que quer, não sabe se continua vivendo seu mundo, sendo invisível para a sociedade, ou se resolve dar oportunidade para se abrir para o novo ao ir ao festival de artes. Segundo Harvey (1994, p.46) “as personagens pós-modernas com frequência parecem confusas acerca do mundo em que estão e de como deveriam agir em relação a ele”.

Como não consegue se resolver, ele percebe que o seu pássaro, diferente dele, não tem a liberdade de decidir o que quer e resolve deixá-lo ir, entretanto o pássaro volta para a gaiola. Comparando-se ao pássaro, Trout resolve não ir ao festival, ele também não vai sair da sua gaiola, pois acredita que ao sair as pessoas iam apenas rir dele: “Eu não vou, Bill. Eu não quero sair da minha gaiola. Eu sou esperto demais para isso. Mesmo se eu quisesse sair, eu não iria até Midland para as pessoas rirem de mim, nem do meu único fã”⁶⁰ (Vonnegut, 2019, p. 59).

Trout se considera uma pessoa fracassada e deprimida, e com esse trecho podemos perceber o quão pessimista ele era. Ao perceber

58 “[...] Trout had a depressing childhood, despite all of the sunshine and fresh air. The pessimism that overwhelmed him in later life, which destroyed his three marriages, which drove his only son, Leo, from home at the age of fourteen, very likely had its roots in the bittersweet mulch of rotting Erns (Vonnegut, 1975, p. 31).

59 “[...] they don’t know anything about books out that way. So when he said I was good, they believed him” (Vonnegut, 1975, p. 36).

60 “I’m not going, Bill. I don’t want out of my cage. I’m too smart for that. Even if I did want out, though, I wouldn’t go to Midland City to make a laughing stock of myself – and my only fan” (Vonnegut, 1975, p. 36).

que ele não se encaixava naquele meio em que o festival estava inserido, cheio de pessoas felizes e consumistas, Trout decide que é justamente isso que eles precisam, precisam conhecer um cara como ele, que não obteve sucesso em absolutamente nada na vida e então resolve ir ao festival a fim de discutir sobre o fracasso de sua vida, representando escritores que assim como ele não chegaram a lugar nenhum:

Eles não querem nada além de pessoas felizes por lá – disse Trout ao seu periquito. – Fracassados deprimidos não se encaixariam. [...], mas talvez um fracassado deprimido seja exatamente o que eles precisam ver. [...] – Bill, Bill... Escuta, eu vou sair da gaiola, mas vou voltar. Eu vou lá mostrar para eles uma coisa que ninguém jamais viu num festival de artes: um representante dos milhares de artistas que dedicaram suas vias inteiras à busca da verdade e da beleza e não encontraram bulhufas⁶¹ (Vonnegut, 2019, p. 60).

Kilgore decide ir ao festival pelo mesmo motivo que tinha recusado anteriormente. Como ele sempre buscou a beleza e a verdade e nunca encontrou, ele quer demonstrar justamente isso no festival. Então ele toma a decisão de, assim como seu pássaro, sair da gaiola, sair do seu mundo e mostrar para as pessoas a verdade em relação à arte, que, no caso, seria o fato de ele nunca ter encontrado a beleza. Para tanto, ele decide que vai para ser motivo de piada, ele quer ser ridicularizado, para isso ele busca suas obras que vão de fato evidenciar isso, já que elas são publicadas em livros pornográficos. Sendo assim, Kilgore não quer ser enaltecido como artista, ele quer mostrar que, assim como ele não encontrou a beleza na arte, as pessoas presentes no festival também não encontraram.

O escritor não quer chegar apresentável nem limpo à cidade de Midland, Kilgore quer ser visto como “o mais sujo dos velhos”, por isso ele escolhe um determinado tipo de trajeto até chegar Midland para evidenciar isso. Inicialmente, ele, por não ter dinheiro para dormir em um hotel, decide dormir no cinema que é o tipo de coisa que velhos fazem: “Trout nunca tinha feito isso, mas ele sabia que dormir em salas de cinema era o tipo de coisa que velhos muito sórdidos faziam.

61 “They don’t want anything but smilers out there,” Trout said to his parakeet. “Unhappy failures need not apply.” [...] “But maybe an unhappy failure is exactly what they need to see.” [...] “Bill, Bill—” he said, “listen, I’m leaving the cage, but I’m coming back. I’m going out there to show them what nobody has ever seen at an arts festival before: a representative of all the thousands of artists who devoted their entire lives to a search for truth and beauty – and didn’t find doodley-squat!” (Vonnegut, 1975, p. 37).

Ele queria ser o mais sórdido de todos os velhos quando chegasse na cidade de Midland”⁶² (Vonnegut, 2019, p. 29).

No decorrer da viagem, Kilgore, ao observar a destruição do meio ambiente, embora perceba e comente sobre algumas vezes, decide fingir que não vê. Assim, ele passa a ignorar esses detalhes, o que, possivelmente, seria um reflexo da sua infância e da relação com o que seu pai o coloca para fazer que era cuidar dos cadáveres resultados do que a sociedade fazia com o meio ambiente. Durante seu trajeto, além de ele mesmo querer que as pessoas zombem dele, Kilgore é ridicularizado muitas vezes, é o que acontece, por exemplo, de quando ele sai do cinema e é atacado por pessoas em um carro que o deixam em uma quadra de handebol, onde é encontrado com as calças arriadas: “Quando deu por si, ele estava de quatro numa quadra de handebol debaixo da ponte Queensboro, na rua 59, perto do rio East. Suas calças e cuecas estavam arriadas até os tornozelos. [...] A polícia flagrou Trout com as calças na mão”⁶³ (Vonnegut, 2019, p. 109).

Ao chegar ao Holiday Inn, onde ocorreria o festival, Kilgore atravessa um riacho, o Sugar Creek, cheio de plásticos rejeitos de fábrica que vão pregando em seus pés e roupas. Kilgore quer que suas pegadas, revestidas de plástico, fiquem no carpete, a fim de demonstrar o quão sujo ele está, porém o plástico é duro e deixa apenas manchas que logo desaparecem. Kilgore quer mostrar a sociedade que, na busca pela beleza da arte, ele só conseguiu encontrar o contrário. Dessa forma, ele quer ressaltar o quão ridículo ele e sua arte podem ser:

Ele carregava seus pacotes, os sapatos e as meias acima da cabeça, apesar da água mal alcançar as rótulas. Ele sabia o quanto estava ridículo. Esperava ser recebido com muito ódio, sonhava em constranger mortalmente o festival. Afinal, tinha percorrido toda aquela distância para uma orgia masoquista, e queria ser tratado como uma barata”⁶⁴ (Vonnegut, 2019, p. 301).

62 “Trout had never done it before, but he knew sleeping in movie houses was the sort of thing really dirty old men did. He wished to arrive in Midland City as the dirtiest of all old men (Vonnegut, 2019, p. 29).

63 “The next thing he knew, he was on his hands and knees on a handball court underneath the Queensboro Bridge at Fifty-ninth Street, with the East River nearby. His trousers and underpants were around his ankles. [...] The police caught him in the act of pulling up his trousers (Vonnegut, 1975, p. 75).

64 He carried his parcels and his shoes and socks on his head, although the water scarcely reached his kneecaps. He knew how ridiculous he looked. He expected to be received abominably, dreamed of embarrassing the festival to death. He had come all this distance for an orgy of masochism. He wanted to be treated like a cockroach (Vonnegut, 1975, p. 225).

Percebe-se com esse trecho uma relação com o que discutimos a respeito do fim das metanarrativas, dos discursos com valor de verdade, e arte seria um desses discursos. Nota-se que a arte não oferece mais respostas para a humanidade, Kilgore a todo momento busca uma resposta e uma beleza na arte, mas não encontra, pois agora isso não é mais possível. Dessa forma, ele quer mostrar essa realidade para todos os espectadores daquela palestra.

Nota-se que não há, em toda a trajetória de Trout, transformações positivas. Ele carrega todo um negativismo em si, o que é perceptível em todos os seus comentários, o que afeta as pessoas em sua volta, fazendo-as se distanciar ou se irritar com ele. Kilgore quer ser o mais ridículo naquele ambiente, porém nem mesmo isso ele consegue. Percebemos então que Trout se configura como uma máquina fracassada e acomodada, a todo momento ele incomoda com os rumos que o mundo à sua volta está tomando, mas nada faz para transformar esse ambiente, e quando ele resolve fazer algo, que é quando ele segue o rumo da medicina para estudar doenças mentais, já é tarde demais e ninguém lhe dá ouvidos.

3.2 DWAYNE HOOVER

Outra figura que, assim como Kilgore Trout, se caracteriza como protagonista na narrativa em questão é Dwayne Hoover, um empresário, vendedor de automóveis que começa a apresentar indícios de esquizofrenia: “A insanidade incipiente de Dwayne era, em sua maior parte, uma questão química, é claro. O corpo de Dwayne Hoover estava produzindo certas substâncias que desequilibravam sua mente”⁶⁵ (Vonnegut, 2019, p. 29).

O empresário reflete, nitidamente, a vida exagerada dos americanos, bem como o sujeito capitalista. Hoover “[...] estava fabulosamente bem de vida”⁶⁶ (Vonnegut, 2019, p. 28), ele, além de ser dono da concessionária de *Pontiacs*, era proprietário ou sócio de vários outros estabelecimentos na cidade. Entretanto, Hoover não compartilha seus bens com ninguém, muito menos com aqueles que nada têm, e a sociedade que ele está inserido, cheia de ganância e excessos, também não o obriga nem o lembra de fazer isso: “O país de

65 “Dwayne’s incipient insanity was mainly a matter of chemicals, of course. Dwayne Hoover’s body was manufacturing certain chemicals which unbalanced his mind” (Vonnegut, 1975, p. 13-14).

66 “[...] was fabulously well-to-do” (Vonnegut, 1975, p.13).

Dwayne Hoover e Kilgore Trout, onde ainda havia uma abundância de tudo, se opunha ao comunismo. [...] Alguns americanos eram fabulosamente bem de vida. Outros não conseguiam pôr as mãos em bulhufas”⁶⁷ (Vonnegut, 2019, p. 28).

Dwayne é um símbolo claro do capitalismo; pois, quanto mais riqueza ele possui, mais obtenção de lucro ele busca. Isso fica evidente pela quantidade de bens que ele possui. Dwayne mantém um relacionamento com sua secretária Francine Pefero, a pessoa mais próxima de Dwayne e a mais leal. Mesmo o empresário tratado Francine de forma agressiva, inúmeras vezes, o que poderia ser sintomas da sua doença mental, ela continuava declarando seu amor.

Para Francine e para o restante da população da cidade de Midland, Hoover levava uma vida normal, pois não apresentava nenhum sinal de descontrole, afinal de contas ele era um dos empresários mais ricos da cidade. Porém, a cada dia a doença ia tomando conta do empresário e os sintomas ficando mais visíveis: “[...] Dwayne ia ficando mais louco a cada dia. [...] Manteve em segredo. Mas as substâncias químicas erradas na sua cabeça estavam de saco cheio de segredos, já não ficavam mais satisfeitas em apenas fazê-lo sentir-se estranho ou enxergar as coisas estapafúrdias”⁶⁸ (Vonnegut, 2019, p. 62).

Nota-se que, há algum tempo, Dwayne já vinha apresentando inúmeros indícios de esquizofrenia, o que ia piorando ao longo dos dias, tanto que ele percebe que algo errado está acontecendo, porém decide manter em sigilo. Desde a antiguidade, percebe-se que há um grande estigma em relação às doenças mentais em todas as suas formas. Em virtude disso, muitas pessoas acabam guardando pra si os sintomas por medo do julgamento da sociedade. E é justamente isso que ocorre no romance, Dwayne tenta guardar para si o estado de sua saúde mental até não aguentar mais.

O empresário começa então a apresentar uma série de sinais de que não está bem. Entretanto, as pessoas em sua volta não percebem, acreditam que a alegria repentina e o cantarolar de Dwayne sejam pelo motivo de ele ser dono de grande parte da cidade. Subentende-se com

67 Dwayne Hoover’s and Kilgore Trout’s country, where there was still plenty of everything, was opposed to Communism. [...] Everybody in America was supposed to grab whatever he could and hold onto it. Some Americans were very good at grabbing and holding, were fabulously well-to-do. Others couldn’t get their hands on doodley-squat (Vonnegut, 1975, p. 13).

68 Dwayne was meanwhile getting crazier all the time. [...] He maintained secrecy. And the bad chemicals in his head were fed up with secrecy. They were no longer content with making him feel and see queer things (Vonnegut, 1975, p. 39).

isso que, para a população daquela cidade, o empresário, por ser rico, não pudesse se sentir mal. Sendo assim, aos olhos das pessoas que circulam na vida de Dwayne, ele não estaria feliz e cantando porque estaria doente, mas sim porque ele é rico.

Nitidamente, Dwayne estava apresentando fortes indícios de sua doença, mas ninguém percebe; a única pessoa que chega a sentir que algo está diferente no empresário é o seu velho companheiro Harry LeSabre. Por Dwayne ser considerado um bom patrão e cheio de “charme”, seria extremamente estranha a forma com que passa a tratar Harry: “Dwayne tinha escolhido justamente ele para despejar suas ofensas e insultos assombrosos naquele dia. Para todas as outras pessoas, Dwayne seguia simplesmente sendo um cara com muito charme”⁶⁹ (Vonnegut, 2019, p. 68). Assim, Harry fica chocado com essa aspereza de Dwayne em relação a ele, e acaba levando para o lado pessoal, sendo que esse comportamento agressivo de Dwayne já seria um pedido de socorro e um prenúncio do que ele chega a fazer no final do romance.

Harry, antes do ataque verbal que sofre, em uma conversa rotineira com Dwayne, fala que deveria ter adotado uma criança e isso deixa o empresário enfurecido:

– Talvez a gente devesse ter adotado uma criança – disse Harry –, mas agora é tarde demais. E a patroa e eu... a gente se dá muito bem só nós dois. Para que a gente precisa de uma criança? Logo depois que Harry mencionou a adoção, Dwayne estourou. Ele próprio havia sido adotado⁷⁰ (Vonnegut, 2019, p. 71).

Com isso, podemos perceber que a adoção não é algo que deixa Dwayne à vontade. Isso ocorre porque ele teria sido adotado por um casal que se mudou para Midland, após passar os seus três primeiros anos em um orfanato. Sua mãe biológica, uma poetiza, acabara morrendo ao dar à luz; já seu pai, um tipógrafo, acabou sumindo, abandonando a mãe de Dwayne antes de ela ter o filho. Outro aspecto

69 “Dwayne had singled him out for astonishing insults and abuse that day. Everybody else still found Dwayne nothing but charming” (Vonnegut, 1975, p. 43).

70 “Maybe we should have adopted one” said Harry, “but it’s too late now. And the old lady and me – we have a good time just horsing around with ourselves. What do we need a kid for?” It was after the mention of adoption that Dwayne blew up. He himself had been adopted (Vonnegut, 1975, p. 45).

que vale ser mencionado em relação à família de Dwayne é que ele tinha dois meios-irmãos mais novos, os gêmeos Lyle e Kyle Hoover, eles eram filhos dos seus pais adotivos:

Eis como Dwayne acabou tendo meios-irmãos, a propósito, muito embora tivesse sido adotado por pessoas que não podiam gerar seus próprios filhos. O fato de tê-lo adotado ativou alguma coisa em seus corpos que possibilitou que eles tivessem filhos, no fim das contas. Era um fenômeno comum. Muitos casais pareciam ser programados dessa maneira⁷¹ (Vonnegut, 2019, p. 159).

Possivelmente, o fato de Dwayne ganhar dois irmãos após sua adoção interfere em como ele se sente em relação a pertencer ou não àquela família, como se sentisse menos filhos do que seus irmãos Lyle e Kyle. Percebe-se com isso que Dwayne, desde muito novo, sofre com questões familiares que interferem diretamente no seu psicológico, e possivelmente agregam para o declínio de saúde mental.

Além disso, sua esposa, Celia Hoover, cometera suicídio, esse fato é algo que Dwayne não consegue superar. Soma-se a tudo isso o fato de seu filho, Bunny, ser homossexual, o que não agrada Dwayne. Possivelmente, tudo o que apontamos afeta gravemente a doença do empresário. O julgamento da sociedade frente ao suicídio e à homossexualidade, por carregarem estigmas sociais enormes à época, acaba agravando o estresse do empresário. Dessa forma, subtende-se que há muito tempo Dwayne sofre com problemas psicológicos; porém, ninguém percebe, mesmo com tantas pessoas acometidas por algum problema de saúde mental, como a esposa de Dwayne, ou a esposa de Vernon⁷², que era esquizofrênica, todos ignoram as doenças mentais.

71 “Here is show Dwayne happened to have stepbrothers, incidentally, even though he had been adopted by people who couldn’t have children of their own. Their adopting him triggered something to their bodies which made it possible for then to have children after all. This was a common phenomenon. A lot of couples seemed to be programmed that way” (Vonnegut, 1975, p. 115).

72 Vernon era um dos funcionários que, assim como Harry LeSabre, trabalhava há muitos anos com Dwayne. Sua esposa era esquizofrênica e ele está tão envolvido com a doença que não consegue perceber os indícios de Dwayne.

O suicídio acomete vários personagens dentro do romance e Dwayne luta constantemente contra isso. Em um dos seus ataques, ele acaba pensando em atentar contra a própria vida: “as substancias químicas erradas de Dwayne o fizeram pegar um revólver calibre 38 carregado, que ele guardava debaixo do seu travesseiro, e enfiar na própria boca”⁷³ (Vonnegut, 2019, p. 76-78).

Nota-se como o trecho que novamente há um distanciamento em relação as coisas pesadas vividas pela personagem, como já discutido anteriormente. No trecho, ao invés de falar em morte e até mesmo em suicídio, se fala substâncias químicas, o que, de certa forma, ameniza o peso da situação. Ainda em relação a esse primeiro ataque de Dwayne, em que quase comete suicídio, logo após esse momento, o empresário resolve sair da sua casa. A casa do personagem era afastada de todas as outras casas e entre várias árvores o que a deixava escondida na rua. Esse aspecto poderia ser remetido ao fato de Dwayne querer mascarar sua doença, pois a casa era simbolicamente afastada da cidade, ninguém podia ouvir o que se passava ali. Ao sair, em seu surto, o personagem para em um de seus terrenos:

Dwayne ficou sentado no Plymouth Fury estacionado no seu próprio terreno vazio por uma hora, escutando a programação da Virgínia Ocidental. Ouviu falar sobre planos de saúde que custavam centavos por dia, sobre como melhorar o desempenho do carro. Ouviu falar sobre o que fazer para curar a constipação. Ouviu o anúncio de uma Bíblia que tinha impresso em letras vermelhas e garrafais tudo o que Deus ou Jesus havia dito em voz alta. Ouviu o anúncio sobre uma planta capaz de capturar e comer insetos transmissores de doenças em sua casa⁷⁴ (Vonnegut, 2019, p. 92).

73 Dwayne’s bad chemicals made him take a loaded thirty-eight caliber revolver from under his pillow and stick it in his mouth (Vonnegut, 1975, p. 49-51).

74 Dwayne Hoover sat in the used Plymouth Fury in his own vacant lot for an hour, listening to West Virginia. He was told about health insurance for pennies a day, about how to get better performance from his car. He was told what to do about constipation. He was offered a Bible which had everything that God or Jesus had actually said out loud printed in red capital letters. He was offered a plant which would attract and eat disease-carrying insects in his home (Vonnegut, 1975, p. 62).

Ao parar por um determinado tempo em um de seus terrenos, Dwayne evidencia mais uma vez sua condição financeira. Ali ele pode esfriar a cabeça, pois serve como um refúgio, mais um lugar que pertence a ele, vazio, sem ninguém, para mais uma vez ele esconder seus sintomas. Outro aspecto que chama atenção nessa passagem é a quantidade de anúncios, o que de certa forma acalma Dwayne, e é com esses anúncios que Dwayne acaba voltando, mesmo que por pouco tempo, para sua sanidade, é como se eles servissem como controle para o empresário, o que reflete no sujeito como máquina, esses anúncios acabam controlando Dwayne, que como uma máquina armazena tudo em sua memória.

Não encontrando respostas nas pessoas próximas a ele, nem querendo ir a médicos, Dwayne decide ir ao festival de artes conversar sobre a vida com os artistas a fim de obter alguma reposta para o que está sentindo. Ao chegar no Holiday Inn, ele se encontra com Kilgore e, em mais um impulso resultado do seu declínio mental, ele acaba lendo o livro do autor, e é ali que Dwayne encontra as respostas que estava procurando:

“Você está cercado por máquinas de amar, máquinas de odiar, máquinas de cobiçar, máquinas altruístas, máquinas corajosas, máquinas covardes, máquinas verdadeiras, máquinas mentirosas, máquinas divertidas, máquinas solenes”, ele leu. “O único propósito destas máquinas é o de estimulá-lo de todas as maneiras concebíveis, para que o Criador do Universo possa observar suas reações. Elas possuem a mesma capacidade de sentir ou raciocinar que um relógio de pêndulo” (Vonnegut, 2019, p. 340)⁷⁵ (aspas no original).

Ao ler páginas como essa, Dwayne, tomando aquela ficção como realidade, acaba acreditando que todas as pessoas a sua volta são máquinas. Dessa forma, Dwayne acredita, também, que todas aquelas questões como o suicídio da esposa e a sexualidade do filho podem ser encaradas de frente, e por serem máquinas não é válido o

75 “You are surrounded by loving machines, hating machines, greedy machines, unselfish machines, brave machines, cowardly machines, truthful machines, lying machines, funny machines, solemn machines,” he read. “Their only purpose is to stir you up in every conceivable way, so the Creator of the Universe can watch your reactions. They can no more feel or reason than grandfather clocks” (Vonnegut, 1975, p. 254).

seu sofrimento. Sendo assim, ele não precisa aceitar situações que ele não aprova. Então Dwayne decide acabar com esses “problemas” que o deixam nesse estado atacando as pessoas a sua volta.

Percebe-se que as ideias contidas no livro de Kilgore intensificam ainda mais a doença de Dwayne. Mas não apenas o livro, subtende-se que o desequilíbrio do empresário se deve também pelas ideias impostas pela sociedade, ou seja, as más ideias impregnadas na sociedade intensificam esse estágio da loucura, sendo assim, a sociedade tem uma parcela de culpa nisso tudo e Vonnegut foca nesse aspecto.

Após o ataque de fúria, e depois de ser levado para o hospital, por um momento a consciência de Dwayne retoma e ele fala que irá abrir novos estabelecimentos. Ao planejar novas maneiras de ganhar dinheiro, a atitude do personagem reflete mais uma vez como o capitalismo e o dinheiro mexem com o ser humano. Mesmo debilitado, o único objetivo de Dwayne é cada vez obter mais lucro. Porém, Dwayne acaba não abrindo mais nada. Na verdade, após seu ataque, as pessoas envolvidas o processam e o empresário perde todos os seus bens.

Diante do exposto, nota-se que Dwayne Hoover se caracteriza como um sujeito pós-moderno principalmente pelo estilo de vida que leva, que tem o capitalismo como um bem maior, e por tudo que isso acarreta pra si. Extremamente rico, Dwayne vai contra a tudo que deveria ser um sujeito bem de vida, como é mencionado no início do romance. Pelo contrário, o personagem é envolto em um cenário cheio de informações, de anúncios, porém ele não consegue seguir totalmente feliz nesse mundo acelerado. Dwayne acaba sendo escravo dessa vida corrida, e quando se dá conta acaba sendo tarde demais.

Destarte, a personagem não tem um aprofundamento em suas relações, não tem um bom relacionamento nem mesmo com sua amante, o que se caracteriza o esmaecimento dos afetos discutido por Jameson (2006). As relações perdem a profundidade, e esse sujeito não liga mais em sentir esses aspectos.

4. CONCLUSÃO

Este trabalho concentrou-se em tecer uma análise crítica do romance *Café da manhã dos campeões* (1973), do autor norte-americano Kurt Vonnegut, a fim de compreender como o sujeito

pós-moderno é representado na obra em questão a partir de suas personagens principais Kilgore Trout e Dwayne Hoover.

Com a análise desse romance foi possível perceber que Kurt Vonnegut, através da história de Kilgore Trout e Dwayne Hoover, discute diferentes temas como doenças mentais, consumismo, desigualdade social, racismo, entre tantos outros que são de extrema importância para discussão. Além disso, Vonnegut, a partir de uma linguagem cheia de metáforas, faz uma crítica sagaz, de forma mais específica, a sociedade americana, o que fica evidente na obra através do fato, entre outros tantos, de as pessoas não se atentarem à doença de Dwayne pelo simples fato de ele ser rico.

Em suma, pudemos perceber, com a leitura da obra, que esta utiliza inúmeros elementos que a caracterizam como uma narrativa pós-moderna. Um desses elementos é a representação do sujeito pós-moderno no romance. Esse sujeito se caracteriza por estar inserido em um contexto de constantes transformações; sendo assim, o modo de pensar e de viver desse sujeito também são afetados. Dessa forma, essa figura carrega algumas características específicas como a fragmentação, a solidão, o pessimismo. E são justamente essas características que pudemos observar nos personagens principais, Kilgore Trout, um sujeito envolto em melancolia e pessimismo; e Dwayne Hoover, um empresário extremamente rico, mas solitário que carrega consigo alguns traumas como o suicídio da esposa, o que desencadeia a sua enfermidade.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BERNARDO, Gustavo. **O livro da metaficção**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

BRANDÃO, G. V. **Literatura e pós-modernidade: «produtos» do capitalismo no romance Extensão do Domínio da Luta**, de Michel Houellebecq. 2008. 164 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) -Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

COMPAGNON, A. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 17^a ed. São Paulo: Loyola, 2008.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2^a ed. São Paulo: Ática, 2006.

JAMESON, F. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, E. Ann. **O mal-estar no pós-modernismo: teorias, práticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 25-44.

LYOTARD, J.F. **A condição pós-moderna**. 12a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

LYOTARD, J. F. Note on the meaning of 'Post-'. In: LUCY, N. (ed.). **Postmodern literary theory: an anthology**. Oxford: Blackwell, 2000. p. 409-412.

NAZÁRIO, L. Quadro histórico do pós-modernismo. In: GUINSBURG, J.; BARBOSA, A. M. (org.). **Opós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 23-70.

SANTOS, J. F. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

VONNEGUT, K. **Breakfast of champions**. 1ª ed. New York: Dell, 1975.

VONNEGUT, K. **Café da manhã dos campeões**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

ENTRE A SUTILEZA DO ERÓTICO E A PERFORMANCE DOS COSTUMES: A AMBIGUIDADE PRESENTE NA FIGURA DE CONCEIÇÃO EM “MISSA DO GALO” DE MACHADO DE ASSIS

Clara Morghana Pereira da Silva (UERN)

morghanapereira4@gmail.com

Francisco Alisson Fernandes (UERN)

f.alisson.fernandes.19.05.1998@gmail.com

Thales Moises Alves de Souza (UERN)

alves22moises@gmail.com

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um dos maiores representantes da prosa realista no Brasil sem dúvida foi Machado de Assis. Nos seus registros literários, o escritor ousou fazer contribuições que marcariam toda uma geração de escritores em seu próprio tempo, embora seja perceptível uma atemporalidade das discussões propostas por seus escritos. Bosi (2007) afirmava que essa capacidade machadiana de penetrar culturas, línguas e tempos diversos deve-se a impressão de universalidade em suas produções, ou seja, os valores, ideologias e reflexões passados pelo crivo do olhar machadiano são capazes de extrapolar qualquer espaço ou tempo e se incorporar às percepções mais atuais possíveis.

Esse caráter universal da bibliografia de Machado de Assis está associado ao objeto principal inscrito direta ou indiretamente nessas obras: o comportamento humano. Segundo Bosi (2007), essa noção machadiana de universalidade está incutida nas palavras, discursos, pensamentos e, principalmente, no silêncio das personagens presentes nas narrativas do realista carioca.

No entanto, é importante destacar que, como afirma Cândido (1972), a personagem é um ser fictício, uma criação da fantasia, que ganha uma impressão de verdade existencial através da verossimilhança. A personagem é complexa e múltipla – até mesmo universal como narrativamente propõe Machado de Assis – porque se pode alinhar certos elementos de caracterização limitados na composição geral e criar uma existência, um modo de ser na narrativa.

Nesse sentido, o estudo proposto tem como objetivo analisar a constituição da personagem Conceição, identificando e descrevendo

em seus comportamentos, narrados por Nogueira, uma certa ambiguidade constituída entre as sutilezas do erotismo e as limitações que os papéis sociais, as expectativas temporais, além dos estereótipos relegados geram ao gênero feminino.

É através da interação dos personagens com o enredo que as tramas da narrativa são construídas. Esses “modos de ser” expressam em palavras e em ações as malhas de uma história muito maior; uma história secreta. Piglia (2004, p. 90) é categórico ao afirmar: “um relato visível esconde um relato secreto, narrado de modo elíptico e fragmentário”. Quer dizer, “os pontos de interseção” entre os ditos e não-ditos, os anúncios e os silêncios, as ações praticadas ou as não-concretizadas “são o fundamento da construção”.

Se tem algo que trabalha avidamente com os não-ditos e os acontecimentos ao mesmo tempo sucedidos e não sucedidos é o erotismo. Bataille (1987, p. 20) define o erótico como “um dos aspectos da vida interior do homem. [...] O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente no ponto em que ele põe a vida interior em questão”. Já que o desejo do homem responde a uma dinâmica interior desconhecida, inconsciente, o objeto de desejo. A escolha desse objeto é inteiramente complexa, pois ela responde a essa interioridade desse próprio desejo. Percebemos então no erotismo uma certa ambiguidade, um mistério, um desconhecimento típico do ser.

Em *O Discurso pornográfico* Maingueneau (2010, p. 36) frisa que “[...] as passagens eróticas fazem os véus se proliferarem, no sentido próprio e figurado [...]”. No mesmo trabalho, Maingueneau (2010) preconiza que o erótico é melhor aceito socialmente, é compatível com os valores de uma determinada sociedade dentro de certos limites. Podemos inferir que existe uma certa relação entre a sedução e a moralidade, entre a descarga das pulsões inconscientes e sexuais e as limitações e repressões impostas por uma comunidade.

Esse dilema parece ser algo bem latente para Conceição, personagem do conto “Missa do Galo” escrito em 1893 por Machado de Assis. O conto, narrado em primeira pessoa por Nogueira, conta um episódio que sucedeu quando ele era um rapaz de 17 anos. Nessa idade, ele precisou ir para o Rio de Janeiro em decorrência dos estudos e hospedou-se na casa do escrivão Meneses. O escrivão é casado com Conceição, uma mulher de perfil moderado, sem extremos, recatada e submissa. O conto se desenvolve na véspera do Natal, numa dessas noites em que o escrivão sai de casa e Nogueira fica na sala de estar aguardando para ir à Missa do Galo. Nesse momento, uma série de insinuações, de gestos e comportamentos ambíguos serão narrados por Nogueira frente ao seu encontro com Conceição nessa sala.

Metodologicamente, esta pesquisa se faz de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, com método dedutivo e interpretativista para se chegar aos resultados propostos por nossos objetivos. Como já estamos dialogando, nossa constituição teórica aborda as características dos escritos de Machado de Assis, bem como a constituição da personagem em narrativas, mediante as peculiaridades dos autores desses enredos e, por conseguinte, situamos alguns pontos voltados à elucidação do erotismo. Sendo assim, nos filiamos teoricamente em Bosi (2007), Candido (1972), D’Incao (2004), Maingueneau (2010) e Piglia (2004), dentre outros aportes teóricos essenciais ao prosseguimento da presente pesquisa.

Na próxima seção, apresentamos nossa análise. Optamos por fazer a exposição de alguns excertos do conto supracitado, a fim de que se tenha uma compreensão mais acessível da temática por nós definida.

2. ENTRE A SUTILEZA DO ERÓTICO E A PERFORMANCE DOS COSTUMES: A AMBIGUIDADE PRESENTE NA FIGURA DE CONCEIÇÃO EM “MISSA DO GALO”, DE MACHADO DE ASSIS

A personagem que destacamos do conto é Conceição, segunda esposa de Meneses como apontado pelo narrador. Inicialmente, algumas informações acerca dos integrantes da família e da situação da personagem são apresentadas; vejamos como isso é repassado para o leitor através do trecho destacado:

A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra duas escravas. Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa [...] Mais tarde é que eu soube que [...] Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido [...] (ASSIS, 2004, p. 01).

Podemos perceber no trecho acima que Conceição tem conhecimento sobre a traição do marido, mas aceita o fato totalmente resignada, afinal “era muito direito” (ASSIS, 2004, p. 01). No

fragmento seguinte, o narrador demonstra que existe uma razão para que Conceição aceite passivamente o caso e ela se refere ao lugar ocupado por essa mulher dentro da configuração familiar:

Chamavam-lhe “a santa”, e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas (ASSIS, 2004, p. 01).

No trecho apresentado, o narrador escancara uma realidade social que impõe um lugar de existência para a mulher, marcado pelo peso dos costumes, pela tradição e, principalmente, pela necessidade de manter o ambiente doméstico livre de qualquer escândalo malicioso. O contexto histórico da época parece influenciar nessa performance de gênero, pois, segundo D’Incao (2004, p. 187), “durante o século XIX, a sociedade brasileira sofreu uma série de transformações: a consolidação do capitalismo, [...] uma vida urbana que oferecia novas alternativas de convivência social” e a estruturação de uma outra dinâmica familiar e doméstica marcada pela mentalidade burguesa.

Essas mudanças impactam diretamente na representação feminina do século XIX. Nas relações familiares, o lugar definido para as mulheres é marcado, nas palavras de D’Incao (2004, p. 187), pela “valorização da intimidade e da maternidade”, pela necessidade de ser uma “esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo”. Essa nova mulher, fruto do ideário da elite aristocrata e patriarcal, é definida por um “ideal de retidão e probidade”; ela é “um tesouro social imprescindível”. Obviamente, a passividade era um bônus nesse cenário, uma característica esperada e ansiada na mulher.

A conduta de uma mulher casada sob os moldes dessa nova configuração familiar, era extremamente importante para manter as máscaras sociais intactas dentro do jogo de interesses burguês. Sobre isso, D’Incao (2004, p. 191) aponta que “os homens eram dependentes da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio”, então é por esse e por outros tantos motivos que Conceição aceita o envolvimento do marido com outra mulher, afinal, de agora em diante ela era a responsável por resguardar a imagem de Meneses e da sua própria família, evitando que qualquer coisa pudesse pôr em “xeque” a moralidade do ambiente.

Dando continuidade à sua narrativa memorialista, Nogueira recorda que estava sentado na sala com um livro nas mãos totalmente envolvido com a leitura, quando surge a figura de Conceição na porta. A mulher veste um roupão branco que contrasta com sua magreza e seu ar romântico; é assim que ele a descreve, pelo menos até o presente momento. Conceição senta defronte dele e nesse instante os dois iniciam uma aproximação deveras conflituosa. Vejamos o trecho a seguir:

Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio-cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos beiços, para umedecê-los. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos (ASSIS, 2004, p. 02).

No fragmento destacado, os comportamentos de Conceição demonstram que existia uma vontade de estar ali naquele momento ou talvez um desejo que ansiava por libertação. Lábios umedecidos, cabeça reclinada, olhos grandes e espertos, queixo apoiado nas mãos para posicionar-se mais confortavelmente, enfim, tudo parece evidenciar a instalação de uma atmosfera íntima e sedutora entre eles. Vejamos a continuação dessas insinuações corporais no seguinte fragmento: “Pouco a pouco, tinha-se reclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas. Não estando abotoadas as mangas, caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros, e menos magros do que se poderiam supor” (ASSIS, 2004, p. 03).

Dessa vez as mangas do vestido caem naturalmente, quase sem intensão, desnudando os braços não tão magros e muito claros, tanto que Nogueira não pode evitar reparar nas veias que se destacavam na brancura. Bastos (2008) afirma que a representação erótica da figura feminina nas narrativas machadianas obedece a uma lógica de particularização do corpo, por isso, a ênfase nos olhos, nos cabelos, nos braços etc.

Dessa forma, segundo Bastos (2008, p. 48), podemos perceber que o ato erótico é necessariamente pormenorizado, esquivo, e sua representação narrativa “deve atentar para essa precariedade

essencial”. Isso quer dizer que o ato erótico nunca é concretizado, pois “se a existência humana, como um todo, está marcada pela irrealização, essa marca será também aplicada ao erotismo”.

De fato, além da fragmentação do corpo dessa mulher na narrativa, que por si só demonstra uma certa impossibilidade de desfrutar totalmente dos prazeres, desejos e toques, a própria narrativa parece contentar-se com isso. Conceição interrompe os gestos e aproximações com Nogueira o tempo todo, seja num pedido sussurrado para baixar a voz, seja num medo motivado pelo sono leve de sua mãe ou na súbita mudança de lugar e de atitude. A dinâmica dos amantes é essencialmente inacabada. Battaile (1987, p. 15) afirma que o erotismo dos corações, que acreditamos ser o caso de Nogueira e Conceição, se separa da materialidade dos corpos, embora dele seja procedente, e não passa frequentemente de afeição entre os amantes. Ele é enfático ao pronunciar que: “[...] a paixão dos amantes prolonga no campo da simpatia moral a fusão dos corpos entre si”.

Essa incompletude atestada relaciona-se também com essa “simpatia moral”, com a constante vigilância dos outros, a própria mãe no caso, e dela mesma em relação às suas atitudes. Matos (2016) sustenta que no universo de erotismo e sedução construído por Machado não há espaço para a manifestação das paixões desenfreadas e que as personagens não são levadas pelo acaso, pois afinal existe toda uma racionalização de interesses frente às atitudes sedutoras. Ora, faz todo sentido essa racionalização de interesses e imposição de limites se levarmos em consideração o cenário: uma mulher casada encontra-se sozinha com um homem num aposento mal iluminado, ou seja, na pior das hipóteses, sua moral seria severamente questionada, pois, afinal, o lugar que ocupa não é o do desejo.

Segundo D’Incao (2004), durante o século XIX, aconteceu um processo de privatização e intimidade das famílias de elite do país; haviam limites muito claros entre o público e o privado e, também, entre as classes sociais. Essa ideia de intimidade e privatização atingia toda a família, em especial, a mulher que era nesse período submetida a avaliação e julgamentos. Elas poderiam frequentar as reuniões, bailes e festas sociais, no entanto, o pai, o marido e outras pessoas vigiavam seus passos.

A mulher de elite era considerada a base moral da sociedade, portanto, esperava-se que soubesse adotar regras castas, vigiar a castidade das filhas e cuidar do comportamento de todos. Importante frisar que nessa época a virgindade feminina era fundamental. Mesmo que ao longo do século XIX as amarras sociais quanto ao comportamento feminino tivessem sido afrouxadas, a vigilância ainda imperava, mas sob outros moldes: a autovigilância (D’INCAO, 2004).

Mesmo restringida pelos olhares, comentários ou represálias alheias, Conceição continua as investidas para cima de Nogueira e, assim, uma atmosfera de repressão e transgressão instaura-se. Ela chega perto dele para ouvir melhor; seus pés ficam momentaneamente descobertos, embora a roupa que usa trate de cobri-los; os joelhos escondem-se na cruzada de pernas e, enfim, a necessidade de manter sempre a chama da conversa acesa.

Battaile (1987, p. 15) coloca que esse erotismo ligado a dinâmica dos amantes é “sensível na angústia, na medida em que ela é inacessível, na medida em que ela é busca na impotência e na agitação”. A felicidade dos amantes é “tranquila”, onde o sentimento de segurança predomina”, pois ao mesmo tempo que o momento é só deles, Conceição o interrompe com os pedidos de silêncio para que não fossem descobertos por outros. Eles tomam uma certa distância segura para se contemplarem e interagir de forma mais livre e para não acabarem sendo pegos. Essa inacessibilidade é a segurança ao qual Battaile (1987) se refere.

Ainda recorrendo a Bastos (2008, p. 50), ele preconiza, justamente, que “o poder de sedução do corpo feminino encontra-se, então, não na totalidade, mas em umas tantas partes que respondem [...] pelas outras partes vizinhas e pela própria mulher”. Tudo está em consonância com o período histórico vivenciado, até mesmo o vestuário “que não permitia a livre contemplação do todo-corpo-da-mulher”, por uma questão de decoro. Matos (2016, p. 33) pontua que na personagem é possível “entrever a sensualidade nos breves momentos de erupção erótica, [...] porém, freados pelos tabus convencionais cuja justificativa se concentra subjugada na moral humana”.

A seguir, Nogueira percebe que Conceição olhava alguns quadros na parede. Vejamos, no trecho a seguir, as indagações dela sobre isso:

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi Chiquinho para comprar outros. Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negócio deste homem. Um representava “Cleópatra”; não me recorde o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios. [...] — Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rapaz ou de barbeiro (ASSIS, 2004, p. 04).

Percebemos nesse trecho uma ironia cortante do narrador, quando este afirma que as imagens falavam do principal negócio do escrivão: as mulheres. Não aquelas comuns, mas as vulgares, as bonitas e, principalmente, as outras. Del Priore (2006) expõe que durante o século XIX, os homens contavam com a impunidade para atos adúlteros, enquanto a fidelidade conjugal era sempre tarefa feminina. O fato de Conceição interromper e repreender às aproximações eróticas com Nogueira demonstram essa obrigatoriedade.

Outra questão, como aponta Del Priore (2006), era a dupla moralidade que pesava em cima das mulheres de todas as classes e definiam seus destinos. Nesse sentido, existia uma notável diferença entre mulheres de família, estas que eram para namorar, noivar e casar, e as “outras”, que eram geralmente negras e mulheres brancas que não correspondiam aos códigos sociais e morais da época, ou seja, mulheres divorciadas ou separadas. Além disso, uma mulher considerada bonita era lida como “perdida” naquela época.

A cena dos quadros é, também, representativa dessas diferenciações. Meneses expõe em sua própria casa os atributos das mulheres na qual desafoga os prazeres, estas que, de acordo com Nogueira, são vulgares. Não satisfeito com isso, ele ainda mantém um relacionamento extraconjugal com “uma senhora separada do marido”, considerada naquela época uma figura feminina fora dos parâmetros morais de feminilidade. Já sua esposa Conceição não era uma mulher jovem, além disso, como pontua o narrador, tinha o rosto mediano, nem bonito, nem feio. Assim, percebemos que o contraste entre “mulheres para casar e mulheres para se divertir” sempre foi um efetivo mecanismo de controle que minava a subjetividade feminina e limitava os papéis que poderia exercer socialmente.

A forma que Conceição se refere a essas mulheres é simbólica e demarca a diferença entre os lugares destinados ao feminino. Os quadros estão manchados e isso não passa despercebido por seus olhos, outrossim, ela deseja substituir as imagens de “mulheres vulgares” por duas santas, aliás, esse é o espaço que lhe está reservado dentro da configuração familiar e social: virgindade, castidade e, se puder, santidade. Como aponta Del Priore (2006, p. 185), “o culto da pureza que idealizava as mulheres” é condicionado por “um sistema de ritos” que “codificava a vida feminina e dissimulava o corpo da mulher”, ou seja, a “tradição religiosa acentuava a divisão de papéis”. Para a Igreja, o marido tinha necessidades sexuais e a mulher se submetia ao papel de reprodutora. Ideais eram casais que se inspirassem em Maria e José, vivendo na maior castidade.

Para reafirmar essa ideia de mulher abnegada e devota, Nogueira traz à tona alguns fatos sobre Conceição como, por exemplo,

suas devoções de menina e moça, além de caracterizá-la, no início, como “santa”. A conversa entre os dois se encerra, inclusive, pelo anúncio da missa do galo; a intimidade entre os dois, a proximidade dos corpos e as confissões camufladas e soterradas pelo peso dos costumes são interrompidas, e não por qualquer coisa, mas sim pelo prenúncio da missa, pela celebração religiosa, ou seja, a igreja é o que tanto os reprimem também, principalmente, a Conceição. No outro dia, ela volta ao “normal”: benigna e passiva.

No final do conto, Meneses morreu de apoplexia e Conceição se casa com o escrevente juramentado do marido. Entendemos, então, que casamentos significavam proteção e *status* para a mulher daquela época, pois, segundo os apontamentos de Del Priore (2006), elas estavam subordinadas aos interesses pessoais dos familiares, tinham acesso limitado a educação e o mercado não era aberto à mão-de-obra feminina. Quer dizer, as mulheres precisavam restringir seus comportamentos e manter uma virgindade intacta para casarem ou, até mesmo, manterem o matrimônio. Essa era praticamente a única forma de “ascensão” feminina nessa época. O último trecho é representativo nesse sentido; Conceição estava apenas repetindo o ciclo, afinal, a mãe também dependia dela nesse contexto.

De uma forma ou de outra, a mulher narrada no conto ou a mulher narrada pelos costumes está submetida aos homens. Conceição não satisfaz o seu possível desejo, não “embriaga-se” deste; ele é somente contemplado e faltoso, pois nem ela mesma se permite ao seu desfrute, muito menos o narrador lhe concede essa permissão. Para Bastos (2008, p. 53), na narrativa machadiana, “o domínio feminino, plantado na dubiedade, é vitória somente enquanto derrota dos homens. Se essas mulheres obtêm alguma vitória, algum tipo de prazer, é na manipulação do outro, na experimentação, não de todo embriagada [...]”.

Aliás, o narrador é um homem. Nesse sentido, é curioso o destaque para os comportamentos conflitantes de Conceição, enquanto Meneses é citado, mas invisibilizado, aparecendo apenas como presença onisciente durante a narrativa. O leitor nem ao menos tem certeza dos fatos, pois os acontecimentos são intermediados pelo narrador, portanto, o julgamento daqueles está limitado pelas considerações deste. Leite (2002) considera que, por narrar um fato que ele mesmo protagoniza, esse narrador-testemunha não consegue saber o que passa na cabeça dos outros personagens, restando apenas as possíveis inferências, hipóteses e coisas que ouviu ou viu sobre o acontecimento.

No entanto, ao mesmo tempo que possa parecer que Nogueira ironiza os comportamentos de Conceição, ou, até mesmo, culpabiliza

essa mulher pela decadência e manutenção da instituição, é fato que a narrativa escancara a realidade feminina e até instala uma certa atmosfera de transgressão – com certos limites bem definidos – desse lugar feminino abnegado e casto.

Matos (2016, p. 34) defende que nas narrativas machadianas “as intrigas envoltas nas paixões, quase sempre, permanecem sem soluções dadas as suas ambiguidades nas quais predominam a ideia de que não há culpados e nem inocentes”. Quem pode culpar a “santa” Conceição pela “opção” de segurar e salvaguardar com unhas e dentes um casamento fadado ao fracasso, mas a única forma de obter um mínimo de humanidade? Quem também pode culpá-la, nesse contexto, de querer transgredir – nem que seja por uma noite – esse lugar através dessa sedução implícita? Obviamente ela precisava sobreviver nas condições que seu próprio tempo lhe oferecia.

Na seção seguinte, tecemos nossas considerações finais, sendo que buscamos situar nossas compreensões finais, enfatizando ainda possíveis contribuições.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho intitulado “Entre a sutileza do erótico e a performance dos costumes: a ambiguidade presente na figura de Conceição em ‘Missa do Galo’ de Machado de Assis” teve como intuito analisar a personagem Conceição, percebendo em sua constituição na narrativa uma pretensa ambiguidade construída entre um erotismo implícito e as limitações impostas pelos papéis sociais destinados ao gênero feminino.

Durante a análise notamos uma certa aceitação do relacionamento extraconjugal de Meneses que parece ser compartilhado por toda família, inclusive pela própria Conceição, esposa dele. No entanto, é perceptível que o comportamento passivo apresentado quanto a esse fato, esteja relacionado com expectativas sociais que recaem sobre as mulheres, principalmente as de classe média. Cabe a elas resguardar a moral da família e assegurar que escândalos dessa natureza não afetem a imagem do marido.

Meneses mantém uma relação fora do casamento com uma mulher divorciada, vista com maus olhos naquela época. Nesse sentido, também percebemos que existia uma certa divisão entre as mulheres apresentadas no decorrer do enredo as quais tinham

características burguesas, demonstrando uma dupla moralidade que suscitava julgamentos. Essa dupla moral que pesava sobre o gênero feminino é percebida no momento em que Conceição contempla os quadros (manchados) das mulheres sensuais e apresenta o desejo de substituí-los por santas. Certas atitudes das mulheres que não fossem associadas às expectativas de gênero, eram logo marginalizadas e categorizadas de forma pejorativa. Dessa forma, se quisessem casar - era uma das únicas maneiras de uma mulher garantir certo prestígio, respeito e ascensão social -, elas precisavam manter a virgindade e o decoro.

Entretanto, quando Nogueira e Conceição encontram-se numa sala mal iluminada durante a noite enquanto todos dormem, instala-se uma atmosfera de erotismo, transgressão e repressão, escondida sob os comportamentos contidos dos dois “amantes”. As veias dos braços alvos de Conceição; o interesse cortante pela continuação da conversa; as aproximações repentinas; os joelhos cruzados; o corpo enuncia algumas de suas intensões, mas a moralidade, os costumes, as tradições as calam, assim como Conceição que sempre reivindica um silêncio em meio as investidas. Parece ser próprio da narrativa machadiana e até mesmo do “Ser” essa interrupção da satisfação, uma certa incompletude prolongada pelo decoro e pela moral.

Destacamos que a presente análise apresenta uma possibilidade de interpretação de um *corpus* polissêmico, dotado de outras opções de leitura e, admitimos também, a impossibilidade de abarcar todos os fatores da narrativa nesse estudo, afinal trata-se de um pequeno recorte. Mesmo assim, acreditamos que a análise pode suscitar outros projetos e interpretações, além de oferecer também uma contribuição histórica acerca das narrativas escritas sobre as mulheres, suas nuances e os papéis assumidos por elas narrativamente e socialmente.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Missa do Galo. *In.*: ASSIS, Machado de. **Contos**: uma antologia - Volume II. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 1-5.

BASTOS, A. O corpo metonímico: erotismo em Machado de Assis. **Metamorfoses**. Revista da Cátedra Jorge de Sena da Faculdade de Letras da UFRJ, v. 8, p. 47-61, 2008.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Porto Alegre: L&Pm, 1987.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

CANDIDO, Antônio. A personagem do Romance. *In.*: CANDIDO, Antônio *et al.* **A personagem de Ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 51-80.

PRIORE, Mary del. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DINCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. *In.*: PRIORE, Mary del. **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 187-201.

MAINGUENEAU, Dominique. **O Discurso Pornográfico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MATOS, Edinaldo Flauzino de. **Índices de erotismo no discurso machadiano**. 2016. 277 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2016.

LEITE, Lígia Chiappini Morais. **O foco narrativo**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2002.

PIGLIA, Ricardo. **Formas Breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DESLOCAMENTOS IDENTITÁRIOS NO ROMANCE *O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS*, DE JOSÉ SARAMAGO

Luzia Regina Alves Regis (UERN)

luzia.reginna@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

Decorridos mais de dez anos da morte de José Saramago, escritor português laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1998, sua obra continua a confrontar o mundo à medida que reflete contatos intensos com a realidade eminentemente instável, cindida, do indivíduo pós-moderno. Esse contexto, no qual está inserida a produção literária de Saramago, é compreendido por muitos teóricos como um novo período histórico, uma mudança de mentalidade política, econômica, religiosa e, conseqüentemente, artística que desponta durante o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em concordância com essa demarcação temporal, Terry Eagleton, no livro *As ilusões da pós-modernidade* (1996), corrobora que a pós-modernidade: “[...] é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação” (Eagleton, 1996, p. 7).

Essa fragmentação das verdades hegemônicas também é refletida nas relações sociais e na vida privada da humanidade. Dessa forma, se a ideia de Estado Moderno ou Estado de Jardinagem, conforme propõe Zygmunt Bauman em *Modernidade e ambivalência* (1999), tencionava ordenar, classificar o mundo e o indivíduo dentro de uma estrutura hierarquizada; a pós-modernidade, por outro lado, esquivava-se de todos os modelos tradicionais, hegemônicos, que atuam na constituição identitária do ser. Tal mudança de perspectiva, deslocou não somente a noção de uma identidade unificada, sólida, – determinada pelos ideários iluministas, mas também pensou a identidade, em linhas amplas, como a ausência de certa plenitude, totalidade, (Stuart Hall, 2006). Nesse mesmo sentido, Homi Bhabha, na obra *O local da cultura* (1998), destaca que no contexto pós-moderno ou antes pós-colonial: “[...] a identidade nunca é uma a

priori, nem um produto acabado.” (Bhabha, 1998, p.85), sendo, por conseguinte, relativamente construída, moldada, de forma plural, através das diferentes formas de interação humana, social.

Pensando, pois, no modo como a realidade pós-moderna se inscreve na escrita saramaguiana, propomos, neste trabalho, que os conflitos identitários que assolam a personagem Ricardo Reis, em *O ano da morte de Ricardo Reis* (1998), estão estritamente associados às angústias e à fragmentação do ser da temporalidade pós-moderna. Tal percepção advém, sobretudo, da sensação de deslocamento que permeia a vida da personagem, isto é, do poeta clássico – “espectador do mundo” – cuja filosofia propagada pela sua condição de heterônimo é a racionalidade, de alguém que parece viver a vida de forma passiva, indiferente aos dilemas humanos e sociais, não por acaso, ao ser interrogado sobre os motivos que o fizeram humanizar um dos clássicos heterônimos de Fernando Pessoa, José Saramago respondera: “[...] a indiferença de Reis em relação aos fatos sociais e políticos, em relação a sociedade dos homens, sempre me irritou, digamos que tentei resolver este conflito no Ano da morte.” (Saramago *apud* Gomes, 1993, p. 128). Desta feita, a personagem (re)desenhada pelas mãos de Saramago, é obrigada a cruzar não somente a fronteira cultural, geográfica e linguística que separa Brasil e Portugal, mas também os limites da própria condição humana que passam a assolar a sua existência “múltipla e fatigada”. Nesse sentido, a personagem, ao retornar a Portugal após 16 anos longe de sua pátria, é lançada em cenários revestidos de tensões históricas, culturais e ideológicas que exigem um novo reposicionamento psíquico e social da sua forma de ser e estar no mundo. Diante disso, buscamos, através do romance em questão, trazer uma leitura sobre alguns aspectos que caracterizam os constantes deslocamentos identitários realizados pelo protagonista Ricardo Reis.

Portanto, ainda que possa assumir diversos contornos ao longo desse estudo, os termos deslocamento ou descentramento aqui referendados, de modo geral, estão relacionados ao conceito cunhado por Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), para caracterizar os conflitos que circundam a identidade humana na pós-modernidade, uma vez que, de acordo com o sociólogo, as sociedades modernas, capitalistas, globalizadas, são perpassadas por rápidas mudanças que, em menor ou maior extensão, têm fragmentado as bases sólidas de localização (nacionalidade, raça, sexualidade, gênero, etc.). Como afirma Hall (2006, p. 9): “Esta perda de um sentido de ‘si’ estável [...] esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma crise de identidade para o indivíduo”, logo, a luz da teoria freudiana, a ausência dessa estrutura simbólica que age

na consciência do indivíduo (aquilo que ele é, o que ele pertence e o que deve fazer), condiciona o homem pós-moderno a aderir múltiplas identidades (coerentes e contraditórias) que deslizam de um espaço a outro, de uma personalidade a outra.

2. LISBOA É UM GRANDE SILÊNCIO QUE RUMOREJA, NADA MAIS

Ricardo Reis reinicia a sua história de vida em um espaço frio e chuvoso, tão cinzento e escorregadio quanto a sua identidade, sua forma de ser e estar no mundo. Esse retorno da personagem à cidade de Lisboa não é apenas um reencontro com a sua pátria, talvez o maior referente estável desse poeta clássico – tecido pelas mãos de Fernando Pessoa, mas um reencontro de si, uma oportunidade de fixar-se em um ambiente social, comum a todos os homens.

A personagem, agora idealizada por Saramago, é apenas um médico solteiro de 48 anos, natural do Porto e recém retornado do Brasil à procura de ocupações na cidade de Lisboa – local onde vivera boa parte de sua vida. O seu regresso motivado inicialmente pela morte de Fernando Pessoa – aquilo que ancorava a sua existência – ressoa na alma da personagem como uma queda abrupta da realidade: “[...] Foi como tivesse caído em si, isto é para dentro de si caindo, uma queda rápida, violenta, E agora, perguntou Ricardo, ou lá quem és, diriam outros.” (Saramago, 1998, p. 42). A morte repentina de seu criador, por conseguinte, demarca não o fim da vida, a quebra de laços físicos, mas uma mudança tanto externa quanto interna, em que todos os valores e as certezas construídas pelo Ricardo Reis – heterônimo, são suspensas por um Ricardo Reis – socializado e angustiado quanto a si e ao seu futuro em um ambiente hostil.

É nesse contexto de orfandade que vários deslocamentos vão sendo construídos na narrativa. Assim, logo de início, Ricardo Reis – monarquista, médico, poeta clássico, português e também brasileiro – revela-nos o constante desconforto que sente em relação às suas identidades “múltiplas”, também “fatigadas”. Diante dessas máscaras identitárias lançadas a personagem em questão, é possível convocar uma reflexão significativa de Zygmunt Bauman (2005, p. 19) em que destaca que o sujeito ao longo de sua vida assume identidades variáveis: “algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas a nossa volta”. Todas essas versões de um “eu” que constituem a identidade humana em determinados espaços de interação, de socialização, mostram-se em conflito na

vida da personagem que não se sente mais plenamente integrada a nenhuma das suas identidades relativamente estáveis do seu passado de heterônimo.

Esse conflito, conforme tem sido constantemente apontado pela crítica, baseia-se, sobretudo, na oposição atribuída ao personagem entre ser e não ser “espectador do mundo”. Consciente dessa última condição, que o colocava em uma situação privilegiada de afastamento do mundo real e do convívio cotidiano, Ricardo Reis – em sua nova forma de ser – vê-se em busca de uma nova significação, uma nova identidade, em uma realidade agora palpável. Contudo, nesse novo mundo não acontecem experiências de alteridade, tendo em vista que a construção de uma identidade, de um “eu”, segundo Hall (2006), dá-se a partir do olhar, do acolhimento do outro, em diversos níveis das relações humanas. Desse modo, no primeiro contato dialógico com as pessoas da cidade, observamos que a personagem não é recebida em sua pátria como alguém pertencente a ela, mas como um estrangeiro. Esse impacto é refletido quando Ricardo Reis tece um diálogo com o motorista de um taxi que o conduz até o hotel Bragança:

Do hotel não me lembro, mas a rua sei onde é, vivi em Lisboa, sou português, Ah, é português, pelo sotaque pensei que fosse brasileiro, Percebe-se assim tanto, Bom, percebe-se alguma coisa, Há dezasseis anos que não vinha a Portugal, Dezasseis anos são muitos, vai encontrar grandes mudanças por cá, e com estas palavras calou-se bruscamente o motorista. (Saramago, 1998, p. 13).

Nessa conversação entre a personagem e o motorista do táxi, percebemos de forma nítida que o processo de migração de Portugal para o Brasil vai além de um afastamento geográfico, espacial, uma vez que, ao entrar em contato com a cultura brasileira, Ricardo Reis estabeleceu um movimento dinâmico de reconstrução identitária em que os referentes simbólicos de sua cultura originária – língua, hábitos, crenças e valores, diluíram-se nos referentes da cultura brasileira. Em relação a essa dinâmica cultural, vale lembrar a reflexão de Hall (2006) sobre o denominado processo de hibridização, isto é, as identidades híbridas como distintivo da pós-modernidade ou modernidade tardia – termo adotado pelo sociólogo, que se refere aos sujeitos que foram dispersados de sua territorialidade, de forma voluntária ou forçados por alguma questão política, econômica, etc. Por essa razão, são: “[...] obrigados a negociar com as novas culturas em que vivem, sem

simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades” (Hall, 2006, p. 88). Nesse sentido, as identidades que antes eram integradas a um espaço cultural simbólico se pluralizam, fragmentam-se de tal modo que tanto o território de origem quanto o território do outro – ocupado pelo imigrante – sempre se apresentam como espaços estranhos, indiferentes ao indivíduo que passa pelo processo de deslocamento geográfico (Hall, 2006). Por outro lado, o hibridismo também desvela outras implicações de ordem política, conforme afirma Homi Bhabha (1998):

Destituídos de sua presença plena, os saberes da autoridade cultural podem ser articulados com as formas de saberes «nativos» ou confrontados com aqueles sujeitos discriminados que eles têm de governar, mas que já não podem representar. [...] A exposição do hibridismo - sua «replicação» peculiar - aterroriza a autoridade como o *ardil* do reconhecimento, sua imitação, seu arremedo. (Bhabha, 1998, p. 167).

Assim, o hibridismo afigura-se em um processo dialético no qual dialogam e/ou convivem diferentes culturas, mas também manifesta uma ameaça ao controle, a legitimidade, de um poder hegemônico em um determinado espaço social. Desse modo, ao direcionarmos o nosso olhar para a narrativa em questão, percebemos que o protagonista Ricardo Reis – estrangeiro em sua própria territorialidade, é a todo momento tratado como o outro, como uma ameaça ao seu próprio povo. Por essa razão, ele passa a ser investigado pela polícia internacional, ou melhor pelo Governo da Ditadura Nacional, que o vê como simpatizante de ideologias contrárias. Tal suspeita não afeta somente a relação que a personagem estabelece com as pessoas a sua volta, que passam a olhá-lo com desconfiança, mas também reforça o seu deslocamento identitário. Assim, em um dos momentos de diálogo com Marcenda – mulher com quem estabelece uma espécie de envolvimento amoroso, a personagem revela o seu desconforto com a polícia de Portugal e com a sua identidade nacional:

[...] segunda-feira vou saber o que me querem, responderei ao que me perguntarem, nada mais, Ainda bem que não está preocupado, Não há motivo, não tenho nada que ver com a política, vivi todos estes anos no Brasil, nunca fui inquietado lá, aqui menos

razões ainda há para me inquietarem, para lhe falar francamente nem já me sinto português. (Saramago, 1998, p. 183).

Nesse mundo hostil de perseguição e desalento, Ricardo Reis, expatriado das relações públicas de socialização, tenta recuperar algum vínculo pelos espaços onde transita, sobre essa questão, Gerson Roani, em *Saramago e a escrita do tempo de Ricardo Reis*, destaca que: “Na verdade o reencontro do espaço ou o seu reconhecimento assinalam a transfiguração pela personagem do seu próprio desejo de entender-se a si mesma.” (Roani, 2006, p.122), no entanto, a relação que se estabelece é conflituosa, dialética: ora a personagem é emergida pelo estranhamento, outrora pelo desejo de pertencer. Esse cenário dicotômico agrega-se a condição de imigrante outorgada a Ricardo Reis, de acordo com Zygmunt Bauman (1925-2017), o estrangeiro ou peregrino – conceito utilizado pelo sociólogo, é uma figura cindida da pós-modernidade, por isso, está sempre traçando um caminho alternativo que o conduza a uma pátria, a um pertencimento. Assim, na busca de preencher as lacunas da sua identidade nacional, a personagem tenta traçar um caminho de reconstrução subjetiva e, nessa direção, as leituras jornalísticas realizadas diariamente pela personagem aparecem como as primeiras tentativas de adequar-se à nova realidade:

A sua vida parecia-lhe agora suspensa, expectante, problemática. Minuciosamente, lia os jornais para encontrar guias, fios, traços de um desenho, feições de rosto português, não para delinear um retrato do país, mas para revestir o seu próprio rosto e retrato de uma nova substância, poder levar as mãos a cara e reconhecer-se, por uma mão sobre a outra e apertá-las, Sou eu e estou aqui. (Saramago, 1998, p. 84).

Ricardo Reis, escritor por natureza, busca através das palavras, do seu campo de domínio, internalizar os códigos culturais da sociedade portuguesa, a fim de (re)criar uma identidade nacional, uma conexão com o novo espaço e com as pessoas a sua volta, ao mesmo tempo também denota uma tentativa de conexão com a própria existência, esse intento fica claro através da simbologia do toque de “[...] poder levar as mãos a cara e reconhecer-se, por uma mão sobre a outra e apertá-las, Sou eu e estou aqui”. (Saramago, 1998, p. 84), é como se a personagem buscasse de alguma forma uma validação, uma

autoafirmação da sua identidade enquanto homem, pessoa comum. Essa busca por uma realidade sólida, ou uma tentativa de negociação com a cultura portuguesa também é observada nas constantes deambulações que Ricardo Reis realiza pelas ruas da cidade de Lisboa:

Ricardo Reis atravessou o Bairro Alto, descendo pela Rua do Norte chegou ao Camões, era como se estivesse dentro de um labirinto que o conduzisse sempre ao mesmo lugar, São horas de almoçar, o tempo foi-se passando nestas caminhadas e descobertas, parece este homem que não tem mais que fazer, dorme, come, passeia. (Saramago, 1998, p. 41).

A personagem deambula rotineiramente de um e espaço a outro, de uma rua a outra, no entanto, todos os caminhos percorridos parecem ser desprovidos de significados, por essa razão, a personagem é atravessada constantemente pela sensação de chegar sempre ao mesmo local, conforme o olhar de Gerson Roani (2006, p.102): «A visão da cidade como labirinto consagra a ausência de rumo [...] contudo a personagem não sabe para onde ir, pois Lisboa é uma realidade desconhecida, depois de dezesseis anos de ausência”. Por conseguinte, os espaços públicos, históricos, que faziam parte da sua rotina, da sua identidade nacional e do seu passado de heterônimo refletem uma realidade muito diferente dos ares da antiga cidade:

Ainda não são três horas quando chega ao Alto de Santa Catarina, As palmeiras parecem transidas pela aragem que vem do largo, mas as rígidas lanças das palmas mal se mexem, Não consegue Ricardo Reis lembrar-se se já aqui estavam estas árvores há dezasseis anos, quando partiu para o Brasil, O que de certeza não estava era este grande bloco de pedra, toscamente desbastado, que visto assim parece um mero afloramento de rocha, e afinal é monumento, o furioso Adamastor. (Saramago, 1998, p. 180).

Em suas andanças, Ricardo percebe que nada é igual a antes: a dúvida sobre a presença das palmeiras naquele espaço, a nova arquitetura da cidade, os monumentos, os blocos de pedras e a figura mitológica de Adamastor representam a hostilidade do país, bem como a transitoriedade do tempo, da vida. Nesses percalços, a

personagem, após viver 16 anos no Brasil, passa por uma espécie de estranheza, de não adequação aos espaços públicos que frequenta. O não reconhecimento de si na sua territorialidade, desperta em Ricardo Reis a sensação de uma vida nunca vivida, de um passado irreal:

Ricardo Reis não se aventurará à travessia da praça, fica a olhar de longe [...] lembra-se de ali se ter sentado em outros tempos, tão distantes que pode duvidar se os viveu ele mesmo, Ou alguém por mim, talvez com igual rosto e nome, mas outro. Sente frios os pés, húmidos, sente também uma sombra de infelicidade passar-lhe sobre o corpo, não sobre a alma, repito, não sobre a alma, esta impressão é exterior, seria capaz de tocar-lhe com as mãos se não estivessem ambas agarrando o cabo do guarda-chuva, escusadamente aberto. (Saramago, 1998, p. 30).

Diante da não identificação, do medo em relação a esse novo ambiente, Ricardo Reis é constantemente atravessado pelo desejo de retornar ao Brasil, conforme assinala o narrador ao desvelar os interditos de Ricardo Reis: “[...] anda a pensar em regressar ao Brasil [...] Este país não é seu, se de alguém é, tem uma história só fiada de Deus e de Nossa Senhora” (Saramago, 1998, p. 362). É interessante notar que o Brasil, adornado por Ricardo Reis, resplandece não apenas a ideia de pertencimento, de identificação com uma determinada cultura, mas uma tentativa de voltar a si mesmo, a sua antiga condição de “espectador do mundo”.

Assim, em busca de encontrar algum amparo nessa nova e antiga cidade que para ele se apresenta hostil, Ricardo Reis também tenta conviver em espaços que, de alguma forma, caracterizam os não-lugares, como, aliás, ocorre durante a sua estadia no hotel Bragança: “Ricardo Reis senta-se numa cadeira, passa os olhos em redor, é aqui que irá viver não sabe por quantos dias [...] por agora o hotel bastará, lugar neutro, sem compromisso, de trânsito e vida suspensa” (Saramago, 1998, p. 18). Essa escolha pelos “não-lugares” acresce a sua condição de estrangeiro, visto que, em consonância com o antropólogo Marc Augé (2010), os efeitos da globalização que perpassam a “supermodernidade” são, por consequência, produtores de “não-lugares” – espaços demarcados pela transitoriedade, pela efemeridade, exemplarmente, os aeroportos, as rodoviárias, os parques de lazer, os hotéis, entre outros. Augé (2010, p. 73) ainda destaca que: “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar”.

Embora os laços criados nesses não-lugares sejam contratuais, revogáveis, Ricardo Reis estabelece um movimento de identificação, colocando em causa a ideia de “não-lugar como lugar”, haja vista que, o não-lugar: “nunca existe sob uma forma pura, lugares se recompõem nele, relações se constituem nele” (Augé, 2010, p. 74). Nesse sentido, o hotel Bragança é um espaço que a personagem se identifica temporariamente: “O sofá do quarto é confortável [...] nem parece isto um hotel, é como estar em casa, no seio da família, do lar que não tenho, se o terei, são estas as notícias da minha terra natal.” (Saramago, 1998, p. 25). Esse sentimento de acolhimento, advém não somente pela aproximação com seus “semelhantes” – os viajantes e imigrantes espanhóis que se deslocaram em decorrência da Guerra Civil Espanhola em fins da década de 1930 – mas também pelos cuidados que a personagem recebe dos funcionários do hotel e, conseqüentemente, de Lúcia – camareira do local e amante de Ricardo Reis.

O hotel Bragança resplandece durante toda a narrativa como o único ponto que a personagem se sente, por alguns momentos, acolhido, contudo, à medida que alguns acontecimentos vão ocorrendo na narrativa (a exemplo da perseguição política e dos falatórios que circundam a sua relação com Lúcia), a personagem sente-se incomodada e, em um desses encontros com o gerente Salvador, Ricardo Reis rumoreja em sua consciência: “ó Salvador, vou ver uma casa, se me servir largo o hotel, estou farto de si e do Pimenta, e de toda a gente, exceto a Lúcia, claro, que merecia bem outra vida” (Saramago, 1998, p. 206). Ricardo Reis esgotado, fatigado dessas relações fingidas, contratuais, decide então partir em busca de um lugar fixo, um lar.

Ao alugar uma casa de frente para o mar, cuja casa também simboliza uma busca por pertencimento, Ricardo Reis é atravessado por uma intensa solidão, um vazio existencial que advém não somente da sua existência humana, mas também da sua condição de estrangeiro – o vazio da casa, a ausência de Lúcia e a presença constante do espírito de Fernando Pessoa, seu criador, fazem com que a personagem seja emergida por um profundo desalento: “Não tenho trabalho nem me apetece procurá-lo, a minha vida passa-se entre a casa, o restaurante e um banco de jardim, é como se não tivesse mais nada que fazer que esperar a morte” (Saramago, 1998, p. 411). Ao fim da narrativa, Ricardo Reis resignado diante de uma constante monotonia, passa os dias entre a casa, o restaurante e um banco de jardim, como se não houvesse mais nada além de esperar a morte. Desta feita, todas as tentativas de pertencimento e esse sentimento de exclusão social, não por acaso, culminam em um fim trágico. Conforme Gerson Roani (2006), isso decorre na narrativa, sobretudo por: “uma crise existencial intensificada com a precipitação de acontecimentos históricos,

dramáticos, os quais acentuaram as mudanças as contradições e as ameaças mortais, recaídas sobre europeia desse tempo inquietante”, (Roani, 2006, p.77). Nessa esteira de pensamento, a personagem, combatida pelo âmago da sua própria condição e pela impossibilidade de socialização em um mundo real/palpável, rende-se diante dos conflitos que assolam a sua existência e escolhe desvanecer ao lado de seu criador.

3. CONCLUSÃO

O romance em questão ao mesmo tempo em que busca confrontar a indiferença social do heterônimo – tecido por Fernando Pessoa, também procura mostrar um mundo destituído de humanidade. Desse modo, a personagem é encurralada entre um passado afadigado, que não permite mais um pertencimento, e um futuro vazio, sem perspectiva. Assim, na busca de traçar um outro destino, Ricardo Reis deambula de um espaço a outro na tentativa de pertencer ao mundo dos homens, todavia, é a todo momento combatido pelas relações que estabelece, seja pelo espaço que se mostra estranho, seja no contato com as pessoas a sua volta.

Essa tensão que ocorre entre a personagem e o mundo não é capaz de despertar em Ricardo Reis a ideia de um recomeço, de uma nova vida, pelo contrário, até mesmo nos momentos em que consegue encetar um vínculo, uma afetividade, como acontece durante a sua estadia no hotel Bragança, a personagem sente-se incomodada, esfacelada. Expatriado da sua terra, das relações humanas, incapaz de aderir à nova realidade, Ricardo Reis tem a sua identidade rasurada, fragmentada e desloca-se de si mesmo – encenando o pessimismo, a desintegração das identidades e a falta de humanidade do mundo pós-moderno.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, MARC. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas/SP: Papirus, 2010.

BHABHA, HOMI K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Avila Euana Lourenço. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BAUMAN, ZYGMUNT. **Modernidade e ambivalência**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BAUMAN, ZYGMUNT. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

EAGLETON, TERRY. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução: Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

GOMES, ÁLVARO CARDOSO. 1993. **A voz itinerante**: ensaio sobre o romance português contemporâneo. São Paulo: EDUSP.

ROANI, GERSON. **Saramago e a escrita do tempo de Ricardo Reis**. São Paulo: Scortecci, 2006.

HALL, STUART. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SARAMAGO, JOSÉ. **O ano da morte de Ricardo Reis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DESDE QUE O SAMBA É SAMBA: ENTRE CONTINUIDADES E RUPTURAS NA PROSA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Vanessa Bastos Lima (UERN)

vanessabastos@uern.br

Maria Aparecida da Costa (UERN/PPGL)

mariaaparecida@uern.br

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho nos propomos a analisar a obra *Desde que o samba é samba* de Paulo Lins, especificamente a trajetória de Ismael Silva, personagem histórico do romance, criado tendo como base a matéria de extração histórica, já que se trata de um Romance Histórico contemporâneo.

Tomando como base a trajetória do protagonista Silva, buscaremos identificar aspectos na obra que ora aproximam-na do modelo clássico de Romance Histórico, definido pelos postulados de Luckács, ao passo também, que como literatura contemporânea traz consigo algumas nuances e tendências, as quais representam um ponto de ruptura, de inovação, em relação a utilização do discurso e de fatos históricos, trazendo para o gênero uma pluralidade de temáticas, possibilidades estéticas na construção do texto e de pontos de vista em relação aos tipos de personagens privilegiados para serem representados, vale ressaltar que são em sua maioria negros e periféricos, através dos quais temos acesso ao cotidiano de uma comunidade em uma determinada época.

Desde que o samba é samba é um romance que narra a história do samba na década de 1920, da reformulação do ritmo para a versão que conhecemos na atualidade, como também narra o surgimento de sua primeira escola, além de contar a história do nascimento da umbanda, religião que tem ligação direta com esse gênero musical. É através da trajetória do personagem Ismael Silva que iremos ter acesso a essas outras histórias que constituem o enredo da obra.

2. LITERATURA CONTEMPORÂNEA: RUPTURAS E CONTINUIDADES

Abordar em pesquisas e análises acadêmicas as produções literárias contemporâneas, ao contrário do que muitos podem imaginar, é uma tarefa dotada de complexidade. Pois, quando utilizamos ou nos referimos ao termo “literatura contemporânea”, seja como forma de categorizar um conjunto de produções, ou para tentar demarcar temporalmente este terreno dotado de complexidade e permeado por pluralidade de discursos e formas, vale a pena refletirmos sobre suas significações. O que seria a literatura contemporânea e como delimitá-la? Questão esta já discutida por diversos críticos, teóricos e estudiosos da área.

Beatriz Resende (2008) em suas pesquisas sobre a literatura contemporânea brasileira toma como marco temporal as produções publicadas a partir da década de 1990, e afirma que a base dessas literaturas é a multiplicidade. Multiplicidade de pontos de vista, de discursos que atravessam estes textos, sejam esses de base histórica, memorialística, midiática, cinematográfica e também de ordem política. Resende (2008) apresenta como uma tendência em toda a América Latina o surgimento de uma literatura com o viés político, que na realidade se faz presente desde a década de 70, quando vários países vivenciaram regimes ditatoriais.

Na obra a ser analisada neste trabalho, *Desde que o samba é samba* do escritor Paulo Lins, podemos identificar a presença do discurso historiográfico, já que se trata de um romance histórico, pois toda a obra e a construção de seus personagens é transpassada por esse tipo de discurso, além também de ser um romance que apresenta um forte coeficiente político. *Desde que o samba é samba* é um romance que trata da história do surgimento do samba, mais precisamente da primeira escola de samba, “Deixa falar”, criada pelo sambista Ismael Silva com a participação de seus amigos e companheiros de composição, habitantes do Largo do Estácio e do Morro do São Carlos. Além de trazer à baila a história do samba, é uma obra que discute também a relação deste com a umbanda e o surgimento desta forma de religiosidade, trazendo como pauta, através do cotidiano de seus personagens, todos habitantes da periferia, questões sociais e políticas urgentes para serem pensadas, como a exclusão e marginalização da população negra e de sua cultura, a repressão policial, e a própria história de artistas e personalidades negras brasileiras que enfrentaram preconceito de cor, de orientação sexual e de classe para poder divulgar seu trabalho intelectual e cultural. Todas essas questões apontadas demonstram algumas tendências apresentadas por Resende

(2008) na literatura contemporânea brasileira, como a multiplicidade de temas, formatos, linguagens exploradas, ou seja, a heterogeneidade de discursos, muitos deles buscando a via da anti-hegemonia, entre outros recursos que são utilizados e demarcam essa literatura. A multiplicidade e heterogeneidade representam nessas obras um lugar de resistência, justamente em relação ao discurso hegemônico europeu e aos padrões canônicos literários.

As produções brasileiras contemporâneas representam, desta forma, uma multiplicidade que caminha na contramão, por exemplo, das diretrizes da globalização que na verdade ao invés de apresentar um panorama plural e múltiplo de vertentes artísticas, apenas promove a homogeneização dos gostos e das perspectivas literárias, com uma falsa ideia de manter o diálogo entre culturas e expressões. Além disso, encontramos uma multiplicidade de perspectivas, linguagens, formas e estéticas literárias não de forma cumulativa e quantitativa, mas que representam vozes de diferentes lugares sociais, ou seja, a questão da representatividade ocupa lugar de destaque nessa literatura.

Regina Dalcastagnè em relação a questão da representatividade na literatura brasileira, destaca que:

O problema da representatividade, portanto não se resume à honestidade na busca pelo olhar do outro ou ao respeito por suas peculiaridades. Está em questão a diversidade de percepções de mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala. (DALCASTAGNÈ, 2002, p. 34)

Sabemos que a literatura brasileira nem sempre foi um espaço aberto à multiplicidade de representações, vozes e pontos de vista, logo, a questão da representatividade em outros momentos não foi discutida e nem privilegiada como ocorre quando se trata das produções contemporâneas. As classes populares e subalternas como os negros, os moradores das periferias, os moradores de rua, as prostitutas, diversos integrantes das minorias sociais, quase sempre foram no Brasil excluídos de vários espaços de produção na sociedade, portanto, também da literatura, ou quando eram representados seguia-se um viés muitas vezes partindo do exotismo e baseado numa percepção de mundo homogênea, realizada por aqueles que tinham acesso à voz na literatura e o monopólio dos lugares de fala por pertencerem ao topo da pirâmide social, ou, por não estarem em sua base e, consequentemente, terem acesso ao capital cultural, o que possibilitaria a escrita literária, a atuação e o reconhecimento como escritor.

Paulo Lins a partir da produção de *Cidade de Deus*, seu primeiro romance, que o fez entrar para o rol dos escritores contemporâneos, marca o espaço da literatura brasileira como lugar de pluralidade, de múltiplas possibilidades e representatividades, seja em relação as temáticas abordadas, aos tipos de personagens representados, ou no tocante a linguagem literária utilizada. Podemos perceber estas múltiplas formas de construção literária em sua obra na apropriação que ele faz da linguagem das favelas, das periferias, ou ainda na construção de um narrador irônico e debochado como o de *Desde que o samba é samba*, o qual faz comentários expressando sua opinião sobre como os personagens são e agem, sobre seus atributos físicos, dando palpite sobre as relações, ao passo que dá voz a esses indivíduos ficcionais. É quando temos acesso aos seus pensamentos mais recônditos, e por vezes até possivelmente, considerados pela moral cristã burguesa como imorais.

Ainda tratando sobre as nuances trazidas pelas literaturas contemporâneas, podemos destacar algumas questões predominantes, apontadas por Resende (2008), presentes em muitas dessas obras como a presentificação, uma urgência em falar sobre o tempo presente, questão também sinalizada por Schollhammer (2008), que faz contraste com períodos anteriores da história da literatura brasileira em que havia a valorização do passado histórico como uma manifestação de ufanismo. Os Romances Históricos do século XIX, produzidos no país, sob a égide do pensamento e estética do romantismo seriam um exemplo. No Romance Histórico que será analisado neste trabalho ocorre de maneira distinta o retorno ao passado como veremos logo mais.

Outra questão trazida por Resende (2008) é que na literatura contemporânea ocorre o retorno ao trágico, a partir da continuidade a ao mesmo tempo das atualizações das estéticas do realismo, representando o cotidiano conturbado e violento das grandes cidades. Outro elemento apresentado pela autora que está ligado ao anterior é a violência, o retrato do mundo cão, do que ocorre nas metrópoles, sobretudo nas zonas periféricas, embora o foco não seja, em boa parte das obras, a violência como fim em si mesma. Dessa forma, nos deparamos com o retorno do realismo, o qual será responsável por instaurar uma linha tênue entre o relato jornalístico, sociológico com a literatura, para tratar da violência através de um viés político.

As formas de apropriação da realidade para a construção da obra literária, sobretudo quando se trata de obras que se propõem a retratar de forma enfática a violência urbana, trazem à baila técnicas diversas advindas do realismo do século XIX e aprimoradas nas literaturas do século XXI. Podemos afirmar que a literatura contemporânea mantém uma relação profícua com o realismo e suas estéticas.

3. ROMANCE HISTÓRICO NA CONTEMPORANEIDADE: O TERRENO DA MULTIPLICIDADE E A MATÉRIA DE EXTRAÇÃO HISTÓRICA

Na seção anterior discutimos a respeito das nuances e pontos de vista trazidos à baila pela literatura contemporânea brasileira, e como foi assinalado, a partir de diversos estudiosos deste campo de pesquisa, é um terreno demarcado pela multiplicidade, como também por ora manter vínculo de continuidade com algumas tendências literárias, as quais surgiram e marcaram períodos anteriores da história da literatura, e ora por apresentar pontos de ruptura com relação a moldes estéticos clássicos. No tocante as obras literárias contemporâneas que se valem da matéria de extração histórica, não poderia ser diferente, podemos encontrar diversos elementos que também ora caminham de acordo com o modelo clássico e ora apresentam rupturas em relação a esse molde.

Os textos literários que fazem uso de matéria de extração histórica ou denominados de Romances Históricos, ao trazerem o passado histórico, ou mais precisamente quando realizam um recorte deste, possuem como principal objetivo colocar esse recorte em evidência para a partir dele fazer revisões de determinados acontecimentos e fatos, ou mesmo para acrescentar a estes novos pontos de vista ainda não colocados em voga pela História.

Ao tratar sobre Romance Histórico, ainda que sobre aqueles produzidos na contemporaneidade, tomada aqui como o período a partir da década de 1990 até o atual, há que ser considerado o trabalho pioneiro de Luckács sobre o seu nascimento e sua constituição. A partir da obra de Walter Scott, situada no início do século XIX e coincidindo com a queda de Napoleão, o caráter histórico das revoluções, de acordo com Luckács (2011), torna-se mais visível, além também da vivência da história pelas massas, bem como da consciência histórica cada vez maior do papel da luta de classes para o progresso histórico da humanidade. Em relação aos acontecimentos e personas históricas a serem representadas na construção do enredo do Romance Histórico Luckács destaca que:

No romance histórico, portanto, não se trata do relatar contínuo dos grandes acontecimentos históricos, mas do despertar ficcional dos homens que os protagonizaram. Trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais

os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando com isso o que ocorreu na realidade histórica. (LUCKÁCS, 2011, p. 60)

Para o teórico o Romance Histórico deveria centrar-se em acontecimentos que estariam em uma esfera micro social, ou seja, o que deveria ser retratado por este gênero romanesco seria os acontecimentos corriqueiros da vida das pessoas comuns, das massas, destacando como esses agem e pensam, mais do que os grandes acontecimentos monumentais da história mundial e de seus agentes, as classes mais privilegiadas econômica e politicamente. E, era desta forma que os romances de Walter Scott estavam configurados. O foco não era voltado para os grandes acontecimentos políticos, e muito menos os personagens históricos eram colocados em um pedestal romântico, mas sim eram representados como personas dotadas de fraquezas e virtudes, qualidades e defeitos, além do que estes não ocupavam o lugar central na obra, eram personagens secundários. E ao contrário, era nas classes baixas, na gente comum que se centrava a representação do verdadeiro heroísmo das lutas cotidianas. Com isso, percebemos que as classes superiores não eram o enfoque do Romance Histórico em sua forma clássica descrita e configurada por Luckács e seus estudos sobre a obra de Walter Scott.

A proposta de Luckács visava o alargamento das questões e acontecimentos históricos. Como destaca Weinhardt (1994), o Romance Histórico e seu mundo era a esfera popular, já que os grandes dramas e figuras históricas centrais seriam próprios da epopeia. A focalização no mundo das massas ou esfera popular, como apontam os teóricos apresentados, possui eco no Romance Histórico *Desde que o samba é samba*, já que este tem todo o seu enredo baseado nas vivências históricas culturais de personagens que habitam na periferia do Rio de Janeiro na década de 1920. São estes sambistas, malandros, prostitutas, cafetões, donas de casa, a gente comum, população negra e pobre que mora no entorno do Largo do Estácio, no Morro do São Carlos ou no buraco Quente da Mangueira, lugares onde historicamente essa população habitava e ainda habita.

Os grandes acontecimentos históricos e políticos e suas grandes figuras representativas também não tem lugar de destaque no romance analisado, assim como no modelo clássico de Romance Histórico estruturado por Luckács, o cotidiano das massas e o heroísmo de suas lutas, seja pela sobrevivência, buscando muitas vezes uma forma alternativa de vida na malandragem, na prostituição ou trabalhando muito sem ter seu esforço físico e intelectual valorizados por ser negro e/ou mulher, pobre e manter práticas

culturais e religiosas consideradas pelos códigos de conduta e penais da época como imoralidade e crime. A luta contra a repressão policial é sempre enfocada também na obra, pois a cultura negra, herança dos escravizados, e suas práticas eram proibidas. As danças de origem africana ou que se desenvolveram no Brasil, a capoeira, o samba, o candomblé e a umbanda, e a forma de viver e de lazer dessa população eram fortemente reprimidas e marginalizadas como podemos observar no destaque dado pelo narrador: “Não gostavam mesmo era de ver a crioula reunida cantando, sambando e fazendo oração. Tinham raiva da cor da pele, do jeito de ser e estar daqueles herdeiros da escravidão. (...) Bastava ser negro e portar um instrumento, que eles vinham com intolerância” (LINS, 2012, p. 219). Estes acontecimentos são destacados em diversos momentos na obra, e através da narração temos acesso ao discurso do Estado e por conseguinte daqueles que trabalhavam a seu serviço como repressores.

Desde que o samba é samba assume como preocupação central, como destaca Marilene Weinhardt (1994) sobre algumas das características dos Romances Históricos, a expressão de uma visão histórica sobre determinados fatos e acontecimentos circunscritos em um tempo passado, que como ela mesmo destaca “(...) todas as formas de resgate do passado são permeadas pela consciência de que a construção verbal não é o fato e não é ingênua” (WEINHARDT, 1994, p. 49). Seja no campo da História ou da Literatura é importante esta ressalva sobre a questão dos fatos narrados não serem confundidos com o real em si, com o fato em si, e são na realidade uma interpretação, um ponto de vista sobre os acontecimentos ou seus recortes. Paulo Lins ao regatar fatos ocorridos no período de 1920, vai utilizá-los para contar uma versão sobre a história do samba e a consolidação da umbanda como religião, além de fazer uma retrospectiva da trajetória de vários personagens, alguns históricos como Silva e Brancura, para através da história de vida desses, contar como surgiu a primeira escola de samba, ponto culminante da obra e de todas as trajetórias, sejam de personagens que tem base na matéria de extração histórica ou não. A exemplo temos o trecho: “Todos encheram os copos com as mais variadas bebidas. Brindaram o nome da primeira escola de samba do Brasil. Era uma dessas páginas definitivas da História que se virava naquele momento. O samba acabava de nascer e já tinha uma escola para sempre”. (LINS, 2012, p. 276).

Desde que o samba é samba é um Romance Histórico, portanto, que possibilita o alargamento da reflexão sobre algumas questões e acontecimentos históricos e focaliza os acontecimentos corriqueiros e a forma de agir das massas, da comunidade periférica que visa representar, mantendo o vínculo com as características basilares definidas por Luckács para modelo clássico do gênero. Mas,

por esse romance ser uma obra contemporânea, como já assinalamos anteriormente, e estar situado no terreno da multiplicidade, por conta disto traz para a constituição do Romance Histórico aspectos de inovação ou ruptura em relação ao molde basilar, mesmo mantendo alguns elementos de continuidade com este.

Como assinala Weinhardt (2019), através da obra de Paulo Lins, temos um exemplo do hibridismo da produção romanesca histórica contemporânea que promove uma ressignificação da história, história e seu discurso que aparece de forma plural e liberta de regras, pois não é baseada em uma única forma de utilizar a matéria de extração histórica, ou seja, realiza o movimento de não ignorar a base definida por Luckács e em certos aspectos mantê-la, ao passo que também não fica presa a esta forma basilar, como aqui discutimos e buscamos demonstrar.

4. A TRAJETÓRIA DO PERSONAGEM HISTÓRICO ISMAEL SILVA

Desde que o samba é samba do escritor Paulo Lins, como já mencionamos, é um Romance Histórico contemporâneo que traz como pano de fundo a história do samba, que culmina com a criação de sua primeira escola: “Deixa Falar”. O enredo é construído de forma não linear, através de idas e vindas (flashbacks) em relação ao tempo da narrativa, ou seja, o tempo dos acontecimentos narrados, e temos como eixo os personagens protagonistas Brancura, apelido de Silvio Fernandes, e Ismael Silva, personagens de base histórica como assinalamos, além dos personagens fictícios Sodré e Valdirene que compõe o triângulo amoroso juntamente com Brancura, conflito que percorre e tem destaque durante toda a obra.

Trata-se de um romance que conta a história do samba e da formação de sua primeira escola, narrada a partir das histórias dos personagens que contribuíram para essa criação, e, tendo como eixo não apenas uma intriga, mais várias; entendendo intriga como o conflito de interesses e a luta dos personagens para atendê-los ao longo da narrativa (FRANCO JÚNIOR, 2009). Como já ressaltamos, a disposição dos acontecimentos na história narrada, ou seja, o tempo dos acontecimentos no discurso narrativo não é linear, ocorrendo por meio de analepses, recuos no tempo, ou como podemos também denominar de *flashback*, e é dessa forma que conhecemos a trajetória da personagem histórica Ismael Silva. A primeira aparição dessa personagem

é a partir da página 44 do romance: “Havia trinta minutos que Silva olhava o papel com apenas dois versos escritos. Nada de aparecer mais palavras que se harmonizassem, nem ritmo que ditasse uma nova frase melódica.” (LINS, 2012, p. 44). E, é dessa forma repentina que o personagem Silva, em meio a uma crise de criatividade para compor suas músicas, surge perante o leitor.

Ismael Silva, que nasceu em 1905 no Rio de Janeiro, em Niterói, é um dos grandes nomes da história do samba brasileiro, compositor e sambista, foi um dos fundadores da primeira escola de samba “Deixa falar”. Frequentava o Bar e Café Apolo na Estácio, local onde os sambistas e malandros, seus companheiros das rodas de samba, reuniam-se. Silva foi o responsável por promover mudanças rítmicas importantes para o gênero musical samba, pois antes este se aproximava muito mais do maxixe, o que dificultava, por exemplo, o desfile nas ruas e que as pessoas pudessem cantar e dançar caminhando. Dessa maneira, o samba ganha ritmo e melodia como forma de uma marcha, próximo de como conhecemos popularmente hoje.⁷⁶

Os sambas compostos por Silva caíram nas graças do cantor reconhecido na década de 1920, que se interessou em comprá-los, Francisco Alves. Por isso, diversas composições de Ismael Silva aparecem como se Alves as tivesse criado, por conta desse processo de apropriação das composições por quem pagava por elas, fato também narrado e abordado pelo romance de Paulo Lins: “– Sei. Mas fala pros teus parceiros que, se vender pra mim, eu não dou parceria, não. Eu pago bem, divulgo o samba. Mas não vai nome nem na partitura, nem nas gravações. Tá certo? Eu tenho que dizer que é tudo meu.” (LINS, 2012, p.209). Este trecho menciona o acordo entre Alves e Silva e representa como era o processo de gravação, venda e direitos em relação as composições musicais na época, problemática amplamente abordada nas páginas do romance. Entre as diversas parcerias com nomes ilustres do mundo do samba, há além da realizada com Francisco Alves e com os amigos de Silva, Silvio de Almeida (Brancura), Nilton Bastos, Baiaco e Bide (todos personagens também do romance), a realizada de forma recorrente com Noel Rosa, a partir da década de 1930.

76 Informações compiladas de <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/12/30/ismael-silva>. Acesso em 04 de julho de 2021.

Após a morte de Noel Rosa, em 1937, Silva vive momentos de dificuldade financeira e se afasta dos amigos do Estácio e do samba. Voltando à ativa em 1950, lançando o samba “Antonico”, o qual foi gravado por Alcidis Gerardi. Em 1956, Silva lança seus dois primeiros discos. Na década de 1960 ele passa a compor o grupo de sambistas que se apresentava no Zicartola, bar e restaurante do amigo Cartola e de sua esposa Zica. Participou de diversos festivais, espetáculos musicais, inclusive como tema, escreve roteiro contando sobre sua trajetória como músico. Ele lançou discos em carreira solo, e falece em 1978, com setenta e três anos de idade por conta de um ataque cardíaco fulminante.

No romance de Paulo Lins parte da história de Ismael Silva é contada através de flashbacks, como por exemplo, sua infância:

Silva era o melhor compositor do Estácio – bairro onde chegara aos três anos de idade, depois da morte do pai, porque sua mãe teria de arrumar emprego no Rio, já que moravam em Jurujuba, onde ela nasceu, lugar que não oferecia alternativa de trabalho. [...] Fez sua primeira canção aos catorze anos de idade, agora vai reinventar a música brasileira e fundar com seus amigos a primeira escola de samba da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (LINS, 2012, p. 82).

O narrador ao se debruçar sobre o passado do personagem Silva, nos adianta que no momento dos acontecimentos da história narrada pelo romance, o compositor vai reinventar o samba e criar a primeira escola. Vale ressaltar que boa parte da trajetória de Silva como personagem, contada em *Desde que o samba é samba*, tem suas bases em documentos, bibliografias que tratam sobre a história do samba e sobre a história do músico. De acordo com Candido (2007), trata-se no referido caso de uma construção de personagens como uma reprodução de uma pessoa real, como se trata de um Romance Histórico, é uma personagem transposta de testemunhos e/ ou por via de pesquisa em documentação, reconstituída pelo autor e trabalhada pela imaginação dele. (CANDIDO, 2007). Sabemos como estudiosos da literatura que cada romancista constrói em sua história um mundo próprio, seja baseado em suas crenças, ideologias, perspectivas filosóficas entre outras, por isso mesmo apesar de ser um personagem com base em uma persona histórica e publicamente conhecida, o Ismael Silva em *Desde que o samba é samba* é uma personagem fictícia, logo, como nos alerta Candido (2007), enquanto que na realidade desconhecemos as causas e motivos profundos que movem as ações dos seres reais, na ficção temos o controle e nos são revelados as causas que movem

a trajetória dos personagens. Os personagens são seres fictícios que “vivem” apenas no enredo e no campo das ideias, cabe ao escritor ao construí-los galgar uma adesão afetiva e intelectual do leitor. Em busca dessa adesão, apontada pelas observações de Candido, o narrador nos apresenta o Silva, que desde criança se sobressaia na escola e no meio onde vivia por sua inteligência. Temos ao longo da narrativa acesso ao processo de composição de algumas músicas dele, a relação de sua obra com a poesia, ou seja, composições que segundo as apreciações do narrador se misturam à poesia. Além das composições das letras de sambas, Silva é responsável juntamente com seus amigos pela criação do ritmo, um ritmo que como ressalta o personagem na obra: “– É um ritmo muito bom, não é lundu, não é maxixe, não é salsa.. – Esse é o verdadeiro samba. Olha o risco. (...) – É uma música que pode tudo, entendeu? É macumba? É macumba. É lundu? É lundu. É maxixe? É maxixe. (...) O samba é o que ele quiser, tá me entendendo?” (LINS, 2012, p.207).

Dessa forma, podemos compreender as relações da história do samba, sobretudo a criação da cadência do seu ritmo e sua relação com a história da umbanda e com o candomblé também, já que muitos instrumentos e efeitos sonoros tinham origem nos cultos de religiões de matriz africana, além claro, de que estas práticas culturais eram duramente reprimidas pela moral cristã e pelo código penal da época. Em diversos momentos ao longo do romance temos o estreitamento dessa relação entre o samba e a umbanda, já que os sambistas em sua maioria, eram adeptos à religião e após as giras, às cerimônias religiosas, faziam rodas de samba nos terreiros.

Além de ser retratado como um exímio compositor, instrumentista e um homem muito inteligente, que sonhava em sobreviver através de sua arte, Silva, além de todas as criações de letras, ritmos, instrumentos para tocar o samba, como o tamborim, é admirado pelos companheiros, amigos e por toda a comunidade do Morro do São Carlos, por diversos artistas e poetas, como Manuel Bandeira e Carmen Miranda, personas históricas que também estão presentes na obra. Outro fato que vale destaque na composição do romance é que em *Desde que o samba é samba*, Paulo Lins ao construir o personagem Silva, buscando mostrar diversas nuances de sua biografia, acaba por esbarrar em uma polêmica quando vai tratar sem pudores da então possível homossexualidade do compositor. Pois, apesar de Ismael Silva ser uma personagem histórica, baseada em matéria de extração histórica, como destaca Candido (2007) quando trata sobre personagens que o autor toma de um modelo da realidade. Este de acordo com o crítico, sempre vai adicionar a o molde de base real uma incógnita pessoal, em relação a qual ele vai construir uma explicação que não corresponde ao mistério da pessoa

viva representada no plano ficcional, é este fato que ocorre com a construção do personagem Ismael Silva em *Desde que o samba é samba*.

Além disso, as questões já identificadas a respeito da representatividade e do viés político na construção dessa obra e de seu personagem aqui analisado, o sambista Ismael Silva, como se trata de um Romance Histórico, temos um trabalho com a matéria de extração histórica, utilizada para contar a história do samba e do surgimento de sua primeira escola a partir de um olhar sobre a história diferente do viés denominado de oficial, conta-se uma história que apesar de focalizada em personas históricas como Silva, traz os acontecimentos históricos a partir do cotidiano das massas, ou melhor, da comunidade que habita o Morro do São Carlos e o Largo da Estácio. É a história do personagem Silva e de seus amigos, companheiros de samba, de cor, de realidade, que estão no mesmo lugar social. Esse tom coletivo podemos vislumbrar no momento em que todos se reúnem e cantam como uma só voz para o “nascimento do samba” e da sua escola “Deixa Falar”:

Silva e Alves estavam no mundo do fonético, dançante, plástico com as suas abstrações marcando a História que é uma árvore velha preparada para receber os novos frutos e as suas sementes. A força do ventre gestava as ideias, a produção das emoções, o parto normal de que tudo que é poesia que por ali se grava enquanto aquele povo dava mais meiguice à dança, transmutava a forma das palavras serem ditas, entorpecidas de uma música que fora nascida ali no Estácio para que o molejo do nosso corpo ficasse mais quente.

Quem quiser tocar o surdo é só seguir o coração, inclusive nas viradas quando se toca assim nas ondas da alegria sem freios. O pandeiro, o agogô, a caixa, o cavaquinho, mesmo com os toques diferentes, também, quando a gente entra em estado de feitiço de tons.

- Eu sou o samba... e as suas escolas. (LINS, 2012, p. 293-294)

Neste trecho que encerra o romance, apesar do foco está centrado no personagem Ismael Silva por ter um papel primordial na criação do samba, nenhum personagem que se fez presente nas páginas da obra, mesmo aqueles que apareciam esporadicamente, ficou de fora desse momento, que é narrado de forma poética, traz poesia, história, cultura, e política, uma literatura como já ressaltamos ao longo deste

trabalho, que tem como marca a multiplicidade e também a presença de elementos em sua construção ora que representam aspectos estéticos e temáticos de continuidade ora de rupturas abrindo um novo caminho para os Romances Históricos na contemporaneidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, trouxemos à baila, inicialmente, algumas discussões, ainda que de forma breve, a respeito da dificuldade e complexidade dos teóricos e estudiosos de literatura em delimitar temporalmente a literatura contemporânea, bem como em definir suas características, embora algumas destas fossem apresentadas e observadas, entendemos que se trata de uma literatura heterogênea e múltipla, a qual não tem como ser enquadrada e nem seria este o nosso objetivo. Nossa análise que se desenvolveu tendo como base a obra *Desde que o samba é samba*, possibilitou iluminar algumas questões relacionadas à ficção brasileira contemporânea, em especial a que faz uso da matéria de extração histórica.

Primeiramente tomamos como marco para literatura contemporânea as obras produzidas a partir da década de 1990 e nos debruçamos sobre algumas nuances e tendências relativas a essas produções, a partir de Beatriz Resende (2008), Scholhammer (2011), e Dalcastagné (2012) e (2002). Podemos observar dentre as tendências discutidas que o referido romance de Paulo Lins ocupa um terreno marcado pela multiplicidade, a qual está relacionada aos pontos de vista apresentados ora pelo narrador e pelos personagens, como também a multiplicidade de discursos e estéticas literárias presentes, além de conter um leque de temáticas apresentado e discutido ao longo da obra.

Além dessa multiplicidade, vale ressaltar, aquela ligada a questão da representatividade, outro elemento caro a boa parte das obras contemporâneas, como na obra estudada. Há uma variedade maior da representação de vozes de diferentes lugares sociais, como daqueles que habitam as periferias e pertencem a grupos minoritários politicamente. Tal característica está aliada com o viés político trazido por parte das produções contemporâneas, aliando-se também às estéticas realistas de representação da realidade que irão trazer reformulações em relação aos moldes do século XIX, assumindo assim uma nova configuração.

Tais nuances ou características apontadas nesse estudo e discutidas por diversos teóricos, podem ser vislumbradas em *Desde*

que o samba é samba e em sua constituição como romance que trabalha com a matéria de extração histórica. É um Romance Histórico que conta um episódio da história do Brasil, o qual não foi enfocado pelo discurso histórico oficial por se tratar de uma parte da história do país e da constituição de um elemento da cultura ligada aos negros, pobres e descendentes de escravizados, ou seja, representa a história de uma cultura marginalizada como o samba e a umbanda. Trata-se, portanto, de um Romance Histórico que acresce novos pontos de vista e novos moldes estéticos a este gênero romanesco, sem perder de vista o molde clássico pioneiro constituído através dos estudos de Luckács. Ao realizarmos a análise de *Desde que o samba é samba*, tendo como recorte a trajetória do personagem Ismael Silva, constatamos que o foco na esfera popular continua como ponto de partida na obra de acordo com o modelo clássico. Todas as personagens fazem parte da população que habita no Largo da Estácio e no morro de São Carlos, são estes, prostitutas, trabalhadores, sambistas, malandros, entre outros, representando o cotidiano das massas. Porém, diferentemente do modelo Luckasiano, em *Desde que o samba é samba* os personagens históricos ocupam lugar de destaque na obra, são os protagonistas, ainda que suas trajetórias individuais desembocuem em um final coletivo, em um acontecimento histórico que ligam seus destinos aos destinos dos personagens que não tem base histórica, como vimos ao analisar o personagem Ismael Silva. Ele foi o principal idealizador da primeira escola de samba, bem como trouxe uma nova acepção para o ritmo, e seu destino, sua história na obra representa não apenas uma trajetória individual, mas é uma história de uma comunidade que através deste personagem temos acesso.

Um elemento inovador que a obra traz como Romance Histórico é a questão da representatividade, apontada por Dalcastagné (2012) como uma tendência de boa parte das obras contemporâneas brasileiras, a qual está ligada ao viés político que a obra carrega. Através da trajetória de Ismael Silva, em nosso trabalho tomada como foco, são apresentadas questões como a orientação sexual do personagem e o preconceito relacionado a homossexualidade, o preconceito racial e de classe, já que se trata de uma pessoa negra, pobre, que mora na periferia, além é claro da intolerância religiosa e cultural, ligadas ao racismo também protagonizados pelo personagem. Paulo Lins apresenta uma forma de trabalhar com a matéria de extração histórica em sua obra plural e diversa do modelo clássico, como pudemos constatar durante nossa análise. Todas essas questões apresentadas e discutidas nos levam a perceber que *Desde que o samba é samba* é uma obra que traz elementos estéticos e temáticos ora que vislumbram uma continuidade e ora que abrem um novo caminho para os Romances Históricos na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. “A personagem do romance” In: **A personagem de ficção**/ Antonio Candido [et. al.]. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 51– 80

DALCASTAGNÉ, R. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 20. Brasília, julho/agosto de 2002, p. 33-87.

_____. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

JUNIOR, Arnaldo Franco. “Operadores de Leitura na narrativa”. In: **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. BONICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana. (org.) Maringá: Eduem, 2009. p. 33-58.

LINS, Paulo. **Desde que o samba é samba**. São Paulo: Planeta, 2012.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneo: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

WEINHARDT, Marilene. Considerações sobre o Romance Histórico. **Letras**, Curitiba, n. 43, p.11-23, 1994. Editora da UFPR. Disponível em: <revistas.ufpr.br/letras/article/download/19095/12396>. Acesso em 20 fev. 2017.

CORAGEM EM TEMPOS DE DITADURA: UM ESTUDO DA PERSONAGEM LIA EM *AS MENINAS*, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Micharlane de Oliveira Dutra (PPGL/UERN)

micharlaneoliveira@gmail.com

Manoel Freire Rodrigues (PPGL/UERN)

manoelfreire@uern.br

1. INTRODUÇÃO

A literatura, ao longo dos tempos, tem servido como um espelho da sociedade, refletindo e desafiando as normas. No romance “As Meninas”, elaborado por Lygia Fagundes Telles, e publicado em 1973 emerge uma narrativa intrincada que transcende as páginas e alcança as profundezas da resistência. Este trabalho é um recorte da Dissertação de Mestrado que encontra-se em processo de construção e propomos explorar os elementos de resistência intrínsecos na trama, focalizando a figura destacada de Lia, uma heroína que ousa desafiar o contexto opressivo da ditadura.

O cerne da investigação concentra-se na análise das nuances que impulsionam Lia a confrontar a autoridade ditatorial, indo além da mera oposição política. A metodologia empregada emprega uma abordagem qualitativa, desvendando as ações e decisões de Lia ao longo da trama. Como alicerce teórico, utilizamos as contribuições contemporâneas de Dalcastagné (1996), que contextualiza o romance brasileiro e sua relação com a resistência; Franco (1998), que aborda a interseção entre história, memória e literatura; e Ginzburg (2012), cujas reflexões sobre a crítica em tempos de violência fornecem insights fundamentais.

A resistência encarnada por Lia transcende as fronteiras políticas, manifestando-se como um ato audacioso em busca do resgate de direitos fundamentais e da conquista da liberdade, mesmo em contextos desafiadores.

Lia, enquanto uma das protagonista de «As Meninas», surge como uma figura feminina que luta e desafia o momento político, mas

como um questionamento profundo das normas sociais e uma busca incansável por autonomia. Ao explorar as camadas psicológicas da personagem, este estudo visa capturar a essência da resistência como um aspecto multifacetado.

O romance de Lygia Fagundes Telles, como um todo, revela-se uma obra de rica profundidade, oferecendo uma janela para compreender não apenas os eventos históricos que moldaram a narrativa, mas também as complexidades humanas que impulsionaram as ações de Lia. A narrativa, assim, transcende o contexto temporal e político, destacando-se como um testemunho intemporal das lutas individuais em face da opressão, e Lia, como sua protagonista forte, personifica a resiliência que ecoa através das eras.

Ao desvendar os motivos que impulsionaram Lia, este estudo contribui para uma compreensão mais profunda das dinâmicas complexas que permeiam o tecido narrativo de «As Meninas» e, por extensão, fornece uma reflexão mais ampla sobre a interseção entre literatura e resistência em contextos sociais adversos.

2. LUTA E RESISTÊNCIA: ATO DE HEROISMO DA PERSONAGEM LIA

A personagem Lia é representante da resistência e do heroísmo em face da opressão. No decorrer da narrativa, é descrita como uma jovem que não aceita o contexto em que faz parte e ao se deparar com um cenário político repressivo e autoritário, coloca em risco sua segurança e de seus amigos em prol de uma causa maior: o direito a liberdade. “há um diálogo tenso entre a militante, com todos os ranços da esquerda, e a jovem de classe média, com os preconceitos que lhe são inerentes” (Dalcastagné, 1996, p. 123). Assim, há um confronto entre a militante que carrega consigo as características e posicionamentos típicos da esquerda política, Dascalagné (1996) explora temas como discrepância de classes e militância política.

A personagem Lia, apelidada de “Lião” pelas colegas de quarto, se junta a grupos de oposição, participa de manifestações e atos de protesto, distribui panfletos e ajuda a organizar reuniões clandestinas. Destaca-se pela forma como se posiciona e denuncia a realidade ao longo da narrativa, sendo um dos pontos centrais a ser observado no decorrer deste trabalho. Essa posição assumida pela personagem de combater as adversidades advindas do poder dominante permite evidenciar que o narrador

apresenta uma posição ideológica perante os dramas que vivencia em sua realidade social, pois como nos mostra Adorno (2003, p.56), “antes de qualquer mensagem de conteúdo ideológico, já é ideológica a própria pretensão do narrador”.

Todo narrador apresenta em sua essência uma posição ideológica que remete ao contexto em que está inserida e no caso da narradora em análise, sua posição ideológica é destacada desde o princípio ao revelar as suas memórias quanto às pressões sofridas durante a vigência desse período conturbado na história da nossa nação, ao mostrar resistência perante isto.

Ao evidenciar essa posição ideológica da narradora, trazemos aqui um trecho que se destaca como um dos fatos mais marcantes do romance, tendo em vista a veracidade do conteúdo, ou seja, de um panfleto anônimo que denuncia uma violência a um recluso, fato já confirmado pela autora como verdadeiro durante uma entrevista concedida à *Revista brasileiros* e a leitura deste relato deixa o leitor surpreso ao se deparar com os detalhes da violência sofrida pela vítima.

Ali me interrogaram durante 25 horas enquanto gritavam, traidor da pátria, traidor! Nada me foi dado para comer ou beber durante esse tempo. Carregaram-me em seguida para a chamada capela: a câmara de torturas. Iniciou-se ali um cerimonial frequentemente repetido e que durava de três a seis horas cada sessão. Primeiro me perguntaram se eu pertencia a algum grupo político. Neguei. Enrolaram então alguns fios em redor dos meus dedos, iniciando-se a tortura elétrica: deram-me choques inicialmente fracos que foram se tornando cada vez mais fortes. Depois, obrigaram-me a tirar a roupa, fiquei nu e desprotegido. Primeiro me bateram com as mãos e em seguida com cassetetes, principalmente nas mãos. Molharam-me todo, para que os choques elétricos tivessem mais efeito. Pensei que fosse então morrer. Mas resistia e resisti também às surras que me abriram um talho fundo em meu cotovelo. Na ferida o sargento Simões e o cabo Passos enfiaram um fio. Obrigaram-me então a aplicar os choques em mim mesmo e em meus amigos. Para que eu não gritasse enfiaram um sapato dentro da minha boca. Outras vezes, panos fétidos. Após algumas horas, a cerimônia atingiu seu ápice. Penduraram-me no pau-de-arara: amarraram minhas mãos diante dos joelhos, atrás dos quais enfiaram uma vara, cujas pontas eram colocadas em mesas. Fiquei pairando no

ar. Enfiaram-me então um fio no reto e fixaram outros fios na boca, nas orelhas e mãos. Nos dias seguintes o processo se repetiu com maior duração e violência. Os tapas que me davam eram tão fortes, que julguei que tivessem me rompido os tímpanos: mal ouvia. Meus punhos estavam ralados devido às algemas, minhas mãos e partes genitais completamente enegrecidas devido às queimaduras elétricas. E etcétera, etcétera (Telles, 2009, p.148).

Este relato mostra à perversidade com a qual os militares agiam durante a ditadura, principalmente as táticas de torturas mais severas usadas para intimidar o preso. Há uma descrição detalhada dos espancamentos, dos choques elétricos, das humilhações, barbáries e punições das vítimas, a fim de saber tudo sobre os grupos, as reuniões e manifestações. Foi um longo interrogatório seguido de seções de torturas. A vítima resistiu, mas as marcas e feridas evidenciam o tamanho do sofrimento vivenciado e isso permanecerá.

Conforme Jaime Ginzburg (2012, p.459) no livro *Críticas em tempo de violência*: “foi prática corrente durante a ditadura o emprego da tortura, como parte do sistema de ações de repressão do Estado”. É a partir disso que refletimos novamente sobre o papel crucial da produção literária como meio de desmascarar esses indescritíveis atos de crueldade; porquanto, este relato demonstra com exatidão o quanto esses grupos que lutavam, sofriam punições e, sobretudo destaca que, o espaço no qual as jovens protagonistas mencionam suas histórias é de medo, sofrimento e insegurança. Evidenciando o panorama real do nosso país.

A veracidade desse panfleto com o relato das seções de tortura é comprovada pela própria autora durante uma entrevista no ano de 2013 para a revista *Brasileiros* com o título: *Entrevista com Lygia Fagundes Telles, por Alex Sonilk*. Ela afirma ter recebido o panfleto em sua casa, justamente na época da construção do livro, e, deste modo, aproveitou-o como valioso registro. Abaixo transcrevemos essa informação, conforme consta na entrevista:

E então por essa época, querido, quando estava escrevendo o livro, eu recebo um panfleto de um sujeito que eu não conhecia, se eu não me engano ele era um engenheiro que deve ter morrido porque desapareceu, um panfleto contando a tortura dele no DOI-Codi. Eu morava com o Paulo Emílio na Rua Sabará, Rua Sabará, 400, perto da Polícia Federal, onde diziam os vizinhos ouviam gemidos, gritos nos porões, onde eram torturados os presos políticos da ditadura militar. Quando eu recebi esse

panfleto, eu disse: „Paulo, eu recebi esse panfleto..., e eu queria aproveitar esse panfleto no livro que eu estou escrevendo”, e ele disse: „Você aproveita, mas cuidado porque o livro pode ser censurado”⁷⁷ (Telles, p. 01, 2013).

A autora revela que o romance *As Meninas* tem relação com a realidade do país naquela situação, pois durante o processo da escrita do romance recebeu esse panfleto (citado anteriormente) em sua casa, de um desconhecido, cujo conteúdo relatava a tortura por ele sofrida. E, mesmo ela sabendo da possibilidade de ser censurada ao expor esse fato verídico, coloca-o dentro da narrativa e acaba por tornar-se um instrumento de resistência e denúncia dos abusos cometidos pelo regime, além de tornar o texto literário com teor testemunhal.

A escritora transpôs para a ficção esse fato real com a intenção de, através da personagem Lia, que é caracterizada como militante, expor sua posição crítica quanto às mazelas provocadas pelo período ditatorial e dar ênfase a denúncia social, configurado pelo universo literário e a respectiva posição de resistência. De acordo com Jaime Ginzburg (2012, 175) “a literatura tenta lidar com o impacto traumático das experiências de ditaduras políticas. Esse impacto não reside apenas em um sentimento específico do autor particular, mas em uma espécie de base para inquietude, capaz de prosperar em vários autores”.

Prosseguindo na análise, em outro trecho selecionado, Lia faz outra denúncia, desta vez é uma abordagem quanto ao enriquecimento de forma ilícita, desordenada, da burguesia, destacando que nada mais importa para esta classe, a não ser alcançar seus interesses pessoais, seja dinheiro, luxo, ascensão social e até mesmo *status*, enquanto que as minorias, aqueles se encontram à margem, sofrem com medo do que poderá acontecer se porventura vier a denunciar as injustiças sofridas; e são esses descasos que a personagem lamenta haver na sociedade, pois o silenciamento do povo só contribui para o objetivo da burguesia:

⁷⁷ A revista *Brasileiros* realizou uma entrevista com Lygia F. Telles em 19 de abril de 2013. Ela explica como o panfleto chegou a suas mãos e por que resolveu usá-lo no livro. Ainda explica que seu livro não foi censurado em virtude que o responsável por censurar leu apenas até a página 20 e achou o livro muito chato. Então, o panfleto estava depois da página 200. A entrevista completa está no seguinte link: <https://jornalggn.com.br/literatura/entrevista-com-lygia-fagundes-telles-por-alex-solnik/>.

Dessa ou de outra maneira não estamos morrendo? Nunca o povo esteve tão longe de nós, não quer nem saber. E se souber ainda fica com raiva, o povo tem medo, ah! como o povo tem medo. A burguesia aí toda esplendorosa. Nunca os ricos foram tão ricos, podem fazer as casas com as maçanetas de ouro, não só talheres mas as maçanetas das portas. As torneiras dos banheiros[...] resta a massa dos delinquentes urbanos (Telles, 2009, p. 19).

O discurso da personagem Lia expressa a sua visão perante a realidade social vivenciada, que é a geração de 70, período de publicação do romance. Ela denuncia as mazelas que há na sociedade, onde os ricos estão tornando-se mais ricos e a massa dos delinquentes parece estar aumentando. Além disso, Lia também destaca o comportamento alienado das pessoas, que, por medo prefere não se envolver em questões políticas. A personagem procura desmascarar a realidade e apresenta as tensões e conflitos em relação à força que o dinheiro possui para corromper as pessoas, algo que por muito tempo não foi abordado em romances.

Enfatizando ainda o pensamento de Jaime Ginzburg (2012, p.470), a política autoritária, ao impor sua vontade sem considerar o pluralismo e a diversidade de perspectivas, causa uma instabilidade social, “sendo a sociedade brasileira atingida por uma política autoritária agressiva, que intimidava e disciplinava de acordo com os interesses do Estado, ela passou por uma série de conflitos, fundado no desequilíbrio estrutural do conjunto”.

O Contundente impacto de uma política autoritária agressiva na sociedade brasileira revela que o poder governamental ao impor a sua vontade, busca intimidar e disciplinar a população de acordo com os interesses do Estado, por isso a existência dos conflitos como este narrado pela personagem, onde há uma desigualdade e desprezo do povo quanto ao que está acontecendo na sociedade.

Ao estudarmos os aspectos formais do trecho, notamos que a linguagem utilizada é bastante expressiva e há uma singela repetição de palavras-chave, como «nunca», «rico» e «medo». Tais expressões reforçam a intensidade dos sentimentos da personagem perante aquela situação observada. Identificamos também a presença de *fluxo de consciência*, pois os pensamentos e as reflexões dela são apresentados de forma direta e contínua. O trecho revela a perspectiva da personagem e sua devida indignação e crítica em relação ao distanciamento entre a elite e a massa populacional. E para denotar que a fala vem de suas observações e experiências, há o uso da primeira pessoa do plural («nós»), isso denota que a personagem também se inclui como possivelmente pertencente a esta classe social desfavorecida.

A partir disso, podemos relacionar com o pensamento de Adorno, que traz à tona a questão de que o narrador pode provocar no leitor uma «nova reflexão» na literatura, que consiste em uma tomada de posição crítica contra a mentira da representação, “tomada de partido contra a mentira da representação, e na verdade contra o próprio narrador, que busca, como um atento comentador dos acontecimentos, corrigir sua inefável perspectiva”, (Adorno, 2003, p.60). Nesse sentido, o narrador não deve se contentar em ser apenas um observador atento aos acontecimentos, mas deve questionar sua própria perspectiva e assumir uma postura crítica sobre o mundo ao seu redor.

É perceptível o papel do romance como meio de questionamento e resistência diante da opressão e da falsidade presente na sociedade, uma vez que, durante muito tempo o romance era um gênero da burguesia que escondia muitos males presentes no meio social, e para contrariar, a autora tenta através da obra *As meninas*, por exemplo, trazer à tona fatos espalhadas pelo poder dominante.

Sob esse aspecto, Adorno (2003) ressalta o realismo como capaz de retratar e refletir de forma complexa e abrangente sobre os diversos contextos da realidade cotidiana, e que através disso a literatura apresenta personagens e situações que possam ser observados pelo leitor como parte da sua experiência neste mundo.

Nesse sentido, ao refletirmos sobre o romance em análise, percebemos as inúmeras tentativas da autora de propor ao leitor a reflexão de que o texto com que está em contato, trata-se não apenas de uma narração, mas que este serve para fazê-lo refletir sobre o mundo real a qual se encontra inserido.

Não há uma preocupação da autora em criar somente uma trama ilusória, fingindo que aquilo fosse real, como acontecia, por exemplo, na maioria das obras convencionais do século XIX, as quais possuíam como finalidade criar o realismo possível, mas ela propõe também retratar uma realidade que ora aconteceu em sua geração, pois como afirma Adorno (2003, p.55) em relação a obras de cunho realista: “O realismo era-lhe imanente; até mesmo os romances que, devido ao assunto, eram considerados “fantásticos”, tratavam de apresentar seu conteúdo de maneira a provocar a sugestão do real”.

Adorno (2003) evidencia esta posição pela recorrência de críticas sociais que compõem o gênero romance. Exemplo disso, notamos no diálogo entre Lia e Lorena, em que durante a conversa Lia comenta sobre uma situação de tortura vivenciada por seu amigo Mauricio “Não quer gritar, então aperta os dentes enquanto o bastão elétrico afunda lá no fundo” (Telles, 2009, p. 20). Esse fragmento retrata

uma situação recorrente durante a vigência do regime ditatorial, que é a forma violenta pela qual os militares agiam e reprimiam os opositores ao regime autoritário. É perceptível a brutalidade da tortura, que era um dos principais instrumentos de repressão e opressão utilizados.

O uso da expressão «bastão elétrico» demonstra um dos instrumentos pelos quais usavam para provocar dor e tortura e causa uma tensão na mente do leitor ao se deparar com esta palavra. Por outro lado, a frase «Não quer gritar, então aperta os dentes» revela a resistência e a coragem dos presos políticos que, mesmo diante de tamanho sofrimento e crueldade, não se deixavam abater e lutavam por aquilo que acreditavam ser necessário para obter a liberdade democrática. Em termos formais, a linguagem utilizada é direta e concisa. E isso enfatiza a sensação de opressão e violência presentes na cena. A utilização do pronome de segunda pessoa («aperta os dentes») aproxima o leitor da experiência da personagem, transmitindo uma sensação de envolvimento e empatia.

Noutro diálogo com a amiga Lorena, a personagem Lia relata sobre fatos recorrentes no espaço externo, como o medo da violência, além disso, ficamos sabendo sobre outros fatos que aconteciam nesse período sombrio da história brasileira. A personagem Lia está vivenciando um momento de medo e confusão, pois sabe que seus amigos estão sendo perseguidos pelo regime autoritário e que ela mesma pode ser presa a qualquer momento. “meus amigos estão todos presos, eu mesma posso ser presa saindo daqui [...] Manuela está internada como louca e Jaguaribe está morto” (Telles, 2009, p. 119). No fragmento supracitado, a linguagem utilizada é objetiva, transmitindo uma informação impactante e dramática. A fala da personagem é apresentada sem mediação, que proporciona uma imersão direta nas memórias dela, e causando impacto emocional sobre essas revelações, conferindo um senso de veracidade à narrativa.

A menção à internação de Manuela como louca é uma referência à prática comum da época de internar pessoas consideradas revolucionárias em hospitais psiquiátricos, como forma de repressão política. Já a morte de Jaguaribe, possivelmente um militante político, mostra o trágico fim de muitos que lutaram contra o regime. Esse fragmento ilustra, portanto, as consequências do autoritarismo na vida das pessoas e nos seus relacionamentos, bem como o impacto da violência política no cotidiano dos indivíduos.

A personagem Lia expõe o que tem acontecido com os seus amigos que são envolvidos na militância e revela que, essa tem sido a realidade, de constante risco de vida ao sair na rua, e demonstra indignação ao observar a ignorância da sociedade, que prefere, em sua maioria, ficar em silêncio para evitar qualquer consequência de falar sobre o que vivencia.

No romance, a personagem Lião (apelidada pelas companheiras de quarto), usa outro nome nas reuniões e evidencia um esforço em manter-se discreta quanto aos encontros que ocorriam em espaços escondidos, consciente de que ela e o grupo de amigos poderiam ser presos, para isso, na tentativa de manter-se no anonimato, identifica-se como Rosa. “até ser presa e morrer obscura, apenas com o nome que escolhi. Rosa” (Telles, 2009, p. 139).

Foi uma estratégia adotada para preservar sua verdadeira identidade. Observamos a convicção dela quanto aos ideais defendidos, e sua lealdade ao grupo a que pertence, mostrando assim braveza ao denotar que é capaz de dar a sua vida em prol dessa luta ou como sinal de protesto; pois morrer no anonimato não se tornava nada, comparado com o desejo de vencer.

A escolha do nome Rosa é uma referência direta a Rosa Luxemburgo, importante líder socialista e revolucionária do início do século XX, que também teve um destino trágico de perseguição e morte. A frase destaca, portanto, a memória e a resistência política, mesmo que os resultados sejam incertos e a trajetória termine de forma trágica.

Torna-se perceptível a intenção em representar uma parcela da juventude daquela geração de 70, sendo Lia o porta-voz destes, evidenciando que o romance é um instrumento de denúncia e o leitor poderá sentir-se representado por essas reivindicações da personagem Lia, uma jovem universitária.

Em outro diálogo com a Freira Madre Alix no convento, Lia argumenta que o importante é que cada pessoa lute independentemente de como seja. O trecho mostra as dificuldades da luta política em tempos de repressão, mas também ressalta a união e da perseverança nessa luta.

Mas o que eu queria dizer era que mesmo resguardada a senhora luta a seu modo, respeito a sua luta. Respeito até a luta dos que querem nos destruir, respeito sim senhora, eles estão na deles. Como estamos na nossa, enfraquecidos, traídos, divididos, não calcula como estamos divididos. Mas vamos aguentando. Um que fique tem que correr para passar o facho ao seguinte que recebe e sai correndo até o próximo que nem estava na corrida, entende? De mão em mão. É demorado mas nem estamos mais com tanta pressa (Telles, 2009, p. 147).

Observamos que a personagem dar ênfase a luta política e social e em sua perspectiva, por mais que estejam vivenciando um contexto de opressão e repressão durante a ditadura militar no Brasil, sabe reconhecer que cada um tem a sua maneira de lutar, inclusive a Freira com quem dialoga o que demonstra compreensão e solidariedade. Ela destaca a importância de não desistir, afirmando que não se pode deixar de ter esperança de um mundo melhor e um país mais igualitário.

A conversa entre as personagens tem um tom de informalidade; são frases curtas, mas carregadas de ideologias, de reflexões sobre a realidade. Ainda observamos a presença de discurso direto, em que as falas da personagem são desenvolvidas sem mediação do narrador. Essa técnica permite ao leitor ter acesso direto aos pensamentos e às palavras dela, o que contribui para a emoção na cena narrada, visto que parece ser um diálogo cheio de emoção e empatia.

É perceptível neste diálogo que a posição da narradora é sempre retomada, que mesmo em meio ao caos, aos desafios e até mesmo ao perigo, a luta dela continua a acontecer, pois com estas palavras de empatia direcionadas a Freira, demonstra ao leitor quem de fato ela é enquanto figura feminina e militante. Ao incentivar a Freira a lutar, mesmo que seja de um jeito diferente do dela, repassa a mensagem de que qualquer um também pode fazer algo pela sociedade, basta haver interesse. Destaca-se também neste trecho a importância de não se deixar ser influenciado por aquilo que dizem ser ideal para determinadas circunstâncias.

Ainda neste mesmo diálogo, Lia demonstra preocupação diante do que está acontecendo com aquela geração. O desespero toma conta dos jovens, que, em momentos de angústia cometem loucuras: “Esses desastres, esses crimes, tudo isso é desespero, o povo está sem esperança e nem sabe. Então, fica subindo nos postes, dando tiro à toa, bebendo querosene e gasolina de aflição. Medo. Eu estava assim desorientada. Agora sei o que fazer” (Telles, 2009, p. 148).

Neste trecho, a personagem parece fazer uma denúncia quanto ao desespero que gera desorientação na população e com isso se manifesta em atitudes extremas, como subir em postes, atirar sem alvo ou até mesmo beber querosene e gasolina. Notamos uma intensidade emocional, expressando o desespero e o medo presentes na narrativa.

Outro aspecto relevante a observar é o posicionamento assumido na fala da personagem, que revela sua própria visão diante dos desastres e crimes mencionados. Através de sua voz, ela demonstra

compreensão com essa situação quando se coloca no lugar e reconhece que essas ações são frutos do medo e da falta de esperança, e que já se sentiu dessa maneira sem ter um rumo; mas que agora já sabe qual caminho seguir.

Diante dessa situação a personagem afirma que não consegue mais ficar sem fazer nada e assume o risco de lutar: “Não consigo mais ficar sentada, me levanto. Assumo o risco[...] o que funciona é a união de todos nós para criar um diálogo” (Telles, 2009, p. 148). Nessa citação, percebe-se uma atitude de coragem dela quando assume os riscos advindos do poder ditatorial, em favor de um objetivo que é o seu comprometimento e luta contra a opressão, isso demonstra a importância de agir coletivamente para que mudanças venham ocorrer. Além disso, é notória a presença de elementos de risco na trama, relacionados aos desafios enfrentados pelas personagens, como a tensão narrativa que é criada pela situação de perigo. Principalmente ao apresentar esses momentos de interação intensa entre as personagens, provocam-se debates, reflexões.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um período marcado por opressão, silenciamento e perseguição, Lia se destacou pela sua resistência e determinação em preservar sua identidade e valores. Ao longo da narrativa, Lia enfrenta desafios que revelam não apenas sua força interior, mas também seu comprometimento com a justiça e a liberdade. Sua coragem transcende as barreiras físicas e emocionais impostas pelo regime autoritário, transformando-a em uma figura inspirada para aqueles que buscam resistir à opressão.

Através de sua postura desafiadora, Lia personifica a voz destemida que se recusa a ser silenciada. Ela não se curva diante da injustiça e encontra maneiras criativas de expressar sua insatisfação com os acontecimentos vivenciados. Sua coragem está enraizada na verdade de que a resistência é essencial para a construção de um futuro mais justo e livre. Além disso, Lia estabelece conexões específicas com as outras personagens, fortalecendo laços de solidariedade em um contexto adverso.

Estas relações destacam a importância da união na luta contra um regime que tenta dividir e enfraquecer a sociedade, representando a possibilidade de superação e transformação. Sua coragem não é apenas um ato individual, mas um empreendimento para a mudança coletiva.

A trajetória de Lia ressalta que, mesmo nas situações mais sombrias, a resistência e a coragem podem gerar sentimentos de transformação, sinalizando um futuro onde a justiça prevalecerá sobre a opressão. Sua resistência ressoa como um lembrete de que, mesmo nas condições mais difíceis, a determinação e a esperança podem iluminar o caminho para um amanhã mais justo e livre.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: **Notas de literatura I**. São Paul. Duas Cidades; Editora 34, 2003, p. 55-63.

DALCASTAGNÉ, Regina. **O espaço da dor**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SILVA, Marcio Seligman (org.). **História, memória e literatura**: O testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Unicamp, 2003. p. 351-369.

JAIME, Ginzburg. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2012.

TELLES, Lygia Fagundes. **As Meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AMOR E SOLIDÃO DOS ESTRANGEIROS EM *DENTRO DE TI VER O MAR*⁷⁸

Alyne Isabelle Duarte da Silva (UERN)

alyne.isabele@hotmail.com

Maria Aparecida da Costa (UERN)

cidaminas@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Portugal é marcado por escritores renomados dentro da arte literária que são porta-voz de uma literatura que ecoa desde os primeiros registros literários. Na literatura contemporânea existe uma junção de uma escrita que aborda tanto questões comuns à literatura clássica, como aspectos da literatura mais moderna, ou seja, faz-se um texto heterogêneo no tocante aos temas abordados, pois trata tanto de sentimentos que aflige o sujeito, como questões de relevância social.

Apesar disso, é importante destacar que as questões abordadas sobre conflitos sociais não possuem um tom militante. De acordo com crítico Miguel Real, “Com efeito, hoje, século XXI, reflexo de uma sociedade anêmica, apática e individualista, pragmática e tecnocrática, a militância desapareceu.” (2012, p. 33). Isto significa que o texto literário ainda se apropria e se inspira em aspectos sociais, entretanto não cabe mais a militância de uma única causa, o engajamento efetua-se de forma estética e multifacetado. Ainda de acordo com Miguel Real

A representação mimética da realidade torna-se em si desinteressante quando não contaminada por esse fulgor imaginoso da consciência que permite transfigurar a realidade em arte, sucumbindo esta e absolutizando aquela (Real, 2001, p. 52).

O que o crítico sugere é que os escritores mesclam nas narrativas o equilíbrio entre realidade e ficção, isto é, não

⁷⁸ Este trabalho contém recortes da Dissertação de Mestrado de Alyne Isabelle Duarte da Silva, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras – PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), defendida em 2019.

deixando que dentro da arte literária a representação fidedigna da realidade se sobreponha à ficção estética que uma narrativa comporta e permite. Além disso, a própria estrutura da narrativa contemporânea se modifica. Ou seja, acaba não pertencendo mais a um bloco fixo com um elemento pré-determinado que a defina, pelo contrário, a hibridez do seu próprio gênero é uma marca recorrente dos romances.

Desta forma, o que notamos é que o propulsor do romance português contemporâneo se deu, sobretudo, pós 25 de abril de 1974, pois segundo Alvaro Cardoso Gomes, “O romance se torna assim um instrumento de transformação do mundo, na medida em que o escritor passe a crer que seja possível uma revolução social através da ação da obra literária” (1993, p. 22). Isto significa que, o artista precisava materializar a realidade, e transforma o romance contemporâneo em um palco de experiências existencial, social e cultural.

Neste contexto, Inês Pedrosa revela-se como uma das principais vozes do cenário literário. Com obras que pouco a pouco ganham notoriedade e expandem-se pela própria Europa, o reconhecimento internacional demonstra a capacidade de tratar de temas de força universal que atinge qualquer sujeito. Com uma escrita que se destaca pela potência intimista e, ao mesmo tempo, transfigura esteticamente as nuances e transformações sociais lusitanas, a autora tem uma vasta produção romanésca que intercala entre personagens e narrativas um tom lírico e de crítica social.

Pedrosa faz parte de uma geração de autores que, de acordo com Miguel Real, rompe o tradicionalismo dos romances portugueses pós 25 de abril e define a sua escrita como:

Pulsão de vida transformada em pulsão estética, ou, dito de outro modo, transfiguração do conjunto de experiências da vida pessoal em texto romanesco. Paradoxalmente, sendo os seus romances um retrato da realidade social, Inês Pedrosa deverá ser a menos realista das escritoras emergidas na década de 90, estatuidando a sua escrita numa terra de ninguém narrativa entre memória cultural e instinto direto de vivência de escrita, os dois pilares que assentam seus romances. Em cada página sua vive, não uma visão imediata da realidade, mas, de um modo impulsivo, emocional, institivamente romântico, a realidade social condensada na memória em forma de cultura, ativada como escrita em forma de compromisso ou empenhamento social. (Real, 2012, p. 118).

O teórico coloca a escritora em um campo narrativo no qual a sua prosa captura o retrato social do país e o mais íntimo do sujeito. Isto é, o lirismo de sua escrita não anula seu compromisso com a memória cultural do país e a reflexão crítica sobre períodos sombrios de Portugal, mas a projeção maior dentro de seus romances é para o sentimento amoroso e para os conflitos dos indivíduos.

Assim, este trabalho é um recorte da minha dissertação a qual eu analisei o romance *Dentro de ti ver o mar* (2013), de Inês Pedrosa. Com uma ampla produção literária, neste romance, Pedrosa nos apresenta um compilado de questões do sujeito moderno, apesar do foco narrativo estar em Rosa, Luísa e Farimah, mulheres de faixa-etária, cultura e princípios diferentes com trajetórias que se cruzam.

Publicado em 2012, *Dentro de ti ver o mar* se constitui com um emaranhado de questões que ligam Rosa, Luiza, Farimah, Mandela, Gabriel, e tantos outros personagens que compõem o cenário do romance. O livro é dividido em 32 capítulos, muitos deles estruturalmente curtos, indicando que a profundidade com a qual Inês Pedrosa aborda sentimentos diversos pode estar contida em uma página e meia. Além disso, cada capítulo tem foco narrativo em um personagem específico, portanto, o romance desenvolve-se de forma não linear, mesclando a vida das personagens através dos sentimentos que os ligam.

A estrutura narrativa de *Dentro de ti ver o mar* (2013) permite que os 32 capítulos que formam a obra abordem o ponto de vista de diferentes personagens, não sem uma ligação desconexa, pois, de alguma forma, todas as histórias do romance parecem se cruzar em um ponto crucial: no amor. Assim, neste trabalho a nossa reflexão é sobre um amor entre dois as personagens Farimah e Mandela.

2. AMOR: A LINGUAGEM DOS ESTRANGEIROS

Ambientado no início do século XXI, entre os anos de 2003 e 2004, as histórias das personagens narradas em *Dentro de ti ver o mar* (2013) convergem para um ponto em comum: são histórias de amor. O romance não se limita apenas a este elemento, mas ainda é o forte da narrativa. Os pares que ilustram esse romance contemporâneo são tão diversos quanto a própria modernidade: Luísa e Joaquim, sendo ela filha bastarda de um aristocrata e ele um *bon vivant*; Farimah, uma refugiada da cultura iraniana, e Mandela, homem de origem africana; e Rosa, uma cantora de fado, solteira e amante de Gabriel, casado com Penélope, pai de três filhos e dono de uma livraria.

Apresentando pontos de vistas diferentes para cada capítulo, o segundo capítulo do romance, intitulado “Vitória”, começa narrando o caminhar de uma mulher mulçumana pelo jardim enquanto a personagem Luísa, sentada em um banco, observa a cena:

A mancha escura avançava pelo jardim, esmagada pelo peso do sol. O homem que seguia a sua frente virou-se e gritou a uma palavra breve que provocou na mancha uma aceleração imediata, embora descontínua. O ser presumivelmente humano que se deslocava debaixo daquele manto negro, com uma curta frincha no lugar onde em geral se encontram os olhos, parecia ter dificuldade em avançar ao ritmo imposto pelo seu guia. (Pedrosa, 2013, p. 11).

A palavra “mancha” usada como substantivo denota a falta de identidade própria que as mulheres mulçumanas possuem, marcada pela falta de liberdade na escolha da indumentária, em que são impostas as burcas, ou pela falta de reconhecimento de si própria como alguém livre. Diante disso, o narrador nos faz imaginar a personagem iraniana Farimah, no entanto, logo notamos que a mulher descrita na cena é outra mulçumana aleatória que compõem, casualmente, o cenário o qual Luísa observa. Entendemos que o que o narrador verticaliza a ação para um pensamento universal, isto é, transfigura-nos a vida das mulheres iranianas, a cultura e os princípios que guiam as muçulmanas, no geral, evocando uma terceira figura, para em seguida apresentar a personagem Farimah, uma das protagonistas.

É apenas no fim do capítulo citado acima que Farimah Farhadi aparece, e o fato da personagem ser apresentada no capítulo de Luísa, nos remete a ideia de que até então sua própria existência só é notada através do ponto de vista do outro. Luísa nota a iraniana não somente no sentido metafórico, como também no literal, pois é esta que ajuda a outra na fuga de Londres, onde a iraniana estudava até então, para viver em Portugal.

Entendemos esta fuga como o principal passo de emancipação da personagem, e a principal razão era evitar um casamento arranjado pelo pai. Mas, ironicamente, acaba precisando casar-se com outro para conseguir tal liberdade, e é nessa premissa que se torna amiga de Luísa, que

Arranjara-lhe um casamento por procuração que lhe fornecera passaporte português, ou seja, a liberdade. O marido que Farimah ainda não conhecia era um professor de História ativista de direitos humanos sem família e seropositivo, que ficara empolgado com a ideia de legar a casa e os seus poucos bens a uma jovem que nunca tivera direito a ser dona do seu destino. (Pedrosa, 2013, p. 14-15).

Diferentemente do primeiro, que atestaria sua subalternidade ao sistema, este segundo casamento arranjado seria o bilhete que iria lhe garantir a permanência nas terras lusitanas, por isso casara-se com Alex por questões puramente burocráticas, e não dividia com ele mais do que uma casa e a gratidão pela ajuda do homem para com ela. Colocado como dois polos distintos, em que o primeiro funcionaria como um enclausuramento e o segundo como um caminho para a liberdade, existe algo em comum entre os dois casamentos: não existe amor ou desejo.

Fugira de um casamento indesejado e aterrara num país novo já casada com um desconhecido – um homem doce, amável, que não esperava nada dela, nem quisera saber quem ela era para a aceitar. Em Teerão as noivas também eram invisíveis até se materializarem em carne e sangue na noite de núpcias. Alex nunca a desejaria. (Pedrosa, 2013, p. 58).

Compreendemos que a última sentença do fragmento sugere que Farimah não se tornaria visível, de acordo com os costumes de seu país, por aquele casamento, pois Alex a enxergava apenas como a materialização do seu ato de altruísmo. E para ela, “O fardo da gratidão tornava-se insuportável” (Pedrosa, 2013, p. 58). Além disso, o fato das noivas só se tornarem visíveis, ainda que metaforicamente, na noite de núpcias, reforça a ideia de que o homem precisa atestar a visibilidade feminina. Ou seja, a mulher mulçumana necessita, culturalmente, do outro, neste caso sempre o homem, para perceber-se mulher.

Ainda que a iraniana compreendesse a configuração do seu casamento com Alex, algo a incomodava:

Nos primeiros meses na casa do marido, Farimah não conseguiu dormir. Porque sofria de ansiedade se aquele casamento era apenas uma formalidade burocrática? Morava dentro de metade da casa que pertencia àquele que oficialmente se torna o seu marido. O seu nome, sua intimidade, permaneciam intocáveis. (Pedrosa, 2013, p. 95).

Compreendemos o incômodo de Farimah, porque mais uma vez a mulher precisa da figura masculina para conseguir agir sobre sua própria vida, pois “Sentia que Alex a olhava como um estereótipo: a mulher-mulçumana-que-ele-salvara. Sentia esse mesmo olhar bondoso, carregado de paternalismo [...] nas repartições públicas, em qualquer convívio social.” (Pedrosa, 2013, p. 95). Ou seja, Alex sai da posição de marido que iria tornar a visibilidade feminina de Farimah possível através da relação sexual, e assume a posição paternal de dar a visibilidade através dos cuidados paternos.

Ao tratar sobre a mulher dentro da instituição casamento, o teórico Anthony Giddens afirma que

Foi somente na última geração [a de meados século XX] que, para as mulheres, viver a sua própria vida significou deixar a casa paterna. Anteriormente, deixar a casa significava para todas, com exceção de uma pequena proporção de mulheres, casar-se.” (1993, p. 63).

É através desse pensamento que compreendemos o passo da personagem Farimah ao deixar a casa do pai, e parte dos costumes islâmicos, para estudar na Europa como um ato emancipatório, pois, ainda que Alex assuma a posição paternal na vida da mulher, ela acaba tomando as rédeas da sua própria vida. Afinal, é em terras portuguesas que a iraniana encontrará solo fértil para viver de forma livre.

O caminho para tal sentimento de sentir-se livre lhe rende o susto de finalmente viver a cultura ocidental: “Não era o medo que atrasava o passo de Farimah; ainda não se habituara a acotovelar e ultrapassar os homens. Durante toda a vida fora ensinada a andar devagar e muito atrás deles.” (Pedrosa, 2013, p. 36). Isto torna possível compreendermos que a educação da

engenheira foi sedimentada durante anos em uma submissão ao sistema patriarcal. Por isso chegar em Portugal, ainda que seja o desejo de Farimah, causa-lhe um deslocamento de si mesma, reflete que “Tinha orgulho da família, embora soubesse que já não lhe pertencia” (Pedrosa, 2013, p. 37). A falta de se reconhecer dentro da instituição familiar mostra o deslocamento e transgressão da personagem sobre os aparelhos ideológicos do estado, além disso atesta, também, um estado de solidão o qual Farimah irá viver, pois não consegue mais se perceber enquanto mulher iraniana que segue as tradições, ao passo que também não se familiariza com os costumes lusitanos.

Embora a personagem tenha estudado a vida inteira em Londres, vivera sempre sob ordem dos pais e dos costumes árabes. É só quando parte para Portugal que enxerga que este laço cultural com o Irã começa a se desfazer, e afirma que “Venho de uma Londres diferente da sua [de Luísa]. Agora é que entro no mundo ocidental.” (Pedrosa, 2013, p. 37). A inserção, de fato, no novo mundo requer da personagem uma desconstrução de si, pois apesar da presença da figura de Luísa, é um processo pelo qual Farimah passa sozinha, não existe mais a figura masculina do pai para guiar os passos e tampouco a figura de um homem que fosse nos moldes mulçumanos. E por isso chega a se perguntar “Porque seria tão assustadora a palavra liberdade, que sempre amara?” (Pedrosa, 2013, p. 99). Esta pergunta retórica sugere que, ao passo de conquistar a liberdade que tanto almeja, também há um preço a pagar sobre tal, e para ela, isto seria a ausência da família, que embora não a compreenda, ainda é, acima de tudo, o lugar de onde veio.

Ao contrário da personagem Rosa Cabral, uma cantora de fado que vivia o amor intensamente, Farimah tinha forte resistência ao sentimento amoroso. São dois extremos que se reconhecem no infinito da amizade, a cantora de fado irrompe em sentimentos efusivos, a iraniana é contida e evita, racionalmente, os caminhos do amor. “Rosa não tinha medo de amar com desamor, asco, volúpia, nojo, raiva, tudo o que não podia ser compreendido. Para Farimah, o amor tornara-se melancólico, infantil, inconsequente” (Pedrosa, 2013, p. 97). A obstinação da iraniana contrária ao sentimento amoroso tem explicação na antiga experiência de viver um amor proibido, e isto acaba tornando-se parâmetro para a descrença da jovem. Afirmando, portanto que:

– Já desisti do amor,

disse Farimah num inglês áspero. O sabor dos beijos do amor proibido queimava a língua, que não obedece ao manual de instrução do cérebro. De qualquer modo já estava casado, e nunca teria tido a coragem de fugir com ela. Farimah não percebia a que ponto era preciso coragem para fugir do inferno. A coragem é um modo de viver, não um conjunto de decisões (Pedrosa, 2013, p. 35).

Compreendemos a partir do fragmento que a mulçumana vivenciou um amor interrompido, e esperava que o seu objeto de interesse tivesse a coragem de viver a relação como ela teve a coragem de fugir para viver a sua vida sem imposições sociais. Por isso, o trauma dessa relação atravessada pelo proibido marca Farimah e fomenta sua resistência. Além disso, existe o peso de não se reconhecer ainda em terra estrangeiras, mesmo que Portugal fosse a casa que acolhera para a realização dos seus sonhos, todo o sentimento que vivenciava nas terras europeias lhe parecia ainda alheio. Afirma que

recordava as azáleas dos jardins de Teerão, os autocarros vermelhos de Londres, coisas que lhe pertenciam, pessoas a quem nunca deixaria de pertencer porque a haviam amado, apesar de não a compreenderem. Em Lisboa a compreensão parecia-lhe sempre maior que o amor. Dizia a Alex:

– Tu passas a vida a salvar o mundo. Eu não posso fazer isso, não sou europeia (Pedrosa, 2013, p. 97).

Pensamos a falta de pertencimento a partir da ideia de um sentimento que lhe dê segurança e estabilidade para viver algo genuíno e verdadeiro. Comumente, o sujeito costuma ter a ilusória sensação de encontrar tais sentimentos no amor. Por isso, embora Farimah tenha uma sólida amizade com Rosa, que é um amor seguro, é apenas com Mandela Silva, um rapaz de origem africana, que se sente tão estrangeiro na Europa quanto Farimah, que acaba descobrindo os caminhos do amor.

“Farimah Farhadi e Mandela Silva apaixonaram-se à primeira vista de um modo fulminante no funeral de Éva Cabral.” (PEDROSA, 2013, p. 137). O lugar nada convencional para os amantes de

descobrirem apaixonados só nos confirma a ideia de que o amor irrompe em locais inusitados, mas nunca em horário inconveniente. Ademais, o surgimento desse amor em um lugar atípico concerne um duplo sentido, pois era incomum não apenas o ambiente em que se encontravam no preciso momento, como o espaço geográfico em que os amantes se apaixonam: o amor desperta em um solo estranho para dois estranhos.

Um cruzar de olhos bastou para entenderem tudo o que precisavam um do outro; espantar-se-á a leitora com semelhante milagre num romance decorrido na Era do corpo e dos ludibrios fantasiosos da Internet. Sucede que este par lograra manter o olhar transparente dos tempos de antanho, em que os contatos eram difíceis, a existência durava menos e pedia mais intensidade. Na verdade, afeiçoamos o passado ao molde dos medos do presente; os olhares puros não têm data, sobrevivem ao cinismo contemporâneo como à maldade lisa que supomos ser sua avó. E o desejo é uma questão de cheiro e de pele, coisa animal que transcende a elaboração das transcendências. Farimah e Mandela amaram-se como estranhos e iguais, porque são essas as matérias do amor, relâmpago que tudo abre. Olharam-se e souberam. Acertaram o passo um pelo outro, no meio da comitiva fúnebre (PEDROSA, 2013, p. 137).

Souberam-se, dois estrangeiros em terras portuguesas, através do olhar, os caminhos para o amor. Reconhecem-se no instante imediato da descoberta um do outro, e refletem o despertencimento cultural, para se descobrirem na intensa ligação que o amor é capaz de causar. Embora fossem estranhos, no amplo sentido da palavra, estrangeiros e estranhos um para o outro, amaram-se como iguais, porque o amor não escolhe de forma consciente a matéria que lhe queima. Mandela o avesso do ideal que o imaginário do pai de Farimah pudesse supor, mas ideal para suportar a descoberta de um amor em uma mulher tão diferente. Conforme propõe a teórica Cristina Nehring sobre as relações de amor:

É para a pessoa inadequada que somos atraídos de forma irresistível. É a escolha transgressora – não a escolha pretendida, não a escolha pela qual somos aplaudidos por pais e protetores, autoridades e

simpatizantes – que nos atrai visceralmente. É possível que, em diversos momentos, abracemos partidos de conveniência e razão, mas nossos instintos nos conduzem irresistivelmente para a inconveniência, para o irracional, para o não aprovado. (2012, p. 84).

De acordo com a autora não importa o quão diferente e inapropriado seja o outro, a atração não obedece a regras morais e sociais, isso porque a irracionalidade desencadeada pelas paixões deixa o sujeito incapaz de entender e/ou aceitar razões que impossibilitem vivenciar o sentimento. Por isso, o amor entre Farimah e Mandela cresce à revelia da ordem social e cultural em que se encontram. Julia Kristeva sugere que

Seriam os sintomas do amor os sintomas do medo? Medo-vontade de não ser mais limitado, retido, mas de ir além. Temor de atravessar não só conveniências, interditos; mas também, sobretudo, medo e desejo de atravessar as fronteiras de si mesmo” (1988, p. 26).

Quando pensamos a personagem de acordo com o que propõe a crítica, entendemos Farimah vivendo a experiência do sintoma amoroso misturado ao desejo de transgressão enquanto pessoa. Neste caso, o medo que ronda a personagem está no rastro de profundas transformações que o sentimento amoroso pode proporcionar. O sentimento age como um fator de propulsão de vida, que conduz Farimah para novas descobertas de si, inclusive de desfazer-se de si, das obrigações impostas; reconstruir-se puramente no amor por Mandela não assustava a iraniana, porque os encantos do amor fazem sucumbir qualquer sentimento que tenha força contrária.

Farimah ria-se nos intervalos em que se deslaçavam, magicando que a experimentação tão valorizada pelo Ocidente não significava nada: para que o sublime tivesse possibilidade de aparecer apenas importava a verdade. Ria-se de si mesma e da sua desconfiança face ao amor; ria-se do prazer que descobria em locais do corpo que nem imaginava sensíveis.

Quando acordaram, manhã alta, sorriram em simultâneo e disseram amo-te ao mesmo tempo, em duas línguas diferentes. (PEDROSA, 2013, p. 138).

Em línguas diferentes, porque para a transcendência dos sujeitos enamorados, ainda que a universal língua dos corpos falassem através do riso incontido, era preciso verbalizar e dar forma ao sentimento amoroso através das palavras. A relação do casal foi narrada em duas páginas, no capítulo XIX, intitulado “Amor”, e embora toda a projeção narrativa estivesse centrada na relação de Rosa e Gabriel, e todo o romance seja composto por inúmeras histórias sobre amor, é apenas para a relação de Farimah e Mandela que a palavra surge para dar não só título ao capítulo, mas para sugerir que aquela seria a única história sólida, isto é, amparada por desejos e condições de uma relação estabilizada, e isso se dá, principalmente, porque é no exato momento que eles se descobrem apaixonados e amando que a autora encerra o romance. Ou seja, isto nos possibilita pensar que, a relação que deu certo dentro da narrativa, deu-se porque precisamente a narrativa acaba enquanto o sentimento principia iluminando a vida dos amantes.

Ao contrário dos demais pares de *Dentro de ti ver o mar* (2013), Farimah e Mandela formam o casal à parte do romance em que o amor funciona nos trâmites de uma relação desejável. Isto é, vivem um amor recíproco e contornado de sentimentos descobertos no susto do amor correspondido. São solitários, e é nessa premissa que o amor se consolida: dois estranhos se juntando na solidão de terras alheias e vivendo a efervescência do sentimento. Entretanto, o amor durável deste par ocorre quando a história chega ao fim; não há mais registro deste sentimento que surpreendeu os estranhos, por isso, imortaliza-se – para o leitor –, ironicamente, com o fim da narrativa.

3. CONCLUSÃO

Desta maneira, compreendemos que Inês Pedrosa destaca-se com uma produção que transpassa de questões sócio-culturais a existenciais. *Dentro de ti ver o mar* (2013) trata dessas relações afetivas em graus e nuances diferentes, dentro de um Portugal no início deste século, em que a efervescência cultural era um dos principais fatores de transformação do sujeito e das relações modernas.

É através do deslocamento e estranhamento de si mesmas que essas personagens acham um caminho para experienciar a vivência

do sentimento amoroso. O reconhecimento, através do outro, só é possível no momento do encontro em que o amor irrompe. Além disso, a relação de Farimah e Mandela seria o ideal cujo ápice o leitor espera, pois é a relação que dura, já que a sua realização ocorre precisamente ao fim da narrativa, não permitindo ao espectador o desfecho que ocorre após a consumação do amor.

REFERÊNCIAS

- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GOMES, Álvaro Cardoso. **A voz itinerante:** ensaio sobre o romance português contemporâneo. São Paulo: EDUSP, 1993.
- KRISTEVA, Julia. **Histórias de amor.** Trad. e intr. de L. T. da Motta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- NEHRING, Cristina. **Em defesa do amor:** resgatando o romance no século XXI. Trad. Fátima Santos. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.
- PEDROSA, Inês. **Dentro de ti ver o mar.** 1 Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- REAL, Miguel. **Geração de 90:** romance e sociedade no Portugal contemporâneo. Porto: Campos das Letras, 2001.
- _____. **O romance português contemporâneo: 1950-2010.** 2ª ed. Alfragide: Editorial Caminho, 2012.

A FIGURA FEMININA FRENTE ÀS SUAS RELAÇÕES AMOROSAS: UMA ANÁLISE SOBRE A PERSONAGEM HELENA EM *A COSTA DOS MURMÚRIOS*, DE LÍDIA JORGE⁷⁹

Talia Cristiane Elias Brito

taliacristianeeliasbrito@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A literatura tem ganhado novos significados quando observamos sua manifestação na contemporaneidade. Diante disso, o que se sobressai nas expressões artísticas literárias diz respeito a presença de mulheres que são movidas pelas suas relações amorosas, seja em um conceito provedor de momentos bons, embora passageiros, seja no sentido problemático, em que estes sujeitos refletem a infelicidade, visando apenas o cumprimentos de questões sociais. Isto posto, buscamos com este estudo elaborar uma análise crítica sobre o romance *A costa dos murmúrios* (2004), da escritora e ficcionista portuguesa Lídia Jorge, tendo como finalidade principal analisar como a figura feminina Helena age frente a sua relação amorosa com a personagem Forza Leal; de maneira específica perceber como os aspectos sociais e ideológicos causam interferências no cotidiano da personagem feminina; e observar se tais questões possibilitam ou não o insucesso, a infelicidade e o fracasso amoroso de Helena perante seu relacionamento.

O recorte trazido tem como ponto basilar o foco no comportamento das personagens, isto porque são elas que entregam o espaço o qual elas pertencem, suas concepções sociais e como o contexto influencia em suas ações. A partir disso, percebemos que aquilo que possibilita a movimentação e o desfecho da narrativa são as personagens que circundam todo o romance, sejam eles protagonistas ou não. Sendo assim, faz-se necessário e importante análises que apresentem, sobretudo, a maneira que as personagens mulheres agem frente às suas relações amorosas/matrimoniais, principalmente, quando

79 Este artigo, trata-se de um recorte de pesquisa de dissertação desenvolvida no curso de Mestrado, elaborada no ano de 2022-2023, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Aparecida da Costa.

são articuladas em contexto político patriarcal, como esse presente em *A costa dos murmúrios*. Além disso, é relevante discutirmos sobre assuntos como esses, visto que ainda vigoram no contemporâneo.

As questões relativas às estruturas patriarcais, tendem a criar leis que propagam em suas raízes a subalternização da mulher perante o homem. Nesse sentido, essa concepção se expande muito mais quando observamos as relações amorosas que são concretizadas, unicamente, para cumprir com as conveniências sociais, por meio da instituição denominada casamento. Nesse ínterim, como teoriza Maria Aparecida da Costa (2014), o casamento torna-se responsável pelo fracasso amoroso.

Portanto, enxergamos a literatura como um caminho para dar liberdade, voz e lugar aos sujeitos que se encontram presos pelas amarras sociais. É através da leitura e, conseqüentemente, da análise que conseguimos expor, criticar e denunciar o que o sistema patriarcal buscam fazer com as mulheres, que assim como Helena, não abdica da relação com Forza por receios dos julgamentos sociais, que sempre depositava toda culpa do insucesso matrimonial a mulher. Por isso, os textos literários são elementos que oportunizam a compreensão dos sujeitos em seus espaços na sociedade, provocando a reflexão, e posteriormente, a transformação social.

2. OPRESSÃO E VIOLÊNCIA: HELENA FRENTE A SUA RELAÇÃO AMOROSA

No prisma da cultura ocidental, às mulheres são impostas seguirem os passos dos homens, principalmente, quando elas se unem, mediante o casamento, com a figura masculina. Em *A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental*, Follador (2009) diz que, no contexto do Ocidente, as figuras femininas eram vistas por intermédio da concepção domesticada, papel que as punha em uma posição de “bondade”, seguindo “a verdadeira” personalidade do ser mulher, portanto, feminilizando ainda mais essa figura emblemática. Embora a pesquisadora delimite o espaço brasileiro no estudo, esse trabalho também se expande para outros contextos ideológicos, por exemplo, o português, o qual permeia o romance *A costa dos murmúrios*, de Lúcia Jorge.

Na referida obra, a romancista apresenta a personagem secundária Helena, ou *Helena de Tróia*, como é referenciada em alguns momentos da narrativa: “Como se chamava ela? — chama-se

Helena por baptismo [...], mas todos a tratam por *Helena de Tróia*», representando as idealizações que são atribuídas às mulheres. Recebe este nome, *Helena de Tróia*, figura mítica, porque seu comportamento coadjuva com a personagem troiana, que se tornou responsável pelo conflito da Guerra de Tróia. Assim como a figura mitológica, Helena de *A costa dos murmúrios* (2004) é uma mulher muito bela, que tem o poder de persuadir todos mediante a sua beleza, aflorando e inflamando os desejos carnaís das demais personagens do romance, causando incertezas e conflitos em quem se encanta por ela. Ademais, observamos que a figura feminina, apesar de ter esse poder de persuasão, é silenciada, submissa e servil à figura masculina, o capitão da tropa portuguesa e seu marido, Forza Leal. Enxergamos constantemente Helena sendo trancafiada e sob as garras do companheiro, não tendo vontade própria nem liberdade, pois são dominadas e ditadas pelo par matrimonial, o que sustenta um comportamento utópico em Helena:

[...] mas *Helena de Tróia* era a abstracção de quê? [...] ela poderia ser o corpo que servisse de abstracção, em simultâneo, da Beleza, da Inocência e do Medo, e assim tudo ficaria explicado. [...] Se as três abstracções estivessem reunidas, tudo se explicaria desde os pássaros vermelhos à cena do barco, e assim ela não era malévola mas frágil. Via Helena frágil, uma pomba frágil [...] (Jorge, 2004, p. 96-97).

Observamos que as características constituídas em Helena representam tanto os aspectos que deveriam formar a imagem do feminino ideal para o patriarcado – bela, inocente e temente – como também apontam para uma mulher que não apresenta personalidade forte, que a levaria a desafiar as ordens de determinada estrutura política na qual estava inserida, como também o comportamento do marido. Ao contrário. Helena é conceituada como uma figura abstrata, ou seja, inexistente, sem ação e atitude no espaço narrativo presente no romance. Nessa compostura, temos uma personagem que, para a narradora Eva, se assemelha a uma ave delicada, frágil e, principalmente, misteriosa. É por meio dessa fragilidade que passamos a perceber o lado subordinado e submisso de Helena a Forza Leal.

O paradigma de subordinação pode ser entendido como um estereótipo para que Helena pudesse ser reconhecida, destacada e exemplo de mulher e esposa no contexto ideológico tradicional que conduzia o comportamento, a conduta e a formação social das mulheres. Esse elo patriarcal que instruíra as personagens

femininas a possuírem devoção e respeito às vontades dos homens corrobora com a sua invisibilidade, insignificância e inferiorização. Em *A Dominação masculina*, Bourdieu (2012, p. 38-39) pontua que “[...] a submissão feminina parece encontrar sua tradução natural no fato de [...] se submeter, [...] e na docilidade correlativa que se julga convir à mulher. Como se a feminilidade se medisse pela arte de se fazer pequena”. A partir disso, compreendemos que, em sociedades de conjuntura ideológica que inferioriza a mulher, esta só é percebida e conceituada por meio de sua subordinação ao poder masculino. Em *A costa dos murmúrios*, a pequenez de Helena perante Forza Leal se dá, maiormente, quando ela não se posiciona diante das agressões e das imposições do homem. É nesse cenário que a subalternidade da personagem se torna mais realçada.

Expomos como exemplo a cena em que Forza repara que existem homens cobiçando e desejando Helena na cerimônia de casamento de Evita e Luís, quando agride e violenta Helena, pois percebe que os homens estão admirando sua bela mulher. Essa atração pela mulher do capitão ocorre porque

Há desejos irreprimíveis, inveja de coisas próximas inalcançáveis, mesmo quando se tem o cônjuge presente, bebendo diante de nós. Ora não admirava, porque a mulher do capitão Jaime Forza Leal atraía a vista e o suor como um farol atraí, quando visto o facho a partir do mar. [...] **Mas naturalmente que Helena de Tróia tinha de concitar o olhar. Naturalmente que o capitão reparou nos olhares que choviam como dardos. Naturalmente o capitão esbofeteou a mulher.** Ainda mais naturalmente — porque tinha a ver com a dinâmica e a cinética — a mulher ficou encostada ao ferro da varanda que separava o *Stella* do Índico. Com a face esbofeteada, era naturalmente cada vez mais linda. Naturalmente uma lágrima caiu por um dos seus olhos, porque o outro estava coberto por uma das muitas madeixas do farto cabelo rubro. **Naturalmente o marido se aproximou dela, e a puxou para si, e ela entregou a cara, a lágrima e o cabelo, encostando tudo isso ao ombro dele, naturalmente** (Jorge, 2004, p. 29-30, grifos nossos).

Observamos que o excerto, inicialmente, faz menção à volúpia carnal que é ascendida nos homens quando percebem a beleza da mulher do capitão. No entanto, o que mais fica em evidência no trecho

é a agressão sofrida por Helena. O comportamento da personagem acontece de maneira condizente com o seu lugar de submissão a Forza Leal. Percebemos que a reação de Helena quando é espancada pelo marido não apresenta revolta, afastamento ou protesto perante a violência, mas entrega suas emoções ao capitão, realçando mais ainda sua postura de subordinação. Apesar da violência sofrida, Helena é descrita como cada vez mais linda, sugerindo, assim, que a agressão a torna ainda mais atraente como mulher para o espaço e para as ideologias que induzem as personagens, firmando a vulnerabilidade dela. Dessa maneira, compreendemos que as várias utilizações do termo “naturalmente” condizem com as expectativas que a sociedade tem da figura feminina, disposta a passar por cima de qualquer situação em nome da “união eterna” na relação amorosa. Posto isso, assumimos que a atitude, tanto do capitão como de Helena, são ações que já se desenvolvem com normalidade no contexto patriarcal do romance. Por isso, as cenas são atribuídas à normalidade.

Enfatizamos, ainda, que a adjetivação “naturalmente” atribuída à passagem de violência sofrida pela mulher do capitão é posta pela narradora com um olhar e com uma posição crítica relativamente à união de Helena e Forza. Ou seja, a ironia feita por Eva perante o espancamento leva a entender que o casamento das personagens não se baseia no respeito entre ambos. Nesse sentido, compreendemos que somente a mulher passa por cima de atitudes sombrias em nome da sustentação do relacionamento, enquanto o homem permanece no lugar do qual a oprime. Para mais, a naturalidade com a qual Helena se mostra após a agressão faz parte das concepções da política patriarcal, em que a figura feminina deve suportar as ordens e os comportamentos do homem, posto que este é direcionado a ser o dono da mulher e, por esse motivo, age conforme seus anseios e instintos.

A priori, a união matrimonial se enlaça como um caminho que a mulher encontra para sair do domínio dos pais, objetivando a independência. No entanto, verificamos que o casamento surge de forma traiçoeira, aprisionando cada vez mais as mulheres. Conforme teoriza Neuma Aguiar (2022, p.322), quando a relação conjugal se concretiza, a dominância da mulher passa dos pais para uma obrigação atribuída ao homem, pois o feminino é conceituado como um ser subordinado ao masculino. Com isso, notamos que o elemento principal que guia a vida de Helena e Forza Leal diz respeito a um contexto de subordinação da figura feminina ao querer da imagem masculina, o que corrobora com a continuação da relação tortuosa que a mulher vive.

O ataque pelo qual Helena passou pode também ser associado às relações de poder que são conferidas ao homem, que se considera

dono da mulher. Helena poderia ser bela, mas só quem poderia olhar e admirar sua beleza era ele. Podemos dizer que o capitão a via como um troféu, não como uma companheira com quem iria dividir e compartilhar momentos bons e de reciprocidade.

Se levarmos em consideração o contexto narrativo colonialista e patriarcal, perceberemos que a condição feminina se torna ainda mais precária, porque, como pontua Spivak (2010, p. 15) em *Pode o subalterno falar?*, “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”. O posicionamento da teórica, mesmo abordando a condição subalterna de um modo geral, estende e enfatiza a mulher no referido contexto colonialista, porque, embora exista a marginalização colonial do corpo negro, para a classe mais baixa social, a mulher se encontra de maneira bem mais problemática nesse lugar, visto que ser uma figura feminina nas sociedades colonizadoras era sinônimo de insignificância, de ser criada tão somente para realizar as vontades do homem.

O comportamento de Helena de *A costa dos murmúrios* não se forma por méritos e vontades próprios da personagem. Isso denota algo impossível, porque não existe sujeito que apresente prazer em ser subordinado pelo outro e/ou por estruturas políticas que anulam sua personalidade. Dito isso, inferimos que a postura da mulher pode ser justificada por meio do próprio lugar que lhe fora destinado na sociedade ideológica ocidental portuguesa. Em todo momento, é conduzida pela figura masculina e assume um espaço que limita sua forma de viver socialmente. Helena se apresenta como superior, se pensarmos em sua condição financeira na sociedade portuguesa capitalista burguesa. Isso pode ser percebido por intermédio da posição ocupada por ela, sempre em casa, tendo empregados para fazer as tarefas domésticas. Porém, é reprimida e pequena diante do companheiro Forza Leal, assumindo um lugar de servidão ao homem. Vê-se isso, por exemplo, na passagem em que estão na marisqueira moçambicana:

O capitão comia pernas de marisco que Helena partia com turquês. [...] Eles comiam e amontoavam as cascas sobre os pratos, contudo, por vezes, as cascas caíam e Helena apanhava e compunha, como se estivesse ali sobretudo para desempenhar esse papel e sentisse felicidade nesses gestos. Era ela quem chegava os pratos e zelava por que não se perdesse a turquês entre as cascas. De vez em quando, Helena ficava ausente de todas aquelas conversas entrecortadas do capitão com o noivo (Jorge, 2004, p. 76-77).

O que é representado na passagem diz respeito a uma dinâmica tradicional de gênero, imposta, frequentemente, às mulheres no contexto ideológico patriarcal. Percebemos que as ações de Helena condizem, evidentemente, com a posição de servidão e domesticidade diante de Forza Leal. Ao se comportar de tal forma, a personagem feminina muitas vezes se ausenta dos diálogos naquele espaço, para se fixar nessa conduta de servir ao homem. Embora sejam situações problemáticas na vida da mulher, enxergamos que Helena demonstra prazer em se ocupar praticando os desejos do marido. Esse sentimento toma conta dela, que vive conformada com a vida que Forza lhe oferece. O fato de Helena ser encarregada de zelar por aquele recinto da marisqueira pode ser simbólico da responsabilidade que as mulheres muitas vezes têm de manter a ordem e a eficiência nas tarefas domésticas, mesmo que isso signifique colocar as necessidades dos homens em primeiro lugar. Além disso, uma possível leitura crítica do excerto consiste em enxergá-lo como uma representação do condicionamento social que ensina as mulheres a encontrarem felicidade e virtude no ato de servir ao companheiro matrimonial. Desse modo, percebemos que existe a concepção de que Helena, enquanto mulher em determinado contexto, se limita e se subordina a Forza Leal, realçando muito mais a posição soberana do homem.

Em razão do fato de a personagem Helena ser parte dessa estrutura política que descarta e transpõe a mulher para uma condição desvalorizada, ela aparece a todo momento imbuída e escravizada por esse sistema ideológico e por meio do casamento com Forza Leal. Portanto, notamos que a relação matrimonial não chega a proporcionar momentos felizes à vida de Helena, no entanto, é um adereço responsável por desgovernar seus dias, oportunizando a obscuridade em seu cotidiano. O universo em que Helena se encontra se apresenta tão complexo que a personagem não consegue sair dessa situação que a oprime. Ao contrário. Nas passagens que vêm nas páginas seguintes, a mulher é sempre domesticada. Exemplo disso está no trecho:

Forza vasculhou as garrafas, mas Helena apontou para duas *Old Par* que estavam sobre a mesa central, poisadas com copos e balde para gelo. A um gesto de Forza, **Helena baixou-se e começou a servir whisky** que o capitão bebia puro. **Helena foi para a cozinha ver se encontrava algum gelo. Os copos estavam servidos** (Jorge, 2004, p. 84, grifos nossos).

O fragmento faz referência à maneira como a mulher age diante do homem, seu marido. Mesmo em lugar desigual, Helena continua sendo servil a Forza Leal, o que manifesta traços do patriarcado rígido presente nas atitudes dela. Percebemos que a figura feminina desempenha uma personalidade que vai ao encontro das idealizações que os homens almejam em uma companheira, sempre obediente e pronta para realizar suas vontades. Vemos que Helena atende prontamente às demandas do capitão Forza, indo buscar gelo, sem questionar ou expressar vontades próprias. Assim, sua principal função é satisfazer às necessidades do homem, mesmo que custe sua infelicidade. Essa representação de Helena reflete estereótipos de alteridade que relega às mulheres papéis de cuidadoras e servas, sem autonomia ou independência. A dinâmica presente no excerto reforça a ideia da posição tipificada tradicionalmente construída para as mulheres, formadas para servir e agradar ao homem, principalmente, quando o casamento se firma socialmente.

Quando a personagem Helena se encontra na presença de Forza Leal, ela é caracterizada cada vez mais de maneira subalterna. Enxergamos que a mulher só desfruta um pouco de liberdade quando o capitão sai para a guerra, pois, mesmo ficando trancafiada dentro de casa à espera do homem, revela-se como uma mulher que reconhece e sabe dos empecilhos políticos que a sustentam e a oprimem. Só tomamos conhecimento disso no momento do afastamento do par. É na ausência do homem que Helena expõe o machismo do companheiro. Por isso, entendemos seu discurso como uma denúncia ao patriarcado. É a partir desse ápice que a narrativa passa a possuir mais detalhes dos motivos que a levaram a se acostumar com o cotidiano ideológico que lhe causava tantos danos emocionais. Constatamos que, a princípio, Helena diz que ficar trancada, reclusa do mundo até a volta de Forza foi uma decisão que partiu dela:

Desta vez quero acompanhar o Jaime até às últimas consequências. Desta vez não quero sair daqui enquanto o Jaime não voltar. Já percebeu que desejo ficar fechada em casa enquanto o Jaime não estiver? Sim, enquanto ele não voltar não quero sair daqui custe o que custar. Nem que lá para diante eu grite e dê em doida, e enfie os olhos para dentro, e cuspa para as paredes, e me faça em pó, não tenciono sair daqui! Quero ser solidária com o Jaime até ao fim, partilhar com ele o empreendimento dele, as habilidades dele e o comando dele. **A minha alma, eu aprisiono-a aqui, embora não esteja aqui, esteja lá. Sem que ele me tenha pedido, sem que ele me tenha dito um som,** um aceno de incitamento sequer. Aqui, fechada, privada de liberdade **por vontade minha** (Jorge, 2004, p. 104, grifos nossos).

Mais adiante, Helena volta atrás e deixa em evidência que sua prisão foi um comportamento ditado pelo capitão:

Helena de Tróia [...] tinha mandado chamar Evita para esclarecer um ponto importante. Melhor, para corrigir uma informação que na convulsão do dia anterior havia deixado imprecisa. **Não era verdade que jamais Jaime Forza Leal não lhe tivesse pedido o sacrifício de ficar fechada em casa. Tinha havido tempo em que o capitão, antes de sair,** diante do bernal, do carregador e das ligas, **lhe pedia que não saísse à rua durante a sua ausência. [...]** Pois bem, **até que um dia ele tinha acendido o isqueiro, e havia começado a passar o dedo pela chama, à espera da promessa dela.** Uma vez, ele tinha deixado o dedo indicador sobre o isqueiro e ela havia tido a sensação de que do dedo já se desprendia um cheiro a fogo e a gordura queimada. [...] **Lembrava-se terrivelmente desse cheiro.** Tinha agarrado o dedo dele e lambido com o seu cuspido, refrescado o dedo queimado com a sua própria boca. Sim, ela tinha jurado, tinha feito a promessa com o dedo dele regado pelas suas lágrimas e pelo seu cuspido (Jorge, 2004, p. 106-105, grifos nossos).

Quando observamos os dois recortes, percebemos que são diálogos que divergem, ao mesmo tempo que apresentam elementos os quais falam muito sobre a formação do casamento das personagens Helena e Forza. Se, no primeiro excerto, a mulher diz que se encontra prisioneira por seu próprio querer, no segundo, temos uma conversação dela mesma assumindo e revelando os reais motivos que a fazem estar em casa esperando o marido. É nessa contradição que entendemos Helena como uma mulher ameaçada, escravizada, violentada e reprimida tanto por meio do marido como por meio de leis que amparam as atitudes de Forza Leal. Averiguamos que a mulher é oprimida até chegar ao ponto de se render às ordens e às imposições do companheiro, momentos lembrados de forma traumática por Helena.

Vemos que, ao ser agredida constantemente, Helena se apresenta como uma pessoa com memórias traumáticas, adquiridas dentro do relacionamento conjugal com Forza Leal. Dito isso, a relação surge como responsável por proporcionar sentimentos de padecimento e tristeza no cotidiano da mulher. O casamento, portanto, enquanto instituição social, causa incertezas, temores e aflições na

vida da personagem, visto que, quando concretizado, manifesta-se dominando a liberdade do sujeito, principalmente, do sujeito feminino. Em outras palavras, é um relacionamento responsável por romper com a liberdade e com a sanidade da mulher.

Isso posto, vê-se que Helena só se sente livre quando Forza vai para a guerra, porque é nessa circunstância que se evidenciam os desejos e verdadeiros anseios daquela personagem. É também o momento em que as crenças dela se revelam. Por exemplo, com a saída de Forza para o combate, sabemos que a prisão de Helena foi imposta pelo homem, mas também se tratava de um pacto religioso da personagem Helena com a divindade. Portanto, visualizamos uma mulher que, para além de ser vítima do universo machista, também possui bases religiosas que asseguram sua posição de inferioridade. A religiosidade da mulher do capitão é notada na passagem:

[...] se fechou em casa durante oitenta dias, negociando o desaparecimento de Jaime, negociando com Deus. A religiosidade de Helena atrai e perturba. Nem sempre, contudo, Deus negoceia com as pessoas coisas preciosas como pensões de viuvez (Jorge, 2004, p. 242).

No trecho, percebemos que a única forma de a personagem Helena se tornar liberta da situação conflituosa que vivia constantemente ao lado do companheiro seria a notícia da morte do marido. Por esse motivo, manteve sua promessa com o divino, tendo como recompensa sua hipótese de liberdade no futuro, sem o regresso do capitão das colônias. Outrossim, a passagem em destaque trata-se de uma ironia da narradora sobre as condições que Helena se submetia a viver diariamente em nome dos preceitos sociais, pois, mesmo em uma relação que a oprimisse, sua separação, bem como sua liberdade só seriam reais por meio da morte do capitão. Relaciona-se a uma vontade que a inquieta, provocando-lhe ansiedade:

[...] está Helena sobre uma bicicleta pedaleira, metendo a barriga para dentro, o peito para fora, a cintura apertada por um lenço. Um maillot preto. Não pára de pedalar. Pergunta-me se engordou. Só dois centímetros, está perfeita. A anca redonda mas lisa, a perna forte mas magra. «**Alguma coisa boa tem de me acontecer**» — diz ela. [...] «**Tem de acontecer**

alguma coisa!» E pedala. **«É incrível como até agora só houve vinte baixas em Cabo Delgado! Sabe a quantos oficiais correspondem vinte baixas? Meio oficial. Sabe quantos morreram? Um! Morreu um oficial Comando!»** Ela continua a pedalar. Porque haveria de interromper para dizer que já morreu um oficial, mas apenas um? Quer dizer que ainda tem esperança? Está pedalando. [...] está obcecada não pela gincana que dois dias antes lhe parou à porta e a ameaçou, mas por qualquer coisa que aconteça em Cabo Delgado. [...] **É aí que ela quer, e sempre quis, que rebente uma mina debaixo dos pés de Forza Leal tão explosiva que o deixe desfeito** (Jorge, 2004, p. 220-221, grifos nossos).

Notamos que Helena se mostra ansiosa pelo fim do marido. Não obstante ainda estivesse sustentando a relação matrimonial do casal, a mulher demonstra insatisfação pela situação que viveu por muito tempo com Forza Leal, e que não está pronta para o retorno do capitão e de seu machismo extremo. A obsessão de Helena pelos acontecimentos na guerra se refere ao sentimento de esperança que ainda possuía de se ver livre das garras do capitão e do casamento infeliz que a oprimia na companhia do homem. Percebemos a chama fugaz que inflama Helena em busca de mudanças que oportunizem momentos de liberdade. No entanto, esse florescer de expectativas se rompe nos dias da personagem, visto que suas sensações falavam mais alto no íntimo, mostrando que seu desejo não passava de uma ilusão: “Tinha a voz baixa e não demorou a dizer que pressentia agora que Cabo Delgado pudesse terminar sem que nada acontecesse. A tristeza dela era quase profunda” (Jorge, 2004, p. 223). O mesmo sentimento de ilusão que movia seus dias e suas esperanças por ser absolvida do casamento que a fustigava é responsável por anular suas fantasias. Como consequência da desilusão,

Helena deseja morrer. Quer morrer, porque não suportará o regresso de Jaime contra quem se fechou em casa durante oitenta dias [...]. eles vão voltar dentro de três dias, e nada, absolutamente nada, aconteceu. **Helena, contudo, quer aniquilar-se [...]. Helena de Tróia diz que quer matar-se com aquela veemência, só porque quer viver.** Morrer significaria ter a coragem de renunciar à imaginação de que se é amado, e Helena não tem coragem (Jorge, 2004, p. 242-243, grifos nossos).

A morte no fragmento simboliza o querer viver, a aspiração por liberdade. A busca pelo padecimento está evidentemente associada ao desejo da mulher por se tornar uma figura feminina de coragem, que desafia as ordens que foram culturalmente construídas para ela. Helena padece por não encontrar o lado corajoso em seu íntimo. Embora sofresse no casamento, ainda era presa às amarras sociais e cristãs que selavam e apoiavam o fim dessa aliança apenas na hipótese da morte de um dos amantes, portanto, constituindo-se em uma união eterna.

Quando o capitão retorna, encontra Helena no mesmo lugar que ele ordenou que ficasse durante o período de combate. No último capítulo do romance, Evita vai até a casa da família Leal para saber sobre Helena, mas não a encontra, deparando-se apenas com o marido dela. Com isso, a protagonista questiona sobre a presença da esposa do capitão:

Pergunto por Helena ao capitão, receando que nunca mais ouça a sua voz de pombo, chamando. O capitão anda dentro e fora, dizendo que está bem, que veio encontrá-la na cama, mas que gosta das mulheres que ficam na cama. É o sítio delas. Ele está abotoando a camisa, cobre com ela a cicatriz. Fala distraído, e é mentira que tenha dito que Helena deveria ficar para sempre metida na cama. Mas é verdade que disse que as mães, filhas, sobrinhas, mulheres legítimas e ilegítimas, onde devem ficar, quando um homem sai, é obviamente na cama. Esse é o sítio delas. É para esse local que elas devem regressar quando acaso fogem de casa, é para aí que devem dirigir-se quando a vida se perturba e o mundo oscila, é aí que elas devem estar encolhidas, quando se regressa de longe. Deitadas, doentes [...]. Helena sucumbirá deitada numa cama (Jorge, 2004, p. 281-282).

O posicionamento da figura masculina se pauta em uma visão extremamente reducionista e sexista, uma vez que, ao se referir ao lugar ocupado por Helena, limita as mulheres a um papel social passivo e subordinado aos desejos do homem. Mediante a estereotipia advertida pelo capitão a respeito da função da mulher, identificamos um discurso extremamente machista, em que as mulheres existem apenas para o prazer e para a conveniência dos homens. Desse modo, tanto o discurso da personagem Forza como a obediência de Helena refletem a estrutura patriarcal da sociedade

portuguesa que conduz a vida matrimonial deles, na qual os homens detêm o poder e a autoridade sobre as mulheres, as quais estão sempre a dispor das vontades masculinas.

Sendo assim, compreendemos que aquilo que sustentava o casamento das personagens diz respeito a estratégias para o cumprimento das conveniências sociais. Para além disso, averiguamos que, em nenhuma passagem do referido romance, conseguimos captar uma linhagem de sentimento, afetividade e amor por parte de Helena. Sua permanência no relacionamento com Forza se dava apenas por medo dos julgamentos, dos apontamentos e das críticas, visto que, mesmo se tratando de um período de rompimento do tradicionalismo português, ainda era presente o receio de desafiar as ordens que vigoravam culturalmente. Portanto, constatamos que Helena se tornou refém de um universo machista, violento e opressor que lhe sufocava por intermédio dos paradigmas sociais relativos à formação, à continuação e ao firmamento do casamento.

3. CONCLUSÃO

A partir das análises de *A costa dos murmúrios*, de Lúcia Jorge, percebemos que a maneira que Helena age e permanece diante do seu relacionamento com Forza Leal está muito mais para um comportamento sob pressão social, esta que impunha papéis os quais as mulheres deveriam seguir em nome do firmamento do casamento. Compreendemos, pois, que essa perspectiva matrimonial é o elemento que possibilita a infelicidade e o sofrimento de Helena, pois, no casamento com Forza Leal, ela não tem voz, não tem lugar e só está ali para realizar os desejos do companheiro. É nessas ações que percebemos a subjugação e a inferiorização da personagem diante do homem.

Verificamos, desse modo, que os aspectos ideológicos foram fundamentais no processo de fracasso do par matrimonial, sobretudo, no que diz respeito à opressão e repressão da mulher por meio do poderio atribuído socialmente ao homem. Helena se posicionava como submissa e subordinada, Forza era um homem rude, machista e violento, buscava a qualquer custo conseguir a devoção da figura feminina. A partir disso, averiguamos que a relação das referidas personagens se apresenta em *A costa dos murmúrios* como refletindo a desigualdade que antes era latente entre o feminino e o masculino, em que o homem se apoderava de sua posição superior para impor domínio sob a mulher, vulnerabilizando, assim, a união de ambos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Neuma. **Patriarcado, sociedade e patrimonialismo.** *Sociedade E Estado*, 15(02), 303–330, 2022. Disponível: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44600>.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução de Maria Helena 11º ed. Kühner. - IIª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- COSTA, Maria Aparecida da. **A paz tensa da chama fugaz:** a configuração do amor no romance contemporâneo, Lygia Fagundes Telles e Lídia Jorge. Natal: EDUFRN, 2014.
- FOLLADOR. Kellen Jacobsen. **A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental.** Revista fato & versões 1 (2), 3-16, 2009.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

A DULCINEIA NELIDIANA: RELEITURA E EMPODERAMENTO FEMININO

Maria Lara Alves Rocha (PPGL/UERN)

lararocha316@gmail.com

Maria Aparecida da Costa (PPGL/UERN)

cidaminas@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nosso estudo se desenvolve a partir de estudos sobre a Dulcineia nelidiana, cujo foco é a recuperação dessa personagem pela escritora brasileira contemporânea Nélida Piñon através do conto “Dulcineia” presente no livro *A camisa do marido* (2014). Narrado em terceira pessoa, sob a ótica de Sancho Pança, o conto “Dulcineia” fala sobre a humildade da jovem Maritornes que não consegue entender os devaneios de Dom Quixote quando a faz de “uma fantasia desprovida de corpo” (PIÑON, 2014, p. 68), em outras palavras, quando este insiste em fazer dela uma mulher que não é, ao chamá-la pelo nome Dulcineia.

Assim, partimos da seguinte inquietação, seguindo a operação da *intertextualidade crítica*, o modo como Nélida Piñon ressignifica a personagem feminina Dulcineia a partir de uma obra canônica, vislumbrando a maneira como irrompe na narrativa a recriação da personagem cervantiana, constituindo-se uma releitura singular do clássico. Nélida Piñon é uma escritora brasileira da contemporaneidade. Foi eleita a primeira mulher presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL) quando a entidade completava o seu centenário, em 1996. Desde criança, recebeu grande estímulo para leitura e logo começou a escrever pequenas histórias que vendia para os familiares. Ganhando inúmeros prêmios de reconhecimento de sua literatura, como, por exemplo, o Prêmio Camões, Piñon se consagra como uma escritora brasileira moderna e inovadora, pois a sua escrita parte de temas e personagens valorosos, de grande influência literária, como é o caso de Dom Quixote, Sancho Pança e Dulcineia.

A autora lança um olhar novo sobre alguns aspectos da literatura canônica e realiza releituras propositais dos personagens importantes, principalmente mulheres, como forma de criar uma nova

perspectiva, valorizando traços da potência feminina marcada pela subjetivação de sua força e vontades no contexto em que são inseridas.

2. UMA MULHER CONCEBIDA PELA IMAGINAÇÃO

Maritornes, a Dulcineia nelidiana, é de uma atualização crítica potente, afinal a taberneira, marginalizada, possui uma profundidade e um poder de reflexão que muitas vezes foram negadas as personagens femininas ao longo da produção literária ocidental. Há uma revolta em Maritornes ao ter sua identidade destituída a partir do nome vazio Dulcineia. Contudo, logo após refletir sobre a existência há o preenchimento deste nome, Maritornes habita Dulcineia, ou Dulcineia habita Maritornes? Difícil saber, o entrelaçamento entre essas mulheres, uma real e outra ideal, demonstra a potência feminina em desenhar novos mapas e traçar caminhos possíveis a partir da sua vontade e necessidade. Mesmo sendo fruto fictício e sacralizado da loucura do cavaleiro, é Maritornes que escolhe, lucidamente, ocupar a fantasia de Quixote.

Ao recriar a narrativa das aventuras quixotescas, Nélide torna a obra contemporânea em seu tempo, reinserindo seus personagens em contextos e acontecimentos que suscitam a continuação da obra, permitindo que ainda fale ao tempo presente. Destarte, há uma atualização da obra cervantina de maneira a revitalizá-la hoje, mas sem deixar de lado as impressões e significações que a obra indiciava em seu momento de origem, pois a reescrita moderna não se desliga do texto primeiro, desenvolvendo uma importante relação entre os tempos. Dessa maneira, um texto contemporâneo, conforme o filósofo italiano Giorgio Agamben (2009), é aquele que:

Dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder (AGAMBEN, 2009, p. 72).

Nélide Piñon ao escrever o seu conto sobre Dom Quixote e Dulcineia acaba inserindo sentidos que completam a obra cervantina,

se apropriando de uma lacuna para introduzir uma cena possível em novos tempos e assim, torna a história inédita na contemporaneidade, segundo a necessidade da época. Entretanto, esse poder de decisão não provém de Nélide, mas sim, do próprio texto e da sua necessidade de comunicar ao presente. Portanto, o que a escritora brasileira faz é transportar o texto para outro tempo e introduzi-lo em uma nova necessidade de sentidos, neste caso, para repensar a existência feminina.

Logo, no conto “Dulcineia”, diante do que Maritornes significou para a realização de suas fantasias, Dom Quixote não pode mais ouvir as suas incansáveis tentativas de argumentar e convencê-lo de não ser ela a sua dama, pois, de imediato, este já estava tomado pelo encantamento de ver à sua frente o rosto da mulher de seus devaneios.

– Ajude-me, Sancho.

Dizia tentando se pôr de pé.

– É ela, Dulcineia. [...]

– Minha dama senhora...

Ele disse, comovido, faltando-lhes palavras com que tecer a harmonia que emanava da jovem que saltara de um quadro pintado por ilustre artista da corte, desatento aos risos que despertava nos demais (PIÑON, 2014, p. 51).

Dom Quixote encontrou em Maritornes a materialização que a sua imaginação precisava para tornar real o sentimento que ele nutria. Eis a possibilidade de o amor existir do plano irreal, imaginário para a vida de fato. Perante a chance de encontrar a forma física de seu sentimento amoroso naquela taberna, Dom Quixote sente-se emocionado de tão grande maneira que tem dificuldade para ficar de pé e para ter certeza do que realmente via. Chama por ela, mas faltam palavras naquele momento que pudessem descrever o que se passava dentro da sua mente. Para ele, presenciava a mais delicada cena, podendo muito bem ter sido pintada por um pintor renomado, pois, ali estava a representação da sua amada dama e senhora, Dulcineia d’El Toboso. Ao vivenciar tal promessa, pouco lhe importava o que as pessoas ao redor pensavam sobre aquele acontecimento. Dom Quixote só tinha consciência da grandeza de poder concretizar o seu amor, mesmo que fosse ridicularizado.

Maritornes não sabia que o amor de Dom Quixote por Dulcineia era algo de muito tempo, desde quando ele decidiu ser um cavaleiro andante e sentiu a necessidade de ter alguém para se enamorar e para protegê-lo. Recordou-se de uma lavradora da vizinhança por quem foi apaixonado por um tempo e concluiu que melhor do que ela não existiria. Logo:

A dama do cavaleiro ganhara na pia batismal o nome de Aldonza Lorenzo, mas, por ser ele leitor de livros de cavalaria, acostumado a heróis como Amadis de Gaula, temeu que tal nome fosse incompatível como arrebatado amoroso. Assim, ao substituir Aldonza por Dulcineia e Quijana por Quixote, e ao nomear o alazão por Rocinante, deu vida a seus sonhos, ajustou o mundo da Mancha à sua medida (PIÑON, 2014, p. 63).

A lavradora que Dom Quixote escolheu para se enamorar era Aldonza Lorenzo, mulher que ele nunca havia visto de perto e por quem o fidalgo descobriu já ter sido apaixonado quando jovem. Mas como ele era grande entendido das façanhas da cavalaria andante, pois era grande leitor de livros que tratavam dessas aventuras, recebeu que o nome da moça não combinasse com o seu ou não fosse qualificado para representar o grande sentimento amoroso que dele emanava. E, assim, decidiu que sua dama se chamaria Dulcineia e que sua pátria seria a de El Toboso. Ao lado de Rocinante, Dom Quixote percebeu que a escolha soou como a melhor criação que ele já havia feito para sua nova vida de cavaleiro andante.

O batismo, a troca de nomes, o leva a ajustar o mundo da Mancha à sua medida, o poder do nome é trazido por Cervantes e Piñon também consciente disto os coloca dentro de um discurso em que de maneira ativa os personagens nomeados pelo cavaleiro escolhem ou não estar sob esta nova medida. Quixote nomeia e atribui nova vida para as pessoas e instrumentos, a existência passa pelo seu raciocínio e este brinca com a racionalidade e moral da época.

Ter visto em Maritornes os atributos que sonhava para Dulcineia desencadeou em Dom Quixote grande euforia, que não lhe deixou perceber que a personagem não possuía as formosuras de uma princesa, pois ela não conhecia outra vida senão a de taberneira, sem luxos e delicadezas, trabalhando duro para ter onde morar e o que comer. O fidalgo, entretanto, “ao designá-la mulher de seus devaneios, simplesmente reconhecia as vicissitudes que padecera ela

naquele meio inóspito. Por conseguinte, ofertara-lhe a oportunidade de sonhar, de pleitear o impossível.” (PIÑON, 2014, p. 53). Mostra-se, que aos olhos de Dom Quixote o que ocorria era um ambiente desfavorável aos atributos de Maritornes. Circunstâncias contrárias às suas necessidades, que acabaram estampando na personagem as marcas do sofrimento, ainda mais agravadas em um ambiente onde nem se deveria viver, quase sem condições de ser habitado.

Porém, mesmo consciente de todos os agravos impostos à personagem, Dom Quixote lhe oferece a chance de alcançar uma vida nova, de sonhar com outras possibilidades de história, até mesmo o que pode ser considerado impossível. Para isso, bastava apenas que Maritornes aceitasse ser a Dulcineia de Dom Quixote. Mas, isso não é tão simples. A personagem da taberna é atualizada na obra de Nélida Piñon e recebe uma nova figuração. Nesta releitura, Maritornes é prometida de viver o que não foi possível na obra de Cervantes, ela torna-se a realização de Dulcineia e, com isso, lhe é permitido sonhar, almejar uma vida diferente de tudo o que ela viveu e, até, idealizar realizações que para ela podiam ser impossíveis, como possuir uma vida para além da taberna em que trabalhava.

Além da sobrevivência há os outros âmbitos da existência, Maritornes abre-se ao horizonte de possibilidades, cansada de viver de maneira limitada e coercitiva, opta por abrir o espaço menor que lhe era reservado para ampliar em deslocamentos a liberdade que lhe surgiu com o cavaleiro e seu escudeiro. Não é tão simples para Maritornes dizer sim, a segurança da vida, mesmo que sofredora ainda a trazia sobrevivência, já a liberdade é estar disposta a encarar atribulações e estar suscetível a diversos modos de vivências pelos caminhos.

Assim, Nélida Piñon propõe uma nova leitura a partir da noção de *intertextualidade crítica*. De acordo com Leyla Perrone-Moisés, que trata dessa noção, em sua obra *Texto, crítica, escritura* (1978) afirma que “cada obra surge como uma nova voz que fará soar diferentemente as vozes anteriores, arrancando-lhes novas entonações.” (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 63). Portanto, cada nova obra ressignifica as vozes anteriores, dando-lhes contextos de atuação diversa e inserindo-as em novas experiências capazes de lhes extrair novos sentidos, pensando que tudo que já foi dito pode ser dito novamente de maneira diferente, possibilitando novas interpretações e novos sentidos. É assim que acontece a *intertextualidade crítica* contemporânea.

Na obra do espanhol Miguel de Cervantes, Dom Quixote sempre deixa claro quão intensa e necessária é a sua dedicação por Dulcineia. Tendo ele próprio criado esse amor por uma mulher que existia apenas em seus devaneios, o cavaleiro sempre tratava de enaltecer as virtudes e formosuras da sua dama, com ênfase em

lembrar que nenhuma outra mulher no mundo seria capaz de possuir uma beleza que se igualasse a de Dulcineia d'El Toboso. E, ainda, tão grande se mostrava a sua devoção por sua senhora, nem se quer cogitaria a possibilidade de se apaixonar por outra, assim, como não existia motivo apto a dissolver esse amor:

Non há de ter força a maior formosura da terra para que eu deixe de adorar a que tenho gravada e estampada no meio do coração e no mais escondido das entranhas, ora estejam, senhora minha, transformada em repolhuda lavradora, ora em ninfa do dourado. Tejo, tecendo panos de ouro e seda compostos, ora te tenha Merlim ou Montesinos onde eles quiserem: pois onde quer que seja és minha e onde quer que seja eu fui e hei de ser teu (CERVANTES, livro II, 2013, p. 503).

Dom Quixote, de tão apaixonado, argumenta que nenhuma transformação, armada pelos seus inimigos encantadores, seria capaz de mudar o que ele sente, porque “nada permanece inexplicado, paradoxal ou contraditório, assim que as atividades do encantador são reconhecidas como elemento constitutivo do mundo” (SCHUTZ, 1983, p. 755), pois eles eram capazes de modificar as formas naturais de todas as coisas, assim acredita o cavaleiro, que também diz ser alguns deles seus inimigos e guiados por espíritos do mal, que desejam derrotá-lo. Mas, tratando da obra cervantina, o que os encantadores mudam é “o esquema de interpretação que prevalece em um subuniverso no esquema de interpretação válido em outro” (SCHUTZ, 1983, p. 755), assim, Dom Quixote acredita no que convém ao seu universo, não se importando com os pensamentos alheios.

Onde e como ocorrer de estar Dulcineia, ela continuará sendo sua dama e ele, também, nunca deixará de ser o seu amo. O que Nélida Piñon faz em sua narrativa é possibilitar a Dom Quixote concretizar o seu amor, que ansiava pelo dia em que a encontraria e poderia declarar todo o seu sentimento, o realmente só acontece na releitura realizada no conto, quando à Maritornes fica incumbida a missão de se tornar a Dulcineia d'El Toboso.

A principal possibilidade se dá para Maritornes, ela escolhe ser amada, mas de maneira dissimulada e astuta, afinal a estranha forma de amor de cavaleiro andante provocou aberturas para que ela pudesse viver dignamente. São interesses de ambos os lados que Piñon constrói de maneira ambivalente em seu conto. Por um lado,

Dom Quixote numa perspectiva egoísta tenta aplicar seus quereres em busca de justiça, por mais que sejam boas suas intenções, não deixa de ser uma forma de colonização de quem aceitar caminhar e empenhar seu projeto de vida e mundo. Já por outro, Maritornes tem a consciência de que de maneira artificial e falsa ela é Dulcineia, ao enganar o cavaleiro ela também engana a si mesma, porém essa ação é uma alternativa para criar linhas de fuga e buscar uma nova existência.

Deste modo, Nélida Piñon utiliza-se da *intertextualidade crítica* para reler a obra de Miguel de Cervantes, porque esta lhe permite um prosseguimento, admitindo que uma nova leitura trate da continuação da história amorosa do cavaleiro andante e de sua dama Dulcineia, tornando possível o seu devaneio amoroso, mas, sobretudo que Dulcineia pouse no corpo de Maritornes e esta tenha uma espécie de renascimento feliz.

Pautada nessa noção, o que Piñon faz é prolongar a obra do autor com o seu texto atribuindo ações às mulheres, Dulcineia e Maritornes, que se colocavam de maneira mais lateral no texto primeiro, porém na sua escrita tornaram-se principais, são precisamente o foco da sua literatura. É por isso que nos faz pertinente pensarmos concomitantemente com Schneider (1990), quando ele afirma que:

O texto literário é um palimpsesto. O autor antigo escreveu uma “primeira” vez, depois sua escritura foi apagada por algum copista que recobriu a página com um novo texto, e assim por diante. Textos primeiros existem tanto quanto as puras cópias; o apagar não é nunca tão acabado que não deixe vestígios, a invenção, nunca tão nova que não se apoie sobre o já-escrito (SCHNEIDER, 1990, p. 71).

Assim, Schneider (1990) propõe pensar o texto literário como um pergaminho que está sempre tendo seu texto raspado para dar lugar a um novo texto, trazendo-nos o pensamento de que um texto primeiro possibilita a escrita de novas histórias em cima dele. Quando Nélida busca por Dom Quixote e Dulcineia e propicia um prosseguimento às suas vidas, mostra ao leitor que a narrativa de Cervantes deixou vestígios na sua escrita, pois a retomada de um texto não implica o seu apagamento por completo, mas seu realce que sobressai a uma nova escrita.

O que a escritora faz é revisitar o texto do escritor espanhol para se apropriar dele com perspicácia, pois a própria Nélida se

considera uma filha de Cervantes e, por isso, em seu ensaio “Dulcineia – a agonia do feminino”, presente no livro *Aprendiz de Homero* (2008), quando a escritora fala sobre o engenhoso Dom Quixote ela afirma ser capaz de forjar “mentiras que a obra me suscita e atribuo aos seus personagens traços de temperamento e conduta contrários à narrativa” (PIÑON, 2008, p. 09). Portanto, Nélida parte de escapes que a obra primeira lhe permite para recriar a história através do seu olhar crítico, atribuindo aos personagens comportamentos diferentes dos que possuíam e, assim, ressignifica o contexto da obra e permite a ela uma continuação que antes não tinha sido possível.

3. UM SENTIMENTO QUE CARECIA DE OSSOS E MEDULA

Ao atribuir a Maritornes o artifício de poder escolher o rumo que pode tomar, Nélida Piñon potencializa a personagem, dando-lhe domínio sobre sua própria vida. Entretanto, esta não é uma tarefa fácil para a taberneira, que se sente confusa e busca por respostas que possam sanar as dúvidas que a atormentam ao ver-se confundida com uma mulher que em nada parece ser ela e, por isso, “indagava-se sobre se ele teria mesmo o dom de fazer dela outra mulher” (PIÑON, 2014, p. 53), caso ela aceitasse tornar-se a Dulcineia que o fidalgo desejava.

Diante de tal situação, Maritornes se recolhe sozinha ao estábulo e junto com as vacas sofre ao tentar entender que situação era esta que estava vivendo, que ela entendia como uma desgraça e, por isso, sentia muita raiva do fidalgo. Essa ilusão a impedia de ser quem era até a entrada do cavaleiro na taberna. É nesse momento que apresenta a seguinte indagação, “com que direito, acomodado em seu assento, atribuía-lhe um nome que não era o seu e assegurava haver ela nascido na localidade de Toboso?” (PIÑON, 2014, p. 54). Custava-lhe entender o que se passava. Simplesmente um homem entrou na taberna e lhe atribuiu um nome e uma origem que não eram suas, fazendo-a refletir até o mais íntimo do seu inconsciente.

O motivo que causava tanta inquietação é que Maritornes se via como “uma vagabunda sem eira nem beira” (PIÑON, 2014, p. 56), porque não possuía perspectiva de vida, estava estagnada na mesmice que vivia naquela taberna em troca de moradia e comida, esta última em condições subumanas, tamanha era a sua fome e o medo de que lhe roubassem o prato de comida antes que conseguisse se alimentar. Diante do sonho ela via a salvação da sua vida.

A personagem começa a entender o que pretende Dom Quixote e desatou a acusá-lo roubar a sua vida, não era sua intenção enganá-lo, percebeu o que se passava e podia muito bem rejeitar tantas promessas que recebia até mesmo de modo grosseiro, tendo em vista se tratar de uma pessoa rude. Maritornes se mantém indecisa porque jamais imaginou que chegaria até ela um homem a realizar inúmeras juras, “um profeta louco disposto a convencê-la de que poria ao seu alcance o mundo que ele inventou” (PIÑON, 2014, p. 57). Quando Dom Quixote propõe estar na presença de Dulcineia, oferta à taberneira a chance de embarcar com ele no seu mundo de aventuras e ser a sua dama e senhora enamorada, seria deixar-se levar pelos devaneios do cavaleiro andante e viver essa fantasia, algo completamente diferente de tudo o que viveu até então.

Ante infinitas reflexões, ao pensar o que aconteceria se renunciasse a sua condição de plebeia e aceitasse se tornar a Dulcineia venerada pelo cavaleiro, a personagem ainda se questiona: “estarei me tornando o modelo que o fidalgo quer de mim?” (PIÑON, 2014, p. 60). O receio vem acompanhado do medo da submissão que esta transformação também acarreta e Maritornes continua se questionando, “se aceito ser Dulcineia, quem fica em meu lugar? O que vai ocorrer com Maritornes?” (PIÑON, 2014, p. 64). Assim, aos poucos, esta vai assumindo a personalidade de Dulcineia, percebendo não haver somente subordinação nesta transformação, mas sim, liberdade. Subordinação foi tudo o que ela viveu e que começou a ficar para trás, pois a taberneira principia a fazer parte do mundo idealizado de Quixote.

O que Nélida Piñon propõe a partir de então é uma pontencialização da personagem feminina, que abandona a imagem de um ser frágil e ganha visibilidade e força para tomar as próprias rédeas do seu destino e decidir o que irá fazer de sua vida, deixando de ser submissa às imposições do ambiente em que vivia. A noção de potência aqui defendida conversa com a proposta de Peter Pál Pelbart (2003), a de que é preciso:

Avaliar a capacidade dos chamados “excluídos” ou “desfiliados” ou “desconectados” de construir territórios subjetivos a partir das próprias linhas de escape a que são impelidos, ou dos territórios de miséria a que foram relegados, ou da incandescência explosiva em que são capazes de transformar seus fiapos de vida em momentos de desespero coletivo. (PELBART, 2003, p. 37).

Maritornes, sem estudo, sem vida digna, taberneira, se enquadra no rol dos “excluídos” da sociedade, não convive com outras pessoas, apenas com os homens que chegam à taberna e lhe abusam sexualmente, como se isto estivesse naturalmente incluso nos afazeres do seu trabalho. Entretanto, a chegada de Dom Quixote e seu devaneio em chamá-la Dulcineia, serviram como um território de escape para o afloramento da subjetividade por parte da personagem. Mesmo sobrevivendo em um ambiente de profunda miséria, Maritornes se mostrou forte para conduzir sua vida à mudança, mostrando o seu poder de fugir do silenciamento e da sua história por outrem. Ao cogitar a possibilidade de se tornar outra mulher, Maritornes aceita fundar um novo ciclo.

As decisões e ações de Maritornes se tornam, de acordo com Pelbart (2003), uma força que luta contra a dominação de suas vontades, contra a exploração do seu corpo e, acima de tudo, adquire uma força que “luta contra as formas de assujeitamento, isto é, de submissão da subjetividade” (PELBART, 2003, p. 41). O que Maritornes faz é lutar contra o assujeitamento que lhe impõem, a submissão da sua vida às condições inumanas que viveu, infligidos a ela por ser entendida como um ser frágil, herança da visão patriarcal de que a mulher não possui força para dominação de quaisquer acontecimentos. Contudo, a personagem torna-se senhora sobre suas escolhas. E, assim, “Maritornes escolheu a ilusão em detrimento da realidade” (PIÑON, 2014, p. 69), agarrando a liberdade que esta determinação trazia, já estava se inserindo na fantasia do cavaleiro e não queria mais que a extraíssem daquele instante, para ela o que valia era o livre-arbítrio dessa pobreza. E, a partir de então, ela “passaria a ser uma mulher continuamente inventada pelo cavaleiro, que lhe forneceria o sentimento da imortalidade” (PIÑON, 2014, p. 69). A antiga taberneira se apropria da oportunidade viver uma nova vida a partir da criação de outra mulher, deixaria Maritornes para trás junto com todas as dificuldades que aquela vida lhe implicou e passaria a viver em uma fantasia eterna e imortal, a vida de Dulcineia, que completaria a existência do cavaleiro de La Mancha, bem como daria impulso a sua existência. A insurreição de Maritornes ocorre, justamente, porque há a insubordinação, segundo Pelbart (2003), porque:

Ao lado da dominação, há sempre a insubordinação. [...] É simplesmente lá onde as pessoas sofrem, ali onde elas são as mais pobres e as mais exploradas; ali onde as linguagens e os sentidos estão mais separados de qualquer poder de ação e onde, no entanto, ele existe; pois tudo isso é a vida e não a morte (PELBART, 2003, p. 43).

A dominação gera sempre a insatisfação. Este sentimento surge como o estopim para a busca, através da potência, que almeja encontrar a libertação das amarras desse poder absoluto. Maritornes não possuía vontades atendidas, era explorada e apreendida àquela vida sem esperança de novas perspectivas de futuro. Ao acharmos que a taberneira é desprovida de poder sobre si mesma, ela se mostra capaz de se desvencilhar das amarras e existir a partir de uma nova vida.

Só assim a personagem foi capaz de entender que Dulcineia não existia de verdade, ela estava presente apenas na ilusão do cavaleiro e que, na verdade, se tratava de “um sentimento que, não se destinando a uma criatura palpável, carecia de ossos e medula. Uma fantasia desprovida de corpo” (PIÑON, 2014, p. 68). Maritornes, aceita se tornar esta materialização, este corpo que faltava a Dom Quixote para completar a sua fantasia de ter ao seu lado a sua dama por quem era perdidamente apaixonado.

A ideia de dar voz à personagem feminina se configura através de concepções da própria escritora, quando esta afirma ser “com corpo e memória de mulher que analiso a minha espécie” (PIÑON, 2008, p. 123). É vontade de Nélide Piñon, já consagrada através de uma escrita enriquecedora sobre o feminino, desenvolver ações e decisões para Maritornes, colocando-a como soberana do seu destino, detentora de razão. A racionalidade da personagem, ao refletir sobre o poder de suas escolhas, permitiu a sua autonomia e liberdade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos em nosso estudo, cujo intuito foi analisar a personagem feminina Dulcineia, transfigurada e recriada por Nélide Piñon em seu conto homônimo “Dulcineia”, presente no livro *A camisa do marido* (2014), que a contista atualiza a personagem do escritor espanhol Miguel de Cervantes, *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha* (1605), baseado na pouca visibilidade dada a Maritornes e a potência que esta adquire ao se tornar a Dulcineia, dama e senhora da sua existência e de Dom Quixote.

Partimos da concepção de *intertextualidade crítica*, defendida por Leyla Perrone-Moisés (1978), para entendermos como Nélide ressignifica a personagem feminina Dulcineia a partir da obra cervantina, criando uma eficaz conexão com o cânone. Diante disso, tentamos compreender como ocorre a ressignificação do feminino, a partir do clássico para compreender a ficcionalização de Maritornes

e, posteriormente, a sua transformação em Dulcineia, buscando sua subjetividade e significação presente nas suas escolhas e ações. E, ainda, de como toda essa recriação refletiu sobre a mulher real e ideal da obra de Cervantes, quando a escritora brasileira apresenta de maneira tangível a mulher real Maritornes, capaz de se tornar outra mulher, a idealizada por Dom Quixote.

Na personagem ressignificada, criada por Piñon, destaca a maneira como Maritornes torna-se dona de si mesma e escolhe abandonar a vida sofrida que tinha na taberna na qual trabalhava em troca de sobrevivência e que, frequentemente, foi abusada sexualmente pelos homens que por lá passavam. Despedir-se da Maritornes padecida para adentrar uma nova vida com o fidalgo Dom Quixote. Como uma nova mulher, passa a ser Dulcineia de Toboso. Diante disto, focamos na ressignificação da personagem feminina no percurso do fidalgo e a sua disposição em viver as fantasias ao lado de Dom Quixote e Sancho Pança, em um mundo constantemente inventado. Nélida Piñon, sobretudo, nos apresenta seu modo particular de escrita, ressignificando personagens e novas realidades e possibilitando, também, um olhar distinto sobre o feminino, não tratado apenas do silenciamento e da invisibilidade, mas, sobretudo apresentando uma visão sobre a força e o poder da mulher.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

CERVANTES, Miguel de. **O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha**, Segundo livro / tradução e notas de Sérgio Molina; apresentação de Maria Augusta da Costa Vieira. São Paulo: Editora 34, 2013 (2ª edição).

_____. **O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha**, Primeiro livro / tradução e notas de Sérgio Molina; apresentação de Maria Augusta da Costa Vieira. São Paulo: Editora 34, 2017 (3ª edição).

PELBART, Peter Pál. **Poder sobre a vida, potência da vida.** Lugar comum, 2003. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120907Poder%20sobre%20a%20vida%20pot%C3%Aancia%20da%20vida%20-%20Peter%20P%C3%A1l%20Pelbart.pdf>. Acesso em: 09 de novembro de 2018.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **A intertextualidade crítica.** In: Intertextualidades. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

_____. **Textos, crítica, escritura.** São Paulo: Ática, 1978.

PIÑON, Nélida. **A camisa do marido.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. **Aprendiz de Homero.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de palavras:** ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Trad. Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

SCHUTZ, Alfred. Dom Quixote e o problema da realidade. Trad. Lima, L. C. In: COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da literatura em suas fontes.** V.I, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

A DESCONSTRUÇÃO DO AMOR NA OBRA O RETRATO DE DORIAN GRAY

Leandro Rodrigues Torres (UERN)

leandrotorresrodrigues@gmail.com

Maria Karoliny Lima de Oliveira (UEPB)

profakarolinyoliveira@gmail.com

Charles Albuquerque Ponte (UERN)

ca_ponte@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Refletindo sobre a literatura clássica e seu processo de ressignificação a partir de uma releitura adaptada às novas teorias literárias e aos novos paradigmas sociais, é possível observar que as grandes obras impetram sua perduração e, na contemporaneidade, ainda obtém êxito em subsidiar discussões políticas, sociais, filosóficas e, por meio da retroflexão de seu teor, literárias.

Assim, partindo dessa premissa e considerando que o texto não tem seu sentido fechado, o único romance escrito por Oscar Wilde (1854-1900) serve de componente para ilustrar as contradições independente das aspirações do autor em relação com sua unidade textual e os aspectos que estão sob seu controle, a saber, construção de personagens, narrador, descrição de espaços, relação personagem e meio, tempo narrativo. No entanto, é sabido que os aspectos que constroem uma unidade literária aparente ocultam por trás de sua cristalinidade de sentido a nebulosidade de lacunas que conferem a um escrito a sua essencialidade invisível de ser incompleto.

Destarte, a obra literária *O retrato de Dorian Gray* oferece substrato para sua própria desconstrução. Na narrativa, publicada em 1890, Dorian afigura como um indivíduo narcisista, porém, comumente infere-se que a personagem se apaixona por Sibyl Vane, deslocamento elucidado por Freud (2009) como a resignação de sua idolatria narcísica em benefício de outrem. Não obstante, o amor autossuficiente de Gray é enfatizado no momento que cria vínculos afetivos com a atriz, assim evidenciando a oscilação infensa da unidade de sentido narrativa. Desse modo, pode ser desmistificado por entre o próprio sistema que dispõe, de modo profícuo e pelo impulso de sua *nisus formativus*, o escritor para a configuração da feitura do romance.

Tendo em vista as considerações anteriores, este estudo se propõe, à custa de uma pesquisa qualitativa, a investigar as lacunas interpretativas do texto por intermédio de uma análise desconstrucionista e psicanalítica. Assim, este estudo embasa-se, à *priori*, nos enxertos de Evando Nascimento (2004) sobre a prática que busca questionar o sentido superficialmente empírico de um texto, e Freud (2009), teórico psicanalista que funda a teoria do narcisismo a partir do mito grego de Narciso.

Deste modo, considerando o que está posto, a feitura deste trabalho é justificada pela necessidade de fomentar as discussões à cerca da obra estudada e refletir sobre a dualidade da língua que almeja ser um sistema claro e perfeito, porém marcado por falhas e ambiguidades.

2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A DESCONSTRUÇÃO

Dentre as diversas estratégias políticas, posições filosóficas e modos de leitura que surgiram após a virada linguística, a desconstrução busca o rompimento e a reinterpretação do pensamento clássico através da dialética filosófica que concentra seus esforços na aproximação daquilo que aparentemente é julgado como oposto. Sendo assim, essa prática é uma nova forma de ver o mundo e refletir sobre seus aspectos, teorizada primeiramente pelo filósofo e linguista Jacques Derrida (1930-2004), todavia, praticada por Freud, Rousseau, Nietzsche e outros pensadores antes mesmo de seu conceito emergir.

Na literatura, essa corrente crítica intenta descentralizar o que é visto como principal em uma unidade de sentido textual, atenta seus esforços na subversão de hierarquias, um modo de análise que, conforme Paul Fry, “Destina-se quanto possível a evitar um conceito definido.”⁸⁰ (FRY, 2009, informação verbal). Destarte, uma interpretação pelo viés da desconstrução tem como objetivo buscar na unidade textual aparentemente coerente lacunas que possam culminar na discordância entre o todo e suas partes.

No entanto, o método derridiano não visa a aniquilação, configura-se mais como uma transformação do texto por intermédio da ultrapassagem de seus limites interpretativos. (*cf.*

80 Informação fornecida por Paul H. Fry na palestra sobre as principais teorias literárias no século XX, Connecticut, 2009.

NASCIMENTO, 2004). Não excluindo que, ao ressignificar seu sentido, esse viés interpretativo expande os horizontes, decodifica as obras por influência de uma nova feição e se presta ao serviço de atribuir a elas uma existência inalcançável anteriormente por sua imperceptibilidade, como elucida Paul De Man (2006): “um processo de desconstrução [...] [busca] trazer à luz o que permaneceu não percebido pelo autor e seu leitor”⁸¹ (DE MAN, 2006, p. 116, tradução nossa). Para tanto, desconstruir é investir na busca do limiar interpretativo, uma vez que “o horizonte aberto pelas desconstruções não é a condição de possibilidade, mas sim o do advento do outro no limite da impossibilidade” (NASCIMENTO, 2004, p. 56-57), é investigar o possível não notado que permanece imperceptível até a extrapolação dos limites de sentido do texto.

Tendo em vista as considerações feitas anteriormente, desconstruir é buscar o que não se tem claramente certeza e achar até mesmo o que não se procura. Assim, um estudo desconstrucionista pode trazer a luz, no extremo de sua possibilidade, o contrário do que é interpretado no texto e “em cada caso é necessário ler além das proposições mais categóricas e equilibrá-las com enunciados mais experimentais que podem se aproximar delas e, às vezes, ser contraditórios a elas.”⁸² (DE MAN, 2006, p. 102, tradução nossa). Igualmente fiando-se nas teorias derridianas, corroboram com esse pensamento as considerações de Nascimento (2004), postulando a desconstrução como um aparato de dispositivos indefinidos cuja função é elucidar os impasses textuais, “a possibilidade do advento do outro e da diferença no discurso metafísico, o qual gostaria de se dar como uno e idêntico a si mesmo” (NASCIMENTO, 2004, p. 31). Desse modo, a desconstrução funda-se e reafirma-se partindo da premissa de que o movimento dissertativo-retórico responsável pelo desenvolvimento de uma unidade textual é paradoxal.

Destarte, considerando o conjunto de ferramentas desconstrucionista intrínseco aos discurso, o jogo do método de aproximar o sentido ao seu oposto, não se aplica apenas ao texto criticado, mas também à unidade textual de quem critica. Porquanto que, não só o texto expõe aquilo que procura se afastar, mas o crítico,

81 “[...] a process of «deconstruction,» to bring to light what had remained unperceived by the author and his follower.”

82 “It is necessary, in each case, to read beyond some of the more categorical assertions and balance them against other much more tentative utterances that seem to come close, at times, to being contradictory to these assertions.”

ao exercer sua função, igualmente arca com as consequências do uso do sistema linguístico (cf. DE MAN, 2006). Para ilustrar essa discussão, Jacques Derrida, ao averiguar os escritos do filósofo francês autor de *Do contrato social*, exemplifica: “Rousseau deseja dizer que o progresso [de um texto/leitura], apesar de ambivalente, se move na direção da deterioração, ou na direção da melhoria, uma ou outra.”⁸³ (DERRIDA, 1997, p. 229, tradução nossa). No entanto, o autor desconstrói a proposição de Rousseau e, ao transcender e contrapor suas linhas, conclui: “[...] o progresso [de um texto/leitura] se move nas duas direções ao mesmo tempo, para o bem e para o mal.”⁸⁴ (DERRIDA, *apud* DE MAN, 2006, p. 120, tradução nossa). Com base na lógica contraditória que assegura que um texto ao mesmo tempo que defende uma tese fortalece sua antítese, carregando em seu interior o sentido o qual busca se afastar, infere-se a prática desconstrucionista como um jogo sem limites. Mas como isso pode ser visto dentro da diegese narrativa do texto literário?

3. A DESCONSTRUÇÃO DO NARCISISMO SECUNDÁRIO

Em seu romance, *O retrato de Dorian Gray*, Oscar Wilde, por intermédio de Dorian, desconstrói a ideia de protagonista e antagonista. O autor opta por uma figura dramática que carrega em seu interior o conflito da vontade e da contra vontade, à vista disso, a personagem configura-se como sua posição e oposição. Assim, a narrativa expõe, em função das aspirações que se confundem no desejo pelo prazer e pelo bem, anseios opostos para Leon Tolstói (2016), as contradições de Dorian Gray.

Dentre seus impasses, o que mais fundamenta a narrativa e lhe atribui movimento é o conflito psíquico entre o narcisismo primário e o secundário. Na obra existem ocasiões que Dorian depende do outro para afirmar-se belo, identificando-se como submisso, cujo objeto sexual é indispensável, e em alguns períodos sua convicção é independente do olhar externo, ratificando sua autossuficiência. No entanto, essas características da personagem se confundem e podem não ser o que aparentam.

Desse modo, no momento em que age em busca da auto

83 “He [Rousseau] would like to say that progress, however ambivalent, occurs either toward the worse, or toward the better, either for better or for worse.”

84 “[...] that progress moves in both directions, toward good and evil at the same time.”

afirmação de sua beleza por influência da satisfação, Gray conhece a atriz Sibyl Vane, mulher pela qual se apaixona, jovem que possui a pureza e inocência da juventude, julgada na narrativa como possibilidade de libertação da vida desregrada e fadada ao fracasso de Dorian Gray. Todavia, a personagem protagonista tem sua degradação intensificada no momento em que estabelece relação com Sibyl.

Postula-se que o amor direcionado por Dorian à Vane transcende os limites do ego, dessarte sua idolatria é claramente expressada no momento em que descreve a atriz teatral que acabara de conhecer:

Uma moça de apenas dezessete anos, com um rostinho de flor, uma cabecinha grega enfeitada com crespas tranças de um castanho-escuro, uns olhos que eram fontes violáceas de paixão e uns lábios que eram como pétalas de rosa. Era a criatura mais adorável que eu jamais tinha visto em minha vida.⁸⁵ (Wilde, 1996, p. 63)

Assim, a personagem expõe sua admiração e enaltece as características da jovem atriz, fazendo referência a elementos que remetem a beleza natural, e as sensações experimentadas quando a viu. Ele apresenta a com cuidado e amor por meio da exaltação de sua pureza, trazendo à tona sua gracilidade, leveza e vivacidade, descrição que também enfatiza a admiração e sensibilidade da personagem que descreve.

Dessemelhantemente, apoiando-se em uma interpretação desconstrucionista, o adjetivo empregado para atribuir qualidade ao rosto da atriz, “flor”, faz referência empírica ao objeto que possui atributos estéticos reconhecidos socialmente, porém, comumente, utilizado como adorno. Desse modo, a atriz serve aos intentos narcísicos de Dorian, o interesse em ter sua harmonia física suplementada. Em consonância, a juventude enfatizada pelo herói, um de seus bens supremos, é um meio de autoelogio, de reconhecer no outro o aspecto presente em si e, assim, não resignar o ego que lhe sobrepuja as paixões. Concomitante às assertivas anteriores, Dorian declara peremptoriamente sua adoração por entre o adjetivo “adorável”, termo que denota sua admiração, e, do contrário, questiona o seu amor, tendo em vista que adorar não é entregar-se ao outro por intermédio da aniquilação do Eu, que Freud (2009) elucida como amor.

85 [...] a girl, hardly seventeen years of age, with a little flower-like face, a small Greek head with plaited coils of dark brown hair, eyes that were violet wells of passion, lips that were like the petals of a rose. She was the loveliest thing I have ever seen in my life. (WILDE, 2009, p. 68)

Outrossim, a descrição feita por Dorian Gray revela sua egolatria por meio da expressão “minha vida”, o experimentum crucis é confinado à si, aprisionado a sua imagem refletida no detalhamento de Sibyl Vane. Desse modo, a exclui no momento que a descreve, demonstrando a impossibilidade de existir o amor que enjeita sua substancialidade. Além disso, na cena, a personagem Vane não está presente, sua presença é marcada pelo relato pertencente não só a ela.

O protagonista demanda seus esforços para, através da reflexão, auto afirmar-se devido a insegurança sobre seu amor e deixar claro que a figura feminina o completa. No entanto, ao passo que atribui sua plenitude a atriz, ele demonstra não ter conhecimento de sua personalidade, marcada novamente pela ausência da figura dramática na cena, denotando assim o distanciamento enfatizado pelo argumento que busca demonstrar fidelidade e devoção: “Por que não haveria de amá-la? Amo-a, Harry. Ela é tudo para mim. Noite após noite, vou vê-la representar”⁸⁶ (Wilde, 1996, p. 64). Desse modo, a dama só é adorada quando usa a máscara teatral para satisfazer os anseios de Dorian, quando se anula para o envaidecimento de seu objeto amoroso.

Na leitura clássica, existe a asseveração do que o protagonista sente por Sibyl: “Amo-a e preciso que ela me ame”⁸⁷ (Wilde, 1996, p. 67), o jovem elucida um sentimento puro e sublime, afirmando tê-lo direcionado a Vane e postula sua aspiração em despertar nela o mesmo. Porém, o herói evidencia sua necessidade de ser amado através da palavra “preciso” antecedido do “e” que conecta as orações, redarguindo o que havia explicitado antes. Tendo em vista que o amor independe da reciprocidade, a personagem exige o sentimento mútuo de seu objeto, demonstrando sua necessidade em sentir-se amado.

No momento em que exterioriza sua paixão, Gray expressa o abandono de si, ao relatar: “Sibyl é a única coisa que me interessa”⁸⁸ (Wilde, 1996, p. 67), direcionando seus esforços psicológicos e sua vida a mulher. Todavia o relato é feito de maneira incisiva e egoísta, o pronome “me” invoca o Eu, o interesse é exclusivamente da personagem, excluindo o outro. Assim, no instante que tenta demonstrar seu amor, ao invés de omitir seu ego, é quando a personalidade mais se impõe em seu discurso.

O contrário também é válido, Sibyl é a meta dos impulsos

86 Why should I not love her? Harry, I do love her. She is everything to me in life. Night after night I go to see her play. (WILDE, 2009, p. 68-69)

87 I love her, and I must make her love me. (WILDE, 2009 p. 73)

88 Sibyl is the only thing I care about. (WILDE, 2009, p. 72)

carnais de Dorian, a personagem afirma sua lealdade, tem fome de sua presença e apreço por sua individualidade. Assim, ele enaltece os aspectos físicos e psicológicos de Vane, a figura feminina que despertou nele uma incontrolável paixão: “— Bem, é que não posso deixar de ir ver Sibyl representar! [...] Tenho fome da sua presença, e, quando penso na maravilhosa alma que se esconde naquele corpinho de marfim, encho-me de reverente temor.”⁸⁹ (Wilde, 1996, p. 67). No entanto, seu amor é mesclado com admiração e egolatria, ele tem apressos pelas figuras dramáticas do teatro, as personalidades shakespearianas que despertam o prazer visual. Assim, infere-se que o herói tem idolatria pela presença ausente de Sibyl, que se omite para a satisfação do outro e é incapaz de se impor por meio de sua presença.

O jogo da comparência é indicado pela “fome” de tomar posse do outro, marcando a falta do que não está ausente, indica que o alvo do sentimento amoroso não é tão engrandecido quanto o necessário para o esmagamento do Eu de Dorian. Do contrário, acontece o movimento reverso, o enaltecimento do ego a custo do empobrecimento de seu objeto. Desse modo, considerando o que foi exposto, a extrapolação do amor narcísico se configura apenas de forma aparente.

Por outro lado, por meio de uma leitura tradicional, Dorian descreve a materialização de seu sentimento com empolgação e vivacidade, expondo que aquele instante teve relevância para si e sentindo-se incapaz de descrever suas sensações. Outrossim, a personagem não dimensiona o seu amor e o prazer de dividir com Vane o momento. Deste modo, é inegável a grandeza da atriz e seu valor inestimável para Gray:

Meus lábios se aproximaram. Beijamo-nos. Não posso descrever-lhe o que senti naquele instante. Pareceu-me que toda a minha vida estava centralizada num ponto preciso de felicidade, cor de rosa. Um repentino tremor apossou-se dela e a fez vacilar como um pálido narciso.⁹⁰ (Wilde, 1996, p. 90)

Porém, tendo em vista que “amar é criar um deus falível” (cf. BORGES, 2014) e, paradoxalmente, a efetivação do amor acontece em similitude com seu sacrifício (cf. COSTA, 2014), o beijo marca o

89 Well, I can't help going to see Sibyl play, [...] I get hungry for her presence; and when I think of the wonderful soul that is hidden away in that little ivory body, I am filled with awe. (WILDE, 2009, p. 73)

90 My lips moved toward hers. We kissed each other. I can't describe to you what I felt at the moment. It seemed to me that all my life had been narrowed too ne perfect point of rose-coloured joy. She trembled all over, and shook like a White narcissus. (WILDE, 2009, p. 99)

início do relacionamento e o começo do fim do sentimento. Assim, a narração da experiência de Dorian Gray com Sibyl Vane, é realizada por ele de modo ególatra, atribuindo a atriz uma atividade estritamente passiva, dessa forma, o jovem se envaidece de seu feito.

Desse modo, a expressão “meus lábios”, utilizada por Dorian para referenciar o momento do beijo, restringe-se a inserir em sua narrativa apenas a parte do corpo da personagem que conta a história. O egoísmo é novamente enfatizado por intermédio de sua fala. Ao dizer “toda minha vida”, a personagem estreita a experiência a si, denotando-se como centro e controlador da situação, o sujeito que efetiva seus desejos de modo independente, tratando o outro como acréscimo, impondo sua personalidade em detrimento da passividade e omissão da individualidade da atriz; condição reafirmada através da utilização da voz passiva nas últimas linhas, afirmando que a personagem foi apossada por um tremor.

Fiando-se nas construções clássicas do entendimento da obra, é possível identificar que o herói do romance, busca enaltecer seu objeto e iguala-lo à figuras de grande magnitude e forte representação na história tradicional da arte. Dorian engrandece Sibyl na seguinte passagem: “Os lábios que Shakespeare ensinou a falar [...] os braços de Rosalinda [...] e Julieta [...] o mundo inteiro não é nada comparado a ela” (Wilde, 1996, p. 91)⁹¹, ele elenca mulheres de personalidades fortes em suas tramas e, por conseguinte, afirma sua grandeza mais uma vez ratificando o que sente.

Por entre o viés da desconstrução, a atriz não é descrita, por Dorian, pelo que ela é, mas por sua lembrança ao interpretar, fundida à imagem construída por ele para que possa exaltar-se. Novamente, Sibyl é marcada pelo jogo de presença e ausência. Para o herói, o prazer que surge de sua presença ocorre através do distanciamento da sua personalidade, essencialmente no período que entram em cena Julieta e Rosalinda. Desse modo, em substituição de elevar Sibyl Vane, o protagonista a enfraquece alienando sua essência.

No entanto, Gray explicita devoção, cuidado e idolatria por Vane: “Tenho de colocá-la sobre um pedestal de ouro, e ver o mundo reverenciar a mulher que é minha”⁹² (Wilde, 1996, p. 92), através desse desejo, expõe sua adoração e quer compartilhar com o mundo o que sente. Ademais, ao passo que engrandece a atriz, retratando suas aspirações em relação a ela, o herói se envaidece, culminando na

91 Lips that Shakespeare taught to speak [...] the arms of Rosalind [...] Juliet [...] the whole world is nothing to me compared with her. (WILDES, 2009, p. 99-100)

92 I want to place her on a pedestal of gold, and to see the world worship the woman who is mine. (WILDES, 2009, p. 100)

desvalorização de Sibyl, novamente sendo tratada como um adorno. Destarte, ele realça a ideia de a atriz ser um objeto para ornamentação, Dorian afirma almejar que o mundo a reverencie e usa um pronome possessivo para falar da mulher, assim, de maneira implícita, mostra o desejo em ser adorado.

Por sua devoção, Dorian atribui a Sibyl, como seu próprio nome sugere, Sibila, figura mística que estabelecia contato com os deuses para tomar conhecimento do futuro, o título de divindade, assim, mostrando novamente a sua superioridade e importância: “Foi aqui que a conheci, e ela é a coisa mais divina da vida”⁹³ (Wilde, 1996, p. 97). No entanto, o termo “coisa”, palavra utilizada, de maneira banal, para determinar qualquer objeto concreto e abstrato, extrai de Sibyl a sua característica divina e humana, concedendo a uma posição inferior em relação a ele e aos outros seres.

O herói do romance, afirma categoricamente ter se omitido em relação ao seu objeto sexual, o esmagamento necessário da personalidade para que haja o completo estado de enamoramento (cf. FREUD, 2009), assim ele afirma a seus amigos: “você verão a jovem a quem entregarei a minha vida, a quem já dei tudo de bom que existe em mim.”⁹⁴ (WILDE, 1996, p. 98). Em oposição ao sentido clássico, a personagem não se entregou, mas começou a possuir Sibyl, ele a oprime e faz com que sua substancialidade esteja aprisionada ao teatro, refere-se a ela não por meio de seu nome, mas pela qualidade que pertence a ambos, um modo de engrandecimento de sua figura e jovialidade. Além disso, o ato de doar-se para o outro é negado pela afirmação de que aquilo que foi entregue ainda existe nele, ratificado pelo próprio verbo entregar conjugado no futuro.

Por conseguinte, o amor é esgotado pelos impulsos narcísicos de Dorian, negando-se a aceitar a tentativa de Sibyl em se libertar do aprisionamento do teatro. Assim, o jovem trata Sibyl como um objeto que deve ser descartado após se tornar incapaz de executar sua função: “Você matou o meu amor. Costumava excitar minha imaginação. Agora, não consegue nem ao menos excitar a minha curiosidade.”⁹⁵ (Wilde, 1996, p. 103), ele atribui a ela a destruição do amor.

Diferentemente do momento do beijo, ela é agente ativa na oração de conotação negativa. Desse modo, a personagem narcisista exerce poder sobre seu objeto sexual e o priva de sua liberdade. Não

93 It was here I found her, and she is divine beyond all the living things. (WILDE, 2009, p. 105)

94 You will see the girl to whom I am going to give all my life, to whom I have given everything that is good in me. (WILDE, 2009, p. 106)

95 You have killed my love. You used to stir my imagination. Now you don't even stir my curiosity. (WILDE, 2009, p. 112)

obstante, considerando que amar o outro e ser amado por alguém são forças inversamente proporcionais (cf. FREUD, 2009), a relação entre Sibyl e Dorian acontece de forma unilateral, a atriz anula-se absolutamente, sua omissão é ilustrada através de seu suicídio, enquanto que a personagem masculina deseja possuí-la para o seu envaidecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em última análise, por intermédio do desenvolvimento deste estudo, conclui-se que há a possibilidade de uma interpretação que afirme o amor de Dorian por Sibyl, através da reflexão crítica das descrições do jovem sobre sua amante, de seus atos, sua devoção e eloquência, e é igualmente provável, pelos mesmos meios, uma leitura a qual se oponha a tal premissa, postulando o jovem como ególatra e individualista.

Desse modo, infere-se que o texto literário independe de sua causa principal e das intenções de sua *alma mater*, sendo incapaz de atrelar-se a um único sentido. Isto posto, sua frágil e rígida clareza é estabelecida socialmente, tendo sua fragilidade definida pelo seu sentido múltiplo e a rigidez posta pela difusão do entendimento comum de um escrito.

A desconstrução se apresenta como uma maneira de leitura mais profunda, que beira o absurdo, porém que afirma-se como válida em sua função de transcender os limites textuais. Desse modo a análise da relação de Dorian Gray com Sibyl Vane, se fez pertinente pela necessidade de opor a leitura clássica com a desconstrução pós estruturalista e a psicanálise freudiana.

Por fim, considerado os postulados anteriores, tudo o que aqui foi discutido poderá ser questionado, contrariado e desconstruído, pois este texto carrega os mecanismos para sua desconstrução. Dessa forma, o método derridiano aplicado a interpretação textual se configura como um meio cujo o fim é a conclusão de que a unidade textual não é una e fiel a si mesma.

REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luis. **Textos que tocam**. 2014. Disponível em: <<http://textosquetocam.tumblr.com/post/89325236909/apaixonar-se-%C3%A9-criar-uma-religi%C3%A3o-que-tem-um-deus>>. Acesso em: 24 de Fev de 2017.

CULLER, Jonathan. **Sobre a desconstrução**. Rio de Janeiro: Roda dos Tempos, 1997.

DA COSTA, Maria Aparecida. **A paz tensa da chama fugaz: a configuração do amor no romance contemporâneo**, Lygia Fagundes Telles e Lúcia Jorge. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16396/1/MariaAC_TESE.pdf>. Acesso em: 24 de Fev de 2017.

DE MAN, Paul. ***Blindness and Insight: essays in the rhetoric of contemporary criticism***. Minneapolis: University of Minnesota, 2006.

DERRIDA, Jacques. ***Of Grammatology***. Estados Unidos: The Johns Hopkins University Press, 1997.

FREUD, Sigmund. ***Introdução ao narcisismo***: ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NASCIMENTO, Evando Batista. ***Derrida***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

TOLSTÓI, Leon, ***O que é arte?*** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

UNIVERSIDADE YALE. **Introdução à Teoria da Literatura #10 com Paul Fry, de Yale**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=gnbdyhDraIk>>. Acesso em: 10 de setembro de 2015.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

WILDE, Oscar. ***The picture of Dorian Gray***. Reino Unido: Collector's Library, 2009.

A CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE: O LIRISMO NA CRÔNICA *MAIO*, DE LIMA BARRETO

Tiago Nascimento Silva (UERN)
tiagonascimentosilva2017@gmail.com

Manoel Freire Rodrigues (UERN)
manoelfreire@uern.br

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A vida objetiva não basta como único recurso à condição humana. Apesar das forças produtivas sob as quais a sociedade está erigida, a sobrevivência material não é aspiração última do homem, haja vista a sua condição de existência simbólica. Transpondo o excedente de concretude no qual predominantemente se situa, a capacidade de desenvolver (e se envolver com) a realidade de modo estético mostra-se como uma necessidade à subjetivação humana.

No que tange à literatura, a visão para dentro da estrutura não se encerra numa mera demonstração das formas. Se, por um lado, não se trata da primazia do conteúdo, os estudos literários devem investigar a obra considerando marcas internas e externas. Por mais que sejam múltiplas e abundantes as maneiras de se ver a obra, verdade seja dita que as conclusões são provisórias. Quanto maior a atenção dada ao modo como se manifesta a literatura, maior o grau de alcance dos procedimentos identificados nas produções.

Observando atentamente uma questão específica, atente-se para algumas considerações relacionadas à perspectiva narrativa. Dentre as várias vertentes que se debruçam sobre ela, há a delongada (justamente por ser complexa) discussão acerca dos limites entre o que é prosa literária e sua distinção para a atividade poética. Não raro, com muito esforço, a tentativa de segmentar o terreno entre prosa e poesia se faz à luz da matriz estrutural. Embora sejam válidas e proveitosas muitas das postulações concernentes a esse problema, é unanimidade o fato de estar essa tarefa longe de se encerrar.

Junte-se a isso ainda outro elemento ímpar acerca do critério composicional, o lirismo como integrante difuso no engendramento estético. A literatura, grosso modo, mas não apenas ela, aciona um tipo de comportamento singular tanto em sua feitura quanto nas formas

de assimilação do artefato artisticamente pensado. A subjetividade, quanto ao material literário, é recurso patente em maior ou menor grau e isso não elimina a condição emotiva de uma acuidade lírica. Conduções dessa natureza podem atravessar a poesia, comumente incluída nesse viés de afeição; ou mesmo a prosa, demarcada, de preferência, por outros acentos.

Ambientando a discussão sob um ângulo específico, é significativo trazer à tona o nome de um dos principais representantes da literatura brasileira, Lima Barreto. O contexto suscitado, quanto à problematização entre aspectos líricos e a relação entre prosa e poesia, é uma chave pertinente para o aprofundamento da forma como a obra desse autor é lida e investigada. Isso porque ele, extensamente conhecido por seus romances, contos e crônicas, desenvolve uma obra sobre a qual não se pode emoldurar uma categoria restrita de classificação.

O presente estudo, fruto de um recorte da pesquisa desenvolvida no mestrado, se propõe a discutir em que medida a literatura de Lima Barreto, sobretudo em se tratando da crônica, manifesta aspectos líricos dentro da prosa, em diversos momentos, conduzindo a uma notação próxima do poético.

Em movimento ainda mais delineado, procura-se a identificação de recursos de linguagem que operem na constituição do sujeito lírico, pois, sendo a literatura um mecanismo específico de construção de sentido, a verificação do lirismo no nível textual se faz salutar. A observação desse componente subjetivo não “traduz” a feição ideológica ou sentimental de quem a expressa, contudo, indica uma experiencição particular cujos efeitos multiplicam o campo de interpretação do conteúdo simbolizado na obra. Tal postura aproxima esta investigação de uma linha teórica de análise crítica do texto literário, haja vista que observa a perspectiva estrutural em conjunto com a dimensão discursiva na qual ela se situa, considerando a mediação estabelecida a partir da constituição estética.

O gênero textual abordado compôs especificamente a opção teórica deste estudo em razão de sua natureza sintética e a apresentação considerável do que se optou por demonstrar. Ainda que esse tipo de procedimento de escrita subjetivo, a saber o lirismo, esteja contido, de maneira geral, na obra de Lima Barreto, fazer uso da crônica se mostra como escopo considerável pela consistência da presença observada.

O percurso metodológico traçado durante o presente trabalho se embasa na revisão de literatura concernente às categorias centrais de investigação, o lirismo enquanto recurso subjetivo presente na elaboração estética, a noção de prosa literária, relacionada ao texto

narrativo, e o conceito de poesia, transpondo a automática vinculação à composição metrificada. No tocante à última categoria, o repertório elencado dilata a significação para um tipo de comportamento que busca expressar uma linguagem, em certa medida, como uma representação sublimada do mundo.

Em primeiro momento, o texto se propõe a discorrer acerca da natureza da prosa e dos aspectos associados ao texto poético. Além disso, problematiza a possibilidade de entrecruzamento das duas vertentes e, de um modo ainda mais detido, a relação entre lirismo e poesia, afirmando a presença de traços líricos na obra de Lima Barreto. Posteriormente, analisa-se como o lirismo se manifesta na crônica “Maio”, acionando a questão da memória, a subjetividade do indivíduo lírico e a elaboração estilística. Por fim, as considerações finais demonstram os resultados da discussão, bem como salientam a complexidade da proposta em debate.

2. RELAÇÕES ENTRE LIRISMO, PROSA E POESIA

Em se tratando da categorização da prosa, inúmeras correntes de estudos buscam o delineamento dos padrões, sobretudo no que diz respeito à diferença entre a não literária e a literária. Associada a primeira à consciência do conteúdo, à transmissão das ideias – embora se saiba limitado o conceito de transmitir –; a segunda volta-se para o desencadeamento de ações elaboradas mediante um conjunto de fatores estéticos. De toda forma, dentro de uma visão básica, a prosa está atrelada à sequência de fatos, sejam estes de ordem ficcional ou não. Estaria em tal característica uma das distinções elementares se comparada com a poesia. Dada a complexidade dos fenômenos de linguagem, a distinção feita a partir desse crivo é insuficiente e não pode ser tomada como único parâmetro.

É sabido que, grosso modo, o fazer poético está associado a diversos fatores, dentre eles, o ritmo, isto é, a palavra em seu estado de musicalidade. Todavia, muitas das vezes, o que se pode afirmar é um entrecruzamento da prosa em relação à poesia. Essa assertiva já se faz bastante presente no ideário daqueles que se dedicam seriamente aos estudos literários. O reconhecimento da dificuldade é largamente difundido pelos pensadores que se debruçam sobre a questão. O filósofo alemão Hegel aproxima-se dessa ótica ao dizer que “só pode ser traçada com muita dificuldade a linha limítrofe em que cessa a poesia e começa o prosaico, e em geral ela não pode ser indicada com exatidão firme” (Hegel, 2014, p. 56). Isso implica que, a despeito

dos esforços válidos na separação entre um modo de criação e outro, certa frouxidão existe nesse trabalho. Octavio Paz também assume o movediço terreno no qual se delinea a linearidade e o caráter cíclico no fazer estético: “Mesmo entre os grandes escritores as fronteiras entre a prosa e a poesia são indecisas” (Paz, 1996, p. 30). Por mais sintéticas que sejam, essas indicações já evidenciam o peso dessa separação e, por consequência, a possibilidade de vinculação entre as propostas artísticas em xeque.

A narrativa literária, dentro da questão da prosa, é permeada por singularidades constitutivas, tais como a ambiguidade, que confere ao texto certa opacidade de significação, bem como a multiplicidade sintática, disposta espacialmente em sequência, mas mesmo assim não automatizando sua forma. Estando a prosa, em linhas gerais, comumente associada ao “não-eu”, isto é, a visão objetiva que teoricamente explica o mundo sem a presença da sensibilidade, quando em estado estético, a própria trivialidade do mundo ganha certos contornos também da projeção individual. Nesse sentido, mesmo considerando os meandros da reflexão, é possível assentir na ideia de que a prosa pode, em determinados momentos, realizar-se como poética.

É necessário trazer de volta a noção de poesia a fim de perceber que, não obstante seus traços mais gerais, sua concepção não rejeita um engendramento narrativo. É óbvio que a acepção do termo possui, dependendo do grau com que se observa, uma dimensão romântica e imprecisa. Isso ocorre porque ela é tomada como fruto da sentimentalidade e de afirmação do “belo”, conceito relativo dentro de uma concepção mais teórica.

Importa neste instante discutir acerca das margens entre lirismo e poesia, não para delinear precisa e totalmente uma e outra, mas com o objetivo de firmar a possibilidade de diálogo e presença entre os termos. A teoria da literatura, de maneira geral, propõe inúmeras divergências quanto à caracterização dos mais diversos traços componentes da obra literária, mesmo assim, como se sabe, persistem certos uníssonos nos estudos. A crítica ao purismo na criação artística é um dos mais fortes. Igualmente ao fato de que os limites entre prosa e poesia não são tão claros, ao se associar esta última ao conceito de lirismo, há também dificuldades de distinção e, vendo por outro lado, viabilidade de certa coparticipação.

No âmbito geral, a noção de lirismo está atrelada a um tipo de operação singular de linguagem. Em Salette de Almeida Cara, lirismo é “uma maneira especial de recorte do mundo e de arranjo da linguagem” (Cara, 1989, p. 7). Recorte porque se processa a partir da seleção do olhar do sujeito lírico sobre o mundo, considerando a impossibilidade

de um enquadramento total da realidade imediata. Esse fator não descarta a importância dessa inicial restrição. Talvez justamente por conta disso, os olhos do indivíduo que nota mais atentamente a vida apuram uma paisagem (não se leia aqui unicamente o espaço) enriquecida pela imaginação. Por sua vez, esta é organizada por via da linguagem que supera o congelamento automático da descrição objetiva e dá formas outras as quais redimensionam o modo de dizer.

Poesia e lírica são tomadas, em várias ocasiões, como sendo aspectos de um mesmo fenômeno. A investigação pormenorizada desfaz essa suposta simultaneidade de fatores, entretanto, a diferenciação não afasta um possível contato, tanto que a poesia é, muitas vezes, a depender de seus componentes estilísticos, denominada de lírica.

Anatol Rosenfeld (2002) pensa o termo “lírica” através de duas acepções, uma substantiva, na qual se assume uma perspectiva estrutural; e outra adjetiva, cujo foco recai sobre os traços estilísticos. Fazendo uso desta última noção, Salete de Almeida Cara alerta que essa qualificação da palavra em estado lírico pode existir até mesmo em um texto que não seja necessariamente um poema. A autora pontua a ideia de lírica da seguinte maneira: “Quando essas palavras são usadas como *adjetivos*, significam uma *qualidade* que decorre de *traços estilísticos* específicos que podem – ou não – estar presentes num texto, independente do gênero a que pertence” (Cara, 1989, p. 56 – grifos da autora).

São os traços estilísticos, no caso da perspectiva lírica, recursos de extrema intensidade expressiva. A ligação com a subjetividade é provavelmente das mais fortes. Revelando-se como um instante de concentração imagética potente, a linguagem analógica tem nos tropos uma síntese de sua manifestação. Ao se referir à condição humana, são sempre movediços os terrenos, em especial quando se busca exatidão. Mesmo sabendo disso, a expressão lírica tem na linguagem figurada, por exemplo, uma demonstração, muitas vezes, plausível de seu vigor.

Rosenfeld a esse respeito expõe:

Quanto mais os traços líricos se salientarem, tanto menos se constituirá um mundo objetivo, independente das intensas emoções da subjetividade que se exprime. Prevalecerá a fusão da alma que canta o mundo, não havendo distância entre sujeito e objeto. Ao contrário, o mundo, a natureza, os deuses, são

apenas evocados e nomeados para, com maior força, exprimir a tristeza, a solidão ou a alegria da alma que canta. A chuva não será um acontecimento objetivo que umedeça personagens envolvidos em situações e ações, mas uma metáfora para exprimir o estado melancólico da alma que se manifesta [...] (Rosenfeld, 2002, p. 23).

Não se quer transpor o mundo para a linguagem estética, ao contrário disso, a multiplicidade semântica elaborada formará uma imagem constituída para dizer o mundo de modo diferente do que é objetivamente falando. Essa fusão do sujeito com objeto é *sui generis* e não equivale à coisa em si – entenda-se isso como a objetividade da vida – e sim a um tipo de criação exclusiva da existência, cuja representação se afasta da lógica imediata e funde uma impressão própria da experiência humana. Os próprios referentes mencionados atravessam sua significação aparente e penetram o campo da sugestão mediada pela sensibilidade. É por isso, conforme o autor coloca, que um fenômeno meteorológico, por exemplo, quando evocado em um texto lírico, está menos preocupado em representar denotativamente a ação do que uma via para esboçar uma interioridade.

Os termos de Yves Stalloni são consideráveis em se tratando do conceito de lirismo:

Tomando-se ele próprio como assunto, o poeta abandona o domínio da imitação da realidade em troca daquele da introspecção individual. Essa tendência literária que negligencia a atitude de tomar o mundo como modelo, que ignora as expectativas do auditório, que parece traduzir, de maneira incontrolada, a interioridade do criador e reproduzir uma fala que ele dirige a si mesmo, corresponde àquilo que será chamado de *lirismo* (Stalloni, 2014, p. 135 – grifo do autor).

A introspectividade é fator preponderante nesse modo de conceber a vida. A despeito da realidade exterior, o que se confirma é a interioridade decidida, desconectada da visão imediata do outro, porém, mesmo assim, não impossível de comunicar uma vivência que se aproxime de outrem. No decorrer dessa construção subjetiva, a dimensão estética

dá consequentemente aos acontecimentos, suas causas e consequências, uma roupagem própria, muitas vezes, distorcida do aparentemente convencional, do sentido básico observável.

Toda essa contextualização relacionada ao lirismo endossa mais uma reflexão: uma vez que procede da subjetividade de alguém que, no contexto artístico, reconfigura a realidade por via da sensibilidade e da linguagem, é de se ver que uma produção lírica não se materializará única e exclusivamente em um gênero literário apenas. Logo, a título de ilustração, se é esperado encontrar um poema com traços líricos, na verdade, não há um impedimento de esse lirismo se processar também em outra modalidade que não seja a poesia, a prosa, por exemplo.

Stalloni traz o vínculo entre a linguagem da prosa que se quer aproximar com a poética, sendo esta proporcionada também por contornos líricos, dada a forma como a pessoalidade afirma o mundo sem o comprometimento primeiro de obedecer sua natureza aparente e imediata:

Em sua pretensão de juntarem-se à poesia, os textos em prosa realmente dão, tanto quanto se deve, prioridade à linguagem [...]. Uma linguagem que, renunciando a nomear o mundo, fixa-se como tarefa a tradução do indizível, a fim de “transpor um fato de natureza em seu quase desaparecimento vibratório” (Mallarmé) (Stalloni, 2014, p. 170-171).

A linguagem, segundo o autor, é o ponto de contato entre poesia e prosa. Não qualquer linguagem obviamente, mas aquela na qual sua composição dará formas à captação do inefável, transpondo, não de maneira literal, uma impressão transformada e que aponta para certa identificação além da material, embora parta desta. Uma narrativa, ainda que disponha a sucessão de ações, também pode descrever cenários, figuras, e estes não são impermeáveis à subjetividade atributiva de ares líricos e poéticos.

Diante desse contexto, o modo como Hegel também interpreta o fenômeno poético é salutar. Segundo ele, a poesia é uma espécie de atividade que propicia uma visão profunda do ser ao perceber o próprio interior. É por meio da fantasia que o mundo espiritual é comunicado simbolicamente através da exterioridade. Não é escusado dizer que esse movimento não se faz pela via da “tradução” interior por meio da linguagem. Todavia, é inegável o impacto existencial

da dimensão poética no entendimento do homem em si. O mesmo autor faz a seguinte colocação: “A poesia envolve e permite que sejam configurados por ela todo o conteúdo, todas as coisas espirituais e naturais, as ocorrências, as histórias, os atos, as atividades, os estados interiores e exteriores” (Hegel, 2014, p. 17). Sendo assim, o poder de alcance acena não só, mas também, para a interioridade da condição de ser.

Conquanto não seja difícil notar o modo como o autor lida com o poético e o prosaico, a ênfase recai sobre as potencialidades da poesia enquanto atividade espiritual do interior. Tão claro é que o poético não está restrito ao poema. A metáfora suscitada para aclarar o caráter espiritual da poesia confirma uma atuação que, embora se concretize, não se restringe a um quesito material: “a poesia não tem sol, montanhas, floresta, paisagens ou a forma humana exterior, sangue, nervos, músculos, etc., mas interesses espirituais como o seu tema [Gegestande] propriamente dito” (Hegel, 2014, p. 23).

Ser a prosa literária estabelecida a partir da fantasia não prescinde de uma elaboração estética muitas vezes de caráter poético, o que, em determinadas ocasiões, se aproxima ainda assim do real. O próprio cotidiano da vida pode despertar – mesmo sendo a linguagem um modo específico de como ver o mundo – material para ativar a sensibilidade do indivíduo, ou até a percepção sobre a ausência desta, contribuindo na identificação do conteúdo extralinguístico. Entretanto, ao migrar para a poesia, esse trajeto ganha a dimensão sublimada da arte. Como corolário dessa perspectiva, toda obra literária expressa uma concepção da realidade, não como uma conversão literal, e sim uma virtualidade criativa que não extingue de todo o que há para fora de si.

Em Octavio Paz (1996), a poesia é vista de modo a consagrar o instante. A metáfora do autor explica o processo de “nomeação peculiar” decorrente da elaboração artística, poética nesse caso. Os objetos e ideias do cotidiano são, para ele, tomados em uma espécie de confrontação da lógica imediata dos sentidos. A subversão do trato imediato confere uma confirmação única do momento que, entendido pela via estética, se torna alvo da “devoção” captada pelo ritual, leia-se exclusividade do fazer poético.

A poesia, e aí já distante do significado básico vinculado aos versos e estrofes, permite uma espécie de atividade imaterial da existência, ainda que materializada na palavra. Essa atividade não se confunde com uma ritualização definitivamente religiosa. Isso não impede uma condição, ao mesmo tempo, ontológica e estética, cujo resultado é a imersão do (e no) ser por via da arte. É o que diz Octávio Paz: “Através da frase que é ritmo, que é imagem, o homem – esse

perpétuo chegar a ser – é. A poesia é entrar no ser” (Paz, 1996, p. 50). Ele cita a questão do ritmo, todavia, advoga-se que não é este unicamente o agente que cria a imagem. A formação minuciosa da linguagem sensível da poesia pode ser acompanhada pelas reverberações sonoras sem necessariamente se limitar a elas.

O lirismo, se, por um lado, não ordena a história do mundo de maneira concisa, objetiva, com a frieza inerente ao discurso científico ou mesmo o enquadramento histórico; por outro, proporciona uma vivência que transcende a representação automática e, pelo contrário, concede ao homem a mais genuína sensação de liberdade que ele possa experimentar. Diz Octavio Paz: “A experiência poética – original ou derivada da leitura – não nos ensina nem nos diz nada sobre a liberdade: é a própria liberdade desdobrando-se para alcançar algo e assim realizar, por um instante, o homem” (Paz, 1996, p. 58). O caráter imaginativo fecundado pela fantasia estética, na poesia, desperta a alma do ser, realizando-o não para descobrir-se pensante apenas, possibilitando-lhe voltar-se para dentro de si mesmo e sentir a pulsação da vida, em suas dores e regozijos.

A dimensão poética, no instante em que ativada pelo verso ou mesmo na prosa, não exclui a possibilidade de uma espécie de condição lírica ao indivíduo histórico. Claro já está que, embora essa determinação aconteça, não é a poesia um produto da interpretação rigorosa do tempo. O que importa é o fato de a subjetividade escapar, de certa maneira, do movimento automático de contemplação da sociedade. Sob certo prisma formal, a desautomatização é fator característico da arte e é imprescindível a atuação desse trajeto contrário à trivialidade alienada da rotina. Em Chklovski, essa ideia é discutida mediante o conceito de singularização: “o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção” (Chklovski, 1978, p. 45). A anulação da sensibilidade advinda da repetição maquínica dos dias, das instituições sociais que exercem seu peso sobre os corpos e escolhas e os anelos sufocados por necessidades artificiais, tudo isso converte o homem em uma carcaça funcional, com papéis bem definidos em uma sociedade controladora. O resultado disso é um embotamento dos afetos, estes que podem ser restaurados, em se tratando agora sobretudo da arte literária, por meio da linguagem lírica, muitas vezes, poética. Bosi, refletindo sobre o que Leopardi chama de certo egoísmo de abstração, atenta para aspectos degradados que afastam o indivíduo da percepção poética:

Nessa cultura, o homem é átomo voltado para si, cortado da comunidade; e, átomo, concebe os outros homens e as coisas como outras tantas mônadas. Há

pouco lugar para as formas de socialidade primária quando tudo é medido pelo status, pelo dinheiro, pelo caráter abstrato das instituições; e quase nenhum lugar para a relação afetiva direta com a Natureza e o semelhante. Egoísmo e abstração geram modos de sentir, agir e falar muito distantes das condições em que se produz a poesia: que é exercício próprio da empatia, das semelhanças, da proximidade (Bosi, 1977, p. 111-112).

O contexto de discussão supracitado identifica uma sociedade mais próxima do que se convencionava chamar de tempos modernos. Isso não quer dizer que outrora não houvesse problemas se não iguais, de natureza semelhante, pelo menos no sentido de desestabilizar o indivíduo no impasse do “eu” contra o “mundo”. É à revelia do funcionamento automático dos padrões sociais, não somente deles, que o lirismo se manifesta. Em outros termos, a existência das estruturas esvaziadas socialmente não obstrui a alma sensível que, por meio da poesia – frise-se, não unicamente o poema – extrai uma visão lírica de mundo.

O proceder idiossincrático, isto é, a forma individualizada de conduzir a concepção estética, é, em certa medida, ponto convergente entre os estudiosos sobre a poética. Não há dúvidas de que o fenômeno literário, apesar de se compor por meio de determinadas regularidades, via de regra, transgredidas na própria construção, explicita uma ação do componente humano no ato de desenvolver singularmente a linguagem. As ações, momentos e impressões extraídas da vivência tomam forma peculiar na criação individual, mas ficando óbvio um tipo de presença também exterior que se torna peculiar. Bosi ratifica que o sujeito do poema, aqui estendido para um eu poético no geral, se dá pela singularização dos aspectos percebidos na vida: “A linguagem da poesia é mais singularizada que a da não-poesia” (Bosi, 1977, p. 113). Isso quer dizer, portanto, que essa “não-poesia” não pode ser presa no invólucro do simples pragmatismo. O tom da exposição aqui desenvolvida é recorrente na defesa de o caráter poético ser também encontrado, com ressalvas de profundidade de caso para caso, na progressão supostamente não poética da prosa, do discurso sem métrica. A poesia pode ser entendida como a manifestação do “eu” profundo do poeta que se expressa através da palavra. O fruto desse ato pode se materializar no poema ou até mesmo na fluidez de uma narrativa. Não há um tracejado visível no qual se dividam tão claramente a interioridade do indivíduo e a materialização objetiva do mundo

expresso. Isso pesa ainda mais quando se trata da expressão estética literária. Ademais, a esfera artística não é estanque em seus modos de composição. Nada impede de, a depender dos meios que se utilizem para tal, a imagem poética ser, de uma maneira ou de outra, conciliada mesmo em uma configuração prosaica.

Em ponderação acerca da lírica e a relação desta com a sociedade, Theodor Adorno admite a possível presença da primeira na reflexão estética sobre a segunda, porquanto se mostra cômico do paradoxo existente na configuração do lirismo. Aceitando a condição de duplo da linguagem e também a paradoxal presença dos aspectos subjetivos e objetivos na elaboração da lírica, o autor confirma que se pode conceber até mesmo na prosa uma formação de caráter estético, em sentido estrito, lírico. Para o pensador alemão:

O paradoxo específico da configuração lírica, a subjetividade que se reverte em objetividade, está ligado a essa primazia da conformação linguística na lírica, da qual provém o primado da linguagem na criação literária em geral, até nas formas em prosa. Pois a própria linguagem é algo duplo (Adorno, 2012, p. 74).

A complexidade com a qual a linguagem se produz e se projeta denota uma realidade ulterior ao registro mecânico da língua. Gozando dessa faculdade, em se tratando da composição literária, no processo de objetivação da subjetividade, a condição singular da feição lírica adentra, em ocasiões totalmente plausíveis, tanto o poema e sua métrica como a própria narrativa. A qualidade opaca da linguagem lhe multiplica as formas de atuação e não a reduz.

Julio Cortázar reconhece indícios na caracterização da expressão poética. Pontos de diálogo existem em relação aos autores até aqui elencados. Um deles é a percepção sobre o caráter análogo como significativo para a construção estética. Em maior ou menor grau, para este autor, o ser humano possui uma inclinação para metaforizar, posto que se trata de um ser simbólico e tendo na linguagem uma tentativa de veículo para construir sentidos: “a linguagem, de certa maneira, é integralmente metafórica, referendando a tendência humana à concepção analógica do mundo e o ingresso (poético ou não) das analogias nas formas da linguagem” (Cortázar, 1999, p. 254). A consciência sobre esse fato fortalece, até certo ponto, o

poder da capacidade imaginativa do homem. Se a prosa é uma das estratégias de enunciar e anunciar o mundo, é válido corroborar que aí se instala também a possibilidade de elaboração imagética sensível, não descartando, portanto, uma via poética.

A expressão de caráter poético busca uma dimensão mais alargada do mundo, a captação do cerne, das entranhas da existência pelo trato imaginado e imaginário. Proveitosa é a afirmação de Cortázar ao dizer, a partir da interpretação de versos de Juan Ramón, que “a palavra – angustiante necessidade do poeta – não vale mais como signo tradutor dessa essência, mas como *portadora* do que ao fim e ao cabo é a coisa mesma em sua forma, sua ideia, seu estado mais puro e elevado” (Cortázar, 1999, p. 265 – grifo do autor). Assim sendo, para além da concretude do verbo grafado, está a busca pela essência do ser que se dá ao dizer.

Não é tarefa simples definir os fatores os quais aproximam uma obra da questão lírico-poética. Apesar dessa verdade, aspectos como a ambiguidade discursiva, a polissemia e a relação destas com as intenções estéticas são participantes, ainda que não recursos exclusivos. A fusão da subjetividade, sobretudo na dimensão sentimental, com a reconfiguração estética em cujo propósito se busca a sublimação concorre no intuito de, muito possivelmente, lyricizar a linguagem em uma representação autêntica de mundo. A desenvoltura lírica à qual se faz referência não é primazia da palavra rimada. Se, por um lado, constata-se sem muito esforço o poema encorpado fortemente em um tom mais lírico, por outro o prosaísmo, no instante em que incorpora em seu tecido narrativo o espírito poético, pode conter também, em escalas maiores ou menores, uma espécie de lirismo.

A prosa, quando em estado lírico, é um dos meios pelos quais se pode falar em narrativa poética. Não se projeta, nesse tipo de proposta, a descrição exclusiva das ações. Estas conterão minúcias explicitadas a partir de figurações, desobrigando-se de informar absolutamente apenas o percurso traçado pelo enredo, isso mediante interrupções que, em diversos casos, transgridem a razão. A utilização da primeira pessoa, embora não seja a única forma de realização, é outro recurso salutar na identificação de marcas líricas dentro da narrativa que se percebe poética. A memória, por exemplo, pode ter valor determinante em favor do lirismo, porque, em certa medida, é uma forma individual de recuperação de vivências através do exercício do pensamento. Existe aí a possibilidade de formular impressões oníricas potencialmente ricas no aspecto metafórico. Quando não isso, a própria interioridade dos personagens pode se fazer opaca, transfigurada, a ponto de soar inclinada à poesia, tal qual fossem as imagens talhadas pela palavra do “eu” que sente e não unicamente constata.

Considerando a obra de Lima Barreto, é viável notar tracejados líricos desenvolvidos nos personagens. Um exemplo estaria no conto “O homem que sabia Javanês”. Nesta narrativa, o escritor lança mão de sua irreverência para relatar a curiosa história de Castelo, que, mesmo ignorante na língua de Java, gozou de prestígio na profissão de professor. A delicadeza poética emerge do texto em circunstâncias pontuais, contudo, proveitosas no entendimento de um lirismo que permeia a prosa do autor carioca.

Entremeando a jocosa aventura do falso docente, um estado lírico é observado em determinados momentos. Um deles está no modo como se descreve a impressão do suposto professor de Javanês ao se deparar com um jarão de porcelana:

Aquela pureza da louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquele seu fosco brilho de luar, diziam-me a mim que aquele objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desiludidos... (Barreto, 2010, p. 74).

Apesar de breve, o instante lírico se processa na forma de captar a cena, esta que pareceria irrisória. Castelo se dá conta do brilho do objeto, semelhante ao da lua, da aparência de leveza e ainda associa o artefato ao efeito do sonho pueril, cujo poder teria a capacidade de demover a desolação da senilidade, dar fulgor às vistas escurecidas pelo enfado do tempo.

Sintetizando mais um fragmento dotado de lirismo, leia-se o momento posterior à explicação do senhor de idade, aspirante a falante de javanês, a respeito de sua vontade em dominar a referida língua. Esclarecidos os motivos da herança simbólica, o idoso se vê emocionado com a importância que tal idioma estranho tem para a sua família. Eis que o charlatão das letras, ao se deparar com esta cena, não enxerga apenas a cara magra do senhor de idade, e sim as vistas marejadas pelo sentimento, pelo que o Javanês valia para ele:

“Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim” (Barreto, 2010, p. 75). Os olhos orvalhados metaforizam o estado de espírito do ancião que, embebido pela saudade, não se contém e chora, como que para os olhos confirmarem o que está contido no peito.

A razão de ser da perspectiva externada nesta argumentação não é desprender-se das peculiaridades e afirmar que prosa e poesia são necessariamente iguais. A questão é que a literatura corresponde a uma atividade estética múltipla dentro da qual não se podem precisar, em absoluto, os liames de sua produção, sobretudo em enquadramentos estanques. O propósito é abordar, neste trabalho, o tema da vinculação entre prosa e poesia, direcionando especialmente ao que ocorre na obra de Lima Barreto, percebida sob o foco central do lirismo e ativando em especial suas crônicas.

3. O INSTANTE CONSAGRADO OU O LIRISMO DA CRÔNICA

Se aceito o tom confessional majoritariamente presente em muitos dos escritos de Lima Barreto, é de se ver a memória como elemento revelador, não só de uma personalidade, mas também de uma composição estética que comunica uma sensibilidade humanizadora.

Atento ao curso temporal e às consequências deste na própria vida e da coletividade, a equiparação do presente com o passado ou mesmo o retorno a este de forma mais saudosista são movimentos observados, especialmente nas crônicas, modalidade textual que transita entre o caráter histórico e o artístico.

Ainda outro fato a esse respeito está na consciência ativa do romancista carioca no tocante à ponderação e avaliação crítica dos acontecimentos ao longo da história. Leitor de jornais, transeunte constante da cidade, frequentador de bares, acompanhante minucioso de notícias – tanto locais quanto internacionais –, todas essas ações influíram na compreensão da realidade de seu tempo. Não é novidade alguma que as interpretações feitas eram permeadas de uma ironia ácida e de uma ferocidade insurgida, pois Lima Barreto foi um homem que não se permitia apático ante o transcorrer da vida.

O Brasil da Primeira República será, em suas mãos, duramente criticado. As consequências de um desastroso encilhamento, a adoção de políticas “para inglês ver”, ou seja, uma espécie de pastiche da *Belle Époque*, a implantação de medidas aparentemente civilizatórias, como a abolição da escravatura, mas que na verdade estavam muito aquém do alcance do povo, tudo isso contribui para uma derrocada de valores. Fazendo referência às palavras de Manoel Freire Rodrigues, pode-se dizer que “O sentimento de frustração gera nos textos de Lima Barreto uma atmosfera de pessimismo em relação ao Brasil e

fermenta a atitude de revolta contra República” (Rodrigues, 2013, p. 257). Não havia, na visão do escritor, como se amparar em um sistema tão permeado de incompatibilidades.

A atuação dele, como se sabe, não é unicamente a de um jornalista responsável. Tendo na escrita também a oportunidade de desburocratizar, em certa medida, sua vida mecânica de funcionário público, deixa transparecer em sua obra o homem atravessado pelos afetos e desafetos. Nesse sentido, os relatos são preenchidos de impressões positivas, liricizadas em diversos instantes, atestando, por exemplo, características sublimes da natureza ou gestos simples quase que tomados numa sacralidade. Isso pode ser visto até mesmo no meio de passagens contidas de uma imensa revolta em relação à sociedade.

Na crônica intitulada “Maio”, há uma narrativa cujo foco reside nas impressões de Lima Barreto sobre o referido mês e o acontecimento de grandes proporções que o marcou: a assinatura do documento de abolição da escravatura. Permeado por um lirismo poético e filosófico, o texto enuncia situações pessoais que transcorreram à época da promulgação da lei. A infância irrefletida no que compete à consciência do sofrimento dos escravos e ponderações sobre os efeitos alcançados ou não pela lei são postos em xeque por Lima Barreto durante o desenvolvimento do enredo.

A memória é um aspecto relevante e, somada a ela, a composição imagética que o narrador enuncia traz à tona uma desautomatização do olhar, aciona-se aqui a perspectiva de Chklovski (1978), aproximando-o mais de um modo de ver poético. Para fins de exemplificação, logo no início da narrativa, há uma descrição imagética do referido mês, sobretudo no que diz respeito ao que a estação na qual se encontra o período evoca no sujeito lírico:

Estamos em maio, o mês das flores, o mês sagrado pela poesia. Não é sem emoção que o vejo entrar. Há em minha alma um renovamento; as ambições desabrocham de novo e, de novo, me chegam revoadas de sonhos, Nasci sob o seu signo, a treze, e creio que em sexta-feira; e, por isso, também à emoção que o mês sagrado me traz, se misturam recordações da minha meninice (Barreto, 2004, p. 77).

A metáfora do mês das flores é trazida para si por parte do narrador. A beleza advinda do florescimento da paisagem é aproximada ao próprio estado de contentamento do indivíduo. O tempo faz

desabrocharem ambições, ou seja, nascerem de volta os desejos, tudo isso por efeito das “revoadas de sonhos”, em outros termos, ventos anelados. Por meio da lembrança, o mês apontado remete a certa iluminação, emanada tanto de recordações da infância quanto pela natureza bela da estação.

Mesmo diante da explicitação de situações críticas, referidas por via da constatação da realidade social de sua época, o espírito de Lima Barreto não se manifesta apenas na sátira contumaz e muito menos indiferente à emoção; pelo contrário, mínimos gestos transparecem uma personalidade que, se não nega o peso das injustiças sociais, também não deixa que estas passem despercebidas, estabelecendo a avaliação social sem prescindir de certa via emotiva. Não que a personalidade seja a condição última da criação poética, entretanto, o lirismo da poesia se faz também pela forte presença da condição do “eu” na configuração da linguagem.

Ao resgatar de sua meninice o momento da assinatura da abolição, Lima reconhece a sua imaturidade na época, mas deixa clara a natureza aterradora dos sofrimentos passados pelos escravos. Atinar-se para a realidade drástica dos serviços, pelos sofrimentos físicos e privações das mais diversas naturezas, demonstra já uma sensibilidade que, neste caso, as palavras ajudam a confirmar:

Eu tinha então sete anos e o cativo não me impressionava. Não lhe imaginava o horror; não conhecia a sua injustiça. Eu me recordo, nunca conheci uma pessoa escrava. Criado no Rio de Janeiro, na cidade, onde já os escravos rareavam, faltava-me o conhecimento direto da vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos (Barreto, 2004, p. 78).

A consciência do cativo, que o menino ainda não tinha em seus primeiros anos, agora lhe aparece patente. O horror e a injustiça dos maus tratos, isto é, os termos utilizados para reconhecer os “aspectos hediondos” do modelo escravagista mostram que a palavra é utilizada com o intuito de tocar pela dureza e ao mesmo tempo ativar a sensibilidade. O peso da realidade é expresso mediante uma possibilidade de linguagem que não é isenta de leveza.

As ponderações feitas dentro da narrativa entremeiam um raciocínio crítico em uma configuração estética. Não é possível afastar o autor carioca da postura de satirizar a sociedade em seus

mais diversos aspectos. Porém, é uma constante em seus escritos que o tom de denúncia venha embebido em uma atmosfera poética. O texto a que se faz referência salienta, em sua continuidade, a reflexão lírica do indivíduo: “Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis!” (Barreto, 2004, p. 78). Essa conclusão é fruto de um pensamento concernente às falhas da suposta libertação dos escravos. Em um país retardatário e relativamente desenvolvido no que tange à visão de mundo progressista, a liberdade pode ser vista, em certa medida, como apenas garantia teórica, uma vez que a vida real demonstra contradições e fragilidades a esse respeito. Diz-se que os preceitos, as regras e as leis são teias a envolverem as pessoas. A metáfora utilizada afasta um pouco o suposto progresso ansiado pelo nascimento da República.

As memórias ativadas em “Maio” trazem impressões tanto negativas do período da escravidão quanto – por outro lado – positivas, estas quando associadas às idealizações tidas pelo jovem para o qual a esperança ainda não esmaecera de todo. Ao recordar o jornal que continha um poema panegírico à princesa Isabel, diz-se: “São boas essas recordações; elas têm um perfume de saudade e fazem com que sintamos a eternidade do tempo” (Barreto, 2004, p. 78). Multiplicando o efeito estético, as recordações, já personificadas, adquirem ainda certo tom sinestésico pelo que exalam de saudade e tocam a infinitude.

A continuidade do texto segue harmonicamente esse diapasão regulado para um tom ainda mais agudo de beleza. Os termos empregados suscitam um arranjo particular de linguagem, explicitamente conotativo e, além disso, pela natureza contemplativa da racionalidade, soa como uma espécie de inclinação filosófica. É correto que em toda a produção isso se verifica, todavia, as linhas últimas são dedicadas explicitamente a endossar uma reflexão profunda e lírica sobre aspectos metafísicos e suas consequências na condição do ser, tais como as agruras da vida e a redenção através da morte. É cabível regressar ao pensamento de Octavio Paz quando diz que a poesia – e nesse caso a prosa manifesta com requintes poéticos – transcende a materialidade no instante em que o fenômeno da existência se faz presente por intermédio da simbologia da linguagem estética. Concebe assim o pensador e poeta mexicano: “A palavra poética jamais é completamente deste mundo: sempre nos leva mais além, a outras terras, a outros céus, a outras verdades” (Paz, 1996, p. 56).

Dito isto, de volta a “Maio”, a personificação inexorável do tempo é colocada em paralelo em relação ao Amor e à Morte. A consideração de Lima Barreto sobre o cerceamento da vida não é uma inovação na forma de ver o mundo. Mesmo assim, a composição sobre

o caráter implacável e os fatores concernentes ao que resta das paixões cristaliza uma poética que confere à construção uma singularidade. Senão, veja-se:

Oh! O tempo! O inflexível tempo, que como o Amor,
é também irmão da Morte, vai ceifando aspirações,
tirando presunções, trazendo desalentos, e só nos
deixa na alma essa saudade do passado às vezes
composta de coisas fúteis, cujo relembrar, porém, traz
sempre prazer (Barreto, 2004, p. 79).

Apesar do tom pessimista encerrado na assertiva, o pensamento acerca da limitação do ser em si é envolto nas sensações que essa antítese provoca no indivíduo. A aniquilação da existência promovida pelo tempo ceifa os gozos e anelos do homem; o que resta disso é a saudade guardada na alma como tentativa de, pelo menos de alguma forma, trazer o passado para o presente. É a busca pela resistência das coisas mínimas, nem que seja uma resposta fugaz do prazer de outrora. A linguagem atua compondo uma visão singular da vida que diz sobre os acontecimentos e cristaliza uma imagem poética.

A tônica da sequência se mantém ilustrando as perdas gradativas às quais o indivíduo vai se submetendo de modo inquestionável no correr das horas. Os anseios, as posições sociais, a ilusão de permanência, tudo se esvai lentamente. O ser que fica “olhando o céu vazio de Deus ou Deuses” (Barreto, 2004, p. 79) sente na carne a desgraça dos sonhos perdidos.

Os trechos finais, se não negam os efeitos da derrocada, ao menos minimizam essa força pela consideração dos aspectos positivos que elas trazem. A consciência do fim, embora implacável, faz reverdecer – pelo contraponto de seu sentido – um sentimento de esperança no coração do indivíduo. O excerto a seguir contém as características precisas a respeito do enfoque poético em favor do qual aqui se advoga:

E maio volta... Há pelo ar blandícias e afagos; as
coisas ligeiras têm mais poesia; os pássaros como que
cantam melhor; o verde das encostas é mais macio;
um forte flux de vida percorre e anima tudo...

O mês agosto e sagrado pela poesia e pela arte,
jungido eternamente à marcha da Terra, volta; e os

galhos da nossa alma que tinham sido amputados – os sonhos, enchem-se de brotos muito verdes, de um claro e macio verde de pelúcia, reverdecem mais uma vez, para de novo perderem as folhas, secarem, antes mesmo de chegar o tórrido dezembro.

E assim se faz a vida, com desalentos e esperanças, com recordações e saudades, com tolices e coisas sensatas, com baixeiras e grandezas, à espera da morte, da doce morte, padroeira dos aflitos e desesperados... (Barreto, 2004, p. 79).

No primeiro trecho desta parte, a mudança da estação traz beleza à natureza e conseqüentemente à paisagem humana, pois revelam blandícias, isto é, meiguice, ternura. O canto dos pássaros soa mais eufônico, a maciez do verde é recurso que se mostra sinestésico e a vida adentra os seres em sua personificação do “forte flux”; em seguida, metaforizam-se os “galhos da alma” para representar o retorno da esperança que, embora seja amputada e desfolhada posteriormente, se renova. Por fim, a crônica se encerra com a apresentação de antíteses e volta a personificar a morte, além de um olhar resignado em relação a esta, que ceifa definitivamente a dor humana.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito da evocação do lirismo poético como categoria de análise dentro deste trabalho, vale ressaltar a preocupação em demonstrar que prosa, poesia e lirismo são aspectos distintos, mas que, dependendo da maneira como se processa a configuração do texto, podem dialogar diretamente, ao ponto de as fronteiras entre uma característica e outra se confundirem. A teoria da literatura empreende esforços para entender a natureza da dimensão estética literária, entretanto, não visa a um enquadramento estanque sobre as múltiplas formas de organização da palavra dentro da dimensão estética. É bem sabida a transitoriedade das definições, bem como o terreno escorregadio existente ao se buscar dizer em que ponto começa um texto em prosa e começa um texto poético, por exemplo. O lirismo tem a ver com uma atitude do sujeito em relação ao mundo, isto é, trata-se de uma maneira afetiva de conceber a realidade para além da objetividade imediata. Uma das afirmações defendidas ao longo deste estudo toca na própria concepção de arte. Quanto ao trato estético, a criação artística não se mostra estanque, fechada em si e realizável por

um viés único de procedimento e significação. Ao contrário disso, a variedade da composição traz à tona sentidos outros, latentes que são do complexo processo de elaboração literária.

Uma vez que se pretendeu discutir a literatura de Lima Barreto por intermédio da questão lírica, profundamente subjetiva, essa opção teórica não descartou informações biográficas. Os riscos de um caminho desse tipo foram explicitados e não é excessivo deixar claro que o presente texto não teve intenção de classificar definitivamente a categoria analítica empregada, muito menos de realizar a delimitação completa da obra do romancista carioca. É inconteste a atenção dada à obra de Lima Barreto por parte da crítica e da investigação literária como um todo. A questão aqui defendida, e vista como principal foco da contribuição da pesquisa, foi sobre a ausência de uma interpretação mais apurada do escritor no que tange a esse traço lírico do que elaborou. Se não há uma consideração tão grande acerca dos romances, mais ainda em se tratando da crônica, modalidade “menor” no cânone literário. Assim sendo, esta modalidade de texto é vista para além do estereótipo de captação breve do dia a dia, posto que, em Lima Barreto, a utilização da linguagem não cumpria apenas requisitos imediatos de comunicação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; ed. 34, 2012.

BARRETO, Lima. **Contos completos de Lima Barreto**. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). **Contos completos**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

BARRETO, Lima. **Toda crônica**. Apresentação e notas de Beatriz Resende; organização de Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. 1 (1890 – 1919).

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix; Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

CHKLÓVSKI, Victor. **A arte como procedimento**. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). *Teoria da Literatura: Formalistas Russos*. 4. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1978. pp. 39-56.

CORTÁZAR, Julio. **Obra Crítica**. Organização de Jaime Alazraki. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v. 2.

RODRIGUES, Manoel Freire. **Revolta e melancolia**: uma leitura da obra de Lima Barreto. São Paulo: Annablume, 2013.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Cursos de estética**. 1. reimp. São Paulo: Editora da

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

STALLONI, Yves. **Os gêneros literários**. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

Universidade de São Paulo, 2014. v. 4. (Clássicos; 26).

